



SIMETRIA

AUTORA BEST SELLER DA AMAZON

BIA CARVALHO



SIMETRIA

SUMÁRIO

Untitled

Dedicatória

Parte I

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Parte II

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Copyright 2019 © Bia Carvalho

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.

Revisão: Sonia Carvalho e Jessica Driely

Capa: Bia Carvalho

Diagramação: A.J. Ventura

Dedicado a todas as mulheres fortes que sofreram algum tipo de abuso dentro e/ou fora de casa.

Que todas vocês se tornem borboletas livres para voar...



Não poderia deixar de dedicar este livro também a uma pessoa que me ajudou desesperadamente até os 45 minutos do segundo tempo.

Jéssica Driely, obrigada pela parceria, pelos surtos, pela dedicação a um projeto que acabou se tornando muito seu também.

Mas não adianta... Rafa é da Ray. Tá autenticado em cartório.

Uma injúria permanece irreparada quando o castigo alcança aquele que se vinga. Permanece, igualmente, sem reparação quando o vingador deixa de fazer com que aquele que o ofendeu compreenda que é ele que se vinga.
(Edgar Allan Poe)



Parte 1



Prólogo

Rafael

Abril de 2013

NUNCA ACREDITEI EM DESTINO. Jamais me permiti aceitar que pudesse haver uma força tão poderosa, capaz de decidir todo o rumo da minha existência. A hipótese de toda a minha história estar decidida antes mesmo de eu nascer não podia reger as minhas decisões. Eu era o senhor das minhas escolhas. Construía o meu destino, como se cada cena da vida fosse uma peça de um quebra-cabeça infinito, que era montado lentamente, sem nenhuma pressa, no ritmo da minha própria vontade.

Exatamente por isso, nunca dei ouvidos às pessoas que sempre afirmaram que mais cedo ou mais tarde o acaso se encarregaria de trazê-la de volta para mim. Que nossos caminhos acabariam se cruzando, não importavam as decisões que tomássemos.

Não, eu não poderia deixar tamanha responsabilidade nas costas do destino.

Foram dois anos a procurá-la. Quando a deixei, ela tinha dezoito, e eu, dezenove. Cada dia que passava sem notícias ficava marcado em mim como uma cicatriz, em uma contagem infinita. Ela parecia ter desaparecido do mapa, como se a própria terra a houvesse reivindicado para si e a engolido, protegendo-a do mundo feio e cruel no qual vivia.

Quando, enfim, uma pista concreta surgiu, senti como se meu coração fosse sair pela boca, carregando todas as emoções que sobreviveram por todos esses anos, entaladas, comprimidas. Apenas uma restaria dentro de mim: a esperança, o que muito me preocupava.

Ainda assim, mesmo sabendo que poderia terminar aquele dia de forma desastrosa, esmagado por mais uma ilusão, me peguei parado a poucos metros da pensão onde me garantiram que a encontraria, em um bairro bastante perigoso do Rio de Janeiro, o que instantaneamente me deixou apavorado. Não podia

permitir que continuasse se arriscando daquele jeito.

Eu só precisava vê-la, oferecer ajuda, deixá-la em uma situação melhor e, se fosse o caso, desaparecer. Não queria impor minha presença em sua vida. Não queria nada que não pudesse me dar.

Aqueles poucos minutos que me separavam do encontro que teria com ela foram se arrastando como pés de condenados em um corredor da morte. Enferrujavam a minha alma como se anos tivessem passado em apenas um segundo.

Chequei o relógio pela milésima vez, constatando que estava atrasada. De acordo com meu contato, ela saía da pensão todos os dias bem cedo, para procurar emprego. Só que já eram quase onze da manhã e nada de Nadine.

Já pensava em desistir quando a vi...

Ela vinha correndo de forma descoordenada, tropeçando e olhando para trás, como se fugisse da própria sombra. Apesar de esse comportamento ter me deixado preocupado, essa desatenção também acabou vindo em meu auxílio, pois ela continuou seguindo em frente, apressada, até trombar direto comigo, sendo literalmente arrebatada pelos meus braços.

Desconcertada, ergueu os olhos e fitou os meus, demonstrando toda a surpresa ao me ver em sua expressão exasperada, que logo se transfigurou em algo muito mais pesado, próximo ao desespero. Em seguida, sua reação foi tentar se soltar de mim, cheia de aflição.

— Dine? Ei... Sou eu... O que houve? Você... — Segurei-a pelos braços, com força, porque não podia deixar que saísse dali. Não do jeito em que estava. Não quando havia um corte em suas mãos. — Você está machucada...

— Me solta, por favor. Você está me confundindo com outra pessoa... — falava sem me encarar, ainda tentando se desvencilhar das minhas mãos.

Mais do que isso, olhava para um lado e para o outro, apavorada, como se alguém pudesse vir atrás dela.

— O que aconteceu com você? — perguntei bem baixinho, sentindo-a estremecer.

E aquela pergunta foi feita para ela, mas para mim também. O que tinha acontecido com a minha Nadine? Minha Borboleta? Mais do que nunca eu precisava tirá-la dali e ajudá-la.

— Vou te levar para um lugar seguro... Vem comigo...

— Não! — exclamou em um novo rompante de desespero, erguendo os olhos outra vez na direção dos meus, como se enfim me visse, embora não existisse nada da menina que conheci um dia e por quem me apaixonei perdidamente. Ela não iria entregar sua confiança tão fácil, e essa era uma dor que começava a me consumir muito rapidamente. — Me deixa em paz. Já falei

que não sei quem você é!

— Não faz isso, por favor... Eu não posso te deixar nesse estado e...

Não consegui dizer mais nada, porque a senti cambalear, mais pálida do que papel, com os olhos vítreos, ainda devastados.

— Eu vou te levar para um hospital, Nadine.

— Não... por favor... não... — respondeu em um sussurro e não pôde terminar de falar, porque simplesmente despencou, obrigando-me a ampará-la em um rompante de lucidez para que não caísse no chão.

Segurei-a com firmeza, levando a mão ao seu rosto e tendo a sensação de que tocava em uma pedra de gelo. Quando a ergui nos braços, dei-me conta também de que estava ridiculamente leve; algo que as roupas largas conseguiam esconder muito bem. Nadine era só pele e osso. Não me surpreenderia se aquele desmaio tivesse mais a ver com fome do que qualquer outra coisa, principalmente porque ela não parecia muito machucada além de um corte na mão.

Levei-a até o carro, colocando-a com cuidado no banco do passageiro, certo de que a melhor escolha seria levá-la à emergência. Porém, ao lançá-la mais um olhar, vê-la tão vulnerável e indefesa me causou um revirar de estômago. A forma como rejeitara a ideia de um hospital era um indicativo de que havia muitas coisas que eu não sabia. E se queria conquistar sua confiança, precisaria começar atendendo à sua primeira súplica.

Sendo assim, o único lugar para onde poderia levá-la era para a minha casa. E eu não poderia negar que o fato de tê-la, algum tempo depois, deitada em minha cama, me fez perder um pouco o rumo.

Era *ela*. A garota que tinha meu coração inteiro dentro de suas mãos.

E aparentemente ela estava pronta para esmagá-lo. Assim como, provavelmente, fiz com o dela há dois anos, quando a deixei sozinha para encarar os demônios que destruíram as pessoas que poderíamos ter sido.

Porra, ali estava tudo que desejei por muito tempo. Encontrá-la. Reparar meus erros. Cuidar dela.

Só que precisei de um minuto para mim, para organizar as ideias e focar no que realmente era importante. Sentia-me sem ar, um pouco zozinho, mas Nadine precisava de mim.

Cuidei de sua mão machucada, constatando que o corte não era profundo, e eu tinha a estranha impressão de que o conseguira em um ato de defesa, porque era irregular, um rasgo, como se tivesse sido feito por um pedaço de vidro ou alguma arma improvisada.

Mas estaria ela se protegendo de quê?

Certifiquei-me de que não havia nenhum outro machucado e, enquanto

fazia isso, ela finalmente despertou.

Voltou a si lentamente, deixando que seus lindos olhos azuis ganhassem foco, e a primeira coisa que fez foi levar a mão ao estômago. Eu o ouvi roncar, corroborando com a minha teoria de que vinha passando fome.

Assim que seus olhos encontraram os meus, ela se sobressaltou, levantando-se de um pulo, precisando se ancorar na cabeceira da cama antes que caísse. Estendi as mãos para ajudá-la, mas ela se mostrou arisca, encolhendo-se e tentando recuar, embora não houvesse mais espaço entre ela e a parede.

Rendi-me à sua relutância, erguendo os braços com as palmas voltadas para frente, como se fosse um criminoso diante da polícia.

— Nadine — sussurrei seu nome, como se falá-lo em voz alta fosse algo proibido —, você sabe quem eu sou, não sabe?

— Não... — respondeu com hesitação, mas pude ver o brilho da mentira em seus olhos.

— Nadine... eu quero te ajudar. Por favor...

— Me deixa ir embora. Eu *preciso* ir.

— Não! — exclamei com um pouco mais de veemência do que deveria, mas logo me arrependi, porque ela estremeceu a olhos vistos. E eu definitivamente não queria deixá-la com medo. Não mais do que já parecia estar. Então, tentei uma nova abordagem, usando de todo autocontrole para também me acalmar, já que me sentia nervoso e completamente desajeitado diante da situação complicada que se desenrolava à minha frente. — Você sabe que eu não vou te fazer mal, não sabe?

O problema era que ela parecia não saber. Claro que não acreditava em sua farsa de que não se lembrava de mim, mas o fato de se mostrar tão assustada me feria profundamente.

Fui me aproximando dela bem devagar, como faria com um animalzinho ferido no meio da estrada, e consegui colocar as mãos em seus braços, tão finos, que as pontas de meus dedos quase conseguiam se tocar. Ela mantinha os olhos fixos no chão, evitando-me.

— Nadine... você sabe que pode confiar em mim. Por favor...

Então, ela finalmente ergueu a cabeça, fitando-me com aqueles olhos profundos e desamparados, novamente começando a se desvencilhar das minhas mãos.

— Eu não sei confiar.

Foi tudo o que ela disse. Uma frase curta, direta, sem rodeios. Quem poderia imaginar que a reunião de palavras tão simples pudesse causar uma tormenta tão grande? Serviram como ácido, corroendo meus sentimentos. Tudo o que eu sentia era raiva. Do mundo, por ser tão cruel com os inocentes, mas

principalmente de mim, que não consegui honrar a promessa que fiz de protegê-la contra o que quer que acontecesse.

Só que não fui capaz de lutar contra o destino.

Queria tomar alguma atitude; uma que tomaria em uma situação normal. Queria puxá-la para os meus braços e confortá-la, mas diante daquela garota eu simplesmente perdia toda a coragem, o discernimento... perdia um pouco de mim.

— Fala comigo, Dine. O que foi que aconteceu? De quem você estava fugindo?

Como ela continuava agoniada por eu a estar segurando, decidi soltá-la para que tivesse a noção de que não pretendia pressioná-la a nada, nem mesmo a entregar sua confiança a mim.

— Preciso sair daqui — falou baixinho, mais para si mesma do que para qualquer outra pessoa. Parou diante da minha escrivaninha, de costas para mim, respirando fundo. Parecia em pânico, como se uma sensação de claustrofobia a acometesse por estar dentro daquele quarto comigo. — Preciso sair daqui — repetiu, encaminhando-se para a porta, mas eu fui mais rápido e me coloquei entre ela e a saída, espalmando a madeira antes que virasse a maçaneta e escapasse.

Não queria prendê-la ali. Não queria oprimi-la ou assustá-la mais do que já estava assustada, mas também não podia deixá-la sair daquela forma, nervosa, magra e frágil.

— Você tem que se acalmar e comer. Por que não dorme um pouco e descansa? Deve estar...

— Eu *preciso* sair daqui. Você não entende... — repetiu com os olhos arregalados, em uma expressão assustadora.

Mal pude reagir, porque a vi revelar a mão que eu nem havia percebido que estava escondida até aquele momento e que guardava um canivete – que provavelmente pegou no momento em que se colocou de costas para mim. Abrindo-o de maneira ágil, posicionou a lâmina bem na minha garganta, na altura do meu pomo de adão.

Ela não iria me matar; isso era uma certeza. Por mais que pudesse ter se tornado uma pessoa completamente diferente da que conheci quando garoto, não havia o brilho profundo da maldade em seus olhos.

Enquanto ameaçava minha vida, permanecemos encarando um ao outro, como a presa e o caçador, embora não soubesse qual de nós sentia mais medo e qual estava em maiores condições de atacar. Eu sempre seria refém daquela garota. Não importava quanto tempo se passasse, ela sempre receberia meu coração servido em uma bandeja de prata. Ou partes dele, fragmentadas.

Não existia nada que eu pudesse fazer naquele momento. Não era pelo fato de ela estar me ameaçando, até porque desarmá-la, imobilizá-la e levá-la para a cama não exigiria o mínimo esforço, mas nada me apavorava mais do que o fato de ser capaz até mesmo de usar de violência para se livrar de mim. Foi com aquela certeza que senti minha alma começar a morrer aos poucos.

Nada em minha vida me feriu mais do que aquela rejeição. Deixei que meus braços caíssem de ambos os lados do meu corpo, rendido, derrotado. Teria que suportar vê-la escorrer por entre meus dedos e aceitar a perda. Se não me queria por perto, era hora de seguir em frente. Para sempre.

Continuamos nos encarando por um tempo, até que ela se colocou na ponta dos pés e encostou os lábios nos meus. Talvez para provar que me reconheceria. Como se eu tivesse duvidado disso por um único segundo...

— Você não deveria ter me procurado...

Fechei meus olhos, porque não queria vê-la ir embora. Cada passo que Nadine dava era um pedaço das minhas esperanças que seguia com ela. Um pedaço de mim. Passara parte da minha vida com o único objetivo de encontrá-la, como uma obsessão, e agora não me restava mais nada.

Absolutamente nada.

Quando abri os olhos, tudo que encontrei foi um quarto vazio e minha solidão.



Capítulo 1

Rafael

Janeiro de 2008

HÁ UM TIPO DE GENTE PARA QUEM as pessoas simplesmente fecham os olhos. Aquele menino que passa despercebido, maltrapilho, mais magro do que seria saudável, sujo e olhando de um lado para o outro, assustado, sem saber se teme mais a polícia ou a maldade das ruas. A não ser que ele roube a sua carteira, passará como qualquer outro, mesmo que você repare em seu semblante o quanto está morrendo de fome e lutando para sobreviver em um mundo cruel e violento.

Eu era um desses meninos invisíveis.

Meu pai – que morrera quando eu tinha apenas treze anos – me ensinara algumas coisas na vida. Apesar de ser um homem meio desajeitado em demonstrar seus sentimentos, falou-me algumas coisas sobre decência, lealdade, caráter e consequências de escolhas erradas, mas sua lição mais importante foi que um homem precisava honrar as bolas que tinha no meio das pernas. Para que isso fosse possível, eu nunca deveria pegar o que não me pertencia – fosse um objeto roubado ou a mulher de outro –, precisava proteger quem não podia se cuidar sozinho e usar meus punhos para sobreviver, quando necessário.

Bem, eu vinha tentando seguir seus conselhos. Estava vivo até o momento, então, podia quase me considerar um vitorioso.

Até a noite em que tudo desandou.

Às vezes eu sentia como se o peso do mundo tivesse sido largado nas minhas costas. Eu era apenas um garoto, mas exatamente por essa habilidade de saber me defender e pelo tamanho que já apresentava, mesmo tão jovem, tomara para mim a responsabilidade de proteger aqueles que me rondavam e que eram mais indefesos. Foi com quinze anos que comecei a ganhar dinheiro socando a cara dos outros. Não que me orgulhasse disso, é claro.

Na verdade, eu odiava cada segundo, mas garantia meu pão e o dos meninos que dependiam de mim.

Eram apostas de rua, e as quantias que ganhava não valiam os socos na cara que, eventualmente, tomava quando me permitia alguns descuidos. A maioria deles, na verdade, causados por privação de sono, uma vez que a vida nas ruas muitas vezes exigia que eu ficasse acordado para que nada acontecesse aos meninos de quem cuidava.

Eles iam e vinham. Alguns eu não conseguia proteger e se entregavam ao vício, ao o tráfico ou, até mesmo, à morte. Perdi muitos para caminhos sombrios, e outros – muito poucos – tiveram a mesma sorte que achei que havia me encontrado naquela noite.

Tendo ficado órfão aos treze anos, fui enviado para inúmeros lares temporários. Fugi de todos. Algumas famílias chegaram a cogitar abrirem suas portas para mim, mas desistiam, porque eu era crescido demais. Levaram-me para suas casas, mas nenhum coração me recebeu. Eu era o menino bonito que eles adorariam ter como filhos, mas, ao mesmo tempo, era o problema que ninguém quis carregar nas costas. Suas avaliações dificilmente levavam em consideração a criação que tive até aquele ponto. Um garoto de rua sempre seria um garoto de rua. Só que jamais me permitiria mudar a essência de quem eu era. Nem mesmo as ruas conseguiram isso.

Talvez eu fosse mais teimoso do que pensava.

Era uma noite qualquer, ou assim eu imaginava. O galpão abandonado, que improvisavam como ringue, fedia a mijó, cigarro barato, suor e sangue. O lugar era sempre o mesmo, e eu já deveria estar acostumado com isso – ainda mais que não vivia exatamente em um palácio –, mas a cada dia que passava as coisas pareciam piores. Só que eles me alimentavam e me davam comida para levar a Johnny também, então, não podia exigir muita coisa.

Por mais que odiasse entrar ali; por mais que abominasse cada segundo, era necessário para minha sobrevivência. Era horrível pensar que aquilo que me fazia morrer por dentro, dia após dia, era a mesma coisa que permitia que eu me mantivesse vivo.

Tudo se desenrolou como sempre. Fui anunciado como "Corvo", um apelido que ganhei desde a primeira luta, por causa de uma cicatriz que tinha nas costas – um presentinho que as ruas me deram logo no início, quando ainda não tinha malícia suficiente para me defender. Poderia ter sido pior, sem dúvidas, mas eu tinha fé que chegaria o dia em que conseguiria cobrir aquele negócio feio com uma tatuagem bem grande.

Depois, as poucas pessoas que assistiam me ovacionaram, e eu entrei no ringue improvisado. Meu adversário também foi chamado, posicionando-se à

minha frente. Era um cara legal, que também levava e dava socos para alimentar sua família de esposa e dois filhos. Tinha o dobro da minha idade – o que já demonstrava o quanto aquele tipo de luta era completamente desregulada –, mas eu era fisicamente maior do que ele. Aos dezesseis, eu já chegava a um metro e noventa, e meu corpo, herança da compleição musculosa do meu pai, era bastante largo. Graças à comida que me davam e aos aparelhos de musculação velhos do galpão, eu conseguia ficar em forma para vencer.

E eu normalmente vencia.

Apesar de ser o mais novo naquele grupo, eu era considerado o adversário mais difícil. Não era à toa. Antes de me tornar um moleque de rua, meu pai me treinara em vários tipos de luta, já que também ganhara a vida daquela maneira, embora de forma profissional. Provavelmente não estava muito contente com os rumos que tomei, já que queria que eu estudasse e fizesse faculdade, mas fora o que me restara, já que ele mesmo nos destruía.

Só que eu jamais poderia julgá-lo. A morte da minha mãe foi o fundo do poço para nós dois, mas ele era quem colocava o pão na mesa. Quem passou a sustentá-lo, em contrapartida, foi a bebida.

Cumprimentamo-nos sobre o ringue, e um alarme improvisado, de algum celular, soou. Era hora de começar.

Às vezes uma enorme preguiça me dominava. Eu era jovem demais para aquele tipo de coisa. Jovem demais para precisar garantir meu sustento e de outras pessoas levando porrada. Deveria estar correndo atrás de garotas, indo a festas, roubando o carro do meu pai para dirigir sem nem mesmo ter idade para isso... Deveria estar simplesmente vivendo como um garoto; imprudente, despreocupado e irresponsável... como era o comum para a minha idade.

Contudo, eu estava ali, dando literalmente minha cara a tapa para colocar comida em uma mesa que nem sequer existia.

Só que se soubesse que estava sendo observado e que quem avaliava cada um dos meus movimentos era praticamente o demônio em pessoa, teria me deixado ser nocauteado no primeiro golpe. Infelizmente, eu realmente era muito bom, sem falsa modéstia, e tudo não durou nem vinte minutos, deixando minha cara completamente intacta.

Estendi a mão para ajudar meu adversário a levantar-se, e ele, como tinha um bom espírito esportivo, aceitou, dando-me dois tapinhas nas costas.

— Tá foda lutar com você, moleque. Qualquer dia não vai ter ninguém que aceite te encarar no ringue.

Dei uma risadinha constrangida, porque não sabia como reagir. Aquele não era o tipo de elogio que sonhei em receber, mas compreendia que era o máximo de glória que a vida me daria: vitórias medíocres em lutas mais medíocres ainda,

que pagavam apenas o prato de comida que iria comer no dia seguinte.

— Ele tem razão, garoto — uma voz desconhecida me fez girar o corpo para analisar quem chegava.

A primeira coisa que reparei foi que o homem não pertencia àquele lugar. Sua roupa cara, a forma como se movia, como falava... tudo nele indicava que tinha dinheiro. O que me intrigou em um primeiro momento foi o motivo de sua presença no nosso submundo particular.

— Rafael, não é? — perguntou, estendendo a mão para mim. Uma que eu não tinha nem coragem de tocar com a minha, suja e calejada. Mas ele não pareceu se importar, porque a manteve parada, insistindo.

— Sim, senhor — respondi, muito sério e desconfiado, enquanto o cumprimentava. Ele ergueu a sobrancelha ao ouvir a forma como me dirigi à sua pessoa. Todos sempre se surpreendiam quando percebiam que eu não era um completo selvagem e que sabia ser educado.

— Meu nome é Frank Danneman. Sou sócio em um clube onde temos várias atividades, e a luta livre é uma delas. Costumo recrutar alguns rapazes para lutarem para mim, e já faz algum tempo que te observo. Acho que você tem futuro.

— Não sei onde, senhor. Não sou grande coisa — respondi dando de ombros, ainda sério, porque não sabia com quem estava lidando. Vivendo nas ruas como eu vivia, aprendi a desconfiar da minha sombra, porque até mesmo o mais inofensivo passarinho tinha potencial para se tornar uma ave de rapina perigosa e traiçoeira.

— Não é o que eu acho. — Ele fez uma pausa e sorriu. — Bem, eu vou direto ao ponto, já que acho que vai gostar da minha proposta. Sei que vive na rua e que cuida de um rapazinho menor do que você. É seu irmão?

Respirei fundo, cruzando os braços e erguendo o queixo, sentindo-me um pouco preocupado. Como aquele sujeito podia saber tanto de mim?

— Não. Eu só... cuido dele... — economizei na minha resposta, tentando não dizer mais do que seria prudente.

— Na verdade, eu já te vi cuidando de vários. Deve ser um bom garoto, Rafael.

— Desculpa, senhor, mas... onde quer chegar?

— Quero adotar você.

Aquela afirmação, feita com tanta segurança e veemência, me surpreendeu.

Não, mais do que isso. Eu poderia ter chegado a rir pelo absurdo que acabara de ouvir se o homem não parecesse estar falando tão sério.

Deixando de lhe dar ouvidos, porque aquilo só poderia ser uma péssima brincadeira de mau gosto, virei-me de costas, começando a caminhar na direção

do armário improvisado onde guardávamos nossas coisas. Eu não tinha praticamente nada, mas sempre levava uma mochila gasta para voltar com o dinheiro que ganhava quando vencias as lutas – o que era quase sempre.

— Você não parece muito entusiasmado. — Como já imaginava, ele veio atrás de mim.

— Porque não acho que este tipo de brincadeira seja justa — respondi enquanto reunia minhas coisas, sem encará-lo, mas tentando manter o respeito que meu pai me ensinara a ter.

— Não estou brincando. Posso, inclusive, ir com você até o local onde mora e conversar com o outro menino. Estou disposto a levar os dois.

Naquele momento eu reagi. De verdade. Uma coisa era ele falar aquele tipo de baboseira para mim, outra, muito diferente, era envolver Johnny na situação. O menino tinha dez anos e nunca conhecera o amor de uma família.

Voltei meus olhos para ele, sabendo que deveriam estar faiscando de indignação. Aproximei-me, agigantando-me diante de sua figura elegante, sentindo-me desajeitado, sujo e muito grande, enquanto ele era esguio, alto – mas não tanto quanto eu – e cheirava a riqueza. Todas essas características me faziam duvidar e muito que pudesse estar falando sério.

— Pode jogar uma merda dessas na minha cara, mas não vai fazer isso com aquele garoto que já sofreu tanto.

— Então a escolha está em suas mãos. Pode dar a ele uma vida boa. É só lutar para mim que terão casa, comida e um futuro.

Um futuro...

Claro que, na minha situação atual, um teto e o estômago forrado deveriam ser prioridades – e sem dúvida eram –, mas pensar em conquistar alguma coisa além de vitórias em lutas e novos olhos roxos me fazia pensar seriamente em cogitar aquela proposta, por mais estranha que pudesse parecer.

Se não fosse por Johnny, eu realmente teria tentado, mas não podia colocar aquele garoto em risco. Não depois de tudo pelo que ele tinha passado.

— Olha, senhor, eu preciso pensar.

— Claro que precisa. Se quiser, podemos marcar de visitar minha casa para ver que eu tenho toda a estrutura para receber os dois. Moro com minha irmã e minha sobrinha, que é pouca coisa mais nova do que você. É uma princesa, aliás. Acho que se dariam bem.

Ao menos ele falava da menina com certo carinho. Obviamente podia ser parte de uma encenação, mas teria que ser algo a se levar em consideração.

Afastando-se de mim, foi até um homem próximo à porta do galpão e pegou uma bolsa térmica com ele, entregando-me.

— Comprei algumas coisas para vocês. Não se sinta pressionado a aceitar

minha proposta, até porque é comida; e isso não se nega a ninguém. — Sorri novamente, mas ainda não conseguia acompanhá-lo.

Queria muito negar aquela "ajuda", mas, novamente, precisava pensar em Johnny. Por mais que sempre nos dessem as refeições e que eu conseguisse nos alimentar com o dinheiro que ganhava, comida nunca era de mais.

— Obrigado.

Colocando a mão no bolso do próprio paletó, pegou um cartão e me entregou.

— Pode me ligar a cobrar a qualquer hora. Estarei esperando.

Dizendo isso, ele foi embora, deixando as engrenagens da minha cabeça trabalhando a todo vapor.

Mais ainda quando cheguei ao encontro de Johnny, na praça onde montávamos nosso acampamento à noite, no Centro da cidade, e abri a bolsa, deparando-me com diversos tipos de sanduíches, inclusive alguns do McDonald's, que sempre foram o sonho do garoto com quem eu iria compartilhar aquilo tudo. Infelizmente o estômago era traiçoeiro, porque comemos até nos fartarmos, sem nem nos preocuparmos com a possibilidade de estarem adulterados.

Só não acabamos com todo o estoque, porque decidi – com muita reclamação de Johnny – que deveríamos repartir com outras pessoas que passavam as noites na mesma praça que nós. Alguns eram meros desconhecidos, mas eu não teria coragem de comer quase até a exaustão, ignorando a quantidade de outros estômagos vazios ao meu redor.

Encomendas como esta foram chegando nos dias seguintes. O cara realmente estava empenhado em me convencer. Johnny, na verdade, já estava mais do que persuadido. Em suas ilusões, acreditava que seríamos uma família, que teríamos luxo, conforto e que a sorte tinha sorrido para nós.

Além do mais, por algum motivo que eu desconhecia, as lutas para mim foram rareando. Os organizadores alegavam que ninguém queria ir para o ringue comigo, porque eu não lhes dava nem chance. Era como se o destino estivesse conspirando a favor de Frank Danneman.

Johnny falou tanto no meu ouvido que fui obrigado a buscar um telefone público que ainda funcionasse para telefonar para o tal homem que tanto parecia interessado em nos adotar.

Arrumei nossas poucas coisas, tomamos um banho lá no galpão – como sempre fazíamos –, vestimos as melhores roupas que tínhamos, para ficarmos apresentáveis, e aguardamos o carro que Frank dissera que iria nos buscar. Com meia hora de antecedência fomos para a rua combinada, e eu quase jurei que ele não apareceria. A cada segundo de atraso – embora não tivesse demorado nem

quinze minutos a mais –, eu me condenava por ter colocado Johnny naquela situação.

Mas o carro preto chegou, e Frank abriu a porta para nós, convidando-nos a nos juntarmos a ele.

Ainda com relutância, entrei, tanto no veículo quanto na casa, na qual chegamos posteriormente.

Mal sabia que eram as portas do inferno que se abriam para mim. E eu deveria realmente ter abandonado toda a esperança quando as ultrapassei.

Bem, nem todas... porque uma das primeiras coisas que vi lá dentro tornou-se, com o tempo, o meu milagre. A luz em meio a todas as sombras que passaram a me seguir desde então.

Meu primeiro contato com a casa foi um pouco diferente do de Johnny. Deslumbrado, o garoto ficou boquiaberto a cada cômodo que visitava, principalmente o quarto que Frank designou para ele – decorado com tema de heróis, cheio de revistas em quadrinho, videogame e coisas que um garoto da idade dele deveria gostar. Coisas que um dia eu tive também.

Contudo, conforme a enorme casa foi sendo revelada, percebi que não havia um quarto para mim. Não pude deixar de perguntar isso a ele.

— Onde vou ficar?

O sorriso de Frank se alargou, e ele colocou o braço ao redor do meu ombro.

— Bem, imaginei que um garoto da sua idade iria querer um pouco mais de privacidade. Sei disso, porque Nadine, depois que entrou na adolescência, pediu que eu arrumasse nosso porão para que ela tivesse um cantinho privado. Achei que, como vocês têm quase a mesma idade, poderiam ficar juntos. Ela tem quinze.

Meu cenho se franziu imediatamente, porque tudo aquilo parecia ilógico demais. Não apenas o fato de ele ter liberado a sobrinha para praticamente morar sozinha, mas por estar colocando um garoto completamente desconhecido para dividir um espaço com ela.

— Ela sabe disso? Concordou com a minha presença?

— Como eu disse, Nadine é uma ótima garota. Obediente e compreensiva. Vai aprovar a ideia de ter um... Bem... — Olhou para mim com certa malícia que não me passou despercebida, mas que tentei ignorar. — Quase um irmão, não é?

Ainda fingindo não me incomodar com a forma como pronunciou aquelas palavras, foquei em outra parte de sua resposta que me preocupou.

— Ela ainda não sabe? — Parei de andar subitamente, mortificado.

— Não. Pensei em fazer uma surpresa.

— Surpresa? — Mas que merda de ideia era aquela? Não era como se eu

fosse uma caixa de chocolates ou uma roupa nova que ele poderia dar de presente para a garota. E se ela odiasse a ideia e rejeitasse a minha presença? Como iríamos conviver? — Frank, eu não tenho certeza se...

— Tenha um pouco de fé, garoto. Eu conheço a minha sobrinha. Vocês vão se dar muito bem.

Levando em consideração que ele mal *me* conhecia, era uma afirmativa muito arriscada, porém, deixando um Johnny animadíssimo brincando com o primeiro videogame de sua vida, eu o segui para o tal porão.

Eu não me importaria em viver em um, aliás, por mais que a palavra, por si só, já evocasse algo bem assustador. Só que o espaço era realmente limpo, claro – por conta da eletricidade, já que não possuía janelas –, bem arrumado e mobilhado. Não era pequeno, também, embora se parecesse com um apartamento simples. Eu realmente teria que conviver com a garota o tempo todo.

— Nadine! — Frank chamou. — Querida, tenho uma surpresa para você.

Que droga de surpresa, Nadine! Um moleque órfão e maltrapilho com quem você vai ter que passar grande parte dos seus dias, mesmo que não tenham nada em comum.

Sim, esse foi o pensamento que martelou na minha cabeça enquanto nós dois esperávamos que a garota desse o ar de sua graça.

Mas eu não fazia ideia de que minha suposição de que não tínhamos nada em comum se tornaria uma certeza em pouquíssimo tempo. Eu era um vagabundo. Nadine era uma princesa. No sentido mais real da palavra.

Seus longos cabelos loiro-escuros, em um tom de ouro velho, caíam soltos e muito lisos quase até a sua cintura fina. Os olhos tinham um tom muito peculiar entre o verde e o azul, embora pendessem mais para a segunda opção. Ela era alta, esguia, elegante e havia algo na maneira como caminhava e como se colocava na minha frente, de forma impassível, sem me encarar, que me dizia que realmente poderia fazer parte da realeza. Havia certa altivez na forma como se movimentava, embora a vulnerabilidade em seu olhar gritasse que era um comportamento de fachada para sua própria proteção.

Mas contra o quê?

Frank aproximou-se da garota e, assim como fizera comigo minutos antes, abraçou-a pelos ombros, puxando-a para si sem nenhuma delicadeza.

— Querida, este é Rafael. Ele vai ficar morando conosco. — Aquela foi toda a explicação que ele deu, como se a menina não tivesse a menor relevância em opinar na situação. — Dê as boas-vindas ao garoto, seja educada.

Então, ela voltou-se em minha direção, como se *finalmente* me visse. E... Deus, ela era linda. Não eram apenas meus hormônios de dezesseis anos, embora

eles realmente estivessem gritando. Era um fato. Aquela garota poderia matar qualquer um do coração com aqueles olhos.

— Bem-vindo, Rafael — disse quase em modo automático, sem uma única expressão ou emoção na voz. Ainda assim, não tirou os olhos de mim por alguns instantes, e eu também não consegui desviar os meus.

— Obrigado — respondi finalmente, até porque não havia muito mais coisas que pudessem ser ditas.

— Ótimo! Vou deixar que se conheçam, e volto para cá para jantarmos todos juntos.

Parecendo mais animado do que seria normal, Frank saiu do local onde estávamos, realmente deixando dois completos estranhos sozinhos. O desconforto foi imediato, ainda mais porque permanecemos um diante do outro, sem dizer nada, e Nadine não parecia nem um pouco disposta a iniciar uma conversa amigável. Ela continuava olhando para mim, mas com uma expressão melancólica, e eu tinha a estranha e incômoda impressão de que aquele tipo de sentimento a perseguia por toda parte; era uma sombra que pesava em seus ombros. Só não fazia ideia do motivo.

Ainda assim, se ela seria minha companhia por boa parte dos dias, eu precisava fazer alguma coisa.

— É, acho que vamos ter que conviver um com o outro a partir de agora... — falei um pouco constrangido, colocando as mãos nos bolsos do meu jeans velho e encolhendo os ombros. Havia um sorriso contido no meu rosto, um pouco de canto, porque ainda não sabia exatamente como agir com ela. Esperava ao menos que conseguíssemos estabelecer algum vínculo, já que seríamos obrigados a morarmos sob o mesmo tempo. E sozinhos, aparentemente.

Só que Nadine não parecia estar na mesma sintonia que eu.

— Boa sorte.

Foi tudo o que ela disse. Sem nenhum otimismo. Sem sorrisos. Sem sequer simpatia.

Dando-me as costas, seguiu de volta para um dos cômodos do ambiente, entrando nele e fechando a porta atrás de si.

Continuei parado no mesmo ponto da sala, ainda olhando na direção de para onde ela tinha ido, acreditando que iria sair, arrependida, na intenção de tentar de novo. Mas, não.

Nunca me senti tão idiota em toda a minha vida.

Ainda assim, teríamos outras chances. Era compreensível que ficasse um pouco arisca, já que era *eu* quem estava invadindo seu espaço, não o contrário.

O melhor que tinha a fazer era tentar me adaptar àquela nova realidade.

Não que fosse muito difícil, já que ter um quarto só para mim, uma cama,

um teto e um local para tomar um banho decente dificilmente me fariam reclamar de alguma coisa. Compartilhar o vestiário improvisado do galpão nunca era uma escolha agradável, e ter que aceitar a boa vontade dos outros por comida também não era exatamente minha escolha de conto de fadas. Poder usufruir de uma suíte... Porra, era um luxo com o qual nunca sequer sonhei.

Demorei mais do que deveria debaixo do chuveiro, e, ao sair da suíte, com uma toalha enrolada na cintura e pronto para vestir uma das minhas roupas velhas, abri o armário só por curiosidade e encontrei de tudo um pouco. Calças, bermudas, camisas, casacos, pijamas, sapatos e até um terno. Não pareciam exatamente novos, mas quase. E eram do meu tamanho – o que não se tratava de uma missão fácil, já que eu era bem grande.

Vesti uma bermuda e uma camisa simples, sentindo o cheiro de sabão em pó, que me remetia aos tempos em que minha mãe estava viva, e parti para a sala de estar, na esperança de não me encontrar mais sozinho. Porém, nem sinal de Nadine. A porta de seu quarto ainda estava fechada, mas eu ouvia sons vindos de lá. Pareciam ser de algum filme, o que rapidamente me fez descartar a hipótese de tentar uma nova abordagem de aproximação.

Dei uma andada pelo espaço, que era relativamente amplo, e encontrei um terceiro quarto com alguns equipamentos de musculação. Frank não dava ponto sem nó, e aquele era um sinal de que precisaria me manter sempre em forma para as lutas que viriam.

Não querendo pensar nisso naquele momento, joguei-me no sofá e também liguei a televisão, surpreendendo-me ao perceber que tínhamos vários canais de TV a cabo. Zapeei até encontrar um filme que me interessasse, mas acabei pegando no sono em pouco menos de meia-hora.

Era, provavelmente, a primeira vez que dormia de verdade em anos. Desde que precisei recorrer à rua e fazer dela meu lar, tornara-se quase impossível descansar e relaxar, uma vez que não sabia quais surpresas poderiam me acordar no meio da noite e me tornar presa fácil. Então, qualquer som me fazia despertar de supetão, como se fosse um soldado no meio de uma guerra. E muitas vezes eu realmente me via assim.

Acabei acordando de supetão, sentindo alguém me tocar. O susto foi grande, porque, talvez, ainda não estivesse acostumado à ideia de segurança, de não ter a impressão de que minha vida seria ameaçada a cada cochilo que tirasse. Não apenas a minha, mas as dos outros meninos que dependiam de mim.

Minha reação intempestiva assustou Nadine, porque ela simplesmente deu um pulo para trás, um pouco descoordenada, tropeçando em uma inclinação do tapete, e eu precisei agarrá-la pelo punho para firmá-la, pois jurei que iria cair. Só que a forma como se desvencilhou de mim me fez rapidamente soltá-la e

fazer um gesto de rendição.

Não consegui decidir se eu era um completo idiota por colocar as mãos em uma garota que sequer me conhecia ou se a reação dela fora visceral de mais.

Fosse como fosse, não demorou a empertigar-se, respirando fundo e voltando-se novamente para mim.

— Frank nos chamou para jantar. — Ao menos uma coisa nós tínhamos em comum. Éramos econômicos com as palavras. Seria maravilhoso conviver com ela, para não dizer o contrário.

— Já? — Levei a mão à cabeça, coçando-a, novamente constrangido. — Acho que dormi a tarde inteira.

— Percebi. — Poderia ter sido uma frase espirituosa, se ela desse qualquer chance para isso. Se a olhasse com atenção, perceberia que sua intenção fora nada mais do que demonstrar indiferença.

— Desculpa — pedi, enquanto virava de costas para ela para calçar os chinelos, que estavam bem ao lado do sofá, onde literalmente capotei. — Estou sendo uma péssima companhia.

Nadine não respondeu absolutamente nada. Continuou à minha frente, parada, observando-me, totalmente impassível. Sem sorrisos, sem comentários, sem sinal de que iria, ao menos, tentar ser cordial comigo. Ao mesmo tempo, não parecia ter a intenção de ser minha inimiga. Ela só... Bem... ela parecia me desprezar.

Dançando conforme a música, eu apenas a segui, tentando manter a boca fechada, mas parecia impossível. Havia algo naquela garota que me enchia de vontade de desvendá-la. E isso podia me transformar no maior otário do ano, se eu permitisse.

— Você está bonita.

De todas as coisas que eu poderia dizer a ela, aquela, sem dúvidas, era a mais fora de contexto, mais imbecil e menos apropriada. Só que era verdade. Ela não *estava* bonita; ela *era* bonita. Tudo bem que eu a tinha visto apenas uma vez antes, mas parecera se empenhar em arrumar-se para aquele jantar. Vestido azul, que a deixava muito feminina, sandálias rasteiras, o cabelo preso em uma trança que caía longa sobre seu ombro e uma leve maquiagem – embora eu não entendesse muito disso.

— Obrigada — respondeu ainda sem sorrir. — É para a minha mãe.

Não consegui discernir se o complemento de sua resposta era apenas uma constatação, uma informação que decidiu compartilhar ou se era apenas uma forma de tirar meu cavalinho da chuva de que tinha se arrumado com cuidado para impressionar o garoto inconveniente que chegara para tirar sua paz e com quem sequer parecia disposta a conversar.

Assim que começamos a subir as escadas, o som de uma música nos recebeu. Era uma ópera, e por mais que eu não fosse exatamente um cara ignorante – principalmente para alguém que viveu três anos na rua –, eu não entendia nada daquele tipo de coisa. Minha mãe fora uma mulher muito culta e tentara incutir seu bom gosto em mim, mas aquilo era um pouco de mais.

Impressionei-me ao ver Johnny sentado com Frank – este com os olhos fechados, apreciando a música como se fosse a coisa mais sublime do mundo –, e o mais jovem realmente tentava prestar atenção ou, ao menos, fingir. Era fácil perceber que o menino tinha aquele homem como nosso salvador. Nosso Papai Noel.

— Frank — Nadine chamou, ao meu lado, e ele abriu os olhos, voltando a cabeça, que antes se mexia ao ritmo da música, em direção a nós.

— Ah, meus queridos! — Levantou-se. — Que bom que chegaram, eu e o pequeno Johnny já estamos famintos. — Ele abraçou o menino, que sorriu radiante.

— Rafa, vamos comer bife com batata frita. Eu que escolhi! Não é o máximo?

Ele veio até mim, abraçando-me, e eu não pude deixar de retribuir.

— Claro que é, garotão! — Baguncei o cabelo dele e percebi, de soslaio, que Nadine nos observava, mas não consegui ler nada em sua expressão.

Enquanto afastava Johnny de mim, Frank foi até o antigo aparelho de som – uma réplica de um gramofone, que ainda tocava vinis – e desligou a música.

— Tristão e Isolda, de Wagner. Uma das minhas favoritas. Que tipo de música você gosta, Rafael? — indagou, parecendo visivelmente interessado.

— O que tocava perto de mim. Quando se mora na rua não se tem muito direito de escolha nesses casos. — Não quis soar como uma vítima nem angariar compaixão de ninguém, era apenas um fato. Só que eu deveria ter pensado nisso e filtrado a minha resposta, porque Frank olhou para mim com uma expressão de pesar que eu não desejava. Para a minha surpresa, Nadine também pareceu afetada pela afirmação, mesmo que muito de leve.

— Desculpa, garoto. Foi uma pergunta totalmente inadequada. Mas vamos resolver este problema. Você vai ter tudo que quiser.

Em troca de lutar, é claro. Mas para ver Johnny feliz e ter a segurança de morar numa casa como aquela, com a certeza de poder fazer refeições decentes, eu iria para o ringue de cabeça erguida.

Depois do momento constrangedor, Frank nos guiou até a sala de jantar, onde uma mesa enorme, para umas doze pessoas, nos aguardava. Sentamo-nos, e Frank chamou Johnny para ajudá-lo a buscar a comida que já estava pronta.

Nadine sentou-se do outro lado da mesa, à minha frente, ainda calada,

preferindo observar as próprias mãos, como se elas fossem muito mais interessantes do que eu. O problema? Enquanto ela não parecia querer me ver nem pintado, eu não conseguia parar de observá-la. Só não sabia dizer se era por pura curiosidade ou se começava a sentir raiva daquela garota por ser tão difícil.

Ao menos não soltei outro comentário ridículo e consegui me manter calado, por mais que o silêncio estivesse me corroendo por dentro.

Frank e Johnny não demoraram a voltar, trazendo travessas na mão.

— Rafa! Frank me deixou fritar as batatas. Foi tão legal.

— Na verdade esse guloso aqui comeu mais do que trabalhou, mas acho que foi merecido, porque elas estão deliciosas — Frank falou, enquanto se acomodava.

Começamos a nos servir, menos Nadine. Ela continuava com a cabeça baixa e ambas as mãos sob a mesa, provavelmente entrelaçadas. Se tivéssemos alguma intimidade – algo que eu tinha a impressão de que nunca chegaríamos a conquistar –, eu perguntaria o que havia de errado, porque Frank, se percebia o semblante estranho da sobrinha, nada dizia. Só que chegou um momento, logo depois que começamos a comer, que ela não aguentou e falou:

— Cadê a minha mãe? — perguntou em uma voz bem baixa, quase como se tivesse medo de fazê-lo.

Frank voltou-se para ela, com o garfo a meio caminho da boca.

— Ela disse que ia se atrasar um pouco por conta de uma dor de cabeça. Pediu que começássemos a comer, porque talvez não possa nos acompanhar. Está um pouco indisposta, mas falou que virá te ver.

Os olhos da garota ganharam um novo brilho. Imediatamente ela começou a encher o prato, embora que ainda com bem pouca comida. Estava explicado o porquê de ela ser tão magrinha.

Até cheguei a pensar que começaria a demonstrar um pouco mais de interesse pelas duas pessoas novas que estavam morando em sua casa, mas ela mal parecia prestar atenção na conversa que se desenrolava entre nós três. Frank nos fazia perguntas sobre o quanto estudamos, alegando que precisaria começar a pensar em uma escola para Johnny, embora ainda fosse janeiro e todos estivessem de férias. Também falou em um supletivo para mim e me perguntou o que eu gostaria de cursar na faculdade – algo que sempre parecera tão distante que nunca nem cheguei a pensar.

Consegui me soltar um pouco, até que terminamos de comer. Havia sorvete de sobremesa, mas por mais que fosse meu doce favorito, as coisas começaram a ficar novamente amargas. Já estávamos lá em cima com Frank há uma hora, e eu sabia que Nadine não parava de olhar para o relógio na parede, atrás da cabeceira da mesa, ansiosa para ver a mãe. E minha intuição não falhou, porque

ela não demorou a perguntar pela mulher.

— Frank, eu quero ver a minha mãe! — falou com decisão, e eu senti uma nota pesada de animosidade entre eles. Ela não o chamara de tio, algo que eu já tinha percebido antes, mas que ficou um pouco mais evidente naquele momento.

Alterando-se, Frank jogou a colher do doce sobre a mesa e virou-se para a sobrinha sem muita paciência.

— Pare de agir como uma garota mimada, Nadine. Estamos conversando, jantando em família e...

— Isso aqui não é uma família! — Ela arrastou a cadeira para trás, como se estivesse se preparando para se levantar. — Eu ainda vou vê-la?

— Depois desse comportamento? De forma alguma. Sente-se novamente e tome seu sorvete.

Com raiva, a garota jogou o guardanapo sobre a mesa, levantando-se.

— Desculpa — falou olhando para mim, como se me devesse alguma explicação. Era uma palavra simples, que demonstrava apenas o quanto ela era educada, mas a dor em seus olhos era muito mais profunda do que qualquer coisa que pudesse tentar expressar.

— Volta aqui, garota! — Frank exclamou e logo também levantou-se para ir atrás dela. Só que Nadine saiu correndo.

Olhei para Johnny, mas este rapidamente deu de ombros e se serviu de um pouco mais de sorvete.

Eu deveria fazer o mesmo, já que nada daquilo era problema meu, mas uma sensação estranha me revirou o estômago, e eu fui atrás dos dois. Não queria parecer intrometido, ainda mais no meu primeiro dia ali, mas tive medo de que Frank agredisse a sobrinha. E eu não poderia permitir que uma garota, por mais antipática que tivesse sido comigo, fosse ferida debaixo do meu nariz.

Ouvi um barulho e apressei meus passos, mas uma porta foi fechada praticamente na minha cara e não tive tempo de eu entrar no quarto para presenciar toda a situação. Ainda assim, me mantive por perto, quase em guarda, para o caso de alguma coisa estranha acontecer.

Só que não demorou muito para que Frank saísse de lá, sem nem olhar para mim. Assim que passou pela saída do porão, eu bati na porta de Nadine. Estava entreaberta, mas eu não queria entrar sem ser convidado. Ela não respondeu, mas espiei pela fresta, e vi que ela estava sentada no chão, encostada à cama, chorando pesado.

Irrompi o quarto a passos largos, aproximando-me e agachando-me na frente dela.

— O que aconteceu? Ele te machucou? — perguntei preocupado. Imaginei que talvez não dissesse a verdade, mas se acabasse assentindo, eu não poderia

deixar aquilo impune. Jurei ao meu pai, mais de uma vez, que não deixaria que uma pessoa mais indefesa do que eu sofresse maus tratos, enquanto pudesse defendê-la. Certamente seria expulso da casa, mas não iria querer morar com um agressor de mulheres. Sairia dali, mas o deixaria com um belo olho roxo e uma denúncia na polícia.

Segurei-a pelos braços, mas ela rapidamente tentou se desvencilhar. Puxei-a para tirá-la do chão, ajudando-a a sentar-se na cama e fiz o mesmo, colocando-me ao seu lado.

— Nadine... o que houve? Por que você está assim?

— Me desculpa, Rafael... mas eu preciso ficar sozinha — falou com educação. Apenas isso. Estava devastada, o que era fácil de enxergar, mas não perdia a pose. Nem mesmo enquanto se debulhava em lágrimas.

— Mas... — ainda tentei argumentar, porém, ela finalmente me olhou nos olhos, silenciando-me com a quantidade de mágoa que havia neles.

— Eu só vou te fazer *um* pedido. — Continuei olhando para ela, com muita atenção, certo de que aquelas eram as frases mais longas que já tinha dirigido a mim. E eu tinha a impressão que nada de bom sairia delas. — Não se apegue a mim. Você não deve sequer *gostar* de mim.

— Do que você está falando... Não estou...

Eu teria dito mais coisas, mas um som vindo da porta da frente do porão me interrompeu. Era o barulho de uma chave girando em uma fechadura.

Levantei-me com pressa, deixando a garota sozinha, e a primeira coisa que fiz foi levar a mão à maçaneta. Trancada. Tentei com ainda mais força, mas nada. Estávamos nós dois presos ali dentro.

Voltei para o quarto e encontrei Nadine ainda com o rosto molhado das lágrimas, mas já não parecia chorar. Pelo contrário, aquela expressão lívida e sem emoções era o que me dirigia.

— O que significa isso, Nadine? — perguntei, apontando para a porta. — Ele trancou a gente aqui?

Ela não respondeu. Aproximei-me ainda mais, agarrando seu braço e levando-a comigo até a sala, parando diante da porta.

— Frank trancou a porta. Ele sempre faz isso? Te deixa aqui presa?

Nadine lançou um olhar gélido em direção à minha mão, o que me fez soltá-la imediatamente. Depois, novamente fixou-se em meus olhos, cheia do mesmo desamparo de antes, embora tentasse disfarçar.

Ela novamente foi econômica com as palavras quando disse alguma coisa, mas sua pequena frase provocou calafrios por toda a minha espinha.

— Bem-vindo ao inferno.

Então, deixou-me sozinho, seguindo ao seu quarto, entrando e trancando a

porta.



Capítulo 2

Nadine

MINHA VIDA INTEIRA ERA UMA SUCESSÃO de portas fechadas. E, algumas vezes, em dias bons, tentava me convencer de que talvez fosse melhor assim. Dentro das paredes que já conhecia, eu deveria me sentir livre de todos os fantasmas que muito me assustavam. Abrir meu coração era um deles. Talvez, não ter amigos fosse um privilégio. Não me apegar a pessoas fazia com que minha vida fosse mais simples. Eu só precisava me preocupar comigo mesma.

A única perda significativa que tive me destruiu. E eu não queria me sentir tão vazia novamente.

Só que já fazia uma semana que alguém tinha invadido meu mundo fortemente protegido. Não era a primeira vez, mas, daquela, eu não queria que as coisas dessem errado. Portanto, minha decisão era me tornar invisível.

Nos primeiros dias, não foi muito difícil, porque Rafael parecia realmente empenhado em arrumar um jeito de sair daquele porão. Passava horas socando e chutando a porta de ferro, buscando maneiras de abrir a fechadura, caçando passagens alternativas e gritando todo tipo de palavrões que não combinavam com o jeito educado que demonstrara nos nossos primeiros encontros.

Foi só no terceiro dia que ele pareceu acalmar-se, embora sua indignação fosse tão evidente que eu sentia que quase podia tocá-la. Por mais que também tivesse tentado me dar espaço, era difícil não sentir sua presença, já que ele parecia tomar o porão inteiro com todo aquele tamanho nada comum a um garoto de sua idade – não que eu conhecesse muitos, na verdade, mas não era uma total ignorante.

Então, a primeira coisa que reparei sobre meu novo colega de quarto foi que era extramente obstinado. Aparentemente em todas as coisas que colocava na cabeça. Primeiro, em sair dali. Depois, em chamar a minha atenção.

Mal sabia ele que chamava. E muita. Intrigava-me de várias formas, mas eu não podia ceder.

O primeiro bilhete surgiu debaixo da minha porta de surpresa. Eu estava saindo do banho, secando os cabelos, quando vi o papel perdido no chão.

Peguei-o, acreditando que pudesse ter sido um descuido meu, mas a letra forte, marcando o verso da folha, chamou a minha atenção o suficiente para que eu sentisse curiosidade em abri-lo. Dizia:

Sei que você não quer falar comigo, mas quero falar com você. Como um monólogo seria muito constrangedor, vou tentar à moda antiga. Cartas são muito longas e me dão preguiça, então, bilhetes vão ter que servir. Quando estiver pronta para falar comigo, espero que me conte o que está acontecendo, o porquê de estarmos presos aqui.

Ele tinha o direito de saber. Só que como explicar algo que não tinha uma explicação viável? Apenas que um louco tinha várias intenções doentias em relação a nós dois e não nos restava nada além de fazer parte de seu jogo. Éramos peões que ele manipulava como bem entendesse.

Outros bilhetes foram chegando. Às vezes mais de um por dia, e todos com mensagens em tons completamente diferentes. Todos sempre jogados por debaixo da porta, mas ele passara a dar uma suave batidinha na madeira para anunciar o que poderia ser encarado como nosso correio.

Eu nunca lhe respondia, embora ele me fizesse sorrir com as coisas mais idiotas. Contava sobre o ovo que deixara cair no chão e que sujara toda a cozinha; falou sobre não saber usar o micro-ondas, sobre preferir suco de manga a suco de uva, mas, em determinadas ocasiões, tentava me convencer a sair do quarto – onde eu permanecia trancada desde o jantar onde nos conhecemos – e ir lhe fazer companhia.

Claro que aquela situação não poderia durar. Eu vinha comendo comida gelada, que conseguia roubar nas madrugadas e deixava dentro do meu armário. Isso quando não passava um dia inteiro com um pacote de biscoito, o que não era nada saudável.

Naquela manhã em específico, acabei dormindo um pouco mais do que de costume e acordei com a já familiar batida na porta de Rafael. Surpreendi a mim mesma com minha animação em pular da cama e correr para pegar um de seus recados, que eram sempre os pontos altos do meu dia. Eles faziam com que não me sentisse tão sozinha.

Ei, você sabia que os corvos sabem imitar a voz humana e que tomam banho

com formigas? Vi num documentário ontem e achei interessante, porque tenho vontade de tatuar um corvo nas minhas costas no lugar de uma cicatriz. Naquele dia em que fui no seu quarto, reparei que você gosta de borboletas. Por mais que um seja uma ave, e o outro, um inseto, ambos voam, têm asas... Acho que temos algo em comum. Ou estou forçando a barra?

ELE ESTAVA. Um pouquinho. Mas era uma gracinha.

Fiquei mais tempo do que seria natural sorrindo e me peguei sentindo uma ansiedade muito desconhecida. Ouvia seus movimentos pelo porão, e minhas mãos coçavam de vontade de abrir a maçaneta e de dar uma única espiada nele.

Então, quando o ouvi entrar no outro quarto, onde ficavam os aparelhos de musculação, decidi arriscar. Com a desculpa de que iria pegar algo para comer, fui primeiro à geladeira, tentando ser o máximo silenciosa possível – aproveitando que ele estava ouvindo música alta –, e enchi uma ecobag de coisas. Nada muito nutritivo, mas biscoitos, pão, doces, além de uma barra de chocolate.

Depois, pé ante pé, aproximei-me do cômodo, colocando-me diante da porta para observá-lo como uma gatuna.

Não pude deixar de me surpreender ao perceber que estava sem camisa. E vendo-o assim ficava muito difícil acreditar que tinha apenas dezesseis anos. Ele era grande, largo, com músculos já definidos, e eu imaginava que, quando se tornasse adulto e começasse a se alimentar melhor, seria gigantesco. Eu era alta, tinha quase um e setenta de altura, mas ele me ultrapassava e muito. Isso deveria me deixar com medo, porque Rafael poderia me quebrar no meio sem dificuldades, mas, de certa forma, não parecia agressivo ou violento, embora desse socos no saco de pancada com bastante veemência, sabendo precisamente o que fazia.

Havia um boné em seus cabelos, mas eu sabia serem castanhos, em tom de mogno, lisos. Embora usasse curtos, pareciam ter uma textura suave, gostosa de passar a mão. Seus olhos azuis eram expressivos, e seu rosto, másculo, por mais que houvesse certa doçura em seu semblante.

Uma calça de tadel de preto pendia de sua cintura estreita, e por mais que eu estivesse envergonhada em observá-lo daquela forma, não conseguia desviar o olhar. Ele era lindo, e os movimentos de seu corpo eram tão perfeitos que me vi hipnotizada, como se ele fosse um imã, e eu, um frágil objeto de metal.

Não demorou muito, porém, para que o encanto fosse quebrado, porque Rafael se deu conta da minha presença e se virou na minha direção, parecendo surpreso.

— Nadine? — Ele reagiu rápido para agarrar o saco, antes que este o

atingisse em seu efeito pêndulo, e logo virou-se para falar comigo.

E eu queria falar com ele. Queria me sentar num canto daquele cômodo e assisti-lo malhar; queria perguntar coisas sobre sua vida, contar detalhes da minha – que não era nada emocionante. Só o fato de conversar com alguém já me faria sentir um ser humano novamente. Mas havia muita coisa em jogo, e eu não podia permitir que nos apegássemos um ao outro.

Então, fiz a coisa mais covarde possível e saí correndo de volta para o meu quarto, trancando-me lá, deixando Rafael me chamando. Sei que tentou vir atrás de mim e que deu de cara com a porta fechada, pois ouvi seus passos a me seguir e porque chegou a usar seu punho para bater e tentar me fazer abri-la.

Mas eu não podia.

Era a escolha mais acertada. Mais responsável e prudente. Não haveria futuro em uma amizade entre nós dois.

Mas nem por isso era menos injusto. Com ele, principalmente. Eu já estava acostumada com a solidão, afinal.

Só que a imagem dele me perseguiu durante toda a manhã e também pela tarde, não me deixando fazer mais nada. Era estranho estar tão perto de uma pessoa, viver sob um mesmo teto, mas não saber absolutamente nada sobre ela. Eram mais estranhas ainda minhas reações em relação a ele. Não fora assim antes. Não dessa forma, como se houvesse um enxame de abelhas dentro do meu estômago, revirando-se e lutando entre si por espaço.

Tentando esquecer estas sensações, joguei-me na cama com meu exemplar de O Mundo de Sofia, esperando conseguir me concentrar para ler. Só que, obviamente, foi frustrante. Nenhuma das palavras parecia fazer qualquer sentido, ainda mais em um livro como aquele. Como pensar em filosofia quando meu corpo reagia de formas completamente físicas à imagem do primeiro garoto bonito que aparecia na minha frente?

Acabei – para a minha sorte ou azar – adormecendo com o livro sobre o peito, entregando-me a um sono inquieto e a um sonho indesejado.

Claro que a imagem de Rafael foi a primeira coisa que surgiu na minha mente, assim que apaguei. Só que, diferente da real, que admirei naquela manhã, daquela vez eu o via em um ringue, sendo massacrado por um adversário muito mais velho e experiente do que ele. Porque eu sabia que era assim que as coisas funcionavam nas lutas clandestinas promovidas por Frank. Havia bastante dinheiro envolvido, e o espetáculo era sempre mais interessante quando alguém saía muito ferido. Ou morto.

Sabia que estava sonhando, mas não conseguia acordar. Parecia presa, como se fosse uma premonição. Era tanto sangue, tanta gritaria, tanto medo... Eu chorava, gritando o nome dele, apavorada porque mais uma pessoa perdia a vida

por minha causa. A culpa era minha. Da minha existência que mais parecia uma maldição.

Corri até ele, jogando-me ao lado de seu corpo imóvel, evitando tocar o rosto bonito desfigurado. Ofegante, levei as mãos ao seu peito, tentando sentir sua pulsação, mas não havia nada. Do meu outro lado, outra pessoa, também morta. Minha mãe. Colocando cada uma das mãos em cada uma das pessoas que jaziam sem vida ao meu redor, ouvi vozes gritando todo o tipo de acusações. Contra mim.

Eles estavam certos. Eu era a responsável... Nunca iria me livrar desse pesadelo.

— Nadine... — alguém me chamava ao longe, com uma voz firme, mas, além disso, também conseguia ouvir gritos apavorados que não sabia a quem pertenciam. — Nadine! — a pessoa falou com mais firmeza, e eu sentia mãos segurando meus braços, sacudindo-me.

Isso foi o que me trouxe de volta, e eu pude ouvir um pouco do berro que restou na minha garganta, dando-me conta de que era eu que estava gritando desde o início.

Assim que abri os olhos, a figura de Rafael foi o que me recebeu, em meio à escuridão, embora a parca luz do abajur ao lado da minha cama ainda proporcionasse iluminação suficiente para que eu o reconhecesse sem ficar assustada.

— Calma. Acho que você estava sonhando, mas me deu um susto.

Permaneci um pouco atordoada, olhando ao meu redor, respirando bem fundo e reparando que Rafael ainda me segurava com ambas as mãos. Desvencilhei-me dele, mas não com aflição, apenas porque precisava passar os dedos pelos cabelos, que caíam sobre minha testa e me incomodavam, principalmente porque ela estava levemente suada.

— Desculpa — falei com um fio de voz, quase como se a palavra não quisesse sair, tentando não encará-lo. Não tinha coragem.

— Você gritou o meu nome. Pensei que estava precisando de mim... Acabei dando um chute na sua porta e arrombando, mas acho que consigo consertar. Meu pai era bom nessas coisas e me ensinou alguns truques.

Ergui os olhos, arregalados, na direção dele.

— Você... você... veio correndo... por mim? — gaguejei. Novamente as palavras saíram estranguladas, com uma quantidade de emoção que eu não queria revelar, porque isso ia de encontro a tudo que vinha tentando fazer até aquele momento.

— Vim, claro. Você parecia muito assustada. — Deu de ombros, como se não fosse grande coisa.

Simples assim. Sua explicação era racional, como se fosse algo corriqueiro ele ter o ímpeto de correr para salvar até mesmo uma pessoa que não fora nada além de antipática desde que chegara. Fiquei olhando-o como uma lunática, estudando-o e tentando proteger meu coração de se apegar àquele garoto tão gentil – para não dizer o mínimo. Toda garota sonha com seu herói particular, e, aparentemente, lá estava o meu. Mesmo que fosse complicado, errado e perigoso.

— Já passou — disse, novamente tentando afastar meu olhar do dele antes que me perdesse.

Eu não estava acostumada com alguém cuidando de mim; em ter uma pessoa para se preocupar e me proteger. Não era inédito ter um pesadelo como aquele me acordando no meio da madrugada, mas sempre despertei sozinha, em meio à escuridão, sem ninguém para me confortar. O fato de ser diferente daquela vez me desmontou.

Levei uma das mãos ao rosto, esfregando-o, sem saber o que dizer. Esforçava-me ao máximo para que o choro não explodisse e me obrigasse a revelar mais dos meus sentimentos do que realmente desejava.

Tirando delicadamente minha mão do rosto, Rafael perguntou:

— Você está bem? — Assenti, ainda constrangida, e ele pareceu perceber. — Não precisa ter vergonha. Nenhum de nós dois tem uma vida cor de rosa que não mereça alguns pesadelos de vez em quando.

Tanta gentileza iria, certamente, me destruir. Fazia muito tempo que ninguém me tratava assim, e tudo o que eu fazia era retribuir como um bicho do mato, encolhida sobre a cama, como se acreditasse que ele poderia me fazer mal, embora soubesse que seria totalmente o contrário.

— Sei que não vai querer conversar sobre isso, mas sabe o que pode fazer? Trocar de quarto comigo só por hoje. A porta do meu está inteira, porque um brutamonte não a colocou abaixo. — Um sorriso muito discreto, surgiu no meu rosto, e isso pareceu agradá-lo, embora ele não tivesse comentado nada a respeito. — Lá você vai poder passar a chave, se quiser, e ficar mais tranquila.

Ele realmente achava que eu me trancava no quarto para me proteger dele? O quão cruel era isso?

Eu deveria me manifestar, explicar que seus pensamentos estavam equivocados, mas não conseguia. Talvez fosse melhor se pensasse que eu realmente o repelia daquela forma.

— E então? — insistiu.

— Tudo bem — respondi, ainda econômica, e Rafael levantou-se primeiro. Como eu hesitei, ele estendeu a mão na minha direção, na intenção de me ajudar, e eu aceitei.

Não era a primeira vez que me tocava, mas era a primeira vez que eu correspondia. Sempre achei que dar as mãos a alguém significava uma transmissão de confiança; era como entregar a condução de um caminho a outra pessoa. E, exatamente assim, Rafael me guiou até o seu quarto, entrando comigo.

Olhei ao meu redor e percebi que se mantinha muito mais organizado do que imaginei a princípio, especialmente em se tratando da situação em que vivíamos, já que ele poderia se rebelar e quebrar tudo, bagunçando cada cômodo. Eu fui assim um dia, até entender que de nada adiantaria.

Adiantou-se, então, indo até a cama e afastando o edredom, ajeitando os travesseiros. Tudo para mim.

Isso me intrigava e me confundia. Ele deveria me odiar. Deveria morrer de desprezo, mas agia como se fôssemos grandes amigos.

Gesticulou com a cabeça, apontando para a cama, e eu apenas obedeci, sentindo-me uma morta-viva, deitando-me.

Novamente demonstrando uma gentileza que não era condizente com seu tamanho, Rafael me cobriu, como minha mãe costumava fazer quando eu era bem menor, e eu simplesmente não pude parar de olhar para ele.

— Boa noite, Nadine. Se precisar, estarei no quarto ao lado. Não é como se eu tivesse outro lugar para ir — falou com um pouco de ironia, mas havia um quê de melancolia na forma como constatou nossa condição dentro daquele porão.

Assim, sem que eu dissesse nada, ele afastou-se da cama, deixando-me deitada. O certo seria deixá-lo sair, ficar novamente sozinha e tentar lidar com meus problemas sem um cavaleiro andante, já que eu não tinha o direito de bancar a donzela. Contudo, conforme Rafael foi se aproximando da porta, uma angústia se apossou do meu peito, além de uma necessidade de companhia. E ele era a minha única opção.

Não que fosse das piores.

— Eu estava sonhando com a minha mãe. — Com ele também, na verdade. Imaginei que não compraria aquela história, ainda mais se realmente gritei seu nome, como ele afirmou que tinha feito.

Ele ficou parado, ainda diante da porta, com a mão na maçaneta, mas virado para mim, dando-me atenção. Senti que estava em conflito, sem saber se deveria se aproximar ou permanecer ali mesmo. Então, continuei a falar, depois de me colocar sentada.

— Não a vejo há mais de um ano — expliquei com a cabeça baixa, olhando para meus dedos que brincavam com o edredom.

— Mais de um ano? — Rafael cuspiu as palavras, e eu olhei para ele,

encontrando-o com o cenho franzido. A luz do quarto dele estava acesa, então, podia vê-lo melhor. Não que não tivesse reparado antes, mas estava sem camisa, assim como quando o vi mais cedo. Assenti em resposta às sua pergunta. Sem nenhum tipo de convite, ele começou a se aproximar. — Há quanto tempo ele te mantém aqui?

— Três anos.

— Meu Deus! — exclamou chocado, levando uma das mãos à cabeça. — Eu sinto muito por você. Por todo o tempo que perdeu.

Parecia sincero. E eu lhe devia o mesmo tipo de consideração. Tanto que se fosse uma pessoa um pouco mais decente, teria dito que a tendência era que ele também passasse muitos anos ali dentro. Isso se sobrevivesse por tempo suficiente.

— E a sua mãe? Não faz nem fala nada? — Sentou-se aos meus pés, sobre a cama, sem nem precisar de convite, mas não me importei.

— Depois que meu padrasto morreu, minha mãe ficou muito vulnerável, e meu tio veio morar com a gente para *ajudar* — usei de todo o meu desdém para proferir aquela palavra. — Só que ele começou a enchê-la de tranquilizantes. Ela mal ficava acordada. Para outras drogas foi um pulo.

— Eu lamento muito. — Fez uma pausa, fixando aqueles olhos gentis em mim e observando-me por um momento. — Mas isso ainda não explica o motivo de você viver trancada aqui.

Prendi o ar e amarrei as palavras dentro da minha garganta, certa de que elas acabariam escapando se eu permitisse. Novamente, Rafael merecia saber a verdade, mas eu tinha muita vergonha do que precisaria lhe dizer. Era doentio demais, humilhante, e, por algum motivo, não queria que ele me odiasse, embora estivesse agindo com muito empenho para o contrário. Não que fosse o caso, porque sabia que a culpa não era minha, mas ele poderia encarar de outra forma.

— Ele é louco. Um sádico... — não era uma explicação satisfatória, mas teria que servir. Eu iria contar o que precisava saber, mas não naquele momento.

Abaixei a cabeça, sentindo-me envergonhada mais uma vez, e Rafael repetiu o gesto de antes, colocando a mão sob o meu queixo e erguendo-o, obrigando-me a olhá-lo.

— Ei... eu vou arrumar um jeito de sair daqui. E vou te levar comigo.

Havia muita certeza naquela afirmação, uma enorme veemência, e, por um segundo, me deixei acreditar nele. Tanto na sua capacidade de nos tirar daquele lugar quanto na promessa de que me levaria junto. Eu poderia ter duvidado desta segunda parte, porque ele não devia nada à garota estranha e arisca que sequer retribuía suas tentativas de amizade, mas algo me dizia que havia um senso de honra inabalável no coração daquele garoto, mesmo sendo tão jovem.

Mais uma vez tive a certeza de que sua alma era de herói. Se permitissem, eu poderia jurar que ele tentaria fazer a diferença no mundo.

Já estava fazendo a diferença na minha vida. Por mais medíocre que ela fosse. Conseguiu reviver dentro de mim a esperança de que ainda havia pessoas boas lá fora.

— Você não deveria ser tão legal comigo — pensei alto. Quando me dei conta, as palavras já tinham saído em um tom envergonhado, estrangulado.

— Bem, você realmente tem me dado uma canseira... — brincou, e eu novamente sorri, mesmo sem querer. — Mas acho que se pensarmos juntos podemos chegar a algum lugar. Literalmente.

Eu poderia concordar com aquela proposta. Poderia aceitar sua amizade, planejar uma fuga – embora soubesse que seria quase impossível –, mas tudo isso era perigoso demais. Poderia fazer a diferença entre a vida e a morte para ele. Poderia proteger meu coração de ser partido de novo pela perda de uma pessoa que se tornaria relevante para mim.

E Rafael tinha potencial para se tornar muito especial.

Trocamos olhares por alguns instantes, em silêncio, até que Rafael levantou-se, fazendo menção de que finalmente iria embora.

— Vou te deixar dormir. Qualquer coisa... já sabe.

Sim, eu já sabia que ele estaria lá por mim, caso eu precisasse. Ficaria a postos para sair correndo e arrombar uma porta no chute só para verificar a integridade da garota histérica que só fez ignorá-lo nos últimos dias. A garota que o deixou sozinho, depois de ele descobrir que tinha sido enganado por um homem que prometera ser sua maior esperança.

Embora não o conhecesse, não era difícil entender que aquele era o tipo de pessoa que Rafael era.

Exatamente por isso, foi inevitável desejar sua companhia. Não apenas porque não estava pronta para ser deixada sozinha – embora esta fosse a minha rotina –, mas porque eu queria tê-lo por perto. Há muito tempo não me sentia tão segura. E este era um sentimento que me acalentava e que realmente queria nutrir, depois de tanto tempo vivendo com medo.

— Fica comigo. Só até eu dormir... — o tom de súplica de minhas próprias palavras foi totalmente involuntário, mas perceptível. Não sei se foi isso que fez Rafael voltar-se para mim, surpreso, ponderando o que eu tinha acabado de dizer, ou se ele realmente queria atender ao meu pedido.

Só que o que passava pela minha cabeça parou de importar no momento em que ele saiu de perto da porta e se aproximou do armário, pegando uma camisa e vestindo-a. Não que eu me incomodasse se continuasse daquele jeito, mas achei bem cavalheiro da sua parte, afinal, poderia ser mais um motivo de

constrangimento em uma relação que não tinha nada de confortável.

Aproximando-se com cautela, bem devagar, como se quisesse me dar tempo de desistir, Rafael sentou-se na cama, esticando as pernas muito longas e apoiando as costas na cômoda, também cruzou os braços bem espremidos para não invadir meu espaço, principalmente porque seus ombros eram naturalmente largos.

Depois de algum tempo calado, ele voltou os olhos para mim, como se me desse a opção de escolha. Ou talvez nenhum de nós tivesse o que dizer ao outro. Na verdade, quanto menos eu falasse, quanto menos lhe desse chance de me mostrar mais de sua personalidade que me parecia tão encantadora, mais eu estaria protegida. E ele também, principalmente.

Por isso, olhei também para ele, já decidida sobre o que fazer.

— Será que a gente pode ficar em silêncio mesmo? Só não quero ficar sozinha.

Ele sorriu. Tão doce, tão cálido, que teria me feito desmoronar se não estivesse deitada na cama. De fato, eu não estava acostumada a tanta gentileza.

— É um começo — seu tom de voz fazia com que parecesse que estava falando com uma garotinha de dez anos. Isso me incomodou um pouco, mas eu não saberia dizer o motivo. Então, complementou: — Entendo sua relutância, Nadine. Eu sou o intruso aqui, o estranho. Não pretendo te forçar a nada, mas seremos só nós dois, aparentemente. Acho que se pudermos tentar enfrentar tudo juntos, as coisas podem ser mais fáceis.

— Não é bem assim... — Ajeitei-me na cama, também mantendo o máximo de distância dele, porque não me sentia à vontade para sequer tocá-lo.

Diante da minha resposta nada esperançosa, ele suspirou.

— Vamos com calma, sem problemas. Do jeito que você quiser. Agora durma. Estou aqui, não vou te deixar sozinha.

Foi reconfortante ouvi-lo dizer isso, como ser embalada por uma canção de ninar. Talvez eu estivesse muito à flor da pele, o que fora agravado por sua chegada em minha vida, mas havia algo de estranho em meu comportamento em relação a ele. Pensei que seria fácil me manter afastada, indiferente, mas Rafael e seu jeito irresistivelmente doce tinham o poder de quebrar todas as minhas barreiras. Tanto que girei no colchão, virando-me na direção dele, encolhida, e involuntariamente minha mão buscou a dele, que descansava sobre seu abdômen.

Nem sei por que fiz isso, mas a sensação foi boa. Especialmente pela forma como ele rapidamente correspondeu ao gesto, entrelaçando os dedos nos meus.

Criamos uma conexão ali. Eu não fazia ideia de como, do motivo, mas a partir daquele momento algo mudou em mim. Tive, então, a profunda certeza de

que acabara de conquistar um amigo, mesmo da forma mais estranha possível.

Só que esta mesma certeza foi o que me fez acordar de súbito, bem cedo, pouco depois das seis. Minha mão ainda estava presa à de Rafael, mas este estava dormindo, ainda na mesma posição que deitou, sentado, mal acomodado, desconfortável. Devia ter pegado no sono em algum momento da noite, mas cumprira sua promessa de não me abandonar.

Eu poderia estar tirando muitas conclusões a seu respeito, em muito pouco tempo e sem contato suficiente para me sentir capaz de tantos julgamentos precipitados, mas tinha a impressão de que ele jamais abandonava alguém.

Era uma pena não poder usufruir de tudo o que ele tinha para oferecer.

Pensando nisso, imediatamente arrependendo-me de ter estabelecido aquela proximidade na noite anterior, soltei sua mão, ao senti-lo remexer-se, e levantei-me da cama, saindo correndo como uma covarde.

Ouvi seus movimentos, o ranger da cama, seus passos, e logo soube que estava vindo atrás de mim. Como um animal acuado, entrei no banheiro do meu quarto e me tranquei lá dentro, sentando-me no chão, encolhida, agarrada aos joelhos. Tudo o que não chorei na frente dele na noite anterior começou a se manifestar naquele momento, como se uma tempestade viesse se formando aos poucos, enchendo o céu de nuvens, para só cair horas depois.

Eu era uma confusão de emoções inquietantes e não podia me conter. Mas não queria que me visse daquele jeito. Refugiada, escondida como uma criminosa, pude finalmente me deixar levar.

— Nadine, é sério isso? — Ouvi a voz de Rafael do outro lado da porta, chamando-me depois de bater na porta. Não respondi, então, ele insistiu: — Vai fugir de mim de novo?

Pude ouvir uma respiração profunda, como se ele estivesse suspirando pesado, cansado. Isso era bom. Se perdesse a paciência comigo, deixaria de ser tão gentil, e nenhum de nós se apegaria ao outro.

Frank não podia ganhar daquela vez. De maneira alguma.

Só que não demorou muito para que eu ouvisse mais uma movimentação dentro do meu quarto. Suspeitei que Rafael fosse agir com teimosia, insistindo em me procurar, cercando-me, já que em algum momento eu iria precisar sair dali, mas consegui olhar pelo buraco da fechadura e constatei que estava consertando a minha porta. Em silêncio. Empenhado. Novamente respeitando meu espaço.

Imaginei que fosse demorar, então, voltei à minha posição inicial – sentada no chão gelado do banheiro, aguardando que o barulho cessasse, me dando a certeza de que ele tinha terminado.

Porém nem precisei disso, porque umas duas horas depois, um dos famosos

papeizinhos de Rafael foi colocado por debaixo da porta, e ele deu duas suaves batidas, como sempre fazia, sem dizer nada.

Apressei-me em engatinhar na direção do recado, pegando-o do chão e abrindo-o com pressa.

"Sua porta está consertada. Não precisa mais ficar neste banheiro. Vou passar algumas horas no meu quarto para que possa ir à cozinha pegar alguma coisa para comer. Você não dormiu muito bem, então, não pode ficar de estômago vazio.

Vou continuar respeitando seu espaço, Nadine, mas se precisar de um amigo, ainda estou aqui. A promessa de ontem continua de pé."

LÁ ESTAVA ELE, novamente quebrando mais um pedacinho da barreira de vidro que tentei construir ao redor do meu coração.

Seria uma batalha injusta, porque ele parecia muito empenhado em vencer. E eu adoraria perder, se fosse para recebê-lo em minha vida, aplacando a solidão e o vazio que aqueles anos de reclusão tinham causado.

Tudo o que me restava era esperar para ver o que iria acontecer.



Capítulo 3

Rafael

CABEÇA VAZIA, OFICINA DO DIABO. Isso era algo que meu pai sempre dizia, com aquele seu jeito ranzinzo que chegava a me divertir, quando não me irritava profundamente. Se me via parado, olhando para a televisão, tirando um cochilo à tarde ou divagando, ele me chamava para ajudá-lo a consertar alguma coisa, mexer em seu carro – que era algo que adorava – ou me levava para a área de serviço de nossa casa de vila alugada para o que chamava de *treinar*. Na verdade, acho que fazia isso para não perder a forma, mas eram os momentos em que eu me sentia mais próximo dele.

E, porra, eu sentia a sua falta.

Já fazia quase um mês que estava morando ali naquele porão, e tinha a impressão de que todo o tempo ocioso que passei a ter multiplicou minha saudade dos meus pais. Enquanto vivia na rua, não tinha muitas oportunidades para pensar em suas ausências, mas ali era como se tudo ganhasse proporções astronômicas.

Em todos aqueles trinta dias, não vi Johnny. Não fazia ideia do que estava sendo feito ao menino. Uma pessoa vinha uma vez por semana, de manhã cedo, deixar a comida. Na primeira vez em que o vi – uma espécie de capanga – agarrei-o pela gola, joguei-o contra a parede e exigi q me falasse o que sabia. Porém, não demorei a chegar à conclusão de que realmente não passava de um bode expiatório.

Também não conseguia entender o motivo pelo qual Frank ainda não tinha me chamado para alguma luta. Na verdade, ele ficou sem aparecer durante todo aquele tempo, mas quando surgiu, exatamente um mês depois do fatídico dia do jantar, a recepção que lhe dei não foi muito diferente da que ofereci ao seu porta-voz. Foi só vê-lo para que eu voasse em cima de sua figura que me provocava

náuseas. No entanto, ele vinha com Johnny, que era escoltado por outro homem, o mesmo capanga que nos levava mantimentos esporadicamente. Bastou um olhar para o menino para que eu soltasse o desgraçado, entendendo que eu poderia até socá-lo, mas a criança pagaria pelas consequências.

O menino parecia intacto, mas havia algo em seu olhar que eu podia distinguir. Tratava-se do mesmo medo que testemunhei quando o conheci, nas ruas, e decidi deixá-lo sob minha proteção. Quase o mesmo medo que via em Nadine quando conseguia olhar para ela. Frank Danneman era um psicopata. Um torturador psicológico. Nem mesmo tendo presenciado coisas bem feias nos anos em que passei abandonado à própria sorte senti tanto ódio de alguém.

— Espero que esteja bem instalado — falou com aquela cara de pau que eu adoraria destruir com alguns socos. — Vim para ver se tudo está correndo bem, se estão precisando de alguma coisa...

Como podia ser tão filho da puta?

— Liberdade, talvez — respondi por entre dentes, sentindo que poderia explodir caso ele continuasse agindo daquela forma. Cerrei as mãos em punho, nas laterais do meu corpo, tentando me controlar.

— Liberdade é algo superestimado. Vocês têm tudo que podem precisar aqui. E se faltar algo, é só pedir.

Precisei lançar mais um olhar na direção da criança acuada ao lado dele para me lembrar do porquê de eu não poder destruí-lo ali mesmo. Qualquer movimento em falso, o homem que o segurava iria reagir, eu tinha certeza disso. Fora que ainda teria que dar um jeito de pegar Nadine. Não poderia ir embora deixando-a para trás, porque eu jamais quebrava uma promessa.

Acabei ficando calado também, apenas esperando o que aquele louco poderia ter para falar. Começou a andar pelo porão, avaliando tudo. Ao chegar à área dos quartos, apontou para a pequena sala de musculação.

— Espero que esteja se preparando. Muito em breve terá sua primeira luta. É bom que esteja em forma.

Eu estava, sim, me mantendo em forma, mas não apenas para lutar por ele. Para lutar *com* ele. Na primeira oportunidade, iria quebrá-lo ao meio. Para isso, vinha realmente ocupando meu tempo naquela academia mais do que seria saudável. Por isso e, claro, pela ociosidade. Não aguentava mais ver televisão, e por mais que gostasse de ler, não conseguia ficar o dia inteiro com a cara em um livro.

Não respondi nada, porque não queria e não precisava lhe dar satisfações.

Continuou andando, observando tudo, até que parou em frente à porta de Nadine. Tentou girar a maçaneta, mas a encontrou, como sempre, trancada.

— Ela é uma coisinha encantadora, não é? Só que sabe ser um pouco arisca.

Esta porta trancada me diz muitas coisas, mas vou resolver este problema para você.

Tirando um molho de chaves do bolso, Frank começou a destrancar a porta de Nadine. Em um ato de puro reflexo, espalmei a mão na madeira, impedindo-o de entrar.

— Você não vai entrar no quarto dela sem permissão. Ela pode estar trocando de roupa, dormindo! — Por algum motivo, eu não queria nem imaginar Frank perto de Nadine com ela tão vulnerável pelo sono.

Minha atitude colocou um sorriso malicioso, quase perverso em seu rosto. Eu não era burro. Longe disso. Não foi muito difícil começar a compreender que tinha a intenção de fazer com que criássemos laços de amizade. Obviamente para usá-la como chantagem, exatamente como fazia com Johnny.

— Ela é *minha* sobrinha.

— Isso não te dá o direito de invadir a privacidade dela assim. — Eu sabia que estava agindo errado, dando a ele exatamente o que queria, mas não conseguia nem pensar. Não iria fingir outra situação; não quando aquela garota assustada poderia precisar de mim.

Ele não pareceu intimidado, ainda mais quando Nadine apareceu, abrindo a porta. De cabeça baixa, sem encarar ninguém, resignada e submissa.

Frank olhou para mim com um ar vitorioso e entrou no quarto da garota. Só que quando começou a se preparar para fechar a porta, eu novamente a espalmei.

— Você não vai ficar aí dentro trancado com ela. Eu não vou deixar.

O que diabos ele iria fazer com ela dentro de quatro paredes, trancado e sem supervisão? Não podia, de forma alguma, permitir que as coisas mais terríveis que passavam pela minha cabeça acabassem acontecendo em minha presença. Se ele tocasse nela...

Mais uma vez Frank olhou na direção de Johnny, enviando-me o recado que era mais do que suficiente para que eu entendesse que minha rebeldia poderia ter consequências muito graves. Vi o brutamonte que segurava a criança apertar seus ombros com mais força, fazendo o rosto do menino transfigurar-se em uma careta de dor.

— Rafael... tá tudo bem — Nadine também falou, com uma voz frágil que me dizia que era a mais pura mentira. Seus enormes olhos azuis fixaram-se nos meus, tentando me convencer de que não havia remédio.

Então, eu me afastei da porta, sem conseguir parar de fitá-la, esperando que desse um sinal – qualquer um – de que queria que eu intercedesse. Eu não poderia hesitar se fizesse isso. Não poderia sequer pensar em Johnny naquele momento. Teria que fazer uma escolha, mas não foi o caso. Frank entrou no quarto de Nadine, fechou a porta atrás de si, e tudo que me restou foi esperar.

Assim que me vi na sala, sozinho com Johnny e o homem desconhecido, virei-me para ele, sentindo o coração martelar no peito. Sentia-me literalmente entre a cruz e a espada.

— Você está bem? — perguntei ao menino. — Ele tem te machucado? Está te dando comida? — Eram muitas as preocupações, mas precisei limitar meu interrogatório, porque, tomado pelo desespero, não conseguiria ir muito longe.

— Estou bem. Estou comendo. E, não, ele não me machucou.

Respostas econômicas que eu não poderia colocar minha mão no fogo sobre serem verdadeiras ou falsas. O homem atrás de Johnny, que ainda o segurava, o controlava. Acuado, a criança diria apenas o que era esperado.

Foram cinco minutos de agonia, porque Frank logo saiu do quarto de Nadine, o que me fez respirar aliviado, imaginando que não teria dado tempo para o pior. Contudo, ainda não poderia apostar que nunca fizera isso antes. Especialmente porque ela não falava comigo.

Ao sair, fechou a porta, e ergueu a chave ao nível dos meus olhos, bem próxima de mim, fazendo-me sentir ainda mais nojo.

— Agora ela não pode mais fugir de você.

Foi tudo o que ele disse antes de passar um braço ao redor dos ombros magros de Johnny, conduzindo-o para fora do porão, novamente me deixando sozinho com Nadine lá dentro.

Precisei de alguns minutos parado, no meio da sala de estar, ainda olhando para porta, porque tudo parecia irreal demais. Toda a situação se desenrolava como um pesadelo, e eu ainda tinha fé que acabaria acordando de uma hora para a outra.

Enquanto não despertasse, precisava resolver as coisas.

Agora eu sabia que a porta de Nadine não estava trancada, e a julgar pelo desespero que sentia para saber o que aquele cara fazia com ela, eu poderia ter irrompido seu quarto e exigido respostas. Mas isso me igualaria àquele homem odioso e iria contra o que eu tinha acabado de falar para ele sobre não invadir a privacidade da garota.

Eu poderia escrever algum bilhete, como vinha fazendo todos os dias durante aquele mês, mas sentia-me angustiado demais para isso. Então, parei diante de sua porta, hesitando, com o punho a meio caminho. Desisti antes de bater, encostando a testa na madeira e respirando fundo.

Pensei em sair dali, deixá-la em paz, mas, se eu estava mal, devastado por aquela visita, imaginava que ela poderia não encontrar-se em muito melhor estado.

— Nadine — chamei, sem nem bater na porta, continuando com a cabeça colada à barreira que nos separava. — Por favor, fala comigo.

Era a primeira vez que implorava daquela maneira. Só que já fazia um mês. Eu podia ser o mais otário da face da terra, mas, por algum motivo, achava que ela sofria também. Havia um motivo para o distanciamento, e eu começava a conjecturar que tinha a ver com a forma como Frank tentava nos aproximar para usá-la contra mim. Se isso fosse verdade, aquela garota era mais corajosa e admirável do que imaginei a princípio. E... porra, eu queria conhecê-la.

Como ela não respondeu ao meu chamado, virei-me de costas para a porta, escorregando por ela e me sentando no chão, com os ombros e a cabeça inclinada, apoiados na madeira. Estiquei uma perna e flexionei um joelho, jogando um braço por sobre ele. Tentei encontrar uma posição confortável, porque estava disposto a ficar ali até que cedesse.

— Só me diz se você está bem... se ele te machucou.

Silêncio. Era frustrante. Por um minuto cheguei a cogitar mudar de ideia e entrar, temendo que pudesse estar ferida, inconsciente ou algo assim, mas comecei a escutar algumas coisas. Eu não tinha bola de cristal, mas meu ouvido era bom o suficiente para interpretar todos os seus movimentos e desenhar a cena de que estava se sentando do mesmo jeito que eu, do outro lado, tornando-nos duas figuras quase em simetria.

Poderia ser uma ilusão da minha cabeça, mas quis continuar pensando desta forma.

— Estou bem — ela garantiu, mas sua voz cansada e embargada dizia o contrário. Apesar disso, soava muito próxima, corroborando com a teoria de que tinha se sentado também encostada à porta.

— Você está aí? Atrás de mim?

Outra vez sem resposta imediata, mas decidi aguardar, na esperança de que falasse um pouco mais comigo.

Ainda bem que não foi infundada, porque ela novamente respondeu:

— Estou.

Respirei fundo outra vez.

— Não precisa abrir a porta... Não vou me aproveitar do fato de você estar sem a chave. Só vou entrar se me deixar entrar.

Esperei que ela respondesse. Por uns bons minutos. Mas cheguei à conclusão de que não viria nada. Então, caberia a mim iniciar o tal monólogo que não quis fazer desde o início.

— É injusto você morar com uma pessoa de quem não sabe nada. Vou me apresentar de verdade, para que entenda que não precisa ter medo de mim...

Fiz uma pausa, pensando em como deveria começar. Havia tantas coisas que eu poderia dizer, mas nenhuma delas era bonita. E eu não queria encher a cabeça de Nadine com a parte podre da minha existência.

Quando, portanto, consegui reunir as primeiras ideias para começar a falar, um papelzinho surgiu ao meu lado, vindo de debaixo da porta dela.

Peguei-o e o abri, encontrando uma caligrafia graciosa, feminina, escrita em caneta rosa: "*Eu não tenho medo de você*".

Não pude conter um sorriso.

— Bom! Bom! Isso é muito bom! — falei por entre uma risada boba, satisfeito por estarmos fazendo algum progresso.

O que era ridículo. Eu estava conversando com uma garota com uma porta a nos separar, e ela nem sequer queria *falar* comigo. Mas me senti feliz como se tivesse acabado de ganhar um presente de Natal.

— Então... Bem... — Pigarreei, contendo a animação antes que ela me achasse um louco. — Meu nome é Rafael Loureiro, tenho dezesseis anos. Não sei o que você sabe sobre mim, se é que sabe alguma coisa, mas morei na rua por algum tempo. Só que não foi sempre assim. Eu tinha mãe e pai. Bons, aliás. Minha mãe era a melhor. Ela era linda, culta... Entendia de arte, música, cinema... Me ensinou muita coisa. — Fiz uma pausa, engolindo em seco. Desde sua morte, quando eu tinha doze anos, nunca parei para falar sobre ela. — Meu pai... — Suspirei. — Ele era muitas coisas. Muitas mesmo, mas o que eu sempre me lembro quando fecho os olhos é a forma como ele olhava para ela; como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo. — Sorri, cheio de nostalgia. — Então, o que eu posso falar primeiro do meu pai? Ele era completamente apaixonado pela minha mãe. Mas também era lutador. Profissional e dos bons. Não tinha muito estudo, mas conseguiu nos dar uma vida boa, só que isso afastou minha mãe da família dela. Meu avô tinha uma puta condição financeira, mas nunca mais quis saber dela por causa do casamento. Nem mesmo quando ela morreu ele foi ao velório.

Mais alguns instantes de silêncio, o suficiente para que Nadine passasse mais um papelzinho. "*Sinto muito*", ela dizia.

— É. Eu também. Sinto por ele, na verdade, porque perdeu anos com a melhor pessoa que conheci. — Dei uma risadinha tola. — Tá que era minha mãe, então, eu não sou muito imparcial, mas é a verdade. Todo mundo gostava dela. Tudo que sei, hoje em dia, devo a ela. — Fiz mais uma pausa. — Não, isso não é verdade. Estou sendo injusto. Posso ter aprendido sobre cultura com ela, mas sobre honra, aprendi com meu pai. E a lutar também. Não que eu goste muito, mas, se não fosse isso, teria morrido de fome.

Ainda havia muitas coisas boas para contar, mas se queria que ela soubesse quem eu era, precisaria detalhar tudo o que me transformara na pessoa que eu era naquele momento e que ela viria a conhecer, se permitisse.

— Meu pai morreu um ano depois da minha mãe. Depois que ele a perdeu,

começou a beber, parou de lutar, e não conseguimos mais ganhar dinheiro. O aluguel da casa atrasou, nos enchemos de dívidas a um ponto em que tive que vender o pouco que nos restava para pagar. E quando ele morreu, fiquei sozinho.

Outro papelzinho.

"Nunca pensou em procurar seu avô?"

— Não, nem pensar. Se não quis minha mãe, não iria querer a mim. Ele a desprezou por anos, então, eu o desprezo também. Ela não merecia.

Era uma forma muito burra de orgulho, porque eu estava negligenciando minha própria sobrevivência. Além disso, meu avô era rico, e muitos diriam que eu tinha direito àquele dinheiro, mas meu pai sempre me ensinou que se não suei para ganhar, não me pertencia.

— Seja como for, uma assistente social me levou para um lar temporário. Pulei de um para o outro, e olha que eu nunca fui um encenqueiro. Só que tem pessoas muito cruéis no mundo. — Dei uma risadinha sarcástica. — Olha o que eu estou falando... Você sabe disso melhor do que ninguém, já que convive com a própria cria do diabo.

Eu a ouvi rir bem de leve do outro lado da porta, e isso me fez sorrir.

— Muita gente tentou me levar a fazer coisas erradas, mas a criação que recebi me salvou. Tive medo de decepcionar os meus pais. Queria que eles tivessem orgulho de quem eu sou, mesmo que as circunstâncias não fossem as melhores. Queria me manter uma boa pessoa. Por causa deles.

Segundos depois, um novo recado de Nadine. Daquela vez sua caligrafia pareceu um pouco menos precisa, como se tivesse escrito com pressa.

"Você é uma boa pessoa. Eles devem estar muito orgulhosos."

Fechei os olhos, porque queria manter a imagem daquelas palavras por mais tempo presa neles.

— Obrigado, Nadine. Mesmo. Significa muito.

Mal consegui continuar o relato, porque meu coração estava pesado. Ainda havia coisas que eu poderia dizer, mas talvez fosse melhor dar tempo ao tempo. Provavelmente era hora de sair dali daquele chão e buscar algo para fazer – talvez o jantar –, mas outro bilhete de Nadine me impediu.

"Quer entrar?", ela perguntou.

Só isso.

Como se a escolha fosse minha.

— Quero. Muito. Mas só se você não se importar...

Eu a ouvi se remexer do outro lado, então, levantei-me também. Cheguei a passar a mão pela minha blusa, tentando ajeitá-la no corpo, sem nem saber o motivo, já que ela tinha me visto poucos minutos atrás.

Então, ela abriu a porta. De cabeça baixa, sem me encarar, como o bichinho

do mato que era. Fiquei ali parado, meio que sem saber o que fazer, até que ela se mexeu, abrindo espaço para que eu passasse.

Com as mãos nos bolsos da bermuda, fui andando pelo cômodo, observando as coisas ao meu redor.

Eu já tinha entrado em seu quarto mais de uma vez, e, na última, por acaso, cheguei a passar um bom tempo, consertando sua porta. Claro que a quantidade de borboletas que havia por toda parte não me passou despercebida, mas finalmente eu tinha a oportunidade de perguntar.

— Qual é a história de tantas borboletas? — tentei indagar de forma casual, esperando não soar tão nervoso quanto realmente estava. Era a primeira vez que ela me recebia voluntariamente em sua vida. Na primeira vez em que chegamos a ter um diálogo de verdade, eu tinha invadido seu quarto, depois de arrombar sua porta, e ela acabou falando algumas poucas coisas. Ali, era de livre e espontânea vontade. Ao menos eu achava que sim.

Nadine tomou a dianteira e caminhou até a parede atrás de sua cama, tocando a enorme e brilhosa borboleta colada à parede. Havia outras espalhadas pelo quarto: almofadas, pequenas estátuas, um mensageiro dos ventos – embora não entrasse vento nenhum naquele cômodo –, além de muitas outras representações.

— Quando eu era bem pequena, sofri um acidente em casa. Caí dentro da piscina e ainda não sabia nadar. Meu padrasto correu e me tirou, só que eu estava assustada e com o peito ardendo por ter engolido água. Estava prestes a chorar, mas uma borboleta azul pousou bem no meu nariz. Então, eu sorri e tudo ficou bem. — Ela fez uma pausa, ainda de costas para mim, acariciando a imagem na parede. — Outras vezes isso aconteceu também. Era como se elas me seguissem por toda parte. Menos aqui. — Sua voz adquiriu um tom melancólico que me partiu ao meio. Então, virou-se para mim, ensaiando um sorriso desanimado. — Acho que é por isso que tenho tantas...

A história daquela garota deveria ser ainda mais pesada do que a minha. Tudo bem que viver nas ruas, sem família, sem ter o que comer e cercado por todo tipo de gente, não era algo fácil, mas passar três anos completamente sozinha e sem poder ver a luz do dia talvez fosse ainda pior.

Tentei não tecer comentários, porque não queria que ela me visse com pena. Imaginava que não iria gostar disso. Aquele era o nosso primeiro contato de verdade, e eu queria, ao menos, deixá-la um pouco mais contente.

O quarto dela era bem amplo, até mais do que o meu, e tinha de tudo um pouco. Só que a coisa que mais me chamou a atenção foi um cômodo anexo, que eu ainda não tinha visto, além do banheiro onde ela cismara de ficar trancada da outra vez. Era uma espécie de closet, mas ao invés de estar repleto de roupas e

calçados, havia estantes e mais estantes com livros, CDs e DVDs. Era uma coleção insana.

— Uau! — comentei, aproximando-me. — Você tem de tudo um pouco aqui. Já leu e assistiu a tudo isso?

— Tenho muito tempo livre, né? — Deu de ombros, enquanto eu pegava um exemplar de *Os Miseráveis*, em capa dura, nas mãos. — Ainda não li todos, mas a maioria. Frank me envia caixas e caixas com alguma frequência. — Ao falar do tio, sua expressão mudou, novamente tornando-se raivosa e cheia de desprezo.

— Qual o seu favorito?

Ela olhou para mim e sorriu. Aparentemente, falar de livros era algo que a deixava mais confortável. E se era assim... Bem, eu poderia até recitar Shakespeare – se eu tivesse algum conhecimento tão profundo assim – se fosse para fazê-la sorrir daquele jeito mais vezes.

Sem dizer nada, Nadine seguiu até a enorme estante, parecendo saber exatamente onde estava o livro que buscava. Eu, por minha vez, devolvi o que tinha nas mãos para seu lugar correto.

Parou diante de uma prateleira, estendeu a mão e tirou de lá um enorme volume grande e pesado, de capa dura, entregando-o a mim.

— *As Brumas de Avalon*? — li enquanto erguia uma sobrancelha, intrigado com a escolha.

— Eu adoro a história de Rei Arthur. Esta é minha versão preferida, mas tenho muitas outras na estante. Este encadernado era da minha mãe; ela mesma mandou fazer em uma gráfica, porque o livro foi dividido em quatro volumes. — Colocou a mão por sobre a capa do livro que permanecia comigo, acariciando-a. — Sou apaixonada por ele, porque é único. Ninguém tem um igual.

— Sei muito pouco sobre Rei Arthur; só o que aquele filme da Disney mostrou.

— Então leia este.

— Vai me emprestar?

— Por que não?

— Porque é o seu xodó. Mas claro que não é como se eu pudesse fugir de você e sumir com ele.

Bola fora, Rafael. Ela estava finalmente se soltando, e eu definitivamente não precisava lembrar-lhe de que vivíamos ali em cárcere privado.

Ainda assim, para a minha sorte, apesar do olhar melancólico que me dirigiu, logo respondeu:

— Se eu puder fazer com que mais pessoas leiam meu livro favorito, melhor para mim...

— Vamos poder comentá-lo depois? — foi uma tentativa. Novamente um pouco desesperada para garantir que teríamos outras conversas.

Nadine deu de ombros.

— Tá, tudo bem — respondeu sem nenhum entusiasmo, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Além de tudo, ela ainda era tímida, o que era facilmente compreensível. Depois de três anos vivendo completamente sozinha, poderia ter perdido a capacidade de socializar, mas ainda se empenhava para isso. — Posso te falar uma coisa completamente fora de contexto e que vai me deixar muito envergonhada?

— Você pode me falar tudo que quiser.

— Ah, meu Deus! — Ela levou as duas mãos ao rosto, sorrindo um pouco mais amplamente. Não que eu não tivesse percebido antes, mas ela *realmente* era linda. — Eu não acredito que vou dizer isso.

— Quer que eu fale algo constrangedor também para você se sentir mais à vontade?

— Não precisa. É que... bem... você vai ler o livro e vai entender. Mas você me lembra um pouco o Lancelot.

Ergui as sobrancelhas em uma expressão de surpresa.

— Eu? Lancelot?

— É. Ele é corajoso, leal e altruísta. — Ela fez uma pausa, encolhendo os ombros, ainda muito constrangida. — Eu não te conheço tão bem assim, mas foi o que me demonstrou neste tempo em que está aqui. A forma como correu naquele dia do pesadelo para ver se eu estava bem e como me defendeu hoje de Frank... — Respirou fundo. — Ou talvez eu seja só uma boba.

Ser comparado a um herói lendário e receber elogios tão significativos de uma garota que fugia de mim como se eu tivesse uma doença contagiosa sem dúvidas me fez ganhar o dia. O mês. O ano.

Afastando-se novamente, ela evitou me olhar nos olhos e recomeçou a andar pelo quarto. Decidido a não perdê-la novamente, eu a segui, vendo que pegava um DVD específico na outra estante.

— Se você quiser assistir ao filme também... — Ela me entregou o DVD, e eu decidi fazer uma tentativa. — Não é tão legal quanto o livro, mas eu até que gosto. Já vi umas três vezes.

— Por que não assistimos juntos?

— São mais de três horas de filme — ela avisou com os olhos arregalados.

— Você tem algum compromisso? Além de fugir de mim, é claro... — indaguei, em uma tentativa de humor sarcástico, que eu não sabia se iria funcionar com ela. Porém, Nadine pareceu não se importar e novamente abriu um meio sorriso.

— Tá, tudo bem — novamente a timidez adorável, e eu senti como se conquistasse o mundo com aquela resposta.

Sendo assim, saímos de seu quarto. Enquanto ela preparava o DVD no aparelho, fui até o meu quarto para deixar o exemplar do livro sobre o criado mudo; e fiz isso em tempo recorde, porque temia que mudasse de ideia e novamente se escondesse. Só que ela ainda estava ali quando voltei, mas não parecia muito animada.

— Isso não é certo — falou baixinho quando sentiu minha presença.

— Por que, Borboleta? — A forma como a chamei fez com que ela se virasse para mim abruptamente. — Posso te chamar assim?

— Pode, claro — respondeu sem muita segurança, um pouco confusa.

— Então... por quê? — Joguei-me no sofá, de frente para ela, que permanecia de pé. — Até onde eu sei, nós só vamos ver um filme. Ainda não somos amigos...

Nadine novamente voltou seus lindos olhos para os meus, olhando-me com atenção e me estudando.

— Tudo bem.

Com um sentimento de vitória, deixei que se sentasse também, na outra ponta do sofá de três lugares, deixando um bom espaço de distância entre nós. Antes que pudesse usar o controle para dar Play no filme, levantei-me, com um dedo em riste, mais animado do que me sentia há dias.

— Acho que em uma sessão de cinema não pode faltar pipoca. — Fui em direção à cozinha, abrindo a despensa e pegando um pacote de milho.

— Você já aprendeu a usar o micro-ondas? — Ouvi a voz de Nadine ficando mais perto, e me dei conta de que tinha se levantado também e vindo em minha direção.

Considereei isso como mais uma singela vitória, principalmente por saber que lia meus bilhetes. A guerra ainda seria pesada, mas as pequenas batalhas iam sendo vencidas aos poucos.

— Micro-ondas? Mas nem pensar. Uma sessão de cinema de três horas merece pipoca de verdade.

Peguei uma panela e despejei um pouco de óleo no fundo, além do milho. Fechei a tampa e comecei a esperar, apoiando o quadril na bancada e cruzando os braços, olhando para ela.

— Não fique pensando que eu não sei cozinhar. É que... só para mim perde um pouco a graça.

— Você não está mais sozinha. Podemos revezar e... — Eu ia continuar falando, sentindo-me mais esperançoso do que seria prudente, mas o olhar que ela me lançou foi bastante desanimador. Então, me apressei em me corrigir: —

Esquece. Já disse que não vou te pressionar nem forçar a barra. Quero ser seu amigo, mas vamos no seu tempo — repeti a ladainha de antes, certo de que era o jeito correto de lidar com ela. A julgar pelas coisas que tinha passado, Nadine merecia que eu exercesse minha paciência ao máximo.

Antes que ela pudesse responder, as pipocas começaram a estourar na panela, e este som preencheu o silêncio constrangedor que voltou a nos rondar.

Assim que ficaram prontas, eu a coloquei dentro de uma tigela, acrescentando sal e queijo ralado. Servi dois copos de guaraná, e nós levamos o lanche para a sala de estar.

Sentamo-nos calados, de frente para a televisão, e Nadine apertou o play, enquanto eu posicionava a pipoca entre nós.

O filme era bom, mas eu perdi muitas partes, porque observar a garota ao meu lado era bem mais interessante. Não pude ignorar a confusão de pensamentos que se embolavam dentro do meu cérebro todas as vezes em que a via sorrir, principalmente quando Lancelot aparecia em cena. Quis alimentar a ilusão de que era seu personagem favorito e que me comparara a ele porque já gostava um pouquinho de mim.

Porque... Bem... eu já gostava um pouquinho dela. Havia uma doçura muito encantadora em cada um dos olhares que me lançava, nos sorrisos e nos movimentos comedidos, tímidos. Isso sem contar o quanto era bonita. E o fato de ser muito atraente aos meus olhos não tinha nada a ver com nossa condição dentro daquele porão. Eu a enxergaria mesmo no meio de uma multidão de milhares. Ou, ao menos, era o que supunha.

Nadine não teceu nenhum comentário ao longo das três horas, e eu decidi fazer o mesmo. Não porque não quisesse ouvir sua voz, mas porque queria que entendesse que poderíamos fazer aquele tipo de coisa mais vezes sem que eu a pressionasse para mais. Claro que desejava conversar, saber mais de seus gostos e de sua história; queria que me falasse sobre os motivos de estarmos ali, que me desse algumas respostas, mas precisaria ir com muita calma e cautela. Se tivesse sua companhia, como naquela noite, nem que fosse para assistirmos a alguma coisa na TV, compartilhando pipoca e em total silêncio, já seria melhor do que nada.

Pouco antes dos últimos trinta minutos do filme, Nadine pegou no sono. Um sorriso curvou meus lábios ao vê-la apagada sobre o sofá, de mau jeito, respirando serena, parecendo tranquila. Deixei que permanecesse um pouco ali, porque realmente queria assistir até o final, mas quando terminou, deixei passarem os créditos e me levantei.

Coloquei-me ao lado dela, agachando-me e preparando-me para pegá-la no colo e levá-la para cama, mas os meus movimentos nada delicados a fizeram

despertar.

Abriu os enormes olhos, voltando-os para mim de súbito, pesados e quase assustados ao me ver tão próximo.

— O que está fazendo? — perguntou ainda sonolenta.

— Vou te levar para cama.

— O quê? Você... você ia me levar no colo?

Dei uma risadinha.

— Eu ainda pretendo fazer isso... — falei com o máximo de doçura, com a voz bem baixa, esperando que Nadine perdesse aquela expressão atordoada.

— Não! Não precisa... Eu sou pesada.

Ri novamente.

— Não para mim — foi um pouco petulante da minha parte, mas era a verdade, especialmente porque ela era magrinha, embora alta.

— Não precisa. Mesmo! — disse com veemência, levantando-se do sofá rapidamente e empertigando-se. — Eu... Eu... — Pronto, lá estavam as hesitações e a insegurança novamente. — Eu posso ir sozinha. Obrigada...

E ela realmente foi. Com pressa. Quase tropeçando nos próprios pés. Entrou, fechou a porta e só não a trancou porque tinham lhe roubado a chave.

A mim, só restou ficar olhando para a direção de seu quarto, perguntando onde eu tinha errado.

Recolhi as coisas que tínhamos deixado na sala, desliguei a televisão e fui para o meu quarto. Tirei a camisa, os chinelos, e me joguei na cama, pegando o exemplar do livro que Nadine havia me emprestado, começando imediatamente a ler. Talvez ela realmente se sentisse mais à vontade se tivéssemos um assunto em comum.

Aquela garota, definitivamente, estava me dando uma canseira.



Capítulo 4

Rafael

UMA ESTRANHA ROTINA SE ESTABELECEU entre nós depois do dia do cinema improvisado. Não era exatamente animador, mas foi uma quinzena um pouco menos solitária.

Acordava de manhã e ia para a academia, onde ficava por mais ou menos umas duas horas. Depois, tomava um banho e enviava meus bilhetinhos diários a Nadine, especialmente porque já tinha certa noção da hora em que acordava – um pouco mais tarde do que eu. Falava sobre qualquer coisa; desde um sonho que tive até partes do livro preferido dela que tinham me intrigado. Quando se sentia pronta, a garota abria a porta, mas eu não a importunava, embora não conseguisse não observá-la, de rabo de olho, quando sabia que não iria perceber.

Era estudiosa. Imaginava que o fato de não poder estar na escola a deixava imensamente frustrada, porque vivia com a cara enterrada nos livros e cadernos, fazendo contas e lendo sobre História, Geografia e Conhecimentos Gerais. Era muito organizada também, e sempre que lavava suas próprias roupas guardava-as separadas por cores, em gavetas específicas. Fazia a cama com empenho todos os dias, alisando o lençol com perfeição e deixando alguns bichos de pelúcia dispostos de forma harmônica sobre o colchão, com sua enorme borboleta azul em destaque, na frente dos outros.

Também gostava de música, pois sempre mantinha os fones de ouvido durante qualquer tarefa. Havia uma, em específico, que ouvia todos os dias antes de dormir, mas nunca tive coragem de perguntar a ela o motivo. Até porque, não conversávamos muito.

Ou melhor, mal nos dirigíamos a palavra, porém, todas as noites, ela se juntava a mim na sala, sentando-se na outra ponta do sofá, para vermos um filme juntos. Algumas vezes eu nem tinha muita vontade de assistir nada, mas insistia

só para que viesse para perto. Não falávamos nada, mas eu gostava, especialmente, dos dias em que assistíamos comédias, pois o som da risada de Nadine era algo delicioso. Suave, contido, mas delicado, que acariciava meus ouvidos e fazia cócegas no meu coração.

Melhor ainda foi na primeira vez em que escolhemos um terror bem macabro, e ela simplesmente agarrou meu braço em uma cena assustadora. Ficou colada a mim por alguns instantes, meio que de forma inconsciente, sem se dar conta do que acontecia, e eu fixei meus olhos nela, encantado com a atitude. Só que durou muito pouco, porque rapidamente voltou a si e se afastou de um pulo, voltando à posição inicial. Ao menos não saiu correndo de novo, como era de praxe.

Havia dias em que pegava no sono, como na primeira vez, e eu consegui levá-la para cama em mais de uma ocasião. Comecei a acreditar que ia se sentindo mais segura comigo à medida que os dias passavam, porque seu sono tornara-se mais pesado. Meus movimentos não mais a faziam despertar, e até mesmo quando eu a colocava na cama, ela só se remexia para buscar uma posição mais confortável. Às vezes eu a pegava sorrindo, como se gostasse de ser mimada daquele jeito. Isso me fazia sorrir também.

Sempre que voltava para o meu quarto, sozinho, depois de deixá-la no dela, várias coisas se passavam pela minha cabeça. A principal era o quanto aquela garota fora machucada ao longo de sua breve vida. Todas as suas reações, suas hesitações, a forma como desconfiava de tudo, seus silêncios... Ela não estava acostumada a ter companhia, e eu não estava acostumado à solidão. Ela era uma princesa, e eu era apenas um garoto de rua sem ter onde cair morto, com grandes objetivos. Se pudesse, eu queria salvar o mundo. Mas tentaria me contentar em salvar uma única garota.

Esperava que não fosse pretensioso demais da minha parte.

Ainda que estivéssemos longe da situação ideal, meu relacionamento com Nadine – se é que poderia ser chamado assim – foi evoluindo. De portas trancadas para sua companhia silenciosa, mas eu acreditava que poderíamos caminhar ainda mais longe.

Sentia-me quase feliz, embora ainda frustrado e indignado. Já havia me conscientizado de que não havia forma de sair dali, então, esperava impaciente que Frank viesse anunciar minha primeira luta. Tinha planos para quando isso acontecesse.

E o dia chegou em uma manhã inesperada. Ele apenas entrou no porão, enquanto eu ainda malhava, invadindo nossa privacidade. Dei graças a Deus por Nadine estar dormindo e levantei-me imediatamente, esforçando-me ao máximo para parecer ameaçador, embora não passasse de um moleque. Ainda assim, era

maior do que ele fisicamente e tinha ganhado um pouco mais de músculos depois de um mês e meio de confinamento, com uma alimentação decente e horas diárias na academia.

Daquela vez, surgiu sozinho, e por mais que eu tivesse toda a intenção de esmagar sua cabeça contra a parede, imaginava que lá fora encontraria obstáculos suficientes para sair. Não conseguiria pegar Johnny, não me deixariam levar Nadine – ainda mais que ela era menor de idade e não iria querer escapar sem a mãe –, e aquelas duas pessoas iriam sofrer as consequências.

— Bom dia, Rafael... Que bom que tem treinado. — Não respondi nada. Não queria sequer que ele ouvisse minha voz a não ser que fosse estritamente necessário. — Acho que está na hora de começar a pagar pelo conforto que estou te dando. Hoje à noite você tem uma luta.

— Hoje? — indaguei de súbito, consternado. — Isso é ridículo! Eu não posso ser avisado de uma luta no mesmo dia!

— Por quê? Precisa consultar a sua agenda, Sr. Popularidade? Até onde eu sei, o único compromisso que pode ter é com a minha sobrinha, e ele ainda não parece muito simpática em relação a você. — Frank apontou para a porta fechada de Nadine, tirando conclusões. — A luta está marcada. Esteja pronto às oito. Virei lhe buscar.

Dizendo isso, ele saiu do porão, trancando a porta como sempre, deixando uma trilha de ódio a cada passo.

Deus, eu queria matar aquele homem. Nunca tive um instinto tão assassino em relação a alguém.

Querida perguntar sobre Johnny, mas nem me deu oportunidade. Naquela noite, quando fosse me buscar para me levar à luta, iria arrancar alguma informação dele.

Desisti de malhar, porque nem tinha mais cabeça para isso. Poderia dar uns socos no saco, mas tudo o que queria era um banho e ocupar minha cabeça com alguma outra coisa que não me lembrasse do que me esperava mais tarde. Por mais que soubesse que era bom lutando, não fazia ideia do que aconteceria.

Depois de uma chuva de demorada, escrevi o bilhete matinal de Nadine, dizendo:

"Ei, Borboleta. Hoje vai ficar livre da minha companhia à noite. Frank finalmente marcou minha primeira luta. Talvez eu volte com alguns olhos roxos, vai saber..."

NÃO RECEBI UMA RESPOSTA, mas isso era o que sempre acontecia, então, não me surpreendeu.

Decidi, então, ir preparar o almoço. Às vezes era Nadine quem cozinhava, e

eu lhe dava espaço, já que a ideia de que estávamos revezando nas tarefas – embora fosse exatamente o que vinha acontecendo – ainda fosse muito íntima para ela. Não éramos um casal, afinal. Nem amigos. Éramos duas pessoas forçadas a conviverem juntas e que tentavam se adaptar a uma realidade assustadora.

Só que um barulho capturou a minha atenção. Um baque de uma porta, uma meia hora depois de eu ter deixado o recado sob sua porta. Virei-me quase assustado na direção de seu quarto e a vi saindo correndo, vindo em minha direção.

— Você não pode fazer isso! Não pode ir lutar! — histérica, ela se colocou diante de mim. Os cabelos completamente bagunçados, como se tivesse acabado de acordar; os olhos, ainda vermelhos de sono, arregalados, apavorados.

— Nadine, calma. — Estendi a mão, na intenção de tentar confortá-la, mas ela recuou, completamente fora de controle, colidindo com a bancada que dividia a cozinha em estilo americano da sala de estar.

— Não! Você não está entendendo! Você não pode ir! Não pode! — sua voz continuou alterando-se mais e mais, e eu mal sabia o que fazer. Só que isso não foi nada comparado à forma como literalmente jogou-se em meus braços, enlaçando minha cintura e encostando a cabeça no meu peito, segurando-me com toda a sua força. — Por favor, Rafael! Não vá lutar! Eu... eu... — Respirou fundo e soluçou, começando a chorar. — Eu não posso te perder.

Aquela confissão me chocou. Mais do que poderia esperar. Claro que eu sabia que Nadine não desgostava de mim, até porque ela mesma buscava minha companhia, embora algo obviamente a impedisse disso. Só que... Meu Deus! Saber que tinha medo de me perder fazia com que meu coração acelerasse dentro do peito de uma forma muito inesperada.

Senti quando estremeceu nos meus braços e nem a enlacei de volta, apenas segurei-a pelos dela, afastando-a um pouco e olhando em seus olhos.

— Você está tremendo... — Conduzi-a até o sofá, onde a coloquei sentada. Pedi, com um gesto, que esperasse um pouco e voltei à cozinha, pegando água.

Voltei para seu lado, entregando o copo, e ela aceitou, bebendo com dificuldade. Parecia não conseguir parar de chorar, mas a água a acalmou, ao menos um pouco.

— Fala comigo... — pedi baixinho, esperando que desabafasse.

Parecia em conflito, porque tinha algumas coisas a dizer, mas não sabia como. Então, eu lhe dei espaço, com toda a minha paciência, esperando enquanto ponderava, de cabeça baixa. Conforme a observava, condenei-me pela forma como meus olhos começaram a passear pelo seu corpo. Era errado observá-la daquela forma, mas ficava um pouco impossível quando aparecia na

minha frente usando apenas um baby doll de seda, com a gola rendada, deixando as pernas longas e esguias de fora. Ela era bem branquinha, então, o tom de azul petróleo de sua roupa contrastava com sua pele e com seus cabelos de ouro velho, então, ficava muito difícil não sentir meu corpo reagir à sua imagem.

Mas realmente não era hora para isso, ainda mais quando os olhos desamparados e vulneráveis de Nadine, cheios de lágrimas, se ergueram na direção dos meus, parecendo pronta para dizer alguma coisa.

— Um ano atrás Frank trouxe um garoto para cá. Ele tinha a sua idade e também lutava. Eu já vivia aqui há um bom tempo e fiquei muito feliz por ter companhia. Passamos uns dois meses juntos e nos tornamos amigos muito rápido. Só que meu tio usou isso, obrigando-o a lutar, ameaçando me fazer mal se ele se rebelasse.

— O que aconteceu?

— Ele morreu na segunda luta. Saiu e nunca mais voltou. — Nadine colocou as duas mãos no rosto, tentando conter o choro. — Não quero que aconteça com você.

Aproximei-me um pouco mais dela e a puxei para mim, abraçando-a. Era estranho fazer isso, porque apesar de convivermos há quase dois meses, sozinhos, debaixo de um mesmo teto, não tínhamos nenhuma intimidade. Com exceção de quando a levava para cama, adormecida, depois de nossas sessões silenciosas de cinema, eu nunca a tocava. Ainda assim, senti-la tão perto provocou outra nova reação do meu corpo. Uma mais emocional, menos física, mas bem mais significativa.

E perigosa.

— Eu vou voltar para você, Borboleta. Não vou mais te deixar sozinha — falei baixinho em seu ouvido e deixei um beijo em sua testa, terno, tentando apenas usar da desculpa de que queria consolá-la, mas a verdade era que precisava senti-la.

— Você não pode controlar isso. As lutas do clube do Frank são desleais.

— Eu sou bom...

— Não importa. Você não precisa ir. — Ela se afastou abruptamente, soltando-se de mim e me olhando nos olhos.

— Escuta, Nadine... — Coloquei novamente as mãos nos braços dela, porque precisava continuar tocando-a. O quão louco era isso? — Eu tenho um plano. Vou tentar conversar com alguém que possa nos ajudar. Alguém que... sei lá... chame a polícia, que possa interceder por nós.

— Não, isso não vai dar certo, eu...

— Nadine... — Segurei-a com mais força, e este rompante a fez olhar para mim. — Vou falar mais uma vez... eu preciso tentar arrumar um jeito de sair

daqui. E para onde eu for, você vai comigo.

Novamente, a certeza daquela afirmação chegou a me surpreender. Não que tivesse duvidado em algum momento de que já não poderia mais deixar Nadine para trás, depois de saber por tudo o que passava. Não teria coragem de me livrar daquele pesadelo, pensando que uma garota indefesa continuara à mercê de um louco, que a usava das formas mais cruéis possíveis – isso porque nunca tive chance de perguntar se ele a tocava de algum jeito que não fosse aceitável. Só que não parecia mais um senso de dever. Não era apenas a minha honra falando mais alto. Era uma necessidade de protegê-la, de me certificar de que aquela borboleta ainda teria chances de voar.

— Eu não me importo se você conseguir sair... Se escapar daqui sem mim — ela falou com uma voz tão doce, abafada por estar contra o meu peito, que não pude conter um sorriso.

— Ah, não? E aquela história de que não queria me perder?

— Não quero que você *morra*. Mas se conseguir sair daqui e se livrar daquele monstro; se eu souber que você está bem, eu nem vou me importar em ficar sozinha de novo. Já estou acostumada...

Meu Deus, foi doloroso ouvir aquilo; tanto que dei outro beijo no alto de sua cabeça, sentindo o cheiro de seus cabelos, e continuei a aninhá-la, como se pudesse livrá-la daquele medo. Não era infundado, e eu poderia dizer com segurança que também estava apreensivo com o que me esperava. Ainda assim, sair um pouco daquele confinamento talvez me fizesse bem.

Frank apareceu no porão exatamente na hora marcada. Como um garoto obediente, fiquei pronto antes da hora e saí do meu quarto com antecedência só para deixar um bilhete debaixo da porta de Nadine, dizendo: "*Volto em algumas horas. Vai preparando a pipoca*". Combinamos que a melhor escolha seria ela se fechar no quarto para que ninguém percebesse que já estávamos nos falando um pouco mais, embora nosso contato ainda fosse restrito.

Depois de seu rompante, ao pedir que eu não fosse lutar, almoçamos juntos e passamos a tarde na sala, lendo. Eu, com *Brumas de Avalon*, e ela, com um livro chamado *A Irmã de Ana Bolena*, que a levou à confissão de que era muito fã de romances históricos, especialmente aqueles com cenário na Inglaterra dos Tudors e na Rússia dos Romanov. Eu entendia quase nada sobre isso, mas prestei atenção, especialmente enquanto ela contava algumas coisas sobre a leitura. Neste ponto, Nadine fazia com que eu me lembrasse da minha mãe. Ambas eram doces, cultas e gostavam de transmitir seu conhecimento.

Mas esta era a única semelhança entre as duas, porque o sentimento que começava a nutrir por Nadine não tinha nada de fraternal.

Quando ouvi a porta do porão sendo aberta, levantei-me do sofá,

empertigando-me. Por algum motivo, não gostava de me sentir menor do que Frank, por isso sempre o recebia de pé.

Assim que o vi, reparei também no seu capanga e em Johnny.

— Achei que o garoto poderia gostar de alguma diversão. Quem sabe não se interessa e passa a lutar também daqui a alguns anos? — Frank falou, provavelmente percebendo meu olhar fixo na criança. Cerrei o maxilar, praticamente mordendo o interior da bochecha para me conter de dizer alguma besteira.

Conhecia Johnny há três anos, desde que o encontrei faminto, machucado e assustado em uma viela. Dei o único sanduiche que tinha a ele, e o menino começou a me seguir como um carrapato, para cima e para baixo. Quando me viu lutar, decidiu me ver como seu herói, o que me preocupou. Eu tinha treze anos na época, mal sabia cuidar de mim mesmo, mas já ganhava a responsabilidade de proteger uma criança. Depois dele vieram outros, em busca da mesma coisa, até menorezinhos. Mas Johnny foi o único que durou, talvez porque sua ligação comigo fosse quase de um irmão. Então, exatamente por isso eu o conhecia. Aquele menino tristonho e calado ali não se parecia em nada com a criança que vivera nas ruas comigo. E isso me enchia de ódio.

— Podemos ir? — ele perguntou, com aquele tom sarcástico, quase dando a entender que se tratava de uma pergunta de cortesia, porque jamais me daria uma escolha real.

Dei de ombros, e antes de sair do porão, percebi que havia um papelzinho no chão, próximo à porta de Nadine. Disfarcei, aproveitando que todos estavam de costas, e o peguei, guardando-o no bolso, para ler na primeira oportunidade.

Seguimos até a garagem da casa, e as luzes da rua quase me cegaram. A brisa noturna que me recebeu foi tão agradável quanto um beijo. Os sons externos soaram acolhedores, e eu senti a liberdade – mesmo que passageira e limitada – em cada célula do meu corpo. Era bom estar do lado de fora, mesmo nervoso pelo que iria acontecer.

Fomos guiados até um SUV preto, de vidros escuros, e o capanga de Frank abriu a porta do passageiro para mim, colocando-se ao meu lado, atrás do volante. O demônio em pessoa foi atrás, com Johnny, para quem eu não conseguia parar de olhar pelo retrovisor.

— Você sabe, não é, Rafael? Se eu perceber que está de corpo mole ou fraquejando na luta, quem vai sofrer quando chegarmos é a linda Nadine... Eu prefiro evitar machucar crianças pequenas como este nosso amiguinho aqui, embora perca este pudor quando necessário, mas há muitas formas de fazer mocinhas crescidas pagarem pelos seus erros.

— Você não vai tocar nela... — falei por entre dentes, ainda apavorado com

a ideia de que poderia estar lidando com um pedófilo.

Frank arregalou os olhos no banco de trás, em uma expressão debochada.

— Eu? Ah, seu perverso! É claro que não. A menina é minha sobrinha, pelo amor de Deus! Não tenho nenhuma intenção sexual com ela.

— Mas pretende machucá-la se eu não te obedecer — concluí.

— Não é o que eu quero; então, a integridade daquela garota adorável está em suas mãos.

Precisei respirar fundo, sentindo que poderia colocar tudo a perder em um único segundo se me deixasse levar pelas minhas emoções.

Demoramos por volta de vinte minutos até chegarmos ao local e saltarmos do carro. O capanga saltou primeiro, pegando Johnny pelo braço, nem me dando a oportunidade de falar com o menino e tentar descobrir alguma coisa.

— Vou te levar ao vestiário, onde poderá se trocar e se preparar. — Entregou-me uma chave. — Vai encontrar um armário com o seu nome, onde deixei algumas coisas para você.

— Vou poder entrar sozinho? Ou vou precisar de um cão de guarda?

Frank sorriu de forma sarcástica.

— Sozinho, é claro. Aliás, se quiser escapar pela janela, fique à vontade. Vai ter coragem de deixar Johnny e Nadine para trás?

Ele sabia que me tinha nas mãos. Usava e abusava deste poder como lhe convinha.

Então, comigo em silêncio, Frank seguiu para o vestiário.

— Você tem vinte minutos. — E saiu fechando a porta, me deixando lá dentro.

A primeira coisa que fiz, antes de efetivamente procurar o tal armário ou de trocar a roupa, foi tirar o bilhete de Nadine do bolso, abri-lo e lê-lo.

"Volte para mim, Lancelot."

ERAM APENAS QUATRO PALAVRINHAS, tão simples, tão inocentes, mas que me deixaram quase sem ar e me encheram de uma determinação de vencer aquela luta. Para realmente voltar para ela. Para voltar... Bem... para *casa*.

Embora aquele lugar onde vivíamos não pudesse ser chamado de nossa casa, Nadine minimizava o quão angustiante era ficar ali.

Troquei de roupa o mais rápido que pude, preparando-me para entrar no ringue. Não seria a minha primeira luta; longe disso, mas eu não fazia ideia do que esperar. Imaginava que enfrentaria pessoas mais velhas, talvez mais experientes, e eu não sabia se estava preparado para isso, especialmente porque o nervosismo me tomou por inteiro quando me vi de frente ao meu adversário —

um homem com o dobro da minha idade.

Não seria a primeira vez que enfrentaria alguém bem mais velho, mas não havia nada naquele sujeito que me inspirasse confiança, desde a enorme cicatriz em seu rosto até a forma como me olhava, como se eu não passasse de um inseto.

Era quase da minha altura, embora eu, provavelmente, ainda fosse uns três centímetros mais alto, mas era bem mais corpulento. Não estava exatamente em forma, tinha mais gordura do que músculos, mas algo me dizia que me daria trabalho.

Constatei isso no primeiro soco. Depois, outros vieram, e eu fiz o meu melhor para desviar. Revidei bem, e também consegui acertá-lo com precisão, chegando a deixá-lo um pouco zozinho.

A cada movimento, tanto das minhas mãos quanto dos meus pés, tentava me lembrar de cada ensinamento do meu pai; tentava me lembrar de seus conselhos, especialmente porque ele sempre preferira me treinar para lutas justas, embora tivesse me preparado para todo tipo de situação.

Ainda assim, depois de uma meia hora, eu caí pela primeira vez. Imaginei que em uma luta leal o adversário recuaria, e eu poderia me recuperar, porém, fui massacrado com chutes na costela, no rosto e com xingamentos. Fui chamado de moleque, de fracote e de vários outros nomes. Não que caísse na pilha. Estava pouco me fodendo para essas provocações idiotas, mas era um indicativo do tipo de coisa no qual estava me metendo.

Só depois da sessão de ódio gratuito foi que o "juiz" mandou parar. Teríamos um segundo round, então, eu pude me levantar com dificuldade, seguindo para o canto do ringue, para perto de Frank.

Assim que me sentei, ele me entregou uma garrafa d'água e uma toalha para que eu pudesse estancar o sangue e secar o suor. Para completar, sussurrou no meu ouvido:

— Se continuar fazendo corpo mole assim, vou ter que tomar uma atitude quando chegarmos em casa. Talvez tirar a Nadine de perto de você por alguns dias e deixá-la sem comer... Posso ser muito criativo, Rafael...

Minha vontade era voar em cima dele, especialmente porque estava com o sangue quente e ansioso para descontar a minha raiva em alguém, mas teria que me contentar com aquele filho da puta do adversário que tinham me arrumado, porque não podia permitir que Nadine pagasse pela minha derrota.

Mal tive tempo para me recuperar, e o gongo soou. Voltei para o meio do ringue meio cambaleante, sentindo dores por toda parte e com o olho inchado ao ponto de mal conseguir enxergar por um deles.

O resto da luta foi permeado por mais golpes recebidos e executados.

Desviei de um soco que poderia ter me levado a nocaute e, ao me esquivar, consegui acertá-lo bem no meio do estômago, fazendo sua barriga redonda vibrar. Isso o desestabilizou ao ponto de me permitir acertar mais um, mais um e outro, todos com toda a minha força. Quando ele foi ao chão, eu poderia ter me mantido afastado, pondo em prática os ensinamentos do meu pai de sempre lutar com honra, mas havia muita coisa em jogo. Eu estava exausto, detonado. Se ele levantasse e me atingisse com mais precisão, seria Nadine a pagar o preço.

Mal acreditei quando fui considerado o vencedor. O suposto juiz aproximou-se de mim, erguendo meu braço, e várias pessoas ao redor começaram a ovacionar. Por algum motivo começaram a me chamar de Corvo, como nas lutas de rua, e imaginei que era coisa de Frank.

Enquanto era aplaudido, lancei um olhar para ele, cheio de raiva. Naquele momento, mesmo que fosse contra tudo o que eu acreditava e prezava, jurei que um dia ainda iria matar aquele homem. Ou, ao menos, causar-lhe tanta dor que ele iria implorar pela morte. O que estava fazendo com tantas pessoas não merecia misericórdia. Naquele momento, levava-me a nocaute sem nem mesmo me tocar; manipulando minhas escolhas e me privando de liberdade. Realmente esperava que o destino me desse a chance de uma revanche.

Fui levado ao vestiário, onde consegui entrar sozinho novamente. Havia uma pessoa lá dentro, alguém que eu não fazia ideia de quem era, mas esperei que a porta se fechasse atrás de mim para abordá-lo, em um rompante inconsequente de desespero.

— Você tem uma caneta? — perguntei bem baixo, esperando que Frank, se estivesse do outro lado, não me ouvisse. Curioso, o homem assentiu e tirou uma Bic de dentro do bolso da camisa que fedia a desodorante vencido.

Corri ao armário e tirei de dentro do meu bolso o bilhete que Nadine tinha escrito. No verso do papel, escrevi com pressa: PRECISO DE AJUDA. ESTOU VIVENDO EM CÁRCERE PRIVADO COM MAIS DUAS PESSOAS. CHAME A POLÍCIA.

O homem recebeu o papel e franziu o cenho para ler, com dificuldade, o que eu tinha escrito. Depois de terminar, bufou, amassou o bilhete e o jogou no chão.

— Que polícia, garoto? Tá maluco? Ninguém aqui vai te ajudar com polícia, não. Tira teu cavalo da chuva — depois de dizer isso, ele foi saindo do local, resmungando: — Esses moleques mentirosos...

E ele saiu, batendo a porta, levando consigo minha única chance concreta de encerrar aquela história. Ou não, já que... Bem, um sujeito daqueles dificilmente prestaria para alguma coisa.

Agachei-me com dificuldade, sentindo tanta dor em cada um dos meus

músculos que tive vontade de desistir, porém, não poderia deixar aquele papel no chão; não apenas por ser uma evidência do meu pedido de socorro, mas porque era um bilhete de Nadine, e eu não iria me desfazer dele, deixando-o jogado num vestiário masculino de um lugar como aquele.

Entrei no chuveiro, como Frank me instruíra a fazer, sentindo os cortes no meu rosto arderem e tendo dificuldades até para me movimentar. Vesti a roupa bem devagar, e ainda nem tinha terminado quando o capanga de Frank entrou.

— Estamos te esperando — ele anunciou muito sério, com um jeito quase militar de agir.

Olhei-o com total desprezo, ainda me esforçando para vestir a camisa sem desmoronar.

— Estou quase pronto — avisei sem nenhuma emoção. Ele assentiu e preparou-se para sair. Antes que pudesse cruzar a porta, no entanto, elevei a voz para que ouvisse. — Como pode fechar os olhos para o que acontece ao seu redor? Tem uma criança e uma garota sendo maltratados debaixo do seu nariz...

— Sou pago para ser cego e surdo — foi sua resposta, a última coisa que me disse antes de cruzar a porta e novamente me deixar sozinho.

O que é pior? Um homem que executa as maldades ou outro que permite que elas aconteçam?

O caminho de volta para casa foi todo permeado por silêncio e dor. Frank me deu um analgésico forte, e eu teria cochilado no banco, debaixo do ar condicionado gelado que só intensificava o desconforto, se confiasse um pouco naquelas pessoas. Quando saltei, com o corpo frio, cheguei a cambalear. O idiota do capanga de Frank, de quem mal sabia o nome, chegou a tentar me ajudar, mas eu neguei. Não precisava daqueles dois para nada. Poderia andar nas minhas próprias pernas.

A porta do porão foi aberta, e eu entrei. Nem teria olhado para trás, se não ouvisse a vozinha chorosa de Johnny me chamando. Virei-me para ele, mas o capanga começou a empurrá-lo para longe, enquanto Frank trancava a porta.

Estava muito escuro lá dentro, e a parca luz que mal iluminava o ambiente vinha de dentro do quarto de Nadine, dizendo-me que ainda estava acordada.

Eu deveria bater, avisá-la de que estava vivo, que tinha retornado para ela, mas tudo que consegui fazer foi me arrastar até o sofá e me jogar lá.

Só que não demorei para ouvir sua voz hesitante, chamando meu nome.

— Rafael?

Com os olhos fechados, tudo o que conseguia era ouvir a movimentação ao meu redor. Uma luz mais forte também os atingiu, fazendo-me franzir o cenho.

Logo, senti duas mãos delicadas sobre mim.

— Meu Deus... você está bem? Por favor... me diga que está bem!

Precisava arrumar um jeito de falar com ela, por mais que abrir a boca fosse quase impossível por conta dos cortes. Imaginava que deveria estar inchada também, mas fiz um esforço absurdo para conseguir deixá-la mais tranquila.

— Estou, Borboleta. Não disse que ia voltar para você? Só não prometi voltar inteiro... — falei mais do que deveria, abrindo os olhos. A careta que se moldou no meu rosto deve ter sido horrível, porque Nadine chegou a quase colocar as mãos neles, mas as afastou antes mesmo de me tocar com as pontas dos dedos.

— Vou pegar o kit de primeiros socorros.

Ela tentou se afastar, mas eu rapidamente agarrei seu punho, impedindo-a. Estava tão zozinho pela dor e pelo remédio que nem pensei no que fazia, tanto que puxei-a de volta com um pouco mais de força do que deveria, quase fazendo-a cair deitada em cima de mim. Por sorte conseguiu se equilibrar, ou a situação seria constrangedora.

Mais constrangedora.

Perdemos alguns instantes nos olhando, e eu sabia que não iria aguentar muito mais tempo acordado. O efeito do remédio vinha pesado, deixando-me quase dormente. A única coisa que ainda me mantinha acordado era a vontade de olhar para os olhos de Nadine, que estavam tão próximos dos meus.

— Você é linda — disse. Ou melhor, nem sei se realmente falei em voz alta, mas esperava que sim, porque ela merecia ouvir.

Acho que as palavras realmente saíram da minha boca, porque ela sorriu, corada, tentando colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha. Só que esta caiu outra vez em seu rosto, e eu mais uma vez me esforcei ao máximo para erguer o braço, que parecia mais pesado do que chumbo, para realizar a tarefa por ela, só para ter uma desculpa para tocá-la.

Eu devia estar mesmo muito grogue.

— Me deixa cuidar de você... — ela falou também baixinho, em um tom envergonhado, como sempre.

Respirei fundo, quase disposto a responder que eu deixaria que ela fizesse qualquer coisa, desde que não saísse de perto de mim, que não se escondesse e não fugisse mais. Só que as palavras começaram a se embolar, e eu fiquei calado, apenas balançando a cabeça em concordância.

— Você consegue se levantar para ir para a cama? Infelizmente eu não consigo te carregar no colo, como faz comigo... — brincou. Era a primeira vez que usava de bom humor, e me senti lisonjeado por aquela menina tão triste ainda ter a capacidade de sorrir. Para mim.

— Você é a princesa aqui, Borboleta. Eu sou o vira-lata. Você merece ser mimada, não eu — novamente as palavras saíram sem que eu me desse conta.

Eram apenas delírios.

— Não seja bobo. Vamos, tente se levantar. Eu te ajudo.

Não que ela tivesse ajudado muito, mas, com bastante empenho, consegui chegar ao quarto e me jogar na cama.

Ouvi-a dizer que iria pegar o kit de primeiros socorros, e daquela vez eu a deixei sair, não apenas porque queria que realmente cuidasse de mim, mas também porque não conseguiria mais impedi-la. Tanto que mal me dei conta de quando retornou, porque não demorei a apagar, caindo em um sono profundo, enquanto sua voz se tornava mais e mais distante, embalando-me e me fazendo companhia.



Capítulo 5

Nadine

FOI UMA NOITE AGITADA. Mal consegui dormir, sentada na poltrona ao lado da cama de Rafael, velando seu sono. Por vezes, meus olhos pesados me traíam, e eu acabava cochilando, mas o mais ínfimo movimento me acordava, principalmente porque um garoto grande como ele fazia barulho facilmente.

Ainda assim, tirando o fato de ele estar machucado, foi uma das melhores noites que passei nos últimos tempos. Cuidar de alguém era bastante gratificante, especialmente quando você podia apostar que esta pessoa retribuiria, se necessário.

Com ele apagado, pude tratar de seus ferimentos, limpando seu rosto com muito cuidado, usando uma gaze, satisfeita em perceber que nenhum deles era grave o suficiente para me preocupar. Rasguei sua blusa com a ajuda de uma tesoura, em busca de contusões, e havia alguns hematomas, que eu teria que investigar com mais afinco quando estivesse desperto.

Constrangidos, meus olhos passearam pelo seu peitoral nu demorando-se mais do que seria prudente. Os dedos chegavam a doer de vontade de tocá-lo para sentir se sua pele era tão cálida quanto seu coração.

Para meus quinze anos, eu sabia que era completamente inexperiente em relação a garotos. Tudo o que sabia sobre hormônios, sexo e romance era o que eu estudava e lia em livros ou assistia em filmes. Claro que eu sabia o que acontecia comigo. Aquele revirar do estômago, a forma como me faltava o ar quando olhava para ele... Estava atraída por Rafael, o que não era muito difícil, porque ele realmente era bonito.

Mais do que bonito, na verdade. Rafael era lindo.

Inconscientemente, levei meus dedos até o rosto ferido, tocando cada hematoma bem superficialmente, só porque era uma necessidade quase física.

Meu polegar roçou seus lábios entreabertos e rosados, sentindo a textura e tocando o ferimento recente, lamentando por ele precisar se dignar àquele tipo de coisa. Eu nem sabia se tinha vencido a luta, mas com certeza apanhara mais do que mereceria.

Um pensamento súbito me tomou, fazendo com que me afastasse rapidamente.

Qual seria a sensação de ser beijada por ele? Seria terno e gentil, como parecia ser da natureza de Rafael, ou seria intenso, devastador, ao ponto de me deixar de pernas bambas?

Eu não poderia pensar nisso. Ainda mais com ele ferido e apagado sobre uma cama.

Continuei minha tarefa, tentando focar meus pensamentos ainda nele, mas em outras esferas. O fato, por exemplo, de ele ter passado tantos anos na rua. Eu sabia o suficiente do mundo para imaginar que ele não tivera dias fáceis com aquela aparência. Sua sorte, certamente, foram seus punhos, seu tamanho e seu conhecimento de lutas. Minha convivência com uma pessoa cruel me ensinara o suficiente sobre maldade para compreender, também, que aquele garoto não fora uma escolha aleatória de Frank. Um rapaz atraente tinha muito mais chances de mexer com meu coração e de fazer com que eu me soltasse para uma amizade. Imaginava que ele tinha estudado tudo sobre Rafael para entender que seu lado protetor iria falar mais alto quando descobrisse que eu era a personificação mais ridícula da donzela em perigo, presa na torre, o que lhe daria incentivos para querer me defender.

Não que Marcos, o garoto que veio antes de Rafael, fosse feio ou menos gentil, mas ele não chegava aos pés da nova escolha de Frank. Não me atraía como estava acontecendo agora. E isso era muito perigoso.

Assim que terminei os curativos, fui até a cozinha para preparar um café, afinal, a noite seria longa. Depois, passei em meu quarto, para pegar o livro que estava lendo, e voltei para o de Rafael.

Como ele estava deitado sobre o edredom, e era extremamente pesado para mim, eu não conseguiria cobri-lo com aquele, portanto, peguei outro dentro do armário e o estendi sobre seu corpo imóvel, o que o fez remexer-se sobre a cama, aconchegando-se.

Não pude deixar de sorrir ao observá-lo, de checar sua respiração e pensar o quanto parecia sereno enquanto dormia. Então, sem nem pensar no que fazia, encostei os lábios em sua testa e lhe deixei um beijo.

Empurrando a poltrona para mais perto da cama e me aconchegando nela, com os pés sobre o assento, liguei o abajur ao lado, voltando o livro na direção da luz. Rapidamente me vi imersa na história de *A Dança da Morte*, de Stephen

King, minha leitura da vez e que eu sabia que iria me acompanhar por um bom tempo.

O livro era grosso, pesado, então, apoiei-o contra minhas coxas, segurando-o com uma das mãos e deixando a outra sobre um dos braços da poltrona. Estava distraída, imersa no mundo pós-apocalíptico de um dos meus escritores favoritos, quando senti uma mão quente e pesada sobre a minha. Exatamente como eu tinha feito no dia do meu pesadelo, Rafael buscou o conforto do meu toque, mesmo durante sua inconsciência. Entrelacei os dedos nos dele em resposta e tive dificuldades para virar a página do livro, então, desisti de ler, fechando o exemplar e deixando-o sobre o meu colo. Talvez fosse mesmo melhor ficar acordada e atenta para o caso de ele precisar de mim.

Só que em certa hora da madrugada o sono me venceu, e eu acabei adormecendo ali mesmo, acordando de súbito algumas horas depois, quando uma voz suave, levemente rouca e gentil, me trouxe de volta.

— Borboleta? — Meus olhos fechados foram se abrindo aos poucos, e por um minuto eu precisei me situar para compreender exatamente o que estava acontecendo, ainda desorientada pelo sono. Mas foi só olhar para o rosto machucado de Rafael para minha memória retornar com toda força.

Praticamente dei um pulo da poltrona, condenando-me por ser uma péssima enfermeira.

— Você precisa de alguma coisa?

— Sim. Que você vá se deitar. Não pode ficar a noite inteira nesta poltrona. Sorri, achando a preocupação dele uma gracinha.

— Até que ela é confortável.

— Nada pode ser confortável na posição em que você está.

Dei de ombros.

— Como você está? — perguntei, finalmente dando-me conta de que a mão dele ainda estava firmemente entrelaçada à minha.

— Sei que é horrível admitir, que vai ferir profundamente o meu orgulho, mas estou destruído. — Ele deu uma risadinha, mas a careta de dor que fez o impediu de continuar.

— O que posso fazer por você?

Ele respirou fundo, olhando bem nos meus olhos, novamente emanando aquela doçura que me comovia dos pés à cabeça.

— Interprete isso que vou te dizer agora como uma consequência dos efeitos do remédio, mas você pode deitar aqui, do meu lado. Assim, vai conseguir ficar mais confortável.

Fiquei calada, hesitante. Não esperava que ele fosse fazer aquele convite, se é que poderia ser chamado assim.

— Vamos lá, Dine... — ele comentou com os olhos fechados. Não iria demorar muito para pegar novamente no sono. — Não é como se já não tivéssemos dormido juntos.

Dine...

Embora Borboleta tivesse se tornado meu favorito desde o primeiro momento em que o usou, porque era extremamente pessoal, o apelido que sempre usaram para mim, quando eu ainda era apenas uma criança – livre, com amigos e dona de uma vida normal – e do qual sentia falta, soava delicioso na voz suave de Rafael.

Sobre o convite, ponderei. Se fosse honesta comigo mesma, admitiria que já tínhamos passado e muito do limite do que seria seguro para nós dois. Eu gostava de Rafael. Mais do que seria prudente gostar. Mais do que meu coração conseguiria suportar sem se partir ao meio caso o perdesse. Além disso, Frank já estava me usando para chantageá-lo. Só me restava aceitar que estávamos perdidos.

Ainda assim, nunca me sentira tão encontrada como quando tomei tal decisão.

Bem devagar, como se desse chance a mim mesma de mudar de ideia, pousei o livro pesado sobre o criado mudo e me levantei, dando a volta na cama queen size, acomodando-me nela e ficando dura como uma tábua. Tinha plena noção do quão ridícula estava, mas não conseguia evitar. Rafael não disse nada, continuando com os olhos fechados, mas o sorriso em seus lábios demonstrava que estava se divertindo com minha situação.

— Fala alguma coisa, Borboleta. Só para eu saber que não estou aqui sozinho — pediu em tom de súplica.

Demorei um pouco para atender ao seu pedido, porque não tinha muitas coisas boas para contar, mas decidi que faria como ele fizera naquela vez em que se sentara encostado à porta do meu quarto, apresentando-se.

— Meu nome é Nadine Danneman e tenho 15 anos. Minha mãe engravidou de mim como um acidente, meu pai fugiu, então, eu mal o conheci. Ela se casou pela primeira vez pouco depois de eu fazer oito.

— Seu padrasto era legal com você? — ele perguntou, quebrando minha impressão de que ficaria calado apenas me ouvindo.

— Era. Nunca fez com que eu sentisse que não era sua filha. Eu o adorava. Sofri de verdade quando morreu. E depois... bem... tudo aconteceu.

— Você faz ideia do porquê de seu tio ter te trancado aqui?

Engoli em seco diante da pergunta, porque aquele assunto era bem pesado para mim. Só que não havia como fugir da conversa, porque Rafael precisava saber com quem estava lidando.

— É uma história longa... — afirmei, bem baixinho, esperando que isso, de repente, o desanimasse.

Rafael soltou um suspiro, antes de responder:

— Não pretendo ir a lugar algum por enquanto.

Cruzei as duas mãos sobre o peito e volvei meus olhos para elas, enquanto assistia meus polegares sendo esfregados um no outro, em movimentos circulares, como uma estratégia para me manter em movimento, já que me sentia tão inquieta.

— Meu padrasto deixou uma boa quantia em dinheiro para a minha mãe e para mim. Uma vez ele me confessou que tinha a impressão de que me tio iria tentar se aproveitar de nós, caso ele nos faltasse. E... bem... isso aconteceu.

— Seu padrasto era jovem quando morreu? — Rafael indagou, não parecendo disposto a dar ponto sem nó.

— Sim. Quarenta e cinco anos. — Fiz uma pausa, depois de respirar fundo. — Sim, Rafael, eu tenho todas as suspeitas de que meu tio foi o responsável pela morte dele, porque sofreu vários acidentes suspeitos antes daquele que realmente o levou. Ouvi uma conversa dele com a minha mãe comentando sobre isso, mas ela é muito ingênua, crédula e adora o irmão. Ou adorava... não sei mais o que passa pela cabeça dela. Se é que passa algo — falei em um tom lamentoso, então, continuei: — Como estava desconfiado, ele fez esse testamento colocando tudo no nome da minha mãe e do meu. Eu só tinha doze anos, então, não podia assumir uma herança, só que meu padrasto colocou uma cláusula exigindo que eu tivesse plenos poderes em relação à minha parte, que deveria ser gerenciada pela minha mãe. Ninguém poderia gastar meu dinheiro sem minha aprovação. Não sei como conseguiu isso, mas ele era advogado e tinha muitos contatos.

— Deixa eu concluir o resto... Seu padrasto incapacitou sua mãe para poder colocar a mão no dinheiro dela. — Rafael olhou para mim enquanto falava, e eu assenti com a cabeça. — Mas e você? Por que te prender aqui?

Precisei de uma pausa, porque aquela era a parte mais terrível da história. Aquela que me envergonhava, que me deixava zangada, irada, melancólica – e todas as emoções que poderiam haver misturadas a essas em meio a um turbilhão.

Pela primeira vez desde que me deitei ao lado de Rafael, girei minha cabeça para olhá-lo, percebendo que estava voltado também para mim, observando-me com atenção.

— Eu sou dada como desaparecida. Ele deu queixa na polícia e tudo. Depois de algum tempo, fez minha mãe assinar uma procuração passando toda a nossa herança para o nome dele, inclusive a minha parte. Comigo fora da jogada, ele pôde usar e abusar do dinheiro. Inclusive, os negócios sujos dele, como o

clube clandestino no qual você lutou esta noite, foi financiado com o dinheiro do meu padrasto.

— O *seu* dinheiro.

Assenti mais uma vez.

— Ele poderia ter me matado, mas acho que descobriu que eu serviria para outros propósitos.

Abaixei os olhos outra vez, afastando-os dos de Rafael, que ainda me avaliavam compadecidos. Mas eu não queria sua pena.

— Ei, Borboleta... Já não disse que vou te tirar daqui? Eu cumpro minhas promessas.

Respirei fundo, especialmente quando a mão dele foi parar no meu rosto com a carícia mais desajeitada possível, pelas nossas posições e pelo inchaço de seus dedos, por conta da luta recente. Afastou uma mecha de cabelo que caía no meu olho, e eu me preparei para dizer uma coisa que nunca tinha dito em voz alta para ninguém. Era estranho pensar em algo tão sombrio enquanto meu coração se enchia de um sentimento tão puro e bonito, conforme Rafael afastava cada um dos demônios que me rondava com sua ternura e conforme restaurava minha confiança de que as pessoas ainda podiam ser verdadeiramente bondosas, sem pedir nada em troca.

Só que era minha chance de desabafar. Então, novamente olhei para ele, imaginando que deveria haver um tom muito sombrio no brilho dos meus olhos.

— Um dia vou me vingar dele, Rafael. Vou fazê-lo sofrer e pagar por tudo que fez a mim e a tantas outras pessoas. Como você.

Ele balançou a cabeça, concordando em silêncio. Temia que pudesse tê-lo assustado, mas o que ele me falou, segundos depois, me encheu de esperança.

— Quero, então, que me dê a sua palavra de que quando este dia chegar vai me deixar estar ao seu lado. Também quero ver este homem sofrendo.

— Eu prometo.

Era mais do que uma promessa. Uma que, aliás, eu não pretendia quebrar. Não importava quanto tempo iria demorar; não importava se o destino acabasse nos separando. Se um dia eu tivesse a chance de me vingar daquele demônio, eu buscaria Rafael. Ele também tinha esse direito.

Sim, era mais do que uma promessa. Era um pacto.



Rafael

FINALMENTE ERA possível dizer que eu e Nadine tínhamos nos tornado amigos. Nosso

relacionamento ainda era um pouco bagunçado, um pouco torto, mas ela, enfim, me aceitara em sua vida.

Levando em consideração as coisas que já sabia e os problemas com os quais lidava, conseguia entender sua relutância inicial, mas não havia volta. Ela já era meu ponto fraco ali dentro daquele lugar.

Ela e Johnny, é claro.

Apesar de ainda falar pouco, Nadine cuidou de mim depois da luta de forma incansável. Dormimos na mesma cama por alguns poucos dias, porque ela se recusava a sair do meu lado para o caso de eu precisar de algo durante a noite. Refez curativos, cozinhou e me mimou como se eu fosse uma criança.

Senti terrivelmente a sua falta na primeira noite em que voltou para seu próprio quarto, alegando que eu já estava curado o suficiente para poder me virar sozinho.

A boa notícia era que ela nunca mais se trancara no banheiro. Tentei acreditar que se tratava de uma evolução.

Nossas rotinas foram se estabelecendo novamente aos poucos. Depois de uma semana da luta, já consegui voltar a fazer alguns exercícios mais leves, embora ainda sentisse dor. Não sabia quando Frank iria novamente me chamar para lutar, então, não queria estar despreparado e fora de forma para levar outra surra.

Passava uma hora na academia, com Nadine sentada num canto segurando um de seus inseparáveis livros. Depois tomava banho, e cada um de nós ia fazer algo que quisesse fazer. Ela, normalmente, estudava, e nesses momentos evitava perturbá-la, pois sabia o quanto era importante que se sentisse atualizada em matérias. Não demorou muito para que me convencesse a fazer o mesmo.

Assim como ela, também saí da escola antes do Ensino Médio, mas estava um pouco atrasado, só que Nadine não se mostrou nem um pouco frustrada por isso. Percebi que sentia prazer em me ensinar tudo que podia, e só de vê-la empolgada com algo já seria suficiente para que me empenhasse na tarefa com toda a minha dedicação.

Merda... eu gostava dela. Como companhia... como amiga... como mulher – embora ela não passasse de uma menina, assim como eu não passava de um garoto.

Várias vezes imaginei como reagiria se lhe roubasse um beijo. Mesmo um inocente, só um encostar de lábios.

Na verdade, eu pensava nisso o tempo inteiro, especialmente quando sorria para mim, nos momentos em que estudávamos juntos, e eu acertava uma questão muito difícil. Eu era bom em matemática, mas me fazia um pouco de burro e desentendido só para que ela se sentisse útil em me ensinar.

Não que eu fosse exatamente experiente, mas conforme minha fama no ringue foi aumentando, algumas meninas se insinuaram, e por mais que eu não curtisse muito a ideia de relacionamentos casuais, acabei saindo com duas delas e chegando mais longe. Ambas mais velhas. Ainda assim, com Nadine era diferente. Sentia-me nervoso até mesmo para tocá-la da forma mais inocente possível, temendo fazer algo errado.

Foi quando completou três meses que morávamos juntos, naquela convivência em cárcere que poderia ter nos levado à loucura se não tivéssemos um ao outro, que eu consegui dar cabo a um plano que vinha arquitetando desde que retornei da minha primeira luta.

No dia em que saí da casa pela primeira vez, para ir ao clube lutar, dei-me conta de que havia seguranças nas portas da casa, o que dificultaria uma fuga sem um plano mais elaborado, porém, nada, além de Frank, me impediria de levar Nadine para ver a mãe.

Em uma conversa com Nadine descobri que às vezes Frank precisava fazer algumas viagens de negócios e que ficava fora. Pelo que ela dissera, tentara, com a ajuda do outro rapaz que chegara antes de mim, escapar em uma dessas ocasiões, mas não dera certo. Tudo que eu precisava era da ajuda de Johnny.

Esperei pacientemente uma visita de Frank no porão, acompanhado do menino, para deixar um bilhete no bolso de Johnny, que explicava exatamente o que eu queria fazer. Para a minha surpresa, a resposta chegou com um dos capangas daquela casa, que, aparentemente, tinha a intenção de ajudar.

— Ei, garoto... — ele me chamou, depois de deixar as compras da semana sobre a bancada da cozinha. Nadine ainda estava dormindo, então, fui até ele, curioso.

Entregou-me um papel sem dizer nada, e eu li a resposta de Johnny, com sua caligrafia infantil e seus erros de português, que dizia que "Santos" era de confiança, que tinham ficado amigos e que ele poderia nos ajudar. Também avisava que Frank iria passar duas noites fora e que o ideal seria que Nadine fosse ver a mãe naquele mesmo dia.

Ergui meus olhos para o homem, que estava parado me observando. Era um rosto novo, que eu ainda não conhecia, mas aparentemente Frank mudava de capangas como trocava de roupa. Provavelmente não confiava em ninguém.

Bem, eu também não estava muito disposto a confiar.

— Não posso tirar vocês desta casa, mas levar a menina para ver a mãe... podemos fazer acontecer — ele falou com certo orgulho, como se fosse a boa ação do ano.

Cruzei os braços contra o peito, em uma atitude desconfiada. Não queria que Nadine ouvisse o que ele estava falando, porque preferia que fosse uma

surpresa e porque não queria gerar expectativas que poderiam vir a frustrá-la.

— O que vai querer em troca? — perguntei em um tom de voz baixo, muito sério, quase como se estivesse negociando algo perigoso.

Ele se aproximou um pouco mais.

— Já me disseram lá no clube que você é bom. Sua próxima luta será com um cara que me detonou no ringue. Faça o favor de deixá-lo com a cara bem fodida.

Não era uma coisa que dependesse exatamente de mim. Se ele tinha derrotado o cara à minha frente, poderia fazer o mesmo comigo, mas, fosse como fosse, balancei a cabeça, concordando. Se aquele era o preço para deixar Nadine feliz, eu o pagaria. Ou tentaria, pelo menos.

O combinado, então, era que o próprio Santos iria abrir a porta para nós algumas horas depois que Frank saísse. O voo dele estava marcado para as seis da tarde, então, pouco depois desta hora começaríamos a nos movimentar.

Passei o dia inteiro tentando agir normalmente com Nadine, depois que esta acordou, mas não conseguia conter a animação. Tanto que ela percebeu e me perguntou várias vezes o que tinha acontecido ou o que iria acontecer. Só que mantive minha convicção de que seria melhor manter segredo para o caso de dar tudo errado. Odiaria que tivesse mais uma decepção.

Só que a porta foi aberta exatamente às oito e meia, quando estávamos sentados no sofá, assistindo a um filme ao qual mal conseguia prestar atenção. Nadine se surpreendeu, e eu odiava o fato de ter imediatamente se encolhido, provavelmente pensando que poderia ser Frank. Isso me deixava frustrado. Ela não merecia sentir medo o tempo todo. Queria que confiasse em mim, que soubesse que eu faria tudo que estivesse ao meu alcance para que não fosse mais ferida; que a manteria ao máximo em segurança.

Santos enfiou a cabeça pela fresta do porão, observando-nos, e logo Johnny fez o mesmo. Antes de mais nada, agachando-me, abri os braços para o menino que era como um irmão para mim, incentivando-o a vir em minha direção. Ele se jogou contra meu corpo, e eu o peguei no colo, sentindo-o agarrar-se ao meu pescoço de um jeito que poderia me quebrar inteiro por dentro. Conseguia interpretar todos os sinais de seu desamparo. Ele queria pedir que eu não o deixasse mais, só que esta decisão não me cabia.

— O que aquele louco tem feito a você? — perguntei, afastando-o do meu peito, mas ainda mantendo-o no colo.

— Nada, Rafa.

— Fala, Johnny. É pior me deixar imaginando.

O menino limpou uma lágrima e hesitou. Temi sua resposta, mas precisava saber.

— Ele nunca me machucou, mas sempre ameaça. Fala que se eu não me comportar, vou apanhar.

Respirei fundo, sabendo que a voz que infligia uma tortura psicológica era mais pesada que a mão que deixava um hematoma na pele.

Colocando-o no chão, virei-me para Nadine, estendendo a mão para ela.

Hesitante, ela se aproximou, aceitando meu toque. Conduzi-a então até ficar de frente para Johnny. Eram duas pessoas importantes para mim, e eu estava feliz em finalmente apresentá-los sem a intromissão de Frank.

— Sei que vocês se conheceram naquele dia do jantar, mas... Nadine, este é Johnny, Johnny, esta é Nadine.

Ela sorriu, adoravelmente tímida, mas felizmente Johnny ainda não tinha perdido seu jeito com pessoas e logo a abraçou, sem nenhum pudor.

Nadine sobressaltou-se com o gesto, chegando a olhar para mim como se pedisse autorização em relação ao que deveria fazer. Só que eu mal conseguia parar de sorrir. E este sorriso ainda se ampliou quando ela passou os braços ao redor do corpo pequeno do menino, apertando-o contra si.

— Oi, Johnny. Rafael fala muito de você — ela afirmou com uma voz doce, lançando um olhar de soslaio para mim que provocou calafrios por todo o meu corpo.

— Se ele pudesse, ia ficar falando de você o tempo todo também. Você é a garota mais bonita que eu já vi.

Nadine corou, abaixando a cabeça. Não estava acostumada a lidar com elogios, e suas reações a esse tipo de coisa eram sempre adoráveis.

Deixei que terminassem as apresentações e coloquei a mão no ombro de Nadine. Ela pareceu confusa, passando os olhos por cada uma das pessoas presentes e voltando-os para mim, como se buscasse explicações.

— Você está pronta para ver a sua mãe, Borboleta? — joguei a informação, e ela demorou um pouco para absorvê-la. Quando o fez, arregalou os olhos e ficou calada, completamente paralisada. Cheguei a sentir medo que despencasse ali mesmo, de tão pálida que ficou subitamente. — Nadine? — chamei só para me certificar de que ainda não tinha entrado em colapso.

— Do que você está falando? — indagou com olhos desesperados, provavelmente temendo que fosse uma brincadeira de mau gosto.

— Santos e Johnny vão nos ajudar para que eu te leve até a sua mãe. Ele não pode nos ajudar a fugir, mas ao menos você vai vê-la.

Nadine levou uma mão ao peito, enquanto a outra foi parar no encosto do sofá, como se ela precisasse de apoio para se manter de pé.

— É verdade isso? — sussurrou.

— Acha que eu mentiria sobre alguma coisa assim? — Com lágrimas de

antecipação nos olhos, ela balançou a cabeça, negando, e eu novamente lhe estendi a mão. — Não podemos demorar muito, porque os outros homens de Frank podem nos dedurar. Mas acho que vai dar para você matar a saudade dela.

Ela nem hesitou daquela vez. Porém, ao invés de aceitar a minha mão, novamente me abraçou, como no dia em que pediu que eu não fosse lutar. Era apenas a segunda vez que fazia isso, mas a sensação foi completamente nova, porque meu coração abrigava uma emoção diferente por aquela garota. Algum tempo havia se passado desde o último contato daquele tipo, e eu sabia que se demorasse trinta dias mais para que me abraçasse novamente, o sentimento já teria evoluído.

— Obrigada — falou bem baixinho, com a cabeça enterrada contra o meu peito.

Ergui minha mão em direção ao seu cabelo, acariciando-o.

— Não é nada, Borboleta. Você merece vê-la. — Segurando seus braços, afastei-a o suficiente para poder olhar em seus olhos. — Vamos?

Secando algumas lágrimas, mesmo em meio a um sorriso, Nadine balançou a cabeça, e nós seguimos, guiados por Santos.

Assim que chegamos em frente à porta do quarto de Elizabete Danneman, Nadine colocou a mão dentro da minha, como se buscasse forças. Estava gelada e trêmula.

A porta foi aberta, mas mesmo assim ela não entrou.

— Calma, Borboleta... — foi tudo o que consegui dizer, porque não fazia ideia de qual conselho lhe dar em uma situação como aquela.

— Desculpa, estou agindo como uma boba...

Usei a mão que estava entrelaçada à dela para virá-la para mim, tocando seu rosto quase lívido de medo.

— Não, Borboleta, não está. Você tem todo o direito de ficar nervosa. Só não deixe que o medo te prive de fazer algo que você quer muito.

Respirando fundo, ela assentiu e finalmente cruzou a soleira do quarto. Johnny estava sentado na cama da mulher, como se já a conhecesse. Imaginava que, com seu jeitinho cativante, o menino já tivesse ganhado o coração da mãe de Nadine.

Quando entramos, Elizabete voltou os olhos na nossa direção, e eu os vi pesados, quase vazios. Mas quando enxergou Nadine, eles adquiriram o resquício de um brilho. Ainda opaco, frágil, mas era possível ver o quanto amava aquela garota.

— Filha... — falou com a voz rouca e quebrada, como se tivesse acabado de sair de um coma. Abriu os braços, e, como se tivesse subitamente perdido todos os medos, Nadine soltou minha mão e saiu correndo em direção à mãe,

lançando-se contra ela sobre a cama.

As duas se abraçaram, e eu fiquei distante, apenas observando. Johnny logo voltou para perto de mim, enquanto Santos se afastava para vigiar.

— Minha princesa... — Elizabete também chorava, e as duas se tocavam com desespero. Tendo amado minha mãe com todo o meu coração, e tendo sofrido sua perda como se tivessem me arrancado um membro, conseguia compreender cada reação de cada uma delas.

Queria sair de perto para lhes dar privacidade, mas a cena era tão bonita que demorei um pouco para conseguir me mexer. Assisti enquanto as duas conversavam, embora Elizabete se mantivesse um pouco aérea, como se ainda houvesse resquícios de sedativos em seu corpo. Porém, se isso fosse verdade, ela se mantinha firme só para ficar com a filha.

— O que aquele louco está fazendo com você, minha filha? — Começou a chorar mais copiosamente. — Tenho vergonha de não poder te defender... De não ter forças para te tirar daqui.

— Não diga essas coisas, mãe. Você precisa reagir por si mesma. Para não deixar que ele te deixe desse jeito.

Eu não tinha conhecido a mãe de Nadine antes daquele dia, mas conseguia enxergar algumas semelhanças entre elas. O mesmo cabelo alourado, liso, os olhos azuis idênticos... A mulher deveria ter sido muito bonita um dia, mas agora era magra como um cadáver, os cabelos começavam a ficar grisalhos na raiz, secos, e havia muitas rugas em seus olhos, além dos lábios ressecados. Era uma visão triste.

Não, mais do que isso. Era deprimente. E, se era assim para mim, não podia sequer imaginar o que passava pela cabeça de Nadine.

Naquele momento, decidi que era melhor deixá-las em paz. Comentei isso baixinho no ouvido de Johnny, que concordou, e já estávamos prontos para sair quando ouvi a voz da garota, me chamando.

— Fael...

Fael.

Era a primeira vez que me chamava assim. Era adorável, e novamente ela conseguiu, com muito pouco, provocar cócegas no meu coração.

Logo depois de me recuperar da intensidade com que minha mente absorveu aquele simples apelido carinhoso, fui até elas, sendo recebido por um sorriso frágil de Elizabete.

— Johnny não estava exagerando quando disse que tinha um irmãozão. Você é um rapaz grande, Rafael — ela brincou.

— Ele só tem tamanho, mãe. Rafael é a pessoa mais doce e gentil que já conheci.

— Conto com você para cuidar dela, garoto. Sei que a situação dos dois não é das melhores, e eu lamento muito por você ter sido pego nessa briga de família por acaso, mas talvez o destino tenha te enviado para que minha Nadine não fique sozinha.

Em qualquer outra situação, eu poderia contestá-la e dizer que o universo poderia ir à merda se tinha mesmo planos de manter uma pessoa jovem privada de sua liberdade só para cuidar de outra. Só que, naquele caso, eu mais do que concordava com ela. Se meu destino era cruzar o caminho de Nadine para protegê-la, aceitaria a missão de bom grado.

Estava prestes a responder alguma coisa à mãe dela, quando Santos, apavorado, veio correndo, entrando no quarto e chegando a empurrar a porta na direção da parede.

— Ele voltou! Ele voltou!

Não foi preciso dizer mais nada para que eu entendesse exatamente de quem ele falava. Frank estava em casa. E iria nos pegar no flagra.

Imediatamente olhei para Nadine, que entrou em total pânico. Certamente seria ela a pagar pela minha ousadia. A culpa já começava a borbulhar dentro de mim.

A voz dele, assoviando a música que estivera ouvindo no primeiro e único jantar que compartilhamos, foi se aproximando cada vez mais. Não havia jeito de nos escondermos nem fugirmos. Obviamente, se estava ali, já sabia muito bem sobre nosso ato de rebeldia.

E minha suspeita foi confirmada quando ele entrou direto no quarto de Elizabete, olhando-nos como se fôssemos um bando de crianças levadas aprontando travessuras.

— Coelhinhos assustados, o bicho papão chegou! — falou com a voz animada, como se aterrorizar-nos fosse um dos seus passatempos preferidos. Parou diante da porta, com os braços abertos e o corpo levemente inclinado para trás, como se fosse o mestre de cerimônias em um espetáculo.

Na verdade, aquele era o circo dele. Talvez ele nos visse como seus palhaços.

Instintivamente, aproveitando que Santos estava próximo a Johnny, tão encrencado quanto nós, coloquei-me na frente de Nadine, servindo de escudo, antes que ele conseguisse chegar perto dela.

— A ideia foi minha, Frank. Se tiver que punir alguém, que seja eu.

— Mas eu não duvidei disso em momento algum. Só que eu tenho ótimas maneiras de te punir. Acho melhor me entregar essa garotinha bonita que está atrás de você. Vou começar a contar, e a cada número que deixar passar, é um dia a mais que vou deixá-la sem comer.

Eu não ia entregá-la a ele. Nem fodendo. Especialmente pela forma como a mão dela buscou meu punho, agarrando-o e apertando-o com força, como se pedisse proteção.

Não sabia o que fazer. De verdade.

— Um... Dois... Três...

Imaginei que Frank iria continuar contando, e já me sentia apavorado pensando que não havia jeito de fugir dali. Mais cedo ou mais tarde, ele acabaria pegando Nadine, e ela pagaria cada vez mais caro pelas minhas decisões erradas.

Só que, inesperadamente, Johnny partiu para cima de Frank, mordendo seu braço com força.

— Não, Johnny! — gritei para ele, mas era tarde. Apesar de reclamar da dor que lhe foi causada, Frank agarrou o menino pelos cabelos pretos, arrancando a cabeça pequena de seu braço. Depois, enlaçou-o pela cintura e o tirou do chão.

— E aí, Nadine? Vai deixar que uma criança pague no seu lugar? — Ele fez uma pausa, enquanto Johnny se debatia em seus braços, xingando-o de todos os nomes possíveis.

Foi quando Nadine deu um passo à frente, corajosa, de cabeça erguida.

— Você não vai machucar ninguém por minha causa.

Tentei segurar o braço dela, sussurrando seu nome, mas ela se soltou. Sem que eu nem me desse conta do que estava acontecendo, Frank entregou Johnny a Santos.

— Leve-o para o quarto dele e o deixe sem jantar. Mas só hoje. Depois, eu e você, Santos, também teremos uma conversinha.

Então, ele foi se aproximando bem devagar de Nadine, com um sorriso de canto, sarcástico. Tentei novamente intervir, mas ela também foi de encontro a ele, que simplesmente agarrou seu braço, começando a arrastá-la em direção à porta.

Virou-se para mim, ainda com a mesma expressão maliciosa, dizendo:

— Você pode vir também, Rafael. No caminho, vamos tendo uma conversinha.

E saiu do quarto, levando Nadine consigo, fazendo com que eu me sentisse o maior quebrador de promessas de toda a história. Ele iria fazer mal a ela, e eu estava permitindo.

Porra de destino filho da puta!



Capítulo 6

Rafael

APESAR DAS CONDIÇÕES QUE A VIDA ME IMPUSERA, sempre consegui controlar meus sentimentos, especialmente os negativos, que eu sabia que poderiam me consumir como um incêndio de enormes proporções.

Havia algo de muito perigoso em saber se defender; em saber exatamente a quantidade de força que se tinha e quanta seria necessária para quebrar a cara de alguém.

Ou para matar uma pessoa.

Era uma maldição compreender quais ossos eram mais dolorosos quando quebrados com um chute ou onde atingir um indivíduo para que ele apagasse imediatamente, porque foi assim que aprendi a me proteger num mundo que dia após dia desejava me devorar.

Ainda assim, tendo vivido na rua, sempre consegui manter meu ódio camuflado por uma espécie de paciência que era conquistada com muita cautela.

Mais complicado do que saber todas essas coisas era não imaginar o que fazer em uma situação onde uma pessoa de quem você gostava estava prestes a sofrer um castigo que não merecia. Estar em total poder de outro ser humano com intenções cruéis era a pior maldição existente, porque se eu encostasse um único dedo nele, ela sofreria.

Se encostasse todos, como queria fazer, com os punhos cerrados em contato com aquela cara de demônio, nem imaginava o que ele faria com ela.

Chegamos a uma espécie de quarto de empregada, onde ele acendeu uma luz, revelando um espaço bem pequeno, mal iluminado, que continha apenas umas prateleiras com caixas de ferramentas, algumas bugigangas e produtos de limpeza. Havia um banheiro também, muito pequeno, mas um local estrategicamente escolhido para que Nadine realmente fosse deixada por dias,

como ele prometera que faria.

Só de pensar nisso, meu sangue já começava a ferver.

E isso era suficiente para que explodisse e deixasse de ser o cara pacífico que lutava tanto para ser.

Assim que ele soltou Nadine, empurrando-a para dentro do quartinho – com tanta força que a derrubou no chão –, eu aproveitei para agarrá-lo pela gola da camisa, jogando-o contra a parede com força, rezando para conseguir quebrar sua cabeça ao meio sem muito esforço.

Eu conhecia minha força. Sabia meus limites. Estava muito próximo de perder todos eles com aquele homem.

— Três dias é pouco para você, Rafael? Posso dobrar a punição, mas acho que nossa delicada Nadine não vai aguentar.

— Por que não se mete comigo? Por que tem que ser um covarde para machucar uma garota inocente? Sua sobrinha, porra! Fui eu que a convenci a te desobedecer. O castigo deveria ser para mim! — Puxei-o um pouco para a frente só para fazê-lo novamente colidir com a superfície dura. Estava desesperado. — Por quê?

— Porque é muito divertido te ver assim, tão passional. Percebo que já se apegou a ela. Viu o que eu proporcionei a vocês? — Havia uma quantidade insana de sarcasmo e perversão na forma como falava e me olhava. Com uma cara de louco, arregalou os olhos, provocador: — Eu sou o destino. Coloquei um no caminho do outro. Deveriam me agradecer.

— Rafael... — Nadine, ao meu lado, colocou a mão no meu ombro. — Chega. Vai ser pior.

— Ah, vai — Frank assentiu. — Ou já esqueceu que eu tenho duas coisas que te são importantes? Aquele garotinho insolente também pode ser castigado.

Ao ouvi-lo dizer isso, soltei-o imediatamente, recuando e me sentindo um lixo. Como era possível que meia dúzia de palavras conseguissem me desarmar e me tornassem um fraco, incapaz de defender as pessoas que precisavam de mim?

Minha respiração fazia meu peito subir e descer em um ritmo que refletia o tamanho do meu ódio. Podia jurar que meu rosto deveria estar vermelho e que havia lanças em meus olhos – e eu adoraria que elas realmente escapassem e o atingissem em cheio no meio do peito.

— Deixa ela em paz, Frank. Se quiser que eu implore por isso, posso implorar. Se isso for te fazer sentir mais homem ou te dar um senso de vitória, que se foda. Só deixa ela voltar comigo...

Eu estava apavorado com a ideia de Nadine pagar por uma ideia estúpida que eu tive.

Mas... porra! Eu só a levei para ver a mãe. Era direito dela. Aquele homem

já roubava tudo todos os dias daquela garota. Só queria lhe dar um pouco de alegria; tirar a expressão melancólica do rosto mesmo que por algumas horas.

No entanto, só servi para piorar as coisas. Estragar tudo.

— Muito heroico da sua parte, garoto. Sabia que tinha escolhido bem quando te trouxe para cá — falou, tentando soar enigmático, mas era muito simples compreender o que quisera dizer com aquela frase. Ele estava brincando com nossas vidas. E sentia prazer nisso. — Mas o preço é esse: você vai lutar para mim daqui a três dias. Se vencer, ela é sua novamente. Vou deixar vir buscá-la e levá-la de volta. Se não ganhar, vamos ver por quanto tempo mais a manteremos aqui.

Dizendo isso, ele tentou fechar a porta, mas eu a espalmei, mantendo-a aberta. Meus olhos fixaram-se nos de Nadine, que me transmitiam uma mensagem clara. Enquanto parecia prender o choro para não me deixar ainda mais dividido, pedia, tanto com sua expressão desesperada quanto com o movimentar de seus lábios silenciosos, que eu obedecesse.

— Você quem sabe, Rafael. Quanto mais rebeldia demonstrar, mais as coisas ficarão piores. Volte para o porão agora, como um bom menino; é a melhor forma de protegê-la neste momento.

Meus olhos voavam de Nadine para Frank, como se eu estivesse assistindo a um jogo de tênis muito disputado. Eu não queria deixá-la ali. Deus... eu não podia. Prometi que não a abandonaria, que não a deixaria sozinha, mas o que poderia fazer? Aquele homem era um monstro e sabia o jeito certo de manipular a todos nós.

Pela forma como Nadine foi recuando e se afastando, aninhando-se em um canto da despensa, entendi que não havia alternativa. O que eu precisava era dançar conforme a música; como um cordeirinho obediente, esperando que ao menos ele cumprisse a promessa de não machucá-la – embora imaginasse que três dias sozinha e confinada naquele lugar pudessem ser bem mais traumatizantes do que qualquer outra coisa, especialmente a julgar pela forma como estava encolhida.

Isso me partia ao meio.

Acabei acatando a ordem e voltando para a merda do porão sozinho.

E aquele espaço nunca me pareceu tão grande.

Durante todo o caminho, desde a despensa nos fundos da propriedade até o maldito cativeiro que eu e Nadine precisávamos chamar de lar, Frank foi assobiando a porra da música que começava a me dar nos nervos, como se estivesse muito satisfeito consigo mesmo. Às vezes eu tinha a impressão de que ele se empenhava em parecer um vilão de novela mexicana, mas logo me dava conta de que era pura loucura mesmo.

Assim que a porta foi trancada atrás de mim, senti-me levemente dormente, como se tivesse tomado algum tipo de narcótico que me dopara apenas pela metade. Era como se os últimos acontecimentos estivessem cobertos por uma névoa.

Meus pés, inconscientemente, me levaram até o quarto de Nadine, e vê-lo vazio me causou uma sensação muito ruim de que tinha falhado com ela na primeira oportunidade. Saber que ficaria assim por mais três dias – isso se o demônio cumprisse sua promessa – me provocou uma dor física, ao ponto de me fazer caminhar até sua cama e deitar sobre ela. Cansado. Sentindo-me um merda. Culpado.

Acabei pegando no sono, e embora eu pudesse ter acordado mais calmo ou mais resignado, abrir os olhos para a realidade que me rondava só serviu para fazer a raiva explodir mais ainda.

Parti para a sala de musculação, tirando a camisa, jogando-a no chão e enrolando as gazes nas minhas mãos. Comecei a socar o saco de areia, como se a cara de Frank estivesse estampada nele. Queria movimentar meus músculos até eles pedirem basta; até ficarem doloridos, porque esta dor certamente seria mais suportável do que a vergonha. Do que o arrependimento.

Do que a porra da falta que ela começou a me fazer conforme as horas foram passando. Conforme sua ausência foi cavando um buraco muito profundo bem no meio do meu peito.

Era como se eu não soubesse mais o que fazer sem tê-la por perto. Passava horas deitado no sofá, olhando para o teto, apenas alimentando os pensamentos destrutivos que me reduziam a um verme incapaz de cuidar da garota que precisava tanto da minha ajuda.

Esses eram os *bons* momentos.

Nos piores, eu começava a compreender que estava apaixonado.

E havia muitas coisas perigosas a respeito deste sentimento. Não se tratava de uma situação normal. Aliás, não havia nada de normal entre nós. Éramos como experiências, cobaias de um laboratório, e tudo ao nosso respeito poderia ser considerado forçado, planejado, imposto. Aquela, sem dúvidas, fora uma das intenções de Frank ao nos colocar juntos. Ele sabia que isso iria nos enfraquecer e nos tornar marionetes facilmente manipuláveis.

No primeiro dia sem Nadine, mal consegui tomar café da manhã e nem almoçar, mas me forcei a comer um prato de comida no jantar, porque lembrei que precisava manter minha força e minha energia para a luta que estava por vir. Sem dúvidas não seria fácil, como não fora a primeira, e se eu perdesse, minha Borboleta iria sofrer ainda mais.

Minha Borboleta...

O pronome possessivo não tinha nada a ver com posse, até porque... ela não era minha em nenhum aspecto. Nem amiga, provavelmente, já que não dava abertura para isso, porém, era a mais linda borboleta para mim.

Porra... como doía pensar nela naquele lugar, sozinha, assustada e faminta.

Também doía chegar à conclusão de que meus sentimentos por ela estavam mais fortes do que imaginei a princípio e não tê-la ali para poder ouvir tudo que eu queria lhe dizer. O quanto era incrivelmente doce. O quanto seus olhos diziam tudo que seus longos silêncios queriam esconder. O quanto eu queria beijá-la demoradamente, bem devagar, até que sua mente simplesmente se desligasse por completo da realidade feia na qual vivíamos.

Havia muitas coisas que eu queria dizer.

E era idiota demais para não ter percebido tantas coisas antes.

Só que, mais uma vez, nada disso importava. Meus sentimentos deveriam ficar em segundo plano. Precisava trazê-la de volta. Mas só conseguiria isso se ganhasse aquela luta.

Então, esforcei-me na musculação em dobro, tentando ganhar resistência e ainda mais força. Soquei o saco de pancadas mais vezes do que seria saudável naqueles dias, porque precisava de golpes precisos. Também tomei todas as vitaminas que Frank trazia para nós, já que vivíamos confinados em um espaço sem janelas e sem luz do sol.

Precisava ser invencível.

No último dia antes da luta, exercitei-me, mas peguei um pouco mais leve, e comi coisas mais saudáveis. Alguns carboidratos e proteínas, na intenção de me manter em pé da melhor forma possível. Quando saí, portanto, à noite, no horário marcado por Frank, minha expressão impassível falava muito sobre meu estado de espírito. Não esbocei nada; nem mesmo a raiva que sentia podia ser encontrada no meu rosto. O demônio sussurrava no meu ouvido, mas eu nem sequer ouvia sua voz, era como se estivesse perdido em um limbo.

Daquela vez ele nem precisou levar Johnny. Claro que não... Com Nadine presa e totalmente à sua mercê, eu não teria coragem de não andar perfeitamente na linha. Ganhar a luta, infelizmente, não dependia apenas de mim, mas eu estava decidido a dar tudo de mim.

Até onde eu permaneceria justo em uma luta onde havia tanto em jogo? Até onde conseguiria manter os ensinamentos do meu pai sobre nunca ultrapassar os limites, nunca perder a honra dentro do ringue, quando alguém tão importante para mim dependia daquela vitória? Fosse como fosse, eu precisaria ganhar.

E esta era a maior prova de que Frank estava começando a tirar tudo de mim.

Ainda assim... não importava o que teria que fazer naquele ringue, eu não

iria me deixar corromper. Podia permitir que a escuridão me tomasse por alguns instantes, mas ela não iria permanecer em mim. Não com o tanto que meu pai lutou para que eu fosse um bom homem.

Quando pisei no ringue, portanto, não era mais o Rafael. Era o Corvo.



Nadine

CHEGA UM MOMENTO, durante longos períodos de solidão, que você precisa falar algo sozinho, nem que seja para ouvir o som de alguma voz. Muitas vezes é por isso que pessoas perdem a sanidade.

Passei muito tempo dentro do porão daquela casa sem nenhuma companhia, mas eu tinha muitas formas de entretenimento para me manter ocupada. Por vezes me pegava pensando se estava cruzando o limite da loucura quando conversava comigo mesma ou quando me pegava lendo trechos dos livros em voz alta, como se estivesse interpretando a cena. Ou quando faxinava todo o espaço com uma dedicação doentia, só porque não queria manter meu corpo parado – era isso ou correr na esteira da academia até quase sentir as pernas falharem. Tudo isso, para mim, eram claros sinais de um princípio de insanidade.

O que me deixava apavorada.

No local onde eu me encontrava naquele momento, só me cercava a escuridão. Não havia janelas, e a luz elétrica que pendia do teto estava queimada, então, eu não conseguia ver quase nada. A única iluminação vinha de uma janelinha minúscula no alto do banheiro – pequena o suficiente para que eu não pudesse sequer sonhar em passar por ela. Mais parecia um duto de ventilação, aliás.

No primeiro dia, quando o estômago começou a roncar, eu fiquei andando de um lado para o outro, inquieta, pensando no que iria fazer se Frank não cumprisse a promessa de me tirar dali em três dias. Ou melhor, meus primeiros planos tinham que ser para suportar aquelas setenta e duas horas sem pirar.

Por haver uma pia e um box no banheiro, havia água em abundância, então, tentei me hidratar ao máximo, porém, a pressão acabou caindo, e eu me vi um pouco mais fraca.

Esforcei-me para dormir. Dormir a toda hora. O sono me alimentava e acelerava o tempo. Também tomei banhos, embora vestir a mesma roupa não fosse nada agradável. Só que a água caindo no meu corpo me fazia sentir um pouco melhor.

Tentei focar minha mente em coisas boas. E, como não era de se

surpreender, ao pensar em algo que pudesse me deixar calma e me provocar melhores sensações dentro do meu peito, foi o rosto de Rafael que surgiu imediatamente nas minhas lembranças.

Naquela estranha convivência forçada, vivendo sob um mesmo teto, tendo apenas um ao outro como companhia, ele se tornara praticamente meu mundo inteiro.

E iria lutar novamente...

Pela forma como saíra da despensa no dia em que Frank me prendeu, pela raiva que demonstrara, a maneira como reagira, jurei que acabaria matando meu tio ali mesmo. Não haveria um único resquício de pena em mim, mas pelo pouco que já conhecia de Rafael, ele não era assim. Não era uma pessoa violenta, embora seu sustento viesse dos punhos. Só que me apavorava o descontrole que o desespero era capaz de provocar.

A culpa que vi em seus olhos era suficiente para levá-lo a medidas extremas, das quais poderia se arrepender depois.

Tudo o que eu queria era fazê-lo saber que não havia culpa. Apenas Frank era o responsável por tanto sofrimento. Rafael me dera um enorme presente ao me levar para ver minha mãe, e nem mesmo as horas intermináveis que passei naquela despensa iriam minimizar os breves momentos que consegui ficar perto dela.

Na verdade, ele era o responsável por muitas coisas boas que estavam acontecendo. Graças a ele eu conseguia me sentir uma pessoa novamente. Não me sentia mais sozinha. Não sentia tanto medo o tempo inteiro. Não me sentia apenas a garota fraca, sem futuro e sem propósitos. Eu me sentia...

Como uma borboleta... Que um dia sairia de um casulo e seria livre para voar.

Foi pensando em Rafael que me mantive forte naqueles dias. Talvez fosse só o pensamento bobo de uma garota boba, mas ele era minha esperança.

Tanto que não me decepcionou.

Quando ouvi o barulho da chave entrando na fechadura, mal consegui erguer a cabeça do chão, porque me sentia fraca, dormente. Tremia de frio, porque minha pressão deveria estar bem baixa, mas consegui abrir os olhos e vi que a parca luz que incidia pela janelinha do banheiro não estava marcando o chão. Então ainda era noite.

A figura enorme de Rafael entrou no pequeno cômodo apressada, agachando-se ao meu lado e me pegando do chão, virando-me de barriga para cima. Ele mesmo manipulava meus movimentos, porque eu não tinha discernimento para me mexer sozinha.

— Nadine? — chamou, e eu queria responder, mas minha voz estava presa

na garganta. — Olha o que você fez com ela... — vociferou, virando a cabeça na direção da porta, mas seu corpo escondia o que eu imaginava ser Frank, que nos espreitava.

Rafael afastou algumas mechas de cabelo do meu rosto, e meus olhos finalmente entraram em foco, permitindo que eu o visse.

Estava com os cabelos penteados para trás, como se tivesse passado a mão neles, ainda suados. Havia um mísero corte em seu lábio inferior, que ainda parecia fresco, e eu concluí que tinha saído da luta há pouco tempo.

Se isso era verdade, ele estava ileso. Não queria nem imaginar o que tinha feito, porque eu sabia muito bem que os competidores do clube de Frank não eram nem um pouco leais. Para vencer daquele jeito, sem uma única marca, Rafael, provavelmente, tivera que descer ao nível deles.

Meu doce Lancelot... No que iria se transformar depois de mais algum tempo vivendo naquele pesadelo?

— Fael... — chamei também pelo novo apelido, sentindo-o sair como um sopro de fé de dentro da minha boca.

— Estou aqui, Borboleta... — Quase alertei para que não me chamasse daquela forma na frente de Frank, mas não importava mais. A forma como Rafael se dirigia a mim, como me segurava contra si, era prova suficiente de que havia sentimentos entre nós. — Vou te tirar deste lugar...

Com todo o cuidado, ele foi me ajudando a me levantar do chão e no momento em que fiquei de pé, sentindo minhas pernas bambas como gelatina, ele se preparou para me pegar no colo, mas eu neguei.

— Quero sair daqui andando — falei em um sussurro frágil, seguido de uma respiração profunda.

— Dine... a casa é grande, para chegar ao porão você vai ter que descer escadas, eu posso...

— Não quero que ele me veja saindo daqui carregada — interrompi Rafael, falando por entre dentes, tremendo de ódio. E de frio também. Meu corpo espasmava de um jeito que eu achei que iria falhar, como uma máquina que entra em curto antes de finalmente dar seu último suspiro.

Rafael rapidamente tirou sua própria camisa, de mangas compridas e, apoiando-me contra a parede, vestiu-a em mim, afagando meus braços, friccionando-os para transmitir-lhes calor.

Apesar disso, não insistiu em me carregar, porque provavelmente entendia de orgulho. Por mais que fosse uma escolha estúpida, porque eu cambaleei mais do que andei, seria bem mais humilhante depender de Rafael para chegar até a porcaria do porão onde vivia.

Bem, eu dependi dele, de certa forma, mas podia dizer que percorri o

espaço de um cômodo ao outro em minhas próprias pernas. Durante todo tempo ele foi me amparando, e Frank seguiu na nossa frente, com seus assovios odiosos. Não disse nada até metade do caminho, quando soltou o primeiro comentário cínico:

— Seu herói destruiu o adversário hoje, querida. Precisava ver a quantidade de violência que ele usou para defender a princesinha dele.

Ergui os olhos na direção de Rafael, enquanto andávamos, e o vi abaixar a cabeça, em uma expressão de puro constrangimento. Apertei sua mão com mais intensidade, esperando que compreendesse que eu jamais o julgaria; que ele não precisava sentir vergonha perto de mim.

Assim que cruzamos a porta do porão, Frank novamente deu o ar de sua graça.

— Durmam bem, crianças. Cuide dela, Rafael. Ela vai precisar de você.

E saiu, fechando a porta atrás de si.

No exato instante em que nos vimos sozinhos; que Rafael se afastou de mim por uma fração de segundo para acender a luz, eu me deixei levar, permitindo que finalmente meu corpo se entregasse à fraqueza. Teria caído no chão pesadamente se ele não tivesse surgido apressado, me segurando.

Ainda consciente, consegui ouvir quando disse:

— Calma, linda... Está comigo agora, vou cuidar de você.

Sentindo-me zozza ao ponto de não ter muita noção do que acontecia, senti quando começou a me levar para o quarto e me colocou sobre a cama com cuidado.

— Você precisa comer alguma coisa — ele falou com um toque de desespero e já ia saindo de perto de mim, mas consegui agarrar sua mão. Não com força, mas o suficiente para que compreendesse que eu queria falar alguma coisa.

Abri os olhos, fixando-os nos dele e respirando bem fundo para buscar o ar que precisaria para dizer o que queria... O que *precisava* que ele ouvisse.

— Nada do que tenha feito hoje vai mudar quem você é — falei usando todas as minha energia, mas mesmo assim soou baixo. Rafael ouviu, e isso era o que importava.

Ele novamente abaixou a cabeça, fitando o chão, mas a balançou levemente, concordando.

— Eu sei. Não duvido, porque me conheço. Mas meu pai deve estar se revirando no túmulo.

A forma como ele falou doeu dentro de mim.

— Me desculpa — escapou da minha boca, porque eu sabia que, de certa forma, era a culpada por seu rompante. Por ele ter se perdido, mesmo que por

pouco tempo.

— Você ficou louca? Eu te coloquei numa situação deplorável. Olha como você está... Se não tivesse inventado de te levar para ver sua mãe...

— Que bom que você fez isso. Foi... maravilhoso. Mesmo que por tão pouco tempo.

Ele sorriu, finalmente.

— Então vamos combinar uma coisa. Nada de pedir desculpas um para o outro por causa do que aconteceu nesses dias. Só tem um culpado nessa história — Rafael falou, começando a frase ainda com um sorriso e terminando-a com aquela expressão de ódio que já tinha visto em seu rosto mais de uma vez; sempre quando tinha a ver com meu tio.

Assenti, em um movimento quase imperceptível, e Rafael falou mais alguma coisa que perdi no vai e vem da minha semiconsciência. Afastando-se, ele demorou alguns instantes para retornar. Ouvi o som do micro-ondas, e um cheiro gostoso entrou no quarto, fazendo meu estômago doer de um jeito insuportável.

— Deixei isso aqui preparado hoje de manhã, porque é leve, e eu sabia que você não ia poder comer nada pesado depois de tantos dias sem colocar nada no estômago.

Era canja. Eu podia sentir pelo cheiro.

Ele tinha cozinhado para mim.

Ah, meu Deus...

Nem consegui processar toda a situação, porque ele colocou as mãos debaixo dos meus braços, reposicionando-me na cama, sem fazer o menor esforço para isso, deixando-me sentada, apoiada no encosto, com minha enorme borboleta sobre a minha cabeça.

Acomodando-se à minha frente, ele pegou o prato que nem vi quando colocou sobre meu criado mudo, preparando-se para me servir. Colheradas na boca. Era difícil de acreditar.

— Você cuidou de mim, agora é minha vez. Com certeza não é a melhor canja que já comeu na vida, mas é receita da minha mãe.

Não consegui protestar, porque... Bem, eu não queria fazer isso. Queria Rafael exatamente onde ele estava. Da forma como estava.

Mentira. Eu o queria mais perto. *Muito* mais perto.

Mas, naquele momento, o olhar que me dirigia era de compaixão. E não era o que eu queria.

— Eu devo estar horrível — comentei, entre uma colherada e outra, sentindo-me um pouco melhor e mais aquecida. Tanto que a blusa dele, com o cheiro *dele*, começava a parecer mais quente do que a própria comida.

— Impossível. Você é a garota mais bonita que eu conheço.

Dei uma risadinha desanimada.

— Não é como se você tivesse muitas outras para admirar — falei, e podia jurar que estava corada como um pimentão.

— Mas já tive. Já vi garotas e mulheres de todos os tipos; nenhuma delas chegava aos seus pés.

Olhei para ele com os olhos quase arregalados, surpresa.

Eu poderia culpar meu estado ainda debilitado, ou o desespero de ter ficado aqueles três dias confinada. Poderia justificar a coragem que surgiu subitamente com qualquer desculpa esfarrapada, mas apenas uma explicação era a verdadeira – se eu não tomasse a iniciativa de falar alguma coisa, Rafael se manteria cavalheiro demais para dar algum passo.

Então, estiquei a mão para o meu criado mudo, abrindo a primeira gaveta e tirando de lá um bloquinho e uma caneta. Anotei rapidamente o que queria dizer a ele, como no dia em que conversamos com uma porta a nos separar. Então, entreguei-lhe o papel.

Quase me arrependi ao fazê-lo, porque a mensagem era: "*Eu nunca fui beijada*". Estava literalmente me oferecendo para ele em uma bandeja dourada. E pela forma como ele me olhou, pude jurar que a última coisa que queria fazer naquele momento era me beijar.

Ele ia abrir a boca para dizer alguma coisa, mas eu fui mais rápida.

— Só se você fosse louco para querer beijar uma garota com uma aparência como a minha neste momento.

Rafael novamente pousou o prato no mesmo lugar de antes, e fiquei feliz com isso, porque não estava mais com fome. Pegou uma das minhas mãos e levou-a à boca, como se aquilo pudesse suprir o desejo que sentia de outro tipo de beijo vindo dele.

Eu não queria uma desculpa. Não queria explicações. Preferia que ele simplesmente dissesse que não se sentia atraído por mim, que me via como uma amiga; sua única opção em um mundo onde só vivíamos nós dois, mas Rafael iria insistir em dizer alguma coisa, e eu ainda me sentia fraca demais para discutir.

— Eu quero te beijar desde a primeira vez em que te vi. Só que não agora — falou em um tom sussurrado que só serviu para me deixar ainda mais atraída por ele.

Aqueles olhos... como era possível que fossem tão doces e intensos ao mesmo tempo?

— Você não precisa dizer isso. Não tem problema... Eu só pensei que... — O cansaço e a frustração foram começando a me dominar, tanto que fechei os

olhos, sonolenta, enquanto tentava fazer minha voz soar menos embargada.

Rafael levantou-se e veio me ajudar a ajeitar-me na cama, colocando-me deitada.

— Você pensa demais, Borboleta. — A voz dele soou distante. Talvez eu precisasse dormir apenas um pouquinho antes de continuarmos a conversar. Só que ele prosseguiu: — Você está fraca, assustada e precisa descansar. Eu acabei de sair de uma luta onde destruí meu adversário, e isso não me fez bem. Não quero te beijar com todas essas merdas nas nossas costas. Não na primeira vez.

Primeira vez? Então ele pretendia fazer isso com constância? Ou era apenas uma ilusão do meu inconsciente, que começava a falhar?

Eu estava exausta, então, podia ter confundido as palavras que disse.

A única coisa que minha mente processou foi que ele me negou um beijo. Meu *primeiro* beijo. E isso seria mais difícil de esquecer.



Capítulo 7

Rafael

NÓS PODERÍAMOS TER VOLTADO À ESTACA ZERO. Isso se eu tivesse permitido. Eu podia ser muito paciente e muito respeitador, mas tudo tinha um limite.

E Nadine podia ser uma coisinha rancorosa quando queria.

Ela tinha me pedido um beijo. Uma porra de um beijo que eu vinha desejando há um bom tempo. Um beijo no qual eu vinha pensando desde que prestei atenção em sua boca pela primeira vez.

Eu era literalmente o sujeito mais idiota da face da terra.

Ainda assim, não conseguia me arrepender. Não quando olhar para ela, naquele momento, me deixava destruído por dentro. Continuava linda, adorável, mas frágil. Se eu a pegasse nos braços, para realmente beijá-la com a intensidade que desejava, tinha a impressão de que poderia quebrá-la ao meio. E quando esse beijo acontecesse, eu não iria querer que fosse pela metade. Era o primeiro dela, merda! Queria que fosse especial.

Queria ser especial para uma garota que não tinha absolutamente nada.

Demos uns vinte passos para trás desde a noite em que a tirei da despensa e que neguei seu pedido. Ela ainda falava comigo, fingindo que nada havia acontecido, mas era transparente como cristal. Eu via em seus olhos, que quase nunca me encaravam, o quanto estava magoada, sentindo-se rejeitada.

Eu me odiava por isso, mas ainda não conseguia me sentir culpado. Fora a coisa certa, tinha plena certeza.

Queria resolver essa pendência o quanto antes, mas também precisava dar um tempo para que as coisas se acertassem mais entre nós. Eu sabia que a mágoa de Nadine não iria durar para sempre, porque não era uma garota mimada. Este tempo também foi bom para que eu colocasse a cabeça no lugar. Depois da

última luta, uma semana atrás, havia uma horda de demônios ao redor da minha cabeça, todos querendo sussurrar maldições para que eu sucumbisse e aceitasse que havia um novo Rafael dentro de mim.

Mas não era verdade. Eu não permitiria que a escuridão que me rondava me consumisse. Eu poderia estar nadando em um mar de maldade, mas não me deixaria afogar. Manteria minha cabeça emersa o tempo inteiro, protegendo meu coração. Não decepcionaria meu pai. Nunca.

A noite da luta fora uma exceção. Uma que eu sabia que poderia acontecer de novo, uma vez que Frank já tinha plena noção de que sua sobrinha era especial para mim. Precisaria saber lidar com esses dois lados, separando-os ao máximo. Era decadente necessitar tanto da violência, mas ela era minha companhia há um bom tempo.

Estava saindo do banho, depois de passar algum tempo na sala de musculação, como era minha rotina diária, quando ouvi o som característico da música que Nadine ouvia com constância. Era uma canção antiga, provavelmente dos anos 40, que destoava completamente das outras que costumava escutar.

Uma vez ela me dissera que se chamava *Stormy Weather*, da Etta James, e que sua mãe a usava como canção de ninar para fazê-la dormir.

Fazia dias que não ouvia nada, então, achei que era um sinal de que estava se sentindo um pouco melhor. Coloquei-me diante da porta de seu quarto e a observei por alguns minutos.

Com a cara em um caderno, escrevia algo freneticamente. Eu já a conhecia bem o suficiente para saber que deveria estar criando alguma de suas histórias, que nunca me deixava ler. Era algo que realmente a deixava feliz.

Apoiei meu ombro no batente da porta, cruzei os braços e fiquei avaliando-a por alguns instantes, sem que ela sequer reparasse em minha presença. De vez em quando, seus lábios se movimentavam com a letra da música, cantarolando em silêncio, imersa.

E eu estava realmente muito apaixonado por ela. O fato de tê-la de volta, de retomar nossa convivência, não mudou o sentimento. Pelo contrário, só o intensificou.

Ainda sem notar que eu estava ali, começou a se remexer no ritmo da música, com os olhos fechados, e um sorriso genuíno surgiu em seus lábios.

Sentia-me hipnotizado pela cena, e por mais que quisesse participar dela, outra parte de mim desejava apenas observar. Era a primeira vez que a via tão solta, tão relaxada, e saber que estava assim depois de tudo pelo que passou me confortava.

Virou a cabeça na minha direção, ainda com os olhos fechados, e quando os

abriu levou um susto ao me ver ali. Abriu um sorriso de canto, ainda fascinado, e ela simplesmente paralisou, corada de vergonha como um tomate.

— Você está aí há muito tempo? — perguntou, empertigando a coluna e tentando esconder o constrangimento.

Fui entrando no quarto dela bem devagarzinho, ainda sorrindo. Ela podia estar tentando esconder uma vergonha infundada, mas eu queria ocultar meu nervosismo. Tinha alguns planos para aquele momento.

Com as mãos nos bolsos da calça jeans e a cabeça baixa, parei diante dela e estendi a mão, finalmente olhando-a.

— Você não precisa mais dançar sozinha.

— O quê? — indagou surpresa.

— Estou te tirando para dançar... — falei como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Mas... aqui?

— Prefere outro lugar? Temos muitas opções... Podemos dançar na sala, no meu quarto, na academia ou na cozinha... Você escolhe... — brinquei, tentando não parecer sarcástico.

Ela revirou os olhos, impaciente, mas levantou-se, aceitando a minha mão.

Puxei-a para mim com um pouco mais de intensidade do que seria necessário para uma dança, fazendo-a colidir com o meu peito.

Sinceramente? Dançar era a última das minhas intenções naquele momento.

Nadine arfou com o contato, e involuntariamente meus olhos recaíram sobre seus lábios entreabertos. Minha mão cheia foi parar bem na curvatura de suas costas, enquanto a outra ainda segurava a dela, que eu usei para colocar seu braço ao redor do meu ombro, já que ela parecia completamente estática.

— Sabe? Meu pai era um homem meio bruto, meio grosseiro, mas com a minha mãe ele simplesmente se tornava um cordeirinho. Volta e meia ele a tirava para dançar, por mais que tivesse os pés mais duros do que pedras. — Nadine abriu um sorrisinho, e eu senti que as barreiras que tinha erguido contra mim naquela última semana estavam caindo. Então, continuei: — Eu gostava de observá-los, porque fazia minha mãe rir, e ela ficava linda rindo — disse, nostálgico. — Às vezes, ela aproveitava o clima me ensinava alguns passos, porque dizia que um dia eu iria ficar muito apaixonado por alguma garota e iria querer tê-la assim, bem perto. — Estreitei Nadine com mais força nos meus braços, puxando-a um pouco mais, embora não fosse possível passar uma única folha de papel entre nossos corpos. Ela novamente ofegou.

— Rafael, eu...

— Shhhh — pedi que se calasse, porque ainda não tinha terminado. Inclinei minha cabeça, deixando meus lábios muito próximos aos dela, ao ponto de

nossas respirações se confundirem. Roci-os um no outro, fechando os olhos, porque queria absorver a textura de sua boca apenas com um único sentido. Queria saber de antemão se era tão macia quanto parecia ser. — Eu quero você bem perto, Nadine. Quero te tocar e te beijar até que nenhum de nós pense em mais nada.

— Você não quis no...

— Eu quero — interrompi sua frase, porque já sabia exatamente o que iria dizer, e não precisávamos daquele tipo de insegurança minimizando o momento. — Quis naquele momento, quero há semanas, meses... Quero te beijar do jeito como você merece ser beijada... Meu Deus, Borboleta, eu quero tanto...

Nenhum de nós dançava mais. Já de olhos abertos, eu a contemplava com reverência, sentindo-a estremecer. Levei uma das mãos ao seu rosto, acariciando-o com ternura, esperando que ela sentisse cada resquício dos meus sentimentos. Não queria que pensasse que o que iria acontecer entre nós era por falta de opções para mim. Porque ela era a única garota a quem eu tinha acesso.

A verdade era que ela era a única garota que eu *queria*.

— Eu quero muito, Nadine — repeti, quase sentindo minha voz falhar. — E você? Ainda quer que eu seja o dono do seu primeiro beijo?

Ela também estava de olhos fechados e chegou a soltar um gemido bem suave, como se estivesse tentando falar para me responder, mas não fosse capaz. Eu a compreendia. Muito bem.

— Fala comigo, linda. Não vou te beijar se não tiver sua permissão.

— Você tem... Meu Deus, Rafael, você tem *toda* a minha per...

Bem, isso era tudo que eu queria ouvir.

Segurando seu rosto com ambas as mãos, tomei finalmente seus lábios nos meus, engolindo suas palavras, não deixando que terminasse de falar, porque eu tinha pressa.

Mas essa pressa só durou até que minha língua invadiu sua boca, porque, então, o relógio pareceu recuar, concedendo todo o tempo do mundo a nós. Comecei com paciência, deixando que Nadine seguisse meu ritmo de forma instintiva, retribuindo e se entregando da forma mais doce possível.

O beijo continuou delicado até ela arfar e soltar mais um gemido contra a minha boca, o que me fez perder um pouco a cabeça. Tudo a respeito dela me deixava em chamas, especialmente a forma como mantivera seus braços entrelaçados ao redor dos meus ombros só até o momento em que as coisas começaram a intensificar. A partir deste ponto, suas mãos foram descendo pelos meus braços, pelo meu peito, como se ela quisesse explorar o meu corpo tanto quanto eu queria fazer o mesmo com o dela.

Sabendo que tudo poderia se tornar muito perigoso, usei um braço para

enlaçar sua cintura, tirando-a do chão só para levá-la até uma parede, onde a impensei sem tanto cuidado e onde tencionava continuar, com as mãos apoiadas em algum outro lugar, antes que elas se perdessem por partes proibidas. Coloquei-as, então, cada uma de um lado da cabeça dela, encurralando-a, embora Nadine não parecesse nem um pouco disposta a sair dali.

Eu não queria parar. Não queria afastar-me dela. Queria beijá-la até que chegasse a noite, até que amanhecesse o dia e que nossos lábios estivessem dormentes. Até que não conseguíssemos mais ficar de pé e eu tivesse que levá-la até a cama, onde continuaria a beijá-la. Queria que se passassem dias, semanas, meses... Queria que durasse para sempre.

Queria que ela estivesse sentindo o mesmo. Para saber se meus desejos eram reais, precisei me afastar. Precisei olhar para ela...

Se ainda não estivesse apaixonado, teria perdido a cabeça em segundos.

Levei uma das mãos que estavam apoiadas na parede ao seu rosto, sentindo-o quente e praticamente trazendo-a de volta, fazendo-a finalmente olhar para mim, e aqueles olhos azuis cristalinos tinham ganhado um tom um pouco mais escuro, quase índigo, tão fascinante que cheguei a ficar em silêncio, porque simplesmente não encontrava palavras suficientes que explicassem o que se passava naquele momento. Com meu corpo. Com meu coração. Com o mundo inteiro... porque não era possível que as órbitas terrestres não tivessem se modificado naquele momento. Ou que o chão não tivesse tremido. Ou que o céu não tivesse caído sobre as nossas cabeças sem que nem sentíssemos.

Os segundos que nos afastaram da realidade, perdidos entre olhares tão significativos, se arrastaram pelo máximo que conseguiram, como um livro que se estende por páginas e páginas; como aquele favorito de Nadine, que eu ainda estava lendo e que parecia não ter fim.

— Fala alguma coisa, Borboleta — sussurrei, ainda passando a mão pelo rosto dela, afastando uma mecha insistente que sempre caía sobre seus olhos, como uma cortina. Olhos como aqueles nunca deveriam ficar escondidos.

Enquanto fazia isso, uma risadinha escapou dos meus lábios.

— Não é exatamente lisonjeiro começar a rir depois de beijar uma garota — concluiu, constrangida, começando a abaixar a cabeça, mas eu a impedi, usando os mesmos dedos que tinham ajeitado seu cabelo, posicionando-os sob seu queixo para fazê-la olhar para mim.

— É que um pensamento cruzou a minha mente do nada...

— O que seria? — a voz dela também soava arfante, rouca, deliciosa.

— É que não sei se você percebeu, mas a música que dançamos terminou, assim como a seguinte, a seguinte, e já está tocando a quarta da sua playlist, o que quer dizer que ficamos nos beijando sem parar por quase três músicas

inteiras. Uns quinze minutos, em média? — brinquei, esperando quebrar o clima pesado que restara. — Nada mal para o nosso primeiro, você não acha? — Roubei mais um beijo rápido, um selinho, só porque a expressão mortificada que ela apresentou me deixou ainda mais encantado.

— Uau... — foi tudo o que ela disse, parecendo surpresa.

Mas eu não estava. Chegava a achar pouco.

— É, você resumiu bem... — Sem conseguir me conter, passei um braço pela sua cintura, com força, puxando-a mais para mim, novamente devorando sua boca, esperando que daquela vez não nos largássemos por horas.



Nadine

A PARTIR DAQUELE MOMENTO, beijos foram adicionados à lista de coisas que eu e Rafael costumávamos fazer juntos.

Milhares de beijos.

De vários tipos.

Que me provocavam os mais variados tipos de emoções.

Deus... e ele beijava de um jeito que eu não seria capaz de explicar.

Tudo bem que sendo o primeiro garoto que beijei, não haveria comparações, é claro, mas não era difícil perceber que ele sabia o que fazia; era terno, intenso e sexy de uma forma que nunca imaginei que seria possível.

Depois que nosso relacionamento evoluiu de uma estranha amizade para algo, Rafael fazia questão de me agarrar o tempo inteiro. Ele nunca passava muito dos limites, mas interrompia filmes na metade para me deitar no sofá, beijando-me como se o mundo fosse acabar no dia seguinte. Atrapalhava-me quando eu estava fazendo nosso almoço ou jantar – isso quando não era ele que cozinhava –, usando seu corpo que ficava cada dia maior para me encurralar contra o balcão.

Havia beijos na cama, antes de dormirmos, e estes eram um pouco mais plácidos, mais românticos, mais demorados e lentos. Passávamos as noites juntos, agarrados um ao outro, mas nunca chegamos mais longe.

Ao menos uma vez ao mês, Fael abandonava-me para lutar, deixando-me em completo desespero. Só que sempre voltava. Na maioria das vezes com um único arranhão, em outras, completamente ileso. Eu ainda era usada como barganha, e promessas de que eu seria novamente confinada naquela despensa ou que seria espancada até a inconsciência deixavam Rafael no limite da sanidade.

Toda vez que voltava para nosso porão, depois daquelas lutas, eu sabia exatamente o que tinha que fazer – deitar-me sozinha, sem ele, porque Rafael não gostava que o olhasse depois de tudo que fazia para me proteger. Ele tinha vergonha. Dizia que eu era pura demais para me contaminar com a sua maldade. Mas fora alguém da minha família que o arrastara para aquele inferno. Era injusto que se punisse por isso, mas respeitava sua decisão e mantinha distância, ao menos durante a noite.

Quando amanhecia, e ele começava a se sentir melhor, esgueirava-se para a minha cama, enfiando-se debaixo do edredom, e me abraçava, sussurrando no meu ouvido que me amava.

Eu também o amava. Incondicionalmente. Só que, às vezes, sentia medo de perdê-lo, não só no ringue, mas também para a vida. Ainda mantinha minha convicção de que ficaria imensamente feliz caso conseguisse escapar, mesmo se não me levasse junto. Mas se fugíssemos os dois, será que nosso amor permaneceria tão forte; tão invencível? Ou será que o mundo lá fora era ainda mais feio do que a universo que construímos ali dentro?

Será que fora daqueles muros que nos confinavam, eu ainda seria a garota que ele escolheria para si? Ou eu era a opção que estava disponível?

Por mais que Rafael nunca me fizesse sentir assim, esses pensamentos sempre acabavam se enfiando na minha cabeça, como parasitas, devorando meu bom senso e minha confiança.

Já fazia três anos que estávamos morando sob o mesmo teto. Éramos pessoas um pouco diferentes de quando nos conhecemos, mas, ao mesmo tempo, éramos os mesmos. Fazíamos as mesmas coisas, porque não tínhamos muita opção. Ainda assistíamos a filmes à noite com pipoca, Rafael ainda me tirava para dançar de surpresa e eu ainda gostava de ficar lendo no canto da sala de musculação, enquanto ele malhava.

Às vezes ele me dava aulas de defesa pessoal, o que eu gostava, principalmente quando acabávamos no chão, suados, perdendo-nos em beijos que me deixavam com mais calor do que o exercício em si.

E ainda trocávamos bilhetinhos. Quando acordava antes de mim – sempre de bom humor, o que acontecia com frequência –, ele ia malhar e quando terminava sua sessão de exercícios, deixava um papelzinho debaixo da minha porta, enquanto começava sua rotina.

Naquele dia, em específico, o que escreveu me fez soltar uma risadinha.

"Ontem, depois de você capotar no sofá, começou um excelente documentário sobre borboletas na TV. Decidi assistir para aprender mais sobre você. Sabia que elas são um dos exemplos mais perfeitos de simetria da natureza? Deve ser

*por isso que você é tão linda.
Vamos lá, aniversariante do dia, acorda logo que estou com saudade..."*

EU GUARDAVA todos aqueles bilhetinhos em uma gaveta do meu guarda-roupa; a única que podia fechar à chave. Guardava-os para o caso de no futuro precisar me lembrar de Rafael. Porque em nenhum momento eu dava sua presença em minha vida como certa. Algum dia eu o perderia. Sabia disso. De uma forma ou de outra.

Mas não era hora de pensar nisso. Era meu aniversário de dezoito anos. E por mais que muitos pudessem acreditar que eu não tinha muito o que celebrar, ao menos teria a melhor companhia.

Levantei-me de um pulo, tomei um banho e me arrumei o melhor que pude. Assim que saí do quarto, encontrei Rafael na sala, também cheirando a xampu e sabonete, sentado no sofá, assistindo a um seriado de comédia que passava pela manhã na TV a cabo. O som de sua risada foi o que me recebeu, e ela imediatamente me deixou satisfeita.

Eu amava a gargalhada dele. Era tão genuína, tão plena... Ao ouvi-la eu quase conseguia acreditar que era feliz. Levava a mão ao estômago e inclinava as costas para trás, fechando os olhos apertados. E o som dela... Deus, era música para mim.

Assim que me coloquei à sua frente, seu lindo sorriso se ampliou ainda mais, e ele agarrou meu braço, me fazendo cair em seu colo, onde roubou um beijo de súbito, me deixando sem fôlego sem esforço.

— Bom dia — disse e beijou minha boca mais uma vez. — Feliz aniversário. — Mais um beijo. — Você está linda. — Outro. — Eu te amo. — Terminou com um último beijo, um pouco mais demorado.

Tudo acontecera de uma forma estranha conosco. Rápido, se levássemos em consideração os tempos de relacionamentos convencionais. Lentamente, se analisássemos o fato de que não havia nada de convencional entre nós. O tipo de convivência que nos fora imposta tornava nosso relacionamento mais intenso do que o normal, mas, ainda assim, conquistamos alguma confiança antes do primeiro beijo, e o primeiro "eu te amo", vindo de Rafael, demorou ainda mais uns bons meses, embora fosse bem óbvio que o sentimento já existia há algum tempo.

A intimidade que tínhamos construído nos acalentava, mas me assustava também. Se um dia conseguíssemos sair dali, eu não fazia ideia de como iria me relacionar com outras pessoas. Rafael ainda interagia, embora muito pouco, quando saía para lutar, mas eu estava literalmente confinada há seis anos. Era loucura.

Mas, novamente, não queria pensar nisso bem no meu aniversário.

Conforme sempre acontecia naquele dia, uma caixa enorme me aguardava ao lado da porta. Olhei para ela, e Rafael rapidamente voltou seus olhos na direção também.

— Chegou cedo hoje. Está maior do que as outras.

Por mais que fosse um presente, quase uma correspondência, sempre que Frank enviava suas caixas para mim, com meus livros e com os presentes que ele achava que compensavam minha situação, era Rafael quem as abria. Fora um combinado entre nós, porque não podíamos confiar naquele homem. Ainda assim, ele sempre fazia na minha frente, com o meu consentimento, e daquela vez não foi diferente.

Como sempre, havia livros – muitos –, alguns BlueRays, uma enorme borboleta de neon para a minha coleção, além de outros itens dos quais eu precisava. Quem visse aquela caixa o julgaria como um tio zeloso, que enchia a sobrinha de presentes. Isso, é claro, se a pessoa não soubesse que ele comprava cada uma daquelas coisas com o *meu* dinheiro.

Havia outra caixa grande, um pouco menor do que a que transportara todos os presentes. Tinha uma tampa de veludo azul e vinha fechada por um laço de cetim da mesma cor, mas em um tom mais claro.

Levei-a até o sofá, sentando-me e abrindo-a sobre o meu colo. O presente era um vestido bonito, de festa, meu número. Era azul – minha cor favorita –, um tom profundo de índigo, e havia alguns detalhes de brilho muito discretos. Não fazia ideia do porquê de ele ter enviado algo assim, já que eu nunca saía daquele lugar para nada; muito menos uma ocasião onde pudesse me vestir daquela forma.

— Acho que ele pensou em tudo mesmo — Rafael comentou, de pé à minha frente, e eu ergui os olhos em sua direção. Naqueles três anos ele não tinha ficado só mais musculoso, mas também mais alto. Na última vez em que se medira, para uma das lutas, estava beirando os um metro e noventa e seis. Eu tinha pouco mais de um e setenta, então, sentada, realmente precisava erguer a cabeça para olhá-lo nos olhos.

Além de tudo isso, de ele obviamente estar cada dia mais bonito, de sua voz ter se tornado mais grossa, sua personalidade havia amadurecido, o que acompanhava seus olhares, a forma como se movimentava, como falava comigo e como me tratava. Meu Fael era um homem agora. Cheio de honra, princípios, o mais gentil que poderia cruzar meu caminho.

Às vezes, em estranhos rompantes de insanidade, eu quase agradecia Frank por tê-lo colocado na minha vida.

Mas esses momentos duravam só até eu me lembrar de todo o resto.

— Não entendi — respondi, finalmente.

— Antes desta caixa chegaram outras coisas. Acho que ele quer que façamos uma festa, um jantar ou algo assim. Enviou comidas diferentes para comermos e uma roupa para mim também.

— Fael, não sei se é uma boa ideia. Ele não pode estar querendo nada bom com isso — falei baixinho, sentindo-me ridícula. Por mais que fosse para ficar naquele mesmo lugar e que tudo fosse proporcionado por nosso maior demônio, eu queria colocar aquele vestido bonito, jantar com meu namorado e me sentir uma garota normal por uma noite.

— Você que sabe, linda. — Sentou-se ao meu lado, puxando-me para si e acariciando meu braço. — O aniversário é seu. Se quiser, podemos brincar de faz de conta só por esta noite... Que mal pode haver?

Talvez tivesse a ver com o tipo de relacionamento que vivíamos ou com a convivência, mas Rafael parecia sempre antecipar meus desejos e tentava concedê-los quando possível, dentro de nossas limitações. Daquela vez, mesmo desconfiado como era com tudo a respeito de Frank, ele iria deixar de lado suas preocupações para me dar um aniversário especial.

Eu precisava concordar com ele: que mal poderia haver? Já estávamos mesmo no inferno...

Passamos o dia, então, preparando o porão para a tal festa daquela noite. Rafael encheu bolas, e eu subi em cadeiras para pendurá-las por toda parte. Fiz um bolo simples, escolhemos músicas e quando deu seis horas da tarde eu fui me trocar.

Caprichei ao máximo na maquiagem, fiz escova nos meus cabelos com o secador, pintei as unhas e coloquei o vestido. Fiquei satisfeita com o resultado que vi no espelho, certa de que também tinha mudado bastante naqueles três anos. Não apenas mudanças evidentes na aparência, como um rosto mais maduro, maçãs proeminentes, olhos mais calmos, um corpo mais curvilíneo, dentre outras coisas perceptíveis. O que era completamente novo em mim eram os sorrisos. A evidente sensação de que as coisas eram ruins, mas que havia algo de bom no meio da tempestade. A certeza de que sentimentos puros podiam nascer do caos.

Ou melhor... nem tão puros assim, porque só foi preciso olhar para Rafael, vestido em um terno, para eu entender que naquela noite eu estaria dando adeus à menina que fui em todos os sentidos.

Exatamente como pensara anteriormente, também não havia mais nada do garoto no homem à minha frente. A roupa se moldava aos seus músculos absurdos de uma forma muito, mas muito tentadora – uma visão que perduraria na minha mente por muito tempo. A blusa branca destacava seu peitoral, o paletó

se acinturava até os quadris, e eu nem estava falando do rosto, que, sem dúvidas, era ainda mais incrível.

Aquele homem maravilhoso era meu... O quão louco era isso?

Pela forma como me olhou, senti que seus pensamentos não eram muito diferentes dos meus. Ainda mais porque era a primeira vez que me via daquele jeito, realmente produzida.

— Uau... eu... eu estou sem palavras — Rafael falou com a voz tão ofegante e com um sorriso tão bobo no rosto que cheguei a corar. Apesar de termos uma grande intimidade com o outro, ainda me sentia tímida em vários momentos. Quando ele me olhava daquele jeito, como se me desejasse quase ao ponto de sentir uma dor física, eu mal sabia onde colocar as mãos. Mal sabia o que dizer. Sentia-me inexperiente, tola, desajeitada...

Sentia-me como uma menina. Não a mulher que eu queria ser.

Rafael aproximou-se de mim, beijando-me de forma apaixonada, mas não demorando muito. Tínhamos muito a fazer naquela noite.

Ele havia posto a mesa com velas, e nós apagamos todas as luzes para jantarmos no clima romântico. Conversamos, rimos e deixamos as horas passarem por nós da forma mais doce possível.

Terminamos de comer e ficamos à mesa ainda. Havia vinho, mas nenhum de nós quis beber. Era como se soubéssemos que algo de diferente iria acontecer naquela noite. Talvez apenas eu tivesse a certeza, e isso me deixava apavorada. Mas certa do que queria.

Passava de meia noite quando tomei a decisão de dar o passo na direção do que eu queria. Levantei-me da cadeira e aproximei-me de Rafael, sentando-me em seu colo.

Emaranhando meus dedos em seus cabelos macios, descí meus lábios até os dele, beijando-o como sempre costumávamos fazer, mas não me prolonguei daquela vez, porque tinha um recado para dar.

— Quero que você me leve para cama. Quero que seja meu presente de aniversário esta noite — tentei soar sedutora ou, ao menos, segura o suficiente, mas pela forma como Rafael me olhou, percebi que foi totalmente frustrada a intenção.

Sua mão grande e cálida foi até o meu rosto, e eu me inclinei contra ela, fechando os olhos.

— Você está tremendo, Borboleta. Não precisamos fazer nada enquanto você não estiver pronta — ele falou com doçura, e eu o amei ainda mais por isso.

Desde o primeiro beijo, eu e Rafael vínhamos agindo como um casal em todos os sentidos da palavra. Era como se fôssemos casados, e este fora um dos meus medos quando começamos a nos relacionar. E se não desse certo? Como

iríamos viver sob o mesmo teto? Como iríamos suportar a convivência?

Só que as coisas entre nós eram fáceis. Não havia ciúme, não havia distrações, não havia nada em nosso caminho. Tínhamos temperamentos parecidos, e fomos seguindo sem percalços, cada vez mais apegados um ao outro. O que, obviamente, era muito perigoso, embora tentássemos esconder de Frank ao máximo. Não podíamos nos mostrar frios para ele, porque temíamos que expulsasse Rafael e decidisse colocar outro rapaz em seu lugar, como já ameaçara outras vezes. Porém, se mostrássemos o quanto éramos apaixonados, iria transformar nossas vidas em puro inferno.

Mas, naquele momento, não havia nada de fria na forma como me sentia. Eu estava em chamas. E queria que tudo ao nosso redor explodisse.

— Só quero que você me ame — foi minha resposta. — Se você quiser...

Eu sabia que ele queria. Sabia que se controlava dia após dia quando intensificávamos nossos beijos. Sabia que não era inexperiente como eu e sentia falta de sexo, mas nunca me pressionou, nunca sequer mencionou nada, ao menos não intencionalmente, embora seus olhos e suas mãos falassem tudo o que eu queria saber.

Exatamente por isso, por esse desejo que parecia nos consumir, ele realmente atendeu ao meu pedido e quando menos dei conta, já estava sobre a cama.

Rafael apoiava seu corpo pesado em um cotovelo, enquanto a outra mão passeava pelo meu corpo, ainda através do tecido. Começou a me seduzir bem devagar, com um de seus beijos cheios de promessas e que contrastavam tanto com o homem doce e terno por quem me apaixonei. Quando me pegava, me tocava, ele era mais rude, mais cru, e eu sabia que tinha a ver com o desejo reprimido por tantos anos.

Agora ele me teria por inteiro.

E ele realmente me tomou para si. Devagar, sem pressa. Virou-me na cama, colocando-me de barriga para baixo, usando a boca para abrir o zíper do meu vestido e para beijar minhas costas aos poucos, descendo por elas, desenhando uma trilha de labaredas de fogo, fazendo-me estremecer, mas não mais de medo. De ansiedade.

Rafael foi paciente, como eu nunca duvidei que poderia ser. Foi gentil, porque era de sua natureza. Mas foi intenso, quente, apaixonado. Foi doloroso e difícil na primeira vez, mas fiz questão que repetíssemos naquela mesma madrugada e foi maravilhoso. Perfeito. Cheio de amor.

Dormimos na minha cama, abraçados, nus... E esse foi o nosso erro.

Quando Frank chegou naquela manhã, estávamos jogados sobre o colchão, com o edredom cobrindo muito pouco de nossos corpos. Só isso já seria um

grande indicativo do que tínhamos feito, mas as embalagens vazias de camisinha – que ele mesmo nos proporcionara, já com segundas e pavorosas intenções – contariam a história que tencionávamos esconder.

— Bom dia, crianças... — ele falou bem alto, e eu senti Rafael praticamente pular debaixo de mim. Demorei um pouco mais do que ele para abrir os olhos, e só o fiz quando senti seus braços me apertando, como que para esconder o meu corpo.

— O que está fazendo aqui? — Rafael vociferou, irado.

— Infelizmente vim trazer más notícias. Vou esperar na sala que se vistam.

E saiu do quarto, fechando a porta atrás de si, deixando um enigma.

Apavorada, olhei para Rafael, em busca de algum conforto, mas seus olhos também demonstravam certa tensão, embora eu tivesse plena certeza de que estava se controlando para não me alarmar ainda mais.

Ele saiu catando as roupas pelo chão, vestindo a calça social e a blusa de qualquer jeito, e eu peguei um short jeans e uma camiseta dentro do armário.

Embora estivesse com pressa para saber o que Frank poderia querer nos dizer, ainda tomei meu tempo para passar uma água no rosto, porque queria apagar a vergonha escrita nele. Eu não deveria me sentir daquela forma, já que a vida era minha, mas ter minha primeira vez exposta daquela maneira não foi nada agradável.

Fael pegou minha mão antes de sairmos do quarto. Já não havia mais razão para escondermos o que sentíamos e vivíamos. Temia o quanto de poder isso poderia lhe dar, mas não havia como chorar o leite derramado.

A expressão de Frank era séria como nunca vi. Sem deboche. Tanto que quando veio na minha direção, tentando colocar as mãos nos meus braços – embora Rafael o tivesse impedido –, senti um verdadeiro pesar em seu semblante.

Isso se não soubesse que era uma cobra mentirosa e manipuladora.

Recuando, por conta do enorme escudo que Rafael formou na minha frente, Frank manteve a cabeça baixa ao anunciar:

— Lamento informar, querida, mas sua mãe faleceu há três dias. Foi parada cardíaca por conta das drogas. Não quis te dar a notícia antes, por causa do seu aniversário, mas não podia mais adiar.

Demorei um pouco a processar a informação.

Não... na verdade eu não demorei para isso. O que eu não queria era aceitar o que tinha ouvido.

Minha mãe...? Morta? Mas ela não podia morrer sem se despedir de mim. Não quando a última vez em que nos vimos fora tudo tão rápido. Eu nem pude dizer que a amava. Se Rafael não tivesse me levado para vê-la daquela única

vez, eu...

Eu nem sabia o que pensar.

Não ouvi nada ao redor por um tempo, até que a voz forte de Rafael chamou meu nome, fazendo-me voltar a mim.

Eu poderia chorar. E obviamente seria o que faria logo depois que aquele monstro sumisse da minha frente, mas tinha algo mais importante a fazer primeiro.

Sem nem ter controle dos meus movimentos, dei um pulo para frente, fechando minhas mãos ao redor da garganta de Frank. Apertei-a com toda a minha força, desejando ser do tamanho de Rafael para poder esmagá-la ou para poder quebrar sua cara com um soco.

— Você a matou! Você a matou! — comecei a gritar descontroladamente. Meu tio nem sequer tentou se defender, apenas lançou um olhar incisivo para Rafael.

Nem me dei conta de mais nada, só que Rafael me agarrou pela cintura e me arrancou de perto de Frank antes que eu o matasse.

Mas eu queria matá-lo. Ao menos naquele momento...

— O que você fez comigo, seu louco? Me tirou tudo! Tudo! — O som que saía da minha boca não parecia pertencer a mim. Não parecia a minha voz. Era como se outra pessoa estivesse falando o que meu cérebro processava.

Rafael me apertava contra si, enquanto eu me sentia cair no chão. Ele foi descendo seu corpo junto ao meu, com os braços ao meu redor, sentando-se comigo.

Enterrei a cabeça em seu peito, perdendo-me em um mundo de dor, vazio e medo. Aquele homem tinha acabado de partir mais uma de minhas esperanças em mil pedaços. Não restavam muitas. Se ele me tirasse Rafael...

Ouvi o resto da conversa entre os dois como se estivesse debaixo d'água, e o som se propagasse de uma forma estranha. Só entendi que tinham discutido, porque Rafael precisaria lutar dali a três noites, e ele não queria me deixar sozinha por um tempo. Em um ato de compaixão, Frank disse que, se fosse preciso, mandaria Johnny para ficar um pouco comigo e me fazer companhia. Já tinha feito isso outras vezes, principalmente porque eu e o menino tínhamos nos apegado facilmente.

Não me dei conta da resposta de Rafael, mas sabia que ele não tinha escolha. Talvez Frank não me ameaçasse daquela vez, por conta do meu luto, mas havia o menino.

Aliás, Johnny imediatamente me preocupou, porque eu sabia que ele e minha mãe tinham se tornado muito próximos naqueles três anos.

Será que Frank permitira que ele fosse no enterro? O pensamento passou

pela minha cabeça e trouxe outro consigo. Eu não tive nem o direito de dar um último adeus à minha mãe em seu velório. E aquele homem odioso, que agora saía do único lugar que eu conhecia como lar, era o culpado.

Enquanto Rafael me embalava em seus braços, beijava minha cabeça e dizia que tudo iria ficar bem, um mantra sombrio começava a se repetir na minha cabeça: Eu iria me vingar dele. Nem que fosse a última coisa que faria na vida.



Capítulo 8

Rafael

HAVIA DIAS EM QUE EU ME SENTIA DORMENTE. Aquele era um deles. Simplesmente fechava minha mente e fazia com que ela viajasse para algum lugar distante, protegido. Às vezes eu a deixava com Nadine, onde meu coração também vivia. Sentia necessidade deste exercício de desprendimento, porque odiava cada minuto que passava naquele lugar.

Odiava o cheiro. Odiava os gritos. Odiava as pessoas. Odiava o que tinha que fazer.

Nunca odiei lutar. Por mais que não fosse adepto à violência, até mesmo as lutas sujas e clandestinas das quais participei quando morava na rua tinham um código de conduta; havia regras.

Ali, a única regra era não morrer.

Eu sabia de histórias de pessoas que tinham realmente sido assassinadas, como era o caso do amigo de Nadine, o Marcos. Nos três anos em que frequentava aquele lugar, tive pouquíssimas conversas com as pessoas, com exceção de um diálogo ou outro no vestiário, mas a sede de sangue que elas demonstravam era doentia.

Passei a ser respeitado lá dentro. Temido como adversário. E era exatamente o tipo de respeito que aquela gente poderia muito bem enfiar no meio do rabo.

Minhas lutas começavam a encher, eu valia mais dinheiro, mas nada disso vinha para o meu bolso. Frank estava satisfeito, e enquanto isso mantivesse Nadine protegida, eu também estaria.

Novamente... eu não detestava lutar. Era um exercício físico, uma forma de aliviar o estresse, mas eu abominava o que era obrigado a fazer ali. A forma como precisava lutar sem escrúpulos, como era obrigado a deixar os rostos dos

meus adversários, como permitia que a raiva me dominasse.

Eu sempre soube que algum nível de violência existia dentro de mim, especialmente por tudo o que passei. Só não sabia que ela poderia me destruir mais do que à pessoa que seria vítima dela.

Desde que cheguei àquele clube, mantinha-me invicto. E continuei assim também naquela noite. Nadine estava sofrendo a perda da mãe, e eu não podia permitir que Frank a ferisse ou a ameaçasse. Ele nunca mais a tinha tirado de mim, como naquela vez em que a prendera na despensa, porque não voltei a desobedecê-lo. Tornei-me o cachorrinho que tanto quis que eu fosse.

Só precisei de dez minutos daquela vez para deixar o cara inconsciente. Apagado. Eu sempre preferia assim. Era o mais justo que eu conseguia chegar sem detonar meu adversário. Mas isso só acontecia quando tinha sorte – se é que poderia chamar assim. Alguns eram mais casca grossa, mais insistentes, o que me obrigava a ser, também, mais violento. Eu levava alguns socos, especialmente porque era uma estratégia para fazê-los baixarem a guarda, e era quando eu contra-atacava. Em geral, minhas lutas demoravam de dez a vinte minutos. No máximo.

Apesar de eu acreditar que muitos achariam sem graça me assistir no ringue, era totalmente o contrário. O público doentio do clube de Frank gostava. Invejavam-me e diziam que queriam estar no meu lugar. Brincavam que eu deveria pegar muitas mulheres, tanto pela minha aparência quanto por ser tão "durão". Que ironia! Mal sabiam eles...

Estava no vestiário, desenfaixando minhas mãos, diante do espelho, mas sem me olhar. Naquele lugar, eu era apenas o cara calado, solitário, sério, que jamais sorria e que era completamente indiferente às próprias vitórias. Muitos apostavam que era um personagem, mas era apenas a minha armadura para suportar aqueles momentos odiosos que passava ali. Era curioso que me visse sempre tão ansioso para voltar para uma porra de um cativeiro.

Mais ridículo ainda era imaginar o que eles pensariam se soubesse que o cara invencível, aquele que derrubava qualquer brutamonte com um soco só, era cordeirinho de um filho da puta qualquer. Há três anos.

Ouvi a porta se abrir e fechar atrás de mim e suspeitei que pudesse ser Frank ou um de seus capangas. Desde aquela noite em que Nadine foi tirada de mim, nunca mais vi Santos. Não queria nem saber o que poderia ter acontecido com a única pessoa que nos ajudou naquele tempo inteiro.

Só que quando ergui os olhos na direção do espelho para olhar para a entrada do vestiário, enxerguei um homem de meia idade, bem grandão, que quase fez com que eu me lembrasse do meu pai, se eu não tivesse toda a certeza de que Francisco Loureiro nunca se enfiaria num lugar como aquele.

— Rafael? — ele chamou, hesitante, tão sério quanto eu, quase parecendo diferente dos caras que me abordavam ali para pedirem autógrafos – mais ridículo impossível –, para pedirem dicas ou qualquer outra coisa idiota no mesmo nível. Eu não tinha muita paciência e lhes respondia com grunhidos antipáticos e monossilábicos, o que apenas parecia alimentar seu interesse por mim.

Ainda assim, não foi diferente daquela vez. Só continuei olhando para o cara através do espelho, com o cenho franzido, esperando o pior.

— Podemos conversar?

Eu não fazia ideia do que aquele homem poderia querer falar comigo, então, apenas foquei novamente em terminar de desenfaixar minhas mãos, baixando meus olhos para elas, do jeito antipático que assumia com aquelas pessoas.

— Não tenho tempo...

— Não estou pedindo seu tempo, garoto. Pode continuar a fazer o que está fazendo. Só quero te oferecer ajuda.

Ajuda?

Do que diabos ele estava falando?

Fosse como fosse, conseguiu chamar a minha atenção.

Ainda não me virei para ele, e continuei realmente com minha tarefa, mas comecei a diminuir o ritmo, só para poder ouvi-lo.

— Eu tenho um filho quase da sua idade, e ele conheceu um garoto chamado Marcos. — O nome imediatamente me fez erguer a cabeça. Havia muitos Marcos no mundo, é claro, mas algo me dizia que tinha a ver com o rapaz que Frank "adotou" antes de mim. — Ele o viu lutando num desses galpões clandestinos e me disse que o moleque era bom. Eu agencio lutadores. Mas de verdade... Não como Danneman faz. Coisa séria, lutas justas, com pagamentos justos aos competidores.

— Onde quer chegar, senhor? — Olhei novamente para ele, mas demonstrando que estava realmente interessado no assunto.

— Tive uma conversa com aquele rapaz neste mesmo vestiário há alguns anos, e ele me contou tudo o que Frank fazia com ele e com a menina. O garoto não morreu numa luta, como Danneman deve ter te contado. Só posso dizer isso. Mas foi por este motivo que tanto relutei em vir te procurar. Só que minha consciência é uma filha da puta e me fez ficar pensando nisso todo maldito dia.

— Três anos? É bastante tempo mesmo para se remoer o fato de não ter ajudado um ser humano quando estava ao seu alcance fazê-lo. — Odiei o tom da minha voz naquele momento, porque aquele homem, talvez, fosse realmente a luz no fim do túnel. Minha rudeza só iria me prejudicar.

— Você tem razão. Mas quero compensar. Imagino que você não possa fugir...

— Não vejo como. Além do mais tenho outras duas pessoas a quem não posso e não quero abandonar. Uma espécie de irmão e... bem... a garota.

O cara balançou a cabeça, compreendendo. Não quis dar muito valor ao quão importante para mim seria levar Nadine comigo, caso conseguisse mesmo fugir, porque eu não sabia quem ele era, não sabia se era um teste.

— Talvez tenha sido por isso que só vim a você hoje. Tenho uma reunião de negócios com Danneman.

Senti minhas esperanças murcharem imediatamente. Aquele cara deveria ser da mesma laia de Frank. Se bobear eram amigos, e eu estava fazendo papel de otário.

Só que acho que ele percebeu a mudança no meu comportamento, porque apressou-se em explicar.

— Eu não tenho o menor interesse em fazer negócios com este homem, Rafael. Quero é uma entrada naquela casa para poder tirar você de lá.

Finalmente virei-me na direção dele, cruzando os braços contra o peito, tentando uma postura ameaçadora.

— O que ganha com isso?

— Minha consciência limpa. E um lutador excepcional na minha equipe.

Era justo. Se fosse verdade...

— Qual o seu plano?

— Não é nada muito elaborado, mas a única coisa na qual consegui pensar. Você estará presente na reunião, porque ela diz respeito a você. Exigi isso. Vou enrolá-lo, oferecendo outros lugares para você lutar, por mais dinheiro. Algo assim.

— Ok. Ainda não entendi como vamos fazer para sair de lá. *Com Johnny e Nadine.*

— Confie em mim. Tenho tudo pensado.

E ele parecia ter mesmo.

Contou-me por alto, combinando o dia em que colocaria as ideias em prática. Decidi confiar nele, embora minha mente ainda custasse a se abrir para a facilidade com que as coisas poderiam acontecer se o plano desse certo.

Três anos... Seria possível que eu fosse sair daquele lugar? Seria possível que iria cumprir minha promessa a Nadine e tirá-la de sua prisão, devolvendo à vida? Definitivamente o mundo precisava conhecê-la; precisava ver a garota talentosa, generosa, doce e incrível que aquele louco escondia.

Ouvi todo o plano com atenção, sentindo meu estômago se revirar de uma forma quase assustadora. A ansiedade me tomava por inteiro, desesperado para

contar para Nadine, mas mais apreensivo ainda em enchê-la de esperanças e depois arrancá-las uma a uma, partindo seu coração, caso não desse certo.

Eu precisava falar com ela, mas quando cheguei no porão, não veio me receber como sempre. Estava dormindo, apagada sobre a cama. Assim que fui levado para lá, Frank levou Johnny também, me concedendo apenas alguns segundos para que trocássemos um abraço. Nós nos víamos com alguma frequência, mas nunca conseguíamos conversar. Ele estava se tornando um rapazinho e parecia visivelmente abalado, provavelmente pela morte de Elizabete.

Deitei-me ao lado de Nadine, depois de um banho, e ela rapidamente se aconchegou a mim. Mal acordou, apenas chamou meu nome bem baixinho, aliviada por eu ter chegado novamente são e salvo.

Não consegui dormir naquela noite. Girei de um lado para o outro, angustiado com algo que eu nem sabia o que era. Claro que o fato de ter uma perspectiva de fuga contribuía e muito para isso, mas o problema era o medo. De dar tudo errado e as consequências recaírem sobre Nadine. Volta e meia, durante a madrugada, abaixei a cabeça na direção dela, ainda aninhada a mim, pensando em como lhe contaria e o que acharia.

Tanto que me levantei bem cedo da cama, como se houvesse pregos nela, e fui tomar uma boa caneca de café. Nem sequer me enfiei na sala de musculação, porque não tinha cabeça para isso.

Quando ela acordou, porém, apesar de ansioso para lhe falar sobre a conversa com o homem, que se apresentara como Wilson Machado, deixei que também tomasse café e a obriguei a comer alguma coisa, já que a depressão pela morte da mãe andava tirando seu apetite.

Só depois peguei-a pelo braço, conduzindo-a até o sofá e fazendo-a sentar-se. A julgar pela expressão confusa em seu rosto, já compreendia que eu tinha algo sério a dizer.

— Aconteceu uma coisa ontem lá no clube — comecei devagar, preparando-a aos poucos.

— O que, Rafael? É grave? — indagou apavorada, e eu me condenei por assustá-la, especialmente pouquíssimos dias depois da notícia da morte de sua mãe.

Peguei sua mão e a beijei com ternura.

— Não, mas é sério. — Fiz uma pausa e respirei fundo, olhando-a com atenção e tentando encontrar as palavras certas a dizer. — Conheci um homem que nos ofereceu ajuda. Ele conheceu seu amigo, Marcos.

Achei melhor não contar a ela ainda sobre o que Wilson me falou sobre Marcos ter sido morto. Não que Frank merecesse a minha consideração, mas

Nadine já estava abalada demais para ter que lidar ainda com aquele tipo de coisa.

Como ela não falou nada, apenas continuou olhando para mim, com aqueles olhos enormes e inquiridores, prossegui:

— Ele sabe da nossa condição e tem um plano.

— Um plano? Mas o que ele quer em troca? — Assim como eu, ela também não conseguia mais acreditar na bondade gratuita das pessoas.

— Que eu lute para ele.

— Ah, não, Rafael! — Nadine tentou se levantar, mas eu a segurei. — Ele vai te escravizar que nem o Frank. Não vou te vender para ter a minha liberdade.

Não pude deixar de sorrir e pensar no quanto a amava por ser tão forte e corajosa, apesar das adversidades.

— Não, Dine... Calma. Desta vez eu vou ganhar dinheiro.

— Isso é o que ele diz. Frank deve ter te feito esta mesma proposta.

— Fez. Mas o que está acontecendo aqui é tão irreal que eu tenho certeza de que nunca poderia se repetir. — Fiquei em silêncio por alguns segundos, esperando que ela se manifestasse, mas não se mexeu e nem abriu a boca. — Precisamos tentar, princesa. Não podemos ficar aqui para sempre. Ainda mais agora.

Ela provavelmente entendia o que eu queria dizer – o fato de Frank ter tido provas de nosso relacionamento. Não que duvidássemos de que já soubesse, mas passara a ser mais evidente, incontestável. Certamente usaria isso contra nós dois sem hesitar.

Respirando fundo, parecendo mais tensa do que nunca, Nadine olhou para mim, ainda relutante, mas eu consegui enxergar um brilho de esperança em seus olhos.

— Fael... se isso for verdade...

Tomei seu rosto entre as minhas mãos.

— Se for verdade, estaremos livres. Eu, você e Johnny.

— O que vamos fazer? Não temos para onde ir...

— Esse cara, o Wilson, disse que poderia nos abrigar por algum tempo até que eu comesse a ter retorno com as minhas lutas. Então, eu alugaria um apartamento para nós, e...

Nadine levantou-se de um sobressalto, e eu me preocupei ao vê-la andando de um lado para o outro, levando as mãos à cabeça. Parecia atordoada, e eu não poderia julgá-la. Também me sentia assim desde a noite anterior.

— Isso é irreal — ela falou arfante, em um sussurro que eu quase não consegui ouvir.

— É. Muito. Mas o plano faz sentido.

— E qual é esse plano? — ela indagou em desespero, ansiosa, fora de si. Se a perspectiva de sair daquele lugar tinha praticamente me desestabilizado, para ela... Eu nem sabia o que significava. Sua vida inteira.

— Ele inventou uma reunião com Frank e comigo, oferecendo dinheiro para que eu lute no clube dele, algo assim. Quer que eu esteja presente. Vai trazer algum tipo de reforço e dopar os seguranças e Frank para que possamos sair.

— Não é um plano muito bom — falou preocupada, abraçando o próprio corpo.

Levantei-me, colocando-me à sua frente.

— Mas é o que temos — afirmei com muita paciência, com um tom de voz sereno, porque sabia que tudo aquilo iria mexer muito com Nadine. Levando em consideração que ela já deveria estar muito abalada com a morte da mãe, eu precisava me colocar em seu lugar. — Precisamos confiar, de alguma forma.

— Você nem conhece esse homem. E se...

— São muitos "E ses", Nadine. Acha que não estou apavorado? Que não tenho medo? Por você, é claro. Por Johnny... Se eu me foder, estou pouco me lixando, mas vocês dois... — Levei as duas mãos à cabeça, porque o pensamento me provocava dores insuportáveis. — Meu Deus, não posso nem imaginar o que faria se um dos dois se machucasse.

— Mas ainda quer ir em frente?

Segurei os braços dela com força, olhando em seus olhos, porque precisava que enxergasse além deles.

— Quero. Porra, eu quero muito. Prometi que ia te tirar daqui e já faz três anos. Ainda estamos trancados nesta merda de porão. — Respirei fundo e novamente baixei o tom de voz, esperando soar gentil e compreensivo. — Confia em mim, Borboleta. Estou fazendo o melhor.

— Em você eu confio. Não confio em outras pessoas.

— Vamos tentar. Juntos.

Ela suspirou pesadamente e finalmente assentiu. Puxei-a para mim, encostando sua cabeça em meu peito e apertando-a quase furiosamente. Eu sabia o que poderia significar para nós dois, caso o plano desse errado. Poderíamos ser separados, e isso seria a morte para mim. Deixá-la ali, sozinha...

Não, eu não queria nem imaginar.

Então, preferi fechar minha mente e não sofrer por antecipação.

Tivemos três dias para arrumarmos as coisas que levaríamos discretamente. Deixamos apenas uma mala pronta para nós dois, com o essencial. Para Johnny seria mais difícil, porque só poderíamos pegá-lo e partir. Ainda assim, eu poderia jurar, pelas breves conversas que conseguíamos ter, que ele sairia dali nu, se

fosse necessário.

Foram dias de muita apreensão, e eu começava a me preocupar com Nadine. Ela estava em um estado de nervos assustador; mal comia, pouco falava, demorava muito a pegar no sono. Tentava acalmá-la, mas não a pressionava, porque sabia que não era fácil. Aquela garota vivia naquele lugar desde muito nova, por mais que quisesse sair, o mundo lá fora seria muito desafiador. Por mais que eu lhe promettesse que estaria ao seu lado, a ansiedade travava uma batalha com sua razão e começava a sair vencedora.

Ainda assim, as horas passaram em uma lentidão quase agonizante, e mal acreditei quando Frank surgiu no porão, avisando-me de que em uma hora uma pessoa iria chegar, e ele queria que eu estivesse presente no jantar. Quando bateu a porta, trancando-a novamente, troquei olhares com Nadine. Ela se encolheu, e seus olhos demonstraram uma expressão apavorada que me fez virar na direção dela, segurando seus ombros.

— Você sabe o plano, não sabe? — falei baixinho para ela, temendo que Frank ainda pudesse estar por perto. Nadine assentiu. — Repete tudo, Borboleta. Preciso saber se ainda se lembra.

— Eu não sou uma imbecil, Rafael! — O humor de Nadine andava bem ruim nos últimos dias, alimentado por seu nervosismo.

— Óbvio que não é, mas está muito tensa, e isso pode afetar sua concentração.

Revirando os olhos, respondeu:

— Assim que você sair por aquela porta, eu tenho que me trancar no seu quarto... — Meu quarto ainda era o único cômodo daquela casa que ainda possuía uma chave, além dos banheiros. Como eu não sabia quanto tempo demoraria para ir buscá-la, queria que pelo menos me esperasse em um lugar confortável. — Você sabe que isso é estúpido, não sabe? Uma porta trancada não vai impedir Frank de chegar até mim. E em algum momento vou ter que sair de lá.

— Sim, mas é só uma medida desesperada. Se Frank descobrir sobre o nosso plano, quero que ele demore ao máximo para chegar até você para que eu possa vir te proteger. — Levei a mão aos seus cabelos, colocando-os atrás da orelha. — Não vou deixar que ele te machuque.

— Tá... — Mordeu o lábio inferior, hesitando. Depois continuou: — Se tudo der certo, eu devo esperar seu sinal, três batidas na porta, como sempre faz quando deixa os bilhetinhos. Só então saio do quarto.

— Isso. Então, pegamos as malas e partimos. Enquanto isso, Wilson vai buscar Johnny, e então... liberdade.

— Sim... liberdade... — A palavra saiu dolorosamente sussurrada dos lábios

de Nadine, e eu precisei beijá-los para tentar engolir aquele tom de medo que saíra deles. Claro que eu também estava com medo, mas esperava que tudo desse certo.

Mais do que isso. Eu *precisava* que tudo corresse como o planejado ou as coisas iriam ficar muito complicadas.

Frank veio me buscar na hora marcada, e eu tive que fingir prestar atenção ao seu papinho barato durante o caminho até a sala de estar, onde encontraríamos Wilson, que já estava presente. Precisei fazer todo esforço para não demonstrar que sabia de alguma coisa ou que já conhecia aquele homem. Eu era péssimo mentindo. Durante todo o tempo me senti tenso, nada natural, mas esperava que fosse interpretado como algum tipo de animosidade pela minha situação. A minha sorte foi que quase nada foi perguntado a mim.

Wilson levava um vinho, que eu imaginava que estava adulterado, mas Frank o colocou sobre a mesa de jantar, para que o degustássemos apenas enquanto estivéssemos comendo. Guiou-nos à antessala, onde nos sentamos, e eu testemunhei uma conversa sobre a minha própria vida, mas à qual eu não tinha a menor voz ativa.

Propostas foram feitas, e Wilson encarnava bem o seu papel, rindo das piadas ridículas de Frank, ignorando-me quase completamente, como se eu não passasse de uma mercadoria que tinha o interesse de comprar. Como um cavalo sendo negociado dentro de um estábulo.

Já tinham se passado quase três horas quando fomos à mesa para jantar. Frank serviu vinho para todos nós, e ele foi o primeiro a beber um gole generoso, chegando a elogiar a bebida. Mal sentia fome, mas precisei beliscar a comida para não demonstrar toda a apreensão que sentia.

Estava tudo fácil demais. Isso me assustava. Um estranho pressentimento me atormentou durante toda a refeição, enquanto Frank e Wilson tagarelavam de outros assuntos, uma vez que tudo ao meu respeito parecia mais do que decidido, embora eu não fizesse ideia dos termos. Todas as vezes em que fui consultado, apenas assenti, imaginando que tratava-se apenas de um fingimento de Danneman, para que seu visitante acreditasse que eu tinha algum poder sobre mim mesmo. Poderia estar vendendo a minha alma sem nem saber.

Demorou mais alguns minutos para que um mísero sinal de cansaço fosse demonstrado. Frank bocejou, remexeu-se na cadeira e nos convidou a voltarmos para o sofá, onde ficaríamos mais confortáveis. Não levou nem dez minutos para pegar no sono.

— Já não era sem tempo! — Wilson exclamou, levantando-se. Fiz o mesmo, sentindo-me um inútil. Só pensava em Nadine esperando por todas aquelas horas, sozinha, apreensiva. — Vamos, garoto, não temos muito tempo.

Anderson, meu filho, já apagou os seguranças e está nos esperando no carro. — Enquanto ele falava, vasculhei os bolsos de Frank, encontrando um molho de chaves. Eu sabia qual era a do porão, mas precisaria descobrir a do quarto de Johnny.

A melhor escolha seria eu ir buscar o garoto, porque ele não sabia do plano e não conhecia Wilson; mas a ideia de ter um homem desconhecido portando a chave do porão, onde Nadine estava sozinha e vulnerável, não me agradava em nada. Não que Johnny também não pudesse sofrer as consequências desta escolha, mas ele já era um garoto grande, sabia se defender. Esperava apenas que não estivesse tomando decisões erradas.

Tirei a chave do porão do chaveiro e entreguei as outras a Wilson, e ambos fomos cumprir nossas missões, correndo contra o tempo.

Desci ao porão e abri a porta, ainda com a mesma sensação estranha de antes. Até ali, tudo seguia como o planejado. Eu deveria estar feliz e confiante, mas não era bem assim.

— Nadine? — chamei-a, embora não fosse esse o combinado. Aproximei-me da sua porta e bati três vezes, finalmente seguindo o que eu mesmo orientei. Mas nada.

Meu estômago revirou durante a espera. Nada. Silêncio. Nenhuma movimentação.

Bati de novo.

Outra vez, minha resposta foi apenas a ansiedade e o medo.

Levei a mão à maçaneta, e a porta abriu facilmente quando a girei. Mas o combinado tinha sido para que Nadine a deixasse trancada. O que poderia ter acontecido?

Quando entrei, encontrei-a deitada na cama, de olhos fechados, com as mãos cruzadas sobre o peito, como se estivesse morta. Meu coração parou ante este pensamento, mas continuei me aproximando, porque não tinha tempo a perder.

— Dine? — chamei outra vez, tocando-a. Estava respirando normalmente, mas profundamente adormecida. — Dine, acorda...

Não seria difícil imaginar que poderia ter pegado no sono, uma vez que ficara ali sozinha por tanto tempo, depois de ter passado várias noites insones. Tentei acordá-la com gentileza, tocando seu rosto, mas foi em vão.

Havia algo de errado. Nadine nunca tinha um sono tão pesado.

Cheguei a levantar seu tronco da cama para sacudi-la, mas ela estava completamente mole nos meus braços.

Não demorei a compreender que não estava dormindo. Estava inconsciente.

Alguém a tinha deixado daquela forma. E isso era prova suficiente de que o

plano daria errado.

Mas não importava como, eu iria arrancá-la dali, daquele porão. Naquela noite. Sairia sem malas, mas com ela.

Só que mal tive tempo de tirá-la da cama quando o nauseante e familiar assobio atingiu meus ouvidos. Paralisei imediatamente, deixando Nadine exatamente onde estava e me virando na direção da porta, mas me colocando na frente dela, embora isso provavelmente não fosse adiantar de nada.

— Vocês acham que são muito espertos, não acham? — Ouvi a voz dele vinda da sala do porão, aproximando-se. Enfiou a cabeça na porta do meu quarto, onde eu já o esperava com as costas retas. Já estava fodido até os ossos, se precisasse quebrar a cara dele inteira para fugir dali, seria bem prazeroso.

— O que fez com ela? — referi-me a Nadine, perguntando com um tom de voz bem baixo, que demonstrava o quanto me esforçava para me manter no controle.

— Bem... ela estava dormindo quando chegamos. Só lhe demos uma coisinha para ter um sono mais tranquilo. E sabe o mais legal disso? Ela nem vai saber que você veio aqui para buscá-la. Vai pensar que foi embora sem ela. Que a abandonou. — Ele fez uma pausa, erguendo uma sobrancelha. — Porque você *vai* embora, Rafael. Sempre achei que me daria problemas, mas acho que até lucrei mais do que imaginei a princípio.

— Eu não vou a lugar nenhum sem ela — novamente vociferei, sabendo que as coisas não eram tão fáceis.

— Ah, vai sim. — Ele ergueu a sobrancelha em uma expressão de deboche. — Tanto vai que deixei Wilson te esperando lá embaixo. Tem uma arma apontada para a cabeça dele, mas vou deixá-lo intacto. E Johnny também, porque vai poder levar o fedelho, para que veja o quanto sou legal. Agora, a minha sobrinha fica.

Aquilo me desconsertou ao ponto de me fazer voar em cima dele, dando-lhe um soco. Um que eu queria dar desde que cheguei àquela maldita casa. E eu o fiz com tanta força, tanto ódio, que ele foi longe, caindo no chão.

Mas eu queria mais. Queria foder com a cara dele inteira.

— Pode me socar à vontade, Rafael. Será sua última chance. Só que, ainda assim, não vai conseguir tirá-la daqui. — Ele foi se levantando, recuperando-se aos poucos, chegando a cambalear ao se colocar de pé. Havia um daqueles sorrisos odiosos em seu rosto, e eu soube, mesmo que minha cabeça estivesse girando e impedindo-me de pensar, que tinha perdido aquela batalha. — Tem gente lá fora vigiando a casa, não vai conseguir sair carregando a sua donzela... *Lancelot*.

A forma como ele proferiu meu apelido, cheio de desdém e deboche, não

me passou despercebida. O que eu poderia ter ignorado, levando em consideração o quão nervoso estava, era o fato de ele conhecê-lo. Nadine nunca o usara para se referir a mim na frente de Frank.

O que explicava tudo. Como ele sempre sabia a hora de aparecer no porão; como compreendera exatamente o momento em que me apeguei a Nadine, como nos manipulava facilmente. Porra... ele surgira até um dia depois de termos feito amor. Vigia-nos o tempo inteiro.

— Você colocou uma câmera aqui? — perguntei enojado, quase cuspiendo as palavras. Provavelmente nem precisava de uma resposta para confirmar, mas senti a necessidade de indagar.

Ele riu.

Riu!

O filho da puta riu da minha cara.

Precisei me controlar para não voar novamente em cima dele.

— Acha mesmo que eu iria te deixar aqui embaixo, sozinho com a minha sobrinha, sem vigiar? Dois jovens bonitos, cheios de hormônios? Até que demorou bastante para você aproveitar do presente que te dei, mas...

Meu sangue, definitivamente, não era de barata. Eu não iria permitir que ele se referisse a Nadine daquela forma. Por isso, novamente soquei-o, com ainda mais força, e ele demorou a se recuperar. Aproveitei a deixa para olhar para ela, mas permanecia desacordada.

— Você vai sair daqui, garoto — disse, com o lábio sangrando e com um pouco menos daquela arrogância. Parecia puto da vida. — Vai levar o pivete com você e vai poder voltar à sua vida normal.

— Não! — gritei, socando a escrivanhinha de Nadine, ao meu lado. — Você não pode mantê-la presa para sempre. Ela não... *merece* isso — minha voz chegou a falhar. Por mais que eu não quisesse chorar na frente daquele sujeito, foi inevitável segurar as lágrimas.

— Minha sobrinha é minha responsabilidade. Não sua. Eu que decido o destino dela. E se você não sair daqui agora, desta casa, ela vai pagar por isso. Foi obediente até agora, Rafael, saia com a cabeça erguida, deixando sua Nadine ileso.

Não. Eu não podia...

Meu Deus, eu não podia deixá-la. Não só porque a amava, mas porque tinha prometido que nunca iria embora sem ela, que não a deixaria sozinha. O que Frank faria quando a tivesse desprotegida? Quando eu não estivesse mais por perto para impedir que a machucasse?

Minha cabeça girava. Não podia levá-la comigo, e ele estava me expulsando, então, eu não poderia mais ficar. A casa era dele, afinal. Teria a

chance de tirar Johnny dali, mas o preço seria caro demais.

— E se eu não sair? — fiz uma última tentativa, desejando que meus pés se transformassem em raízes, fincando-me ao solo, para que eu não pudesse mais deixar aquela casa. A mesma da qual quis tanto fugir.

— Como eu disse, com ela você não vai ficar. Se insistir em continuar aqui, ela sai. E eu não posso garantir que ficará mais bem instalada do que está aqui.

— Não vou deixar que a leve para lugar algum — novamente falei por entre dentes, cerrando meus punhos.

— Você não tem que deixar nada. Aqui dentro, eu controlo vocês como bem entender. Só que você estará lá fora agora, e nada do que diga vai mudar minha decisão. Saia agora, vá viver sua vida.

— Se eu sair, vou te denunciar... É melhor que fique comigo. Vou continuar lutando e... — disse, em um rompante de desespero.

— Não vai ser o primeiro... — falou com ar superior. Poderia estar blefando, mas naquele momento eu não poderia contestá-lo. — Vamos, Rafael... vou acompanhá-lo até a saída.

Não me mexi. Pensei em continuar parado, porque ele não iria conseguir me arrancar dali. Eu enfiaria a porrada em qualquer um que viesse tentar me tirar de perto de Nadine. Lutaria com Deus e o diabo. Com anjos e demônios. Só que este era um pensamento estúpido, porque de nada iria adiantar. Era o pânico falando dentro da minha cabeça.

Foi a coisa mais difícil que tive que fazer, mas saí daquele porão, olhando para trás, embora mal conseguisse vê-la de onde estava.

Chegamos à sala da casa, onde Wilson aguardava, ao lado de Johnny, que tentou vir correndo até mim, mas foi impedido por um dos capangas de Frank.

— Meus homens vão acompanhar vocês até a saída. Não fique preocupado, Rafael. Já tenho uma pessoa para colocar no seu lugar. Ele vai cuidar bem de Nadine. E você... Bem, você vai esquecê-la muito rápido.

Não, isso não era verdade.

Eu poderia estar indo embora, mas a levava comigo, de alguma forma. E iria voltar para buscá-la.

Era uma promessa.

Entrei no carro de Wilson, sentindo-me aéreo, fora de mim, perdido. A última imagem de Nadine, desacordada, completamente indefesa, deitada na cama, era o que não saía da minha mente.

— Rafa, cadê a Dine? — Johnny perguntou quando o rapaz atrás do volante, que Wilson chamou de Anderson, começou a dirigir.

— Ele não me deixou trazê-la. Ele... — mal consegui terminar a frase, de tão atordoado.

Sentia meu corpo convulsionar em calafrios, porque não era certo. Não era possível que eu tivesse saído daquela merda de porão, finalmente obtendo a liberdade, mas deixando uma parte de mim para trás. Isso significava que eu ficaria preso para sempre naquele lugar, de uma forma ou de outra.

— Aquele filho da puta! Ele fingiu que bebeu o vinho... já sabia de tudo. Como pode? — Wilson reclamava no banco da frente.

Eu sabia como Frank descobrira tudo. Só que nem me dei ao trabalho de contar, porque minha voz não saía. Não queria falar. Não podia. A vergonha não permitia.

A culpa...

— Rafael, nós vamos voltar para buscar a menina... — Wilson deve ter percebido meu estado, porque falou, mas eu só consegui balançar a cabeça, completamente atordoado.

Não faço ideia do caminho que seguimos nem do bairro onde chegamos. Mal olhei para o condomínio, para a casa, nem para a mulher que nos recebeu.

Fui conduzido a um quarto no terceiro andar; uma espécie de sótão que fora transformado em quarto de hóspedes e não pude deixar de perceber que havia três espaços preparados para dormirmos: duas camas de solteiro e um colchão inflável no chão; tudo coberto por lençóis limpos.

Era para Nadine estar ali conosco. Mas eu ainda tinha a esperança de que estaria, mais cedo ou mais tarde.

No dia seguinte depois de termos saído do porão, eu voltei para lá. Com a polícia. Denunciei o cativo e o que Frank fizera com a própria sobrinha, dando-a como desaparecida. Estava decidido a acreditar que o que Frank me dissera fora um blefe. Ele não podia ser assim tão invencível.

E provavelmente não era, porque quando o lugar foi invadido, na noite seguinte da minha fuga, não havia mais nada lá. Ninguém. Muito menos a minha Nadine.

Eu não demorei nem vinte e quatro horas para procurá-la, mas ele fora rápido. Mais rápido do que julguei que poderia ter sido.

Ele a tinha levado embora depois de ter me colocado à força em sua vida. Aquele filho da puta, da forma mais doentia possível, me dera um presente só para tirá-lo de mim depois.

Como uma provocação, encontrei uma única coisa sobre a cama onde Nadine dormia: a borboleta azul de pelúcia.

Enquanto a pegava, disposto a levá-la comigo como um souvenir quase sombrio, jurava que, não importava quanto tempo iria se passar; não importava o que eu tivesse que fazer, por quantos infernos tivesse que andar para buscá-la, eu iria encontrá-la. De alguma forma, nós nos veríamos outra vez, e eu iria pedir

perdão por precisar abandoná-la.
Jamais desistiria dela.



Parte 2





Capítulo 9

Rafael

Março de 2018

UM FORTE ZUMBIDO NO MEU OUVIDO e um pouco de sangue no meu supercílio me incomodavam, mas não ao ponto de me fazerem recuar. Eu não precisava dos meus cinco sentidos para acabar com aquela luta nos próximos minutos. Se fosse mais sincero, confessaria que tudo poderia ter sido resolvido com um belo nocaute, nos primeiros segundos, mas qual seria a graça disso?

Para ser sincero, eu era um baita filho da puta masoquista e permitia que o adversário me desse alguns golpes antes de partir para cima com tudo. Não tinha nada a ver com o espetáculo. Não era uma artimanha para deixar o outro com a guarda mais aberta. Era só para me sentir vivo.

Aquele corpo que eu usava e fazia questão de ferir tinha apenas vinte e seis anos, mas servia de prisão para uma alma muito mais velha. Ou talvez não houvesse mais nada dentro dele, já que me sentia completamente oco, como a casca velha de uma fruta seca no outono. A cada golpe que me permitia receber, a cada murmúrio abafado que saía da minha boca quando algo me atingia – fosse um chute ou um soco –, sentia como se meu coração estivesse recebendo um choque anafilático, sendo ressuscitado de súbito, me fazendo despertar novamente. Não para uma vida que me agradasse, mas era a única que tinha. Seguiria muitos caminhos errados, porém, as escolhas foram minhas, e eu era o único a quem poderia culpar. No entanto, essa sensação durava muito pouco tempo, e, daquela vez, não podia permitir que o oponente me ferisse demais. Tinha um compromisso logo depois da luta e precisava do meu rosto o mais intacto possível.

Esquivei de um gancho de direita que poderia ter acertado meu maxilar em cheio. Era o tipo de golpe que eu mais gostava, porque me deixava zozinho por alguns segundos. Por mais breve que fosse a sensação, ela me proporcionava

uma espécie de escape. Alguns curtiam outros tipos de entorpecentes, mas, apesar de tudo, eu ainda gostava de manter minha cabeça no lugar, por mais fodida que ela pudesse ficar depois de uma luta como aquela.

Continuei desviando, porque meu adversário parecia empenhado em terminar nosso embate o mais rápido possível. Muito provavelmente ele conhecia minha fama, pois todas as minhas lutas seguiam a mesma fórmula. Eu baixava a guarda no início só para depois mostrar toda a minha violência. Não sentia prazer em agredir pessoas, mas era a única forma de extravasar o ódio que vivia enraizado em mim. Ao menos fazia isso por dinheiro, em pessoas que estavam ali para isso.

Só para afastar o cara de cima de mim, acertei um soco bem na lateral de sua cabeça. Medi apenas a força necessária para que ficasse um pouco desorientado e usei aqueles segundos de liberdade para olhar para Anderson, que estava em meio ao grupo de pessoas que nos serviam de plateia naquele galpão clandestino. A primeira coisa que ele fez quando percebeu que tinha a minha atenção foi apontar para seu relógio de pulso, em um claro sinal de que não havia muito mais tempo para alimentar aquele teatro.

Sendo assim, inclinei minha cabeça de um lado para o outro, na intenção de estalar o pescoço, e olhei com atenção para o homem à minha frente. Era mais velho do que eu, com uma complexão física forte, mas nem de longe páreo para mim. Minha altura de um metro e noventa e seis sempre me dava uma boa vantagem, e eu me mantinha em forma, por mais que aquela não fosse a garantia da minha sobrevivência. Era outro tipo de dor que me servia de alento.

E se isso não me tornava uma porra de um lunático, não sabia o que mais eu era.

Comecei a avançar, de forma quase predatória, pronto para acabar com aquilo o mais rápido possível. O primeiro soco fez com que eu sentisse a cartilagem do nariz do cara rachando sob meus dedos. O segundo foi tão rápido que foi como se estivesse ligado no piloto automático. E os seguintes foram apenas sucessões de movimentos sem importância. Isso era quem eu havia me tornado. Uma máquina de violência, sem emoções, que precisava daquele tipo de adrenalina para sobreviver.

Mal vi quando o outro lutador foi ao chão, com o rosto completamente desfigurado pelo sangue. Também mal ouvi quando o narrador improvisado da luta gritou “nocaute”, gerando gritos ensandecidos da plateia. Alguém agarrou a minha mão, como já era de praxe, e a ergueu no ar, me reverenciando como vencedor daquela noite. Essa era a parte mais sem graça de tudo. Não gostava dos louros, não gostava de quando a luta terminava, porque não era a vitória nem dinheiro o que eu buscava – isso, agora, eu tinha de sobra –, mas puro

escapismo.

Desvencilhei-me das pessoas, como sempre fazia, e me dirigi ao meu carro para pegar o smoking que deixara esticado no banco de trás. Apressei-me para o vestiário, entrando debaixo do chuveiro na água fria.

Aquelas horas silenciosas para mim eram sempre um pouco incômodas. Por mais que não tivesse tempo a perder, já que precisava me arrumar para outro compromisso, perdi um tempo levando uma mão aos ladrilhos, abaixando a cabeça e deixando o jato cair sobre minha nuca, massageando minha coluna.

Respirei fundo, abraçando a sensação bem-vinda, esperando que a água lavasse também o que havia por dentro e não apenas aquela casca que me cobria por fora. Minha alma estava suja, porque eu simplesmente não conseguia me libertar do passado. O peso que carregava nas costas era quase tão insuportável quanto fora sete anos atrás. Pelo andar da carruagem, eu sentia como se nunca me fosse libertar. A tortura era diária. Os pesadelos eram constantes. As lembranças... cada uma delas me esquartejava como uma serra elétrica. As boas eram ainda piores, porque me faziam perceber o que perdi. O que nunca consegui esquecer.

Não que aquele tipo de autopiedade me fizesse bem, mas já tinha desistido há muito tempo de esforçar-me para esquecer. Só que eu não *podia* esquecer. Não quando tinha quebrado uma promessa e deixado a única garota que amei de verdade para trás.

E que Deus fosse testemunha... mas eu ainda a amava.

Saí do chuveiro e vesti meu smoking, saindo do clube, novamente buscando meu carro. Encontrei Anderson parado, apoiado nele, também já embecado, com os braços cruzados.

— Porra, Hollywood, pensei que ia deixar o sujeito foder com a tua fuça toda. Como que eu ia chegar na festa, gato desse jeito, quase um Idris Elba, com um cara mais ou menos como você, ainda por cima todo estourado? Não tem cabimento. Sei que normalmente te deixo na desvantagem, né, mas pelo menos, com o rosto limpo, você ainda tem uma chance...

Abri um sorriso de canto, meio debochado, enquanto jogava minha mochila no banco de trás. Aquela era uma porcaria de brincadeira que Anderson sempre insistia em fazer sobre minha aparência. Tanto que o apelido que me dera, Hollywood, se referia a isso – ele vivia dizendo que eu faria sucesso se tentasse o cinema.

Como se eu estivesse me lixando para isso.

— Está querendo que eu diga que você está bonito, Andy? — Ergui meu corpo novamente, fechando a porta traseira do carro e começando a me dirigir para o lado do motorista. — Você sabe o que eu penso disso, né? Acho que você

tem um tesão enrustido por mim... — entrei na brincadeira, como sempre fazia.

— Tesão, não. Mas não é como se eu não fosse te dar mole se a população feminina do mundo acabasse. Eu iria querer garantir um espécime viril e assim com essa cara de galã que você tem. — Nós dois entramos no carro, fechando as portas em unísono.

— Cara, essas nossas conversas ficam cada vez mais estranhas — falei, olhando para ele com o cenho franzido, enquanto colocava o cinto de segurança e dava a partida para sairmos dali o mais rápido possível.

— Se o apocalipse zumbi vier e sobrar pouca gente, você vai se lembrar disso. Especialmente porque não é bem um Don Juan com as mulheres, né?

— Ainda assim, eu não vou querer pegar você. Lide com isso.

Enquanto Anderson gargalhava ao meu lado, pisei no acelerador, saindo do clube.

Já fazia um bom tempo que eu não precisava lutar, mas certas coisas acabam se tornando vícios. E normalmente eram sempre as piores. Tinha dinheiro suficiente para me manter por esta e por outra vida, embora não me orgulhasse de onde este viera.

Meses depois de eu ter saído do porão de Danneman, e ter sido gentilmente acolhido na casa de Wilson, eles descobriram sobre a existência do meu avô. Embora não tivessem a menor intenção de me expulsarem, muito pelo contrário, entraram em contato com meu único familiar remanescente, constatando que ele estava vivo, arrependido e muito ansioso em me conhecer.

Infelizmente, nosso contato durou pouco, pois ele morreu menos de um ano depois, deixando-me toda a sua herança.

Nunca consegui ser o neto que ele gostaria que eu fosse, nem tinha tino para os negócios como foi sua esperança ao recuperar nosso relacionamento. Também não consegui conceder meu perdão total pelo que fez à minha mãe. Se tivesse me conhecido alguns anos antes, as coisas seriam diferentes, mas o Rafael que restou de mim depois que fui libertado após de três anos de cativeiro não tinha o coração muito aberto, com exceção das poucas pessoas que eram meus pilares e que me mantiveram são, mesmo quando meu coração parecia um jogo de quebra-cabeças de tantos pedaços espalhados.

Eu não queria nada que viesse do meu avô. Demorei a aceitá-lo em minha vida, e mesmo quando o fiz, ele continuou não passando de um conhecido que eu visitava no máximo uma vez por mês para manter uma tradição que durou muito pouco. E esses encontros eram extremamente desconfortáveis, porque não tínhamos nada em comum. Eu nem sequer contei a ele sobre Frank, sobre os anos que passei com ele... muito menos sobre Nadine.

Na verdade, eu pouco falava dela. Dificilmente pronunciava seu nome.

Obrigava-me a afastar a imagem de seu rosto todas as vezes em que ele teimava em surgir na minha memória. Mesmo depois de cinco anos sem vê-la. Mesmo depois de ela ter fugido de mim, apontando um canivete para a minha garganta. Ela ainda mexia comigo ao ponto de se tornar uma dor física; um incômodo profundo. Uma frustração.

Só que meu inconsciente era um filho da puta, porque eu pensava nela todos os dias.

Por mais que não tivesse interesse no dinheiro, a herança acabou vindo para mim de qualquer forma, e Wilson foi quem me incentivou a aceitá-la. Ele sabia que eu não gostava de lutar, e por mais que estivesse indo muito bem e ganhando um bom dinheiro, nada se compararia a ter todo o meu futuro garantido. Com a possibilidade de estudar e de poder proporcionar uma vida boa a Johnny.

Só que acabei usando-a também para outras coisas. Uma das mais significativas fora contratar um detetive para encontrar Nadine. E... bem... ele encontrou. Pena que ela não queria ser encontrada. Depois, infelizmente, sumiu do mapa e nem todo o dinheiro do mundo fora capaz de encontrá-la.

Outro benefício da grana que recebi era o motivo pelo qual estávamos indo à tal festa mencionada por Anderson. E eu quase me sentia animado, embora esta não fosse uma palavra atribuída a mim com frequência.

Talvez eu estivesse apenas me tornando um velho rabugento.

— Tá com uma cara de bunda, Hollywood. O que tá passando aí nessa cabecinha pensante? — Ouvi a voz de Anderson do meu lado, arrancando-me dos meus pensamentos sobre aquela noite e sobre o quanto era importante que tudo o que tínhamos planejado desse certo.

— No quanto a gente precisa que os boatos sejam verdadeiros e aquela mulher seja mesmo tão boa quanto todos dizem que é.

— Mas que porra de pessimismo é esse? Temos a faca e o queijo na mão. O que vamos pedir vai ajudá-la também. Uma imagem altruísta é sempre uma boa coisa para um político.

— É que a ideia caiu no nosso colo muito fácil. Um e-mail anônimo e uma doação sem que a gente tenha sequer divulgado qualquer coisa da ONG. Isso é muito estranho. — Tão estranho que eu chegava a sentir calafrios só de pensar.

— Você tem que parar de ser paranoico. O dinheiro veio a calhar. Não é porque você tem muito que não pode aceitar uma ajuda de vez em quando. E o fato de o e-mail ter nos sugerido o nome da governadora e a festa de hoje... Bem, pode ser um bom sinal, não?

Anderson era bem mais otimista do que eu, sem dúvidas. Provavelmente era o mais certo dos dois, mas a verdade era que considerávamos a humanidade de formas muito diferentes.

O lado feio da vida me dera porradas suficientes na cara para que eu não conseguisse enxergar flores e arco-íris à minha frente.

Dirigimos nossa conversa para outros assuntos e chegamos ao salão onde o evento aconteceria em alguns minutos. Deixei meu carro com um manobrista e ajeitei meu paletó e minha gravata, tentando parecer mais apresentável, conforme subia as escadas para entrar naquela mansão elegante.

Eu não era mais um menino de rua; era um homem rico agora, frequentava alguns lugares legais, tinha um baita carrão, uma casa bonita, mas quem olhasse além da superfície perceberia que muito daquele garoto maltrapilho e perdido ainda vivia em mim – os arranhões nos nós dos meus dedos dos socos que eu tinha acabado de dar na cara daquele sujeito no clube, a total incapacidade de agir com naturalidade no meio daquelas pessoas esnobes, o quão desconfortável me sentia vestindo um smoking... Eu sempre seria um intruso em meio àquelas pessoas. Elas só me aceitavam, porque eu era insignificante demais para suas vidas que consideravam muito mais valiosas do que a minha.

Enquanto Anderson nos apresentava, afirmando que nossos nomes estavam na lista, graças ao remetente do tal e-mail anônimo, passei a mão pelo meu rosto, alisando minha barba, tentando manter o controle. Voltei meus olhos para uma direção qualquer, enquanto aguardávamos, e vi um carro preto, muito elegante, parar em outra entrada da casa, um pouco afastada da nossa, mas ainda visível aos meus olhos. Uma mulher loira, com cachos perfeitamente penteados, saltou, revelando um longo vestido azul em um tom de índigo muito bonito. O corpo voluptuoso era delineado pelo tecido, e uma fenda revelou pernas longas e bem feitas, mas o rosto estava virado, com as mechas loiras a escondê-lo, e eu não pude conferir.

Difícilmente meu olhar era atraído por uma mulher desta forma, mas me vi focado nela, conforme subia as escadas, sozinha, com um andar decidido, sobre saltos bem altos. Ela não encontrou dificuldade nenhuma para ter a entrada liberada, o que me indicava que deveria ser uma pessoa importante.

Fomos convidados a entrar depois de uns cinco minutos de espera, e uma bela *hostess* nos guiou pelo enorme salão.

— Parece que nosso anjo da guarda realmente fez o que prometeu. Estamos dentro — Anderson comentou, enquanto seguíamos a moça. — Mas a Maria Clara já estava de prontidão.

Maria Clara era o novo affair de Anderson, que jurou que conseguiria entrada para nós na festa, caso o meu contato – se é que eu poderia chamar assim – falhasse. Também se ofereceu para nos levar até a governadora, já que tinha bom relacionamento com ela, por causa de seu pai.

— E você vai encontrá-la aqui? — indaguei

— Aparentemente, sim. Talvez você tenha que voltar para casa sozinho.

— Já estou acostumado. — Dei de ombros.

— Só porque quer. Esse negócio que você tem entre as pernas já deve estar até enferrujado. Quanto tempo faz que não sai com ninguém? A última foi aquela ruivinha, não foi? Linda, aliás.

— Não tem tanto tempo assim... Faz uns... sei lá... seis meses... — E mesmo assim não fora nada significativo. Saí com a Patrícia em três ocasiões, trocamos alguns beijos, fomos para cama, mas nada mais do que isso. Nem eu, nem ela, estávamos na vibe de relacionamento.

Eu nunca estava, aliás.

— Eu morreria se passasse seis meses sem sexo.

— Você? Com certeza — disse, enquanto descíamos um lance de escadas muito elegante, com corrimão dourado e degraus de mármore, cobertos por um tapete vermelho, acessando um nível inferior, onde uma música bem suave nos recebeu.

Para a minha sorte, fui salvo pelo gongo. Ou pela *hostess*, que virou para nós com um sorriso simpático e um gesto cortês, indicando o salão principal, onde a festa acontecia. Agradecemos e entramos sozinhos, liberando-a para que voltasse à entrada depois de nos desejar um bom evento.

Mal pisamos no salão e Anderson já levou a mão à primeira bandeja capturando um canapé. Não pude conter uma risada. Ele comia como um boi, mas tinha um ótimo metabolismo, porque conseguia manter o corpo esguio, principalmente porque eu sempre o incentivava a malhar comigo. Isso quando não inventava as desculpas mais absurdas, uma vez que morávamos no mesmo condomínio, e ele tinha grande prazer em fugir de mim como o diabo foge da cruz.

A verdade era que, embora não lutasse mais para sobreviver, tivesse minha própria profissão e todo o dinheiro angariado no ringue fosse doado para caridade, eu ainda fazia questão de manter minha rotina de treinamento, porque era algo que me fazia bem. Acordava todos os dias muito cedo, antes de o sol nascer, tomava uma vitamina e partia para a academia, passando duas horas em média. Isso me mantinha saudável, em forma, enquanto o ringue me mantinha são. O que não me deixava nem um pouco orgulhoso de mim mesmo. Ter que socar as caras dos outros para não enlouquecer não fazia exatamente parte do meu objetivo de vida nem nunca foi minha resposta quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescer.

Mas me encontrei no Direito. Ao menos nesta parte minha vida ia muito bem, obrigado.

— Você não consegue parar de mastigar só por um minuto, não? —

perguntei com um sorriso.

— Tenho que comer agora. Não posso chegar na governadora falando de boca cheia.

— Você comeu no caminho para o clube. Um X-Tudo!

— Já faz umas três horas ou mais. Estou em fase de crescimento. Me admira você, com esse tamanho de cavalo aí, comer que nem uma dama.

Apenas dei uma risadinha, porque não era bem assim, mas não valia a pena contestar.

Continuamos caminhando pelo salão, até que Anderson encontrou a tal garota com quem andava saindo. Fui apresentado a ela e engatamos uma conversa animada. Era muito divertida, realmente bonita, e com uma taça de prosecco na mão – apesar de eu não ser exatamente um apreciador de álcool –, tudo começou a parecer menos enfadonho.

Fomos interrompidos pela entrada da governadora Fátima Sampaio, a pessoa que realmente fomos procurar ali. Ela surgiu no topo das escadas, acompanhada por uma mulher um pouco mais jovem do que eu, ambas sorridentes, orgulhosas, acenando para as pessoas. Todos imediatamente pararam tudo que estavam fazendo para observá-las e ovacioná-las, e eu e Anderson nos entreolhamos, fazendo o mesmo.

— Quem é a garota? — perguntei, só por curiosidade.

— Marcella, filha da governadora. Aparentemente uma menina de ouro. Passou alguns anos nos EUA fazendo cursos de extensão. Está estudando Relações Internacionais e tem planos de se tornar diplomata — Maria Clara respondeu. — Meu pai sempre me incentivou a ser amiga dela, mas... Bem... somos um pouquinho diferentes. — Sorriu de forma levemente maliciosa, e Anderson retribuiu. Eu, por minha vez, desviei o olhar, voltando a focá-lo nas mulheres em destaque.

Elas desceram as escadas com elegância e foram recebidas por todos com honraria, especialmente Fátima. Tinha tomado posse como governadora no início daquele ano e por mais que ainda fosse um governo iniciante, todos estavam muito otimistas, a julgar por sua atuação em outros cargos, como deputada e prefeita, ambos com bons níveis de aceitação.

Depois do e-mail que recebemos, com as sugestões do nosso benfeitor anônimo, fomos pesquisar um pouco mais sobre a mulher, e foi exatamente esta fama de ser uma boa governante, altruísta e disposta a trabalhar em favor da população – como deveria realmente ser – que fez com que eu e Anderson tomássemos a decisão de procurá-la. Não precisávamos de nenhum tipo de ajuda que não fosse apenas de influência. Iniciamos o projeto de uma ONG, e por mais que eu tivesse a intenção de bancá-la do meu próprio bolso, Anderson me

convenceu que só teríamos a ganhar se angariássemos algumas parcerias e apoios. A ideia de conversar com a governadora veio de uma reportagem que lemos a respeito de um apoio similar que ela ofereceu a outro projeto, um pouco diferente, mas que deu um imenso resultado.

Tendo sido um menino de rua, minha necessidade de dar uma oportunidade a garotos como eu foi um dia era quase sufocante. Além disso, queria um espaço onde pudesse abrigar essas pessoas e também mulheres que não tivessem para onde ir, mas que precisassem de um refúgio contra maridos ou outros familiares violentos e abusadores. Mulheres como Nadine.

O projeto era ousado, mas contávamos com bons amigos, cada um fazendo a sua parte. Anderson, como médico, estava empenhado em criar uma pequena clínica lá dentro, para atender quem chegasse, principalmente bebês. Como advogado, eu ofereceria ajuda jurídica gratuita para as mulheres refugiadas e para quem quer que precisasse. Contávamos com a generosidade de arquitetos, outros médicos, psicólogos – inclusive Tatiane, uma ex-namorada –, engenheiros, dentre outros, todos voluntários, que fomos conquistando na amizade. Mas precisávamos de muito mais. E foi por isso que Anderson me convenceu a ir até aquele evento. Queríamos, ao menos, tentar uma aproximação, marcar uma reunião, porque não tínhamos a intenção de incomodá-la em um dia tão importante – o aniversário de sua única filha.

Obviamente estava contando com a lábia incrível do meu melhor amigo para convencê-la, uma vez que eu não era exatamente o cara mais sociável do mundo. Os três anos que passei com Danneman e os que se seguiram deixaram seus traumas, e eu me tornei introspectivo, mais do que já era antes. Era econômico com as palavras, desconfiado nos olhares e meus sorrisos eram muito raros. Anderson era um dos poucos que conseguia arrancar o melhor de mim. Ele, seus pais – que adotei como meus depois que me salvaram de todo o pesadelo – e Johnny. Tinha outros amigos, colegas, pessoas que me faziam bem, mas por mais que tivessem se passado anos, todas as vezes que começava a me divertir, que me permitia aproveitar alguma coisa, mesmo da forma mais inocente possível, pensava em Nadine. Eu não deveria merecer tudo aquilo – a liberdade, um futuro, amigos, normalidade –, enquanto mal sabia em quais condições vivia. Não sabia se voltara para as mãos daquele louco, e a julgar pela forma como a encontrei da última vez em que nos vimos, a vergonha me consumia como um veneno.

Anderson sempre discutia comigo sobre essas minhas paranoias, e foi por incentivo dele que cheguei a assumir um namoro com Tatiane. Ou melhor... Não foi bem assim. Nós nos conhecemos na faculdade, cada um em seu curso, e acabamos na cama depois de uma noite de bebedeira, em uma comemoração do

campus. Como éramos amigos, decidi aceitar a ideia de um compromisso, porque não podia admitir iludir uma garota tão legal e que gostava de mim há algum tempo.

O relacionamento durou seis meses até que eu conseguisse coragem suficiente de contar sobre meu sentimento por Nadine e o fato de ainda procurá-la, embora com muito menos empenho, já que fazia tantos anos desde a última vez em que tive notícias dela. Tatiane foi compreensiva, mas sabia que ainda me esperava, embora eu nunca mais tivesse demonstrado qualquer interesse da minha parte além de uma boa amizade. Éramos sócios em um escritório, onde ela clinicava, e eu advogava, e estávamos trabalhando juntos em prol da ONG. Além disso, conseguíamos manter uma amizade verdadeira, apesar dos pesares.

Observei a governadora caminhar pelo salão, cumprimentando a todos com simpatia, recebendo congratulações, assim como a moça ao seu lado, a aniversariante, embora esta parecesse bem mais entediada. Sorria, mas sem muita emoção, tentando participar das conversas, enquanto seus olhos passeavam por todo lugar, como se quisesse apenas encontrar a saída mais próxima.

Eu a entendia muito bem. Também não me sentia nem um pouco à vontade naquele momento.

Ainda observava as duas quando meu braço foi tomado subitamente por outro. Olhei para o lado e vi Maria Clara, colocando-se entre mim e Anderson, praticamente nos arrastando para perto de Fátima.

Quando dei por mim já estávamos frente a frente com a mulher.

Maria Clara congratulou Marcella pelo seu aniversário, e ambas trocaram beijinhos puramente de protocolo. Nenhuma delas parecia nutrir amizade pela outra, embora não parecesse haver animosidade, apenas indiferença.

Eu e Anderson também cumprimentamos a moça, que também nos dirigiu a mesma expressão polida e desinteressada.

Depois que todos cumprimos com a educação, a amiga de Anderson voltou-se para a mulher mais velha.

— Vossa Excelência, tudo bem? Sou Maria Clara Castanho, não sei se a senhora vai se lembrar de mim... — a moça começou a falar.

— Claro que lembro, querida. Seu pai sempre foi um amigo muito leal. — O pai da garota, pelo que Anderson me contou, era do meio da política também, mas eu não fazia ideia de qual era seu cargo. — Como ele está?

— Bem. Trabalhando muito, como sempre — Maria Clara respondeu com um sorriso, esforçando-se para ser cortês.

— Muitos cabelos brancos por sua culpa? Até onde eu sei, você sempre lhe deu muito trabalho.

— Tudo calúnia, senhora. Sou um verdadeiro anjo. — Estava bem claro no tom de voz da moça que se tratava de uma brincadeira, tanto que Fátima compreendeu e riu animadamente. Então, aproveitando o clima descontraído, a jovem iniciou o assunto que nos levou até ali: — Senhora, estes aqui são Anderson e Rafael. Eles estão criando uma ONG e gostariam de conversar sobre um apoio. O projeto realmente é promissor. — A garota era direta e mal realizou apresentações formais. Eu entendia sua estratégia, porque ninguém teria muito tempo para longas conversas com aquela mulher no meio de tanta gente.

Fátima voltou os olhos para nós, genuinamente curiosa.

— Mas vocês são muito jovens — comentou.

— Isso não minimiza nossa determinação de fazer alguma diferença — respondi, temendo ter sido rude. Eu realmente tinha perdido o jeito para lidar com pessoas, e aquele era o tipo de dom que não se recuperava tão facilmente.

Apesar dos meus medos, a governadora sorriu.

— Claro. Admirável.

— Senhora, se nos der uma chance, podemos lhe mostrar todo o projeto e o que ele vai abranger. Sou médico e teremos uma ala de pediatria e de ginecologia para atendermos mulheres e crianças que precisem de abrigo e refúgio. Meu amigo aqui é advogado, vai oferecer serviços jurídicos a essas famílias e...

— Muito interessante — a mulher simplesmente cortou Anderson, embora seu olhar parecesse realmente focado em nós e até realmente admirado. Contudo, o sorriso que abriu a seguir falava muito mais do que as interpretações que tentei fazer de seu semblante. — Aqui só não é o lugar certo para falarmos sobre isso. É o aniversário de vinte e um anos da minha filha. Podem, por favor, deixar um cartão com um dos meus assessores — ela apontou para dois homens que a seguiam como dois cachorros abanando o rabo. — Terei prazer em entrar em contato com vocês para marcarmos uma reunião e conversarmos.

Com isso, ela simplesmente se afastou, ainda com o mesmo sorriso quase simpático no rosto. Sua filha, em contrapartida, lançou-nos um olhar cheio de pesar, mas seguiu a mãe em silêncio, sem permitir que sequer ouvíssemos sua voz.

Quando elas já estavam longe o suficiente, Anderson fez o primeiro comentário, quebrando o silêncio que se formou entre nós:

— Porra, que filha da puta. Ela não quis nem ouvir...

— O que você esperava, Andy? Eu avisei que aqui não era um bom lugar... — disse eu, pegando uma taça de um garçom e dando um gole na bebida, porque estava precisando.

— Eu posso tentar falar com ela de novo e...

— Não, Clara... pode deixar. Vou lá entregar o cartão ao idiota do assessor dela. — Anderson já ia saindo, puto da vida, mas eu o segurei.

— Não vai adiantar de nada. Essa gente vai se esquecer da nossa conversa antes da meia-noite. Temos que encontrar outra forma e outro lugar para falarmos com ela.

— Posso tentar ver se meu pai intercede. Ele normalmente não me escuta muito, mas posso pensar em alguma coisa para chamar sua atenção — Maria Clara falou, também bebendo de sua taça. Ninguém poderia dizer que a garota não era prestativa. Ou, então, estava mesmo muito a fim de Anderson.

— Obrigado, linda, sem dúvidas vai ajudar e muito — meu amigo respondeu, com seu jeito galanteador, levando um dedo ao rosto da garota, que sorriu com uma doçura que não lhe parecia muito peculiar.

Sentindo que começava a sobrar, afastei-me com a desculpa de que iria dar uma olhada no evento por inteiro. Era mentira. Nada poderia me interessar menos. Tudo o que eu queria era voltar para casa, para passar mais uma noite em claro ou para simplesmente dormir pesadamente e ser acordado no meio da madrugada por algum pesadelo.

Ainda com minha taça na mão, com a bebida pela metade, comecei a andar, enfiando a outra mão, livre, no bolso da calça, porque simplesmente não sabia o que fazer com ela. Na verdade, eu não sabia o que fazer comigo inteiro. Eu me sentia um intruso ali dentro, grande demais perto dos homens esguios e elegantes. Apesar de saber me portar, sentia-me desajeitado, como se meu tamanho os assustasse ou como se estivesse prestes a quebrar qualquer coisa que colocasse na mão ou pela qual passasse.

O local era enorme, mas tudo parecia igual, então, senti-me entediado muito rápido. Observei a governadora e sua filha por algum tempo, percebendo que a moça mais jovem não desgrudava da mãe. Era seu próprio aniversário, mas ela não parecia se divertir nem um pouco. Não se misturava aos poucos jovens da festa, e algo me dizia que nenhum deles era seu amigo. Ela parecia melancólica e entediada... quase tanto quanto eu.

Ainda a observava quando senti meu telefone vibrar no bolso. Sorri ao me deparar com o nome no visor.

— Ei, Johnny — cumprimentei com um sorriso. Aquele garoto ainda era uma das poucas coisas que me deixava em paz comigo mesmo. Ao menos ele estava ao meu lado, seguindo com sua vida e me dando um baita de um orgulho.

A ligação era via Whatsapp, porque meu irmãozinho de sangue estava fazendo um intercâmbio no Canadá por intermédio de sua faculdade.

— Fala, Rafa! E aí, tudo certo com a governadora?

— Ainda estou na festa... — respondi, apoiando o corpo em uma pilastra.

— Atrapalhei alguma coisa?

— Claro que não. Já falamos com a mulher, mas não foi uma tentativa muito bem sucedida... Ela não foi muito solícita — respondi, desanimado.

— Como assim? O projeto de vocês é incrível.

— Sim, é mesmo. Mas ela alegou que aqui é uma festa e que não quer falar sobre isso agora. Pediu que deixássemos um cartão com os assessores... aquele papo de sempre.

— Vocês não podem desistir, Rafa.

— Claro que não. Vamos tentar abordá-la em outra ocasião. — Fiz uma pausa, disposto a mudar de assunto para algo mais agradável. — Mas me diz... preparado para voltar para casa? — O intercâmbio estava terminando, e ele estaria de volta em alguns dias.

— Óbvio. Aqui é muito legal, mas estou com saudades de vocês... — Sabia que ele falava de mim, de Anderson, Wilson e Sílvia, que se tornaram nossa família. Especialmente para Johnny, que eles realmente adotaram como seu filho, embora não legalmente. Tanto que nem morava comigo, mas com os dois.

Johnny continuou falando, mas subitamente minha atenção foi sugada para outra coisa. Meu olhar inconscientemente foi atraído para um ponto do salão enquanto passeava por todo o espaço sem qualquer intenção específica. Porém, não consegui mais desviá-lo ao avistar a mulher de azul descendo as escadas. Sua cabeça estava baixa no momento em que meus olhos a encontraram, e eu ainda não conseguia ver seu rosto, mas, assim como na primeira vez em que a observei, algo muito estranho se remexeu dentro de mim, como se houvesse um parasita rastejando dentro das minhas veias, bebendo o meu sangue.

Logo compreendi esta sensação quando a moça ergueu a cabeça na minha direção, fixando os olhos nos meus, como se já soubesse que iria me encontrar. Não havia nem um décimo da surpresa que provavelmente se instalou no meu semblante. Ela *sabia* que eu estaria ali. Estava escrito em seu rosto.

O rosto que... puta que pariu! Nunca saíra dos meus sonhos nem dos meus pesadelos. O rosto que — embora amadurecido, maquiado como nunca vi antes — eu ainda amava.

— Rafael? Ei, cara, você ainda está aí? — Johnny me chamou do outro lado da linha, e eu precisei engolir em seco para respondê-lo.

— Estou...

— O que houve? Sua voz ficou estranha. Parece que viu um fantasma...

— Quase isso... Preciso desligar, irmão. — Mal sei como consegui proferir essas palavras, levando em consideração o peso que tinha se instalado no meu peito.

— Rafael, estou preocupado. O que aconteceu?

— Eu não faço ideia, cara. Mas eu estou olhando para a Nadine. Ela está aqui...



Capítulo 10

Rafael

— DO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO? Ficou louco? A Nadine...? — Johnny falou do outro lado da linha, e embora eu conseguisse ouvi-lo, minha mente não era capaz de processar uma resposta. — Rafael, dá para me responder? Você está se referindo à... Dine? — Johnny suspirou ao mencionar o apelido. — À *nossa* Dine?

Nossa Dine.

Minha Nadine.

Uma que não poderia ser menos minha do que qualquer outra coisa, especialmente na forma daquela mulher deslumbrante que vinha em minha direção, a passos decididos, como se tivéssemos marcado um encontro, e não como se eu a viesse buscando, sem nenhuma notícia, há cinco malditos anos.

— Sim, Johnny. Ela mesma. — O rapaz falou alguma coisa do outro lado da linha, mas eu novamente não escutei. Todos os meus sentidos estavam completamente concentrados nos passos da mulher à minha frente.

Mulher. Por inteiro. Não havia nada mais em Nadine que lembrasse a menina que ela fora um dia. E se eu já a achava a garota mais linda em quem pus os olhos, agora, só de olhá-la, não restava um único resquício de ar dentro dos meus pulmões.

Ela era uma porra de uma perfeição. Celestial, embora a forma como meu corpo reagia à sua visão não fosse nem um pouco pura.

— Rafa! Fala alguma coisa! — Desesperado do outro lado, Johnny reagiu ao meu silêncio, e eu conseguia compreender a forma como estava lidando com a notícia. Provavelmente, se eu não estivesse tão atordoado não teria lhe dito nada, porque eu sabia que, apesar de não ter convivido tanto com Nadine, ele era louco por ela. Além disso, acompanhara toda a minha depressão depois da forma

como fomos separados e com certeza deveria imaginar a extensão dos meus sentimentos naquele momento.

— Johnny, eu juro que ligo para você assim que der, mas... eu preciso falar com ela...

E desliguei o telefone sem dizer mais nada, porque não conseguiria continuar falando enquanto meu coração estivesse preso na minha garganta.

Nadine se aproximava, surgindo como um milagre. Nunca perdi as esperanças de que um dia a encontraria de novo, mesmo com alguns dos detetives que contratei tendo plena convicção de que ela já deveria ter morrido, especialmente quando lhes contava o estado no qual a encontrei cinco anos atrás. Esta era uma opção que nunca me permiti aceitar. Mas também nunca imaginei que surgiria na minha frente, da forma mais inusitada possível, vindo até mim como um presente.

Quando, então, se colocou à minha frente, a uma distância que eu mal precisava estender metade do meu braço para tocá-la, um sorriso provocador curvou seus lábios. Um que eu desconhecia e que me fez compreender que, por mais que eu fosse capaz de conhecer minha linda borboleta em qualquer lugar, tempo ou espaço, aquela mulher deslumbrante à minha frente não era a menina que conheci e que me entregou seu amor de forma tão doce.

Ela havia mudado, mas eu também.

— Como vai, Rafael? Quanto tempo... — falou em uma voz sussurrada, em um movimentar muito suave dos lábios pintados de um profundo escarlate.

Os olhos muito azuis ainda precisavam se erguer para fitarem os meus, embora eu pudesse apostar que os saltos de seus sapatos tinham mais de dez centímetros. Ela se movimentava com a graça de uma atriz dos anos quarenta, o que combinava com o penteado cheio de cachos, com uma das orelhas de fora revelando um brinco que reluzia um pouco menos do que ela, repleto de pequenos diamantes. Ela exalava pura sensualidade tanto na forma como falava, como olhava para mim, e se eu fosse um pouco mais pretensioso, se não conhecesse nossa história e a forma como a abandonei, poderia julgar que estava se sentindo quase como eu – desconsertada e em choque.

Só que não era assim. Nadine mostrava-se segura, e eu não duvidei por um único momento que sabia que eu estaria ali.

Foi quando uma certeza me invadiu.

— Você me enviou o e-mail? — Sem dúvidas essa era a última coisa que me passava pela cabeça todas as vezes em que imaginava meu reencontro com ela e a primeira coisa que lhe diria. Porém, nada naquela situação era convencional ou previsível.

O sorriso dela se ampliou.

— Foi a forma que encontrei de estarmos em um mesmo lugar. Queria uma oportunidade para conversar com você... — falou como se fosse extremamente normal. Como se tivéssemos mantido o contato durante todo aquele tempo, e ela não tivesse fugido de mim há cinco anos. — Não sabia se iria querer me ver.

Ergui uma sobrancelha em uma expressão que se dividia entre confusão e um pouco de ironia.

— Eu? Um pouco infundada essa sua dúvida, levando em consideração que foi no meu pescoço que um canivete foi parar na última vez em que nos encontramos.

Nadine deu de ombros, ainda inabalável, embora o sorriso tivesse desaparecido do seu rosto.

— Muitos anos se passaram. Aquela menina assustada não existe mais.

Seria mesmo? Eu esperava que sim, porque a última imagem que tive dela ficou presente nos meus pesadelos por anos. Como era possível que tivesse ido do inferno ao céu em tão pouco tempo?

Remexi-me, pousando minha taça sobre a mesa mais próxima e novamente colocando as mãos nos bolsos, temendo que meu cérebro entrasse em curto circuito e julgasse prudente tocá-la.

— Não fui eu que fugi de você, Nadine. Sempre estive aqui, esperando te encontrar de alguma forma — suavizei o tom de voz, chegando a soar quase cansado, porque com aquela aparição repentina e com aquela aparência, ela tinha realmente me roubado todo o ar.

— Então não vai negar um pouco do seu tempo para mim, vai? — com esta frase dita de forma doce, em uma clara tentativa de me conquistar a atender aos seus desejos, ela quase pareceu a Nadine do passado, com a diferença de que eu podia ver claramente o quão manipuladora havia se tornado.

— Eu não seria capaz de te negar nada. Nunca.

Percebi quando ela respirou fundo, mas rapidamente se recompôs, empertigando-se e voltando a sorrir.

— Tem um jardim nos fundos da propriedade. Podemos ir para lá?

Assenti, balançando a cabeça, ainda um pouco atordoado por tudo. Por encontrá-la, por ela estar tão linda e, principalmente, por agir como se fôssemos dois amigos de longa data sem um passado que nos destruía. Ainda assim eu a segui quando tomou a dianteira, porque a seguiria até o inferno se me convidasse para me juntar ao diabo. Porque era *ela*. Minha Nadine.

Seguimos até os fundos, como ela propusera, e cruzamos as portas duplas de vidro, deparando-nos com um lindo jardim ao ar livre. Uma pequena fonte proporcionava um som agradável de água, enquanto uma imensa quantidade de verde se destacava em meio ao chão e a escada de pedras no alto da qual

paramos para avaliar a paisagem. Havia flores de todos os tipos, e as folhas das árvores sustentavam aquele tom amarelado típico da estação.

Adiantei-me nos degraus, oferecendo a mão para que Nadine descesse com aqueles saltos e o vestido que não lhe dava muita mobilidade.

— Obrigada — ela sussurrou com um sorriso, aceitando o toque, e eu estudei sua expressão para tentar decifrar se o ínfimo contato, mesmo tão superficial, poderia ter lhe provocado uma reação parecida com a que se remexia dentro do meu peito.

Era quase difícil acreditar que a mão pequena dentro da minha era mesmo a de Nadine. Para ser sincero, eu ainda estava funcionando em modo automático, quase como se toda a cena fosse apenas um sonho.

Só que ao olhar para ela com atenção, não enxerguei nada do que gostaria de ter visto. Nadine continuava agindo como se aquela fosse uma situação normal.

Mas não era... Porra, não era! Passei anos da minha vida procurando aquela mulher como um louco, lutando contra a insanidade, desesperado por não saber nada dela e apavorado por me lembrar de como a encontrei na última vez. E agora ela aparecia do nada, deslumbrante, parecendo completamente alheia a tudo o que vivemos.

O que diabos tinha acontecido?

Suspeitava, porém, que ainda demoraria a descobrir toda a verdade. Principalmente porque iria dançar conforme a música que *ela* tocasse.

Nadine se sentou no banco de madeira, com uma postura perfeita, parecendo ser da realeza. Isso, ao menos, não mudara. Sempre a achei uma princesa, nada digna do vira-lata que eu era. Agora eu tinha dinheiro, um diploma, uma profissão, estava ali, vestido como um nobre, mas não me sentia menos vagabundo por isso.

— Não vai se sentar? — ela perguntou, ainda com aquele tom que me confundia e fazia minhas entranhas se revirarem. Era a mesma voz, embora mais madura e contivesse um toque de segurança que minha tímida Dine nunca apresentou.

Com as mãos dentro dos bolsos novamente e inclinando a cabeça para o lado, quase como se estivesse estalando o pescoço, lancei-lhe um olhar que sustentava uma leve nota de sarcasmo, e este tinha bem mais a ver com o nervosismo do que qualquer outra coisa.

— Me dá um desconto, Nadine. Estou um pouco inquieto, mas acho que você compreende, não é? — Dei uma risadinha apreensiva e passei os dedos pelos cabelos, jogando-os para trás. — Não é como se eu saísse todos os dias de casa esperando te encontrar. Ainda mais assim... — Usei a mesma mão que

deslizara pelos meus fios para apontar para ela.

— Assim como? — indagou com aquela suavidade e um leve curvar dos lábios escarlate.

Suspirei, olhando para ela, e precisei levar o oxigênio mais fundo nos meus pulmões, porque, apesar de estarmos ao ar livre, sentia-me claustrofóbico dentro de mim mesmo, porque a quantidade de emoções que explodiam no meu peito era incompatível com o limite do que eu poderia suportar.

— Linda como uma miragem.

Nadine também respirou fundo, e seu sorriso desapareceu pela fração de um segundo, mas ela rapidamente se remexeu, empertigando-se e erguendo a cabeça, altiva como a deusa que sua imagem demonstrava. O problema era que eu tinha a nítida impressão de que se tratava apenas de uma ilusão. Havia um contraste muito grande entre nossos dois últimos encontros para que eu pudesse acreditar totalmente que não guardava mais nenhuma mágoa, nenhum trauma.

— Vou aceitar o elogio e ir direto ao ponto. Se preferir continuar de pé, fique à vontade. — Fez uma pausa, finalmente tornando-se séria, olhando para mim como se fôssemos meramente conhecidos ou parceiros de negócios. Naquela Nadine eu conseguia acreditar. — Falava sério quando disse que queria participar de uma possível vingança contra Frank?

Franzi o cenho, porque realmente não esperava que aquele fosse o assunto que iria nos reunir depois de tanto tempo. Não poderia negar que estava um pouco desapontado, mas... Bem... o que eu poderia esperar?

— Onde quer chegar, Nadine? — acompanhei a seriedade que apresentava, cruzando os braços e fixando meus olhos nos dela.

Ela deu de ombros.

— Não tem dificuldade nenhuma para entender o que eu quero dizer, Rafael. Estou planejando, finalmente, uma vingança contra meu tio e quero colocá-la em prática. Tenho condições para isso, além de algumas informações, mas só vou compartilhá-las com você se disser que a promessa que fizemos um ao outro anos atrás ainda está de pé. — Ela realmente foi direto ao ponto, sem rodeios e sem nenhum resquício de simpatia ou afeição. Exatamente como pensei, Nadine não estava ali para matar as saudades, mas com propósitos bem mais sombrios.

Ainda assim, meu olhar suavizou ao fixar-se nela. Apesar da aparência sofisticada e do comportamento frio, eu ainda podia enxergar além da superfície e ver a menina quebrada que amei e ainda amava.

— Nenhuma das promessas que te fiz foi em vão, Nadine — falei quase em um sussurro, suspirando logo em seguida, antes de completar meu pensamento. — Não pude cumprir todas, mas seria capaz de qualquer coisa para compensar

meus erros com você.

A resposta que me ofereceu, ao menos de imediato, foi o silêncio. Baixou os olhos ao chão, em uma demonstração de que talvez eu a afetasse um pouco mais do que estava disposta a revelar.

Não demorou muito, porém, para erguer a cabeça, remexendo o pescoço alvo e longilíneo, onde um colar muito similar aos brincos se destacava.

— O passado não importa mais. Quero saber do futuro. O que me diz?

Descruzei os braços e dei alguns passos na direção dela, aproximando-me ao máximo. De alguma forma, eu tencionava desconsertá-la, porque não queria ser o único atordoadado na cena. Passei a língua pelo lábio inferior e não pude ignorar o olhar que ela lançou à direção exata do movimento. Estendi a mão, e ela fez menção de recuar, mesmo no banco, mas continuou parada, permitindo que um dedo incerto tocasse seu cabelo, sentindo a textura macia contra minha pele.

— Esta cor ficou bem em você — falei sem pensar. Não tinha nada a ver com a pergunta dela, e eu sabia que iria protestar, mas quis dizer alguma coisa menos mecânica, pois aquela conversa estava ficando cada vez mais estranha.

— Sempre fui loira.

— Não assim. — Fixei meus olhos nos dela, transmitindo toda a intensidade que sentia. Ela continuou firme, sem vacilar, aceitando ser observada e nem sequer estremecendo ou reagindo à forma involuntária como meu polegar acariciava seu rosto. Talvez fosse um abuso da minha parte, já que ela não me dera permissão nem abertura para tal, mas eu precisava tocá-la. Era uma necessidade quase desesperadora. — Vou responder à sua pergunta, mas antes... Preciso saber por que veio me procurar, levando em consideração que fugiu de mim cinco anos atrás.

Nadine afastou-se do meu toque e levantou-se do banco, dando-me as costas e falando sem olhar nos meus olhos:

— Como eu te disse, não sou mais aquela garota assustada que você encontrou e que fugiu como uma covarde. — Eu ia protestar a respeito da forma como se referiu a si mesma, mas Nadine virou-se para mim, finalmente me olhando com uma expressão de pesar. — Mas também não sou a menina que você conheceu. Então, não tenha ilusões ao nosso respeito. Vim te procurar porque fiz uma promessa de que estaria ao meu lado quando Frank fosse desmascarado.

Assenti em silêncio por alguns instantes, balançando a cabeça um pouco sem rumo, tentando fingir que suas palavras duras, a respeito das ilusões que eu poderia estar alimentando sobre nós, não tinham me ferido profundamente.

Mas que diabos eu estava esperando? Que ela fosse se jogar em meus

braços e dizer que ainda me amava?

Ainda assim, precisava provocá-la, encontrar dentro daquela fachada fria e inexpressiva algum tipo de emoção que me proporcionasse uma esperança de que receberia seu perdão e, quem sabe, sua amizade, embora fosse algo muito longe do que eu realmente desejava.

Novamente dando passos em sua direção e nos proporcionando o máximo de proximidade, sem que a situação se tornasse mais desconfortável do que já era, sorri.

— Vou interpretar, então, que veio em busca de proteção — era apenas uma brincadeira, mas a forma como ela reagiu, com outro dar de ombros indiferente, partiu ainda mais o meu coração.

— Sei me cuidar sozinha, Rafael, mas se isso faz com que se sinta melhor, pode pensar como quiser...

Ela deve ter percebido, pela forma como minhas expressões murcharam, que me atingiu em cheio, mas não havia nenhum traço de vitória em seu rosto. Provavelmente, me magoar não era sua intenção. O que me esmigalhava de dentro para fora era minha própria culpa e a sensação de perda ao vê-la na minha frente e pensar que poderia nunca mais ser minha.

— Bem, já que estamos acertados, acho que posso compartilhar uma informação com você. — Remexi-me no meu lugar, voltando toda a minha atenção a ela. — Não estou nesta festa por acaso e não te enviei aquele e-mail por nada. Tenho interesses aqui. A governadora Fátima Sampaio e meu querido tio estão tendo um caso.

A informação realmente foi um pouco chocante para mim, e eu nem tentei disfarçar.

— Como a mídia ainda não noticiou isso? E como você descobriu?

— Da mesma forma como descobri sobre a sua ONG. Tenho bons informantes. Nada muito diferente do que você fez para me encontrar da outra vez.

— Contratou alguém?

— Talvez... Mas acho que isso não vem ao caso agora. O importante é que tenho algumas intenções em relação à filha dela. Pelas minhas pesquisas a garota é um pouco carente de amizades, então, estou disposta a oferecer a minha.

— O que você quer fazer com Frank, afinal, Nadine? — perguntei, sentindo-me cada vez mais confuso.

— Quero desmoralizá-lo, criar um escândalo... Você provavelmente também não sabe disso, mas ele está planejando se candidatar este ano para deputado. Com a ajuda da governadora, pode ir muito longe.

Novamente algo que me deixou chocado. Aquele era um dia de altas

emoções.

— Você tem material suficiente para levá-lo à cadeia. Poderia denunciá-lo. Por que se colocar em perigo?

— Não tenho provas. Você fez uma denúncia contra ele, não fez? — Assenti. — E de nada adiantou. Para todos os efeitos, eu sou a sobrinha rebelde que desapareceu e agora quer a herança de volta. Ele se certificou de manchar a minha imagem o suficiente para que ninguém acreditasse em mim.

— Mas eu poderia corroborar, ser sua testemunha.

— Não — afirmou com forte veemência. — Eu não quero passar por uma humilhação assim, se for o caso. Além do mais, sei que tem mais podridão escondida debaixo do tapete. Não quero que ele seja condenado e que consiga liberdade condicional ou que saia com uma fiança. Quero que apodreça na cadeia. Que seja privado de sua liberdade por anos e anos... — ela hesitou antes de prosseguir, mas quando falou o resto da frase, já não me encarava mais, apenas mantinha os olhos fixos no chão. — Como eu fui.

Ela podia estar lindamente vestida, maquiada como uma atriz de cinema e comportar-se como uma princesa, mas não conseguiria se livrar do passado tão cedo. Anos lhe foram roubados; um tempo que nunca seria recuperado nem compensado. E isso porque eu ainda nem sabia exatamente tudo o que tinha acontecido no período em que ficou lá sem mim.

Dei mais um passo à frente, pegando a mão dela na minha. Ela novamente não recuou nem negou o contato, o que teria me alegrado se não me deixasse ainda mais preocupado de que realmente não houvesse mais nenhum sentimento por mim em seu coração, nem uma estima.

Nem mesmo quando levei-a aos lábios, para beijar os nós de seus dedos, Nadine demonstrou alguma coisa a não ser um leve erguer de cabeça. Ela parecia feita de gelo.

— Pode contar comigo, Nadine. Sempre. Para qualquer coisa.

— Ótimo. — Arrancou a mão da minha com um pouco mais de força, o que eu poderia considerar como um descontrole, se não tivesse aberto um sorriso logo em seguida. Também tirou de dentro da minúscula bolsa prateada um pequeno cartão. — Aqui está o meu telefone. Vamos marcar para conversarmos e sobre como começaremos.

Então, fez um gesto com o braço, indicando que queria que eu o enlaçasse.

— Vamos voltar lá para dentro? Está calor aqui fora, e eu quero beber alguma coisa — anunciou quase animada, sem um traço da melancolia que costumava ser sua marca registrada. Eu ficaria feliz com isso, em ver que estava bem e com as tristezas superadas, se não temesse que fosse um grande esforço para me enganar. Ou melhor, não só a mim, mas a todos.

Sem dizer nada, conduzi-a pelas escadas novamente, enquanto ela graciosamente erguia a longa saia do vestido, deixando que a fenda revelasse boa parte de suas pernas esguias e bem feitas. Havia muitas curvas novas em seu corpo, e isso me agradava não apenas aos olhos. Depois de encontrá-la pele e osso e de ter desmaiado de fome nos meus braços, ficava feliz em saber que ao menos estava cuidando de sua própria saúde.

Seguimos em silêncio e foi uma das coisas mais desconfortáveis que precisei fazer na vida. Assim que chegamos ao salão, o destino pareceu conspirar – não sei a favor de quem –, mas a música que nos recebeu foi exatamente *Stormy Weather*; a que embalou nosso primeiro beijo há tantos anos que mais parecia uma eternidade.

— Bom saber que o DJ tem bom gosto — ela comentou, tentando parecer espirituosa, mas logo se virou para mim, ainda com aquele sorriso delicado e meigo que fazia com que se parecesse demais com a minha Nadine. — Bem, Rafael... foi bom te ver. Agora que temos assuntos em comum, vamos nos encontrar com mais frequência. — Esticou-se, mesmo nos saltos altos, e beijou meu rosto.

Sabia que estava pronta para se afastar. Por mais que eu tivesse seu telefone guardado no bolso do meu paletó...

Meu Deus... Precisei parar um segundo para respirar.

Aquela era Nadine.

Nadine.

Eu já tivesse repetido isso umas mil vezes, mas não parecia suficiente, principalmente pelo fato de ser completamente ilógico. Quando saí de casa, se soubesse que iria encontrá-la, teria ensaiado mil coisas a dizer – embora fosse muito provável que a maioria delas desaparecesse na primeira oportunidade; no exato momento em que me olhasse em seus olhos indiferentes. Se alguém me dissesse que depois de todo aquele tempo ela iria surgir na minha frente, por livre e espontânea vontade, vestida daquele jeito, tratando-me como um velho amigo sem nenhuma importância, eu chamaria essa pessoa de louca.

Talvez o louco fosse eu, porque o destino era mais imprevisível do que sempre supus.

Ainda assim, eu não poderia deixá-la escapar daquela forma. Não sem arrancar mais informações que pudessem me tranquilizar a respeito de seu estado e de sua sanidade.

No momento em que tentou se distanciar de mim, eu a segurei. Fechei a mão em seu braço, trazendo-a de volta. Para mais perto do que seria prudente, mas não sabia o que estava fazendo. Agia completamente no impulso.

— Dança comigo — sussurrei baixinho em seu ouvido, porque

simplesmente não tinha fôlego para falar mais alto.

Queria dizer que aquela música era especial, porque fizera parte de nossa história, mas não sabia se estava pronto para um fora, para que ela dissesse que nada entre nós tivera significado. Mesmo que soubesse que seria uma mentira, porque nunca duvidei que seu amor por mim era tão forte quanto o meu por ela, iria me machucar. Profundamente.

Ela parou por um instante, em silêncio, e eu imaginei que fosse negar meu convite, mas apenas deu de ombros.

— Tudo bem — respondeu sem muito entusiasmo, mas eu nem sequer me preocupei com isso; apenas a levei até o espaço onde outros casais também dançavam. Nadine pousou sua bolsa em uma mesa próxima, e eu a tomei nos meus braços, como tinha feito dez anos atrás, quando a beijei pela primeira vez.

Tocá-la daquela forma parecia errado e certo ao mesmo tempo. Se eu fechasse os olhos e deixasse que a música apenas nos embalasse, teria a estranha impressão de que ainda era o garoto abusado que ousou se apaixonar por uma garota a quem não merecia. Uma que talvez jamais tivesse lhe dado uma chance se vivessem vidas normais.

A quem eu queria enganar? Eu nunca teria sequer conhecido Nadine se as coisas fossem diferentes. E não saberia dizer o que preferia. Não importava o quanto tinha sofrido naqueles anos de separação e o quanto me sentia magoado naquele momento pela forma como reagia a mim, as lembranças ainda valiam a pena. O que me deixava em um dilema era o quanto *ela* fora machucada. Se não ter me encontrado pudesse protegê-la das dores, aí sim valeria a pena apagar o passado.

— Nadine, você está bem? — Ela ia responder, mas eu a cortei. — Não quero que me responda de forma superficial. Fisicamente você está mais do que bem; o que me preocupa são outros aspectos. Da última vez em que te vi fiquei assustado.

Ela sorriu.

— Isso faz cinco anos. Você também mudou neste período, acho que pode me dar um voto de confiança, não pode?

— Eu mudei? — Ergui uma sobrancelha, confuso, tentando aproveitar o momento de total simpatia que me dirigiu.

— Claro que sim. Não muito, mas amadureceu... — Ela levou a mão ao meu rosto, sem nem hesitar. Segura. Determinada. — Você ficou bonito de barba — falou em um tom muito parecido com o que usei para me referir à nova cor de seu cabelo.

— Esconde alguns hematomas — falei de brincadeira, mas o comentário serviu apenas para que ela parasse de sorrir.

— Nunca imaginei que continuaria a lutar, mesmo não precisando mais do dinheiro. — Foi o primeiro comentário mais pessoal que fez, e eu me senti animado e encorajado como uma criança que recebe sua primeira bicicleta de Natal e acredita que conseguirá dar a volta ao mundo pedalando.

— Alguns vícios nos consomem. Assim como algumas coisas são inesquecíveis — não havia nada no meu tom de voz que pudesse deixar Nadine em dúvida a respeito de quais eram minhas intenções ao dizer aquilo. Queria que entendesse perfeitamente ao quê me referia.

Ela ficou calada, mas senti seu peito, em contato com o meu, subir e descer em uma respiração mais profunda. Esperava que fosse um sinal de que fora finalmente afetada por algo que eu disse.

Só que eu ainda tinha mais coisas a dizer.

— Quando nos encontramos, há cinco anos, você mentiu, dizendo que não me reconhecia. Por que fez isso?

Nadine estava de cabeça baixa quando perguntei, e ela não ergueu os olhos de imediato, mas quando o fez, eles se aproximavam muito mais daqueles que viviam nas minhas lembranças. O brilho do desamparo, a suave melancolia, a prova de que a alma dela ainda gritava dentro do corpo, pedindo para ser salva.

— Eu não conseguia reconhecer nem a mim mesma naqueles dias, Rafael. E, de mais a mais, não queria sua ajuda. Não queria nada que viesse de você — foi sincera, e eu preferia assim.

— E agora quer? É um sinal de que confia em mim?

Seus olhos piscaram algumas vezes, como se ela ponderasse o que deveria responder.

— O fato de eu ter vindo cumprir uma promessa que fiz não nos torna amigos. — Outra vez, tentei dizer alguma coisa, mas fui interrompido. Ela levou um dedo aos meus lábios, e eu cheguei a fechar os olhos por senti-la. Então, suavizou o tom de voz, com os olhos muito fixos nos meus. — Mas também não nos torna inimigos.

Por algum motivo, aquilo não me deixou mais aliviado.

— O que vai acontecer quando terminarmos esta vingança? Com nós dois, quero dizer.

— Não existe mais nós dois. — Cada palavra funcionou como um punhal, partindo meu coração ao meio. Se isso não bastasse, a forma como as proferiu, com toda a suavidade e doçura possíveis, foi o que realmente me matou.

Quase como se tivesse sido combinado, a música terminou segundos depois de ela ter dito aquela malfadada frase. Nadine não esperou um único instante para sair dos meus braços. Eu poderia tê-la segurado ali um pouco mais. Poderia ter impedido que se afastasse, mas não queria fazer isso. Não era a vontade dela,

e depois de tudo que tinha lhe feito, ser um babaca abusivo ou obrigá-la a algo não melhoraria as coisas. Não depois de saber que sua vida inteira já tinha sido controlada por um louco.

Dando um passo para trás, para se colocar distante de mim, alisou o vestido, embora a impressão fosse de que queria apenas fazer algo com as mãos, porque não havia nada fora do lugar, desde o primeiro fio de cabelo à sandália com as unhas perfeitamente manicuradas. Pegou sua bolsa na mesa, ergueu a cabeça, como se fosse um movimento plenamente ensaiado, e me olhou nos olhos.

— Obrigada pela dança. Você sempre foi um cavalheiro. Ligue para mim na segunda-feira para marcarmos alguma coisa e conversarmos.

E saiu.

Simplesmente.

Como se não estivesse levando metade do meu coração em suas mãos.

Metade? Ela o estava levando inteiro.

Fiquei ali parado por mais alguns segundos, apenas olhando na direção que ela seguiu, embora Nadine não estivesse mais à vista, porque entrou em um dos banheiros da casa. Tudo o que eu conseguia pensar era no que poderia ter acontecido para a garota que conheci ter se transformado naquela mulher que me esmigalhara com poucas palavras.

Não que eu não merecesse... Não que não preferisse vê-la daquela maneira, mesmo fria e indiferente, mas saudável, aparentemente sã e em uma clara situação financeira favorável, embora para esta parte ainda não houvesse explicação.

Viva... Só isso já seria suficiente para me fazer respirar aliviado, depois de tantos anos sem saber nada sobre ela.

Nadine estava viva.

Deus... ela tinha acabado de falar comigo. Eu a tive nos meus braços... depois de tantos anos. *Tantos* anos de agonia...

— Porra, cara! Finalmente te encontrei! — a voz de Anderson me arrancou dos meus devaneios, e eu me virei na direção dele, ainda me sentindo atordoado. — Cara, a Clara conseguiu puxar a tal Marcella para um canto, e eu conversei com ela sobre a ONG. Tudo bem que não é a mãe, mas prometeu ajudar e... — Meu amigo parou de falar subitamente e franziu o cenho, porque certamente minha expressão era de pura consternação. — Ei, Hollywood, o que houve? Está com uma cara péssima. Aconteceu alguma coisa?

Olhei para ele, sentindo-me dormente. Começava a pensar que fora uma alucinação, mas sabia que não era o caso, porque ainda sentia seu cheiro ao meu redor. Ainda sentia a textura da sua boca em meu rosto, depois do beijo quase irônico que me deu.

— Nadine está aqui... — falei de uma vez só, sem muitas explicações, porque não conseguiria soar muito mais coerente do que isso.

— O quê!? — exclamou, chegando a alterar uma oitava no tom da voz. — A Nadine? Aquela que você procura há anos?

— Sim. Foi ela que me enviou o e-mail. Suspeito que tenha feito a doação também.

— Porra, cara! Que doido isso. Ela veio te procurar?

— Parece que sim. Entre outras coisas...

— Meu Deus, você queria tanto encontrá-la... O que vai fazer agora?

Balancei a cabeça em negativa, quase sem controle dos meus movimentos, respostas e reações. Passei a mão pelo cabelo, sentindo toda a minha sanidade escorrer pelos meus poros e se derreter pelo chão.

— Não sei, Andy. Eu realmente não sei...



Capítulo 11

Nadine

EU ODIAVA O FATO DE O MEU CORAÇÃO ESTAR batendo levemente descompassado dentro do peito.

Odiava o suave tremor das minhas mãos que indicava um resquício de descontrole. Um que eu não poderia me permitir ter.

Odiava a necessidade desesperadora de fugir antes que meus olhos ou meu corpo confessassem tudo o que eu queria manter em segredo.

Segui para o banheiro, esforçando-me para manter meus passos o mais firmes possíveis, até que cruzei a porta e entrei, apressando-me em chegar à pia, apoiando-me nela, de cabeça baixa, sentindo tudo girar ao meu redor.

Respirei fundo uma vez.

Duas.

Três.

Ainda não foi suficiente, mas ergui os olhos para observar meu reflexo no espelho.

Aquela mulher tão diferente de mim... O corpo que eu quase não reconhecia, mas que vestia minha alma como uma armadura. Uma proteção. Necessária.

Todos os dias eu acordava tentando convencer a mim mesma de que era uma pessoa mais forte. Que meu coração havia criado uma casca mais resistente e que não se partiria mais tão facilmente. E eu vinha tendo razão na maioria dos aspectos da minha vida. Já não me assustava com qualquer coisa, e por mais que ainda fosse difícil dormir sem a ajuda de remédios, ou que ainda tivesse pesadelos e medos infundados, sentia que ia me curando aos poucos. Lenta, mas constantemente.

Só que, aparentemente, nem um único resquício de toda essa coragem se

aplicava quando tinha a ver com Rafael.

Idiota!

Não importava quanto tempo tinha se passado; ele ainda era o cara que havia me abandonado. E era exatamente disso que não poderia me esquecer.

O problema era que também continuava sendo o cara que mexia comigo de todas as formas.

Preparei-me para aquele momento. Jurei que saberia me comportar e, no geral, poderia dizer que não fui tão mal, ao menos no exterior. Por dentro, sentia-me em frangalhos. Ainda assim, o importante era fazer Rafael pensar que não me afetava mais. Não queria que achasse que eu o odiava ou que ainda tinha mágoas, porque eram sentimentos muito próximos do amor.

Quando planejei aquele reencontro, tentei me convencer de que a melhor forma de agir seria com total frieza, indiferença e até um pouco de crueldade, mas logo concluí que seria impossível. Apesar dos pesares, eu jamais poderia maltratá-lo. Não quando foi uma parte tão importante em meio a anos tão difíceis. Eu podia estar ferida dos pés à cabeça, mas não negaria o quanto o amei.

Não seria hipócrita em dizer que não acreditava que ele chegou a retribuir meu sentimento, mas também não podia esquecer as palavras que me escreveu e que me destruíram nem todas as coisas que aconteceram em seguida. Tudo ainda estava marcado no meu corpo, embora não houvesse cicatriz para lembrar.

Calmamente abri a minúscula bolsa que levei, tirando de lá um lençinho pequeno, além de um batom, para retocar a minha maquiagem, certa de que ela iria esconder a quantidade de melancolia que se desenhava em cada uma das minhas feições. Enquanto fazia isso, ouvi o barulho da porta se abrindo e novamente ergui os olhos para o espelho, avistando um presente do destino entrar por ela e quase me fazer sorrir.

Era Marcella quem entrava e vinha em minha direção. Os olhos vermelhos e uma expressão não muito melhor do que a minha me diziam que era hora de agir. Estrategicamente.

— Acho que precisam criar um banheiro especial como muro das lamentações — falei com um sorriso, exercendo o máximo da minha empatia. Eu não era exatamente uma pessoa sociável, não tinha muita experiência em lidar com desconhecidos, interações ainda me assustavam, mas era o necessário. O meio para um fim.

— Desculpa... não entendi — ela se voltou para mim com os olhos molhados de lágrimas.

— É sempre o melhor refúgio para que ninguém nos veja desanimadas em meio a uma festa. — Dei de ombros, e ela sorriu, mesmo por entre as lágrimas.

Em silêncio, remexi na minha bolsa e peguei outro lençinho, estendendo-o a ela.

— Obrigada — falou baixinho, parecendo envergonhada.

— É o seu aniversário, não é? — Ela assentiu. — Tem uma festa bem elegante acontecendo lá fora. Você deveria estar feliz...

— Você é uma das mulheres mais bonitas que eu já vi. Isso deveria ser motivo suficiente para estar sempre feliz. Não é assim que a sociedade julga? Mas parece que não é bem o caso, porque também estava chorando. Não é?

Touchè. Precisava admitir que a garota era boa com argumentos. E como não seria, sendo o gênio que todos alegavam que ela era?

— *"Cada um de nós é uma lua e tem um lado escuro que nunca mostra a ninguém"* — citei, em um tom quase divagador.

— Mark Twain? — Marcella indagou com os olhos bem abertos, em uma expressão que demonstrava quase um espanto.

— Sim, por que a surpresa? — Ergui uma sobrancelha em um simpático tom provocador.

— É que você não parece...

— Do tipo que lê? Eis aí a prova de que a citação de Twain está mais do que certa. — Abri um sorriso, porque senti que a garota estava um pouco encabulada com seu comentário.

— Desculpa. Foi bem preconceituoso da minha parte.

— Todos nós temos nossos pré-conceitos. Tive muito tempo livre durante um período da minha vida e li bastante. De tudo... — Claro que eu não iria explicar o motivo de tanto ócio, por isso, prossegui. — Seja como for, acho que o fato de nos encontrarmos neste banheiro, ambas com o coração levemente partido, deve ter algum significado.

— De que não gostamos de festas de gala? — Marcella brincou, abrindo um sorriso. Bom começo.

— Provavelmente é outra coincidência entre nós. Mas se quiser se abrir comigo, fique à vontade. Dizem que conversar com estranhos pode ser uma prática muito saudável.

— Bem, só o fato de você ser uma estranha e estar na minha festa de aniversário explica muito da minha frustração.

— Ah! — exclamei, enquanto balançava a cabeça em concordância. — Faz sentido. A festa não é exatamente sua, certo? — Apoiei meu corpo na elegante bancada de mármore da pia, e Marcella fez o mesmo.

— Nunca é. Esses eventos são apenas uma forma de a minha mãe encontrar pessoas que interessam a ela. Eu nunca participo sequer da composição da lista de convidados. — Marcella fez uma pausa e bufou. — Se participasse, não

preencheria nem este banheiro.

Exatamente como minhas pesquisas apontaram, a garota era carente de amizades. Então, era aí que eu entrava.

— Eu também não sou a garota mais popular do Rio de Janeiro. Para ser sincera, não tenho muitos amigos. — Era verdade. A mais pura verdade. Os silêncios ainda eram sempre minha melhor companhia, porque eu tinha aprendido a conviver com eles e com cômodos vazios. Uma pessoa preencheu a ambos por um tempo, mas também se foi.

Esforcei-me para não esboçar o quanto este pensamento me incomodava e para focar na interação que estava acontecendo naquele momento.

— Ah, fala sério! — ela novamente ficou surpresa com algo que eu falei. — Se estivéssemos em um filme americano, você certamente seria a líder de torcida popular. Eu seria a nerd que sofre bullying.

— Não estou mentindo. Não sou muito boa com pessoas...

— Nossa conversa aqui mostra o contrário.

— Talvez eu tenha sentido alguma conexão com você — disse, dando de ombros e tentando soar sincera.

Endireitei meu corpo, afastando-me da bancada, colocando-me de pé e estendendo a mão para a garota.

— Nadine, muito prazer.

— Marcella. Mas muito provavelmente você já sabia disso.

Apertei a mão que ela também ofereceu.

— Já. Mas não seria o início de uma amizade se você não se apresentasse para mim.

Ofereci-lhe o braço, o que a surpreendeu.

— Acho que, já que agora que já conhecemos alguém dentro desta festa, podemos nos entediar juntas.

A garota hesitou, e eu esperei pacientemente até que correspondeu ao meu gesto, deixando seu braço dentro do meu. Devíamos ser uma dupla improvável, principalmente porque não nos conhecíamos até minutos atrás, mas saímos daquele banheiro parecendo inseparáveis, ao menos para quem olhasse para nós.

Soltei-a apenas por tempo suficiente para pegar duas taças de prosecco, servindo-a e propondo um brinde. Tocamos vidro com vidro e levamos a bebida aos lábios, e eu vaguei o olhar pelo salão, jurando que era de forma completamente involuntária, mas, infelizmente, meu coração sabia exatamente *quem* estava querendo encontrar.

E claro que eu o encontrei.

Ou melhor, nossos olhares se encontraram. Ele estava sozinho, apoiado a uma pilastra, observando-me, espreitando-me como o corvo que era seu apelido

quando estava no ringue.

Não pude conter um suspiro enquanto afastava o olhar, não querendo que ele testemunhasse o quanto ainda era relevante para mim. O quanto a minha frieza era completamente falsa. Até porque... seria impossível manter-me indiferente ao homem que Rafael se tornara. Seu porte, os ombros largos que pareciam prestes a explodir no smoking bem cortado, a voz que se tornara ainda mais grave e profunda, as mãos enormes que me tocaram com tanta delicadeza...

Tudo isso o tornava imensamente atraente para mim, porém, seus olhos – aqueles olhos doces e gentis, que contrastavam com seu tamanho intimidador – eram capazes de fazer as geleiras do meu coração derreterem.

Lancei um olhar novamente em sua direção, e ele passava a mão pela barba, como parecia ser uma mania em momentos de nervosismo, ainda fitando-me como se não houvesse mais nada ao nosso redor que merecesse sua atenção.

— Acho que já sei o motivo do seu choro no banheiro — Marcella comentou ao meu lado.

O meu descuido era imperdoável, mas ao olhar para ela, percebendo a expressão romântica em seu rosto, percebi que poderia ser uma forma de conquistar sua amizade e confiança se eu fosse um pouco verdadeira. Mas só um pouco. Havia muitos detalhes da minha história com Rafael que precisavam ser omitidos. Ainda assim, era trágica o suficiente para ganhar a simpatia de uma garota que parecia não ter muitas emoções na vida.

Antes de começar a falar, porém, dei um gole na bebida.

— É complicado... — disse, ainda sentindo o gosto do líquido que descia pela minha garganta, esperando que ele levasse consigo o nó que havia se formado ali.

— Não sou a melhor pessoa para falar sobre relacionamentos, mas acho que eles sempre são, não? — Assenti, com os olhos baixos, na direção do chão. Rafael ainda era uma fraqueza, e eu não poderia permitir que me afetasse daquela forma. — Vi vocês dançando alguns minutos atrás. Formam um casal de tirar o fôlego. Acho que todo mundo parou para olhar. São tão lindos...

— Obrigada. — Sorri para ela com o máximo de sinceridade e doçura que pude encontrar. — Não nos víamos há muito tempo.

— Acho que ele ainda é apaixonado por você. Pela forma como te olha... — comentou, demonstrando que eu estava certa; ela realmente tinha uma alma romântica. — Desculpa, estou sendo indiscreta.

— Não, tudo bem. A verdade é que nossa história não é exatamente um conto de fadas. Passamos por muita coisa juntos e nossa separação foi complicada. — Ergui os olhos para ela, mas desviei-os de soslaio para Rafael por um breve segundo, acrescentando: — Ele me abandonou.

Marcella arregalou os olhos.

— Por essa eu não esperava...

— Nem eu — falei com sinceridade, levando mais uma vez a taça à boca, dando um gole um pouco maior do que os outros.

Eu não podia me descontrolar. De forma alguma.

— Quem sabe vocês não consigam se entender e...

— A verdade, Marcella — eu a interrompi, olhando-a novamente —, é que o amor é uma ilusão. Deixei que ele arrancasse tudo de mim, mas me reconstruí e agora não posso permitir que me devore outra vez.

O olhar de empatia e cumplicidade que ela me lançou poderia ter me feito vibrar com a pequena vitória, por estar conquistando minha primeira aliada inconsciente na vingança contra Frank, mas não foi isso que aconteceu. Falar sobre Rafael poderia ser uma forma de manipulá-la, sem dúvidas, porque evidenciaria minhas fraquezas e alimentaria sua compaixão. Porém, infelizmente, nada do que disse a ela era mentira, então, novos arranhões surgiram no meu coração, e eu precisava cuidar para que não se tornassem cortes mais profundos, porque eu estava cansada de sangrar.

— Seja como for, torço para que as coisas se resolvam. Ele me pareceu um cara legal. Parece que está montando uma ONG com um amigo...

Eu ainda não tinha me aprofundado muito a respeito da ONG de Rafael, porque simplesmente não quis. Fiz uma gorda doação, afinal, o gesto fora realmente nobre, mas procurei me afastar ao máximo deste aspecto de sua vida, uma vez que poderia me comover. Sendo assim, não fazia sequer ideia do que se tratava, mas imaginava que tivesse algo a ver com meninos de rua.

— Rafael sempre teve um coração maior do que ele.

— E levando em consideração que ele é enorme, isso deve ser um elogio e tanto — ela falou, novamente sorrindo, mas como eu não retribuí, acrescentou:

— Achei legal a ideia. Eles vão atender crianças carentes e oferecer refúgio a mulheres que sofram abusos em casa. O nome do lugar é bem bonito também...

— Marcella sorriu amplamente, e eu esperei que acabasse com o suspense. — Refúgio das Borboletas.

Por um segundo, eu vi tudo girando. Perdi o ar. Precisei me apoiar na mesa mais próxima antes que caísse no chão de tão atordoada que fiquei.

Lancei um olhar na direção de Rafael, novamente de forma involuntária, e obviamente ele percebeu a forma como fraquejei, porque se empertigou, praticamente se colocando em alerta, e eu sabia que seria preciso apenas mais uma reação minha para vir correndo na minha direção e me acudir. Disso eu não duvidava. Fosse por culpa ou por seu senso de herói; sentia-o como um guardião naquele momento.

Forcei-me a voltar a respirar normalmente, especialmente porque Marcella também percebeu a minha reação. Eu poderia até contar a ela o que julgava ser o significado do nome da ONG, mas sobre isso não queria falar, porque o bolo que a explicação iria formar na minha garganta nem mesmo o prosecco seria capaz de empurrar.

Mas não era apenas o nome do lugar que me deixava vulnerável; era todo o contexto. Eles criaram um abrigo para borboletas como eu, que tinham sido impedidas de voar. O quão incrível era isso?

— Você está bem, Nadine? Se quiser, podemos nos sentar um pouco — Marcella perguntou com gentileza, e eu respirei fundo mais uma vez, voltando-me para ela com um sorriso falso, mas que consegui ensaiar com muito esforço.

— Não, está tudo bem. — Sorri com muito esforço, tentando parecer convincente. — Acho que foi só uma queda de pressão.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigada. — Eu não podia sequer pensar em colocar alguma coisa no estômago. O que eu precisava era sair daquela festa, de perto de Rafael, mas isso eu não poderia fazer. Não ainda.

Talvez outra taça de prosecco pudesse ajudar, então, praticamente assaltei a bandeja do garçom, agarrando uma pela haste e levando-a à boca, dando um gole bem mais generoso do que seria prudente.

Somado a isso, decidi que era hora de mudar de assunto, aproveitando que um casal se aproximara de Rafael e o tirara da minha frente. Assim que ele se afastou, lançando-me um olhar de soslaio, senti o ar retornar aos meus pulmões.

Recuperei a sanidade e a segurança, portanto, e me voltei novamente para Marcella, que me observava com latente curiosidade. Abri um daqueles sorrisos falsos e recomecei a conversa despretensiosa, lançando um olhar na direção da governadora.

— Sua mãe é muito admirada. Só não votei nela, porque cheguei recentemente da Europa — expliquei, pousando a taça vazia sobre a mesa ao nosso lado.

— Bom para você. Eu não votei.

Ergui uma sobrancelha, curiosa.

— Por quê? Acha que ela não vai ser uma boa governadora?

— Ah, não, não é isso! — Marcella também bebericou de sua taça, e eu percebi que aquele assunto era tão incômodo para ela quanto Rafael era para mim, ao ponto de um pouco de álcool ser necessário para digeri-lo. — Só que odeio a ideia de tê-la se envolvendo com política. Acho que algumas pessoas se aproximam por puro interesse.

Esperei que ela me lançasse algum olhar que indicasse que estava falando

especificamente de mim – já que era o caso –, mas, não. Se pensava assim, soube disfarçar muito bem.

— Bem, vocês não têm como saber quando é interesse ou pura admiração...

— Algumas pessoas deixam bem óbvias suas intenções. Como é o caso daquele namorado que ela arrumou... — Marcella soltou, e eu suspeitei que começava a ficar um pouco mais falante por causa do álcool. Não eram apenas as duas taças que tomava em minha companhia, mas eu imaginava que já tinha bebido mais de uma antes de nosso encontro no banheiro.

E era exatamente naquele assunto que eu quisera entrar desde o início.

— Ela é jovem e bonita. Tem direito a se apaixonar, você não acha? — comentei despretensiosamente.

— Claro. Sempre torci por isso, aliás. Meu pai seguiu em frente, e ela nunca tinha se aventurado em um novo relacionamento. Só que o cara que escolheu... Acredita que ele praticamente se instalou lá em casa? Leva amigos o tempo todo... É muito abusado.

Tentei conter a ansiedade que me inundava por saber exatamente de quem ela estava falando. Frank era sempre um gatilho para que meu descontrole, só que eu julgava estar preparada. Exatamente por isso demorei tanto tempo para iniciar minha vingança, porque queria estar pronta; queria me sentir forte o suficiente para levar os planos adiante com a certeza de que não iria desmoronar ao primeiro reencontro.

Só que se só a possibilidade de ouvir o nome dele já me deixava naquele estado de tensão, as coisas ficariam complicadas. Talvez eu ainda fosse apenas a garota boba e assustada, embora tivesse insistido tanto para Rafael que havia mudado.

— Ele é da política também? — indaguei, tentando parecer o máximo desinteressada, o que seria normal para a situação.

— Não na prática, mas se mostrou muito interessado e está preparando sua candidatura para este ano. Subitamente, sabe? Como se minha mãe fosse uma inspiração... — Marcella revirou os olhos, parecendo não aprovar em nada o comportamento de seu novo padrasto.

Se ela soubesse quem era Frank, provavelmente teria muitos outros motivos para odiá-lo.

— Mas ao menos ele é legal com você?

— Quando não está me ignorando por completo, é educado. Minha mãe está feliz com ele, sabe? Isso deveria me bastar, mas não basta. Não quero que fique deslumbrada por um idiota qualquer que... — ela se interrompeu bruscamente. — Desculpa. Eu não deveria estar falando essas coisas com você. Acabamos de nos conhecer...

— Desabafar com um desconhecido, lembra? — Sorri, trabalhando meu equilíbrio para parecer realmente uma conversa desprestigiada.

— Mas não quero te entediar.

— Acredite, este é o segundo ponto alto da festa — falei sem pensar. Totalmente. Pelo sorriso de Marcella, ela logo entendeu que eu me referia a Rafael.

Eu poderia ter retirado, mas achei melhor manter a ideia de romance que a fizera se aproximar de mim.

— Bem, dançar com um cara lindo sem dúvidas é bem mais interessante do que ouvir uma doida desabafar. — Não respondi nada, apenas abaixei a cabeça e suspirei de forma ensaiada. Se aquela história de amor trágico entretenha Marcella ao ponto de ela se sentir próxima a mim de alguma forma, eu iria continuar alimentando-a.

Pena que eu não teria dificuldade nenhuma para isso, já que nada em minhas reações e palavras era mentira.

— Seja como for, não quero parecer uma garotinha mimada que não aprova o novo relacionamento da mãe por puro capricho.

— Dificilmente eu pensaria desta forma. — Olhei para ela com uma expressão de transigência e empatia, e ousei erguer minha mão, tocando seu braço de forma bastante superficial, mas significativa. — Pode desabafar... Eu não lhe negaria isso de forma alguma, ainda mais no dia do seu aniversário — brinquei, tentando amenizar o clima.

Marcelle sorriu. Bom. Ela estava sendo cativada.

— Bem, para ser sincera, não tenho nada de concreto contra ele, e minha mãe não conversa comigo o suficiente para que eu possa descobrir muitas coisas, mas Frank é bem reservado quanto ao passado, sabe? Como se não quisesse falar sobre isso.

Frank.

Lá estava o nome amaldiçoado.

Queria muito poder ignorá-lo, mas era impossível. O som dele era como ácido penetrando meus ouvidos e queimando tudo por dentro. A bile subiu até a minha garganta, e eu poderia ter vomitado, se meu estômago não estivesse vazio, com exceção das taças de bebida que tomei. Deveria ter comido algo antes de sair de casa, mas o nervosismo me deixou sem apetite.

— Ele não tem família? — perguntei, mesmo sabendo a resposta. Conhecia aquele homem muito bem. *Eu* era a família dele. Que irônico!

— Não sei. Ele fala às vezes de uma irmã que morreu há alguns anos, mas não mais do que isso.

Ao ouvir a menção à minha mãe, senti novamente minhas entranhas se

retorcerem. Sentia-me fraca, despreparada, uma garota tola que insistia em se aventurar em uma história complicada, dando passos muito maiores do que seus pés pequenos e cansados poderiam suportar.

— Talvez ele realmente não tenha família... — minha voz soou muito mais débil do que eu gostaria, provando o quanto aquele assunto ainda me afetava. Por um momento me preocupei que Marcella pudesse perceber minha vulnerabilidade, mas ela apenas deu de ombros, olhando para um ponto qualquer do salão, parecendo um pouco reflexiva.

— Talvez... Como eu disse, posso estar sendo precipitada e agindo como uma filha ciumenta.

Aproveitando que ela não estava olhando na minha direção, respirei fundo algumas vezes, tentando me recompor.

— Eu não te conheço o suficiente, mas não me parece do seu feitio. Principalmente porque está em dúvida — consegui dar força à minha voz.

— Sim, você tem razão. Mas, ainda assim, preciso pagar para ver. Só espero que o preço não seja o coração da minha mãe.

Eu também esperava. Frank não podia ferir mais ninguém. E eu me certificaria de evitar que fizesse isso. Queria esmagá-lo, fazê-lo pagar. Sem remorso.

Ele iria se arrepender de tudo o que causou a mim e às pessoas a quem destruiu.

— Ele veio hoje? — indaguei, novamente tentando fingir um desinteresse que não sentia de forma alguma.

— Não. Foi à Brasília, resolver algumas coisas para sua candidatura. Mas sei que tem muito a ver com o desprezo que sente por mim.

Fiquei pensando no que me disse por alguns instantes, mas precisei me recompor, porque a própria Fátima Sampaio vinha em minha direção.

Havia um sorriso penalizado no seu rosto, e eu respirei fundo, já sabendo qual seria o teor da conversa.

— Nadine... que bom te ver — disse, abraçando-me, puxando-me contra seu peito. Por um instante eu mal soube onde colocar as mãos, porque ainda me sentia insegura com demonstrações de carinho de pessoas.

Retribuí como pude, levando uma das mãos às costas de Fátima, ainda em um gesto hesitante, mas, para a minha sorte, ela não demorou a se afastar, olhando-me nos olhos novamente com aquela expressão de compaixão que tanto me deixava incomodada.

Eu não era uma vítima. Não mais.

— Como você está, querida? Na última vez em que nos encontramos as coisas estavam bem difíceis...

— Sim, infelizmente. Mas já era de se esperar... Estava preparada para o que aconteceu.

Ela assentiu, balançando a cabeça com aquela expressão pesarosa que me fazia estremecer.

— Queria ter podido ajudar mais...

— Não pense assim. Você sempre foi uma boa amiga, e ele sabia disso. Nunca duvidamos. — Era difícil proferir o nome de quem estávamos falando, porque formava-se um nó na minha garganta todas as vezes que lembrava dos dias difíceis que passei.

— Era um homem muito especial — ela suspirou —, mas você deve saber muito bem disso... — Sorriu, e eu novamente assenti.

Lancei um olhar de soslaio a Marcella, e ela apenas nos observava, sem saber muito o que dizer. Parecia confusa, mas eu não a culpava.

— Sei que você é muito discreta, mas eu gostaria muito de aproveitar este encontro e o fato de estarmos em uma ocasião pública para prestar uma homenagem ao meu amigo.

Empertiguei-me, não muito contente com o que eu sabia que estava por vir, mas certa de que não poderia escapar. Ainda mais que precisava daquelas pessoas. Negar alguma coisa a elas não estava nos meus planos, principalmente porque queria me tornar o mais próxima possível.

E também não havia muita saída, levando em consideração que Fátima começou a praticamente me arrastar em direção às escadas, que iriam servir de palco naquela noite. Também pegou a mão da filha, levando-a conosco, colocando-nos no último andar do lance, bem de frente para todas aquelas pessoas. Sem nem precisar receber ordens, o assistente da governadora se prontificou a reunir convidados à nossa frente, para o que seria um anúncio oficial.

Eu não era muito boa lidando com pessoas em qualquer circunstância. Esforçava-me muito para socializar ao mínimo, e vinha conseguindo ao menos conversar com estranhos e estabelecer as relações necessárias especialmente para colocar meus planos em prática. Só que as coisas ficavam um pouco complicadas quando precisava lidar com uma *plateia*.

Aqueles rostos desconhecidos olhavam para mim como se eu fosse um alien, uma intrusa no meio das pessoas que realmente importavam naquele evento. Podia sentir a inveja emanando de muitas daquelas expressões, por eu estar em uma posição de destaque ao lado da própria governadora, alguém a quem eles adulavam.

Todos aqueles olhares começaram a me sufocar. Tentei respirar bem fundo, desanuviando minha mente, buscando esquecer a cena ao meu redor, mas não

obtive sucesso. Sabia que acabaria entrando em pânico se continuasse alimentando aquele sentimento e se não tomasse alguma atitude para me proteger.

Foi então que meus olhos buscaram, em meio à pequena multidão, pelo rosto que – infelizmente – me proporcionava paz, embora fosse o mesmo que causava um turbilhão de sentimentos caóticos dentro do meu peito. Lá estava Rafael, olhando para mim com aqueles olhos doces desconfiados, levemente cerrados, com o cenho franzido. Obviamente estava intrigado, e não era para menos. Quando me conheceu, eu era a menina prisioneira, que não via a luz do sol há anos. Depois, quando me reencontrou, eu era um bicho do mato assustado, maltrapilho e faminto. Anos depois eu reaparecia do nada, bem vestida e com conexões íntimas com a governadora do estado.

Ainda assim, ele foi minha segurança naquele momento – como já tinha sido tantas outras vezes. O problema era que eu sabia que o que seria dito ali iria chocá-lo.

Não que isso devesse importar...

Mas importava.

— Amigos, não quero atrapalhar as conversas nem a diversão de vocês, mas tenho aqui comigo uma pessoa muito especial, e a presença dela simboliza uma amizade de anos. Esta linda moça está representando um amigo que eu gostaria muito que estivesse presente, mas que foi levado pela morte cedo demais. — Teatralmente, embora eu soubesse que era sincero, Fátima olhou para cima, como se pudesse conversar com alguém no céu. — Um homem íntegro, altruísta, que doou muito de seu tempo e dinheiro para ajudar a quem mais precisava. — *Inclusive a mim*, foi o que precisei pensar no momento em que a frase foi dita, enquanto fechava os olhos, evitando as lembranças. Era impressionante pensar que tanto as memórias ruins quanto as boas podiam machucar da mesma forma. — Meu querido Hélio Flausino, onde quer que você esteja, saiba que sentimos muito a sua falta. Mas acredito que ninguém mais do que sua bela Nadine — Fátima passou um braço ao redor da minha cintura, puxando-me para mais perto —, sua amada esposa...

Ela continuou falando, mas no momento em que a minha ligação com o homenageado foi revelada, meus olhos novamente se voltaram na direção de Rafael, porque eu precisava estudar suas expressões. E estas se mostraram exatamente como eu imaginei que seriam: confusas, quase indignadas, dolorosas.

Aquele homem não tinha mais nada a ver com a minha vida; por que, então, eu sentia como se o tivesse traído? Com certeza ele fora muito mais desleal comigo no passado, então, não deveria haver arrependimentos nem

ressentimentos. Mas a forma como me encarava, no meio de todas aquelas pessoas, quase me fez sair correndo do palco improvisado e me colocar à sua frente, dando-lhe explicações, embora não lhe devesse nenhuma.

Eu me sentia a pior das traidoras.

Por que diabos ele ainda tinha que mexer tanto comigo? Por que me deixava tão fraca?

Por que não podia simplesmente odiá-lo e esquecê-lo?



Capítulo 12

Rafael

ESPOSA? MAS QUE MERDA DE HISTÓRIA era aquela?

Nadine fora... *casada* com alguém?

Ela...

Puta que pariu, eu estava atordoado.

— É muito importante ter esta moça aqui comigo hoje, especialmente por ela ser tão reservada e discreta. Sinto como se eu e minha filha fôssemos realmente importantes. — Fátima virou-se para Nadine, pegando as mãos dela. Conhecendo-a como eu a conhecia, podia perceber seu nervosismo, embora tentasse segurar a onda. — É um prazer tê-la aqui, minha querida. — Depois voltou-se novamente para os convidados. — Quero uma salva de palmas para esta linda mulher e para seu falecido marido, que Deus o tenha!

Todos ao meu redor começaram a aplaudir Nadine, que se encolheu ainda mais.

— Você sabia disso? — Anderson falou ao meu lado, arrancando-me dos meus pensamentos e do contato visual que eu mantinha com Nadine, que não parava de olhar para mim.

— Não fazia a menor ideia — minha voz soou mais ríspida do que eu gostaria, e precisei dar um gole no meu uísque. Por mais que não houvesse um espelho à minha frente, eu podia jurar que a expressão em meu rosto era gélida, quase letal.

Merda! Eu não tinha o direito de sentir ciúme. Nadine fora minha um dia, mas já não era há muitos anos. Também tive meus relacionamentos e não poderia imaginar que tivesse passado todo aquele tempo esperando por mim, ainda mais dadas as circunstâncias, mas jamais suspeitaria de um casamento.

Não poderia tentar me enganar dizendo que descobrir essa verdade, ainda

mais da forma como ela surgiu para mim, não me destruiu.

Mas mal tive tempo para processar as informações, porque novamente voltei meus olhos para Nadine e me dei conta de que a expressão em seu rosto não era normal. Os olhos arregalados, olhando para um ponto aleatório do salão – não mais para mim – me fizeram seguir na mesma direção pouco antes de um barulho quase ensurdecedor soar.

Um tiro. Dois tiros.

Gritos começaram a ecoar ao meu redor, enquanto todos se jogavam no chão, assustados. Anderson, ao meu lado, apressou-se em agarrar Maria Clara, fazendo-a abaixar-se também, e eu fui o único que sequer me mexi. Não conseguia tirar meus olhos da escada, porque tanto Nadine quanto Fátima tinham caído, e eu não vi o exato momento em que isso aconteceu. A bala poderia ter pegado em qualquer uma das duas.

— Um médico! Chamem um médico! — Marcella começou a gritar segundos depois, abaixando-se ao lado das duas, e foi então que eu agi.

Eu e Anderson, aliás, que orientou que Maria Clara continuasse abaixada, e seguiu, ao meu lado, até a escada. Subi os degraus de dois em dois, até me jogar no chão ao lado de Nadine, que tinha um braço em volta do corpo da governadora, de quem meu amigo se ocupava.

— Eu estou bem — Nadine sussurrou, mas um leve gemido escapou de sua boca. Peguei-a e a segurei contra mim. Havia um ferimento em seu braço, além de um caco de vidro ensanguentado no chão, que me fez concluir que devia ter se ferido na queda, pois caiu quase em cima de um dos restos de um vaso ornamental que fora destruído pelo primeiro tiro.

— Você está ferida...

— Não é nada. Fátima foi atingida. Vocês precisam...

Então, subitamente, mais um tiro explodiu.

Em uma atitude protetora e instintiva, agarrei Nadine com ainda mais força, servindo de escudo para ela. Só que, obviamente, o tiro não fora em sua direção. Por sorte, atingiu uma pilastra, muito próxima de onde meu amigo acudia Fátima, enquanto Marcella telefonava, pedindo uma ambulância, por instruções dele. O som fez todos se sobressaltarem. Outros gritos da multidão surgiram, e muitos começaram a correr, escapando do local.

Eu e Nadine olhamos ao mesmo tempo, na mesma direção, e eu vi o atirador mirando de novo. Mas não tinha mais balas.

Ele ia se preparar para fugir.

— Vá atrás dele — ela falou baixinho, com um tom de voz que demonstrava uma imensa confiança de que eu seria capaz de pegá-lo. Então, por mais que odiasse deixá-la ali, machucada levantei-me em um segundo e fiz o que

me pediu.

Arrancando o paletó que usava e jogando-o no chão de qualquer jeito, só para conseguir mais mobilidade, lancei-me em uma perseguição um pouco imprudente, mas sem nem pensar no que fazia. Aquele homem entrara armado em um evento lotado de pessoas, provavelmente burlando a segurança, colocando em risco todos os convidados e atentando contra a vida da governadora. Mas, mais do que isso, ele poderia ter matado Nadine.

Provavelmente era egoísta e estúpido da minha parte, mas este era o maior motivo que me fazia acelerar pelo salão de festas, impulsionando meu corpo com uma das mãos só para pular um conjunto de mesas, realmente decidido a pegá-lo.

Voei por um corredor, enxergando-o à minha frente, sabendo que tinha algumas vantagens por casa da minha preparação física. Meu alvo era um homem magro, muito jovem – talvez um adolescente –, e parecia assustado.

Isso, entretanto, não me deteve. Subi alguns lances de escada atrás dele, pisando nos degraus de dois em dois, como fiz para verificar Nadine. Ele cruzou a porta dos fundos do salão, e eu fiz o mesmo abrindo-a com um estrondo e passando como um furacão.

Deparei-me com um terraço, onde o rapaz se viu encurralado, parando bem na beirada do prédio que não era muito alto. Estávamos no máximo no terceiro andar.

Desacelerei a corrida, começando a andar na direção dele com um braço estendido, como se domasse um leão selvagem. Aparentemente eu estava em vantagem ali, mas se o cara era louco o suficiente para invadir uma festa privada – o que me fazia pensar que ele provavelmente tinha o nome na lista – poderia fazer coisa pior. Só restava entender quem o colocara lá dentro.

Sentindo-me tenso e com o corpo quente pela corrida e pela adrenalina, comecei a afrouxar a gravata borboleta, jogando-a no chão em um gesto indignado, e abrindo o colarinho, tentando exercer minha paciência.

— É o fim da linha, cara. Você não tem para onde fugir, então, é melhor se entregar.

Conforme eu ia me aproximando do rapaz, percebia que estava tremendo. Puto da vida como eu estava, não consegui sentir pena.

— Não tive escolha...

— A gente sempre tem uma escolha. Essa é a desculpa dos covardes.

— Você não entende... gente rica nunca entende as coisas que a gente tem que fazer.

Abri um sorriso irônico, já bem mais perto dele, chegando a soltar uma risadinha. Não era hora de ser cínico, nem do meu feitio, mas ser chamado de

"gente rica" ainda era algo muito estranho para mim.

— Escute o que eu digo, cara... você não sabe do que está falando. — Mas também não fazia a menor diferença.

— Eu não sou réu primário; eles vão me deixar apodrecer lá dentro. Só queria o dinheiro...

— Quem te contratou? — perguntei e esperei, mas ele não disse nada. Eu sabia que não diria; ao menos não para mim. — Ouça, é melhor você largar essa arma e se entregar. Vou dizer que veio sem resistência.

— Quem é você? Da polícia, por acaso? — Lá estava o desdém. Eu poderia até facilitar as coisas se continuasse se portando como o pobre coitado coagido, mas ele tinha atirado em pessoas.

Porra, ele tinha atirado em Nadine.

— Não. Mas isso não importa, porque se não vier comigo por livre e espontânea vontade, eu vou te imobilizar em dois segundos e vai ser bem mais constrangedor. Te garanto.

— Vai ganhar o quê com isso? É um dos defensores daquela velha? Acho que mulher não pode se meter em política, não.

Respirei fundo, tentando me acalmar, porque estava a um passo – literalmente – de enfiar um soco na cara dele. E não estava a fim de violência.

Minha voz, então, adquiriu um tom quase letal, e eu imaginava que a expressão em meus olhos não era muito diferente. Involuntariamente minhas mãos foram parar na gola de sua camisa social, que parecia grande demais em seu corpo magro, o que evidenciava que o terno era emprestado. Provavelmente por seu contratante.

Agarrei-o pelo tecido, esperando passar uma mensagem clara sem precisar partir para coisas mais efetivas.

— Havia uma pessoa importante para mim naquele palco. — Só de me lembrar de Nadine caída no chão, sem que eu soubesse o que tinha lhe acontecido, e do ferimento em seu braço, obriguei meus dedos a se fecharem com mais força ao redor de sua camisa, amassando-a e vendo o atirador engolir em seco. — Por sorte ela ficou *quase* intacta. Caso contrário, você já teria voado lá embaixo. Agradeça por sua mira péssima.

— Não, moço! Eu não fui pago para matar ninguém, não. Tá louco? Era só para dar um susto. Nunca que ia errar um tiro daquele jeito. E meu negócio era com a governadora, as outras duas não tinham nada a ver com a história.

Sentindo a raiva se avolumar, inclinei-o um pouco para trás, debruçando-o no parapeito do terraço, fazendo-o tremer.

— Não, moço... Não faz isso, não. Eu tenho família...

— A governadora também tem — falei muito calmo, como se estivessemos

tendo a conversa mais civilizada do mundo. — Repito: tem sorte pela moça ter ficado intacta, senão, já estaria com a cara toda amassada.

Coloquei-o no chão novamente, agarrando seu braço e começando a sair de onde estávamos, voltando para o salão principal.

— Não tente nenhuma gracinha, porque essa sorte pode virar. E eu vou perder a paciência.

O rapaz ao meu lado não disse nada, apenas seguiu obedientemente até chegarmos de volta ao salão onde a festa acontecera, que, aliás, estava bem mais vazio do que antes, com exceção dos seguranças da casa, para quem entreguei o atirador, e os paramédicos, que agiam mediante as instruções de Anderson.

Nadine estava sendo também atendida, sentada em uma cadeira, e eu teria ido até ela imediatamente se meu amigo não me chamasse.

Quando me aproximei, ele colocou a mão no meu ombro e me puxou para falar algo em tom de segredo, enquanto me devolvia o paletó que joguei no chão antes de partir atrás do sujeito que apreendi.

— Vou acompanhá-la até o hospital, já que fui eu que prestei os primeiros atendimentos. Mas ela estava consciente e extremamente agradecida.

— É grave? — perguntei, verdadeiramente preocupado.

— Não. Foi de raspão. Exatamente por isso estou tão contente pela enorme gratidão que demonstrou. Vai ficar mais ainda quando descobrir que você saiu correndo que nem um justiceiro para pegar o bandidinho. Aliás... descobriu quem é?

— Contratado. Mas espero que a polícia arranque alguma coisa dele. — Enquanto falava, lancei um olhar na direção de Nadine ao ouvi-la soltar um gemido abafado, como se estivesse com vergonha de demonstrar dor.

Anderson fez um gesto com a cabeça para mim, indicando que deveria ir vê-la, embora eu mesmo não tivesse certeza se era a melhor escolha. Ainda me sentia um pouco atordoado pela informação que recebi sobre seu casamento passado, mas era difícil ficar imune à imagem de Nadine machucada e levemente vulnerável.

Fui me aproximando aos poucos, cheio de cautela, porque apesar de ter convivido intensamente com ela por três anos, quase como se tivéssemos sido casados, mesmo tão jovens, eu não conhecia mais aquela mulher à minha frente. Ela parecia um pouco pálida, mas dava para ver, pela expressão do paramédico, que não era grave. Não era difícil também perceber que ele parecia levemente abobalhado. Ninguém poderia julgá-lo, no entanto. A nova versão de Nadine era desconcertante.

Ela olhava para o chão, enquanto um curativo era feito em seu braço, e abriu um sorriso débil quando o homem que a atendia fez algum comentário

mais espirituoso. Continuei me aproximando até certo ponto, parando à sua frente, mas mantendo alguma distância. Não queria interromper. Ainda assim, fui percebido, e Nadine me olhou, daquele jeito que me desmontava sem muito esforço.

A mágoa que sentia era clara. Tanto na forma como me observava quanto como seu corpo se empertigava à minha presença, por puro reflexo. Um dia ela confiara em mim. Um dia eu fui seu refúgio, seu melhor amigo e muito mais do que isso. Um dia ela disse que me amava, que eu era seu mundo inteiro. Agora só restavam destroços de todos esses sentimentos.

Muitas coisas haviam acontecido conosco, e este era um tempo que nunca iríamos recuperar. Nadine se casara com outro homem; e isso me feria profundamente, embora não tivesse direito. O que mais me assustava era o futuro. Agora que a havia encontrado novamente, era difícil aceitar que poderíamos ser obrigados a seguirmos caminhos diferentes dali em diante, mas parecia ser o que ela queria. E fosse como fosse, eu jamais seria capaz de persegui-la. Podia ter feito isso por anos, mas era mais por preocupação do que qualquer outra coisa. Sabendo que estava bem, que tinha condições de sobreviver sem ajuda, eu não mais a procuraria. Seríamos apenas passado.

Continuei aguardando pacientemente, parado em uma postura quase militar, imóvel, com os olhos fixos nos dela, que também não se desviavam dos meus. Era como se não confiasse em me deixar observando-a sem sua própria supervisão.

Foi questão de cinco, dez minutos, que mais pareceram uma eternidade, mas o médico se afastou. Ao perceber que eu os observava, ele diminuiu o entusiasmo em relação a Nadine, como se eu fosse dono dela, o que era ridículo. Tanto que assim que me aproximei, usei isso como uma forma de iniciar uma conversa mais descontraída.

— É impressão minha ou ele se apressou depois que eu cheguei? — perguntei, dando uma olhada por cima do ombro para o médico, que ainda se afastava.

Nadine abriu mais um de seus sorrisos melancólicos, chegando a tentar uma risadinha igualmente desanimada.

— Você sabe que seu tamanho é intimidador, Rafael — tentou também responder em um tom parecido com o meu, esforçando-se muito para ser simpática.

Isso me desanimou imensamente. Eu poderia continuar tentando alguma provocação espirituosa, mas não havia clima. Ela não se sentia confortável na minha presença, como se sentira um dia, então, afastar-me e deixá-la em paz seria o correto. Ao menos até que voltasse a me procurar para colocarmos em

prática aquela história absurda de vingança, da qual concordei em participar apenas porque não suportaria a ideia de ela se metendo com Frank novamente sozinha, sem proteção.

O problema era que o que eu *deveria* fazer era completamente diferente do que eu *queria*.

Observando-a com atenção, percebi que seus ombros estavam caídos e levemente encolhidos. As mãos entrelaçadas sobre o colo esfregavam-se uma na outra, em gestos frenéticos de insegurança e apreensão. A noção de que tinha deixado cair a máscara que vinha usando desde que chegara naquele evento só me fez entender o quanto estava cansada e assustada. Não era para menos, já que quase fora alvo de um tiro.

Sem pensar duas vezes, dei mais alguns passos em sua direção, sob sua constante vigilância, como se temesse o que poderia fazer. Por mais que odiasse sua insegurança em relação a mim, fingi não perceber. Pegando nas mãos o paletó que estava pendurado no meu braço, coloquei-o ao redor de seus ombros, fazendo-a voltar os olhos para o chão.

Eu não queria ser pretensioso e pensar que precisava de mim, mas não havia mais ninguém ali, então, agachei-me à sua frente, apoiado em um joelho, esperando poder ser útil em alguma coisa. Queria pegar suas mãos, nem que fosse para que parasse de remexê-las sem parar, mas não ousei. Aquele era um terreno proibido para mim.

— Você está bem? — perguntei em um tom de voz que era pouco mais que um sussurro.

— Claro... Não foi nada. — Levou o braço ao recente curativo, tentando parecer indiferente. — Não precisei nem levar pontos, ainda bem, porque...

— Dine... — interrompi-a, e a firmeza na forma como a chamei, além do apelido que usei, a obrigaram a olhar para mim.

E... meu Deus. Aqueles olhos...

Eu teria dado minha vida, anos atrás, para ter a chance de olhar para eles novamente. Daria qualquer coisa que me pedissem para deparar-me com Nadine viva, para ter a chance de compensar meus erros, de poder cuidar dela e pedir perdão por tê-la abandonado, mesmo que a culpa não tivesse sido minha. E lá estávamos nós, frente a frente, em silêncio, olhos nos olhos, e eu não conseguia sentir como se tivesse chegado ao destino que persegui por tanto tempo. Era como se um novo caminho tortuoso se abrisse, com mais desafios. Agora não era mais a distância nem a falta de informações que me maltratavam, mas o coração de Nadine, que estava partido por minha causa, e eu não via chances de repará-lo.

— Não estou perguntando isso. Você sabe...

Não vi necessidade de explicar, porque ela compreendeu muito bem o que eu queria dizer. Estava preocupado com seu estado emocional, mas ela apenas deu de ombros.

— Nada de mais grave aconteceu, então, vou sobreviver — respondeu com a frieza de antes, novamente empertigando os ombros. — E o atirador? Vi que você o pegou.

— Sim, mas alguém o contratou.

Pela primeira vez, Nadine ergueu os olhos na minha direção com uma expressão menos apática, parecendo voltar à vida.

— Frank? — supôs, quase em um rompante de desespero, e eu finalmente a toquei. Apenas um encostar de dedos suave em seu antebraço.

— Calma. É muito provável que uma coisa não tenha nada a ver com a outra.

— Mas pode ter! — alterou-se um pouco, e o toque superficial tornou-se um pouco mais intenso, quando deslizei a mão até seu pulso, segurando-o, em uma tentativa de acalmá-la.

— Nadine... acho melhor eu te levar em casa — falei com toda a paciência, porque sentia que ela era como uma bomba relógio, prestes a explodir. Contudo, ao ouvir o que eu disse, ficou séria outra vez, respirando fundo, como se não fizesse o menor sentido. Com a mesma postura, parecendo novamente a mulher que chegou ao evento e arrebatou toda a minha sanidade, levantou-se, altiva.

— Não precisa. — Começou a remexer em sua bolsa. — Eu tenho um motorista. Tinha marcado com ele daqui a umas duas horas, mas posso ligar e...

Novamente segurei seu braço, com um pouco mais de ímpeto, obrigando-a a olhar para mim.

— Eu estou de carro. Não precisa ficar esperando outra pessoa.

— E eu não preciso de você para me levar... — Lá estava a mágoa que ela vinha guardando para si, mas o nervosismo fazia com que perdesse o controle.

Seus lindos olhos chispavam de raiva, e eu odiava perceber que aquele sentimento era voltado para mim. Porém, ela novamente se recompôs, esforçando-se para se dirigir a mim com um pouco mais de simpatia.

— É muita gentileza me oferecer carona, mas realmente não precisa...

— Nadine... — falei em um tom de repreensão, respirando fundo e tentando manter a paciência. Ela tinha o direito de me tratar com indiferença e até mesmo ser rude, mas não a deixaria sozinha. Não depois de tê-la reencontrado. Não depois de ter agonizado de medo ao vê-la caída no chão, acreditando que poderia ter sido atingida por um tiro. — Não é hora para isso. Por favor, esqueça as suas diferenças em relação a mim só por hoje e me deixa te levar em casa em segurança.

— Não precisa bancar o herói o tempo todo. Muito menos comigo. Essa oportunidade já passou.

Mais um tapa na cara. Em um ringue, Nadine me levaria facilmente a nocaute com suas palavras.

— Pode pensar o que quiser, mas esta não é uma briga que eu vou perder.

— Você nunca perde, não é? — Sorriu de forma cínica, como eu nunca a vira fazer antes. — Sempre foi invencível — mais deboche. — Tudo bem, Rafael. Esta vai ser mais uma luta onde vai sair como vencedor. Vou deixar que me leve.

Quase me senti agradecido por aquela trégua, embora estivesse longe de poder ser interpretado assim. Então, seguimos os dois em silêncio até o estacionamento da casa de festas, onde eu a guiei até o meu carro, abrindo a porta e esperando que se acomodasse para fechá-la e dar a volta até o outro lado.

A primeira coisa que percebi foi que Nadine logo tirou meu paletó, ao ser recebida pelo ambiente aquecido do carro, colocando-o cuidadosamente no banco de trás.

Posicionei-me atrás do volante, liguei o carro e comecei a dirigir, com nós dois em silêncio, com exceção da informação que Nadine me deu sobre seu endereço. Achei que iríamos seguir assim até nosso destino, mas em um dado momento, depois de passar algum tempo de cabeça baixa – o que pude verificar ao olhá-la de soslaio – ela abriu outro sorriso irônico, além de dar uma risadinha com o mesmo tom. Por mais que quisesse perguntar o que se passava em sua cabeça, preferi esperar que tomasse a iniciativa, o que o fez alguns instantes depois.

— É um pouco curioso, não é? — soltou sem maiores explicações.

— O quê?

— Nós namoramos por três anos, e esta é nossa primeira vez juntos, ao ar livre, sem paredes ao nosso redor.

Era um fato, mas não havia nada de curioso nem engraçado. Era trágico. Revoltante. Injusto.

Eu poderia ter comentado tudo isso, mas preferi manter o silêncio, imaginando que ela teria mais a dizer.

— Nosso universo era muito pequeno, não era? Éramos só nós — falou em um tom de divagação, e demorei alguns segundos para entender se deveria ou não responder.

— Por que está dizendo isso, Nadine?

Ela respirou bem fundo e se remexeu no banco. Esforçava-se muito para parecer confortável, embora eu tivesse plena certeza de que nenhum de nós dois se sentia assim.

E como poderíamos?

— Só estou divagando. Lá dentro, era fácil esquecer o quanto o mundo aqui fora é grande.

Eu sabia que não era só isso. Muito provavelmente havia um milhão de ideias remexendo-se em sua cabeça, mas ela não iria compartilhar comigo. Tanto que rapidamente voltou a vestir a máscara da Nadine fria e indiferente, erguendo os ombros, suspirando pensativamente e olhando para frente, sem nenhuma emoção.

— Marcella é uma pessoa agradável. Acho que ela gostou de mim. Parece que a primeira parte do plano foi bem sucedida — disse, com um sorriso vitorioso no rosto, mudando completamente o rumo da conversa.

Se ela queria agir daquela forma, eu iria dançar conforme a sua música.

— Você parece próxima à governadora, por que tentar estreitar laços com a filha dela? Não seria mais fácil ir direto à fonte? — perguntei, controlando-me para não mencionar o assunto que estava entalado na minha garganta, embora eu soubesse que seria apenas uma questão de tempo para deixá-lo escapar.

— Não, não seria. Fátima está apaixonada, e eu sei como uma mulher assim se sente. Ficamos um pouco bobas e cegas. — Senti o comentário como uma indireta. Nadine não iria facilitar as coisas para mim, de forma alguma. Eu ainda precisava encontrar o momento certo para me explicar, para interrogá-la e descobrir o que sabia sobre nossa separação, mas queria que estivesse um pouco menos arisca. Olhando novamente para mim, acrescentou: — Marcella é uma garota carente e já abriu a boca para mim facilmente esta noite. Ela não tem muita simpatia pelo *padrasto* — usou de desdém para proferir a palavra —, o que nos dá uma vantagem. Acho que podemos descobrir muitas coisas. Trocamos telefones, porque eu dei a desculpa de que queria saber sobre o estado de Fátima.

Respirei fundo, ainda me controlando para não mencionar o tal marido, e consegui me manter assim até chegarmos ao condomínio dela. Era de casas, bem luxuoso, não muito distante de onde eu morava, o que tornava tudo muito mais absurdo. Surpreso, comentei:

— Chega a ser ridículo que moremos no mesmo bairro.

— Me mudei para cá há dois meses. Além disso, a Barra é quase uma cidade — falou em um tom divertido.

Por um instante, por saber que ela aparentemente tinha muitas informações sobre mim, tentei não alimentar a esperança que se mudara para tão perto de mim de propósito. Eu não era presunçoso a este ponto.

Nadine liberou nossa entrada, e eu a levei até a casa onde morava.

Parei de frente ao portão, e ela simplesmente desafivelou o cinto de

segurança.

Pensei que iria saltar imediatamente, mas eu não fiz alarde quanto a isso, apenas desliguei o carro e me recostei no banco, sem tirar os olhos dela, que parecia ponderar.

Num rompante, então, virou-se para mim, com aqueles olhos imensos fitando-me com hesitação.

— Quer entrar?

Surpreendi-me com o convite, porque era mais do que inesperado... ele não fazia sentido. Mas já tinha me dado conta de que aquela nova Nadine ao meu lado era um poço de contradições. Todas as suas reações me surpreendiam e me desconcertavam, o que era tão assustador quanto fascinante.

Eu deveria responder que não. Deveria simplesmente esperar que entrasse em segurança e partir em seguida, sem olhar para trás. Aparentemente iríamos nos encontrar de novo em breve, mas não havia muito discernimento da minha parte quando se tratava dela. Além do mais, talvez fosse a minha chance de finalmente termos a conversa que tanto precisávamos ter. Minha oportunidade de explicar as razões que me levaram a deixar aquela casa. Provavelmente Nadine não conhecia a verdade, o que explicava sua mágoa.

Mas obviamente não era só isso, e eu não seria tão hipócrita de tentar mentir para mim mesmo...

Eu só queria ficar perto dela. Por mais um minuto, uma hora, que fosse. Mal tivera tempo de processar a ideia de que estava de volta à minha vida, mesmo que não da forma como eu gostaria. Precisava olhar para ela, tê-la ao meu alcance, mesmo que sem tocá-la.

Diante de todos esses pensamentos, não encontrei alternativa a não ser responder o que meu coração me obrigava a falar:

— Tudo bem. — Balancei a cabeça enquanto respondia, como se precisasse corroborar ainda mais para que ela compreendesse o quanto desejava prolongar aquele encontro.

Assentindo, ela indicou uma vaga dentro do condomínio, onde eu estacionei. Saltou sem esperar minha ajuda, mostrando que não estava interessada em gestos de cavalheirismo. Ainda assim, o fato de ter me convidado para entrar poderia ser interpretado como uma necessidade de proteção. Depois do que havia acontecido, talvez quisesse se sentir segura, embora eu duvidasse muito que eu pudesse lhe oferecer tal coisa depois do tanto que a magoei.

Todos os seus movimentos foram completamente calculados para que parecesse relaxada, o que eu podia sentir que não era verdade. Abriu a porta, e nós entramos. A propriedade que se revelou à nossa frente era realmente impressionante, mas tentei não olhar muito ao meu redor para não parecer

indiscreto.

Nadine abriu a porta de vidro e nos conduziu pela sala de estar, acendendo a luz, revelando um ambiente bem decorado, mas com cores frias, discretas. Tinha um toque feminino, com algumas flores, mas até mesmo elas tinham tons em azul e violeta; nada vivo, nada alegre, nada que indicasse que uma pessoa feliz vivia ali.

— Rafael — ela chamou com uma voz sussurrada, e eu olhei para ela imediatamente, com as mãos nos bolsos da calça, sendo arrancado momentaneamente da minha distração. Não pude evitar reparar no quanto parecia cansada. Já estava tarde, passava da meia-noite, mas era mais do que isso. — Você se importaria se eu trocasse este vestido? Não vou demorar.

— Não, claro que não.

— Posso ser abusada e pedir que nos sirva duas taças de vinho? Tem um aberto na geladeira, na cozinha. Acho que estamos precisando depois desta noite.

Antes de assentir, dei uma boa olhada nela, tentando entender se era sério. Ela estava me convidando para beber um vinho na sua casa? Mais uma atitude contraditória. Quase começava a me acostumar com elas.

Assim que balancei a cabeça em concordância, ela se afastou, indo em direção às escadas, parando em um dos degraus para tirar as sandálias, como se simplesmente já não suportasse mais ficar sobre elas. Continuou sua trajetória sem olhar para trás, desaparecendo no segundo andar da casa, deixando-me sozinho.

Prontamente, esperando que não demorasse, parti para a cozinha, abrindo a porta e deparando-me com um cômodo amplo e equipado com modernidade. Havia duas geladeiras, e eu abri uma, dando a sorte de encontrar o vinho de primeira. Levei-o até a bancada e deixei a garrafa ali para buscar por taças.

Precisei abrir algumas portas de armários para encontrar o que procurava, e como eram muitos, acabei perdendo algum tempo. Em um deles, menor – um dos mais altos, mas que eu alcancei com facilidade – havia uma farmacinha, o que seria plenamente normal se só houvesse remédios para dor de cabeça, enjoo, cólicas e coisas do tipo. As mulheres costumavam ser muito mais cuidadosas com isso, e Nadine, tendo passado tanto tempo confinada, poderia ter guardado o hábito. No entanto, além de todos esses mais comuns, havia alguns prescritos.

Peguei a caixa de um deles nas mãos, mesmo sabendo que estava invadindo sua privacidade, e me deparei com um pesado tranquilizante. Havia mais de uma, aliás, como se Nadine o estocasse. Na verdade, pela quantidade que encontrei ali, tinha não apenas facilidade para conseguir, como também parecia acreditar que haveria um apocalipse a qualquer momento que a deixaria sem recursos. Como se aquele negócio fosse essencial para a sua vida.

Isso me assustou e me encheu de um sentimento de preocupação. Não que em algum momento eu tivesse cogitado que Nadine pudesse estar completamente bem, sem traumas, depois de tudo pelo que passou. Eu mesmo, que fiquei dentro daquele porão por muito menos tempo do que ela, ainda tinha minhas paranoias e meus pesadelos. Dentro daquela fachada fria e controlada, minha borboleta deveria estar devastada. E eu não podia fazer nada a respeito.

Fechando aquele armário como se tivesse encontrado um demônio lá dentro, continuei minha busca pelas taças, encontrando-as finalmente e servindo o vinho, levando ambas à sala. Depois voltei para buscar a garrafa e pousei-a, junto com a taça de Nadine, sobre a mesa de jantar.

Como ela ainda não tinha voltado, tentei me distrair com alguma coisa para não me sentir tão desconfortável. A sensação seria a mesma se eu tivesse invadido a casa de um completo desconhecido.

Comecei a andar pela sala, com minha taça na mão, observando quadros, elementos de decoração, sem prestar atenção a muitas coisas, com exceção de um porta-retratos sobre o rack.

Não havia muitas fotos espalhadas, por isso, aquela, particularmente, me chamou a atenção. Logo de longe consegui perceber que se tratava de um homem, por isso hesitei aproximar-me, já imaginando o que iria encontrar.

Pegando a fotografia na mão, dei uma boa olhada nele, que sorria com simpatia para a lente, atrás de uma mesa que abrigava uma pilha de livros, enquanto assinava um dos exemplares. Na capa de um deles eu podia ler: Hélio Flausino – o marido de Nadine. Como se eu já não tivesse suspeitado disso desde o primeiro momento.

Era bem mais velho do que ela, com provavelmente uns quarenta e cinco anos, mas tinha boa aparência, cabelos grisalhos, olhos pretos e um semblante gentil. Visivelmente um escritor. Como Nadine gostava muito de ler, não era difícil entender por que tinha se casado com ele e, quem sabe, se apaixonado.

Pensar nisso foi como sentir um punhal sendo enfiado lentamente bem no meio do meu peito.

— Nunca pensei que fosse bisbilhoteiro... — a voz de Nadine surgiu atrás de mim, e ela tinha um tom divertido. Virei-me lentamente em sua direção, ainda segurando o retrato.

Só foi preciso olhar para ela para o punhal penetrar minha carne ainda mais fundo. Sem toda a maquiagem, o vestido elegante e o cabelo preso, ela parecia mais do que nunca a minha Nadine. Embora, à minha frente, houvesse uma mulher, não mais uma menina. O corpo de uma mulher, o rosto de uma mulher... a alma de uma mulher, sem dúvidas. Seu olhar maduro e que escondia um milhão de segredos seria capaz de me seduzir como nunca, principalmente

porque eu era louco por ela. Isso nunca mudara, e eu tinha quase certeza de que não mudaria.

Afastei esses pensamentos da minha cabeça, porque não eram nada apropriados. Poderia ter dito qualquer coisa, pedido desculpas pela intromissão, mas apenas ergui o porta-retratos mais alto, quase na direção dos olhos dela, com uma expressão muito séria à qual eu não tinha o menor direito.

— Seu marido? — a pergunta saiu com um pouco mais de desdém do que deveria.

— Sim — ela respondeu simplesmente, sem maiores explicações. Até porque, não me devia nenhuma.

Fiquei sem saber o que dizer, até que ela simplesmente cruzou os braços contra o peito, e eu não consegui evitar que meu olhar recaísse diretamente no decote da camiseta simples que colocou no lugar do vestido.

— O que está esperando, Rafael? Que eu dê explicações sobre minha vida pessoal? — indagou com suavidade, embora a mágoa estivesse estampada em seu rosto.

— Não. Eu só tenho uma pergunta a fazer, porque é a única coisa que importa.

Ela ergueu a cabeça, desafiadora.

— Vá em frente.

Respirei fundo, tentando levar um pouco de ar aos meus pulmões, que pareciam completamente vazios.

— Ele foi bom para você? Te tratou como você merece? — fiz a pergunta deixando o porta-retratos sobre o rack de volta, porque não queria continuar olhando para aquele cara, por mais que ele não tivesse culpa de nada. Fiz o mesmo com a taça, só porque, subitamente, não tinha mais nenhum interesse em beber o vinho.

Nadine olhava bem fundo nos meus olhos, com a cabeça erguida para fazê-lo, já que sem o salto nossa diferença de alturas era bastante significativa – quase trinta centímetros. Hesitava, como se ponderasse se eu merecia ou não aquela resposta. A espera começava a me deixar impaciente, porque era importante.

Porra, era muito importante saber se ela tinha sofrido nas mãos de mais uma pessoa, depois de ter passado anos horríveis com o tio.

Então, em um rompante, coloquei a mão no braço dela que não estava machucado, agarrando-a pelo punho para chamar sua atenção. Ela o ergueu rapidamente, tentando se soltar, mas eu não deixei.

— Responda, Nadine...

Ela mal deu tempo para que eu fizesse mais alguma pergunta, porque me olhou com olhos que mais pareciam icebergs, dando uma ordem clara:

— Me larga. — Demorei um pouco para obedecer, mas acabei soltando-a, embora ainda esperasse uma resposta. — Como eu disse, não te devo explicações, mas se quer tanto saber, ele foi ótimo para mim, principalmente porque nunca me abandonou.

— Nadine, a gente precisa conversar sobre isso... Você não sabe o que...

— Chega, Rafael. Eu acho melhor que vá embora — ela me interrompeu.

— Não sem que você me dê a chance de me explicar — falei em um tom de súplica, mas ela rapidamente se afastou de mim, como se eu fosse contagioso.

— Não quero ouvir nada. Não importa mais. *Eu* não me importo mais — disse com veemência, e quase fui convencido, mas a expressão dolorosa em seus olhos ainda me iludia de que era mentira.

Só que não havia nada a fazer. O que me restava e me cabia era obedecer. A casa era dela, e eu não tinha o menor direito de me impor.

Ainda assim, precisava saber se a veria de novo.

— Sobre seus planos para Frank... — Ela foi andando em direção à mesa de jantar, pegando sua taça de vinho e tomando um gole. Virou-se, então, para mim, parecendo mais controlada, com um quase sorriso no rosto, embora fosse provocador.

— É uma pena que não vamos compartilhar o vinho. Está uma delícia. — Fez uma pausa, misteriosa e quase não fazendo sentido. — Tenho outra garrafa dele na adega. Vou guardar para quando nos juntarmos de novo para conversarmos sobre esses planos. — Outra pausa, devolvendo a taça ao mesmo lugar de antes, passando por mim e indo em direção à porta pesada de vidro, que abriu. — É só apertar o botão ao lado do portão para sair. Boa noite, Rafael.

Ela estava literalmente me expulsando.

Era tão doloroso que mal consegui me mexer por um segundo.

Dois.

Três.

Mas ela esperou. E não mudou de ideia. Continuou parada ao lado da porta, linda, iluminada pela meia luz que vinha do quintal.

Resignado, coloquei as mãos nos bolsos da calça e fui andando de cabeça baixa, sentindo-me o pior dos mortais por sempre errar com Nadine, de uma forma ou de outra. Parei ao seu lado, porque simplesmente não conseguia passar imune à presença dela.

Meus olhos involuntariamente baixaram na direção de seus lábios, porque eu morria por dentro de vontade de beijá-la. Só que a única coisa que fiz foi observá-la pelo que pareceu uma eternidade.

— Boa noite, Nadine.

Complacente, segui meu caminho, deixando-a para trás.

Mais uma vez.



Capítulo 13

Rafael

ERA COMO SE TUDO NÃO TIVESSE PASSADO de um sonho.

Já fazia duas semanas desde meu encontro inusitado com Nadine, e eu apenas tentava retornar à minha vida normal, o que, obviamente, era impossível, estando ela nos meus pensamentos vinte e quatro horas por dia. A cada momento, nutria esperanças de que meu telefone iria tocar, em resposta às ligações que fiz e que ela não atendeu.

No início fiquei confuso, porque ela me pedira para entrar em contato, mas depois entendi que só iria me procurar quando *quisesse*. Estava estabelecendo regras, e eu teria que segui-las.

Parei meu carro no estacionamento das instalações da ONG, saltando e partindo para lá, onde me deparei com Anderson e Tatiane organizando nossa sala de reuniões como loucos. Estranhei a cena e me aproximei da minha ex-namorada, tencionando saber o que estava acontecendo.

— O que foi? Por que essa correria toda?

— Se atendesse seu telefone, saberia — Tatiane respondeu com uma cara de poucos amigos, mas logo suspirou, ajeitando uma mecha de cabelo que caía de seu rabo de cavalo mal feito. — Foi mal, Rafa... Estou uma pilha de nervos. Anderson recebeu uma ligação há uma hora avisando que a governadora vem ver nossas instalações e quer conversar com a gente.

Pisquei algumas vezes, sentindo-me fora de rumo.

— A governadora? Fátima Sampaio? Mas ela não estava em recuperação do tiro?

— Parece que recebeu alta há alguns dias e uma das primeiras coisas que fez foi decidir vir visitar os heróis dela. Aliás, vocês mandaram *muito* bem — Tati falou com orgulho.

Dei de ombros, nem tendo tempo de dizer qualquer coisa, porque Anderson começou a anunciar:

— Ai, porra, ela chegou! — Com os olhos arregalados, Tatiane saiu de perto de mim como um furacão, voltando a remexer em papéis, mas Anderson a segurou pelos braços e praticamente a arrastou para fora da sala, para irem receber Fátima. — Deixa assim mesmo... a gente tá em obras, não tem como ficar perfeito. — E virou-se para mim: — Vem, Hollywood!

Nem esperei mais nada e realmente os segui. Ficamos parados na entrada do prédio, aguardando enquanto os três carros pretos se aproximavam. Tatiane se apressou em soltar o cabelo, Anderson ajeitou a blusa por dentro da calça, e eu continuei parado, com os braços para trás, imóvel, costas eretas e os olhos semicerrados por conta da luz do sol de dez horas da manhã – meus óculos escuros estavam no bolso, mas não seria de muito bom tom colocá-los naquele momento.

A porta do carro se abriu, e a primeira coisa que eu vi foi uma bengala. O motorista se apressou, mas Fátima, totalmente independente, começou a saltar sozinha, até que eu me prontifiquei a ajudá-la, abrindo mais a porta e segurando sua mão, amparando-a.

Sorrindo, ela ergueu os olhos na minha direção.

— Vê se pode? Mal passei dos cinquenta e já tenho que andar de bengala...

— É temporário, imagino — comentei, também sorrindo e ajudando-a a subir o meio fio.

— Claro, claro. Mas não deixa de ser chato. Não é todo dia que temos um rapaz bonito assim para nos conduzir — dizendo isso, ela entregou a bengala à filha, que se colocava ao nosso lado, cumprimentando-me de forma tímida. — Vou até me livrar desse negócio incômodo.

O assistente também surgiu, afobado, carregando uma pasta, e eu fui conduzindo Fátima até a sala que tínhamos arrumado e que, felizmente, ficava no primeiro andar.

Anderson abriu a porta para que passássemos, e Tatiane fez o mesmo com as persianas, deixando uma luz agradável entrar através da vidraça. Ligou também o ar condicionado, enquanto Anderson organizava algumas pastas em cima da mesa.

Ajudei Fátima a se sentar, e ela agradeceu baixinho, enquanto as pessoas iam se colocando ao redor da mesa – redonda, é claro, porque ainda havia um pouco de Lancelot em mim, embora esta lembrança me doesse no coração.

— Estamos muito honrados de ter a senhora aqui, Vossa Excelência — Tatiane disse, e Fátima fez um gesto com a mão.

— Este título faz com que eu me sinta mais velha do que esta bengala. Pode

me chamar de Fátima, querida. Estamos entre amigos.

Ou ela era muito boa atriz para encantar seu eleitorado, ou realmente era sincera em toda aquela simpatia. Fosse como fosse, Anderson e Tatiane estavam mais do que conquistados, a julgar pelos enormes sorrisos que abriram.

— Mas vamos lá, eu vim aqui para conhecer este projeto lindo. Foi uma pena não ter podido dar mais atenção a vocês durante a festa, e não vou ser falsa. Muito provavelmente, se o destino não tivesse intervindo, eu não estaria aqui hoje. — Ela estendeu as mãos, colocando uma sobre a minha e outra sobre a de Anderson. — Não posso fechar os olhos para dois jovens tão heroicos.

Tatiane virou-se na minha direção, abrindo um sorriso vitorioso, mas eu continuei sério. Tudo aquilo parecia irreal demais, porém, começamos a contar a ela como havia surgido a ideia da ONG. Confesso que minha língua chegou a coçar para dizer que um dos incentivadores fora o suposto amante dela, que me mantivera preso em um porão junto à própria sobrinha, destruindo os sentimentos de ambos. E até teria feito isso se não tivesse prometido a Nadine ajudá-la no tal plano de vingança.

A única coisa que expliquei foi sobre meu tempo nas ruas; contei de tudo que vi e vivi na pele. Depois falei sobre a herança do meu avô e como quis usar o dinheiro para algo que realmente fosse relevante. Então, cheguei à parte da ajuda que precisaria.

Com a história contada, deixei que meus amigos tomassem as rédeas, explicando nossos planos, como funcionariam as instalações e o que precisávamos.

Enquanto ouvia tudo com atenção, senti uma mão pequena pousar no meu antebraço, exatamente na parte onde a manga da minha camiseta social estava erguida, sobre uma tatuagem tribal que eu tinha feito há uns três anos.

Olhei para o meu lado, dando-me conta que se tratava da filha da governadora, Marcella. Inclinei-me em sua direção para ouvir o que parecia ter a dizer.

— Eu queria falar com você em particular — afirmou bem baixinho, então, eu respondi da mesma forma, porque entendi que ela não queria que ninguém ao nosso redor nos ouvisse.

— Comigo?

— É. Você se incomodaria de ir lá fora? Podemos dizer que você vai me mostrar o banheiro...

Assenti com um meneio de cabeça, levantando-me logo em seguida e puxando a cadeira para Marcella fazer o mesmo, enquanto ela anunciava aonde iríamos.

Ninguém prestou muita atenção, então, eu abri a porta para ela passar e

saímos da sala. Afastamo-nos um pouco do local, parando quase em frente à porta do banheiro, onde eu aguardei que ela comesse a falar, sentindo-me muito curioso, já que mal nos conhecíamos.

— Pode me chamar de romântica ou o que for, mas eu vi a forma como você e a Nadine se olharam no dia do meu aniversário. — Não respondi nada, apenas me remexi, cruzando os braços contra o peito, reagindo, como sempre, ao nome dela. — Eu não a conheço direito, mas simpatizei com ela e com o pouco que me contou sobre vocês.

— Ela falou alguma coisa? Sobre mim? — fiquei surpreso.

— Quase nada, mas o suficiente para que eu me sentisse compelida a dizer o que vou dizer agora. Ela pediu segredo à minha mãe, então, muito provavelmente você nunca saberia. Só que não somos amigas, e ela não pediu nada a mim. — Marcella fez uma pausa, até que acrescentou: — Nadine foi muito enfática ao falar da sua ONG com a minha mãe quando lhe fez uma visita ontem de manhã. É inegável a admiração que sente por você, mesmo que insista tanto em parecer magoada. — Franzi o cenho, confuso, analisando a garota que mal conhecia à minha frente, mas que parecia saber mais sobre aquela parte da minha vida do que eu mesmo. — Desculpa se estou parecendo intrometida, mas achei que deveria saber. Se minha mãe está aqui hoje, obviamente tem a ver com o que você e seu amigo fizeram por ela no dia do meu aniversário, mas tem dedo da Nadine também.

Não saberia explicar o sentimento que me inundou naquele momento, mas precisei respirar bem fundo para me manter firme. Era ridículo estar disposto a me comover com cada pequena migalha que me era oferecida, mas não havia muito critério no meu coração quando tinha a ver com Nadine. Eu precisava de pouco mais do que um sorriso para entregar minha alma inteira.

— Aliás, acho que você poderia até ligar para ela para agradecer... — jogou no ar, despretensiosamente.

— Mas aí ela saberia que alguém me falou. Isso pode causar uma situação chata com a sua mãe.

— Então diga que fui eu. Como te falei, ela não me pediu segredo.

Dizendo isso, ela apenas se afastou, voltando para a sala onde a reunião acontecia, sem sequer entrar no banheiro, como dissera que iria fazer. Fiquei ali parado, sentindo como se o mundo ao nosso redor estivesse girando mais rápido do que o normal, deixando-me fora de órbita.

O que aquela mulher iria fazer comigo? Ela me desconsertava de um jeito que me tirava o chão. Passando a mão pela minha barba, em um gesto de puro nervosismo, tomei mais alguns minutos para me recuperar e voltar à reunião.

Quando cheguei na sala, o clima era descontraído, e meus amigos

mostravam nossas propostas com muito empenho.

Sentei-me na mesma cadeira e tentei me recompor ao máximo para poder ser útil em uma reunião tão importante para a ONG que era, basicamente, a minha vida. Nadine não poderia estragar algo pelo qual lutei tanto.

O assistente de Fátima tomou notas sobre alguns nomes que ela mencionou e que poderiam ser de grande ajuda. Pessoas que lhe deviam favores e outras que realmente se empenhavam em causas como aquela. Parecia decidida a falar com a imprensa, embora Maria Clara já tivesse se prontificado a isso. Prometeu um vídeo institucional que poderíamos usar como bem entendêssemos e se aut nomeou madrinha da ONG, o que para nós era uma honra.

Tudo estava correndo maravilhosamente bem. Graças a Nadine.

Com tudo resolvido, novamente me prontifiquei a ajudar Fátima, que rapidamente entrelaçou seu braço no meu, deixando-se ser conduzida.

— Você tem uma história de vida e tanto, garoto — ela comentou enquanto caminhávamos devagar em direção à saída do prédio.

— Muitos também têm. Acho que, no final das contas, eu dei sorte. — Isto, é claro, se não mencionássemos o período que passei com Frank Danneman. Mas, mesmo assim, eu era o sortudo naquela situação. Alguém fora deixado para trás e sofrera bem mais do que eu.

— Talvez, mas muitos não manteriam um coração como o seu. É um bom rapaz, cavalheiro... Mesmo diante de adversidades se manteve assim. É admirável.

— Obrigado, senhora. Mas devo isso à minha criação. Tive bons pais.

— Ah, sem dúvidas — enquanto ela dizia isso, chegávamos à saída. Levei-a com cuidado até a porta do carro, que abri. Antes que pudesse entrar, acrescentou. — Mas eles tiveram um bom filho também. — Sorriu, levando a mão ao meu rosto quase como uma carícia maternal, e eu senti meu coração ser tocado por aquele gesto.

Todos nós nos despedimos, e Marcella me lançou um olhar cúmplice por cima do veículo, antes de entrar ao lado da mãe, no banco de trás. Com as mãos nos bolsos, porque mal sabia o que fazer com elas, observei a pequena comitiva partir, enquanto Anderson e Tatiane conversavam ao meu lado. Muito provavelmente eu estava incluído no assunto, mas não conseguia prestar atenção em nada.

Porém, a mão do meu amigo veio pesada no meu ombro, me chamando.

— Você tá ouvindo o que eu to falando, Hollywood? Ou tá com a cabeça nas nuvens?

Afastei os pensamentos a respeito de Nadine da cabeça e virei-me na direção de Anderson.

— Desculpa. Não ouvi.

— Eu disse que preciso dar um pulo no hospital. Volto mais tarde, tudo bem?

— Claro, vai lá...

Despedindo-se apressado, Anderson se afastou, deixando-me sozinho com Tatiane.

— A sua cara está tão estranha que nem parece que acabamos de conseguir uma coisa que queríamos muito — ela comentou segundos depois. — O que aconteceu, Rafa? Desembucha.

— Podemos entrar?

Ela ergueu as sobancelhas, surpresa pela minha seriedade, mas acabou me seguindo. Entramos no prédio e voltamos para a sala de reuniões, onde ela se jogou em uma das cadeiras de couro, erguendo os pés e pousando-os sobre a mesa.

— O que achou da reunião com a toda poderosa? — perguntou, enquanto pegava uma caneta e a levava à boca.

Apoiei-me à mesa, quase sentado, próximo a ela, cruzando os braços contra o peito, pernas esticadas e um tornozelo sobre o outro.

— Acho que foi legal. — Dei de ombros. — Se ela cumprir tudo o que prometeu, vai ser muito bom para nós.

— É, mas você sabe como é esse povo... muitas promessas, poucas ações...

— Pode ser... — respondi com os olhos fixos em um ponto aleatório do chão, parecendo bem mais desanimado do que queria demonstrar.

— Rafa... — Tatiane se mexeu na cadeira, tirando os pés de cima da mesa e se sentando mais ereta. — O que houve com você? Do nada ficou com essa cara estranha...

— Acho que eu estou ficando louco, Tati... Esse é o problema — falei, ainda com a cabeça baixa, sem encará-la.

— Você? Então ferrou! É o cara mais centrado que eu conheço. E olha que merecia dar umas surtadas de vez em quando por tudo que passou — ela comentou, e eu fiquei em silêncio, tentando encontrar uma forma de desabafar com uma amiga o que tinha acontecido.

Mas precisaria começar do início.

— Nadine apareceu — soltei a frase, sem rodeios, ainda sem olhá-la nos olhos, porque imaginava qual seria sua reação. Na verdade, deveria ser muito parecida com a minha.

Embora tivéssemos namorado, Tatiane sabia da minha história com Nadine, o quanto ela fora e ainda era importante para mim. Imaginei que Anderson não deveria ter contado nada a ela, porque, apesar de seu jeitão expansivo, não era

fofoqueiro, e certamente não iria querer se meter no que ele chamaria de "treta". Para ser sincero, não comentou mais nada sobre meu reencontro desde o dia do evento, e eu imaginava que estava esperando que o primeiro passo viesse de mim.

Finalmente olhei de soslaio para Tatiane e a vi exatamente como imaginei: olhos arregalados e boquiaberta.

— Não vai falar nada? — perguntei, agoniado com o silêncio.

— O que eu posso dizer? Estou chocada. Ela está... *viva*?

— Me pareceu bem viva — foi uma resposta ridícula, mas eu me sentia aéreo demais para elaborar alguma coisa mais inteligente.

Tatiane piscou algumas vezes, como que para entrar na realidade, e eu não poderia culpá-la, porque tudo parecia um sonho.

— Mas... e aí? O que aconteceu? Ela... fugiu de você de novo? — indagou, tão atordoada quanto antes.

— Não, e é aí que a coisa fica estranha! — Afastei-me da mesa, começando a andar pela sala, porque me sentia inquieto. — *Ela* me procurou. Veio até mim. Não vou entrar em detalhes agora, mas para você ter noção do quanto esse reencontro tem me deixado atordoado, foi Nadine quem falou com a governadora sobre nossa ONG.

— Então isso é bom, não é? Sinal de que vocês podem... Bem... Sei lá... *Recomeçar*? — Tati gaguejou um pouco e deu uma ênfase especial na última palavra.

— Acho bem difícil... — Ergui uma sobrancelha em uma atitude de quase desdém. — Ela está estranha. Contraditória. Eu só a vi uma vez, mas em um momento sorria e no outro me tratava com mágoa.

— Você não pode exigir que alguém que passou pelo que ela passou tenha a mente zero quilômetros. — Sendo psicóloga, Tati sabia exatamente do que estava falando.

Quase contei para Tatiane sobre os tranquilizantes de Nadine, para que ela me desse uma orientação do que fazer, mas desisti. Não era um segredo meu para que eu pudesse decidir com quem compartilhar.

Voltei ao meu lugar de antes, desta vez literalmente sentando-me sobre a mesa, apoiado em apenas uma coxa.

— Não sei o que fazer... — quase divaguei.

— Você ainda gosta dela? — Tatiane perguntou olhando fixo para mim, e eu finalmente também a olhei nos olhos, temendo que a angústia que sentia estivesse muito evidente na minha expressão.

Percebendo que não poderia me livrar daquela pergunta, dei de ombros, inclinando levemente a cabeça para o lado, como se o que eu iria dizer fosse algo

inevitável.

— Ela é importante para mim.

— Não foi isso que eu perguntei, Rafa. Essa garota ainda mexe com você?

Não sei se bufei ou se soltei um suspiro, mas o ar escapou dos meus pulmões de uma forma pesada, como se até mesmo ele não quisesse ficar dentro de mim.

— Mexe, Tati. Dos pés à cabeça.

Tatiane abaixou a cabeça, parecendo chateada com a minha resposta, mas eu não poderia mentir. Não seria justo com ela. Como eu disse, éramos amigos, e ela merecia minha sinceridade. Se não fosse por mim, acabaria descobrindo que Nadine estava de volta à minha vida, e isso a machucaria ainda mais.

Erguendo os olhos novamente, Tatiane tentou um sorriso.

— Então eu acho que você deveria ligar para ela. Agradecer pelo que fez por nós.

— Acho que ela não quer falar comigo.

Levantando-se da cadeira, Tatiane reuniu alguns papéis que ainda estavam sobre a mesa, enfiou-os em um fichário branco e os abraçou contra o corpo.

— Não vai saber se não tentar.

Então, saiu da sala, fechando a porta atrás de si e me deixando sozinho. Ou melhor, não inteiramente sozinho, porque estava acompanhado dos mil pensamentos caóticos que preenchiam minha mente.

Sem nem pensar no que fazia, tirei o telefone do bolso da calça e disquei o número de Nadine. Nos meus registros de chamadas havia outras dez tentativas, nos últimos quinze dias, mas nenhuma fora bem sucedida. Enviei mensagens, inclusive uma passando meu endereço, caso ela quisesse me ver ou precisasse de alguma coisa. Por que diabos iria me atender naquele momento? Era ridículo. Ilógico. Patético.

Mas ela atendeu.

— Ao menos uma coisa em todos esses anos não mudou: você continua insistente — disse, com uma risadinha, completamente diferente da mulher fria que me expulsara de sua casa dias atrás.

Eu queria ficar com raiva daquelas suas mudanças de comportamento.

Queria muito.

Mas a voz dela soou levemente rouca e muito sensual do outro lado do telefone, e eu não consegui resistir.

— E você continua arisca, fugindo de mim.

Outra risadinha.

Ela *realmente* iria me deixar louco. Em todos os sentidos.

— O que você quer, Rafael? — A forma como pronunciava meu nome...

Cheguei a precisar me jogar no sofá de couro, no canto da sala de reuniões, porque minha cabeça girava só de ouvi-la.

— Agradecer. Sei o que fez pela ONG.

— Então Fátima quebrou a promessa? — indagou, mas seu tom era divertido; não repreensivo.

— Não, não foi ela. Foi Marcella.

— Ah, claro... Eu deveria imaginar que ela iria ouvir a conversa. — Fez uma pausa. — Seja como for, não tem nada que me agradecer. Você está trabalhando duro por um projeto que vale a pena. Considere como a ajuda de uma velha amiga.

Velha amiga.

Nadine conseguia me atingir dolorosamente mesmo quando tentava ser simpática.

Ficamos ambos em silêncio, e eu podia ouvir a respiração dela do outro lado da linha. Só isso já era o suficiente para me fazer fechar os olhos, tendo a sensação de que era esmagando por dentro.

— Nadine... eu preciso te ver. Por favor. Você não pode voltar para a minha vida desse jeito e fazer joguinho de gato e rato — muito provavelmente eu estava falando muito mais do que deveria, mas sentia que chegava ao meu limite.

— Não se trata de um joguinho. Precisamos nos encontrar com um objetivo, para discutirmos o plano contra Frank. Estou reunindo algumas coisas que tenho e assim que tiver tudo pronto, vamos nos ver.

Fria. Quase profissional. Como se não passasse de um mero negócio.

E, bem... para ela era bem isso mesmo.

— Nós temos mais coisas para conversar além desse plano. — Fiz uma pausa, passando a mão pelo rosto e pelo cabelo, tentando me manter centrado. — Olha... me deixa te levar para jantar hoje. Eu passo aí, te pego e podemos...

— Não, Rafael. Não é assim que vai ser — falou categórica, me interrompendo. Em seguida, acrescentou: — Me desculpa, mas eu preciso desligar. Te ligo em breve.

— Nadine, não... — ainda tentei fazê-la ficar na linha, mas ela simplesmente se foi.

Escapando por entre meus dedos novamente.

Joguei o telefone do outro lado do sofá, sentindo-me totalmente fora de controle. Minha vontade era quebrar tudo ao meu redor, mas preferi manter a sala da ONG intacta e deixar para descontar toda a minha frustração no saco de pancadas, mais tarde.

Ainda passei mais uma horinha na ONG, ajudando Tatiane a organizar

algumas coisas, mas depois fui para o escritório, onde fiquei até o final da tarde.

Chegando em casa, a primeira coisa que fiz foi vestir um short confortável, ficando sem camisa, e partir para minha terapia de sempre. Enrolei as gazes nas mãos e comecei a dar socos sem parar, começando por uns mais contidos, depois inserindo mais violência. Era uma das únicas formas que eu conhecia para descontar minhas frustrações. Esta é o ringue. Eu teria uma luta na noite seguinte, então, precisava me contentar com aquilo.

Passei mais ou menos uma hora e meia naquela atividade, intercalando com um pouco de levantamento de peso, pular corda e flexões, e teria ficado mais tempo, se não tivesse ouvido um barulho de chave sendo inserida na fechadura.

Levando em consideração que eu morava sozinho, coloquei-me rapidamente em alerta, saindo do quarto que às vezes usava como academia, indo em direção à sala, a passos lentos. Meu condomínio era bastante seguro, mas não podia arriscar.

Porém, a luz da sala foi acesa, e eu vi a figura de Johnny, arrastando sua mala enorme para dentro, fechando a porta atrás de si.

Quando ele se virou, deu de cara comigo, parado no meio da sala, e pulou de susto.

— Você entra na minha casa sem avisar e ainda toma susto, João Roberto? — falei com um enorme sorriso, usando seu nome composto, que ele odiava. Porra, como era bom ver aquele garoto depois de meses afastados.

— Foi mal, Rafa. Achei que você ainda estaria no escritório. Queria te fazer uma surpresa.

— E fez... — Comecei a me aproximar dele, com os braços abertos. — Vem cá, moleque...

— Você está todo suado...

— Esse tempo fora te transformou em um fresco? — Sem que me desse permissão, coloquei meus braços ao redor de seus ombros, em um abraço de urso, e ele rapidamente retribuiu. — Senti sua falta, irmãozinho.

— Eu também, cara. Eu também...

Passamos mais alguns minutos abraçados, até Johnny literalmente se jogou no sofá da sala de estar. Fiz o mesmo, colocando-me na poltrona ao seu lado.

— Vai ficar por aqui? — perguntei, apontando para a mala.

— Não, só que quis passar para te ver. Você sabe como é a mãe, né? — Johnny passara a chamar Sílvia, a esposa de Wilson, de mãe, poucos meses depois que fomos resgatados por eles. — Se eu fosse lá primeiro, ela não iria me deixar sair até fazer um interrogatório e me obrigar a comer a geladeira inteira, reclamando que emagreci.

Sorri, porque era exatamente assim. Mesmo comigo, que já era

praticamente um homem quando fui viver com eles, Sílvia agia como se eu fosse mesmo da família e um bebê.

— Você sabe que tem bastante espaço aqui. Se quiser ficar...

— Não, nem pensar. Tá mais do que na hora de você começar a trazer umas mulheres para cá, e eu não estou a fim de empatar as suas fodas. — Foi inevitável fazer uma quase careta para o assunto. — Eita, o que foi?

Depois da noite do evento, eu conversei com Johnny e lhe expliquei sobre o reencontro com Nadine, mas falei muito pouco. Não contei nada sobre a história de vingança contra Frank, porque tinha medo de que acabasse querendo entrar também, e ele precisava focar nos estudos. Só contei que tínhamos nos reencontrado e conversado um pouco. Também não quis desabafar sobre o quanto estava estranha, porque não pretendia preocupá-lo.

— Não precisa nem dizer. Foi a Dine, né? — concluiu. — Eu ainda não consigo acreditar que ela voltou... E assim, do nada! Juro que queria ter estado lá para ver a sua cara.

— Você acha isso engraçado?

— Não. Mas é melhor do que ficar pensando que ela poderia estar mal. Só que levando em consideração o quanto você foi apaixonado, eu... — Remexi-me na poltrona, e meu irmão postiço, extremamente observador, não deixou esta reação passar. — Opa... ainda é, aparentemente. Me fala... ela tá bonita?

Olhei para Johnny com uma expressão nada amigável. Eu não queria insistir naquele assunto, especialmente depois do telefonema ridículo daquela manhã. Só que sabia que ele não iria me deixar escapar pela tangente, especialmente porque não conhecia os pormenores da volta de Nadine e estava louco para me provocar.

— Linda. — Fiz uma pausa para respirar fundo. Inclinei meu tronco para frente, pousando meus dois cotovelos em cada um dos joelhos, abaixando a cabeça e olhando para o chão. — Desconcertante. É um soco no estômago olhar para ela e não poder fazer nada a respeito.

— Quero vê-la. Estou com saudade... Quero pedir desculpas... por tudo. — A expressão de Johnny murchou, e eu olhei para ele, penalizado. Também carregava uma culpa infundada nos ombros. A verdade era que, por mais que soubéssemos que não poderia ter sido diferente, nenhum de nós conseguiu superar o fato de termos deixado a garota que amávamos para trás, nas mãos de um louco. Depois de alguns instantes em silêncio, ele ergueu os olhos castanhos na direção dos meus: — Você acha que ela sofreu muito depois que escapamos de lá?

Não era a primeira vez que me perguntava isso, mas não poderia culpá-lo por insistir na mesma tecla. Ainda mais agora, que tinha me encontrado com

Nadine e visto com meus próprios olhos o estrago que Frank fizera nela.

Eu poderia mentir, mas Johnny não era mais criança. E não merecia ser enganado.

— Acho. Ela não está bem. Tenta disfarçar, mostrar algum controle, mas eu a conheço. O emocional está em frangalhos, e eu posso dizer isso só de olhá-la.

— Tadinha. Você precisa ajudá-la, Rafa.

— É tudo o que eu quero, Johnny. Você sabe o quanto eu a procurei... Estou desesperado para cuidar dela, mas acho que não vou conseguir. Está ainda mais arisca do que quando nos conhecemos. Magoada.

— Contou o que aconteceu quando saímos daquela casa?

— Ela nem me deixou falar.

Johnny abaixou a cabeça, mais chateado do que eu.

— Vai dar tudo certo. Isso vai passar. Vocês vão...

— Não, Johnny. Eu não quero ter esse tipo de ilusão. Não posso. Nadine é outra pessoa, completamente diferente da garota que nós conhecemos. Ela se casou!

— O quê? Então ela não passou esse tempo todo com o Frank...

— Não. Mas eu sinceramente não quero falar sobre isso. Desculpa jogar a bomba assim e recuar.

— Não, tudo bem. Quando você estiver pronto, me conta tudo.

Assenti, mas tentei mudar de humor, já que era tão bom ter meu irmãozinho ali comigo.

— Tá com fome, moleque?

— Vai cozinhar para mim?

— Eu estava pensando em uma pizza ou algo assim... Você pede enquanto eu tomo um banho.

— Deixa comigo.

Dando as costas para Johnny, comecei a subir as escadas, mas parei no terceiro degrau quando a campainha tocou. Pensei que pudesse ser Anderson, então, desci, enquanto Johnny continuava acionando o aplicativo para pedir comida. Saí da casa, indo em direção ao portão, para abri-lo.

E lá estava ela.

À minha frente, ao meu alcance... Na minha casa.

— Oi — ela falou simplesmente, com um meio sorriso.

Precisei de alguns minutos para me recompor, olhando-a como um bobo, mas sem deixar de perceber que seus olhos se voltaram imediatamente para meu peitoral nu. Nem tentou disfarçar, na verdade.

— Oi — respondi finalmente, meio atordoado. — O que você... Por que... Eu não esperava que... — gaguejei. Aquela mulher estava fazendo meu cérebro

falhar.

— Não disse que queria me levar para jantar? Achei que poderia trazer o jantar até você — enquanto falava, ela erguia algumas sacolas, e eu podia ver uma garrafa de vinho em uma delas, além de embalagens de isopor que cheiravam a frutos do mar. — Você ainda gosta de risoto de camarão?

— Gosto, é claro, mas... Como entrou no condomínio sem ser anunciada?

— Eu conheço uma pessoa que mora aqui. Fiz uma visita para ela antes — disse como se não fosse nada de mais. — Vai me deixar entrar? — convidou-se, e eu nem consegui processar as ideias de forma coerente. Tanto que apenas saí da sua frente, e ela entregou as sacolas às minhas mãos, enquanto passava, bem próxima, deixando o braço roçar no meu abdômen claramente de propósito. Também não tirou os olhos dos meus, me deixando ainda mais desorientado.

Voltei a mim o mais rápido que pude, começando a caminhar ao seu lado, até que Johnny surgiu na porta da casa, ainda com o telefone na mão.

— Dine? — o garoto chamou, e Nadine simplesmente parou de andar. Acabei ficando um pouco adiante, podendo olhar nos olhos dela.

A emoção que vi ali, no momento em que olhou para o rapaz que conheceu como um menino, quase me fez desmoronar. Ali estava a *minha* Nadine. A *minha* Borboleta. A menina quebrada que fora a minha luz durante muitos anos. Eram os mesmos olhos cheios de amor e ternura, não aquelas safiras frias e sem emoção que me fitavam com tanto ressentimento.

— Johnny... — ela sussurrou, quase sem forças, mas continuou parada. Não havia máscaras ali. Muito menos quando meu irmão deixou o celular cair no chão e correu para ela, puxando-a para si e tirando-a do chão em um abraço muito maior do que o que dera em mim quando chegou.

Senti-me quase um intruso observando a cena, então, entrei sem fazer alarde, deixando os dois lá fora e levando as sacolas até a cozinha. Eu queria subir para tomar um banho, mas me contentei em vestir uma camisa que encontrei na área de lavanderia, estendida no varal, e esperei.

Quando ouvi o barulho deles entrando, fui à sala e os vi rindo, como se os anos nunca tivessem passado.

Deus... o sorriso de Nadine... Era verdadeiro. Familiar.

Mas quando olhou para mim novamente, ele desapareceu.

Porra, nunca nada me doeu tanto.

— Chegou em boa hora, Dine. Nós íamos pedir pizza.

— Eu trouxe o jantar. Mas se estiver atrapalhando, posso voltar outra hora... — ela falou, um pouco constrangida, olhando ainda para mim, como se, apesar de tudo, também fosse difícil desviar a atenção.

— Claro que não! Eu to feliz demais de te ver. — Johnny apertou o braço

ao redor dos ombros dela, puxando-a mais para si. — Tem comida para todo mundo ali?

— Você continua comilão como quando era pequeno? — ela perguntou, novamente sorrindo como a antiga Nadine.

Como eu iria lidar com isso? Com esses lampejos de esperança de que ela ainda iria voltar para mim, de alguma forma?

— Mais ou menos. Prometo me comportar.

— Então acho que ficaremos bem — brincou ela, e novamente me senti sobrando.

— Dá tempo de eu tomar um banho? — perguntei, esperando que não estivesse também invisível.

— Vai lá, Rafa. Eu faço sala para a nossa Dine...

Nossa.

A palavra dita de forma tão inocente fez com que eu e Nadine nos entreolhássemos, bastante envergonhados, mas me apressei em sair dali, enquanto Johnny ainda a conduzia ao sofá.

Algo me dizia que aquela noite ainda seria muito longa.



Capítulo 14

Nadine

TUDO O QUE EU MAIS ODIAVA NO MUNDO era me sentir vulnerável. Mas aquele dia estava roubando o melhor de mim e me dando uma surra. Principalmente quando eu tomava atitudes completamente incompreensíveis e que me deixavam arrependida.

Ir à casa de Rafael, sem convite e sem ter muita noção do que fazia, era a maior prova de que eu deveria estar completamente louca. Mais ainda... de que ele ainda mexia comigo, mais do que seria prudente.

Desde que o encontrei no aniversário de Marcella, manter o controle tornou-se quase uma missão impossível. Evitá-lo, ignorar suas ligações e fingir que estava bem com isso sugava minhas energias, e eu me sentia cansada. Exausta, na verdade. Tanto que atendi seu telefonema em um impulso, porque fui acordada por ele, depois de ir dormir depois das cinco da manhã, mesmo com um comprimido bem poderoso agindo no meu organismo.

E agora eu estava ali. Sentindo algumas das barreiras ao redor do meu coração se dissolverem como poeira, deixando-me sem defesas contra sentimentos que não queria que me atingissem.

Se já era difícil lidar com Rafael... Com Johnny tudo se tornou quase insuportável.

Tive vontade de sair correndo mais de uma vez, mas isso só daria aos dois mais certeza de que estava louca. Se é que já não estava explícito por todo o meu comportamento.

Estávamos ao redor da mesa de jantar, terminando nossa refeição. Para a minha sorte, Johnny continuava falando e conduziu quase toda a conversa, deixando o ambiente menos desconfortável. Chegava a doer no peito vê-lo um homem e perceber o quanto de tempo tinha se passado – uma prova de que não

eram apenas anos que nos separavam, mas muito mais. Uma história inteira. Uma que eles não conheciam, embora, de alguma forma, fizessem parte.

Ele contava sobre seus meses no Canadá, e ele me obrigou a falar de Londres – onde vivi por muito tempo –, pois era o próximo local que queria conhecer. Na verdade, falei de todos os países que visitei, dando uma atenção especial à Irlanda, meu favorito.

Rafael era o mais calado de nós, mas seu olhar mantinha-se o tempo todo vigilante sobre mim, como se me estudasse. Por mais que tentasse não prestar atenção nisso, era desconcertante. E ficou ainda mais incômodo quando o telefone de Johnny tocou, e ele prometeu que já iria embora.

— É, pessoal... D. Sílvia está desesperada me pedindo para ir para casa.

Calei-me e apenas assenti. Sabia que ele estava falando da mãe adotiva e fiquei feliz por ele nutrir tanto carinho por ela. Aquele garoto já tinha perdido coisas de mais e merecia tudo o que vinha lhe acontecendo.

Rafael prontificou-se a acompanhá-lo até o portão, e eu apenas me levantei para me despedir, sendo tomada em um abraço de urso que me fez sorrir. De verdade. Um daqueles sorrisos que eu dificilmente conseguia arrancar de mim mesma sem muito esforço.

— A gente te ama, Dine. Eu, com certeza, mas o Rafa... ele... — falou baixinho no meu ouvido, aproveitando que Rafael já se encaminhava para a saída da casa, aguardando-o com a mala.

— Johnny, eu não quero ouvir sobre isso. Eu também amo você. É o que posso oferecer por enquanto.

— Nós não te abandonamos — ele soltou num rompante, como se precisasse dizê-lo antes que eu o impedisse.

Sorri, desanimada, temendo que o ardor atrás dos meus olhos se transformasse em lágrimas. Não importava o que Johnny dissesse e o que sabia sobre aquela noite da fuga, havia muitas coisas que ele *com certeza* desconhecia.

— Não importa agora. Já passou, estamos todos bem, não estamos?

Ele levou a mão ao meu rosto. Não era mais um garotinho indefeso; era um homem, bem mais alto do que eu – embora não tão alto quanto Rafael –, e parecia maduro e centrado para a sua idade. Isso me enchia de orgulho.

— Nem tudo está bem, Dine. Deixa o Rafa cuidar de você... Ele é bom nisso.

Senti um tremor atravessar meu corpo inteiro, e se olhasse em um espelho naquele momento, a expressão do meu rosto seria um reflexo perfeito de como me sentia por dentro – destruída. Como era possível que uma pessoa conseguisse me desestabilizar, depois de ter lutado tanto para me manter inteira, com apenas algumas palavras? As lágrimas ameaçaram cair com mais força, mas eu guerreei

com elas, principalmente quando o garoto novamente me puxou para um abraço e deixou um beijo na minha testa enquanto se afastava.

Fui deixada sozinha e me joguei na cadeira novamente, respirando fundo e fechando a mão com força, até que minhas articulações ficassem brancas, em uma tentativa de me manter firme, o que era praticamente impossível. Especialmente quando a voz de Rafael – profunda, grave, muito séria – soou bem atrás de mim, anunciando que tinha retornado.

— Você mal tocou na comida... — Havia preocupação em seu tom de voz, e a forma como falou, incisivo, me fez estremecer novamente e me empertigar. Eu não queria demonstrar tais reações perto dele; não queria que percebesse o quanto me atormentava, mas talvez eu não fosse assim tão competente em disfarçar meus sentimentos.

— Não estou com fome.

Deixei que ele rodeasse a cadeira e se colocasse ao meu lado, mas nem o encarei. De pé, Rafael já seria uma presença intimidante em qualquer ocasião, mas, naquele momento, ele parecia drenar o ar inteiro ao nosso redor.

Eu não queria pensar no quanto, apesar de tudo, ainda queria me jogar nos seus braços e pedir que me fizesse esquecer de todos os anos depois que me abandonou. Não queria ser fraca e desejar que me beijasse por horas, sem parar, só para apagar a dor que ainda esmagava minha mente quando esta teimava em bagunçar meus pensamentos, me levando de volta ao meu maior pesadelo.

Eu sabia que apenas Rafael seria capaz de aplacar esse sofrimento, mas fora ele quem o havia causado, em primeiro lugar.

— Acho que é melhor eu ir embora — anunciei, levantando-me, mas a mão enorme de Rafael se fechou no meu braço, impedindo-me de me afastar.

— Você não pode aparecer na minha casa, bagunçar a minha cabeça e esperar que eu vá te deixar fugir desse jeito — ele falou com autoridade, impaciente e severo. Sua voz soava como um trovão no meu ouvido, e eu me vi imóvel, ainda presa pela sua mão, sabendo que ele *realmente* não iria me deixar ir embora. — Vai ao menos me dizer o que veio fazer aqui? De manhã parecia bem decidida de que não tinha motivos para me ver. E, obviamente, a não ser que esteja me vigiando como uma stalker, não poderia saber que Johnny chegaria hoje.

Fiquei em silêncio. Como saber o que responder, se não fazia nem ideia do que se passava pela minha cabeça? Eu não tinha mais controle das minhas próprias ações, não quando tinha a ver com Rafael.

Ainda mais quando estávamos tão perto e quando ele estava me tocando, por mais inocente que fosse o contato.

Mas ele me soltou e virou-se de costas, levando a mão aos cabelos, em um

total estado de descontrole.

— Sabe o que eu acho, Nadine? — perguntou, ainda sem me encarar, mas não disse nada até se virar novamente e focar os olhos em mim. Eles estavam tomados pela mágoa também, o que não deixou de me comover. Eu não deveria me importar, mas era impossível. Tudo na sua postura indicava que ele queria um conflito. Uma das mãos na cintura, a outra apontada na minha direção, a expressão indignada. Talvez fosse melhor assim. Era mais fácil lidar com isso do que com o Rafael amoroso e terno de sempre. — Que você não tem um plano de vingança só contra Frank. Deve ter um contra mim também. Está querendo me enlouquecer para pagar por uma coisa que não fiz. Eu *não* te abandonei naquela porra de porão — alterou o tom de voz. — Não sei em qual história acreditou, mas aquele filho da puta mentiu para você.

Eu não queria ouvi-lo falando nada daquilo, porque sabia que era mentira. Tinha provas.

Eu *realmente* tinha provas. Não era uma ilusão da minha cabeça. Não era uma ingenuidade.

Poderia dizer isso para ele, mas não queria mais permanecer ali.

— Rafael, eu realmente acho melhor que a gente se fale outro dia e...

— Não, você não vai sair daqui agora! — exclamou, novamente indignado, dando passos na minha direção, ficando cada vez mais próximo. — Eu vi os remédios, Nadine. Você não está bem, e isso acaba comigo. — De forma impetuosa, passou um braço ao redor da minha cintura, puxando-me para si, obrigando-me a fechar as mãos em punhos e apoiá-las em seu peito para evitar uma proximidade ainda maior, se é que era possível. No final das contas, essa minha atitude defensiva serviu apenas para me deixar completamente imóvel e presa a ele. — Não posso fechar os olhos e fingir que está tudo bem quando sei que não está. Você não precisa passar por nada disso sozinha. Me deixa te ajudar... Não estou pedindo nada em troca, nem sua amizade.

— Nem pode. Não sobrou nada em mim que eu possa te dar — falei em um rompante, de forma impulsiva, com um tom de voz muito mais melancólico do que gostaria.

Não queria mostrar minhas vulnerabilidades, porque sabia que Rafael iria me olhar exatamente da forma como estava olhando naquele momento – com olhos doces, comovidos. Ainda assim, não me soltou, nem sequer afrouxou o aperto de um de seus braços ao meu redor; apenas ergueu uma das mãos em direção ao meu rosto, acariciando-o, fazendo-me estremecer e fechar os olhos.

— Essa história de vingança não vai te trazer a paz que você precisa, Borboleta... — Ah, não! Ele não podia me chamar assim. Não tinha mais o direito. Não com aquela voz suave que mais parecia uma canção de ninar. Não

enquanto ainda me tocava com intensidade e ternura ao mesmo tempo, deixando-me em chamas, mexendo com meu corpo e com meu coração. — É perigoso. Você não deveria ter ido visitar Fátima ontem, sozinha, sem saber se Frank estaria lá. E se ele te visse? Por que não me ligou?

— Eu não preciso da sua proteção o tempo todo — respondi em um sussurro, porque minha voz mal saía. Era difícil pensar e me manter coerente com toda aquela proximidade, com minhas mãos ainda esmagadas contra seu peito rígido como pedra, com seus braços enormes firmemente presos à minha cintura.

— Não, sei que não. Mas *eu* preciso de você o tempo todo... — ele sussurrou ofegante, parecendo igualmente afetado pela proximidade.

Eu não seria capaz de resistir. Não *queria* resistir. Só que teria que ser do meu jeito, ou as coisas acabariam saindo ainda mais do controle.

Em um rompante, coloquei-me na ponta dos pés, roçando nossos lábios um no outro, como Rafael fez no nosso primeiro beijo. Era apenas um contato, o mais ínfimo possível, mas mantive meus olhos abertos só para vê-lo fechando os dele bem apertados, como se eu o estivesse causando dor.

Continuei essa doce tortura por alguns instantes, até que me vi presa pelo meu próprio feitiço, pois precisei suspirar mais fundo, chegando a emitir um gemido de frustração, porque precisava que me beijasse. Mas ele não faria isso. Não enquanto não recebesse permissão. O mundo inteiro poderia virar de ponta cabeça, mas este aspecto de Rafael, o homem respeitador e honrado, não iria mudar. Tanto que se manteve imóvel, deixando que eu fizesse o que quisesse.

E isso só contribuía para que meu desejo por ele aumentasse em níveis perigosos.

Muito perigosos.

— O que você quer, Nadine? — ele perguntou em um fio de voz, em um tom rouco, sensual, que quase me fez desmoronar.

Eu deveria ter me calado. Deveria dizer que queria ir embora; que queria que ele me soltasse e me deixasse voltar para a segurança do meu lar; que permitisse que fugisse dele pela milésima vez durante todo aquele tempo em que nos conhecíamos.

Mas não foi isso que saiu da minha boca quando finalmente a abri para respondê-lo.

— Você.

Ele finalmente abriu os olhos, fixando-os nos meus com uma expressão muito séria. Pareciam mais sombrios, escuros, inundados por um sentimento muito primitivo, que eu compreendia muito bem.

— Isso me confunde. Muito — ele praticamente suspirou a última palavra,

saindo soprosa e quase falha.

— É tesão, Rafael — esforcei-me muito para responder isso. Mais ainda para completar o pensamento: — Só isso. — Não era verdade, obviamente, mas a desculpa menos absurda para o que iria permitir que acontecesse. — Não é muito difícil de entender, e eu imagino que muitas mulheres te desejem desta forma, porque você... Bem... — Acho que nem precisava terminar a frase, porque ficou bem explicado no meu tom de voz o que achava sobre ele, mas Rafael insistiu.

— Eu o quê, Nadine?

Não iria conseguir fugir impune e me condenei por falar coisas de mais. Como já sabia muito bem, Rafael era um homem insistente, e ele não queria um elogio que enaltecesse sua óbvia beleza; queria que eu me desnudasse e revelasse mais do que deveria.

Só que eu também já estava inebriada o suficiente para começar a soltar confissões indesejadas.

— Você me tira o ar... Sempre tirou... — Não sei se foi a resposta em si ou a forma como a proferi, quase como um gemido, mas Rafael agarrou meus cabelos em uma mão cheia, indo de encontro aos meus lábios, imitando o meu gesto e também roçando-os com os dele, adiando mais um pouco o beijo que tinha se tornado uma necessidade.

— Eu vou repetir, Nadine. O que você quer? Só me diz, e eu vou te dar...

Meu Deus, ele ia acabar comigo. Não houve uma única sílaba do que disse que não tivesse provocado reações intensas em mim.

Só que essa confusão de sentimentos era também muito perigosa; então, eu precisava que as coisas ficassem apenas no campo da luxúria, já que não tinha como voltar atrás.

— Quero que me leve para cama. Mas sem esperanças. Sem ilusões. Não quero que seja como na nossa primeira vez. Não quero que você seja romântico...

— Eu posso ser o que você quiser...

Sua resposta acabou comigo. E Rafael pareceu perceber, porque finalmente tomou minha boca em um beijo de verdade. Sem mais espera. Sem mais tortura. Apertou-me contra si com intensidade, demonstrando que sentia tudo em um nível muito elevado, assim como eu.

Ainda assim, apesar do desejo desesperador, ainda era um beijo doce, lento, quase hesitante. A mão enorme de Rafael se manteve firme na minha nuca, enquanto sua língua me invadia aos poucos, aprofundando o contato devagar, sabendo muito bem o que estava fazendo.

Foi conduzindo o ritmo ainda de forma torturante, quase me deixando em

desespero, pronta para implorar por mais. O braço ao redor da minha cintura me apertou com mais força, se é que era possível, como se precisasse me manter ali a qualquer custo. Na ponta dos pés, eu me esforçava para alcançá-lo, já que estava com um sapato baixo, e isso, somado à força física impressionante e evidente de Rafael, fazia com que me sentisse pequena, feminina e vulnerável. Como aconteceu desde a primeira vez. Ele sempre fez com que eu me sentisse protegida, mesmo nas situações mais adversas. Até não estar mais presente.

Contudo, não era hora de pensar nisso, principalmente porque tudo o que aconteceu em seguida esvaziou minha mente, preenchendo-a apenas de Rafael. De todos os tipos de pensamentos pecaminosos a respeito dele.

Soltando um grunhido quase animalesco, ele se inclinou um pouco, agarrando-me pelas coxas e me tirando do chão em um rompante, sem nenhum esforço e me deixando sem ar. Entrelaçou minhas pernas em sua cintura, levando-me assim até a parede mais próxima, onde me encostou, mudando a cadência do beijo, assumindo a exata intensidade do que eu sentia naquele momento.

Aquilo não era um beijo. Era um veneno. E iria me consumir por inteiro. Dos pés à cabeça. Iria corroer todo o controle que construí nos anos afastada dele.

Comecei a usar minhas mãos para explorar seu corpo, porque queria muito tocá-lo, mas Rafael agarrou a ambas, prendendo-as à parede, deixando-me imóvel, dando-me exatamente o que eu pedi: nada de romantismo. Ele não estava me tratando como a bonequinha de porcelana que sempre cultivou.

Conheci Rafael como um garoto. Apaixonei-me e o desejei. Agora ele era um homem. Não havia nada mais de menino nele; nem a forma como beijava, nem como me tocava... E eu sabia que conforme as coisas fossem ficando mais intensas, eu iria me perder mais e mais.

Mas, novamente, tinha atingido um ponto sem volta. Já estava em meio às chamas; só me restaria aceitar o fogo e me jogar dentro dele.

Sem nenhum aviso prévio, Rafael soltou minhas mãos e começou a me carregar naquela posição até as escadas de sua casa. Acreditei que fosse me levar para seu quarto, mas deitou-me sobre o último degrau do primeiro lance, sem dizer nada. Havia uma expressão séria em seu rosto, sombria. Não agiu com delicadeza quando tirou a minha calça jeans, muito menos quando a jogou de lado, arrancando logo em seguida a minha calcinha, descendo alguns degraus, ficando bem abaixo de mim, onde ajoelhou-se e me puxou para si, obrigando-me a deitar-me no chão gelado, levando sua boca à minha intimidade.

Queria me conter. Minha proposta de acabarmos na cama fora perigosa desde o primeiro momento, mas eu poderia jurar que seria uma forma de aliviar

o quanto ele ainda mexia comigo. Jurei que no momento em que o tivesse, ao menos só uma vez, as coisas ficariam mais fáceis. Ledo engano. O primeiro grito que escapou da minha boca, quando ele investiu dentro de mim com a mesma língua que acabara de me beijar com uma paixão enlouquecedora, foi minha ruína.

Perdi completamente a noção de tudo ao meu redor. A única coisa que sentia era Rafael me dando o maior orgasmo que já tive em toda a minha vida, tentando-me com sua boca e com suas mãos que agarravam a carne das minhas coxas e da minha bunda com força, sem me machucar, mas de um jeito que tornava tudo muito mais excitante.

— Rafael! — gritei o nome dele a plenos pulmões, enquanto atingia o clímax, deixando-me tombar, lânguida, no chão.

Ele me concedeu dois minutos de total inconsciência, até que senti seu corpo pairando sobre o meu, e sua boca desenhando uma trilha de beijos pelo meu pescoço e meu colo, abaixando a alça da minha blusa, junto com o sutiã, quase chegando aos meus seios sensíveis, deixando-os expostos. Senti a quentura de sua respiração atingir o bico de um deles, e a ponta de sua língua – que se tornara meu céu e meu inferno naquela noite – tocá-lo muito de leve, quase imperceptivelmente, torturando-me e fazendo-me desejar mais.

Lambendo-o de forma superficial, ele se afastou e veio até a minha boca, beijando-me lentamente como fizera anteriormente, sem me tocar em mais nenhum lugar, mantendo as mãos no degrau, apoiando seu corpo para que não pesasse sobre o meu.

— Quer que eu pare, Borboleta? Podemos fingir que nada aconteceu, e eu te deixo ir embora. É o que você quer? — sussurrou bem baixinho, e só isso já seria suficiente para eu dizer que não; que ele não poderia parar, porque certamente não sobreviveria.

O que era um exagero, claro, mas exatamente como me sentia.

— Não. Não pare.

Então eu me senti sendo erguida do chão pelos braços de Rafael e sendo carregada até ser depositada em uma cama, onde ele tentou tirar minha camisa por inteiro, mas eu o impedi, em um raro lampejo de sanidade.

— Não. Por favor.

— O que foi? — perguntou, preocupado. — Não quer que eu tire a sua blusa?

Balancei a cabeça em negativa e vi seu semblante murchar. Como não queria isso, baixei sua cabeça na direção do seio que Rafael torturou minutos antes com a boca, e ele continuou o que começara, enquanto dava atenção ao outro com os dedos. A mão livre me penetrou, amplificando meu prazer de uma

forma celestial, obrigando-me a arquear o corpo e implorar por mais.

Mas ele me fez suplicar mais de uma vez, e antes que eu pudesse gozar novamente, despiu-se em tempo recorde, saindo de perto e me deixando deitada, retornando com uma camisinha na mão, que ele colocou rapidamente, penetrando-me logo em seguida. Com força. Totalmente diferente das nossas primeiras e únicas vezes. Era como se quisesse tomar posse de mim, me marcar como sua, me aprisionar para sempre.

Rafael investia sem piedade, preenchendo-me por completo e me levando novamente a um orgasmo que me derrubou. Ele também atingiu o seu pouco depois, caindo na cama ao meu lado, tomando o cuidado para não tombar em cima de mim.

Uma sonolência muito bem-vinda começou a me consumir, enquanto a voz dele falava bem baixinho, de longe, alguma coisa que eu não conseguia discernir. Mas o tom carinhoso que assumiu poderia me destruir muito rapidamente, então, era melhor nem conseguir prestar atenção e me entregar a um sono profundo que há muito tempo eu não sentia, nem com a ajuda de remédios.

Tão pesado, aliás, que tive a nítida impressão de que havia dormido por pouco menos de duas horas, mas o sol que batia nas cortinas fechadas do quarto de Rafael anunciava que era manhã.

Levei a mão à cabeça, atordoada, porque simplesmente não dormia uma noite inteira, daquela forma, há muitos anos. Não sem a ajuda de remédios.

E... meu Deus... eu tinha dormido na casa do Rafael! Na cama dele!

Onde estava com a cabeça para sequer aparecer na sua casa, daquele jeito?

Afastando o edredom, deparei-me com a minha blusa intacta. Não fazia ideia se Rafael a tinha afastado ou tirado para ver o que eu queria esconder, mas esperava que não.

Tentando lidar com o sono, ouvi o som do meu celular tocando, dentro da minha bolsa, sobre a mesinha de cabeceira. Não me lembrava de tê-la levado para o quarto, por isso, concluí que, assim como o edredom que me cobria, aquilo também fora obra de Rafael. Ele não conseguia deixar de ser atencioso e extremamente cavalheiro.

Peguei o aparelho e me deparei com o nome de Marcella no visor, então, apressei-me em atender.

— Bom dia — falei, tentando soar o mais simpática possível.

— Oi, Nadine, tudo bem?

Se estava tudo bem?

Deus, pela primeira vez em muitos anos, tudo estava *muito* bem. Pela primeira vez eu sentia como se o mundo tivesse novamente se encontrado, como

se fosse possível ser feliz. Só que essa era uma felicidade à qual não poderia me entregar.

— Sim, e você?

— Tudo ótimo. Estou ligando para te convidar para vir jantar aqui em casa hoje à noite. Se for o caso, você pode trazer o Rafael. Seria uma boa oportunidade de ele estreitar os laços com a minha mãe. Ela ficou bem impressionada... Mas também não é difícil, o cara é um príncipe.

Sim, Marcella definitivamente era muito romântica. Mas eu não poderia culpá-la. Apesar de tudo, aquela era a definição mais perfeita para Rafael.

Eu sabia que seu entusiasmo e a forma como o enaltecia tinham o claro objetivo de me comover e nos aproximar novamente. Se soubesse que eu estava deitada exatamente na cama dele naquele momento...

— Tudo bem, posso falar com ele.

— Ótimo. Às oito, pode ser?

— Claro. Estaremos aí — respondi, mesmo sem falar com Rafael, mas ainda me sentia um pouco atordoada com o convite, pois sabia muito bem o que aconteceria naquele jantar.

Eu encontraria Frank.

Qual seria a minha reação ao vê-lo? Precisava estar pronta e sem fraquejar.

Não podia negar que ter Rafael ao meu lado seria a melhor escolha. Ele ainda me acalmava, apesar dos pesares.

Levantei-me da cama de um pulo e também me deparei com minha calça jeans pendurada na poltrona confortável de couro, próxima à janela. Ele, definitivamente, pensava em tudo.

E também, aparentemente, mantinha algumas de nossas memórias intactas, porque antes que eu pudesse cruzar a porta para sair de seu quarto, encontrei um papelzinho dobrado no chão.

Não precisei nem abri-lo para já me sentir destruída.

Depois de hesitar por alguns instantes, abaixei-me e o peguei, precisando sentar-me na beirada da cama para lê-lo.

"Não sei a que horas você costuma acordar, se ainda vai me encontrar em casa, mas não queria que ficasse sem um bom dia.

Então... bom dia, princesa.

Você pareceu dormir bem, o que me deixa feliz. Quando descer, se eu não estiver mais em casa, fique à vontade. E coma alguma coisa. Tem café na cafeteira. É só esquentar."

IMAGINEI QUE, sendo sete da manhã, ainda o encontraria pela casa, embora não

soubesse a que horas saía para o trabalho. Eu poderia enrolar na cama mais um pouco, fingir que estava dormindo, só para não ter que encará-lo, mas era ridículo, principalmente porque teríamos que nos ver naquela mesma noite.

Então, travei uma batalha com a indecisão sobre deixar ou não o bilhete no chão, como se não o tivesse lido, mas não conseguia ser cruel a este ponto. Talvez fosse simplesmente uma estúpida, mas o guardei no bolso da calça, pegando minha bolsa em seguida, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo, usando um elástico que encontrei dentro dela, e saí do quarto.

Pelos barulhos que ouvi assim que cruzei a porta, logo concluí que não estava sozinha. Seguindo os sons, encontrei Rafael atracado com o saco de areia, sem camisa, uma calça de moletom, bastante concentrado. Uma enorme tatuagem se destacava em suas costas, pegando-as de lado a lado, mas não prestei muita atenção nela, porque desviei o olhar, não querendo assistir àquele espetáculo da natureza.

Pigarreei, interrompendo-o, porque não conseguiria ficar muito tempo ali, observando-o, sem ser levada a mais alguns impulsos de insanidade como o da noite passada.

Ele se virou na minha direção, ao se dar conta de que eu estava ali, e sorriu. De canto. *Sexy*.

Eu não queria seus sorrisos. Não queria que me tratasse como se eu fosse sua namorada ou como se o tempo não tivesse passado. Assim, as coisas ficariam muito mais difíceis.

Rafael colocou-se à minha frente, a uma curta distância, mas sem invadir meu espaço. Sem beijos, sem toques, sem qualquer indício de que não tinha entendido que a noite passada fora apenas... uma noite. Embora não fosse exatamente assim que eu me sentia.

— Bom dia. Outra vez... — falou, ainda sorridente, como se estivesse muito feliz.

Eu poderia entendê-lo, porque também estava. Mas para mim as coisas eram mais complicadas.

— Eu não queria te atrapalhar... só estou de saída.

— Tudo bem. Não quer comer alguma coisa? Quer que eu chame um táxi para você?

Era isso? Ele não iria contestar? Não iria tentar me convencer a ficar mais? Seria... simples?

— Não... Eu só... — Levei a mão à cabeça, um pouco envergonhada por toda a situação. — Marcella acabou de me ligar, me chamando para irmos jantar com a mãe dela hoje à noite. Parece que você causou uma boa impressão na governadora.

— Ela chamou a nós dois?

— Sim... Mas se você não puder ir, eu...

— Nadine... — ele me interrompeu, finalmente sem sorrir. Muito sério, aliás. — Você não vai a esse jantar sozinha. Nem pense nisso. Eu tenho uma luta hoje, às sete, acha que dá tempo?

— Não sei. Marcella marcou às oito...

— Avise a ela que nos atrasaremos uma meia hora. Você pode ir me assistir e de lá vamos juntos. Vai acabar rápido.

Ergui uma sobrancelha, em um lampejo de bom humor. Apesar de tudo, não poderia perder a provocação.

— Você realmente se acha invencível, não é?

Ele deu de ombros com um sorriso travesso.

— As estatísticas não mentem.

Revirei os olhos, quase me sentindo mais relaxada, mas durou apenas um segundo, porque Rafael deu um passo à frente, baixando os olhos na direção dos meus, muito intenso, muito terno, muito solene.

Precisei respirar fundo. Depois da noite anterior, qualquer proximidade já seria capaz de me fazer perder a cabeça.

— Antes de você ir, eu só tenho uma coisa para te dizer. — Ele ergueu a mão, levando-a ao meu rosto, afastando uma mexa de cabelo que escapara do meu rabo de cavalo, e deslizando-a um pouco até minha bochecha, fazendo-me engolir em seco e estremecer. Fiquei apenas em silêncio, esperando-o falar. — O que aconteceu ontem não vai acontecer de novo...

Aquilo me surpreendeu.

— O quê? Sexo? — indaguei quase atordoada.

— Mais ou menos. Não vou levar você de novo para cama até que admita seus sentimentos. Até que *confie* em mim. — Ele tocou na minha blusa. — Pode ficar tranquila que seja lá o que esconde de mim, continua oculto. Nunca violei seus segredos e não começaria agora. Mas saiba que me preocupo. — Rafael suspirou, parecendo admitir algo inevitável. — Eu te amo, Nadine. Isso não mudou com o tempo. Ter você como tive ontem é algo que esperei por todos esses anos, mas você não estava completa. E isso não é justo com nenhum de nós dois. Então, *quando* e *se* estiver pronta algum dia, vamos conversar, eu vou te contar o que aconteceu no passado, e nós vamos fazer tudo do jeito certo. Como tem que ser.

Com isso, ele se inclinou, beijou meus lábios com toda delicadeza, e se afastou, voltando ao seu saco de pancadas, me deixando ali, atordoada, enquanto suas palavras reverberavam no meu cérebro.

Ele ainda me amava...

Como era possível?

Fosse como fosse, eu precisava sair dali o mais rápido possível, antes que meu coração me traísse e eu acabasse dizendo coisas que não queria dizer.



Capítulo 15

Nadine

MINHA CABEÇA GIRAVA DE TANTO QUE eu andava de um lado para o outro em círculos. Já tinha trocado de roupa um milhão de vezes, feito e refeito a maquiagem, só para me manter ocupada. Comecei a me arrumar com três horas de antecedência, só porque a ansiedade me consumia como se eu tivesse sido jogada em uma fogueira.

Muitos fatores naquela noite contribuíam para deixar o meu emocional em frangalhos. Um deles – o principal, obviamente – era a ideia de me encontrar com Frank depois de todos aqueles anos. Eu não fazia ideia de como iria reagir; se conseguiria controlar minha vontade de pular sobre ele com uma faca e apunhalá-lo desesperadamente por cada ano que roubou da minha vida.

O segundo motivo... Bem, este era um pouco mais infundado, mas, ainda assim, não deixava de mexer com meus nervos.

Rafael estava indo me buscar para me levar à sua luta. Na verdade, de acordo com a última mensagem que me mandou iria chegar em pouco mais de dez minutos, e eu contava cada um como se fosse o tempo restante até a explosão de uma bomba.

Quando planejei nosso encontro na festa de aniversário de Marcella, duas semanas atrás, nunca pensei que as coisas entre nós atingiriam aquele estágio tão rápido. Não pensei que acabaríamos na cama, não pensei que dormiria uma noite inteira ao seu lado. Nunca sequer imaginei que iria assistir a uma de suas lutas, muito menos que ficaria esperando que surgisse para me buscar em casa, como uma namoradinha, e que me sentiria como uma boba por querer tanto estar bonita para ele.

Eu não fazia sequer ideia de como me vestir, uma vez que compareceríamos a dois eventos completamente diferentes. Então, optei por uma calça black jeans,

uma blusa de seda azul, que combinava com o tom dos meus olhos, um sapato com um salto não tão alto e uma bolsa simples. Peguei um blazer também preto, só para o caso de esfriar, mas ainda não me sentia bem comigo mesma.

Na verdade, eu *nunca* me sentia bem comigo mesma. Não me ajustava naquele mundo que ainda me era desconhecido. Por mais que o tempo passasse, por mais que me esforçasse, a vida, as pessoas, a realidade... *tudo* ainda era uma incógnita.

O interfone tocou três minutos antes do horário combinado. Precisei respirar fundo antes de atender à campainha, pelo simples fato de que ninguém jamais me buscara em casa para me levar para sair. Tudo bem que não se tratava de um encontro, mas me senti apreensiva do mesmo jeito.

Quando abri a porta, deparei-me com Rafael, vestido em uma camiseta simples preta, de meia manga, com o braço musculoso apoiado no batente. Ele era praticamente do tamanho da entrada da minha casa, e isso teria me feito rir se não estivesse tão nervosa.

Estava com a cabeça baixa, enquanto aguardava, mas assim que apareci, ele ergueu os olhos na minha direção, abrindo um sorriso daqueles que só ele sabia dar.

Ele tinha sempre sido assim tão sexy, ou eu estava ficando ainda mais louca?

— Você está linda — ele comentou, sempre gentil. Mas não era só isso. Não era apenas seu cavalheirismo que falava naquele momento. Seus olhos demonstravam o quanto ele realmente estava encantado em me ver.

— Obrigada... — respondi um pouco sem jeito, mas esforcei-me para abrir um sorriso despreocupado. Estava cada vez mais difícil manter-me imune a ele, e eu sabia que depois da noite passada seria quase impossível, mas ainda precisava tentar. — Acha que vão me expulsar da sua luta por estar vestida assim? De salto e tudo o mais? Se não tivéssemos o jantar na casa da Fátima depois eu colocaria um tênis e...

— Dine... — ele chamou, interrompendo-me e colocando a mão no meu braço de uma forma tão delicada que o toque me proporcionou um conforto imediato, como se tudo fosse ficar bem só porque Rafael estava comigo. — Quem tem que se preocupar com isso sou eu — falou em um tom de brincadeira.

— Não entendi.

Ele sorriu novamente. Enviesado, como um menino malicioso cometendo uma travessura.

— Porque vai ser muito fácil eu me desconcentrar na luta pensando em você, linda desse jeito, na arquibancada. Minha intenção é ter que brigar com um único cara hoje, não com mais de cem.

Rafael estava jogando sujo. Mais sujo do que eu, na verdade. E o problema era que sabia que acabaria me perdendo muito fácil, porque já nutria sentimentos por ele.

Então, tocada por seu comentário, não tive nem condições de responder, apenas me virei de costas, pegando minha bolsa, colocando-a no ombro e saindo de casa, com ele em meu encalço.

Entrei em seu carro, e Rafael começou a dirigir. Primeiro um silêncio se formou no ambiente claustrofóbico, e eu me senti inquieta. Então, senti a necessidade de puxar conversa antes que acabasse sufocando ali dentro.

— Por que voltou a lutar?

— Você já me perguntou isso... — respondeu, novamente sorrindo, mas sem me encarar, apenas com os olhos voltados para a rua à nossa frente.

— E você não respondeu.

— Depois eu que sou o insistente — assumiu um tom brincalhão.

— Você não é obrigado a responder se não quiser. Só estou curiosa.

Rafael lançou um olhar para mim, de soslaio, mas seu sorriso tinha desaparecido. Eu sabia muito bem que ele nunca gostara das lutas, que elas eram apenas um meio para sua sobrevivência – e depois uma forma de me proteger –, mas não havia mais necessidade de se submeter a algo que não lhe fazia bem, por isso minha vontade de descobrir.

— Talvez você não goste da minha resposta — ele afirmou com veemência, desviando os olhos dos meus novamente, mas com o cenho franzido.

— Eu não tenho que gostar. Não estou pedindo que me dê um conto de fadas; quero que me fale a verdade — não queria soar grosseira, então, fiz o meu melhor para que minha voz soasse gentil, e ele entendesse que não tinha nenhuma intenção de lhe dar um fora.

Se Rafael compreendeu, não sei, mas ele respirou fundo, ainda sem dizer nada e manteve a mesma expressão sisuda. No primeiro sinal vermelho que pegamos, ele parou e se recostou no banco. O carro era espaçoso e bem alto, como não poderia ser diferente para um homem daquele tamanho. Senti a tensão em cada um dos seus músculos, especialmente pela forma como seu punho se fechou sobre a calça jeans, então, esperei que estivesse pronto para falar.

— Para eu te dar a resposta completa, vou ter que falar coisas que você já disse que não quer ouvir. Mas de forma resumida, continuo lutando, porque é uma forma de me sentir vivo desde que você saiu da minha vida. Cada golpe dói muito menos do que pensar naquele dia em que te encontrei destruída e não pude fazer nada para te ajudar.

Abaixei a cabeça, porque aquela era uma resposta que eu não esperava. De verdade. Só que Rafael nem me deu a chance de analisá-la com calma, porque

emendou mais algumas palavras:

— Estou respeitando sua decisão de não querer conversar sobre nossa separação, ao menos por enquanto. Só que vamos ter que falar sobre isso, Nadine. Preciso te contar a minha versão dos fatos, e aí você vai poder escolher acreditar em mim ou em um homem que desgraçou a sua vida inteira.

Eu não fazia ideia do porquê de ele insistir naquela história. Não era em Frank que decidi acreditar, mas nele mesmo. Na carta que me deixou... Eu reconhecia sua letra e as informações que nenhuma outra pessoa poderia ter além de nós. Ouvi-lo contar alguma mentira ou tentar justificar o que já estava mais do que explicado iria me destruir. Porque o fato de Rafael ter ido embora sem mim e me abandonado, mesmo depois de termos firmado um laço forte, eu até poderia aceitar e perdoar. Apesar de magoada, nunca duvidei de seu caráter. Porém, se essa imagem fosse destruída aos meus olhos, eu seria igualmente afetada.

O assunto ficou pesado, e o silêncio acabou imperando até que Rafael parou subitamente de frente para uma lanchonete *fast food*.

— Você se incomoda de esperar alguns minutos aqui? — indagou, desafivelando o cinto de segurança e desligando o motor.

— Não, tudo bem.

Sorrindo, ele saltou, caminhando na direção do estabelecimento, entrando lá e desaparecendo do meu campo de visão.

Aguardei pacientemente, achando um pouco estranha sua atitude. Convivi com ele por três anos e, se bem me lembrava, Rafael sempre preferira comer coisas leves antes de suas lutas. Ainda assim, não fiquei pensando muito nisso, mas, sim, no que tínhamos conversado sobre as versões de uma mesma história, em culpados e em um tempo que tinha terminado, felizmente. Só que dali a algumas horas, todas essas lembranças seriam trazidas à tona quando eu me deparasse com o rosto do homem que participava ativamente de todos os meus pesadelos.

Perdida em pensamentos, nem vi o tempo passar até que Rafael retornou, segurando seu lanche em uma embalagem para viagem.

Entrou no carro, deixando o pacote sobre painel, na altura do porta-luvas, e eu precisei prender o ar quando ele se inclinou na minha direção para fazer isso, ficando a pouquíssimos centímetros de distância.

Se já estava difícil conter minha atração e meus sentimentos por ele enquanto se mantinha distante, com aquela proximidade, eu acabaria passando mal ali dentro, especialmente quando virou seu rosto para o meu, deixando nossas bocas muito, muito próximas. A forma como baixou os olhos em direção à minha, cheio de promessas, me fez estremecer e ter a certeza de que ele já

tinha percebido o quanto mexia comigo e estava usando isso contra mim.

Nunca pensei que Rafael tivesse uma veia vingativa naquele coração tão altruísta.

Só que ele nem sequer me tocou, apenas empertigou-se no banco, dando a partida e recomeçando a dirigir.

— Você não costumava comer antes das lutas... — comentei, novamente só para puxar papo e quebrar o silêncio.

— Ah, não é para mim...

— Não? — indaguei confusa, mas ele apenas balançou a cabeça em negativa, sem dar maiores explicações, então, eu também não as pedi.

O carro foi deixado em um estacionamento pago, e nós tivemos que andar até o local onde Rafael lutaria. Não era um caminho longo, mas o percorremos em silêncio, até que chegamos aos fundos de um galpão. Ao invés de entrarmos, ele se dirigiu a um senhor maltrapilho, que estava sentado sobre um pedaço de papelão – um morador de rua.

Não precisei de muito esforço para entender para quem seria aquele lanche que ele comprou.

— Ei, Zé! — Rafael saudou, e o homem abriu um sorriso enorme ao vê-lo. Havia um vira-lata ao seu lado, mais bem tratado do que o seu dono, e o bichinho também se empertigou, abanando o rabo ao vê-lo.

— Fala, Rafa! Vai lutar hoje? — O homem estendeu a mão para Rafael, que bateu nela, em um cumprimento masculino. Em seguida, afagou a cabeça do cachorro que se eriçou ainda mais para ele.

— Vou. Mas não vou poder passar aqui depois para te contar como foi. Vai ter que confiar que vou vencer mais uma — respondeu, entregando o lanche ao homem.

— E você perde alguma vez? — o homem falou animado, e o cachorrinho veio na minha direção, cheirando a minha perna. Era tão fofinho que eu não resisti em me abaixar e lhe fazer festinha também. — Ah, já entendi por que não vai poder vir falar comigo. Você tá muito bem acompanhado.

Ergui meu rosto em direção ao senhor e sorri para ele.

— Estava demorando para aparecer aqui com uma garota. E caprichou, hein — ele falou com tanto entusiasmo que eu podia jurar que cheguei a corar.

— Obrigada. O senhor é muito gentil — disse, com um sorriso sincero.

— Esta é a Nadine, Zé. Uma *velha amiga*... — Rafael olhou para mim ao dizer isso, dando uma entonação muito peculiar, fazendo-me entender que tinha escolhido exatamente o mesmo termo que usei para me referir à nossa ligação. Pela expressão levemente provocadora que se desenhava em seu rosto bonito, tive a prova de que estava mesmo propondo uma revanche.

— Idiota. Eu nunca seria amigo de uma garota bonita como essa.

Não pude conter uma risada, e Rafael voltou-se novamente para mim, só que de uma forma completamente diferente. Havia um brilho em seus olhos, como se ele tivesse gostado de me ouvir e me ver um pouco menos melancólica.

— Zé, hoje vai ser rápido, tudo bem? Estamos com pressa. Espero que esteja gostoso, é o seu favorito. E guarda um pouco da carne para o Geraldo. — Rafael apontou para o cachorro. — Você sabe que ele não gosta de pão.

Com isso, estendeu a mão para mim, para que eu me levantasse – sempre cavalheiro –, porque eu continuava afagando o cachorro carinhoso, agachada, apaixonada pela forma como ele pulava em mim.

Despedi-me dos dois com entusiasmo, enquanto era conduzida por Rafael a entrar no galpão.

— Seus amigos são muito simpáticos — comentei, enquanto avançávamos por um corredor, depois de ele cumprimentar um segurança bem grandão na porta.

— Zé tem uma história de vida bem difícil, muito parecida com a do meu pai. Só que, além da esposa, perdeu os dois filhos em um acidente, onde só ele sobreviveu. Acabou se acabando em bebida e drogas, perdeu tudo... e.. Bem, o resto você pode imaginar.

— Pobrezinho — lamentei e esforcei-me para não chorar. Também tentei me conter em fazer um comentário que estava preso em minha garganta, mas, por mais que ainda houvesse uma mágoa dentro de mim, não podia deixar de dizer o quanto Rafael tinha um bom coração. — Mas acho que Zé encontrou o herói dele.

Rafael deu de ombros, parando de frente para uma porta.

— Já fui eu no lugar dele, Dine. Algumas boas pessoas me ajudaram, e eu me sinto na obrigação de fazer o mesmo. — Eu ia dizer alguma coisa, mas logo entendi que ele não estava muito a fim de ser enaltecido. — Entra comigo? É o meu vestiário.

— Eu não posso entrar em um vestiário com você! — exclamei, indignada. Rafael sorriu.

— É só meu — explicou, tirando uma chave do bolso. — Ninguém entra aqui.

— Mesmo assim... eu...

— Eu não vou te agarrar, Nadine. — O sorriso de Rafael se ampliou com a brincadeira. — Só não quero que fique aqui sozinha. Não são muitas as mulheres que vêm aqui assistir às lutas, e, definitivamente, você não passaria despercebida.

Não era o meu cenário favorito, mas ele tinha razão. Seria melhor entrar

com ele do que ficar ali fora. Então, assenti e esperei que abrisse a porta para que entrássemos.

— Só vou trocar de roupa. Não demoro — anunciou, apontando para uma única cadeira no canto do pequeno cômodo, onde me sentei. Ele abriu o armário de ferro, tirando de lá apenas um short de tãctel, fazendo-me concluir que lutava sem camisa.

Então, entrou em um espaço ainda menor, que julguei ser o banheiro. Demorou poucos segundos e, quando voltou, ainda usava a blusa preta de malha e carregava o jeans nas mãos, guardando-o no armário.

Em seguida, virou-se de costas para mim e tirou a camisa, exibindo não apenas seus músculos indecentes, mas também a tatuagem que eu não consegui ver naquela manhã.

Mas quando a vi...

Meu coração simplesmente parou.

Lá estava o desenho que ele sempre quis fazer – o corvo, como era seu apelido nos ringues. Era grande, majestoso, e suas asas enormes, abertas, pegavam as costas de Rafael de um ombro ao outro. Estava em uma posição de pouso, com o corpo levemente inclinado para frente e uma expressão ameaçadora.

Até aí tudo bem. Como ele sempre quisera esconder a cicatriz que possuía, eu já deveria imaginar que teria feito o desenho que desejava. O problema era que seu corvo não estava sozinho. Uma borboleta azul, muito delicada, bem menor, o sobrevoava, como se o acompanhasse aonde quer que ele fosse.

Precisei levar a mão ao peito e cheguei a me levantar da cadeira de supetão, deixando minha bolsa cair no chão.

Rafael virou-se para mim imediatamente, assustado.

— Você está bem? — indagou com um semblante preocupado, e eu me esforcei para respirar bem fundo, porque não queria que ele lesse qualquer coisa em meus olhos.

— Sim... estou. — Apressei-me em buscar uma explicação para meu rompante. — Acho que é o nervosismo para o que vamos ter que fazer depois.

Rafael aproximou-se de mim, já vestindo um roupão por cima do peito nu, colocando as mãos nos meus braços com toda a sua gentileza.

— A gente não precisa fazer isso. Depois da luta eu posso te levar para casa e tudo bem.

— Não posso. Frank precisa ser interceptado antes que faça mal a mais alguém — afirmei com convicção. Aquela era a única certeza da minha vida.

— Mas a gente pode ir à polícia, encontrar outra forma... Alguma que não te coloque em risco. Ou eu posso tentar fazer alguma coisa sozinho...

— Não! — exclamei com um tom de voz firme. — Não vou recuar, Rafael. Vou fazer isso com ou sem você.

Ele suspirou bem baixinho, resignado.

— Então vai ser comigo, porque não vou te deixar sozinha.

Os olhos dele, fixos nos meus, transmitindo tanta confiança, novamente me desarmaram, mas eu consegui me manter firme, agradecendo pelo momento em que saímos daquele espaço pequeno, onde eu já começava a me sentir claustrofóbica, já que a presença de Rafael parecia tomar tudo para si. Cada centímetro do lugar. E de *mim*.

Ele me levou até uma área que poderia ser considerada VIP e me deixou sob os cuidados de um dos seguranças que vigiavam a luta, levando mesmo a sério a história de que precisava me proteger a todo custo dos marmanjos presentes.

Fiquei observando-o enquanto tirava o roupão, revelando novamente a tatuagem tão significativa. Mais até do que ele poderia imaginar.

Depois disso, tudo durou muito pouco tempo. Ou bem menos do que eu imaginava que duraria.

Rafael voltara para o porão onde morávamos todo machucado apenas em uma noite, quando cuidei dele e começamos a nos aproximar; depois disso, nunca mais apareceu com qualquer ferimento que indicasse que tinha levado mais do que um único soco. Não importava com quem lutasse, ele era realmente invencível. Naquela noite não foi diferente.

Foi um pouco atordoante testemunhar seu desempenho no ringue, a forma como se mantinha sério, ameaçador, permitindo ser atingido primeiro e partindo para o ataque logo depois. Implacável, preciso, selvagem. Totalmente diferente do homem gentil que eu sabia que era. Como já tinha me dito várias vezes, ali ele era o Corvo. E era este o nome que a plateia gritava ensandecida.

Também não pude deixar de perceber que ele poderia ter feito um estrago muito maior no adversário, se quisesse. Só que esta não era a sua intenção. Machucar os outros não fazia parte da índole de Rafael; exatamente por isso ficava tão difícil acreditar que seria capaz de ferir a mim – a mulher que ele amara e que dizia ainda amar.

A vitória de Rafael foi celebrada, e ele rapidamente olhou para mim, encontrando-me sorrindo e batendo palmas, sem nem perceber o que fazia. Ele merecia, afinal.

Deixou-me ainda sob os cuidados do segurança, enquanto trocava de roupa, alegando que seria um pouco mais demorado porque teria que tomar um banho, e eu fiquei conversando com o homem, que era bem agradável e simpático. Quando Rafael voltou, tive toda a certeza de que estava se esforçando muito

mais para bagunçar a minha cabeça do que se esforçara naquele ringue.

Cabelos molhados, em um penteado espetado, blusa social preta e um blazer da mesma cor, uma calça jeans que caía perfeitamente em suas pernas torneadas, cheirando maravilhosamente bem.

Deus, como ele era bonito...

— Estou pronto. Obrigado por cuidar desta moça, Alvares. Fico te devendo essa... — Rafael deu alguns tapinhas no ombro do segurança, que sorriu abertamente para ele.

— Relaxa, Rafa. Foi um prazer — respondeu com sinceridade, demonstrando que todas as pessoas daquele lugar pareciam adorá-lo. Aliás, todo mundo tinha um respeito e uma admiração incríveis por ele.

Eu também... Não podia negar, embora fosse um pouco difícil de admitir depois de tudo pelo que passei.

Com um meneio de cabeça, Rafael se afastou, levando-me com ele. Por cima do ombro, virou-se para acenar para Zé, que retribuiu, e eu fiz o mesmo. Não pude deixar de estremecer quando sua mão entrelaçou-se à minha, conforme andávamos na direção do estacionamento. E eu deixei. Simplesmente porque parecia... certo. Como se nenhuma outra mão se encaixasse na minha com mais perfeição.

— Nunca pensei que você gostasse de cachorros — Rafael comentou, e eu agradeci por isso, porque novamente ficar em silêncio não era uma opção que me agradasse.

— Claro que gosto. Muito, aliás. Nunca pude ter um, mas sempre quis.

Rafael balançou a cabeça, pensativo, mas ficou em silêncio novamente, e foi minha vez de dizer alguma coisa.

— Você não pega seus pagamentos pelas lutas?

— Não. Tem uma pessoa que cuida disso para mim lá dentro. Este dinheiro não vem para a minha conta.

— Por que não?

— Porque eu não quero. Como disse, as lutas são uma necessidade, mas não são motivo de orgulho. Então, faço algo de útil com a grana que recebo.

— Você doa? — indaguei, embora fosse muito óbvio.

— Cada centavo.

Era difícil não ficar comovida com aquele tipo de coisa, porém, para a minha sorte, chegamos à garagem, onde Rafael efetuou o pagamento pela vaga, entramos no carro e partimos.

A cada segundo que passava, eu começava a me sentir mais e mais nervosa. Estava prestes a me encontrar com Frank, o homem que arruinou a minha vida, que destruiu meus sonhos e me tornou a metade da pessoa que eu gostaria de ser.

O monstro que corrompeu minha infância, minha juventude... Que me tirou o direito de viver.

Enquanto refletia sobre isso, a mão cálida de Rafael se fechou sobre a minha, pegando-a e levando-a aos lábios.

— Se quiser desistir...

— Não. Não quero — falei com um tom de voz suave, porque não queria parecer impaciente. Não com ele. Meu problema era outro. Naquele momento, Rafael era a solução. — Estou nervosa, mas preciso enfrentar.

— Estou com você, Borboleta. Não vou deixar que ele te faça mal — prometeu em meio a outro beijo na minha mão, aproveitando que estávamos parados em um sinal. — Só preciso que confie em mim. Assim que nos vir juntos, vai começar a fazer de tudo para nos enfraquecer. Cabe a você escolher no que vai acreditar.

Sim, ele estava certo. Eu precisava confiar não apenas em Rafael, mas que as coisas dariam certo, porque o que iríamos fazer era uma questão de justiça. Estava na hora de aquele homem pagar por tudo o que fez conosco. Com a minha mãe. Com Johnny. E provavelmente com muitas outras pessoas que não fazíamos ideia de quem eram.

Balancei a cabeça, então, em resposta, e Rafael seguiu assim que o sinal abriu, guiando-nos ao que poderia ser a noite mais decisiva de nossas vidas.

Quando chegamos ao endereço que me foi informado, fomos anunciados no condomínio e entramos, estacionando e saltando, sendo recebidos por Marcella, que parecia muito satisfeita com a nossa presença.

Recebeu-me com dois beijinhos entusiasmados, e eu tentei retribuir da mesma forma, embora estivesse muito nervosa; o que não passou despercebido por ela.

— Nossa, você está gelada. Estão vindo do Polo Norte? — brincou, enquanto se colocava na ponta do pé para também cumprimentar Rafael do mesmo jeito. — Oi, Capitão América! Que bom que você veio.

— Esse apelido é novo...

— Bem, você faz caridade, é todo heroico e ainda tem esse tamanho. Acho que posso te chamar assim, não posso?

— Sem problemas. — Rafael encolheu os ombros, com as mãos nos bolsos, e Marcella sorriu.

— Vamos entrar? Minha mãe já está esperando.

— Tem mais alguém além de vocês duas? — perguntei em um impulso, odiando a mim mesma por ser tão descuidada.

— Por enquanto, sim. Frank ainda não chegou. Pelo que disse vai trazer dois amigos. Como sempre — ela falou, revirando os olhos, contrariada.

Lancei um olhar a Rafael e novamente senti a mão dele pegar a minha, transmitindo-me força, enquanto avançávamos pela enorme casa de Fátima e a encontrávamos sentada à sala de estar.

Usava óculos de grau, enquanto lia alguma coisa à qual não prestei atenção, e assim que percebeu nossa presença, retirou-os, começando a se levantar com dificuldade. Obviamente Rafael foi ao seu auxílio, como era de praxe.

— Você nunca me decepçiona, rapaz. — Ela o cumprimentou, dando-lhe um beijo no rosto.

— Fico feliz em saber, senhora — Rafael respondeu, sempre respeitoso, e eu não pude deixar de sorrir ao olhar para ele.

— Bom tê-lo aqui conosco. — Ela estendeu a mão na minha direção, enquanto falava com ele, chamando-me para que eu me aproximasse. — Melhor ainda saber que é tão amigo de Nadine. Ela me falou que se conhecem desde muito jovens. E se você é amigo desta moça adorável, é meu também. — Fátima também me deu dois beijinhos e convidou-nos a sentar à sua frente, em um sofá um pouco menor do que aquele onde ela mesma estava acomodada e onde Marcella também se colocou.

O fato de Frank não estar ali não amenizava em nada a minha apreensão pelo que ainda poderia acontecer naquela noite. Então, quando uma moça surgiu com taças de vinho, eu me apressei em pegar uma e dar uma boa golada, sob o olhar vigilante de Rafael.

— Saiba, Nadine, que estou muito feliz em saber que você e Marcella estão começando a desenvolver uma amizade. Espero que ela dê frutos.

— Estou feliz também, Fátima. Você sabe que eu não conheço muitas pessoas aqui no Brasil, então, é sempre bom fazer novos amigos. — Com um gracejo, voltei-me para Rafael. Cada um dos meus movimentos era ensaiado. Só esperava não soar muito falsa. — E é sempre bom, também, ter os antigos por perto.

Rafael novamente me olhou muito sério, e foi ainda com essa expressão que fez um meneio de cabeça, mas eu sabia muito bem que estava apenas tentando entrar na minha encenação, embora não fosse muito bom com mentiras ou falsidades.

— E como vai o livro novo, querida? O último foi impressionante. Não consegui parar de ler até chegar à última página.

Por mais que não estivesse voltada em sua direção, podia sentir o peso do olhar de Rafael sobre mim de forma muito súbita. Ele, obviamente, estava surpreso com mais aquela revelação, como acontecera na festa, quando ouvira sobre meu casamento.

— Confesso que está parado desde a mudança, mas pretendo retomá-lo em

breve. Tenho um prazo a cumprir.

— É uma boa forma de eu treinar meu inglês. Não pensa em publicá-los no Brasil? Mesmo com o pseudônimo?

— Ainda não sei. Teria que falar com meu agente.

— É o mesmo de Hélio?

— É, sim... — respondi um pouco incomodada com os rumos que a conversa estava tomando. Por algum motivo, não queria que o nome do meu falecido marido entrasse em pauta. Não perto de Rafael, embora ele não tivesse nada a ver com isso.

— Sempre que conversávamos sobre sua carreira, Hélio me dizia que ele é competentíssimo.

Olhei para Rafael de soslaio e vi que tomava um gole generoso de seu vinho, enquanto se remexia sobre o sofá, cruzando as pernas longas e respirando fundo.

Continuamos conversando sobre meu livro, e eu falei um pouco sobre o enredo, tendo a atenção de todos ao meu redor.

— Você é sempre muito criativa — Fátima comentou. — Gosto de todos eles, mas o seu primeiro, sem dúvidas, foi incrível. A história daquela menina me comoveu. Tantos anos presa por um padrasto em um porão por ganância, ter a mãe assassinada e, ainda, depois passar por todas as provas que ela passou...

— É a ficção... — apressei-me em interrompê-la antes que falasse mais do que deveria. Ainda não queria que Rafael soubesse tudo o que tinha acontecido depois que ele saíra do porão, porque temia que isso colocasse nossa vingança em risco. — Podemos criar histórias bem absurdas, você não acha?

— Não acho tão absurda. Há tantos loucos por aí... Acho que, pelo que ouvi, é uma história mais real do que poderíamos imaginar — Rafael comentou, em um tom quase malicioso, e eu me virei para ele, indignada.

O que estava tentando fazer?

Para a nossa sorte, a criada chegou segundos depois dessa intervenção e pediu que Fátima a acompanhasse até a cozinha para decidir algum detalhe do jantar.

— Vou também, mãe — Marcella anunciou, levantando-se e ajudando a mãe, embora Rafael já tivesse se prontificado, ao meu lado. Então, antes de conduzir Fátima, voltou-se para mim. — Eu que fiz o tiramisù, espero que gostem. Vou aproveitar a deixa e dar uma olhada nele.

Assim que fomos deixados sozinhos, Rafael pousou sua taça sobre a mesa de vidro à nossa frente e voltou-se para mim, sem perder tempo:

— Quantas coisas mais vou descobrir sobre você antes que termine o mês?

Escritora?

— Foi uma consequência... — tentei começar a responder, mas ele parecia um pouco agitado e logo me interrompeu:

— Claro; influência do seu marido, não? — falou com certo desdém. — O que mais ele fez por você? Te levou para viajar pela Europa inteira, aparentemente. Você, pelo menos, o amava?

— Eu não tenho que responder a esse tipo de coisa.

Rafael se remexeu mais uma vez, erguendo as costas e assumindo uma postura tensa, embora eu pudesse jurar que não era a sua intenção. Mantive-me firme, com o semblante impassível.

— Não, não tem, mas já que somos *velhos amigos* — outra vez ele cuspiu as palavras como se fossem muito amargas —, acho que posso querer saber sobre a sua felicidade. Vamos, Nadine, você o amava?

— Está insinuando que eu me casei por interesse? — também respondi com ressentimento. — Hélio me salvou, Rafael... se não fosse por ele, eu...

Fui subitamente interrompida, mais uma vez. Porém, não por Rafael daquela vez. Mas por outra voz. Uma que vivia nas minhas lembranças mais sombrias. Nos meus pesadelos mais aterrorizantes.

— Boa noite, boa noite! Eu não sabia que receberíamos visitas, senão teria chegado mais cedo, e...

Levantei-me bem devagar, sendo seguida por Rafael, que se mantinha ao meu lado, firme, como um guardião. Sabia que deveria ser difícil também para ele, mas precisávamos nos controlar.

Quando, porém, olhei nos olhos do homem que eu odiava com todas as minhas forças, senti um pequeno lampejo de felicidade ao perceber que estava surpreso. Mortificado.

Um a zero para mim. Mas aquele jogo só estava começando.



Capítulo 16

Nadine

EU NUNCA PENSEI QUE SERIA FÁCIL.

Por mais que tivesse me preparado para aquele momento durante todos os últimos anos, eu sabia que assim que meus olhos recaíssem sobre aquela figura odiosa, minha determinação iria vacilar. Só que eu não esperava que meu coração começaria a bater dentro do peito de forma descontrolada e que todo o meu ar ficaria preso no pulmão ao ponto de me deixar zozna.

Como se imaginasse que eu precisava de um apoio, Rafael passou o braço ao redor da minha cintura – sem se importar que estivéssemos discutindo pouco antes –, praticamente anunciando que estava ali, que não me deixaria sozinha.

Deus... eu só podia agradecer por tê-lo por perto.

Exatamente como Marcella dissera, Frank não vinha sozinho. Trazia consigo outra pessoa. Alguém que eu conhecia. Alguém, aliás, a quem eu devia muito. Minha liberdade. Só que, infelizmente, tratava-se de uma pessoa que não tinha nada de heroica e em quem eu jamais poderia confiar plenamente. Um dos capangas do meu tio que não tinha escrúpulos e nem lealdade para seu contratante.

O sorriso que este homem abriu ao me ver provocou em mim quase o mesmo calafrio que a presença de Frank. Ele, obviamente, tinha me reconhecido.

Antes que qualquer um de nós pudesse falar, a voz de Fátima soou ao nosso redor, ainda muito entusiasmada, completamente alheia ao terremoto que acontecia bem na sala de sua casa.

— Ah, querido! Que bom que chegou. Estava ansiosa para te apresentar meus amigos.

Foi se aproximando de nós, mas eu mal conseguia olhar para ela, pois estava mais do que focada em cada um dos movimentos de Frank. Ele ainda

parecia desconsertado, mas rapidamente abriu um sorriso – um daqueles debochados e odiosos – estendendo o braço para sua amante, que o beijou muito discretamente.

Apresentar... Eu conhecia aquele filho da puta muito bem.

— São amigos de Marcella?

Cínico! Como ele tinha coragem de agir daquela forma, como se nada estivesse acontecendo?

Senti meu corpo estremecer, e Rafael estreitou o braço um pouco mais ao meu redor.

— Também. Mas esta é Nadine Flausino, ela foi esposa do meu amigo, Hélio. Já te falei dele.

Frank inclinou a cabeça ao olhar para mim.

— Nadine Flausino? Você é bem jovem. Não pode ter nem trinta anos. Imaginei que fosse mais velha, já que Hélio devia ser pouco mais novo do que eu — ele comentou, deixando Fátima embaraçada.

— Diferença de idade não significa nada. Eles eram bem apaixonados.

Rafael se remexeu ao meu lado, e eu imediatamente lamentei que tivesse que ouvir aquele tipo de coisa. Não importava o quanto de mágoa ainda restasse em meu coração em relação a ele, jamais teria a intenção de feri-lo tão profundamente. Ainda assim, mesmo atingido pelas palavras, ele não me soltou.

Toda aquela situação estava me deixando completamente zonza. Por muito tempo, depois que fiquei sabendo sobre o relacionamento de Fátima e Frank, cheguei a acreditar que ele havia descoberto sobre meu casamento e escolhido uma pessoa próxima ao meu marido para se relacionar só para chegar até mim. No entanto, comecei a entender que se tratava apenas de uma coincidência. Ou, talvez, nem pudesse ser chamado assim, já que Hélio conhecia muita gente, principalmente da política, pois o pai dele fora envolvido naquele mundo, embora ele não tivesse querido seguir o mesmo caminho. Quando compreendi que sua aproximação da – na época – candidata a governadora não tinha nada a ver comigo, passei a acreditar que tudo se tratava de um presente do destino. Algo que me fora dado de bandeja.

Agora, diante dele, começava a me perguntar se não teria sido uma ideia muito melhor continuar longe, em outro país, afastada daquela história, tentando viver minha vida sem a influência cruel de Frank.

Só que no mesmo instante em que o pensamento invadiu minha mente, foi repellido. Podia ser uma idiotice da minha parte, mas sem a história de vingança, eu nunca teria reencontrado Rafael. E por mais que eu não quisesse admitir, ele ainda era importante para mim.

Depois das provas de animosidade, Frank deu alguns passos à frente,

estendendo a mão na minha direção, esperando que o cumprimentássemos. Só que eu não queria sequer tocá-lo. Tanto que hesitei, ainda muito séria, mas novamente Rafael veio em meu auxílio, apertando a mão de Frank, com uma ameaçadora expressão de poucos amigos.

— Sou Rafael. Amigo da Nadine — ele anunciou, com um tom de voz grave, profundo, que deixava bem clara uma nota de ameaça.

— É um prazer, Rafael — Frank afirmou. Apesar de tentar parecer seguro, ele não tirava os olhos de nós, com uma expressão desconfiada.

— Este é um dos rapazes da festa de Marcella, querido. Foi quem pegou o atirador. Aliás, não sei se sabem, mas recebemos a notícia de que ele era afiliado ao partido concorrente ao meu. Ainda não acharam conexões com meu adversário, mas a polícia está investigando.

Apesar da informação relevante, nossa resposta foi um silêncio sepulcral. Não era possível que Fátima não reparasse que algo não estava certo.

— Querida, acho que já podemos começar a jantar — Frank anunciou, desviando o olhar de nós e focando-o em Fátima.

— Mas e o seu outro amigo?

— Vai se atrasar um pouco, porque está resolvendo algumas coisas para mim.

— Tudo bem. Vou avisar à Glória que pode colocar a mesa.

Assim que Fátima se afastou, Frank deu um passo na minha direção. Foi questão de uma fração de segundo para que Rafael fizesse o mesmo, colocando-se na minha frente, encarando-o como se estivessem em uma luta de UFC.

— Cuidado, Frank — Rafael falou bem baixo, de forma ainda mais intimidadora, se é que era possível. — Acho melhor você ficar bem longe dela.

— Estou muito curioso, mas quase emocionado também. — Ele ignorou o aviso de Rafael. — Os dois pombinhos juntos outra vez? O lindo casal que *eu* juntei? — Frank fez uma pausa, mas tão curta que mal tive tempo de lhe responder. — É quase um déjà vú ver o cavaleiro devotado defendendo sua princesa. É realmente uma cena que me comove.

Sua petulância começou a me irritar e indignar de tal forma, que eu decidi que precisava me recompor e deixá-lo também desestabilizado.

— O prazer é todo nosso em te rever, Frank — falei, com um sorriso malicioso no rosto. — Que coincidência, você não acha? — tentei usar de todo o meu autocontrole para que minha voz soasse firme. Consegui, porque meu querido tio ergueu uma sobrancelha, surpreso.

— Vocês armaram tudo isso, não foi? Mas não importa o que tenham em mente, não vão conseguir me atingir. Não vão conseguir estragar o que eu conquistei.

— Você me parece nervoso, *tio* — novamente usei de desdém. — Pensei que nosso reencontro de família seria mais emocionante. Afinal, faz cinco anos.

— Eu pensei que você estava morta.

— Era o que você queria, não? — Meu sorriso se ampliou. Eu estava um caos por dentro, mas consegui me controlar ao máximo para me manter firme. — Só que, infelizmente, eu voltei. E vou ser o seu maior pesadelo a partir de agora.

Frank fechou a cara, e seus olhos chispavam ódio quando estendeu a mão na minha direção. Não sei o que pensava em fazer, mas foi rapidamente interrompido quando Rafael agarrou seu punho com força.

— Vou avisar só mais uma vez. Se encostar um único dedo nela, eu vou te dar a surra que quero dar há muito tempo. Não somos mais suas marionetes.

— Um passo em falso — complementei a ameaça de Rafael —, e Fátima vai saber de tudo.

— Ela vai ficar muito feliz em descobrir que os dois se aproximaram dela com interesses obscuros.

Tive que dar uma risadinha. Era mais de nervoso do que qualquer outra coisa, mas soou quase maquiavélica.

— Não vai barganhar com isso, Frank. Seu interesse em manter o relacionamento com Fátima é muito maior do que o nosso. Você tem bem mais a perder...

Fomos interrompidos mais uma vez, mas pela chegada de Marcella.

— Vamos nos sentar à mesa de jantar? — ela surgiu falando, e eu me voltei em sua direção. Muito mais perceptiva do que a mãe, a garota franziu o cenho ao se deparar com a cena que se formava entre mim, Rafael e Frank. Ainda assim, não disse nada, nem mesmo quando meu tio se afastou de nós, calado, sisudo e visivelmente contrariado, passando por Marcella como um furacão.

Revirando os olhos, Marcella o seguiu, e eu e Rafael ficamos para trás.

— Você está bem? — ele perguntou a mim bem baixinho, daquele jeito gentil e atencioso de sempre.

— Sim. Tudo bem.

— Você foi incrível. Estou muito orgulhoso.

Mal tive tempo de sorrir pelo comentário de Rafael, pois o suposto capanga de Frank entrou em meu campo de visão.

— Você está bonita, princesinha. E afrontosa também. Sempre imaginei que ia aparecer do nada para dar uma lição no seu tio. Ele bem que merece.

E saiu de perto de nós também, com um sorriso malicioso que me fez estremecer.

— Quem é esse cara? — Rafael indagou, seguindo-o com os olhos,

apreensivo.

— O nome dele é Aldo. Não posso explicar agora, mas ele me ajudou. Talvez possa ser um aliado.

Olhando finalmente na minha direção, Rafael balançou a cabeça em negativa.

— Não acho que estejamos em posição de confiar em alguém.

— Depois conversamos, por favor.

Rafael concordou e manteve seu braço ao redor da minha cintura enquanto nos dirigíamos à sala de jantar, como se soubesse que eu ainda estava afetada demais pela conversa de segundos atrás para poder me sustentar sozinha.

Colocando um sorriso amarelo no rosto, sentei-me na cadeira que ele puxou para mim, antes de se acomodar do meu lado.

A entrada foi servida, e todos começaram a comer. O silêncio incômodo não passou despercebido a Fátima, que logo começou a falar.

— Vamos, Rafael... Ainda não tivemos chance de conversar... Você disse que é advogado...

— Sim, senhora — ele respondeu de forma econômica, e eu podia sentir que estava tenso. Durante todo o primeiro momento do reencontro com Frank, ele se propôs a me transmitir confiança, porém, eu sabia que também deveria estar em frangalhos. Pensando nisso, discretamente coloquei minha mão dentro da dele, que estava apoiada em uma das coxas.

Surpreso com meu toque, ele olhou para mim de súbito, com aqueles olhos desamparados, que quase me faziam acreditar que seria capaz de lutar uma guerra por mim.

— Como conseguiu estudar, se teve uma vida tão difícil? — insistiu a governadora.

— Encontrei pessoas boas na minha vida. Embora tenha esbarrado em alguns demônios também. — Rafael olhou diretamente para Frank, que manteve o olhar fixo nele. Eu sentia o clima esquentar naquela sala como se estivesse dentro de uma caldeira tipo a do livro *O Iluminado*. Não demoraria muito para tudo explodir, se permitíssemos.

Apertei um pouco mais a mão debaixo da mesa, tentando contê-lo. Eu conhecia Rafael muito bem e, naquela mesma noite, pela primeira vez, tivera um vislumbre de seu poder também com os punhos. Ele tinha condições de esmagar Frank com uma facilidade assustadora, mas por mais que eu adorasse imaginá-lo destruído e sem aquela pose odiosa, precisávamos pensar com calma. Havia muito em jogo.

— Ganhei algum dinheiro de forma não convencional, senhora. Sou lutador. Nada glamoroso como UFC, é claro. Mas em uma época difícil da

minha vida, foi o que manteve meu estômago cheio.

— Não é demérito algum — Fátima afirmou com veemência. — Poucas coisas são mais importantes do que a sobrevivência.

— Proteger quem amamos. *Isso é o mais importante* — sem nem disfarçar, Rafael falou, olhando para mim, com aqueles olhos que eram capazes de derreter um iceberg inteiro com sua intensidade e gentileza.

Se ele queria acabar comigo, estava conseguindo em tempo recorde.

— Belas palavras, querido — Fátima disse, mas eu e Rafael já estávamos perdidos em um momento só nosso, sem nem nos importarmos com as pessoas ao redor. Aquela era outra maneira de ele dizer que me amava, e eu estava agarrando todas elas entre meus dedos, com força, antes que aquelas palavras se unissem em mutirão e invadissem meu peito e meus sentimentos, transformando-os.

Quando desviou o olhar do meu, ele o manteve abaixado, em direção à mesa, como se ponderasse alguma coisa, sustentando uma expressão melancólica de partir o coração. Nossas mãos permaneciam unidas sob a mesa, em um laço forte; um que, de alguma forma, eu sabia que não iria ser rompido. Não importavam as mágoas nem tudo de ruim que fizeram contra nós.

O resto do jantar correu conforme o esperado. Marcella falou um pouco sobre um projeto que estava fazendo para a faculdade, para o qual iria precisar de uma consultoria jurídica, e Rafael se prontificou a ajudá-la. Frank permaneceu calado boa parte do tempo e, conhecendo-o como conhecia, já imaginava que deveria estar um pouco desconsertado, porque sempre falava pelos cotovelos. Normalmente era um bando de merda que saía de sua boca, mas o silêncio era raro.

Assim que terminamos, fomos guiados à sala de estar novamente, onde nos serviram mais vinho. Eu e Rafael, que estava dirigindo, já tínhamos parado de beber, e a primeira coisa que percebi foi que Aldo misteriosamente se afastou, estrategicamente, sem dar qualquer explicação. Apressei-me em perguntar a Marcella onde ficava o banheiro, e ela me falou que havia um no final de um corredor; para onde eu fui, mas sem nenhuma intenção de entrar na porta indicada.

Sem que ninguém percebesse, subi as escadas, seguindo minha intuição, e ouvi o primeiro som, que me guiou até o local onde encontraria o que queria ver. A porta entreaberta de um cômodo que me pareceu um escritório chamou a minha atenção, e eu entrei, dando de cara com Aldo remexendo uma gaveta que, obviamente, não lhe pertencia.

Ele não demorou a se dar conta da minha presença, então, virou-se lentamente, com os lábios curvados de uma forma debochada que me fez

respirar profundamente, tentando não me deixar levar pela minha própria vulnerabilidade.

— Algo me dizia que você ia aparecer aqui, princesinha. — Apoiando o corpo na mesa pesada de carvalho, Aldo cruzou os braços, olhando fixamente para a altura dos meus seios, o que era sempre muito incômodo. Mas se eu tinha um objetivo e queria algo dele, não poderia me preocupar com aquele tipo de coisa.

— Então, se já sabia, deve imaginar também que tipo de coisa tenho em mente — usei um tom de voz baixo, rouco, tencionando soar levemente sedutora, embora não fosse tão boa nisso.

— Seja lá o que for, sabe que aquele cara merece, pelo que fez com você. Como pôde privar o mundo de uma belezura dessas? — Ele passou a língua pelo lábio, e eu senti meu estômago revirar de náusea.

— Sozinha vai ser um pouco difícil.

— Pensei que você estava com o grandão lá fora. Ele não é o garoto que Frank pegou para lutar para ele? Antes do...

— Sim — respondi apressada, porque não queria nem ouvir o nome do "substituto" de Rafael. — Ainda assim, não temos muitas informações. — Dei alguns passos na direção de Aldo, olhando para ele cheia de insinuações. — Mas você tem.

— Talvez tenha...

Sorri de canto, provocadora, e parei bem em frente ao homem. Ele tinha uma cicatriz no rosto, que eu sabia que fora causada em alguma situação que envolvia Frank, como não poderia ser diferente. Passou a mão pelos cabelos loiros, obviamente tingidos, longos e enebados, e pareceu ponderar.

— O que você veio fazer aqui, que nem um gatuno? — perguntei com a voz ronronada e o senti estremecer.

— Isso eu não posso dizer, até porque não sei se iria te servir de alguma coisa, mas tenho aqui outro negócio que vai te levar a algum lugar.

Aldo remexeu no bolso de trás da calça jeans, tirando de lá um papel dobrado. Quando o abriu, vi um receituário médico.

Ergui meus olhos para o homem, confusa.

— Não faça perguntas. Tire uma foto e dê uma pesquisada. Teu tio me deu isso aqui para comprar o remédio para ele.

Peguei meu celular dentro da bolsa em tempo recorde e acionei a câmera, fotografando a receita por completo e alguns outros detalhes.

Aldo não me deixou fazer isso por muito tempo, pois logo guardou-a, escondendo-a de mim.

— Se quiser saber mais coisas, vai ter que me encontrar fora daqui. Só nós.

Sem o armário do seu guarda-costas.

Era uma escolha difícil. Aldo realmente tinha muitas informações sobre Frank, já que era seu braço direito há muitos anos, e ele não tinha um pinga de lealdade, principalmente quando estava pensando com a cabeça de baixo. Contudo, precisava me resguardar.

— Como posso acreditar que vai mesmo me contar alguma coisa?

— Porque eu não negaria ajuda a uma garota bonita em apuros.

— Eu não estou em apuros. Frank está.

Ele abriu um sorriso.

— Frank é esperto, princesinha. Vocês mandaram mal aparecendo assim, deveriam ter feito as coisas pelas costas.

— E aí eu não teria te encontrado e conseguido uma informação que não tinha antes.

Seu sorriso se ampliou.

— Tudo bem. Faz sentido. — Fez uma pausa, observando-me com atenção.

— O que acha de depois de amanhã, às oito? Podemos nos encontrar onde você quiser. Anota meu telefone.

Ainda com o celular na mão, gravei o número de Aldo, enviando uma mensagem para ele também ter o meu, mesmo sabendo que aquilo poderia ser muito benéfico para mim ou muito problemático.

Sem dizer mais nada, apenas assentindo, afastei-me, saindo do escritório e deixando-o lá para fazer o que quer que tivesse em mente, e que eu imaginava que não podia ser algo muito bom.

Distraída, ainda pensando no que tinha acabado de prometer e com quem estava pensando em criar uma aliança – o que não contribuía muito para meu atestado de sanidade –, mal senti quando meu corpo entrou em colisão com outro, muito maior do que o meu e cujas mãos agarraram meus braços com força. Muito mais força do que Rafael faria, embora a estrutura da pessoa fosse muito similar à dele.

Quando ergui meus olhos, no entanto, deparei-me com outro personagem dos meus pesadelos. O vilão dos vilões. Um que chegava a me assustar mais do que Frank.

Aquele que eu nunca nomeava. Mas qual era a importância de um nome quando o tinha bem à minha frente e quando estava totalmente à sua mercê?

— Quando Frank me enviou uma mensagem dizendo que você estava aqui, eu quase achei que ele estava louco. Mas não é que minha irmãzinha voltou mesmo? A filha pródiga...

Irmãzinha...

Era assim que ele me chamava, porque desde que fora resgatado por Frank,

assim como Rafael fora um dia, dizia que era filho dele e que como eu era órfã, criada pelo meu tio, éramos irmãos. Só que ele nunca me tratou desta forma. O fato de estar me segurando com força, ao ponto de me machucar, e de estar debruçado sobre mim, cheirando meu pescoço como um predador, era prova suficiente do quão louco poderia ser.

O problema? Eu tinha lembranças ruins demais com aquele sujeito para conseguir sequer reagir. Nem mesmo quando ele saiu me arrastando em direção a um banheiro, entrando e trancando a porta.

Eu não queria ficar dentro de um cubículo com ele. Não queria e não podia. Já sentia meu corpo inteiro tremendo, minha respiração falhando e o pânico penetrando minhas veias, correndo junto com meu sangue.

Assim que recobrei algum poder de ação, tentei gritar, mas a mão gigantesca de Douglas se fechou sobre a minha boca, enquanto seu corpo me esmagava contra a parede. Meus olhos arregalados me traíam, porque eu odiava demonstrar o quanto de medo ele me provocava, mas não conseguia me controlar.

— Eu só quero matar as saudades da minha irmãzinha. Mas esse tipo de reencontro tem que ser mais privado. Principalmente porque você não vai querer que as donas da casa saibam que somos amigos... — Ele fez uma pausa, e eu só sentia meu peito subir e descer em um movimento frenético. — Você fugiu de nós. Nos deixou preocupados. Muito feio da sua parte.

Resmunguei por trás de sua mão, odiando ter que ficar calada quando ele falava tantas merdas.

— Se você gritar, vai causar um escândalo e estragar todo o seu plano — Douglas disse cheio de sarcasmo. — Vou deixar que fale, para que possamos conversar, mas já sabe. Se der uma de louca, vai ser pior para você.

Então ele libertou minha boca, permitindo que eu falasse, só que as palavras novamente me faltaram.

— Eu ainda te assusto, né, irmãzinha?

Inspirei profundamente, tentando prender o ar dentro do meu peito, porque iria precisar dele.

— Assusta. Mas isso não quer dizer que eu não possa te enfrentar. Não quer dizer que sempre vai ser assim. Hoje, é mais nojo e ódio do que medo. Amanhã será indiferença. Você não vai vencer para sempre. Nem você nem Frank.

Douglas agarrou meus cabelos em sua mão, puxando-os com força e me fazendo inclinar a cabeça para trás. Meus olhos fixaram-se nos dele, e tudo o que pude ver foi a mesma loucura que sempre enxerguei.

— Você nunca vai ser indiferente a mim. Eu sempre vou estar nos seus pensamentos, maninha... Sabe muito bem por quê.

Sim, eu sabia. Não havia como esquecer. Os piores momentos da minha vida foram culpa dele. Daquele homem odioso, que eu pensei que não poderia mais me atingir, mas que ainda fazia misérias com minha razão e minha sanidade.

Olhando para Douglas e percebendo como ele ainda me fazia sentir, mesmo depois de tantos anos, eu tinha a certeza de que era apenas uma garota fraca que julgava ser forte e corajosa.

As palavras e a coerência novamente morreram em algum lugar dentro do meu corpo, mas eu fui salva pelo gongo, quando um punho forte socou a porta ao lado da qual eu estava imprensada, e a voz de Rafael surgiu, como sempre agindo como o meu herói.

— Nadine... Você está aí? Tudo bem?

Douglas afastou-se de mim alguns passos, mas eu me mantive imóvel e em silêncio, porque o pânico finalmente começava a vencer a batalha. Ele sempre vencia, mais cedo ou mais tarde.

— Nadine! — Rafael golpeou a porta novamente e chamou meu nome com mais força.

Douglas fez um sinal para que eu ficasse em silêncio, usando o dedo indicador, mas eu balancei a cabeça.

— Ele vai arrombar a porta se perceber algo estranho.

O filho da mãe à minha frente sorriu.

— Ele é o seu Lancelot, não esperaria nada de diferente.

Lancelot? Como ele sabia...?

Como era possível?

— Só que obviamente você nunca contou o que aconteceu depois que ele foi embora e te abandonou lá sozinha, não é? Talvez seja uma boa hora para contar...

Dizendo isso, ele me afastou da porta com um puxão tão forte que eu fui parar contra a pia, chegando a colidir com o mármore. Não me machuquei; não de verdade, mas sentia dor. Uma completamente diferente. De dentro para fora; que consumia todos os meus ossos, órgãos, células, músculos e a alma. As lembranças que me enchiam de desespero, vergonha e remorso.

— Dine? — a voz familiar de Rafael surgiu bem baixinha no meu ouvido, reconfortante, como sempre. Ele quase conseguiu me devolver a lucidez, mas já era um pouco tarde, porque o trauma era muito forte dentro de mim.

Senti as mãos de Rafael me segurando, bem mais gentis do que as de Douglas; cálidas, reconfortantes e bem-vindas. Ainda assim, não consegui me virar para ele, mantendo-me de costas, de frente para o espelho, mas de cabeça baixa, com os olhos voltados para a pia.

— Nadine, o que aconteceu? Quem é aquele cara? O que ele fez com você?

Eu poderia responder. Poderia contar tudo o que havia acontecido e arrancar do meu peito aquelas coisas horríveis que me faziam tão mal. Eu já havia desabafado com Hélio, mas Rafael, de certa forma, me entenderia melhor. Ela era uma parte daquela história, mesmo que não estivesse presente quando Douglas surgiu.

Douglas...

Douglas...

Um demônio. Um pesadelo. A razão maior de todos os meus descontroles, das minhas agonias.

Meu Deus, eu o odiava. Mais do que odiava a Frank.

Pensando em tudo isso, mal senti quando minha respiração começou a ficar cada vez mais ofegante. Pontos pretos tomaram a minha visão, e eu senti meu corpo tornar-se mole, minhas pernas mais parecendo gelatinas. Rafael me virou para ele no mesmo instante. Sei que chamou meu nome, mas não consegui respondê-lo.

Não sei se perdi a consciência, mas a dormência em cada um dos meus músculos, a sensação gelada em minhas mãos, tudo isso me fizeram despencar sobre Rafael, que me segurou com prontidão.

Agindo com rapidez, ele me levantou um pouco do chão, o suficiente para me colocar sentada sobre a bancada ao lado da pia, enquanto pegava a toalha de rosto e abria a torneira, molhando-a; tudo isso enquanto amparava meu corpo, que insistia em tombar para frente, com seu peito.

Passou o tecido molhado pela minha testa com toda a sua gentileza, trazendo-me conforto quase imediato. Enquanto fazia isso, falava baixinho palavras de consolo, e eu fui voltando a mim devagar, abrindo os olhos.

Rafael esperou com toda a paciência do mundo que eu me recompusesse, observando-me com aqueles olhos doces de sempre, mas o cenho franzido de preocupação.

— Estou melhor... — Tentei sair da bancada, levantando-me, mas ele me segurou.

— O que aconteceu? Você desmaiou.

— Não, só passei mal. Não foi nada.

Rafael fechou os olhos e bufou, visivelmente contrariado.

— Vou deixar que minta para mim só agora, mas vamos conversar mais tarde, tudo bem? — Balancei a cabeça em afirmativa. — Acha que está em condições de voltar agora ou quer ficar aqui mais um tempo?

— Me leva para casa?

A expressão penalizada no rosto de Rafael não me passou despercebida, e o

beijo que me deu, tocando os lábios na minha testa, diziam o quanto ele seria capaz de fazer qualquer coisa que eu pedisse.

— Claro.

Ele me ajudou a descer da pia, e assim que fiquei de pé, sentindo-me bem mais confiante, preparou-se para sair do banheiro, e eu estava decidida a fazer o mesmo, até que, num rompante, puxei-o de volta e me joguei em seus braços.

Naquele momento, não importavam as minhas mágoas.

Não importava o quanto eu tinha sofrido por causa dele.

Não importavam os anos durante os quais tínhamos ficado separados.

Eu precisava de Rafael. Só dele. Precisava da força que ele sempre foi capaz de me transmitir; do seu carinho, seu amor e de seu abraço.

Ele pareceu um pouco aturdido em um primeiro momento, tanto que demorou a corresponder e a colocar os braços ao redor dos meus ombros, embora os meus estivessem fortemente entrelaçados à sua cintura, como se não quisesse permitir que se afastasse de mim.

Rafael não disse nada, apenas me apertou com força, encostando seu queixo em minha cabeça, beijando-a mais uma vez.

— Está tudo bem, meu amor. Vai ficar tudo bem. Estou com você. Não vou te deixar sozinha. Nunca.

E eu acreditei. Porque, apesar do que havia acontecido no passado, alguma coisa me dizia que o que sentíamos um pelo outro era mais forte.

Consequentemente, juntos, também éramos mais fortes.

Nada mais importava.



Capítulo 17

Rafael

EMBORA NÃO FIZESSE IDEIA DE QUEM era aquele homem, não precisava ser um gênio para entender que ele apavorava Nadine. E isso só provava mais uma coisa: que novamente falhei em protegê-la, porque permiti que alguém de quem ela morria de medo se aproximasse o suficiente para deixá-la no estado em que a encontrei.

Com o braço firmemente entrelaçado em sua cintura, eu a conduzi de volta à sala, muito mais pálida do que seria aceitável, mas ainda tentando se mostrar forte. Só que quando a senti novamente estremecer, ao olhar para o filho da puta que a interpelara no banheiro, tudo o que me restou foi observá-lo, com o cenho franzido, esperando que meus olhos estivessem transmitindo exatamente a ira que borbulhava dentro de mim.

— Lamento muito, mas vou ter que levar a Nadine para casa. Ela acabou de ter um breve desmaio no banheiro — anunciei, muito sério, e ela apenas balançou a cabeça, confirmando, enquanto Marcella e Fátima se levantavam, preocupadas, apressando-se em nossa direção.

— Ah, querida! Você tem se alimentado direito? — Fátima indagou, e sua filha levou uma mão a um dos braços de Nadine, que eu ainda podia sentir muito gelado sob a minha.

— Sim. Está tudo bem, isso acontece...

— Claro. Podemos marcar outro dia. — Fátima sorriu, afastando-se um pouco, mas retornando logo em seguida com um exemplar em capa dura de um livro. O nome estava em inglês, mas os anos de curso que fiz depois de me livrar de Frank me permitiram traduzi-lo como "Simetria". O nome do autor era N.B. Flausino. Havia uma borboleta azul na capa, além da imagem de uma mulher, com longos cabelos esvoaçantes; tudo de forma muito suave, de bom gosto. — É

uma pena, porque eu iria pedir que assinasse meu livro. É meu favorito, mas o único no qual não tenho o seu autógrafo.

— Eu posso fazer isso... — Nadine tentou sorrir, embora qualquer um pudesse perceber que não havia nenhuma satisfação em sua expressão apreensiva.

— Ah, então coloque no nome de Marcella também, porque ela leu e adorou.

Marcella apressou-se em providenciar uma caneta, e Nadine tentou fazer o melhor possível com as mãos trêmulas, mesmo de pé, comigo ajudando-a a segurar o livro.

Quando terminou, Fátima lhe deu um abraço, ao qual Nadine respondeu com o movimento mais débil possível, fazendo o mesmo depois com Marcella. Deixando-a com as duas por um minuto, e aproveitando que os três homens tinham se levantado, dirigi-me ao mais jovem, colocando-me ao seu lado e cochichando em seu ouvido:

— Eu não sei quem você é, não sei o que fez para Nadine no passado, mas te aviso que se chegar perto dela de novo, vai se arrepender. Se tiver alguma coisa para falar com ela, entenda-se *comigo* primeiro.

— É um prazer te conhecer também, Corvo — assim que ele respondeu, eu me afastei, voltando para perto de Nadine, mas o fato de ter me chamado pelo apelido de ringue não me passou despercebido. Assim como não consegui afastar meus olhos dele, de seu deboche, enquanto conduzia Nadine até a porta, acompanhado das donas da casa.

Marcella nos levou até o carro, conversando com Nadine, tentando descobrir seu estado, mas eu mal prestava atenção. Nem mesmo quando a ajudei a entrar no carro e fiz o mesmo, começando a dirigir, consegui desligar minha cabeça de toda a situação. Ela teria que me explicar quem eram aquelas duas pessoas que eu não conhecia, mas primeiro queria que se recuperasse.

Permiti que o silêncio preenchesse o espaço entre nós, não deixando de olhar para Nadine de tempos em tempos, de soslaio, só para constatar que estava de olhos fechados, e eu não fazia ideia se tinha pegado no sono.

Minhas mãos se fechavam com força no volante, porque esforçava-me ao máximo para controlar minha própria tensão. Aos poucos eu ia tendo mais e mais noção do quanto Nadine estava destruída. Também sentia que começava a se abrir um pouco mais para mim, e a forma como se jogou nos meus braços, em busca de conforto e refúgio, fazia com que eu acreditasse que ainda tinha alguma confiança em mim; mesmo que fosse apenas o mais ínfimo resquício.

Permanecemos calados durante todo o caminho, e pouco antes de chegarmos em seu condomínio, chamei-a, mudando de ideia:

— Dine... — Abrindo os olhos devagar, ela se virou na minha direção, demonstrando que estava atenta a mim. — Vou te levar para a minha casa, tudo bem? Não quero te deixar sozinha esta noite.

— Rafael, eu não sei se... — disse, mas não havia muita convicção em sua voz.

— Tudo bem? — insisti, com mais veemência, e ela finalmente assentiu.

Parti para lá, então, e, assim que chegamos, entrando na casa, peguei a mão dela e a conduzi até o sofá, fazendo-a sentar-se.

Acomodei-me ao seu lado, observando-a por um tempo. De início, manteve a cabeça baixa, entre constrangida e devastada, mas empertigou-se, como estava condicionada a fazer para demonstrar força.

— Estou bem. Só vou ficar um pouco, ok? Depois pego um táxi e...

— Você não vai a lugar algum. — Por mais que fosse uma fala bastante autoritária, forcei minha voz a manter-se serena e gentil, para que ela entendesse que não era uma ordem; eu não queria controlá-la. Queria mantê-la segura. — Está na hora de me deixar cuidar de você.

Ela não disse nada. Não teimou, não reclamou, apenas soltou um suspiro cansado e resignado.

— Mas já que está se sentindo bem — complementei, usando as palavras que disse contra ela mesma —, podemos conversar. — Remexi-me no sofá, sentando-me de lado e apoiando o cotovelo no encosto, para poder olhar melhor para ela, dedicando-lhe toda a minha atenção. — Quem são aquelas pessoas?

— Rafael...

— Não, Dine. Se você quer um aliado para essa vingança, vai precisar me contar tudo. Sem mentiras, sem omissões.

Entendendo que não haveria desistência da minha parte, Nadine também se reposicionou no sofá, sentando-se mais confortável, e eu esperei até que colocasse sua bolsa sobre a mesa de centro, mexesse no cabelo, respirasse fundo... tudo para ganhar tempo. Ela até podia fazer isso, mas não iria se livrar daquela conversa.

— O loiro... Aldo... ele me ajudou a fugir. — Fez uma pausa. Por mais curioso que eu estivesse, queria que ela fosse com calma, porque a história, certamente, não era das mais bonitas. — Eu não tinha mais esperança, Rafael. Os dois anos que passei naquela casa, sem você, foram muito difíceis. Por mais filho da puta que aquele cara seja, ele tinha pena de mim. Principalmente porque Frank não foi o meu maior pesadelo lá dentro.

— Foi aquele outro cara, não foi?

Nadine balançou a cabeça, olhando firme para mim. Não havia lágrimas em seus olhos, o que me fazia acreditar que já tinha chorado mais do que poderia

suportar. Isso me fazia agonizar por dentro.

— Ele é um sádico. Pior que o Frank em muitos níveis. É lutador também, então, meu tio achou que nós teríamos uma relação, como eu tive com você. Só que ele mesmo foi obrigado a me separar do Douglas quando as coisas começaram a ficar pesadas.

— O que ele fez com você? — indaguei com cautela, sentindo um ódio se avolumar dentro de mim como nunca havia sentido antes.

— Eu não quero falar sobre isso agora, pode ser? Não quero dar detalhes, mas ele foi cruel.

— Isso eu já tinha entendido pela forma como você ficou depois de falar com ele — a frase saiu como um grunhido.

Desnorteadado, passei a mão pelo meu rosto e pela minha barba, meio que sem saber o que fazer, como agir, como me comportar, o que dizer.

Mas Nadine prosseguiu:

— Sobre Aldo... Ele me mostrou uma coisa. — Inclinando-se, ela vasculhou sua bolsa, pegando o celular. Mexeu nele por alguns instantes e me estendeu o aparelho, que peguei com o cenho franzido, sem entender aonde queria chegar.

Assim que olhei para a tela, deparei-me com uma foto de uma receita médica, com o nome de um remédio que eu não conhecia, provavelmente tarja preta. Estava no nome de Frank Danemann, e havia os dados da médica.

— O que isso quer dizer? — perguntei, curioso.

— Ainda não sei, mas acho que podemos descobrir alguma coisa. — Nadine levantou-se. Talvez fosse melhor que ficasse sentada, mas eu podia entender sua inquietude. — Pode não ser nada, mas Aldo me mostrou e acho que vale dar uma pesquisada.

— Podemos pesquisar, é claro.

Pegando meu próprio telefone, abri um navegador e pesquisei o nome do medicamento.

— É um ansiolítico.

Nadine aproximou-se, ainda em pé, colocando-se atrás do sofá, às minhas costas, olhando por cima do meu ombro para a tela.

— Isso pode significar muitas coisas. Desde depressão a doenças muito mais sérias.

— Tenho uma amiga que é psicóloga. Talvez ela possa nos ajudar.

— Sim, isso é ótimo.

Ainda inquieta, Nadine começou a andar pela sala; era um total contraste com a letargia que apresentou quando saiu da casa de Fátima. Ela havia mudado de humor em dois segundos, parecendo quase eufórica.

— Pode ser um começo, Rafael! Já pensou nisso? — Levantei-me, caminhando até ela, colocando-me de frente, sentindo-me um pouco preocupado com sua súbita alegria. — Imagina se conseguirmos alguma coisa? De repente...

— Dine... — Pus as mãos em seus braços, tentando fazê-la parar, já que estava estranhamente agitada. — Calma. Não temos quase nada ainda.

— Não, mas Aldo quer se encontrar comigo... Ele disse que tem informações e que vai compartilhar, eu acho que...

— Você ficou louca? — explodi, ainda segurando-a pelos braços, com um pouco mais de força. — Ele pode ter te ajudado no passado, mas não deve ser flor que se cheire, se trabalha para Frank. Eu vi o jeito que ele olhou para você durante o jantar. Sei muito bem o que quer.

Ela assumiu uma expressão quase provocadora, erguendo uma sobrancelha, como a Nadine que encontrei naquela festa e que quase não reconheci. Lá estava novamente a expressão que poderia me levar à total insanidade em todos os sentidos.

— Está com ciúme, Rafael? — falou baixinho, em um tom ronronado e sussurrado.

Nadine certamente me enlouquecia. Eu era completamente apaixonado por ela, e o meu corpo inteiro respondia a qualquer gesto, qualquer olhar. Ouvi-la falando daquela forma não fazia nada bem para o meu autocontrole.

— Não... Não é isso — respondi com o cenho franzido, confuso. — Você sabe que...

Ela inclinou o rosto um pouco para frente, deixando nossos lábios muito próximos. Meus olhos imediatamente fixaram-se em sua boca, porque – puta que pariu –, durante um momento de total falta de sanidade, eu entregaria minha alma ao diabo só para beijá-la.

— Eu não sei de nada — ela continuava me provocando, e... porra! Eu era humano. Apesar de não querer abusar da sorte e de ter prometido que não a tocaria até que assumisse seus sentimentos, eu a amava. Não poderia me manter indiferente àquele tipo de investida. — Seria algo novo para nós, não é? — Ela claramente estava brincando. Mas com fogo.

— Quer saber de uma coisa? Eu estou com ciúme, sim. Mas não daquele idiota. Do seu marido. Sabe por quê? — Nadine ficou em silêncio, apenas me olhando atenta, impassível. Enquanto falava, eu continuava segurando-a, mal podendo soltá-la. — Porque ele se tornou o seu herói no *meu* lugar. Ele te salvou quanto *eu* deveria ter feito isso. Te protegeu, como *eu* prometi que faria. E... merda! Ele teve a sorte de se casar com você. Pelo que Fátima falou, vocês foram apaixonados. Só que o pior de tudo é que se ele foi tão bom quanto disse que foi, não tenho nem o direito de odiá-lo, porque é graças a ele que você está

bem.

Eu deveria ter me afastado. Calado a boca e tomado uma distância segura, mas só me dei conta do que fazia quando já esmagava meus lábios contra os dela, enlaçando sua cintura com tanta força que cheguei a fazê-la desequilibrar quando a puxei contra meu peito.

Aproveitando, então, que ela precisava se firmar sobre os dois pés, agarrei uma de suas coxas, erguendo-a e suspendendo-a um mísero centímetro do chão, em um rompante, só para derrubá-la sobre o sofá. Surpresa com a atitude, Nadine soltou um gemido abafado pela minha boca, o que me deixou ainda mais excitado.

Com meu corpo sobre o dela, minhas mãos se apressaram em tirar seu jeans, sem nem pensar em nada. Sem aviso. Sem sequer ter noção do que fazia ou do que iria acontecer depois. Deveria ser só um beijo, mas meus dedos agiam por vontade própria, e tudo o que desejava era tocá-la. Nua. Beijar cada centímetro de seu corpo. Ouvi-la novamente gritar meu nome uma e outra vez.

Jogando a calça e a calcinha de lado, alisei sua coxa macia, erguendo-a até estar na altura da minha cintura, e Nadine, receptiva, fez o mesmo com a outra, enquanto nossas bocas não se afastavam nem por um minuto. Ela prendia meu corpo ao dela, entrelaçando os tornozelos em minhas costas, demonstrando que estava na mesma *vibe* que eu.

Enquanto a tinha ali, nos meus braços, correspondendo ao meu beijo como se ele fosse nossa fonte de sobrevivência, não conseguia pensar no que seria certo ou errado de fazer. O que importava era fazer amor com a mulher que era o meu mundo inteiro.

Minha boca foi descendo por seu pescoço, enquanto minha mão saía de suas coxas e começava a partir em direção à sua intimidade. Dois dedos se fecharam em seu clitóris, estimulando-o e fazendo-a arquear-se.

Continuei beijando-a, e teria ido mais longe se Nadine novamente não me impedisse de erguer sua blusa para beijar sua barriga.

Aquilo acionou um gatilho na minha mente, obrigando-me a recuar e parar de tocá-la imediatamente.

— O que foi? — ela perguntou com os lábios entreabertos, tão ofegante que sua voz era quase inaudível. Porra... como eu iria parar depois de ter aquela visão?

Só que era uma questão de honra. Eu não queria que Nadine continuasse se entregando a mim daquela forma. Não queria que fosse apenas sexo entre nós, porque eu a amava. Não queria transar com ela sobre uma porra de sofá, dormirmos juntos e acordar como se fôssemos dois amantes clandestinos. Eu queria beijá-la de bom dia, queria poder sussurrar que a amava enquanto a sentia

aninhada nos meus braços, sonolenta... Queria tudo que já tive um dia, só que não podia forçá-la. Talvez ela nem me desejasse mais dessa forma. Talvez nosso tempo tivesse passado e só nos restasse mesmo a parte física do relacionamento.

Pela forma como me sentia em relação a ela, provavelmente o certo seria aceitar o que me oferecia e aplacar o desejo desesperado que me provocava. Mas eu não era assim. *Ela* não era assim, até onde eu sabia.

Nós não éramos assim. Havia uma história longa e relevante em nossas costas. Um passado. O mundo deu voltas, o tempo passou, mas, mesmo assim, nos reencontramos. Não fora por acaso. Eu não conseguia acreditar nisso.

— Rafael? — ela chamou meu nome com mais ímpeto, percebendo que eu estava perdido em pensamentos.

Sem dizer nada, afastei-me, saindo do sofá e me colocando de pé. Passando a mão pelos cabelos e pela barba, tentei me recuperar, inspirando e expirando, tentando conter o que meu corpo necessitava com tanta urgência.

— Acho melhor a gente parar por aqui.

— O quê? — Ela se levantou de súbito, e eu nem queria olhar para ela, ainda seminua, então, virei-me de costas. — Você está brincando, não está?

— Estou falando muito sério. Disse que não iria te tocar enquanto não admitisse seus sentimentos. E se você não me ama mais, se não vamos recomeçar como tem que ser, melhor nos mantermos só como amigos.

Ouvi Nadine começar a se vestir. Mesmo de costas para ela, podia sentir seus olhos me fuzilando, a aura de raiva pairando sobre nós.

— Não acredito... — falou baixinho.

Sabendo que já estava vestida, voltei-me para ela.

— Você ainda nem me deu chance de me explicar. Como quer que comecemos a compartilhar uma intimidade desse tamanho se não confia em mim?

— É sexo, Rafael. Sexo! — exclamou por entre dentes.

— Não para mim! — também alterei o tom de voz, dando um passo à frente, indignado. — Não com você, Nadine! Nunca. Eu te amo. Não vou me negar a dizer isso, porque você merece saber o quanto é amada. Só que enquanto não *quiser* ser amada; enquanto não me deixar te amar como eu *sei* amar e como *desejo* fazer isso, não vai funcionar.

— Então as coisas têm que ser do seu jeito? — Ergueu a cabeça com uma leve arrogância, cruzando os braços contra o peito.

Era difícil olhar para ela e não sentir uma imensa compaixão, e meus olhos provavelmente diziam isso. Nadine era forte. Sem dúvidas uma das pessoas mais fortes que eu conhecia, afinal, passara por coisas absurdas e estava ali, apesar dos pesares, firme, viva e sã, na medida do possível. Só que apesar de parecer

equilibrada, eu sabia que havia algum problema. Suas mudanças de humores, o surto na casa de Fátima, os remédios, a forma como parecia vestir uma armadura contra todos... Nada disso me passava despercebido. Contudo, seria impossível ajudá-la enquanto não admitisse que precisava de ajuda.

Ainda com os olhos cheios de compaixão, levei as duas mãos em concha ao seu rosto, sentindo-o quente, embora eu não pudesse dizer se tinha a ver com a raiva ou se era uma consequência dos beijos que trocamos.

— Não, linda. — Acabei abrindo um sorriso, porque a situação seria quase engraçada se a dor dentro do meu peito não estivesse quase me sufocando. — As coisas não são do meu jeito. Se fossem, você seria minha. Por inteiro. Eu adoro o seu corpo, adoro fazer amor com você, mas não é suficiente. Se te amasse menos do que amo, me contentaria com o que temos, mas, não. Ao mesmo tempo, vou entender se nunca mais ficarmos juntos, porque você não quer. Teve outro homem na sua vida, que aparentemente foi importante, e eu não vou te forçar a esquecê-lo ou me aceitar de volta. Tudo vai ser do *seu* jeito.

— Se fosse, nós ainda estaríamos naquele sofá.

Meu sorriso se ampliou, porque senti que ela baixou a guarda. Apesar de ter acabado de fazer um discurso quase solene, encostei meus lábios nos dela muito de leve, sem nem pressioná-los.

— Sabe o que eu acho? — indaguei, sentindo o coração um pouco mais leve. Nadine já não parecia mais tão furiosa. Aos poucos, ela iria se acostumando novamente comigo, ao menos como um amigo. — Que você deveria tomar um banho, vestir uma roupa minha e voltar aqui para a sala, para conversarmos como duas pessoas civilizadas.

— Tem certeza de que não é melhor que eu volte para a minha casa?

A pergunta chegou a doer no meu coração. Se dependesse de mim, ela nunca mais iria embora.

— Toda certeza do mundo.

Respirando fundo, Nadine assentiu, resignada, e eu a conduzi até o segundo andar, dando-lhe as devidas instruções sobre onde poderia pegar uma roupa, toalhas, sabonete... tudo que iria precisar.

Então, fui ao meu quarto. Tirei o blazer, vesti uma calça de moletom e uma camiseta branca de meia manga, ficando descalço.

Enquanto fazia isso, uma ideia me surgiu, obrigando-me a sorrir. Antes de sair do quarto, portanto, peguei um papel e uma caneta, escrevendo um bilhete para Nadine.

Sabia que eu comprei o DVD de As Brumas de Avalon e nunca mais assisti? Não sem você, porque não teria graça. Estou pensando em assistir agora. Tá que são

*mais de três horas de filme, mas não tenho nenhum plano para hoje. Você tem?
Se não, vem assistir comigo. Quem sabe até o final da noite eu consigo te
convencer que ainda posso ser o seu Lancelot e que nunca mais vou te
decepcionar?*

COLOQUEI DEBAIXO da porta do banheiro do quarto de hóspedes, esperando que ela visse quando terminasse de tomar banho.

Desci, indo direto à cozinha, com a intenção de preparar pipoca. De verdade, claro. Não industrializada. Com direito a queijo ralado.

Se era para retomar uma tradição, que fosse com tudo que tínhamos direito.

Assim como o filme que eu deixei de ver por muitos anos, também não comia pipoca daquele jeito há muito tempo. Podia quase jurar que a última vez fora com ela.

Um sorriso bobo se instalara em meu rosto, e eu deveria me achar um idiota por isso. E se Nadine simplesmente nem descesse? Ou talvez ela viesse ao meu encontro só para continuar me tratando com frieza, o que seria bastante doloroso.

Ainda assim, tentei ter um pouco de fé.

Só um pouco, é claro.

Com uma enorme tigela de pipoca, sentei-me no sofá, com a TV ligada em algum programa de *siticom* de um canal a cabo para esperá-la e me perdi nele. Era engraçado, e eu acabei rindo pesado de uma cena bem idiota, mas que era exatamente o que eu estava precisando para amenizar o clima estranho da noite.

— Eu sempre adorei a sua gargalhada — a voz de Nadine me fez parar de rir imediatamente e olhá-la. Sua expressão era bem mais serena do que antes, e ela estava linda com os cabelos compridos molhados, usando uma camisa minha de botão que chegava às suas coxas. — A forma como fecha os olhos e leva a mão à barriga... é contagiante.

— É? Nunca percebi nada disso.

Ela assentiu, mas havia algo de melancólico em seu semblante. A explicação para isso veio logo depois, quando colocou os braços, que estavam para trás de suas costas, para frente, revelando que trazia a borboleta azul que um dia lhe pertencera e que fora deixada para trás quando Frank a levava para longe de mim.

— Como conseguiu isso aqui? — sua voz soou estrangulada, como se estivesse se esforçando muito para controlar o choro.

Respirei fundo, virando-me de lado, apoiando meu cotovelo no encosto e segurando a cabeça com a mão, olhando para Nadine.

— Como acha que consegui?

— Eu sei que é a mesma. Ela tinha uma mancha no mesmo lugar que esta.

— Nadine apontou a parte da borboleta que possuía uma mancha preta feita com caneta pilot.

— Eu voltei lá, Nadine. No dia seguinte. Voltei para te buscar... Mas não te encontrei.

Em silêncio, ela abaixou a cabeça, segurando a borboleta com as duas mãos, olhando para ela, como se fosse algo extraterrestre. Eu poderia aproveitar aquele momento para falar tudo o que queria falar; contar a ela o que realmente aconteceu, mas preferi esperá-la dar o sinal. Como apenas sentou-se ao meu lado, ainda um pouco distante, mas bem mais condescendente, decidi continuar com meu plano.

Ainda sem dizer nada, enfiou a mão na tigela de pipoca, e eu coloquei o filme, dando play e começando a assisti-lo.

Acreditei que ficaríamos assim, calados, por todo aquele tempo. Não era o que eu tinha em mente, mas, ainda assim, um começo. Só que, mais uma vez – como andava acontecendo muito nos últimos tempos –, Nadine me surpreendeu. Ela se remexeu no sofá, agarrada à borboleta de pelúcia, e deitou a cabeça no meu colo, como fazia quando namorávamos.

Por um instante, mal soube o que fazer com minhas mãos, mas, bem devagar, coloquei uma sobre sua cabeça, acariciando seus cabelos, e outra sobre sua cintura. Continuou em silêncio apenas por alguns instantes, até finalmente dizer algo que fez minha cabeça girar:

— Você sempre será o meu Lancelot, Rafael.

Só isso.

Mais nada.

E com apenas essas palavras, ela fez meu mundo girar nos eixos outra vez.

Eu não respondi. Não sabia como. Nada faria jus à forma como me sentia ao saber que ela ainda tinha algum tipo de confiança em mim. Que eu ainda existia dentro de seu coração de alguma maneira.

Um lampejo de esperança se acendeu dentro do meu peito, e ela era, ao mesmo tempo, dolorosa e cálida. Eu não podia perder aquela mulher outra vez. Não podia quebrar mais nenhuma promessa. Teria apenas que fazer valer a bênção que o destino me dera de tê-la de volta na minha vida.

Por uns bons minutos não consegui prestar atenção no filme, porque não podia parar de olhar para ela. Meus dedos se remexiam em seus cabelos, ainda úmidos, exalando o cheiro do meu xampu. Minha camisa se erguera em suas coxas, e as pernas longas estavam nuas. Era uma tentação. Porém, precisava me contentar com o que tinha recebido naquele dia, o que era muito.

Ela não demorou a pegar no sono. Não pude deixar de sorrir e perceber que era a segunda noite que dormia sem a ajuda dos remédios estando comigo. Mais

ainda por entender que tê-la daquela forma, aninhada a mim, era uma prova de confiança. E eu iria honrar o que ela estava me dando.

Com todo o cuidado do mundo, levantei-me, deixando-a deitada no sofá, mas pegando-a no colo logo em seguida para levá-la para cama. Antes de começar a caminhar, deixei um beijo em sua testa, desejando que mesmo em seu momento de inconsciência ela pudesse senti-lo, mas a verdade era que ficava igualmente feliz em vê-la tão relaxada ao ponto de estar completamente entregue aos meus braços, apagada.

Levei-a pelas escadas bem devagar, não querendo fazer movimentos bruscos para não acordá-la. Poderia tê-la colocado na minha cama, mas optei por deixá-la no quarto de hóspedes. Imaginei que se sentiria mais à vontade, já que ainda não queria aquele tipo de intimidade de acordar junto.

Acomodei-a com cautela, cobrindo-a e chegou a me doer o peito ter que deixá-la ali sozinha. Não querendo ficar muito longe, para o caso de precisar de mim, desci rapidamente só para desligar a televisão e colocar a tigela de pipoca dentro da pia, retornando ao segundo andar, indo ao meu quarto.

Com o celular na mão, deitei-me na cama, sem sono. Fiquei fuçando mídias sociais e meu e-mail, sem prestar muita atenção ao que fazia. Na verdade, meus pensamentos estavam rumando na direção da conversa que tivemos com Fátima, quando esta falou sobre a nova profissão de Nadine.

Escritora. Não podia deixar de sentir um imenso orgulho e ficar feliz por ela, porque sempre gostou de escrever e ler. O fato de ter contado sua história tornava-a ainda mais corajosa, mesmo que tivesse usado um pseudônimo para isso. Desabafar e colocar para fora todos os detalhes daquele pesadelo era difícil até para mim. Para ela deveria ser uma tortura.

Curioso, comecei a imaginar se contara coisas que eu não sabia, como, por exemplo, o tempo em que ficamos separados, depois de nos conhecermos. Aqueles dois anos sobre os quais eu nada sabia e que, sem dúvidas, tinham contribuído e muito para os traumas que ela adquirira.

Acessando a Amazon, busquei pelo título e pelo pseudônimo, e logo o encontrei. Comprei-o, recebendo-o imediatamente no meu aplicativo Kindle.

Fazia algum tempo que eu não lia um livro de ficção – ficava mais focado em coisas da minha profissão –, mas abri o de Nadine imediatamente, mergulhando na sua escrita.

Ela era boa. Nunca duvidei disso, porque sempre fora esforçada e perfeccionista em tudo o que fazia. O início eu já conhecia, especialmente porque ela começava em períodos antes da minha chegada, mas não se demorava muito nisso. Era um romance, afinal, e eu estava curioso para saber se, ao menos naquelas páginas, nós teríamos um final feliz.

Ela usava nomes estrangeiros para nós, porque o livro não se passava no Brasil, mas em Londres, onde ela morava na época da publicação. Seu nome fora trocado para Nathalie; e o meu, para Ryan.

Reviver cada um daqueles momentos não foi nada agradável, mas eu nem percebi o tempo passar. Só que era um livro longo, e eu mal consegui chegar na metade dele antes de sentir o sono começar a me inundar, e só me restou travar a tela do celular, ajeitar-me na cama e apagar.

Saber que Nadine dormia no quarto ao lado me trazia uma sensação de plenitude e de alívio. Enquanto ela estivesse por perto, tudo ficaria bem.



Capítulo 18

Nadine

A VOZ DE ALGUÉM CANTANDO BAIXINHO e desafinado me trouxe de volta à consciência. Demorei a abrir os olhos, mas, quando o fiz, uma luz os atingiu. Além da música estranha, sons de cortinas sendo abertas me deram bom dia.

Revirei-me na cama, tentando fingir que não sabia onde me encontrava. Mas era a casa de Rafael. Outra vez. Estava começando a virar um hábito.

Só que, de forma alguma, eu poderia dizer que não gostava disso.

Ele deve ter ouvido meus movimentos, porque se aproximou, parecendo mais animado do que qualquer ser humano normal estaria pela manhã.

— Que horas são? — perguntei com a voz rouca de sono. Também não me passou despercebido o fato de eu ter novamente dormido pesado sem a ajuda dos remédios que costumavam ser meus salvadores de noites insones.

Pelo que eu podia perceber, Rafael também era um ótimo calmante.

— Ah, você acordou... — Ele se inclinou e me beijou na testa. — Bom dia, Borboleta.

Por que ele estava tão feliz? Alguém tinha descoberto a cura para o câncer? Acabara a pobreza no mundo?

— Que horas são? — repeti a pergunta, com um pouco mais de impaciência.

— Nove e meia. Desculpa te acordar, mas eu preciso sair e queria muito que você fosse comigo.

Sentei-me na cama, ainda me sentindo um pouco grogue. Olhando para ele com mais atenção, eu o vi usando um boné no cabelo, camiseta azul, calça jeans – quase um menino grande. Não pude deixar de sorrir. Um leve curvar de lábios, aproveitando que estava de costas – e que costas! –, porque aquela energia

matinal sempre me surpreendeu. Se ainda mantinha a mesma rotina, ele havia acordado muito cedo, malhado e feito mil coisas antes mesmo de eu sequer abrir os olhos.

Continuei observando-o, enquanto remexia em alguma coisa sobre a cômoda, que eu não fazia ideia do que era. Permaneci parada, porque a visão era mais do que satisfatória. Se as costas eram excepcionais, a bunda também era da melhor qualidade.

— Seu bom humor matinal sempre me deixou um pouco ranzinza. Vejo que isso não mudou.

Preparei-me para me levantar da cama, mas Rafael deve ter ouvido e percebido minhas intenções, porque se voltou na minha direção, erguendo uma mão e uma sobrancelha, ainda muito divertido, e eu parei, curiosa. Quando se virou, segurando uma bandeja de café da manhã, um nó se formou na minha garganta.

Fiquei olhando para ele, enquanto se encaminhava para a cama, sentando-se aos meus pés e colocando a bandeja entre nós.

— Não está uma perfeição, mas faz muitos anos que não preparo café da manhã para uma mulher, então... Me dá um desconto.

Nem conseguia prestar atenção no que ele dizia, embora ouvisse sua voz fazendo cócegas suaves no meu coração. Não era apenas o fato de ele querer mimar uma mulher que não fazia nada além de ser extremamente fria e grosseira; era um conjunto de coisas.

Eu me lembrava muito bem da noite anterior. Ao menos de boa parte dela. Lembrava-me do bilhete, da pipoca, da escolha do filme, de sua deliciosa gargalhada, de ter deitado em seu colo por livre e espontânea vontade. Também não podia fingir que tinha ido parar na cama como um passe de mágica. Rafael me levava, como fizera várias vezes durante nosso período juntos. Mais do que isso... eu não estava na cama *dele*. Era tão respeitoso a esse ponto.

Os muros ao redor do meu coração estavam sendo demolidos aos poucos. Eu sabia disso e não poderia mais negar nem para mim mesma. A borboleta de pelúcia era mais do que prova de que a história que eu conhecia estava mal contada, mas tinha medo de descobrir a verdade e perceber que havia perdido tanto tempo. Poderíamos estar juntos desde o dia em que me encontrou na rua em péssimo estado. Tudo seria diferente.

Ele continuava de cabeça baixa, sem esperar que eu dissesse qualquer coisa ou lhe respondesse, apenas passando geleia em uma torrada. Ainda assim, apesar de se tratar de uma tarefa corriqueira, era realizada com um meio sorriso no rosto.

— Você parece contente... — comentei, quase em um ato impulsivo, porque

aquela expressão alegre, que deixava seu rosto muito parecido com o do menino por quem me apaixonei, estava me fazendo feliz também.

E fazia muito tempo que eu não lembrava o que era ser feliz.

Rafael ergueu o rosto na direção do meu, e seu sorriso se ampliou.

— Você me deixa assim.

Simples. Era uma resposta óbvia, direta, como se não houvesse um abismo entre nós. Na verdade, para Rafael não havia. Ele enxergava a vida de uma forma muito mais descomplicada. Ele me amava. Ponto. Queria ficar comigo. Ponto. E só isso importava.

Eu poderia ter dito muitas coisas, mas achei que nada importaria. Nada *deveria* importar, na verdade. Então, coloquei a mão em seu rosto, com olhos cheios de ternura, e inclinei-me, tocando meus lábios nos dele. Rafael pareceu um pouco confuso por alguns instantes, mas isso mudou, e o sorriso foi devolvido ao seu semblante, acompanhando o meu.

Simples.

Por mais que nada ao nosso redor refletisse tal sensação, talvez essa opção fosse bem melhor.

Terminamos de tomar café, entrei em um banho e fui obrigada a vestir a mesma roupa da noite anterior, porque não tinha nada meu na casa do Rafael. Ele manteve o mistério sobre para onde iríamos, mas fiquei muito animada quando percebi que chegávamos em sua ONG.

Era um prédio grande, de sete andares, e ainda havia algumas partes em obras, mas estava mais do que encaminhado. O primeiro e o segundo pisos pareciam prontos, e ele me explicou que neles funcionariam a parte administrativa, uma área comum, onde haveria sessões de terapia em grupo e individual, além de outras atividades— cursos profissionalizantes, aulas de dança, teatro, música, e ele mesmo ministraria algumas aulas de luta livre, para o caso de alguém querer seguir seus passos, mas de uma forma mais profissional. Também pretendia formar turmas de defesa pessoal para mulheres. Havia um imenso refeitório, com uma cozinha ampla e equipada, onde as pessoas poderiam comer. Explicou-me que mesmo quem não morasse ali teria acesso às refeições, caso deixasse um cadastro.

No segundo andar, funcionaria a parte médica, com uma clínica já toda montada, com áreas de exames, uma pequena enfermaria, máquinas e aparelhos básicos, principalmente para tratamento de moças grávidas.

Do terceiro andar em diante, precisei usar um capacete que me foi cedido, pois ainda havia resquício de obras. Eram as alas de moradias, que consistiriam em quatinhos, como os de pensões. Nada muito luxuoso ou espaçoso, mas dignos, onde as pessoas poderiam recomeçar.

Rafael foi me explicando que os cinco andares de alojamentos poderiam comportar cem famílias de até quatro membros. Cada quartinho contaria com uma cama de casal e um beliche. Caso fosse muito necessário, havia espaço para um colchonete no chão, mas não era o ideal, embora a maioria das pessoas provavelmente preferisse isso a viver nas ruas.

Ele parecia tão apaixonado enquanto explicava cada detalhe que era difícil não sorrir e não se empolgar junto. E ainda tinha aquela risada... era contagiante, doce e sexy ao mesmo tempo.

Não havia dúvidas... eu estava me apaixonando por ele de novo.

Depois de vagarmos por cada andar do prédio, seguimos para a sala de reunião no primeiro andar, na área administrativa da ONG. Quando chegamos lá, havia duas pessoas sentadas à mesa, com seus cafés. Um copo sobressalente podia ser visto, e eu imaginava que teria sido comprado por algum deles para Rafael.

Nenhum dos dois parecia esperar pela minha presença. O rapaz estava com os pés sobre a mesa e tirou-os imediatamente. Já a moça, ficou muito séria, como se soubesse quem eu era e não fosse exatamente simpática à minha chegada.

Pela forma como olhou para Rafael não foi difícil entender qual era seu problema comigo.

— Andy, Tati... esta aqui é a Nadine... — Rafael me apresentou assim que nos aproximamos, e eu abri um sorriso, esforçando-me para que ele fosse o mais simpático possível.

Com o rapaz foi fácil, porque veio na minha direção e simplesmente me puxou para um abraço esfuziante.

— Parece que eu já te conheço de tanto que esse pentelho sempre falou de você. Nunca vi um mela cueca maior do que esse cara. — Ele se afastou, segurando meus braços e olhando para mim com atenção. — A famosa "Dine É um Gênio"... Sempre soube que era gata, mas você abusa, sério. Se quiser mais emoção do que esse projeto de bom moço aí, estou disponível.

Ele não parava de falar, mas eu o achei tão adorável que não consegui conter uma risada.

A garota também se aproximou, esforçando-se para sorrir, embora ainda houvesse alguma animosidade em seu semblante.

— Prazer, Nadine. Anderson está certo. O Rafa sempre falou de você.

Sorri para ela, tentando entender se me teria como inimiga ou não. Era bem óbvio que nutria sentimentos por Rafael – o que não deixou de me provocar uma estranha comichão de ciúme –, mas, por sua frase, eu poderia até acreditar que não iria se colocar como um obstáculo para nós.

Rafael puxou a cadeira para mim, fazendo-me sentar ao lado dele.

— E então, Dine... posso te chamar assim, né? — Anderson começou.

— Claro que pode.

— Ótimo, já gostei de você. — Fez uma pausa e prosseguiu. — O que achou da nossa ONG?

— Sensacional. Acho que vai ser um sucesso. Vocês já pensaram em fazer um leilão para angariar mais fundos? Sei que Fátima se prontificou a ajudar, mas nunca é de mais.

Os três se entreolharam.

— Eu gosto da ideia, mas como faremos isso? — Tatiane foi a primeira a falar. Apreciei o fato de concordar comigo, e, apesar dos pesares, fui com a cara dela.

— Eu conheço algumas pessoas, posso dar alguns telefonemas e tenho certeza de que Fátima não se importaria em ajudar. — Abaixei a cabeça por alguns segundos, porque não gostava muito de tocar no assunto sobre o qual falaria em seguida, ainda assim, não podia e nem queria negar aquela parte da minha vida. — Meu marido tinha algumas coisas que eu poderia doar. Estão em um depósito, e não tenho interesse em manter. Alguns quadros, peças... Tenho alguns livros dele autografados, materiais utilizados nas adaptações cinematográficas dos filmes de suas obras... Talvez possa ajudar.

— É... eu guardei algumas coisas do meu avô também. Tenho até um inventário feito na época da morte dele, no qual nunca mexi. Podemos conseguir uma coleção de ofertas interessante — Rafael falava animado, olhando para mim com esperança.

— Curti. Podemos pedir doações também — Anderson se virou para a garota. — Tati, você cuida disso?

— Claro — ela respondeu, anotando algumas coisas, sem erguer a cabeça. Quando o fez, parecia pensativa. — Podemos falar com a sua amiga também, Andy... a Maria Clara. Ela não tem vários contatos com celebridades? Talvez a causa chame atenção o suficiente para que recebamos doações de pertences.

— Boa. Vou falar com ela.

Senti-me satisfeita em perceber que uma ideia minha tinha agradado a todos e poderia ajudar à ONG de Rafael. Lancei um olhar para ele e vi que estava me observando por sob a aba do boné, com um sorriso orgulhoso, que eu não pude deixar de retribuir. Discretamente, entrelaçou nossos dedos por baixo da mesa, o que era tão familiar. Era impressionante que tanto tempo tivesse se passado, mas nossas mãos ainda se buscassem sempre nos momentos certos.

Interrompendo o momento, o celular de Rafael tocou. Ele o atendeu, enquanto o resto da sala ficou em silêncio, precisando soltar a minha mão, o que

imediatamente me proporcionou uma imensa sensação de vazio.

Tentei não prestar atenção em sua conversa, embora ele tivesse permanecido ao meu lado durante toda a chamada. Assim que desligou, anunciou:

— Andy, chegou uma doação grande. Acho que já é coisa da governadora — disse, com mais um de seus enormes e irresistíveis sorrisos. Em um pulo, seu amigo levantou-se.

— Vamos pegar agora!

Inclinando-se na minha direção e sussurrando ao meu ouvido, Rafael anunciou:

— Já volto, tudo bem?

Assenti, mas conforme eles saíam, me deixando sozinha com Tatiane, eu não sabia se estava mesmo tudo bem.

De início ela simplesmente me ignorou, o que talvez fosse uma situação bem melhor, ainda que o desconforto me consumisse. Continuou fazendo suas anotações, embora eu tivesse certeza de que não havia nada que precisasse ser escrito. Parecia tentar ganhar tempo, até que finalmente ergueu a cabeça, pegando-me no flagra olhando para ela.

Era uma garota bem bonita. Cabelos castanhos cacheados, olhos do mesmo tom, cobertos por óculos que a deixavam com uma aparência sofisticada e intelectual. Era alta também, esbelta, com uma expressão doce. Atraente, inteligente, altruísta — já que perdia um dia de seu final de semana para se dedicar a um projeto social —, provavelmente descomplicada e visivelmente apaixonada por Rafael. A mulher ideal para ele. Alguém que o merecia, que iria lhe dar a vida tranquila que combinava muito mais com o homem simples que era.

Após erguer o rosto na minha direção, Tatiane abriu um sorriso. Um curvar de lábios bem amarelo, mas foi uma tentativa simpática.

— Você quer uma água? Ainda não temos máquina de café, mas estamos providenciando uma — ofereceu, cordial.

— Não, obrigada. — Fiz uma pausa, entrelaçando as mãos e apoiando-as sobre a mesa à minha frente. Controlei-me o máximo que pude. Tatiane chegou a voltar à sua escrita, mas eu precisava saber. Precisava entender. — Posso te fazer uma pergunta?

Novamente ela ergueu os olhos de seu caderno, focando-os nos meus enquanto ajeitava os óculos que caíam em seu nariz.

— Acho que você nem precisa fazer. A resposta é sim. Eu e Rafael fomos namorados.

Assenti, constatando que estava certa. Não poderia negar que um leve

incômodo preencheu meu peito. Muito provavelmente eu não tinha esse direito, era doloroso. Pensá-lo com outra, beijando-a daquele jeito lento e irresistível que me deixou apaixonada desde a primeira vez, imaginá-lo fazendo amor com alguém que não fosse eu – ainda mais depois de descobrir o que ele era capaz de fazer –, era o mesmo que ter alguém amassando meu coração em um rolo compressor.

Ainda assim, tentei manter-me ativa, impassível, apenas observando-a. Apesar do ciúme, não queria tê-la como inimiga.

— Você ainda gosta dele? — Logo que deixei a pergunta escapar, me arrependi dela. Não adiantava em nada retirá-la, mas precisava parecer menos intrometida. — Desculpa por ser direta, mas não quero magoar ninguém.

Tatiane deu de ombros, hesitando. Abaixou os olhos, fechando calmamente seu caderno, prendendo a caneta na espiral e colocando-o sobre a mesa. Arrastando as rodinhas de sua cadeira para frente, apoiou-se na madeira, ajeitou os óculos mais uma vez e me olhou fixamente.

— Se tem uma coisa que eu acho impossível é qualquer pessoa esbarrar com o Rafael durante esta vida e não ser afetada por ele, de alguma forma. Quando se tem a chance de ter um cara assim, mesmo que por poucos meses, como foi o caso, não é fácil esquecer. — Ela fez uma pausa, entrelaçando uma mão na outra, fazendo parecer uma reunião de negócios. — Você deve saber disso melhor do que eu, já que namoraram por tanto tempo.

— Eram circunstâncias diferentes.

— Ele me contou — disse, e eu vi algum pesar em seus olhos.

— Vivíamos confinados. Tudo na nossa vida era muito limitado.

— Não muda quem ele é. O coração que tem. Nem o quanto é capaz de matar e morrer pelas pessoas que ama. E ele ama você.

Abaixei a cabeça, porque ainda era muito surreal ouvir aquilo da própria boca do Rafael, mas saber que outras pessoas sabiam disso e afirmavam com tanta veemência me deixava quase zozza.

— Dá para ver que ele também gosta muito de você. Não sei ainda o que vai acontecer conosco... Não sei se vamos voltar ao que um dia fomos.

— Só se você for muito burra — ela falou sem rodeios, e eu abri um meio sorriso.

— Seja como for, não quero te ter como inimiga.

— Muito provavelmente não vou te chamar para fazer compras no shopping nem te ligar de madrugada para te dar conselhos amorosos. Mas também não quero ser sua inimiga. O Rafael é muito importante para mim. Tenho sentimentos por ele, sim, mas somos bons amigos. Além do mais... — Ela fez uma pausa e se remexeu na cadeira, buscando uma posição mais confortável.

— Eu não quero um homem apaixonado por outra mulher, por mais que seja o melhor que já conheci e, provavelmente, o melhor que vou conhecer. Não preciso me humilhar por alguém que não me ama. A história de vocês me obriga a torcer para que tenham um final feliz. Então... não. Não sou sua inimiga.

— Bom saber. — Sorri para ela. Claro que ainda haveria um clima um pouco chato, mas ficava feliz em saber que não iria dificultar as coisas, caso eu e Rafael realmente tentássemos nos entender.

Ele não demorou muito para retornar com Anderson, e percebi, pelo que disseram a Tatiane, que teriam trabalho para a tarde inteira.

Assim que veio falar comigo, tomei uma decisão:

— Vou pegar um táxi e ir para casa, tudo bem? — anunciei.

— Não! — ele exclamou, chateado. — Pensei que íamos almoçar juntos ou que... — Acho que ele percebeu a minha expressão, porque se calou imediatamente, balançando a cabeça. — Estou forçando a barra, não estou?

Lá estava a expressão de menino desamparado.

— Um pouquinho. Mas acho que já estou acostumada a isso vindo de você — brinquei. — Tenho algumas coisas para fazer em casa. Qualquer coisa te ligo, ok?

Eu já ia saindo, mas ele me segurou pelo braço.

— Posso te levar em casa.

— Não. Vocês estão ocupados. Te mando uma mensagem avisando que cheguei bem, ok?

Ele novamente assentiu, mas ainda não me soltou. Continuava me olhando daquele jeito e... Meu Deus... eu precisava sair dali o quanto antes, porque as coisas estavam ficando cada vez mais complicadas, especialmente depois da conversa com Tatiane.

Senti que ele ia me beijar, mas eu não queria que fizesse isso na frente da ex-namorada. Não queria que ela pensasse que era uma afronta ou que estragássemos o acordo de paz que tínhamos selado. Então, coloquei-me na ponta dos pés e beijei seu rosto de forma carinhosa, fazendo-o fechar os olhos apertados, como se o contato fosse doloroso.

Isso me matava.

Antes que eu pudesse ir, ele novamente me impediu.

— Diz que não vai sumir de novo. Que não vai evitar minhas ligações... Só... diz... — Pude ouvir o tom de urgência em sua voz e novamente me assustei com a intensidade de seu olhar e seus sentimentos. Ele estava quase implorando.

— Não vou. Prometo.

Sendo assim ele finalmente me deixou seguir, depois de me despedir de Anderson e Tatiane.

Enquanto saía da ONG, comecei a buscar um táxi no aplicativo, mas fui interrompida pelo meu celular que começou a tocar. Era Marcella.

— Ei — atendi.

— Oi, Nadine. Você está melhor? — ela perguntou, parecendo sincera.

— Sim, sim. Bem melhor. Obrigada por se preocupar.

— Você estava muito pálida quando saiu daqui ontem.

— Eu sei. Desculpa pelo susto. Eu não queria...

— Deixa de ser boba. Ainda bem que você estava com o Rafael. — A santa casamenteira novamente. E por mais que eu quisesse me manter neutra, um sorriso enorme curvou meus lábios.

Deus, era a primeira vez que tinha uma amiga – embora nem soubesse se era certo nos denominar assim – com quem poderia comentar sobre um rapaz. Tudo bem que a situação era a mais improvável possível, especialmente porque eu não era mais uma adolescente e não estava começando um relacionamento com Rafael. Longe disso... Nossa história já tinha passado por muitos caminhos, e eu ainda nem sabia se era certo cruzá-los novamente.

Só que tudo pelo que lutei começava a ir por água abaixo, mas de uma forma positiva. Em pouco tempo, provas de que talvez estivesse enganada a respeito de nossa separação começavam a se descortinar diante dos meus olhos, e eu não podia ser hipócrita ao ponto de negar que sempre duvidei do que me foi contado.

Ainda assim, precisava de cautela. Mas também desejava viver um pouco, especialmente experiências que nunca pude vivenciar.

— Sim. Ainda bem. Já me disseram que ele é bom cuidando de pessoas, e tenho que concordar com isso...

— Olha, sei que a gente não é lá muito íntima, mas quero detalhes. Eu *shippo* vocês dois loucamente.

— *Shippo*? — fiquei confusa.

— Tá, depois eu te explico. O que acha de nos encontrarmos hoje? Tem planos com o seu Capitão América?

— Não que eu saiba...

— Deveria ter — disse, em tom de zombaria. — Posso passar mais tarde para te pegar? Podemos sair para tomar alguma coisa.

Eu nunca tinha saído com uma amiga. Na verdade, eu não *tinha* amigas. Por mais que Hélio sempre me levasse em jantares e festas, eram conhecidos *dele*. Nunca tive oportunidade de construir relacionamentos por mim mesma. Primeiro porque sentia medo de que as pessoas se aproximassem demais e descobrissem coisas que eu queria manter ocultas. E... bem, eu não tinha muito *jeito* com pessoas. Quando saí do porão, demorei muito para entender que finalmente

estava segura. Mesmo com o casamento, o que me garantiria proteção, ao menos na teoria, sempre andei como se houvesse uma sombra atrás de mim. Comecei a escrever minha história por conselhos de uma psiquiatra contratada por Hélio. Ao lê-la, ele me incentivou a publicar. O que se tornou uma profissão que também não me dava acesso a muita gente, principalmente porque me escondi atrás de um pseudônimo.

Podia ser a coisa mais idiota do mundo, mas a perspectiva de sair com outra mulher, para ter uma noite de garotas, sem dúvidas me animou.

— Claro. Vou te passar meu endereço por Whatsapp.

— Perfeito. Umas oito?

— Ótimo. Estarei pronta.

Desligamos, e eu, enfim, pude chamar meu táxi. Esperei-o cantarolando, sentindo uma sensação nova no meu coração. Uma que nunca me permiti ter: esperança.

Assim que passei pela guarita do condomínio, quarenta minutos depois, já que a ONG de Rafael ficava em Vargem Grande, deixei avisado que Marcella Sampaio iria me procurar, que eles poderiam liberar a entrada dela. Às vezes eu tinha problemas em ouvir o interfone, especialmente quando estava em meu closet – que seria o caso – ou no escritório, que fora montado no sótão.

Pisando em casa, enviei a mensagem prometida para que Rafael soubesse que eu tinha chegado inteira. Ainda faltavam muitas horas para que Marcella fosse me buscar, mas, ansiosa para a minha primeira saída como uma pessoa normal, abri meu armário e comecei a escolher uma roupa.

Eu tinha muitas. Muito mais do que precisaria, mas Hélio sempre foi muito generoso. Quando comecei a ganhar meu próprio dinheiro, eu mesma passei a comprar minhas coisas, mas ele sempre me presenteava. Ainda assim, fiquei na dúvida.

Experimentei várias combinações, mas optei por um vestido preto de mangas longas, cobertos por transparências que seguiam pelos ombros também. Era acinturado e possuía um comprimento até o meio das coxas. Separei um sapato nude de saltos bem altos, uma bolsa no mesmo tom e me senti bonita.

Deixando a roupa sobre a cama, dirigi-me ao banheiro e entrei no chuveiro. Lavei os cabelos com cuidado e fiquei bastante tempo sob a água morna, enquanto lembranças me faziam sorrir.

O beijo na noite anterior...

Aliás... os beijos de Rafael sempre me fizeram perder a cabeça facilmente. A forma como me tocava, como se eu fosse preciosa, mas também com toda a intensidade que sua personalidade emanava, deixava poucas dúvidas a respeito do que sentia por mim.

Na verdade, desde o nosso reencontro na festa de Marcella era quase impossível continuar tentando me convencer de que ele não me amava. Muitas coisas ainda não encaixavam na nossa história, e eu sabia que precisava lhe dar a chance de se explicar, mas ainda tinha medo do que iria ouvir. Fosse como fosse, usaria aquela noite para pensar. Talvez, no dia seguinte, eu o chamasse até a minha casa para que pudéssemos ter nosso diálogo definitivo. Aquele que iria mudar o rumo de nossas vidas.

Sequei meus cabelos, deixando-os com um aspecto bagunçado, cheios e revoltos, e fiz uma maquiagem bem simples, realçando meus olhos e escolhendo um batom mais discreto.

E foi exatamente enquanto passava este batom que ouvi um barulho vindo do andar de baixo.

Eu tinha uma pessoa que trabalhava na minha casa, mas ela não ia nos finais de semana. Exatamente por isso, meu corpo inteiro se retesou.

Tratava-se de um condomínio seguro, mas o muro da casa não era alto, então, o medo me invadiu.

Deixei a maquiagem sobre a penteadeira do meu closet, peguei meu celular e tirei os sapatos, na intenção de não fazer barulho enquanto caminhava pelo piso de tábua corrida. Voltei ao meu quarto, abrindo a gaveta do meu criado mudo onde guardava meu canivete – o mesmo com o qual ameacei Rafael no nosso reencontro cinco anos atrás. Descalça, fui seguindo até o primeiro andar, esperando estar enganada e ser apenas uma paranoia.

Conforme descia as escadas, enxergava a casa vazia. Porém, se houvesse alguém lá dentro, poderia estar no jardim, de onde veio o barulho e para onde dava a janela do meu closet.

Tentei ficar ao máximo escondida, na intenção de fazer uma ligação. Eu poderia chamar a polícia, é claro, mas acabei discando o número de Rafael, sem nem perceber, certa de que ele prontamente atenderia. Porém, a ligação caiu na caixa postal.

Antes que eu pudesse ousar uma nova tentativa ou acionar o 190, um estrondo fez com que eu me encolhesse exatamente onde estava, sentada em um dos degraus da escada, escondendo o rosto. Algo tinha sido jogado contra a minha porta pesada de vidro e a estraçalhado.

Tive medo de abrir os olhos. Medo de me deparar com alguém que eu já imaginava quem seria, mas que iria me deixar vulnerável como sempre. Só que ele não me deixou na escuridão por muito mais tempo.

— Irmãzinha... — cantarolou, e eu estremeci. — Acho um absurdo eu ter que ameaçar um morador do seu condomínio com uma arma para poder entrar na sua casa. Somos uma família, afinal.

Esta voz odiosa serviu como um gatilho para que eu me levantasse e começasse a correr. Mas ele era ágil e conseguiu agarrar meu tornozelo pelas frestas do corrimão, fazendo-me cair de cabeça em um dos degraus de mármore.

Fiquei imediatamente zonza. Tanto que nem me dei conta de sua aproximação até ele simplesmente me tirar do chão, como se eu não pesasse mais do que um coelhinho assustado, jogando-me em seu ombro. Ele era enorme, quase do tamanho de Rafael, sendo uns três centímetros mais baixo apenas, mas não tinha um terço de sua delicadeza. Ainda tonta, fui jogada sobre o sofá com tanta violência que cheguei a quicar sobre o assento.

Douglas montou em cima de mim, segurando um revólver e uma faca enorme. Encostou o cano na minha testa e a faca na minha cintura. Sentia-me tão mal pela pancada na cabeça que nem consegui sentir medo. Apática, observei-o ameaçar minha vida – o que não era a primeira vez –, sem sequer me mexer.

— Estou aqui para dar um aviso. Deixa o Frank em paz. Sei que ele não gosta quando eu te machuco, mas você sabe que ele não me controla. Posso ser muito cruel com você e com o seu super-herói. — Enquanto falava, fez um corte no meu braço, levando-me a gritar.

Deixando a arma um pouco de lado, ele cobriu minha boca com a outra mão, impedindo-me de berrar novamente. Porém, ninguém iria me ouvir. As casas do condomínio tinham uma distância razoável entre uma e outra, o que teoricamente deveria garantir a privacidade dos moradores. Sempre gostei disso, por ser uma pessoa mais reservada. Naquele momento, odiei esse isolamento.

— Se for boazinha, não vou te machucar. Ou melhor, não muito. Só quero que você e aquele seu namoradinho brutamente entendam o que pode acontecer se decidirem se meter conosco. Espero que ele também compreenda o recado. — E outros dois cortes foram feitos: um na minha barriga e outro na minha coxa, rasgando meu vestido.

Douglas falou alguma coisa, inclinando-se contra o meu ouvido, mas meu cérebro não processou nada do que disse, apenas um som indefinido e sua respiração quente tocando a minha pele.

Eu não queria que ele saísse dali totalmente impune, por isso, esforcei-me para mover um dos meus braços, exatamente aquele cuja mão guardava meu canivete. Abri-o e o finquei no ombro de Douglas, fazendo-o dar um pulo para trás e me soltar.

Tentei esquivar-me e levantar, e até cheguei a conseguir, mas ele foi novamente mais rápido e agarrou meu punho, jogando-me contra a parede, com a qual colidi novamente de cabeça, caindo no chão quase inconsciente.

Minha vista turva viu quando ele começou a se aproximar para me agredir, mas não consegui reagir.

Entreguei-me à bênção da escuridão e acordei com alguém me sacudindo desesperadamente.

— Nadine! Nadine, pelo amor de Deus... o que aconteceu? O portão estava aberto, a porta de vidro está destruída...

Era uma voz feminina, e eu sabia disso, mas minha mente só conseguia processar uma coisa:

— Rafael... — sussurrei, como se o chamasse, embora soubesse que ele não estava ali.

— Não, Dine! É Marcella. Por favor, me diz o que houve aqui...

Ainda não consegui responder, apenas balancei a cabeça, sentindo o corpo inteiro doer. Não parecia ter nada fraturado.

— Você consegue se mexer? — Assenti, tentando me movimentar com toda a dificuldade. — Tem algo quebrado?

— Acho que não — até mesmo falar era difícil, mas me esforcei para não deixá-la ainda mais assustada.

Marcella abaixou-se ao meu lado, ajudando-me a levantar.

— Vem, vou te levar para o hospital.

— Não! — exclamei em desespero. Eu tinha pavor de hospitais. Algumas experiências mais do que traumáticas foram suficientes para que eu nunca mais quisesse pisar em um.

Só que Marcella não me deu ouvidos. Tanto que quando chegamos ao carro, com ela me amparando e comigo andando com muita dificuldade, repetiu, depois de entrar e se acomodar do meu lado:

— Aguenta firme, Dine... vou te levar a uma emergência. Não deve ser nada grave e...

Ergui minha mão com dificuldade, vendo pela primeira vez que estava coberta de sangue dos ferimentos feitos à faca. Toquei Marcella, deixando seu braço com uma pequena mancha escarlate.

— Por favor... me leva para o Rafael... — E disse a ela o endereço. Precisava dar esta informação antes que fosse tarde e eu apagasse. — Por favor...

— Nadine, você precisa de um hospital.

Eu não queria um hospital. Queria Rafael. Só ele. Queria que ele me abraçasse e me fizesse sentir segura outra vez.

— Não... Rafael...

Mal consegui proferir o nome dele com segurança na voz, fazendo-o soar como um sussurro frágil, porque acabei sendo levada novamente pela inconsciência.



Capítulo 19

Rafael

CERVEJA GELADA, AMIGOS E UM SÁBADO À NOITE. Fazia muito tempo que não me deixava levar por momentos assim. Mas também, em todos aqueles anos de liberdade, desde que saí do porão da casa do demônio em pessoa, nunca me senti tão em paz. E o motivo era só um: Nadine estava por perto, começando a finalmente me perdoar. Podia ser muita pretensão da minha parte, mas eu achava que em breve ficaríamos juntos, como sempre deveria ter sido.

Tá, tudo bem. Havia outros motivos para comemorar. Johnny estava comigo, depois do longo período de intercâmbio, a ONG ia de vento em popa e as coisas finalmente começavam a dar certo. Chegava a provocar uma sensação ruim, principalmente porque eu sabia que nem tudo era um conto de fadas. Havia Frank em nosso caminho e aquela vingança louca que Nadine decidira inventar.

Mas naquela noite eu não queria pensar em nada disso. De forma alguma.

Johnny estava contando uma história engraçada de sua viagem, de quando tentou chegar em uma garota em uma festa da faculdade, e o assunto acabou caindo na *minha* garota. Como não poderia ser diferente.

— Ei, cara... a Nadine é gente boa, hein... — Anderson comentou, enquanto tomava um gole direto de sua long neck.

— Gente boa? Aquela garota é a melhor — Johnny comentou antes de mim. — Como estão as coisas com ela, Rafa?

Abri um sorriso de canto, quase nostálgico, pensando na forma como ela tinha me beijado naquela manhã, com uma expressão que não traduzia apenas desejo, mas muito mais. Isso era um sinal. Eu não poderia estar enganado.

— Estão indo. Ela ainda é muito traumatizada pelo que aconteceu, mas

acho que tudo está caminhando para uma conversa franca.

— Está mais do que na hora. Você sabe que, se precisar, eu posso corroborar com o que você disser — Johnny afirmou.

— Eu também. Não que tenha convivido com vocês, mas estava lá quando você fugiu. Vi a sua cara, o desespero. Não tem nenhuma dúvida do quanto você ama essa mulher.

— Não, não tem. É a maior certeza da minha vida, o quanto eu quero ficar com ela.

— Ela é sua, Rafa. Sempre foi — Johnny falou com convicção, dando dois tapinhas na minha mão, com um sorriso no rosto.

— E eu nem sei como, né? Porque aquela garota é uma beldade... e você é bem mais ou menos, né, Hollywood? Essa cara feia, esse corpo flácido...

— Andy, eu já falei que você não faz o meu tipo... Não insiste que tá ficando chato — entrei na brincadeira. — Aliás, fui colocado na berlinda, mas e a Maria Clara, hein?

Pelo sorriso malicioso de Andy, as coisas entre eles também iam muito bem, obrigado.

Continuamos conversando por mais alguns minutos, até que o meu celular tocou. O nome de Nadine piscou na tela, e novamente sorri. Podia amar aqueles caras que estavam comigo, mas se ela me convidasse para fazer alguma coisa, eu os dispensaria em dois tempos.

Eu era um péssimo amigo.

Só que não foi a voz de Nadine que me saudou quando atendi.

— Rafael? É Marcella — o desespero em seu tom me colocou imediatamente em alerta. Os outros dois ao meu redor logo perceberam e também se entreolharam, preocupados.

— O que houve?

Eu a ouvi soluçar do outro lado da linha e me perdi em um mar de agonia. Cada segundo era uma tortura. Era algo com Nadine, sem dúvidas.

— Eu tô com a Dine... Ela não quer ir para um hospital. Quer você, Rafael, eu não sei o que fazer — choramingou ainda mais, mas a única palavra que piscou em neon na minha cabeça foi "hospital".

Levantei-me do sofá abruptamente, deixando a cerveja sobre a mesinha.

— Marcella, por que a Nadine tem que ir para um hospital? — Ela não falava coisa com coisa, e isso só me deixava mais confuso. Tentei fazer a pergunta bem calmo, como se meu coração não estivesse prestes a saltar pela boca.

— Eu não sei, Rafael... Cheguei na casa dela e a encontrei toda machucada. — Fez uma pausa. — Estou assustada... Quase chegando aí. Você pode me

ajudar?

Eu também estava assustado. Apavorado. Mas precisava me manter calmo.

— Marcella, você está dirigindo?

— Estou. Eu ia chamar um táxi, mas fiquei com medo que demorasse. Só entrei na casa de novo para pegar o telefone da Nadine, para ligar para você, e corri para o endereço que ela me deu antes de desmaiar.

— Desmaiar? Ela não está consciente? — alterei-me, sentindo Anderson se colocar ao meu lado.

— Não... — Marcella soltou um gemido no meu ouvido, um soluço ainda mais desesperado.

— Quanto tempo falta para você chegar? Anderson está na minha casa. Ele é médico...

— Graças a Deus! De acordo com o GPS, chego aí em dez minutos.

— Vou esperar vocês na entrada do condomínio.

— Não precisa...

— Precisa, sim.

Desliguei o telefone rapidamente e comecei a me preparar para sair, pegando a chave do meu carro, para o caso de precisar. Tudo isso sem nem dar satisfação aos outros dois. Só que Johnny segurou meu braço.

— Rafa, o que foi? A Dine tá machucada? — preocupou-se.

Virei-me para ele e podia jurar que se houvesse um espelho à minha frente, eu veria meu rosto completamente pálido.

— Parece que sim. Estou indo até a frente do condomínio para receber a Marcella, que a trouxe. Me esperem aqui, por favor.

— Mas por que não foram a um hospital? — Anderson indagou, seguindo-me, enquanto eu me dirigia ao portão.

— Nadine pediu para ser trazida para mim. Não sei o motivo, mas... — Suspirei, entre cansado e apavorado, chegando a parar por dois segundos, porque precisava me recompor. — Ainda bem que ela pediu isso... Eu... Eu... — Pisquei os olhos algumas vezes, sentindo a vista embaçada e a respiração pesada no peito.

Uma mão foi pousada no meu ombro. Virei-me para ver Anderson com uma expressão preocupada.

— Vai ficar tudo bem, Hollywood. Quer que eu vá lá buscá-las? Você espera aqui.

— Não! — exclamei com veemência. — Nem pensar. Preciso vê-la. Não posso esperar. Não posso...

E eu saí andando sem nem dar atenção a eles, que ficaram lá parados, exatamente como eu havia pedido.

Cada passo parecia me levar mais e mais longe do portão do condomínio, embora, fisicamente, fosse o contrário. Mas talvez tivesse sido melhor prolongar minha caminhada ao máximo, porque quando cheguei e não me deparei com um carro do lado de fora, fiquei ainda mais agitado.

Só que elas não demoraram a chegar. Ou melhor, o primeiro carro que embicou no condomínio e tocou a buzina, eu concluí que fosse o delas. Autorizei a entrada e assim que elas ultrapassaram o portão, abri a porta do lado do motorista e praticamente arranquei Marcella de detrás do volante, assumindo-o. Ela estava nervosa demais e embora tivesse levado Nadine em segurança para mim, chorava muito e precisava de um descanso. Foi, então, para o banco de trás, e assim que olhei para o lado, meu coração parou.

Nadine estava realmente apagada, com um enorme hematoma na testa, além de um corte que sangrava. Havia outro em seu braço, até onde eu podia ver, e ela parecia ter sido agredida. Alguém a havia machucado daquela forma; não fora um acidente. E eu sabia muito bem quem tinha sido.

Agarrei o volante com força, entrando no condomínio e dirigindo até a minha casa.

Estacionei quase em frente, e Anderson foi rápido em abrir a porta do lado onde Nadine estava, enquanto perguntava a Marcella:

— Ela tem algo quebrado? Fraturou alguma coisa?

— Aparentemente, não. Conseguiu se levantar e se mexer.

Anderson a tirou do banco do carona, segurando-a no colo, mas nem entrou na casa, ficou apenas esperando por mim, já sabendo que eu iria querer tê-la nos meus braços.

— Tem certeza de que não quer levá-la a um hospital? Posso dar um jeito nela aqui, mas precisamos que faça alguns exames — Anderson perguntou enquanto a entregava para mim.

Assim que eu a peguei, preparei-me para levá-la para dentro, chegando a entrar na casa, porém, por um acaso do destino, ela se remexeu, soltando um choramingo de dor.

— Desculpa, meu amor. Desculpa... — Não queria tê-la remexido, mas mal sabia o que fazer. Naquele momento a sentia como uma peça de cristal que eu era bruto demais para manusear.

— Fael... — ela sussurrou, e o apelido que me dera quando éramos muito jovens ecoou no meu ouvido de forma agridoce.

— Estou aqui, Borboleta. Vou cuidar de você.

— Foi Douglas, ele... — ela ia começar a falar, mas apagou outra vez.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, tive um estalo:

— Andy, ela não quer ir para um hospital, mas podemos levá-la à ONG,

não podemos? Temos tudo lá.

— Claro. Vá você com ela e a Marcella. Eu vou no meu carro com o Johnny. Nos encontramos lá — Anderson concordou.

— Não. Vamos para lá no meu carro, você dirigindo. Johnny leva a Marcella no dela. Quero ir com Nadine no banco de trás. Não quero me separar dela nem por um minuto.

Todos concordaram, e eu carreguei Nadine até o meu carro, acomodando-a no carro com todo o cuidado, sentando-me do lado dela e amparando-a enquanto Andy começava a dirigir.

Enquanto a mantinha bem perto de mim, só pensava que iria fazer aquele filho da puta pagar por cada machucado que causara nela. Do mais ínfimo ao mais grave.

O resto dos acontecimentos foi pouco mais do que um borrão para mim. Chegamos na ONG, tirei Nadine do carro e nem fiz questão de uma maca – eu mesmo quis levá-la até a sala onde Anderson lhe prestaria socorro. Soltá-la foi um tormento. Precisava sentir o coração dela batendo, perceber que estava respirando, senti-la viva. Só que não podia surtar. Meu amigo iria cuidar dela muito melhor do que eu.

Deixei-a com ele e com Marcella – que funcionaria como enfermeira – para examiná-la, limpar seus ferimentos e fazer os curativos. Assim que terminou, fui chamado de volta, com ela já coberta por um lençol, apenas desacordada. De acordo com as explicações de Anderson, um único corte precisara de pontos e teríamos que esperar os resultados dos exames para termos noção de quão machucada estava.

O tempo passou em uma lentidão assustadora. Johnny e Marcella surgiram para me fazerem companhia, mas não saí da cabeceira da cama de Nadine até que ela despertasse, quando eu já estava sozinho novamente.

Assim que isso aconteceu, senti sua mão pequena apertar a minha e um gemido escapar de sua garganta. Levantei-me de um pulo, e ainda bem que fiz isso, porque assim que ela abriu os olhos e se viu em um ambiente similar ao de um hospital, começou a entrar em pânico.

Ameaçou levantar-se, mas eu a segurei na cama, impedindo-a.

— Calma, Nadine... Calma... — pedi com a voz baixa para não alarmá-la ainda mais.

— Você me trouxe para um hospital... eu não...

— Shhh... — eu a interrompi. — Isso aqui não é um hospital. É a ONG. Te trouxemos para nossa clínica. Foi Anderson quem cuidou de você.

Ela pareceu se acalmar um pouco, mas continuou com os olhos vidrados, observando ao redor quase em choque.

— Estamos aguardando os resultados dos seus exames para que eu possa te levar para casa. — Para a minha, é claro. Pelo que Marcella me contara, o estado da de Nadine não era exatamente aconselhável para que ficasse sozinha.

— Douglas... ele... — Apavorada, ela ainda não falava coisa com coisa, mas eu conseguia entender perfeitamente. Na verdade, entendia o suficiente para que estivesse decidido a tomar uma atitude assim que descobrisse o estado geral de Nadine. Só que, naquele momento, precisava me preocupar com ela, que parecia prestes a ter outro ataque de pânico. — Rafael, eu quero sair daqui. Por favor.

Agitada, continuou tentando se levantar. Como não sabíamos se havia alguma lesão mais grave, mais uma vez a segurei contra a cama, deixando-a ainda mais nervosa.

— Não! Me deixa sair... Me solta, eu...

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Anderson chegou, colocando-se ao lado dela.

— Está muito agitada. Acho que ainda está em pânico pelo que aconteceu — expliquei. Anderson olhou para Nadine e balançou a cabeça. Virou-se de costas para nós por alguns minutos, enquanto ela ainda se debatia e resmungava, obrigando-me a segurá-la. Quando meu amigo retornou, trazia uma injeção.

Nadine tentou resistir, mas era para o bem dela. Precisávamos que relaxasse, que aguardasse os resultados dos exames sem se alterar.

Foram mais algumas horas de espera. Eu me entupi de café, enquanto aguardava com Marcella. Anderson não demorou com os resultados, deixando-nos mais tranquilos de que não havia nada quebrado nem fraturado. Douglas fizera um bom trabalho se queria só assustá-la. Se era mesmo lutador, sabia exatamente a intensidade que deveria utilizar em seus golpes para apenas machucá-la na medida certa.

Isso só me deixava mais desnorteado.

Ainda era madrugada lá fora, e eu estava próximo à janela, contemplando a vista, quando ouvi meu nome sendo proferido com um sussurro rouco.

Ou melhor... não o meu nome. "*Fael*".

Se a situação fosse outra eu teria até sorriso.

— Ei, amor... — Aproximei-me de sua cama e vi seus olhos ainda pesados, sonolentos, mas ela não parecia tão apavorada como da primeira vez. Eu podia ver seu peito subindo e descendo em uma respiração cadenciada, e quando peguei sua mão, estava mais cálida, em uma temperatura mais aceitável.

Beijei cada um dos nós de seus dedos, com os olhos fechados, sentindo-me aliviado por ela estar bem.

— Como se sente? — perguntei, olhando-a com toda a ternura que havia

em meu coração. E, por ela, este sentimento era imenso.

— Como se tivesse sido atropelada pelo passado... — respondeu em uma tentativa sombria de humor. Sua voz, além de guardar um tom de aflição muito evidente, estava frágil, quebrada. — Devo estar com uma aparência péssima — assumiu um tom um pouco mais divertido, chegando a dar uma risadinha desanimada.

— Impossível. Você ainda é a garota mais bonita na qual já pus os olhos. Se tivesse aparecido para mim assim, na primeira vez, eu teria me apaixonado do mesmo jeito.

Nadine olhou para mim daquele jeito inquiridor, como se não entendesse o tipo de amor que eu sentia.

— Como você pode ainda me amar? Depois de tanto tempo... Você voltou ao mundo real, Rafael. As mulheres devem cair aos seus pés em fila.

— Talvez eu seja um pouco masoquista e goste de garotas que fogem de mim o tempo inteiro. — Ao menos eu a fiz sorrir. — Mas a verdade é que esta é a maior prova da verdade dos meus sentimentos. Você sempre duvidou, achou que era algo imposto ou ilusório, por causa das condições nas quais vivíamos, mas olha... estamos do lado de fora, Borboleta, e eu ainda te amo como se o mundo fôssemos só nós dois.

Trocamos olhares por alguns instantes, e eu acariciei seu rosto machucado, tentando não me deixar levar pelo ódio ao vê-la daquela maneira.

— Fael, acho que quero contar a verdade para Marcella. Ela me salvou, merece saber o que aconteceu — Nadine disse.

— Vai ser como você quiser. Quer que eu a chame aqui?

— Não. Você sabe se já pode me levar para casa? — pediu em um tom de súplica que quase me partiu ao meio.

— O Andy disse que era só te esperar acordar. Vou chamá-lo. — Deixando mais um beijo em sua mão e outro em sua boca, bem de leve, apenas um contato carinhoso, saí do quarto, trazendo meu amigo quando retornei.

Ele deu uma boa olhada em Nadine e concordou que a levássemos para casa, contanto que ela realmente repousasse.

Os outros dois também chegaram, e Marcella trazia uma roupa sua para Nadine, emprestada, já que o lindo vestido que ela usava estava arruinado.

Quando nos deixaram novamente sozinhos, eu a ajudei a se levantar, e ela ainda cambaleou ao se colocar de pé, mas acabou se firmando sozinha.

— Ainda estou com o vestido — comentou, olhando para si mesma.

— Andy não precisou tirar, só cortá-lo um pouco mais. Ficou arruinado, infelizmente.

Ela assentiu.

— Você me ajuda a me trocar?

— Claro...

Amparei-a até o banheiro, entrando e fechando a porta, deixando-a de pé, em frente ao espelho, ancorada na pia.

Vi quando começou a se olhar, checando os hematomas, então, coloquei-me atrás dela, segurando-a pelos ombros.

— Vão desaparecer... — ela falou baixinho, como se precisasse dizer em voz alta para se certificar. Ergueu a mão trêmula ao rosto, tocando os machucados. Por mais que fossem feios, eu sabia que um homem daquele tamanho poderia tê-la destruído. Aquilo tinha cara de aviso. Ameaça. — São temporários — reforçou. — Mas aqui — colocou a mão no coração — eles vão demorar mais a sarar.

Por ter abaixado a cabeça, jurei que estava chorando, mas, não. Nadine era forte e parecia se controlar muito para não deixar as emoções explodirem.

— Pode desabafar, Dine. Estou aqui. — Talvez ela ainda não confiasse o suficiente para isso, porque ergueu a cabeça, altiva, com os olhos cheios de ódio.

— Não. Eu estou bem. Só quero voltar para casa.

— Para a *minha* casa. Marcella falou que encontrou a sua em péssimo estado. Vou pedir que alguém vá dar uma olhada, mas por enquanto você vai ficar comigo. — Não gostava de bancar o autoritário, mas ela precisava de um pulso firme naquele momento. Agir com teimosia não iria nos levar a lugar algum.

Para a minha surpresa, ela apenas assentiu. Então, comecei a ajudá-la a tirar o vestido. Porém, antes de terminar de abrir o zíper, olhei para ela através do espelho e percebi que me observava com atenção e cautela.

— Tem certeza? Você não quis que eu te visse sem blusa nas duas vezes em que tentei tirá-la. Posso chamar a Marcella...

— Não. Eu quero você.

Tudo bem que a frase não tinha o sentido que eu desejava que tivesse, mas ouvi-la foi como um presente. Talvez eu estivesse mendigando demais por qualquer resquício de sentimento que Nadine pudesse me oferecer, mas o fato de me querer por perto, por permitir que eu a levasse para minha casa e que cuidasse dela, me deixava muito esperançoso.

Desde a primeira vez em que tentei despi-la, minha mente conjecturava inúmeras possibilidades para aquele pudor, só que sempre tive a certeza de que se tratava de uma cicatriz. Ou mais de uma.

Mas realmente não estava preparado para o que acabei encontrando.

Assim que tive suas costas nuas diante de mim, algo se destacou. Na curva de sua coluna, bem no cóccix, havia uma tatuagem. Uma borboleta azul

pequena, em posição de voo, sendo seguida por um corvo bem maior que ela – embora ambos, juntos, não passassem de sete centímetros no máximo –, como se o animal mais sombrio protegesse o delicado inseto.

De alguma forma, eu estava marcado em seu corpo. Para sempre. Assim como ela estava no meu.

— Quando você fez essa tatuagem? — precisei perguntar, embora desejasse muito ser discreto e não fazer alarde.

— Há uns três anos — respondeu, olhando-me por cima do ombro. Como ela conseguia ser tão sensual mesmo estando ferida?

Ou será que era o meu coração, batendo mais e mais rápido por causa da recente revelação?

— Você ainda estava casada?

Nadine apenas balançou a cabeça, afirmando, e eu fiquei confuso. O que me restou imaginar foi que o tal Hélio não deveria saber sobre mim, ou talvez só não conhecesse o meu apelido.

Mas isso não importava no momento.

— Você nunca saiu de mim, Rafael. De uma forma ou de outra... — falou baixinho, e eu fechei os olhos, como se ouvir aquilo fosse doloroso. Mas uma dor boa.

Ainda tínhamos um longo caminho a percorrer, mas estávamos avançando. Isso era o que importava.

Ajoelhei-me no chão, com ela ainda de costas para mim, e beijei a tatuagem, sentindo-a estremecer com o contato.

Fiz apenas isso. Não era hora para mais. Primeiro eu precisava levá-la para casa e cuidar de seus ferimentos.

Ajudei-a a trocar-se, e quando saímos do banheiro o quarto ainda estava vazio, mas havia uma cadeira de rodas esperando-nos.

— Isso é mesmo necessário? — indagou com uma expressão desanimada.

— É isso ou vai ser carregada no colo. Não pode fazer esforço — falei com autoridade, e ela, a contragosto, sentou-se na cadeira.

Saímos da ONG, acompanhados dos outros três. Todos nós estávamos exaustos, mas, ainda assim, Marcella e Johnny foram para a minha casa. Anderson foi dormir um pouco, porque teria que ir ao hospital onde trabalhava ainda naquela tarde.

Carreguei uma indignada Nadine pelas escadas, até o quarto, e, diferente da última vez, levei-a para o meu. Não iria deixá-la sozinha durante a noite, nem que precisasse dormir em uma poltrona. Ela já tinha feito isso por mim no passado.

Assim que a coloquei cuidadosamente na cama, com a ajuda de Johnny, que

afastou a colcha e afofou os travesseiros, Nadine anunciou:

— Marcella, preciso falar com você. — Já ia conduzir Johnny para fora do quarto, mas ela nos impediu. — Não. Quero todos presentes. O que vou dizer diz respeito a vocês dois também.

Marcella parecia confusa, mas aceitou, aproximando-se da cama de Nadine, colocando-se ao lado dela, enquanto eu e Johnny permanecíamos de pé, apenas aguardando.

— Antes de mais nada, não quero que pense que comecei a desenvolver um carinho por você por causa do que vou te contar. Acho que as coisas aconteceram porque tinham que acontecer — Nadine começou.

— Você está me assustando.

— Infelizmente a história é assustadora. — Fez uma pausa, e eu cruzei os braços, porque concordava com ela. — Você leu o meu livro, Simetria, não leu? — A moça assentiu, balançando a cabeça. — É a *minha* história. Lembra quando te contei que conheci Rafael quando era muito nova? Johnny também.

— Rafael é o Ryan? E você é a Nathalie? — indagou, já parecendo assustada, e quando Nadine respondeu com um movimento de cabeça, Marcella levou as mãos à boca. — Meu Deus...

— Mas isso não é tudo. Na história real, não é um padrasto que faz todo aquele mal para a garota. Meu padrasto foi muito bom para mim, aliás. Foi um tio. — Nadine precisou respirar fundo e olhou para mim no processo. Com um meneio de cabeça, tentei lhe oferecer o incentivo do qual precisava para prosseguir. Então, ela o fez: — Sou sobrinha de Frank, Marcella. O namorado da sua mãe.

Marcella demorou a reagir, mas quando o fez, levou uma das mãos ao peito, deu dois passos para trás e arregalou os olhos. Eu e Johnny nos colocamos em alerta, porque era uma notícia chocante o suficiente para fazê-la passar mal ou algo assim.

— Do que... do que você... — gaguejou e não conseguiu completar a frase.

— Tenho como provar isso, mas não aqui, na casa do Rafael. Se você me der um voto de confiança...

— Voto de confiança? Eu nem... não sei... — Ofegante, ela respirava com dificuldade. — Tudo que você narrou no livro é real? *Tudo*?

— Tudo — Nadine deixou escapar em um sussurro. — Cada parte. Só não quero entrar em detalhes e peço que você não faça o mesmo, porque é muito doloroso.

Senti uma hesitação da parte de Nadine ao dizer esta última frase, como se não fosse inteiramente verdade. Claro que ela ainda devia sofrer, mas havia algo mais; como se ela não quisesse que *eu* soubesse de toda a verdade.

Marcella balançou a cabeça, e enquanto fazia isso deu mais alguns passos para trás. Apressei-me em pegar a poltrona do canto e arrastá-la, ajudando-a a sentar-se.

— Meu Deus... como minha mãe pode se relacionar com um monstro como aquele? — ela divagou.

— Ela não sabe. E preciso te dizer também que tenho planos de me vingar dele. Dele e de Douglas... — Nadine soltou, e Marcella novamente reagiu com uma expressão de pânico.

— Então Douglas é...

— Sim — as duas pareciam se entender com poucas palavras. Eu, por minha vez, estava um pouco confuso, mas não tinha coragem de perguntar nada.

— Sinto muito, Dine.

— Não. *Eu* sinto muito. Não quero que pense que estamos nos aproximando só por causa desses meus planos. No início, talvez, mas agora... Bem, eu realmente gosto de você.

— Isso não faz diferença. Seria algo muito pequeno perto do que estou imaginando que passou. Aquele homem é um demônio! Ele precisa ir preso.

— E vai. Eu e Rafael vamos nos certificar disso. Mas antes quero que ele seja humilhado; que essa ideia de carreira na política vá por água abaixo. Quero que seja eu a responsável por ele acabar na lama.

— Com toda razão — Marcella falou com veemência.

— Você acredita em mim? — Os olhos de Nadine brilharam de esperança.

— Acredito. Nunca fui com a cara dele. E mesmo se não fosse isso, a forma como ele reagiu à sua presença no jantar naquele dia seria prova suficiente. — A garota olhou para mim e para Johnny, com os olhos cheios de pesar. — Eu sinto muito por vocês também.

Então, Nadine voltou-se para mim.

— Vocês podem me deixar sozinha com Marcella?

Eu não queria sair de perto. Não só porque ela ainda estava machucada, mas porque sabia que tinha muitos detalhes daquela história — a *minha* história — que eu desconhecia. Ainda assim, não podia forçar minha presença.

Assentindo, eu e Johnny saímos do quarto, deixando as duas mulheres sozinhas.

Fomos para a sala, no andar de baixo, e nos jogamos no sofá, cansados, tanto física quanto emocionalmente.

— Que história é essa de vingança, Rafa? Você também vai participar disso? — Johnny soava confuso.

Dei de ombros, enquanto massageava minhas têmporas, sentindo a cabeça latejar e mantendo os olhos fechados.

Hesitei por alguns instantes, porque já estava cansado o suficiente para ainda precisar entrar em um assunto tão complicado, mas Johnny merecia uma resposta. Olhei para ele antes de começar a falar:

— É uma longa história. Por mais que eu ache perigoso, ela tem o direito, não tem?

— Claro. Mais do que ninguém. Mas você viu o estado em que ficou.

— Vi. — Franzì o cenho, muito sério e determinado. — E pretendo fazer algo a respeito.

— Rafa... cuidado... — Johnny alertou, parecendo entender exatamente ao quê eu me referia.

— Aquele cara que a agrediu é que tem que ter cuidado comigo. Ninguém vai fazer o que fez à Nadine e esperar que eu fique de braços cruzados.

— Eu entendo. Mas repito: tome cuidado. São pessoas perigosas.

— Eu também sou, Johnny. Ainda mais quando machucam a mulher que eu amo.

Meu irmão postiço ficou em silêncio, mas sua expressão transparecia toda a preocupação que deveria sentir. Ele estava certo, obviamente, mas eu não conseguiria ser prudente diante das circunstâncias.

Permanecemos sentados ali, calados, até que Marcella se juntou a nós, quase uma hora depois.

— Como ela está? — perguntei imediatamente, enquanto ela se sentava à minha frente, no outro sofá.

— Pegou no sono. Ainda está cansada, provavelmente da medicação.

Eu e Johnny assentimos.

— E você? Tudo bem? — preocupei-me.

Ela respirou bem fundo.

— Não tem como ouvir uma história como aquela e não ser afetada, especialmente quando o vilão é alguém tão próximo. — Ela fez uma pausa. — Nadine é muito forte. Estou impressionada.

— Ela é. Você não faz ideia.

Marcella sorriu. Um sorriso desanimado, mas que me confundiu.

— Eu acho que quem não faz ideia é você.

Sim, ela provavelmente estava certa, e em breve eu descobriria muitas coisas no livro que Nadine escrevera. Eu poderia encarar como uma invasão de privacidade se a história não tivesse sido publicada para o mundo inteiro ler.

Mas eu teria tempo para pensar nisso depois. Naquele momento, tinha algo mais importante a fazer.

— Marcella, você sabe onde esse tal Douglas mora? Sabe onde posso encontrá-lo?

— Ei, Capitão América... eu sei, sim. Já fui com a minha mãe no apartamento dele, mas vai com calma aí. Você está espumando de ódio, precisa se acalmar primeiro — ela pediu.

— Não, não preciso. Você a encontrou lá. Não acha que aquele cara merece uma lição pelo que fez com ela?

— Ele merece muito mais que uma lição, Rafael, mas você pode se prejudicar por isso.

— Não vou matar o cara.

— Do jeito que está nervoso, não posso colocar minha mão no fogo por isso — Johnny falou.

— Você me conhece.

— Sim. Conheço e confio no seu bom senso, mas também sei do seu amor por aquela mulher. — Johnny apontou para o andar de cima, referindo-se a Nadine. — Eu também a amo, Rafa, e adoraria dar uma lição no sujeito, mas...

— Não tem mas, Johnny — interrompi e virei-me para Marcella. — Vai me ajudar?

— Só se prometer que vai dar umas porradas bem dadas nele, mas nada mais longe do que isso.

— Eu prometo.

Dez minutos depois eu estava entrando no meu carro, deixando Marcella e Johnny cuidando de Nadine.

O filho da puta não morava tão longe, em Jacarepaguá. Como ainda passava um pouco das sete, torcia para que estivesse em casa.

Cheguei a um condomínio grande e, como uma pessoa civilizada, interfonei. Se ele não quisesse me receber, eu estaria pronto para ficar ali plantado o dia inteiro apenas esperando que saísse para que pudéssemos ter nosso acerto de contas.

Para a minha surpresa, ele autorizou minha entrada.

Todo o caminho até a porta de seu apartamento foi quase um borrão, porque meu sangue borbulhava dentro do meu corpo.

— O próprio Corvo em pessoa na minha casa? — Ele estava alterado, de alguma forma. Pupilas dilatadas, olhos vermelhos e com uma expressão irônica que, definitivamente, não era normal. Havia um curativo em seu ombro. Eu esperava que tivesse sido Nadine que o tivesse ferido. — Que honra.

Só precisou abrir um pouco mais a porta e foi atingido por um soco bem no meio da cara de merda, porque eu não tinha tempo a perder e nem palavras a dizer. Ele sabia por que estava apanhando, assim como sabia que também era bom de briga, lutador. Se eu não gostava de apanhar dos meus adversários de ringue, não era aquele filho da puta que iria me acertar.

Acho que o deixei atordado, porque não reagiu. Só que não parecia uma estratégia ou algo planejado, porque a cada soco que eu lhe dava, ele tentava revidar, mas o meu ódio era mais forte do que qualquer coisa.

Agarrei-o pela gola da blusa, quando caiu no chão pela primeira vez, erguendo seu tronco o suficiente para que pudesse olhar na minha cara. Também cheguei perto o bastante para sentir o fedor de álcool. Então este era o problema – o cara estava completamente bêbado. Olhando para cima da mesa de jantar, ao lado da qual brigávamos, vi um pacotinho de cocaína.

Não me importei com nada disso. Só queria passar um recado.

— Se tocar nela mais uma vez... Se chegar perto, se sequer pensar em se aproximar, eu vou te destruir.

— Assim é fácil, babaca. Eu estava despreparado. Quero te pegar em um ringue.

— Vá se foder! — alterei-me, mas ainda não elevei o tom de voz. — Tudo que eu vejo é um verme, um fracassado que precisa agredir uma mulher para se sentir melhor do que alguém. Eu nem tenho prazer em lutar com você.

Jogando-o no chão com força, dei-lhe mais um soco, que o deixou apagado.

Olhando para a cara dele, estourada o suficiente para que eu me sentisse um pouco melhor, afastei-me e saí de seu apartamento, fechando a porta, e esperando deixar todo o mal que ele emanava lá dentro.

Infelizmente eu sabia que ainda iria nos infernizar. Ele e Frank, na verdade.

Mas estava preparado para os dois.

A decorative graphic consisting of several black butterfly silhouettes of various sizes, arranged in a curved, trailing pattern that starts from the left and points towards the chapter title.

Capítulo 20

Nadine

SE TINHA UMA COISA QUE EU REALMENTE odiava era ficar doente ou qualquer variação disso. Ser obrigada a permanecer na cama por dias não me agradava em nada, ainda mais com um enfermeiro tão exigente, teimoso e devotado.

As horas pareciam passar em uma lentidão doentia, mas, ao menos, quando me senti forte o suficiente para me levantar da cama, Rafael me levou à minha casa, onde peguei roupas e meu notebook, o que acabou me fazendo adiantar uma boa parte do livro, já que era uma das poucas coisas que conseguia fazer sem que ele implicasse que estava me esforçando demasiadamente.

Enquanto ainda me recuperava, e Rafael precisava trabalhar, Marcella e Johnny se revezaram para ficarem de babá. Às vezes os dois, juntos, me faziam companhia, e era uma graça a forma como se entendiam.

Rafael tentava a todo custo me fazer ir à delegacia para denunciar Douglas, mas eu me recusava terminantemente. Podia ser algo imprudente da minha parte, mas isso iria apenas atrapalhar minha vingança. Douglas sempre estivera incluído nela, mas agora era uma questão de honra levá-lo ao fundo do poço junto com Frank. Se eu o denunciasse por agressão, com a influência do meu querido tio, ele certamente sairia da cadeia em pouco tempo. E não era isso que queria. Este, eu queria morto.

E se precisasse ser eu a puxar o gatilho, que assim fosse.

Aliás, eu sentia que tudo estava demorando demais a acontecer. Eu queria que aquelas duas pessoas saíssem da minha vida o quanto antes. Queria acabar com eles e poder seguir com a minha vida. Com ou sem Rafael, embora eu preferisse que finalmente nos acertássemos e ficássemos juntos.

Já me sentia muito melhor – o suficiente para me pegar andando de um lado

ao outro, no meio da sala de Rafael, impaciente, entediada e levemente irritada depois de tantos dias presa dentro de casa. O que era ridículo para alguém que passou anos confinada em um porão.

— Vai abrir um buraco no chão se continuar assim — Rafael comentou. Era sábado, mas ele estava com a cara enfiada no laptop preparando uma petição de um de seus casos. Precisava de concentração, mas tinha a impressão de que prestava mais atenção em mim do que nas palavras que escrevia.

— Estou há duas semanas parada...

— E está querendo compensar agora andando que nem uma leoa enjaulada? — brincou, interrompendo-me, em uma tentativa de humor que não foi muito bem recebida por mim. Rafael percebeu, pela forma como o olhei, como se quisesse matá-lo.

— Enjaulada eu estou, não é? — falei por entre dentes. — Fico imaginando se fosse algo mais grave. Você usaria o quê? Algemas?

Ainda de bom humor, Rafael deu de ombros.

— Se é uma coisa que você curte, podemos providenciar.

Inclinei-me para dar um tapa em seu braço, mas ele segurou meu punho. Enquanto deixava o notebook de lado, puxou-me, fazendo-me cair em seu colo.

Irritada como estava, não pretendia ficar ali. Especialmente enquanto não estabelecêssemos o que estava acontecendo entre nós. Só que ele me segurou com força, especialmente quando tentei sair na marra.

— Não resito quando você está assim enfurecida — continuou com aquela cara de pau irritante, e daquela vez eu acertei seu ombro, o que era praticamente inútil, porque ele parecia feito de pedra.

— Não estou enfurecida.

— Ah, não? Quando estiver, então, vai colocar fogo na casa... — Ele riu.

O filho da mãe *riu*.

— Já disse que odeio seu bom humor matinal, não disse?

— Algumas vezes — ele respondeu, sorrindo. — Mas já disse que não tem como ficar de mau humor quando eu tenho a mulher mais linda do mundo sentada no meu colo. Mesmo contra a vontade dela.

Eu poderia ter me derretido, principalmente por seu tom de voz doce e carinhoso, mas tentei continuar indignada.

— Isso se chama relacionamento abusivo — falei, em uma tentativa de sarcasmo, mas ele ergueu a sobrancelha, parecendo um pouco mais sério.

— Então estamos em um relacionamento?

Fiquei sem ar diante da pergunta, porque realmente não sabia como respondê-la. A verdade era que nem eu sabia. Tínhamos nos beijado, feito sexo — que fora incrível, por sinal —, nos pegado no sofá, mas durante aqueles dias de

recuperação, quem nos visse juraria que éramos apenas amigos. Rafael mal me tocou, embora tivesse me tratado com carinho e cuidado o tempo todo.

Mas assumir que estávamos em um relacionamento sem nem antes conversarmos seria o mesmo que apagar todos os anos de sofrimento. Ou melhor... passar uma tinta sobre as memórias ruins, sem prever que um dia ela iria descascar e trazer tudo de volta à tona.

Acho que minha expressão serviu de resposta para Rafael, pois o sorriso brincalhão e adorável desapareceu, dando lugar àqueles olhos melancólicos que partiam meu coração ao meio.

— Desculpa. Eu não quero te pressionar. — Parecendo muito decepcionado, ele me tirou de seu colo, deixando-me sentada sobre o sofá. Levantando-se, seguiu em direção à cozinha, sem dizer mais nada.

Quando procurei Rafael naquela maldita festa, minha intenção nunca foi magoá-lo deliberadamente. Eu podia jurar que quando nos reencontrássemos ele já teria me esquecido, seguido com sua vida, mas o que encontrei foi algo totalmente inesperado. Mesmo que sentisse um imenso remorso pelo que me fizeram acreditar que tinha acontecido em nossa separação, nunca quis feri-lo. O amor que sentia era maior do que minha própria vontade de me vingar. Ainda assim, ser um pouco rude não me incomodara tanto como incomodava agora. Sua reação me provocou uma sensação ruim, tanto que me levantei e fui atrás dele.

— Fael... — chamei, assim que cheguei, escorando meu corpo no batente da porta, observando-o enquanto pegava algumas coisas na geladeira e as levava para a pia. Eram frutas e leite, e concluí que iria fazer uma vitamina. Apoiei-me na bancada de mármore que dividia dois ambientes da cozinha.

Olhou para mim, mas não disse nada. Era difícil ficar imune a um homem com aquela aparência, que acordava de bom humor, dizia que eu era a mulher mais linda do mundo e ainda ficava com aqueles braços enormes expostos na camiseta regata que se moldava ao seu corpo de forma indecente.

Aquele tipo de perfeição deveria ser proibida.

— Eu só quero que a gente vá com calma, tudo bem?

Ele respirou fundo, apoiando uma das mãos na bancada, de lado para mim, abaixando a cabeça e assentindo.

— Posso ser paciente, Nadine. — Olhou-me outra vez. — Por você, eu posso fazer qualquer coisa, mas tenho medo de que no final tudo seja em vão e eu acabe te perdendo de um jeito ou de outro. E já te perdi uma vez. Não quero passar por isso de novo.

— Quando eu te procurei — comecei a falar, sabendo que poderia me arrepender de revelar tanto, mas era necessário. Eu não queria que ele se

desanimasse conosco. Não enquanto ainda me sentisse tão confusa —, estava cheia de mágoa no coração. Jurava que nunca mais iria deixar que me tocasse nem que tivesse esperanças em relação a nós dois.

— O que te fez mudar de ideia? — Enquanto falava, ele foi se aproximando de mim aos poucos, pé ante pé. Sexy. Com um olhar predatório e desconcertante. A voz sussurrada.

Como eu poderia me manter imune? Como não sentir a cabeça girar?

Engoli em seco.

— Não é exatamente fácil resistir a você — confessei, também com a voz arfante. Ele já estava próximo. Muito próximo.

Ativando o modo sedutor como o inferno, Rafael colocou as duas mãos na bancada onde eu estava apoiada, cercando meu corpo com seus braços sem que nenhum deles sequer me tocasse. Abaixou o rosto na direção do meu, mas também não me beijou.

— Posso dizer o mesmo, Borboleta. Você sabe que eu sou louco por você, não sabe? — Se eu não soubesse, aquele tom de voz seria o suficiente para isso. Ele quase ronronou no meu ouvido, e eu só pude estremecer.

O que diabos ele estava tentando fazer comigo?

— Está resistindo porque quer — provoquei.

— Porque não quero só sexo com você. Sabe disso... E você deixou bem claro que é a única coisa que tem em mente.

— Não é muito difícil pensar em sexo ao olhar para você. Ainda mais depois de lembrar as coisas que fez comigo da última vez.

Ele sorriu de canto. Onde estava o meu Rafael doce e romântico de sempre?

— Não vou te levar para cama, Nadine. Não antes de resolvermos nossas pendências — afirmou com veemência. Mas não saiu de perto de mim. Nem recuou um passo. Eu ainda sentia sua respiração pesada atingir meu rosto, sentia o calor do seu corpo muito próximo do meu.

— Não estou falando de sexo — respondi ofegante, especialmente porque, como se não conseguisse resistir, ele encostou delicadamente a boca na curva do meu pescoço, quente, macia, sensual.

— Está falando de quê, amor? — sussurrou bem baixinho, enquanto deslizava a boca até a parte de trás da minha orelha, usando a língua para traçar um caminho de fogo, que reverberou em cada terminação nervosa que havia dentro de mim.

Se não bastassem todas as coisas que ele estava fazendo, ainda me chamava de amor. Não era justo.

Não com a minha sanidade.

— Um beijo, Fael... É inofensivo, não é? — falei em um tom de súplica que

odiei desde o momento que deixou minha boca. Mas já estava pouco me lixando para isso. Só queria que ele atendesse ao meu pedido.

O filho da mãe continuou a deslizar os lábios pela minha pele, subindo até o meu rosto, mas pulando a minha boca, passando para o outro lado do meu pescoço.

— Você *quer* que eu te beije? — provocou, malicioso, continuando sua tarefa de me seduzir.

Eu devia dizer que não. Ignorá-lo. Sair de perto. Preservar o que restava do meu juízo. Só que... Meu Deus... Naquele momento ele podia fazer o que quisesse comigo, porque eu não estava sequer pensando. Não enquanto sua boca desenhava mil e uma promessas ao longo da minha pele.

— Muito — foi o que eu respondi, sem hesitar. Sem me arrepender.

E, da mesma forma como estava agindo anteriormente, Rafael continuou sua exploração devagar, sem pressa, como uma melodia sensual e lenta, tocada por um violino perfeitamente afinado.

As mãos que ainda estavam presas à bancada foram se aproximando do meu corpo lentamente até tocá-lo. Ambas foram parar na minha cintura, primeiro com suavidade, depois me apertando com desejo.

Mas ele ainda não uniu nossos lábios.

Ao invés disso, uniu nossos olhos. Fixou os dele nos meus, semicerrados, pesados e sombrios, como se contemplasse algo que ele queria com fome, urgência.

Era desconcertante ser desejada por alguém daquela forma.

Ainda segurando ambos os lados da minha cintura, ele me levantou do chão, colocando-me sentada sobre a bancada, deixando-me na altura perfeita para o beijo pelo qual eu já estava implorando em silêncio.

Mas ainda não me beijou.

Era a tortura mais doce que já sofri.

— Rafael... — suspirei o nome dele, em um tom de quase repreensão. Por que diabos não me beijava logo?

— Eu vou te beijar, Dine, mas do meu jeito. Devagar... Você não merece ser beijada com pressa.

Ele continuou a usar seus lábios em meu pescoço, mordendo minha orelha com suavidade, deixando beijos lentos pelo meu rosto até novamente chegar aos lábios. Lambeu o inferior e também o tomou entre os dentes, provocando, marcando, preparando.

Quando finalmente me beijou, eu já estava mais do que desesperada por ele. Quando sua língua veio lenta, sensual, abrindo minha boca e se acomodando à minha, eu só queria me perder nas centenas de emoções que ele conseguia me

provocar só com um beijo.

Tudo parecia combinado para me deixar sem forças. Sem muito esforço, Rafael conseguia me transformar em uma massa inanimada, que ele podia manipular com suas mãos como bem entendesse. Eu, obviamente, não era uma mulher com uma vasta experiência, mas tinha a leve impressão de que não era normal um homem ser capaz de provocar tantas sensações com um único beijo.

Era só um beijo, meu Deus... Por que, então, eu sentia como se todo o ar daquele cômodo – não, o ar do universo inteiro – tivesse sido drenado e eu pudesse perder os sentidos ali mesmo, sobre aquela bancada, nos braços de Rafael?

Ele se afastou de mim alguns instantes depois, deixando minha cabeça completamente zonzinha, e ainda teve a coragem de aproximar aquela boca maldita e maravilhosa do meu ouvido novamente e dizer, no tom sussurrado de sua voz profunda:

— Vou parar por aqui, porque... — ele suspirou, mais uma vez tomando o lóbulo da minha orelha entre os dentes. — Porque eu quero fazer muito mais coisas com você. Porra, Borboleta — apertou ainda mais o braço que mantinha ao redor da minha cintura, deixando-me sem ar, praticamente esmagando-me contra seu peito. — Eu quero você inteira...

— Estou aqui, Rafael — foi a única coisa que consegui dizer, mas foi o suficiente para fazê-lo me soltar.

Depois de me olhar por alguns instantes, levou ambas as mãos ao meu rosto, deixando mais um beijo casto e terno nos meus lábios.

— Não até conversarmos e decidirmos o que vai ser. É importante para mim e...

Rafael foi interrompido pelo som do interfone, que eu amaldiçoei mentalmente com todos os palavrões mais sujos que conhecia.

— Deve ser Tatiane... — ele disse, tirando-me de cima do balcão em um único movimento e me colocando de pé, afastando-se para atender ao aparelho.

Tatiane?

O que diabos a ex-namorada dele ia fazer ali em um sábado?

Um lampejo de ciúme muito indesejado se instalou no meu peito. Pela forma como olhei para Rafael, quando ele se voltou para mim, depois de liberar a entrada de Tatiane, meus sentimentos foram percebidos, porque o sorriso levemente malicioso que curvou seus lábios era prova suficiente de que estava satisfeito com a minha reação.

— Ela está vindo pegar um documento que vamos precisar na segunda, em uma reunião da ONG, mas também quis que vocês se encontrassem, porque o assunto é de seu interesse. Quero mostrar para ela a foto da receita de Frank.

Sim, aquilo realmente era do meu interesse. Ainda assim, não pude deixar de me sentir incomodada com a proximidade que eles mantinham.

Só que quando Tatiane chegou, eu me esforcei para ser verdadeiramente simpática, já que a garota não era nada além de cordial comigo.

Sentamo-nos reunidos à mesa de jantar, como se fosse um evento formal, e Rafael pediu que eu mostrasse a foto a Tatiane.

Ela analisou, em silêncio, até que anunciou:

— Isso é um ansiolítico — ela confirmou nossas pesquisas anteriores. — Pesado, aliás.

— Nós chegamos a pesquisar sobre. Você pode nos dizer alguma coisa a respeito? — Rafael perguntou.

— Muitas. Tantas que nem poderia ajudar. Seria completamente abrangente. — Ela fez uma pausa. — Mas por que estão me perguntando isso. Quem é Frank Danneman?

Eu e Rafael nos entreolhamos.

— Meu tio — respondi. Como ela continuou me olhando, decidi revelar mais do que estava disposta: — Você conhece a minha história com Rafael?

Tatiane olhou para Rafael, buscando orientação.

— Sim, Dine, eu contei para a Tati sobre como nos conhecemos.

Assenti, sabendo que aquilo iria facilitar e muito as coisas.

— Então você sabe quem é Frank Danneman.

— Rafael nunca mencionou o nome dele. Mas... bem... agora sei o nome do filho da puta que ferrou com a vida de vocês — ela parecia sincera. Por mais que tivesse sentimentos por Rafael, era justa o suficiente para concordar que nossa história era trágica. — Isso aqui é importante? — Apontou para a tela do meu celular.

— Muito — respondi.

— Então acho que o universo está conspirando a favor. Eu conheço a médica que trata do seu tio. Na verdade, quase todo mundo no meio da psicologia a conhece, porque ela é uma professora renomada. Só que eu tive um *affair* com o filho dela há alguns meses, e acho que posso conseguir algo com ele.

— Seria ótimo — Rafael comentou, e eu concordei com ele.

— O que ele fez com a gente tem que ser vingado, Tatiane — falei com calma, tentando não demonstrar o quanto tudo aquilo mexia comigo. Só que a outra mulher olhou direto para as minhas mãos, que tremiam.

Ela as segurou. Isso me fez baixar os olhos e observar seu gesto, enquanto a ouvia dizer a Rafael:

— Rafa, você poderia nos deixar sozinhas?

— Claro... — ele respondeu prontamente, levantando-se e voltando à cozinha, onde entrou e fechou a porta.

Ergui meus olhos em direção a Tatiane, esperando não parecer desamparada ou uma menina assustada.

— Eu sou psicóloga e reconheço alguns sinais. Você não está bem. Sabe disso, não sabe?

— Estou, sim — insisti, embora fosse pura teimosia. Desde o ataque de Douglas, nunca mais consegui dormir como nas duas primeiras noites que passei na casa de Rafael. A única forma de me livrar de pesadelos era me entorpecer com um belo tranquilizante. Os braços do homem que eu amava não me acalmavam nem apagavam as lembranças de ter aquele homem odioso na *minha* casa.

— Você pode tentar enganar a si mesma, mas não engana a mim. E provavelmente não engana ao Rafael também. — Tatiane continuava com a mão sobre a minha. — Ninguém passa pelo que você passou sem um trauma para contar história. Chegou a buscar tratamento?

— Meu marido me fez frequentar um terapeuta, mas foi por pouco tempo.

— Por quê?

Suspirei, não querendo entrar naquele assunto com uma pessoa desconhecida, mas sabendo que ela não me deixaria escapar tão fácil.

— Eu estava muito mal naquela época. Não conseguia falar. Era improdutivo.

— Nunca é improdutivo. Mas agora, já que você insiste que está bem, acho que pode tentar recomeçar. Todo mundo precisa de terapia, mesmo pessoas que não passaram pelo que você passou. — Tatiane finalmente soltou minha mão. — Obviamente, dadas as circunstâncias, eu não poderia ser a sua terapeuta, mas posso indicar alguém assim que você se sentir preparada.

Olhei para ela, sentindo meu coração se encher de ternura por aquela mulher. Como era possível que fosse tão generosa? Ela deveria me odiar, mas estava ali, tentando me ajudar.

Era mais uma prova de que bons seres humanos ainda perambulavam em meio àquele mundo cheio de crueldade.

— Obrigada, Tatiane. De verdade.

Ela deu de ombros e começou a se levantar.

— Não estou fazendo isso só por você. Alguém que namora o cara mais incrível do mundo precisa se cuidar e tentar ficar o máximo possível sã. Ele merece isso. — Apontando para o meu telefone, que estava sobre a mesa, acrescentou: — Vou agilizar isso para vocês. Cruze os dedinhos.

— Será que você vai conseguir alguma coisa?

Ela sorriu de forma maliciosa.

— Nada que um belo decote e um bom vinho não ajudem, ainda mais com um homem que tem algum interesse em você.

Não pude deixar de retribuir o sorriso.

— Espero que não vá fazer algo que não queira só para ajudar.

— De forma alguma. Ele é bem competente no que me interessa. — Deu uma piscadinha, e meu sorriso se ampliou.

Obviamente era bom saber que Tatiane tinha outra pessoa em vista. Primeiro porque ela não merecia sofrer e segundo...

Ah, eu não tinha um coração de ferro. Tê-la fora do meu caminho em relação a Rafael também não seria nada mau.

Acompanhei-a até a porta e, quando retornei, Rafael já tinha voltado para a sala.

— Ela te deixou um beijo — falei apressada, com a intenção de passar por ele, mas, obviamente, Rafael segurou meu braço e me fez virar para ele.

— O que houve? Voltamos à versão Nadine irritada de mais cedo?

— Vai me beijar de novo para me acalmar? — provoquei, com uma sobrelheira erguida.

Ele sorriu de canto, daquele jeito que seria capaz de me matar em dois segundos.

— Eu nunca te negaria um beijo, muito menos se for por uma boa causa.

E ele beijou. Novamente devagar, sem me tocar de forma mais intensa, apenas mantendo a mão no meu braço.

Não demorou nem metade do que eu gostaria, mas quando se afastou de mim, o olhar cheio de luxúria que me lançou também beijou o meu, como se nossos olhos, assim como nossos lábios, não pudessem se manter separados por muito tempo.

— Está mais calma? — indagou em tom de zombaria.

— Se eu disser que não você vai continuar me beijando?

— Eu pretendo continuar beijando você para o resto da minha vida, Nadine. É só você me permitir.

Ele manteve a mão no meu braço, segurando-o firmemente, enquanto novamente trocávamos olhares. Rafael, então, me puxou mais para si, daquele jeito impetuoso que sempre me fazia arfar, fazendo-me colidir com seu peito. Deixando-me outra vez próxima demais, a uma ínfima distância muito perigosa.

Eu mal conseguia respirar.

Só que Rafael não me beijou, ele apenas falou, com aquela voz que me deixava tão zonha quanto seus beijos, no tom sussurrado que me acariciava tanto quanto suas mãos:

— Eu sou tão apaixonado por você, Nadine... Tanto que chega a doer.

Isso me fez fechar os olhos. Porque doía em mim também. Era doloroso amá-lo da forma como eu amava e ao mesmo tempo sentir tanto medo. Era cruel que a vida tivesse nos privado de tantas coisas. Mas estávamos ali, não estávamos? Depois de tanto tempo. E eu não podia dizer que não confiava nele. Não importava o que tinha acontecido, o que era certo ou errado. Ele precisava saber que não estava sozinho naquele sentimento.

— Eu também, Fael. Isso não mudou.

— O que mudou, então? — indagou naquele tom de voz desamparado, que era refletido em seus olhos.

— Nós mudamos... Não?

— Graças a Deus por isso... Eu não queria ser um moleque para o resto da vida. — Ele sorriu, parecendo se esforçar para deixar o clima da conversa mais leve.

— Você nunca foi um moleque, Rafael. Sempre foi o homem mais honrado que conheci.

— Mas te decepcionei, não foi?

Fiquei calada. Ele obviamente me desapontara, mas podia apostar que não fora sua culpa. Talvez estivesse na hora de conversarmos. E eu poderia ter proposto isso, mas a ideia daquele diálogo definitivo ainda me assustava, porque eu tinha medo do que iria descobrir.

Quando tomei coragem, Rafael deu um beijo na minha testa e se afastou, soltando-me. E eu perdi o timing.

— Cheguei a te falar que tenho uma luta hoje, não falei? — Afastou-se, dirigindo-se à cozinha, onde algo cheirava bem. Ele provavelmente tinha começado a preparar alguma coisa enquanto eu conversava com Tatiane.

— Sim, você disse — respondi, aproximando-me, ainda pensativa.

— Quer ir?

Impulsionei meu corpo e sentei-me sobre o mesmo balcão onde tínhamos acabado de nos beijar. Peguei uma maçã sobre uma cesta e comecei a brincar com ela, jogando-a para cima.

— Vai ficar muito chateado se eu não for?

Ele olhou para mim com uma expressão descarada de ironia.

— A donzela prisioneira não quer sair de casa? — indagou, girando o corpo para me observar por cima do ombro, e eu revirei os olhos, impaciente. Ele nem merecia resposta. — Não, claro que não vou ficar chateado.

— Aliás, você não acha que está na hora de eu voltar para a minha casa? Já estou recuperada...

Rafael parou o que estava fazendo, largou a faca com a qual cortava a

salada e secou as mãos. Apoiando o quadril na pia, cruzou os braços e virou-se para mim.

Era uma visão bem interessante vê-lo de regata, com os músculos indecentes flexionados contra o peito.

— Você *quer* ir embora?

— Bem, você disse que as coisas estão resolvidas na minha casa, que a porta foi consertada... Não tem motivos para eu continuar aqui, não é?

Ele assentiu, com os olhos voltados para o chão, parecendo pensativo.

— Posso te dar outro tipo de motivo para ficar... — falou, novamente aproximando-se como fizera pouco antes.

Não pude deixar de sorrir.

— Acho que esta bancada aqui vai virar um desses motivos, não é? — perguntei.

— A casa inteira pode virar, se você quiser.

A promessa veio seguida por um beijo que já começou a me convencer a ficar.

O resto do dia passou tranquilo, com Rafael trabalhando em seu notebook até a hora de ir para a luta, e eu tentando escrever alguma coisa. Nada muito proveitoso, mas consegui terminar um capítulo.

Pouco depois de ele sair, meu telefone tocou com uma chamada de Marcella.

— Oi, Dine! Está ocupada? — perguntou.

— Na verdade, estou entediada. Rafael saiu para uma luta...

— Você ainda está na casa dele? — Havia um claro sorriso em seu tom de voz. — Te entendo. Se fosse você, eu ficava. Só para dar de cara com aquele homem lindo malhando todos os dias de manhã.

Não podia não concordar com ela.

— Está a fim de fazer alguma coisa? Também estou entediada aqui e... Bem... Frank vai vir para cá. Depois do que me contou, não consigo mais olhá-lo sem ter vontade de jogar um vaso na cabeça dele.

— Acho que não estou muito no pique de sair. Mas se quiser vir para cá... Rafael ainda vai demorar a voltar. Quando chegar, pode se juntar a nós.

— Vai ser ótimo. Ele bem que podia chamar aquele irmão dele postiço, hein!

Mais uma gargalhada.

— Marcella, você está a fim do Johnny?

— Como não? Ele é uma graça... — Ela fez uma pausa. — Bem, vou passar no mercado e comprar algumas bebidas para nós.

— Bebidas? Eu nunca tomei um porre na vida.

— Então, já que vamos ficar em casa e estaremos seguras, você, hoje, vai ficar completamente bêbada. Chego em uma hora.

Eu não imaginava o motivo de estar tão animada para isso, mas a ideia bem me agradou, talvez porque nunca tive a oportunidade de me divertir com uma amiga.

Na verdade, se fosse avaliar minha vida com cuidado, nunca tinha me divertido de verdade. E isso foi uma das coisas que comentei com Marcella, depois que ela chegou, quando já estávamos no quintal da casa de Rafael, observando as estrelas, com nossas bebidas na mão. Já não era a primeira, aliás.

— Nem com seu marido? — Marcella perguntou, depois da minha confissão.

Dei de ombros.

— Hélio era bem mais velho do que eu, então, já tinha passado da fase de se divertir como eu queria no início dos vinte anos. Ele queria que eu saísse, que fizesse amizades em Londres, mas, naquela época, eu ainda tinha muitos traumas. Fiquei uns dois anos sem ter coragem de sair de casa, porque a realidade de quatro paredes era tudo o que eu conhecia.

Marcella me olhou penalizada. Eu não queria compaixão. Era apenas um desabafo.

— Aquele homem realmente merece um castigo pelo que fez com você.

— Merece — falei e dei um gole direto da garrafa da cerveja. Por mais que o gosto fosse horrível, eu já começava a me acostumar. — Mas não é hora de falar disso. — Sorri. — Johnny, hein... Ele é uma fofura mesmo.

— Ah, sem dúvidas. Mas para mim as coisas são simples. Se ele quiser, eu quero. Ponto.

— Acho que podemos descobrir... — falei, animada.

— Não. Vamos deixar que as coisas caminhem como têm que caminhar. Não é o que você pensa a respeito do Rafael?

— Sim. Mas as coisas comigo e com ele não são tão simples. Só que eu também não quero falar sobre isso. Hoje é um dia para nos divertirmos. — Levantei-me da cadeira e entrei na casa. Marcella me seguiu. — Acho que podemos colocar um pouco de música.

— Acho que podemos fazer o que quisermos. Até o dono da casa chegar.

— Quando ele chegar, podemos incluí-lo na brincadeira. Não vai ser nada mal deixar o Rafael constrangido com duas mulheres bêbadas babando por aquele corpinho. — Aliás, acho que *eu* já estava começando a ficar bêbada.

— Amém a isso! — Marcella ergueu sua garrafa, enquanto eu escolhia a música.

Algo me dizia que aquela noite seria minha libertação. A borboleta

escapando do casulo e criando asas.



Capítulo 21

Rafael

QUINZE MINUTOS E VINTE E SETE SEGUNDOS. Até que demorou um pouco mais do que o normal. O cara era mais insistente do que seria prudente.

Cheguei a ficar entediado. Doido para voltar para casa.

Voltar para ela...

Minha cabeça estava distraída, pensando nos beijos daquele dia, na sensação de que, aos poucos, Nadine começava a novamente ceder aos sentimentos que eu esperava que ainda nutrisse por mim.

Eu já estava no vestiário, depois de uma reunião de mais de duas horas com o dono do clube sobre outras propostas nas quais eu não estava nem um pouco interessado, quando meu telefone tocou. A ligação vinha do próprio celular de Dine, mas quando a voz de Marcella soou do outro lado da linha eu me desesperei. As lembranças de dias atrás, quando Nadine fora machucada severamente, retornaram à minha mente como um furacão, varrendo qualquer outro pensamento consciente.

— O que houve? Nadine está bem?

A gargalhada que Marcella soltou do outro lado da linha me tranquilizou um pouco.

— Defina bem — a garota falou, deixando-me confuso. Por sorte, logo acrescentou: — Acho melhor você vir para casa, Capitão América. Sua princesa está um pouco embriagada.

Com certo esforço, ouvi uma voz desafinada cantando aos berros ao fundo e não pude deixar de sorrir.

— Vocês estão na minha casa? — perguntei, bem mais tranquilo.

— Sim. Bem seguras. Só estou ligando, porque eu acho que vai gostar de vê-la rir. E também porque ela já está bêbada o suficiente para dizer que "o

Rafael é o homem mais delicioso do mundo" umas quinze vezes. Você deveria estar aqui para ouvir isso e fazer algo a respeito.

Não pude conter um sorriso, levemente envergonhado por ser o tema daquele tipo de discussão.

— Estou indo para casa. Chego aí em no máximo meia hora.

— Que pena que o Capitão América não pode voar, né? — Marcella deu uma risadinha do outro lado da linha, fazendo-me compreender que também estava bêbada.

Ou seja, duas garotas de quem eu teria que cuidar.

Mas Nadine merecia isso. Merecia momentos de relaxamento, rir, dançar e cantar desafinada. Marcella estava certa quando disse que eu iria querer ver.

Tanto que meu sorriso se ampliou, ficando de orelha a orelha, no momento em que entrei em casa e ouvi "*Girls Just Wanna Have Fun*" tocando bem alto. Bem clichê, mas achei apropriado. Minha garota merecia diversão.

Entrei na sala, e Marcella foi a primeira a me ver.

— Ah, o Capitão América chegou! — exclamou, feliz.

Olhei a cena, e meu coração ficou pequenininho com a certeza de que era algo que eu gostaria de ver todos os dias ao chegar em casa. Mesmo com a bagunça.

Ambas as garotas estavam de pé, dançando sobre o sofá, como se este fosse um palco, segurando os controles remotos como microfones. Adorável.

— Vou pegar uma cerveja para você também! — Marcella deu um pulo para o chão, saindo correndo até a cozinha, como se estivesse em sua própria casa, mas eu nem me importei.

Nadine estava calada. Tinha parado de dançar e cantar, e eu poderia ficar chateado com isso, acreditando que não se sentia à vontade comigo para se soltar como se soltara antes, se não fosse o enorme sorriso em seu rosto. Quis acreditar que aquela expressão tinha a ver com o fato de eu ter chegado e por ela estar feliz em me ver.

Mas quando me aproximei vi que havia mais em seus olhos. Desejo. E isso rapidamente me deixou em alerta. Porque ela precisava de muito, muito pouco para me deixar completamente em chamas, especialmente daquele jeito.

Vestia nada mais do que uma camisa minha de botão e um short minúsculo, deixando as pernas longas de fora. Os cabelos estavam completamente desgrenhados, de um jeito sexy, suas faces coradas, o peito subindo e descendo, arfando, por conta dos movimentos animados de sua dança.

Assim que me coloquei de frente para o sofá, ela se mexeu para falar comigo, mas deu uma leve desequilibrada, provavelmente por causa do álcool. Antes que caísse e se machucasse, enlacei um braço ao redor de suas coxas,

tirando-a de cima do sofá, para colocá-la de pé, mas acabei segurando-a um pouco mais contra o meu peito, enquanto a deixava escorregar até o chão. Seu rosto passando bem perto do meu, nossos olhares fixos. Uma tentação.

Nadine engoliu em seco quando pousou no piso da casa, com as duas mãos espalmadas no meu peito.

— Oi — ela sussurrou.

— Oi, linda — respondi também baixinho, ainda com o braço firme ao redor de sua cintura. Então, inclinei-me para beijá-la, mas bem de leve, apenas um contato. Só porque queria senti-la.

— Ah, olha vocês dois aí! — Marcella chegou falando, em um tom de indignação. — Rafael, se vocês dois começarem a se pegar, eu vou querer que chame o seu irmão.

Franzi o cenho, soltando Nadine e me virando para a outra garota, confuso.

— O Johnny? O que... — Subitamente entendi o que estava acontecendo. — Ah... Olha, eu posso ligar para ele sem problemas.

— Não, não liga, não. Estou bêbada demais e não quero que a impressão dele ao meu respeito seja essa. — Ela fez uma pausa e me entregou a cerveja. — Eu acho que vou é para casa. Vocês dois estão com uma puta cara de tesão um pelo outro. Não quero empatar a vida de ninguém.

— A gente sente tesão um pelo outro o tempo todo, Marcella. — Eu gostava da versão bêbada de Nadine. *Muito*, aliás. — Você não precisa ir embora.

— Não, tá louca? Vocês já ficaram muito tempo longe um do outro.

Marcella se aproximou, deixando um beijo no meu rosto e outro no de Nadine. Pegou sua bolsa sobre uma das poltronas e já ia saindo, quando eu fui atrás dela.

— Ei, garota... Como você vai para casa?

Ela se virou, olhando-me por cima do ombro.

— Da mesma forma como vim. De carro.

— Mas nem pensar — afirmei com veemência, tirando o celular do meu bolso. — Vou chamar um táxi. Amanhã você pode vir buscar o carro ou eu mando levar.

— Rafael, não precisa. Mesmo. Eu bebi menos que a Dine.

— É isso ou vou jogar as duas no meu ombro e trancá-las lá em cima até que fiquem sóbrias — falei em tom de brincadeira, o que a fez revirar os olhos.

Nadine aproximou-se, levemente cambaleante, colocando-se ao meu lado.

— Sabe, Cella? O Rafael tem essa cara de cachorro que caiu do caminhão de mudança, todo fofo, adorável, mas ele sabe ser um tirano quando quer.

É, ela estava *muito* bêbada.

Olhei para Nadine fingindo-me de indignado.

O interfone tocou, e eu o atendi, liberando a entrada do táxi, que, por sorte, estava passando pelo condomínio.

— Você me espera aqui, mocinha. Vou acompanhar sua amiga e esperar o táxi com ela.

— Viu? Um tirano — brincou, voltando os olhos para Marcella. — Um tirano bem gostoso, mas, ainda assim...

Fechei os olhos, sentindo meu rosto queimar.

É, Nadine bêbada podia ser divertida, mas muito constrangedora também.

Caminhei com Marcella até o portão.

— Vocês têm sorte de terem um ao outro. No final das contas, todo o mal que viveram provocou o encontro.

Abaixei a cabeça, olhando para o chão, sabendo que no fundo ela estava certa. Era doloroso pensar dessa forma, que algo tão ruim fora capaz de proporcionar a melhor coisa da minha vida, mas era a verdade. Nadine era um sonho que surgira de um pesadelo.

— Espero que as coisas acabem bem — falei bem baixo, ainda sem encará-la.

— Vão acabar. Vocês são loucos um pelo outro.

— Eu, certamente, sou louco por ela. — Sorri, um pouco envergonhado. Não era de me abrir daquela forma para pessoas que eu pouco conhecia, mas gostava de Marcella. Ela fazia bem a Nadine, então, isso me bastava.

— E ela por você. — Ficamos em silêncio por alguns instantes, mas a garota logo começou a falar. Podia estar embriagada, mas deveria ser mais forte para o álcool do que Nadine, porque parecia bem mais sóbria. — Nadine me contou por alto o motivo de vocês terem ficado separados. Isso não estava no livro, então, eu não sabia. Não cabe a mim te contar a versão da história que ela me contou, mas posso te dizer que acredito em você. Não te conheço tanto assim, mas o tipo de homem que você é não te permitiria deixá-la para trás.

— Nunca. Eu tentei ficar. Tentei barganhar, mas... — comecei a me explicar, mas Marcella colocou a mão no meu ombro, apaziguadora.

— Imagino que sim. Não poderia pensar diferente. — Naquele momento, enquanto eu sorria para Marcella, o táxi parou à nossa frente, e ela sorriu quando eu me adiantei, levando a mão à maçaneta e abrindo a porta para que entrasse. Antes, porém, de se acomodar no banco, virou para mim, com um sorriso malicioso e acrescentou: — Ela tem razão. Você tem uma cara de cachorro que caiu da mudança. Mas é uma gracinha.

Então finalmente entrou, fechando a porta, deixando-me sorrindo.

Observei o carro partindo por algum tempo, até que cruzei o portão,

voltando para Nadine.

Jurei que iria encontrá-la apagada sobre o sofá, mas fui recebido com uma música que tocava meu coração como uma carícia. Era *Stormy Weather*, e Nadine estava no meio da sala, dançando sozinha.

Assim que a vi, linda, solta – e bêbada –, parei à sua frente, de braços cruzados, apenas observando-a. Ainda demorou alguns segundos para que reparasse na minha presença, mas quando o fez, estendeu um dedo na minha direção, movimentando-o para me chamar.

Quando cheguei bem perto, ela pegou uma das minhas mãos, colocando-a em sua cintura, e segurou a outra na dela.

— Você prometeu que eu nunca mais iria dançar sozinha.

— Você começou sem mim — brinquei, sentindo o coração bater ainda mais forte no peito quando ela encostou a cabeça bem na altura dele, aconchegando-se a mim, enquanto eu começava a nos embalar no ritmo já familiar da música. O suspiro que escapou de sua garganta refletia exatamente o que eu estava sentindo.

Cantarolando baixinho, ela deixou que eu a conduzisse. Coloquei o queixo sobre sua cabeça, sentindo que não iria conseguir parar de sorrir tão cedo.

— Toda vez que eu ouvia essa música, nos anos em que ficamos separados — ela começou a falar —, pensava que a letra fazia muito sentido. Sem você, minha vida ficou parecendo uma chuva incessante. — Nadine ergueu o rosto na direção do meu, olhando-me, enquanto a música ainda nos embalava, falando mais ou menos o que ela repetia para mim. — Quando te reencontrei, foi como se o sol voltasse a brilhar. Nunca consegui ser feliz naqueles dias. Não completamente.

Eu provavelmente me arrependeria do que iria dizer, mas precisava tirar aquela amargura do meu coração.

— Você se casou, Nadine — foi tudo o que consegui dizer. Esperava que fosse o suficiente para que ela compreendesse a mensagem.

A música finalizou, e eu parei de dançar, assim como ela. Nadine permanecia com os enormes olhos azuis voltados para os meus, e eu imaginava que deveria estar vendo a tal expressão de cachorro abandonado, que era exatamente como eu me sentia quando pensava nela nos braços de outro homem. Um que fora seu marido.

— Fael... — chamou-me pelo apelido com doçura, levando uma das mãos ao meu rosto, obrigando-me a fechar os olhos. Quando os abri, ela parecia hesitar em dizer alguma coisa. Parecia... constrangida. E eu não queria isso.

— Dine, me desculpa. Foi um comentário ridículo. Eu não tenho o direito de...

— Ele nunca me tocou — ela soltou, como uma confissão, deixando-me confuso.

O que ela queria dizer com isso? Como assim? O marido dela nunca a tinha tocado?

Mas como era possível?

— Eu não entendi — assumi. Na verdade, eu não sabia se não tinha entendido, mas precisava ouvir a verdade vinda de suas palavras.

— Hélio casou comigo para me proteger. Ele realmente me salvou, Fael. De várias formas. Mas nunca foi meu marido de verdade. Só no papel. — Ela fez uma pausa, acariciando meu rosto com ainda mais doçura. — Você ainda é o único homem da minha vida. O único com quem fiz amor. O único que eu beijei.

Franzi o cenho, sentindo que meu coração naufragava em um mar de emoções dos mais variados tipos. Claro que os sentimentos que vieram com aquela revelação quase me levaram a nocaute, mas o fato de ela estar me contando, me dando aquele presente – não que fizesse diferença se ela realmente tivesse se apaixonado por outro homem, embora me doesse pensar nela com outro –, transformava toda a nossa história.

Continuei calado e achei que ficaríamos em silêncio, mas Nadine prosseguiu:

— Quero que você continue sendo o único.

Ela olhava para mim de um jeito que... Puta merda!

Tudo o que eu queria era carregá-la para a cama e provar que eu queria ser o único e o último, e que honraria sua decisão, amando-a e dando a ela tudo que estivesse ao meu alcance em todos os sentidos.

E quando ela se colocou na ponta do pé para me beijar, eu correspondi. Não era certo, porque sabia que estava completamente bêbada. Não duvidei do que me contou – e nem queria duvidar –, mas seus sentidos estavam um pouco alterados, e eu não podia me aproveitar disso.

Portanto, interrompi o beijo, embora fosse extremamente doloroso fazer isso.

— Dine... não sei se...

Abruptamente ela se afastou de mim, dando uma cambaleada, mas evitando-me quando tentei ampará-la. Lá estava mais uma prova de sua embriaguez.

— Mas que merda, Rafael! Estou praticamente implorando que faça amor comigo, o que mais quer de mim? — falou com a voz embolada. — O que mais, hein? — Usou suas mãos para dar um empurrão no meu peito, parecendo à flor da pele.

— Não é isso, eu só...

— Você quer que eu diga que te amo? — alterou o tom de voz. — Eu amo, porra! Sempre amei. Sempre! Desde o maldito dia em que entrou naquela merda de porão; desde que surgiu na minha vida. Mesmo quando foi embora, mesmo quando te odiava por ter me abandonado, eu ainda te amava. Continuo amando agora, seu idiota! Será que não percebe?

— Nadine... — ela atropelava as palavras, sem deixar que eu me defendesse.

Eu estava tentando controlar meu sorriso, porque... Puta que pariu!

Ela me amava.

Que o resto todo se fodesse.

— Será que a droga da tatuagem que você viu não foi suficiente para provar que eu nunca te esqueci? Sabe por que a fiz enquanto ainda estava casada? Porque Hélio sabia que eu te amava, que nunca poderia te esquecer. — Empurrou-me novamente. Daquela vez, porém, agarrei ambos os seus punhos. Já não conseguia mais conter o quanto estava desesperadamente feliz por todas as coisas que tinha confessado. — Me larga, seu idiota! Eu não quero...

Em um movimento rápido, soltei seus punhos e agarrei sua cintura com os dois braços, com força, tirando-a do chão. Ela esperneou mais um pouco, mas eu a finalmente a beijei. Decentemente.

Nadine demorou um pouco para corresponder, mas... porra! Eu estava feliz demais. E quando ela colocou os braços ao redor do meu pescoço, comecei a caminhar em direção ao sofá, onde me sentei com ela no colo, enfiando uma mão em sua nuca, embolando meus dedos em seus cabelos, enquanto a outra a segurava pela coxa, que eu apertava na intenção de controlar meu desejo.

Sim, ela me amava – ou ao menos eu esperava que sim, que não fosse um produto da embriaguez.

Eu obviamente também a amava.

Mas precisava fazê-la entender que não passaríamos daquele beijo.

— Borboleta, eu não vou fazer amor com você. — Afastando-se, ela tentou sair do meu colo, mas eu a segurei. — Dá para você parar de falar por um minuto e me ouvir? — perguntei, sorrindo e indignado. — Você está bêbada. E da próxima vez que eu te levar para a cama, preciso que esteja completamente lúcida.

— Por quê? — Acho que Nadine sentiu as insinuações em minha constatação, porque estremeceu nos meus braços, e sua pergunta saiu em um tom levemente arfante.

Aproximei-me de seu ouvido e falei bem baixinho:

— Porque eu quero que você lembre de cada vez que eu te fizer gozar, porque vou me empenhar para que sejam muitas.

Ela fechou os olhos apertados e praguejou.

— Maldita ideia de tomar um porre logo hoje.

Não pude deixar de rir e de roubar mais um beijo. Daquela vez, porém, ela se afastou, pulando do meu colo, parecendo animada.

— Tive uma ideia. Brilhante, aliás!

Estendeu a mão para mim, convidando-me a levantar também. E foi o que fiz.

O que mais, aliás, me restava a não ser obedecê-la, já que eu era o cachorrinho abandonado?

Apressada e puxando-me consigo, foi andando até a porta de vidro que dava para a área externa da casa. Mesmo com todo esforço, não conseguiu abri-la – de tão bêbada, é óbvio –, então, eu tive que fazer as honras. Assim que chegamos lá fora, ela começou a tirar a blusa que usava e o short.

Virou-se para mim, só de lingerie, e praticamente arrancou a minha blusa também, obrigando-me a erguer os braços no susto, deixando-me sem fala.

— Tire — ordenou, apontando para a minha calça jeans.

— Depois eu que sou o tirano — brinquei.

Sem me responder, ela simplesmente se jogou na piscina, como uma criança, fazendo uma boa quantidade de água espirrar em mim.

— Nadine! — exclamei preocupado. Não era boa ideia que simplesmente mergulhasse com toda aquela quantidade de álcool no sangue.

Quando demorou a emergir, porém, apressei-me em terminar de me despir, pulando de cabeça em seguida, mergulhando atrás dela.

Mas ela logo colocou a cabeça para fora d'água, e eu fiz o mesmo.

— Você ficou louca? — reclamei, bastante sério. — Poderia ter se machucado. Do jeito que está bêbada, poderia ter ficado inconsciente e se afogado.

Eu queria continuar reclamando e lhe passando um sermão que merecia, mas ela simplesmente se aproximou, colocando os braços ao redor do meu pescoço, enquanto entrelaçava as pernas na minha cintura.

— Posso cometer algumas imprudências vez ou outra, já que tenho meu Lancelot por perto para me salvar. Você já arrombou uma porta por mim uma vez.

— Você não estava exatamente em perigo naquele dia — comecei a entrar na brincadeira. Ela estava bem, afinal. Era o nosso primeiro momento de descontração em anos. Muitos anos. Eu não queria perder a oportunidade.

Coloquei os braços ao redor de sua cintura, já sorrindo.

— Não, não estava. Mas eu achei sexy você indo me salvar. Foi ali que te comparei com Lancelot... meu cavaleiro de armadura.

Não pude deixar de gargalhar.

— É, amor, você está muito bêbada.

— Pode ser, mas estou feliz, Fael... — Ela me olhou com olhos cheios de esperança. Como resistir? — Eu nunca fiz nada disso. Sei que posso passar mal amanhã, que vou me arrepender, mas nunca tive esse direito. Nunca tive uma amiga. Nunca pude ficar assim com meu namorado. Nunca tivemos momentos como esse, para apenas... sei lá... sermos felizes.

— Sou seu namorado, então? — perguntei maliciosamente, com um sorriso cínico no rosto.

Ela riu.

— De tudo o que eu disse, essa foi a única coisa na qual prestou atenção?

— Você há de convir que é uma coisa relevante.

Nadine aproximou o rosto ainda mais do meu.

— Vamos ver, até o final desta noite, se você vai merecer ser promovido a namorado. Quero todos os orgasmos que me prometeu.

— Dine... — falei em tom de repreensão, mas precisei respirar fundo, porque aquela garota travessa estava se esfregando em mim de forma muito desconcertante. — Eu já disse que...

— Não estou mais bêbada, Fael... O mergulho foi para isso. Estou com todas as ideias bem claras... Além do mais, há dias venho implorando para que faça amor comigo. Odeio que se faça de difícil.

Ficava quase impossível continuar mantendo minhas convicções com ela beijando meu pescoço, como eu tinha feito mais cedo, na bancada da cozinha.

— Isso é algum tipo de vingança, mocinha?

— Sempre — falou em um tom de voz malicioso. Eu não iria deixar que me manipulasse daquele jeito.

Então, afastei-me empurrando-a delicadamente na água, aproveitando para sair da piscina, impulsionando meu corpo na borda. Ao olhar para ela, percebi que estava confusa.

Estendi os dois braços, inclinando-me para pegá-la. Quando colocou as mãos dentro das minhas, eu a puxei para fora da piscina, com força, deixando-a um pouco atordoada ao colocá-la de pé à minha frente. Acho que a deixei ainda mais desorientada quando me abaixei, agarrando-a pelas coxas e jogando-a em um dos meus ombros, começando a carregá-la pela casa.

— O que diabos você está fazendo? — perguntou enquanto eu entrava pela porta de vidro.

— Vamos colocar você debaixo do chuveiro para tentar realmente te deixar sóbria...

— Mas eu não queria sair da piscina... Rafael! — exclamou indignada,

enquanto eu continuava levando-a até a minha suíte, subindo as escadas, sem nem lhe dar atenção.

Quando chegamos ao banheiro, eu cuidadosamente a coloquei sentada sobre a bancada da pia, tentando não permitir que minha mente viajasse direto para o quão linda ela parecia completamente encharcada, com os cabelos molhados e a lingerie transparente.

— Quer saber uma coisa que me deixa muito irritada? — ela falou de um jeito engraçado, e eu acabei rindo novamente, enquanto afastava várias mechas molhadas de seu rosto.

— O quê? — respondi, como quem fala de forma transigente com uma criança.

— Você ser assim todo forte e todo grande... Claro que é um tesão, não posso negar. — Lá estava ela novamente me fazendo corar. — Mas viu o jeito como me tirou da piscina e me carregou até aqui? Chega a ser vergonhoso. Eu me sinto uma boneca de pano manipulável.

Ainda havia alguns resquícios de álcool em seu sangue. Precisávamos resolver isso.

Não lhe respondi, obviamente. Apenas liguei a água quente, temperando-a com a fria.

Novamente estendi a mão para ela, que a pegou a contragosto, vindo em minha direção. Entrou no chuveiro comigo, e praguejei no exato momento em que a olhei. Merda, aqueles olhos estavam cheios de luxúria, e eu não sabia se seria forte o suficiente para ignorar o calor que começava a nos rondar.

Delicadamente fui trazendo Nadine para debaixo da água corrente, observando-a fechar os olhos, respirando fundo, enquanto passava as mãos nos cabelos, jogando-os para trás, inclinando a cabeça junto. Um sorriso leve surgiu em seus lábios.

— Do que está sorrindo? — perguntei, porque era importante, para mim, saber.

— Acho que eu nunca me senti assim...

— Assim como?

Nadine suspirou, abrindo os olhos.

— Como uma pessoa normal.

Aquilo acabou comigo. Porque eu sabia que era verdade. Não importava que estivesse livre de sua condição de prisioneira há mais de cinco anos, o trauma iria acompanhá-la por muito tempo. Ser testemunha de seu novo desabrochar era mais do que eu poderia pedir.

Por isso, quando ela enlaçou meus ombros e colou os lábios nos meus, eu não pude resistir. Estavam molhados, macios e quentes.

Não, resistir não era uma opção. Mas um beijo era algo inocente, não era? Não chegaríamos mais longe do que isso.

Ao menos era o que eu acreditava, até ela parar de me beijar e começar a deslizar os lábios pelo meu pescoço, usando a língua de uma forma que... meu Deus! Ela poderia conquistar a paz mundial com aquela boca.

— Dine... Você está brincando com fogo. — Enquanto minha cabeça dissertava o quanto aquilo era errado, meu coração e todas as outras partes do meu corpo imploravam para que eu ficasse calado e apenas aproveitasse.

— Já estou sóbria, Lancelot. Você não precisa ser um cavaleiro o tempo todo. Sei muito bem o que estou fazendo — ela sussurrou, e eu senti seu hálito quente contra a minha pele, o que aumentou ainda mais a carga de desejo que sentia.

— Acho que não sabe. Está me deixando maluco.

— Graças a Deus por isso.

Minha impressão era que Deus não tinha nada a ver com o que estava acontecendo, muito menos com o que muito provavelmente acabaríamos fazendo em seguida.

Eu mal a tocava. Não podia, ou meu cérebro iria explodir em um segundo. Nem mesmo quando ela começou a se despir, tirando o pouco que restava de sua roupa.

Nem quando se abaixou para tirar a minha cueca. E eu deixei. Porque era fraco. Porque ela era minha kryptonita.

Se bem que se eu estivesse prestes a ser executado e me dessem opção para escolher a minha morte, aquela, sem dúvidas, seria uma muito agradável.

— Sou louca por você, Fael — disse, voltando a ficar de pé, bem próxima ao meu ouvido. — Desde sempre. Desde que chegou à minha vida, iluminando o meu mundo cinza. Desde o primeiro beijo... Você me marcou como sua para sempre.

Eu já não conseguia mais pensar nas consequências. Era como o delírio de uma febre muito alta. Aquela porra de declaração me incendiou por inteiro, e eu descobri que não havia volta. Estava completamente fodido.

Então, esperando que ela estivesse realmente sóbria, como alegava, agarrei-a pela cintura e a encostei na parede de ladrilhos do box, tentando ser o mais gentil possível para não machucá-la. Uma das minhas mãos foi direto ao seu seio, e Nadine ofegou e gemeu suavemente quando meu polegar massageou seu mamilo. Pela grande diferença de nossas alturas, ela podia sentir o volume da minha ereção em sua barriga. Só isso já seria uma prova do quanto me enlouquecia, embora eu acreditasse que a forma como a estava beijando fosse mais do que suficiente.

Ela agarrava meus cabelos em seus dedos e emitia sons que poderiam ser considerados proibidos em várias partes do mundo, com firmes alegações de profanação. Beijá-la, tocá-la e senti-la, naquele momento, não eram demonstrações de desejo, era uma experiência quase religiosa, sublime, como alcançar o nirvana de diferentes formas. Precisava, quase desesperadamente, colocar minha boca em cada centímetro de seu corpo e devorá-la até que não restasse nenhuma parte daquela mulher que não me pertencesse.

— Porra, Nadine! — murmurei por entre nossos beijos. Em seguida, ergui-a do chão, prendendo suas pernas em meus quadris e apoiando-a novamente na parede. Como ela ainda não ficou na altura que eu queria que ficasse, sustentei-a um pouco mais alto com meus braços, tomando o mamilo na boca e sugando-o até fazê-la gemer e praticamente desfazer-se, sem ar.

Nadine choramingou, um som desfalecido, como se ela também mal pudesse pensar em nada coerente. Porque eu, sem dúvidas, tinha praticamente esquecido como se pronunciava as palavras e tudo o que me restara foram sons incoerentes.

— Me faça parar, Borboleta... por favor...

— Não pare...

Deixando-a ainda apoiada na parede, sem hesitar e sem conseguir pensar direito nos prós e contras, levei minha mão até sua linda barriga plana, por entre nossos corpos, e comecei a deslizá-la até encontrar a fenda da sua intimidade. Senti a pele lisa, depilada e quente, o que me fez sugar o ar e soltar um grunhido ininteligível, fechando os olhos bem apertados antes que meu cérebro entrasse em colapso. Ela estava molhada. E eu sabia que não era da água da piscina nem do chuveiro. Era *para mim*.

Continuei deslizando a mão até chegar bem no ponto onde eu queria. Penetrei-a com o dedo, sentindo suas paredes escorregadias, prontas. No momento em que comecei a masturbá-la, Nadine suspirou e abandonou-se em meus braços, gemendo suavemente em meu ouvido, bem baixinho, como se apenas eu tivesse o direito de ouvir os sons de seu êxtase. E ela permaneceu desse jeito, enquanto eu me esforçava para lhe dar o máximo de prazer, enquanto ainda a beijava, mordendo seu lábio e seu queixo, descendo pelo colo o máximo que nossas posições permitiam.

Continuei até que comecei a senti-la mais tensa, então, parei de estimulá-la com o dedo e o substituí, penetrando-a de verdade, fundo, fazendo-a gritar.

Ouvi-la emitir um som como aquele e sentir seu corpo se contorcer de prazer nos meus braços era o mesmo que ter a mais pura perfeição ao meu alcance.

Não tivemos muitas oportunidades de fazer sexo no tempo em que

namoramos e nem depois do reencontro, mas eu tinha a impressão de que nunca seria suficiente. Eu nunca conseguiria me fartar de Nadine; nunca me saciaria por completo.

Desnorteados, precisei encostar minha testa na dela, enquanto respirávamos pesado, aproximando-nos do clímax.

Ela foi primeiro, e eu a acompanhei alguns segundos depois, tomando o cuidado para não fazê-lo dentro dela. Ainda assim, foi um orgasmo poderoso, intenso, voraz. Exatamente como eram meus sentimentos por ela.

Precisei de alguns instantes, sustentando-a nos braços, mas quando me recuperei, coloquei-a no chão. Puxei a toalha que estava pendurada na porta e a sequei, com toda a delicadeza possível, e a enrolei no tecido felpudo, tirando-a do box e levantando-a no colo para levá-la ao quarto, porque Dine ainda estava completamente imóvel, lânguida.

— Essas coisas que você faz comigo deveriam ser ilegais — ela sussurrou, com a cabeça enterrada no meu peito, enquanto eu ainda a carregava para o quarto.

Coloquei-a sentada na cama, dando uma risadinha.

— Você também faz muitas coisas comigo. Estamos quites.

Continuei secando-a, até que ela ergueu a mão, tentando me impedir.

— Eu posso me secar sozinha — falou, fingindo indignação.

— Deixa eu cuidar de você — pedi, em um tom de súplica, porque para mim era um privilégio poder fazer aquelas coisas e tentar compensar tudo pelo que passou.

Ela assentiu, e eu prossegui. Deixei-a o máximo seca possível, peguei uma camisa minha e a vesti, enquanto Nadine permitia tudo, parecendo gostar de ser mimada.

Depois também vesti uma calça de moletom, enquanto ela se deitava na cama. Fiz o mesmo, puxando-a para os meus braços, abraçando-a com força, como não fazia há muito tempo. Anos, para ser sincero.

A sensação era a mesma – de lar, de conforto, de necessidade de tê-la perto de mim. O amor era maior. Sempre parecia crescer. Eu só esperava que conseguíssemos sobreviver a tudo que eu sabia que ainda estava por vir sem mais cicatrizes.



Capítulo 22

Nadine

ACORDEI COM O BARULHO DE UMA TEMPESTADE lá fora.

Mas dentro do meu peito, era o coração que trovejava.

Eu odiava tempestades. Enquanto vivia trancada naquele porão, só ouvia o som delas – os trovões, os pingos pesados lá fora... Sem janelas, não conseguia ver o que estava acontecendo. Muitas vezes, sozinha, à noite, sentia como se o mundo estivesse acabando e ninguém fosse aparecer para me salvar.

Depois que Rafael chegou, esse medo amenizou. Ele costumava me abraçar em dias assim, afastando os temores e o trauma.

Até que ele foi embora. E pouco depois, vivi o pior dia da minha vida – a primeira vez em que precisei sair do porão ou acabaria morta. Com o primeiro passo que dei ao ar livre vi o céu caindo, enquanto meu coração também despencava dentro do peito.

Precisei levantar da cama. Se eu fosse sincera, admitiria a mim mesma que o fato de não conseguir mais ficar deitada não tinha nada a ver com a chuva lá fora, mas com o pesadelo que me desesperou.

Eu não tinha tomado meu remédio, então, fui em busca dele.

Como estava me esforçando para sair do vício, não o deixava ao lado da cama. Quando Rafael foi à minha casa buscar minhas coisas, ele levou apenas um frasco, com a desculpa de que poderia pegar outros depois, caso fosse necessário. E seria. Nem mesmo o fato de me sentir tão protegida ao seu lado me privava da necessidade daquela droga.

Sim, porque era uma droga. Literalmente.

Ainda estava descendo as escadas quando ouvi uma das janelas da casa batendo pesadamente, com o vento uivando lá fora. Um trovão explodiu sobre a minha cabeça, e eu me encolhi, sentando-me nos degraus da escada, como uma

menina assustada. Algo que odiava. A vulnerabilidade que certas coisas despertavam em mim me constrangia. Fazia com que me sentisse fraca.

Não queria que Rafael percebesse minha ausência. Ele sabia do meu pavor de tempestades, e eu imaginava que acabaria me procurando se sentisse a cama vazia.

Não queria que me visse sempre como a garota quebrada que ele precisava salvar. Eu queria poder salvar a mim mesma.

Mas minha mente devastada lutava contra a minha força de vontade, incapacitando-me. Eu ia de um extremo a outro em segundos. Horas atrás, a euforia, a bebedeira, a alegria inexplicável, a vontade de viver. Naquele momento, a escuridão, a melancolia, o medo, uma tristeza que parecia prestes a sugar minha alma.

Ódio pela minha vida. Pelas minhas lembranças. Pelas coisas que eu não conseguia deixar no passado.

Continuei sentada em um dos degraus da escada, o mesmo onde Rafael tinha me feito gritar de prazer. Era esse tipo de lembrança que eu deveria manter, mas não era assim que funcionava.

Levantei-me com muito esforço, repetindo para mim mesma que eu era capaz. Como um mantra. Mas só precisei pisar na cozinha, cuja porta para o quintal estava aberta, para ver toda aquela chuva e ser inundada por memórias terríveis.

Sangue. Dor. Medo.

Da morte. Mas mais ainda da vida que me esperava se eu não morresse daquela vez.

Minha mente sofreu um apagão, e eu só consegui voltar a mim quando ouvi a voz de Rafael. Primeiro bem baixinha, chamando meu nome, depois mais alta. Senti suas mãos grandes e cálidas segurando meus braços e sacudindo-os. Até que finalmente voltei a mim.

A primeira coisa que vi foi seu rosto. O rosto de príncipe que eu amava, que tinha os olhos mais doces que já vi em outro ser humano. Meu gigante gentil, que me tocava sempre como se eu fosse a peça mais preciosa de cristal.

Infelizmente, o rosto que também habitava meus pesadelos.

Olhei ao meu redor e me vi encolhida em um canto de sua cozinha, como um bicho acuado. Quando me dei conta disso, sobressaltei-me, porque não fazia ideia de como tinha ido parar ali.

— O que aconteceu? — perguntei, visivelmente desnorteada.

— Eu que pergunto. Acordei com o barulho da chuva e não te vi na cama. Fiquei preocupado.

Não consegui responder. Queria, mas não podia. Não enquanto minha

pulsação parecia longe de desacelerar.

Rafael estava agachado à minha frente, sem camisa, provando que realmente saíra atrás de mim em um rompante. Depois de alguns instantes em silêncio, ele se ergueu, estendendo a mão.

— Vem, amor, vamos voltar para cama. É só uma tempestade.

Não era só uma tempestade. Nunca seria.

Assim como não seriam apenas memórias. Eram fragmentos de realidade que ainda viviam dentro de mim, fincados no meu coração, tornando-o imperfeito.

Como eu nem me mexi, atordoada como estava, Rafael novamente se abaixou, preparando-se para me pegar nos braços, mas não permiti. Eu simplesmente o empurrei.

Não queria fazer isso. Na verdade, não queria que nada do que aconteceu depois tivesse acontecido.

— Nadine... — ele chamou, mas eu simplesmente me levantei sozinha, cambaleante e quase de um pulo. Percebendo minha falta de equilíbrio, Rafael adiantou-se, parecendo um pouco assustado, levando as mãos novamente aos meus braços.

Só que eu já estava completamente fora de mim.

Tentei desvencilhar-me. Não podia ficar ali.

Na verdade, precisava sair de dentro de mim. Sentia-me claustrofóbica dentro do meu próprio corpo.

— Me deixa ir embora — sussurrei, sem nem saber para quem estava falando.

Continuei naquela luta desleal com Rafael, até que consegui me soltar dele e comecei a correr em direção à porta de vidro que me levaria para o lado de fora de casa. Eu já não via mais a tempestade lá fora, que certamente me deixaria encharcada.

Só que ele me pegou a tempo. Enlaçou-me pela cintura, tirando-me do chão e me levando pelas escadas, sem que eu nem tivesse noção do que fazia ou do que dizia.

Pensei que me levaria para o quarto, para que nos deitássemos novamente, mas me levou para o cômodo onde guardava seu saco de areia e me pousou no chão, fechando a porta e trancando-a a chave, guardando-a no bolso.

Levando as mãos à cabeça, eu comecei a olhar de um lado para o outro, olhos vidrados, até que Rafael novamente me segurou com força, fazendo-me erguer a cabeça para observá-lo finalmente.

— Eu não vou deixar você se entregar, Nadine. Não vou. Está na hora de confiar em mim e desabafar — falou com a voz firme, mas rapidamente sua

expressão tornou-se doce e complacente, e ele acrescentou: — Vamos, amor. Chore. Não guarde tudo isso dentro de você. Soque essa merda desse saco até cansar. Estou aqui para você. Para te pegar se você desabar. Sempre.

Eu não queria chorar. Seria a maior prova de que tudo aquilo ainda me afetava. Havia jurado que nunca mais iria verter uma única lágrima por causa daquelas pessoas. Por causa daquelas lembranças.

Então eu teria que resolver na raiva.

Sentindo meu peito arfar, virei-me para o saco de pancadas, como ele me instruíra a fazer, e dei o primeiro soco. Patético.

Olhei para Rafael, quase envergonhada, e ainda um pouco atordoada, mas ele balançou a cabeça, incentivando-me.

— É isso aí... desabafe enquanto dá os socos. Se preferir que eu saia... estarei por perto, é só me chamar...

Ele já ia se retirando, mas eu não queria que se afastasse outra vez.

Abaixei a cabeça, fixando meus olhos no chão e tomando coragem de fazer a pergunta que talvez pudesse mudar tudo em um piscar de olhos.

— Por que você foi embora? — saiu bem baixinho, provando que eu era uma covarde até quando tentava ser forte.

Rafael hesitou. Eu nem precisava olhar para ele para saber que estava de costas para mim, com a cabeça também abaixada. Novamente... éramos uma perfeita simetria.

— Vai querer conversar sobre isso? — sua voz soou levemente severa, profunda, ou talvez estivesse tão tenso quanto eu.

Finalmente virei-me em sua direção e, exatamente como previ anteriormente, ele estava voltado para a porta, com as costas enormes tensas, os punhos cerrados nas laterais do corpo, a cabeça baixa, levemente inclinada, como se fosse me olhar por cima do ombro, embora aquela posição não possibilitasse que realmente me enxergasse.

— Não quero. Mas preciso saber... — era quase uma súplica.

Rafael finalmente girou o corpo lentamente, ficando frente a frente comigo. Nossos olhares se prenderam um no outro, em silêncio, porque não sabíamos como começar aquela conversa. Ele, no final das contas, deu o primeiro passo.

— Vou ter que contar do começo. Vai me ouvir? — Apenas assenti, apavorada com o que iria descobrir. Os dedos tremiam, então eu os entrelacei, tentando controlá-los. Rafael respirou fundo e se preparou para começar. Assim como eu, também parecia inquieto ao ponto de enfiar as mãos nos bolsos da calça. — Naquela noite, o plano foi seguindo como queríamos. Até que eu fui ao porão te buscar. Você estava desacordada. Inconsciente.

— Eu? — arfei. Não fazia ideia. — Você demorou. Acho que peguei um

pouco no sono.

— Sim. Frank se aproveitou disso e acho que te deu alguma coisa para te apagar. — Ele fez uma pausa. Ainda bem, porque eu precisei respirar um pouco. — Tentei te tirar de lá de qualquer jeito, mas seu tio não bebeu o vinho. Ele nos enganou.

Estremeci, já começando a entender onde tudo aquilo iria dar.

— Como ele descobriu?

Rafael deu mais alguns passos à frente, colocando-se ao meu lado. Ainda com as mãos cerradas, deu um soco displicente no saco de areia – muito mais preciso do que o meu. Também parecia precisar aliviar a tensão que a conversa provocava.

— Frank tinha uma câmera no porão.

— O quê? Uma... uma câmera? — Cheguei a gaguejar, porque minha mente parecia ter dado defeito. Um filme foi passando na minha cabeça, enquanto eu me lembrava de todas as coisas que Frank devia ter assistido. — Rafael... ele viu quando fizemos amor... ele... Ele viu...

Vi tudo girar naquele momento e precisei me apoiar em alguma coisa, e ele era o mais próximo para isso. Levei a mão ao seu braço, e Rafael me amparou, concedendo-me o tempo necessário para que me recuperasse.

— Dine, você quer um copo d'água? Quer que eu te leve para a cama? A gente pode continuar a conversar lá... É melhor e...

— Não. Vamos ficar aqui — afirmei com veemência.

Soltei-me dele mais uma vez, partindo para cima do saco de pancada. Dei mais dois socos. O primeiro fraco, débil, vergonhoso. O segundo, não menos constrangedor, mas cheio de raiva.

Não apenas de Frank. Mas de mim. Como nunca suspeitei?

Um terceiro e um quarto socos foram necessários. Cada vez com mais ódio.

— Vá com calma — Rafael alertou. — Você vai se machucar.

— Mais? — alterei-me, virando-me em sua direção. Levei a mão ao peito, agarrando o tecido da camisa de Rafael que eu usava, amassando-o. Uma lágrima insistente e indesejada deslizou pelo meu rosto. Fazia um bom tempo que eu não chorava. — Você não tem noção de como dói. De como eu fui machucada depois que você foi embora.

— O que aquele cara fez com você, Nadine? — perguntou, muito sério, com o cenho franzido. Havia uma expressão ameaçadora em seu rosto, mas eu sabia que não era dirigida a mim. Os braços cruzados corroboravam com a teoria de que estava furioso, embora se controlasse para não demonstrar. — Ele... — Rafael hesitou. — Ele tocou em você? Ele te...

— Não — decidi interrompê-lo, porque senti a dificuldade que encontrou

para dizer as palavras. — Mas ele sempre ameaçou que faria. Chegou a me agarrar várias vezes, rindo como um louco... Me torturou psicologicamente de todas as formas. Fazia ameaças, me deixava trancada no banheiro, como Frank fez aquela vez na despensa. Sempre me machucava. De diferentes maneiras. Nunca grave o suficiente para que eu tivesse que ser levada para o hospital; só uma vez. — Abaixei a cabeça. Até aquele momento, contei tudo da forma mais superficial possível, como se estivesse relatando uma história que não me pertencia. Só que foi começando a ficar mais difícil, porque havia algumas lembranças piores do que outras. Algumas que funcionavam como um punhal afiado que poderia facilmente me destruir.

Rafael apenas assentiu, mas eu pude ver a linha de seu maxilar se contrair e os músculos de seu corpo se tornarem mais tensos, o que era fácil de perceber uma vez que estava sem camisa.

— Eu não queria te deixar, Dine — ele falou em um tom de desespero, como se precisasse que eu acreditasse. Como se dependesse daquilo para sobreviver. — Pelo amor de Deus, preciso que acredite em mim. Tentei te levar comigo, tentei barganhar com Frank. Eu teria feito qualquer coisa para te tirar daquele lugar, mas ele ameaçou te machucar; colocou uma arma na cabeça de Johnny. Sair de lá sem você foi a pior coisa que tive que fazer na vida.

Fiquei em silêncio, olhando para ele. Para o rosto lindo do homem que eu amava, vendo uma lágrima também cair de seus olhos azuis cristalinos, doces e sinceros — que *sempre* foram sinceros, aliás. Vê-lo naquele estado me deu a certeza de que realmente nunca estaria sozinha, nem mesmo no choro.

— Eu acredito — sussurrei, porque não tinha energia para colocar mais força na minha voz. — Acredito em você... — Meu choro se intensificou. — Frank me entregou uma carta... Com a sua letra. Era igual... e você assinava como Lancelot, falava coisas que só nós dois podíamos saber. Sobre a pipoca, o filme que assistíamos... Era uma carta de despedida... A letra... era... igual à sua — repeti, atordoada. — Quando eu acordei, achei a carta no chão, como você sempre deixava os bilhetinhos. Só tive tempo de ler até que ele chegou, preparando tudo para ir embora... Disse que você tinha fugido, que poderia denunciá-lo à polícia. Ele já tinha outra casa pronta. Não me lembro de muita coisa, porque apaguei de novo. Quando acordei, estava em outro lugar. Outro porão... Eu não...

— Ele deve ter te dopado de novo — Rafael concluiu.

— Meu Deus! Meu Deus... eu... — foi então que desabei. A torrente de memórias e o fluxo de compreensão que me atingiu foram fortes demais para suportar.

Rafael foi rápido em me tomar em seus braços, apertando-me contra seu

peito.

Eu soluçava. Como não acontecia há anos. Como, talvez, nunca acontecera.

— Eu nunca escrevi carta nenhuma, amor. Ele deve ter mexido nos nossos bilhetes. Não é difícil falsificar uma caligrafia, ainda mais a minha, já que escrevo em letra de imprensa.

Sim, Rafael estava certo. A letra dele não era difícil de ser imitada. E se Frank tinha mesmo colocado câmeras no porão, para nos vigiar, ele sabia dos bilhetes. Sabia de tudo.

Na verdade, fazia muito sentido. O porquê de ele sempre aparecer quando era conveniente, como captou o tempo perfeito em que eu e Rafael começamos a nos apaixonar... Ele nos assistia. Como um *voyeur*. Quantos beijos não deve ter testemunhado? Quantas carícias? Eu tinha nojo de imaginar.

E quanto mais eu imaginava, mais eu chorava.

— Por que, Fael? — Mal sei como a voz saiu em meio aos soluços. — Por que eu acreditei nele? POR QUÊ?

— Não, linda. Não faz isso... Não se culpe. Você foi enganada. Nós dois fomos, de todas as maneiras — Rafael também continuava chorando.

— Eu tive raiva de você! Raiva! — gritei e o empurrei, tentando me desvencilhar, porque precisava falar tudo aquilo olhando em seus olhos, mas ele me manteve consigo, apertando-me firmemente contra seu peito. — Como eu pude não acreditar em você? Como pude duvidar da única pessoa que me fez sentir amada? Você só me amou, Rafael... Nunca pediu nada em troca. Só cuidou de mim e me protegeu. E olha como eu retribuí...

— Retribui de muitas formas, Borboleta. Nunca pense o contrário. Você foi um presente para mim. Sempre foi. Foi minha melhor amiga... Não se martirize pelo que passou. Estamos juntos agora...

Ele deu uma pequena brecha, afastando-me para olhar nos meus olhos, e isso foi o suficiente para que eu me soltasse e partisse para cima do saco de pancadas novamente.

Rafael permitiu. Ficou por perto, apenas assistindo, com os braços cruzados, parado com as pernas abertas, como se estivesse em alerta. Como me conhecia muito bem, sabia que eu não estava em meu estado normal – se é que isso existia.

Comecei em um ritmo mais lento, tentando usar de toda a minha força, embora fosse patético. Ele continuou me observando. Olhando-o de soslaio, estava sério, com o cenho franzido, quase ameaçador com todo aquele tamanho. Eu sabia que remoía o que eu havia dito, por mais que tivesse resumido as coisas ao máximo, amenizado e omitido detalhes. Detalhes, inclusive, que ele precisava saber. Mas ainda não estava pronta para revelar tudo. Talvez nunca estivesse,

aliás.

Não sei quanto tempo perdi ali, mas me vi ofegante, e os nós dos meus dedos começaram a ficar esfolados. Isso só me deu mais raiva. Mais angústia. Então, comecei a golpear com mais força. Mais força. Mais lágrimas.

Minha voz começou a escapar da minha garganta em gritos, descontrolada, sem que eu ordenasse. Eu era refém das minhas próprias emoções. Prisioneira de sentimentos que iam de um ódio desesperado a um amor que me consumia.

Arrependimento. Um terrível arrependimento.

Como se fosse puxada de volta para a realidade, senti os braços de Rafael se fecharem ao redor dos meus, imobilizando-me e me tirando de perto do saco.

— Chega, Dine. Você está se machucando — falou baixo, em meu ouvido.

— Não! Por favor... Eu preciso...

— Você *quer* se machucar, não quer? — interrompeu-me. — Quer se punir, mas eu não vou deixar.

Ele estreitou os braços com ainda mais força ao meu redor, mal permitindo que eu me mexesse. Eu não iria conseguir sair dali de jeito nenhum.

— Fael... — foi tudo o que eu consegui proferir, em meio ao bolo que se formava na minha garganta.

Rafael me virou para si, deixando-nos frente a frente.

— Você quer agredir alguma coisa? Descontar a sua raiva? Então eu estou aqui.

— Eu não tenho raiva de você — disse, confusa.

— Mas você sabe que eu aguento porrada, Dine... Melhor socar a mim do que o saco de areia...

Eu sabia o que ele estava querendo fazer. Sabia que nele eu não teria coragem de bater com tanta força e nem por tanto tempo.

Assim como eu, Rafael entendia de raiva e frustração. Também descontava suas mágoas usando seus punhos, embora fosse bem mais competente e ridiculamente mais forte, o que permitia que aguentasse mais o tranco. Por saber disso, imaginava que reconhecia a necessidade, mas também o quanto podíamos perder o controle e o limite. Se eu fizesse o que estava pedindo e o socasse, ele poderia me impedir a hora que quisesse.

Só que não era nele que eu queria descontar...

— Não, eu não posso.

— É claro que pode! — falou com autoridade, com a voz trovejando nos meus ouvidos e ecoando no ambiente fechado onde estávamos. — Eu te abandonei, Nadine. Seja como for, te deixei sozinha. Acha que também não me condeno por isso? — Rafael estava alterado como nunca. — Eu deveria ter matado Frank com minhas próprias mãos naquele dia. Deveria ter te arrancado

daquela casa de qualquer jeito. Ter levado um tiro, que fosse. Seria menos doloroso do que pensar em te deixar sozinha e desprotegida. Você sofreu um inferno, e eu não estava lá para te defender. — Engoliu em seco, também deixando que as lágrimas lavassem seu rosto, que, naquele momento, era uma máscara de raiva e indignação. — Vamos! Eu sou o culpado também!

Não, ele não era. Não havia nada em Rafael que não fosse feito de amor, compaixão, generosidade e honra. E saber de tudo isso me deixava ainda mais revoltada comigo mesma. Uma carta... uma porra de carta forjada foi o suficiente para que a imagem do homem que sempre foi o meu herói fosse desconstruída e destruída na minha cabeça. O quão fraco e manipulável eu era?

Apesar de saber que não havia um único átomo de culpa dentro do corpo de Rafael, eu dei o primeiro soco, mirando seu peito rígido. Foi bem mais fraco do que os que dei no saco de pancadas, e ele sequer se moveu. Estava parado como uma estátua, concedendo-me o que prometeu que me daria.

O segundo soco veio acompanhado de um grunhido agudo que saiu do meu peito.

Outros vieram depois. Com gritos, lágrimas e ódio. Um ódio que parecia escapar dos meus poros e voar por todo o ambiente, tornando-o claustrofóbico.

Eu estava exausta. Devastada. Minhas emoções mutiladas, os sentimentos amputados, faltando pedaços.

Quando desabei de verdade, apenas me impulsionei para me jogar no chão, e teria caído pesado, se Rafael não tivesse me segurado, baixando-me com cuidado, sentando-se comigo, puxando-me contra seu peito.

— Shhh... calma, amor. Está tudo bem. Você vai ficar bem... Eu te amo. — Beijou minha testa, e foi sua última frase que chamou a minha atenção, fazendo-me erguer o rosto em um sobressalto.

— Esse amor... — Engoli em seco, porque quase me engasguei com as palavras que estava prestes a dizer. — Esse amor que sentimos... Foi *ele* que nos deu, Rafael. *Ele* planejou esse sentimento. Frank queria que nos apaixonássemos. Nós fomos marionetes... Se tudo isso for uma ilusão...

— Não! — ele exclamou com veemência. — Não pense assim.

Novamente desvencilhei-me de seus braços, levantando-me.

— Eu preciso de ar... Preciso sair daqui...

Sem deixar que Rafael dissesse qualquer coisa, peguei a chave em seu bolso e saí do cômodo, aproveitando seu atordoamento, apressando-me, correndo, com ele vindo atrás de mim.

Fui até a parte externa da casa, colocando-me debaixo da chuva que ainda caía forte.

Fiquei encharcada em segundos e senti a mão de Rafael se fechando ao

redor do meu braço, virando-me na direção dele quase com violência, fazendo-me colidir com seu peito molhado.

Não. O que eu sentia não era uma ilusão. À minha frente estava o homem mais incrível, sensível, apaixonado e bonito – por dentro e por fora – que eu conhecia. Meu Lancelot. Corajoso, justo, sexy e *meu*.

Poderia ser loucura, mas mesmo depois de todo o surto, eu só queria que ele me beijasse. Queria que usasse sua boca para apagar todo o mal que parecia ter se instalado em cada parte do meu corpo.

— Coloque uma coisa na sua cabeça, Nadine — ele falou, segurando meus braços, forçando-me a olhar para ele. — Eu AMO você. Não importa como nos conhecemos e o que aconteceu entre nós. Não importa o que nos juntou... Importa que estamos juntos. E se depender de mim vamos continuar assim. — Então ele abriu um sorriso. De menino. Capaz de me deixar de pernas mais bambas do que já estavam. Ainda bem que ele passou um braço pela minha cintura, me firmando. — Ai de você se tentar fugir de mim, Borboleta. Nem que eu tenha que te amarrar na minha cama, não vou mais te deixar desaparecer da minha vida.

Era uma clara brincadeira, por isso eu ri.

— Se você curte essas coisas, podemos providenciar... — repeti a frase dele, tentando descontraí-lo.

Nós dois rimos. Eu ainda não estava cem por cento; nem perto disso, mas tê-lo ali comigo amenizava as coisas.

— Você está encharcada — ele comentou.

— Você também...

— Eu nunca tive medo de tempestades.

— Você não tem medo de nada, Lancelot — falei com um sorriso, e Rafael ficou muito sério.

— Tenho. De perder você.

— Não vai. E, para seu conhecimento, nem mesmo as tempestades me assustam quando você está comigo...

O sorriso de Rafael retornou ao seu rosto, e ele simplesmente se inclinou para me beijar. Sob a chuva. Como se nada mais importasse.

E realmente não importava. Só o beijo de Rafael... Só sua boca brincando com a minha, mordendo meu lábio, arrancando-me suspiros e fazendo misérias com a minha cabeça e meu coração.

Depois daquela noite, não houve outras tempestades, ao menos por uma semana. Eu também não voltei para casa. Continuei praticamente morando com Rafael, voltando apenas uma vez à minha, na companhia de Johnny, já que meu Lancelot protetor estava atarefado com o trabalho – uma causa complicada de

uma mãe e dois filhos à qual ele andava se empenhando muito.

Quase agradeci por não estar sozinha, porque vários cantos daquela casa me remetiam a Douglas. Ele parecia ter profanado cada móvel, cada parede, cada pedaço do primeiro lugar que eu construí sozinha, que decorei, que escolhi, idealizei. Eu morava ali há pouco tempo, mas me apaixonei pelo meu próprio espaço. Agora o odiava.

— Dine? — Johnny me chamou, enquanto eu olhava ao meu redor, parada, antes de ir embora.

— Desculpa... eu só... — hesitei. Ele colocou a mão sobre o meu ombro.

— Rafa mandou uma mensagem dizendo que conseguiu chegar em casa mais cedo.

Chequei o relógio sobre o rack da sala. Já estávamos ali há duas horas.

— Acho que você perdeu a tarde por minha causa, não foi? — Sorri, desanimada. — Avisei a Rafael que não precisava de babá.

— Você cuidou de mim algumas vezes. Sua mãe, muitas. Estou em débito.

Voltei-me para ele, olhando-o com atenção. Havia pouco do menino doce que conheci, que era enviado em raras vezes ao porão, durante noites de luta de Rafael para que eu não ficasse sozinha. Em todas elas, tentei realmente cuidar dele. Tentei conversar, fazê-lo falar, e nós nos apegamos. Vê-lo um homem, igualmente gentil e seguindo sonhos que sempre me contou que tinha, me deixava orgulhosa.

Ouvi-lo citar minha mãe, no entanto, me trouxe uma necessidade imensa de falar dela. Fazia muito tempo que sequer mencionava seu nome.

A sensação era agridoce, mas quis saber mais.

— Ela falava de mim? — perguntei quase com urgência. Desespero. Eu simplesmente não conseguia usufruir de emoções normais e comedidas. Ia de zero a cem em pouco tempo.

— Nossa, Dine, claro que falava. Acho que eu passei a te amar mais pelo que ela me contava. — Sorri, nostálgico. — Eu não lembro da minha mãe. Então, acho que, de certa forma, tive sorte de conhecer a sua e Sílvia.

— Você a viu antes de ela morrer?

Johnny respirou fundo, abaixando a cabeça.

— Tem certeza de que quer falar sobre isso?

— Tenho. Por favor, não pegue a mania do Rafael de achar que eu não aguento algumas coisas...

— Ficou doida? Você não tem noção do quanto o Rafael te acha forte, né? Tanto ele quanto eu te achamos a garota mais corajosa de todas. — Johnny pegou a minha mão e a beijou com carinho. Aquele rapaz era tão especial quanto seu irmão posticho. — Sim, Dine... eu a vi antes de morrer. No dia anterior fiquei

no quarto dela até que dormisse. Estava bem. Um pouco fraca, como sempre.

— Você acha que Frank a matou de propósito? Que não foi um acidente? — Aquela era uma ideia que nunca tinha saído da minha cabeça, mas era a primeira vez que eu a externava.

— Acho. Quando eu era criança não me dei conta disso, mas hoje em dia... Ele era capaz de qualquer coisa. O que ele fazia com você... A forma como obrigava o Rafa a lutar para te proteger... É um homem muito perturbado. Por isso acho que vocês deveriam tomar cuidado com essa história de vingança.

— Vamos tomar — respondi de forma superficial, tentando deixar o resto para trás. Se insistisse naquele assunto, Johnny iria se esforçar para me convencer a deixar a ideia de lado. E eu começava a me sentir feliz demais, o que era perigoso. Não podia desistir. Frank, e principalmente Douglas, não mereciam ser deixados em paz. — Podemos ir para...

Hesitei.

— Para casa? — ele falou, sorrindo. — Não tenha medo de falar essas coisas para mim. Você e Rafa sempre foram o lar um do outro. Eu sabia que acabariam se encontrando e ficando juntos.

Eu também sorri. Era difícil não me sentir contente ao ouvir aquele tipo de coisa.

— Sim, Johnny. Para casa...

Que Deus me ajudasse, porque ele estava certo. Rafael era meu lar. Meu doce lar.

E isso ficou ainda mais comprovado quando cheguei em casa e ouvi várias vozes, risadas e senti o cheiro de carne sendo preparada. Abri o portão, do qual já tinha a chave, e deparei-me com Anderson, Marcella e com uma garota bonita que eu tinha visto no dia da festa onde reencontrei Rafael, e que me foi apresentada como Maria Clara. Ela, obviamente, era companhia de Andy, afinal, ele mesmo fez as honras.

Limpando as mãos em um pano de prato, Rafael veio me beijar.

— Antes que você se sente, posso te roubar um minuto das pessoas?

— Claro, eu mal sabia que teríamos convidados.

Rafael deu de ombros.

— Achei que você ia gostar de ter a casa cheia. — Rapidamente entendi o que ele queria dizer com aquilo. A garota que sempre viveu em solidão não estava mais sozinha. Eu tinha amigos.

— Eu adorei.

— Mas juro que é só um minutinho. Tenho um presente para você.

— Um presente?

Parecendo um garotinho animado, Rafael assentiu e começou a andar, em

direção à parte interna da casa, estendendo a mão para mim.

Aceitei ser guiada, enquanto ele entrava, subia as escadas e me levava até o sótão, que tínhamos adaptado como escritório para que eu pudesse escrever. Na verdade, ele preparara aquele espaço para mim, alegando que poderia ser temporário, caso eu quisesse voltar para a minha casa depois que tudo se resolvesse, mas eu ainda não sabia como encontraria coragem para ir embora, especialmente porque Rafael parecia cada dia mais empenhado em me convencer a ficar definitivamente. Apesar de ainda tomar meus remédios, sentia-me segura com ele. Como sempre me senti.

A porta do cômodo estava fechada, e eu ouvi um som vindo lá de dentro, que não consegui identificar. Quando Rafael abriu a porta, quase caí para trás.

Brincando com uma bolinha de plástico, dentro de uma caminha de pano, havia um filhote de cachorro. Um bebê.

Levei as mãos à boca, para conter uma exclamação mais intensa.

— É... para mim? É meu? — perguntei, apenas querendo ter certeza.

— Bem, você me disse que gostava, quando conhecemos Geraldo... Achei que... — Rafael foi interrompido por um soluço que escapou do meu peito.

Meu Deus... ele realmente não fazia ideia do quanto aquilo era importante para mim.

— Não, amor... não era para você chorar, eu...

Novamente interrompendo-o, joguei-me em seus braços, enquanto o cachorrinho vinha em nossa direção, roçar em nossas pernas.

— Obrigada... — sussurrei, porque não havia outra palavra para dizer naquele momento.

Permaneci em seu abraço por alguns instantes, até que ele me soltou e o pegou no colo, trazendo-o até mim.

— É um vira-lata. Peguei em um abrigo. Eles são os melhores cachorros, e achei que você não se importaria por não ser de raça.

— Claro que não. Ele é tão lindo! — Peguei-o nos meus braços, aconchegando-o e sentindo seu cheirinho de bebê. Era uma bolinha de pelos marrom e branca, e uma linguinha atrevida veio direto ao meu rosto, quase limpando minhas lágrimas.

Eu não conseguia parar de olhar para ele. Não conseguia acreditar que ele poderia ter me dado um presente tão especial.

— Ele precisa de um nome... — Rafael falou, trazendo-me de volta à realidade.

Ergui-o na direção dos meus olhos, olhando-o com calma, e tive uma ideia.

— Você é meu Lancelot; nada mais justo do que ele ser meu Merlin. — Virei-me para Rafael, olhando-o nos olhos com uma imensa ternura. — Acho

que finalmente vai começar a ter um pouco de magia na minha vida.

Rafael beijou minha testa, puxando-me para si.

— No que estiver ao meu alcance, eu vou te dar o máximo de magia que puder.

Eu sabia que sim.

Aliás, já estava dando. A noite foi maravilhosa, com meus novos amigos e com Merlin.

Aquele era o gosto da felicidade, e eu poderia me acostumar com ela.



Capítulo 23

Rafael

UMA TRÉGUA. A VIDA ESTAVA NOS DANDO uma trégua.

Imaginei que, obviamente, seria temporária. Mas eu tinha Nadine comigo, e isso era o que mais me importava.

Foram dias de calmaria, literalmente depois de uma tempestade. Dias em que nem mesmo o fantasma da tal vingança contra Frank nos assombrou.

Tudo seguia tão bem que quando Tatiane me telefonou, naquela manhã de domingo, perguntando se podia nos fazer uma visita, quase pedi que não fosse. Só que não seria justo com Nadine. Ela queria uma vingança, não queria? Então eu lhe daria isso.

Eu lhe daria tudo. Absolutamente tudo que pudesse compensar a merda de vida que teve.

Não que eu achasse que o que pretendia fazer fosse lhe trazer paz, mas iria fechar um ciclo. E isso era importante para que começasse a se curar. Enquanto houvesse aquela porta aberta em seu coração, ela não poderia descansar.

E enquanto Douglas estivesse lá fora, ele seria uma ameaça a ela. Então, eu também queria vingança, embora acreditasse muito mais em outro tipo. Uma que poderia colocar em prática com meus próprios punhos.

Reunimo-nos na sala, como da outra vez, e Nadine parecia ansiosa. Eu nunca deixava de perceber suas mudanças de humor, principalmente desde que começamos a praticamente morar juntos. Ela ia de momentos de total euforia a uma melancolia que a deixava apática em metade de um dia, e isso me preocupava. Eu odiava sair para trabalhar e deixá-la sozinha, mas também não queria que se sentisse vigiada. Pouco saía de casa. Na verdade, quase nunca queria sair. Às vezes eu sentia que tinha medo do mundo, por mais que estivesse fora do maldito porão que a aprisionara há muito tempo.

Queria que Frank e Douglas fossem logo punidos para que eu pudesse começar a ajudá-la de forma mais efetiva. Sentia-me como um inútil vendo-a perdida em seus próprios traumas, sem poder fazer nada a respeito.

Eu sabia que ela estava em frangalhos, ansiosa e prestes a desabar, mas se mantinha altiva, de cabeça erguida, como a mulher que ela construía naqueles anos. Ao menos na aparência, não iria se mostrar vulnerável. Talvez apenas para mim. E eu não pretendia desapontar sua confiança.

Tatiane hesitou. Respirou fundo, ajustou os óculos e finalmente olhou direto para Nadine.

— Se qualquer pessoa perguntar, vocês nunca descobriram isso, tudo bem? Quem me deu as informações confiou que eu não iria repassá-las a ninguém, além da Nadine — ela começou. — Poderia custar a licença da médica de Frank.

— Claro — Nadine respondeu, demonstrando segurança, e eu assenti, concordando.

Tatiane ainda coçou a sobrancelha. Certamente, estava refletindo sobre como entrar no assunto.

— Não que eu duvidasse disso, Nadine, mas seu tio é um psicopata.

— Ele é — foi tudo o que ela disse, com uma voz que parecia nada mais do que um sussurro arfante. Era visível, ao menos para mim, que a conhecia muito bem, o quanto aquilo mexia com ela. Talvez Tatiane, que era psicóloga, também pudesse ver, mas Nadine enganava bem com sua máscara de indiferença.

— Além de tudo que ele fez com vocês... eu descobri que o ansiolítico que toma foi receitado para um forte caso de psicose. — Nadine apenas balançou a cabeça. Meu olhar se voltou dela para Tatiane, como se eu estivesse em um jogo de tênis. — Ele se voluntariou para esse tratamento depois de... — Hesitou novamente.

— Pode falar, Tatiane... Eu não espero nada de bom de Frank. Ele não é meu tio, não no meu coração.

— Ele se envolveu com uma pessoa, e ela morreu em circunstâncias muito suspeitas. Mas isso foi o que eu consegui pesquisar. — Tatiane estendeu um envelope em nossa direção. Deixei que Nadine o pegasse, e lá estavam informações sobre a tal mulher: Vera Dias. — O relacionamento durou um ano, e não há menção nenhuma ao nome dele em qualquer lugar. Ela era política também, estava em ascensão. Só que, ao que parece, eles mantinham o caso em segredo.

— E como você descobriu? — perguntei, enquanto Nadine folheava o conteúdo que Tatiane lhe entregara.

— Como eu disse, tenho um amigo que é filho dessa psicóloga. Ele acabou dando com a língua nos dentes depois de algumas taças de vinho. Só que

mencionou apenas o nome da mulher. O resto eu descobri sozinha. O que pôde me contar foi que Frank começou a se consultar com a mãe dele depois da morte desta mulher.

— Ela morreu de parada cardíaca? — a voz de Nadine novamente parecia quebrada, embora ela se mantivesse firme.

— Sim. Como você deve ter lido aí, encontraram uma boa quantidade de substâncias tóxicas em seu sangue. Não ficou provado se foi suicídio ou overdose acidental.

Subitamente, Nadine ficou de pé. Eu sabia exatamente o que estava pensando. Na mãe.

— Nadine, você quer que eu pare de falar? — Tatiane ofereceu.

— Não, quero saber tudo. Você sabe mais coisas, não sabe?

Tatiane assentiu, parecendo preocupada. Algo me dizia que o que tinha a dizer seria ainda pior.

— Então fale de uma vez.

Suspirando, minha amiga fez um gesto para que Nadine se sentasse, e ela obedeceu.

— Vera tem uma filha. De dezoito anos; sua herdeira. A garota desapareceu. Desde antes da morte da mãe. Isso já tem dois anos. A mídia a colocou como suspeita, porque uma grande quantidade de dinheiro sumiu.

Nadine levantou-se novamente, em um rompante tão súbito, que eu achei que iria tropeçar nos próprios pés. Afastou-se de nós, andando pela sala, e eu me aproximei. Não era um bom momento para deixá-la sozinha.

— Dine... — Toquei seu ombro com delicadeza, e ela se virou para mim com os olhos vidrados. Tive medo que entrasse em surto novamente.

— Ele só pode ter prendido essa garota também, Rafael! Está fazendo com ela o mesmo que fez comigo. A história vai se repetir.

— Nós não temos certeza — tentei acalmá-la, embora soubesse exatamente que estava certa.

Revoltada, Nadine deu um empurrão no meu ombro como resposta.

— Não faça isso. Não tente tapar o sol com a peneira só porque acha que eu vou desmoronar ou fraquejar. Não importa se isso vai acontecer, não vou ser iludida. Sei muito bem o que está acontecendo, porque vivi isso na pele.

Passando por mim – e me deixando arrependido pelo que tentei fazer –, voltou-se para Tatiane, que também tinha se levantado e apenas nos observava.

— Tem mais alguma informação sobre essa garota?

— Só nome e algumas coisas óbvias. Não sou exatamente uma CSI, mas me viro nas investigações — Tatiane brincou para tentar amenizar o clima. — Ela se chama Angelina. Tinha acabado de iniciar a faculdade de Turismo. Pai

morto há dez anos.

Nadine voltou os olhos para mim, cobertos de súplica.

— Precisamos encontrá-la. — Fez uma pausa, intensificando o desespero:
— Precisamos salvá-la, Rafael! Precisamos...

— Sim, nós precisamos e faremos isso. — De jeito nenhum eu deixaria outra garota sofrer ainda mais nas mãos daquele monstro. Esperava não falhar daquela vez.

Tatiane sabia muito pouco mais a respeito do caso, então, acabou saindo da minha casa pouco depois, dizendo que iria à ONG cuidar de algumas coisas. Eu até queria ir também, mas deixar Nadine sozinha não era uma opção.

Ela estava agitada, tanto que passou horas inquieta, andando de um lado para o outro, até que pegou no sono durante a tarde, enroscada em Merlin, que já sentia por ela um amor imenso.

Bem, eu o entendia perfeitamente. Eu também a amava com desespero.

Perdi algum tempo observando-a, sentado na cama ao seu lado, pensando que ela não merecia tantas provas.

Se eu pudesse... Se eu simplesmente pudesse protegê-la de tudo aquilo...

Pensando nisso, afastei delicadamente uma mecha de cabelo dourado que caía sobre seu rosto e coloquei um edredom sobre seu corpo, já que a tarde estava fria.

Descendo para a sala, sentei-me no sofá para esperar que acordasse e, entediado, peguei meu celular, pronto para abrir o aplicativo de leitura para continuar lendo seu livro. Eu tinha avançado um pouco naquelas últimas semanas, desde que ela passara a ficar morando comigo. Não queria guardar segredo sobre o fato de o estar lendo, mas não queria que ela acabasse me convencendo a deixá-lo de lado. Então, aproveitei que não estava por perto para continuar.

Infelizmente, cheguei à parte onde fomos separados e que Douglas assumiu o meu lugar.

Fui passando as páginas, sentindo meu estômago embrulhar com cada relato de violência, principalmente psicológica, que ela sofreu.

Só que... não era só isso...

Nem em meus maiores pesadelos eu poderia supor... Nunca teria imaginado que ela...

Meus pensamentos surgiam na minha mente como frases gaguejadas. Como um filme em velocidade acelerada.

Não era possível.

Como se pressentisse o que eu estava fazendo, Nadine chegou na sala, com o cachorro em seus calcanhares. Nem percebi a hora passar, mas já estava ali,

perdido em suas palavras, há quase duas horas.

Ainda não estava preparado para encará-la. Eu poderia simplesmente fechar o aplicativo e fingir que nada tinha acontecido. Mas quando a olhei, ela sorriu – tão linda, tão inocente, bem mais relaxada do que quando deitou –, e eu não consegui retribuir. Não havia um espelho à minha frente, mas poderia jurar que meu rosto estava pálido.

— O que foi, Fael? Aconteceu alguma coisa? — ela perguntou com a voz doce, mas preocupada.

Não consegui lhe responder. Apenas entreguei-lhe o celular para que ela pudesse ver o que eu estava fazendo. Em que parte de seu livro estava.

Segurando o aparelho com uma única mão, ela levou a outra à boca, soltando um gemido desesperado, arregalando os olhos.

— Rafael, eu...

— Você disse a Marcella que tudo que está escrito neste livro é verdade. É mesmo? — Eu não queria que minha voz soasse tão seca, tão ríspida. Mas não era dela que eu estava com raiva. Era de todo o resto.

— Rafael... — repetiu meu nome, com ainda mais desespero, e eu senti um lampejo de indignação me obrigar a levantar-me do sofá, colocando-me de frente para ela.

— Responda, Nadine! É tudo verdade? — Abaixando a cabeça, envergonhada, ela assentiu. Levei a mão à cabeça, desesperado. — Você... Você... *Perdeu um bebê?*

Até a pergunta era dolorosa, embora não se comparasse com o que eu sentia dentro do meu peito.

O que tínhamos feito de mal para termos que viver aquele inferno?

Em um rompante de desespero, sem pensar no que fazia, agarrei-a pelos braços, obrigando-a a olhar para mim. Aquele era o tipo de conversa que precisava ser feita com olhos nos olhos.

— Droga, Nadine... Chega de esconder coisas de mim. Você perdeu um filho meu? Um bebê... *nosso?* Se sim, eu tenho o direito de saber.

Ela continuou calada, e eu fui testemunhando enquanto erguia o muro ao seu redor, como sempre fazia quando sentia medo ou era acuada. Ergueu a cabeça, fechou seu semblante e me olhou com firmeza.

— Perdi... Douglas me fez perder. Agora você entende o porquê de eu ter tanto medo dele? — cuspiu as palavras, especialmente o nome do sujeito odioso.

Soltei-a abruptamente, precisando dar-lhe as costas, porque não conseguia pensar com coerência e tinha medo de que acreditasse que a ira que eu estava sentindo era voltada para ela.

Mas Nadine ficou em silêncio e quando voltei-me em sua direção, segundos

depois, abraçava o corpo com ambos os braços.

Eu sabia que aquela conversa novamente a deixaria em pedaços, mas era melhor que resolvêssemos as pendências de uma vez.

— O que aconteceu exatamente?

— Você não leu no livro? — ela perguntou novamente fechada. Com a mesma máscara de frieza com a qual me encontrou naquela festa.

— Sei que você não deve ter contado tudo... Estou certo?

Ela assentiu.

Eu me odiava por fazê-la falar sobre algo tão terrível, mas eu precisava saber.

— Eu tinha descoberto há pouco mais de uma semana. — Fechou os olhos bem apertados, respirando fundo. Ela não ia conseguir manter a postura indiferente por muito tempo. — Fiquei apavorada. Você não estava mais comigo... Eu não podia entrar em contato para te contar... Como iria cuidar de um bebê naquele lugar? Isso, é claro, se Frank me deixasse ficar com ele.

— Meu Deus... — falei sem querer, deixando apenas que a voz escapasse do meu peito.

— Rafael... — Ela olhou para mim. — Eu pensei em tantas coisas horríveis naqueles dias. Tudo o que eu queria era me matar. Acabar com aquele pesadelo. Mas não tive coragem, porque eu não queria... — Exatamente como previ, ela não suportou manter a postura ativa e fria. Desabou em lágrimas. — Eu não queria matar o nosso filho. Ele seria minha única lembrança de você.

Diminuí a distância entre nós em poucas passadas, abraçando-a com força, apertando-a contra o meu peito.

Tudo pelo que tinha passado... E eu não estive lá para cuidar dela, para apoiá-la.

— Me desculpa... Por favor — ela falou em um fio de voz. — Por não ter te contado... eu não tive coragem. Não queria lembrar.

Afastei-a um pouco para olhá-la nos olhos.

— Como aconteceu? — perguntei outra vez, porque também não encontrava coerência suficiente para fazer qualquer outra coisa.

— Douglas descobriu. Me pegou vomitando várias vezes. Ficava tonta, sonolenta, e ele ligou uma coisa à outra. Depois, teve a confirmação quando leu meu diário. — Nadine engoliu em seco. — Então me agrediu pela primeira vez. E a única, porque Frank o tirou de perto de mim. Ele não morou mais no porão, só que sempre aparecia quando meu tio saía. E me apavorava... Porque todas as vezes em que o olhava, me lembrava do que aconteceu.

— Por isso seu pavor de hospitais — concluí.

— Foi em um que perdi nosso... — ela hesitou. — Nosso filho.

Passei a mão pelo rosto, cabelos e barba, tentando me acalmar. Aquilo só podia ser mais um pesadelo.

— Eu só consegui fugir dois anos depois. Não aguentava mais, Rafael. Depois que você foi embora, depois que eu perdi o bebê... Eu perdi tudo... Me perdi de mim mesma. Você viu o estado em que eu fiquei... Foi quando Aldo ficou com pena e me ajudou, me tirando do porão da forma mais ridícula... — Ela riu com sarcasmo. — Em uma caixa, como uma encomenda. Passamos pelos seguranças e só quando estávamos bem longe eu pude sair. Deixou algum dinheiro para mim que durou por algum tempo.

— Foi quando eu te encontrei. Você estava machucada...

— Eu não tinha ninguém para entrar em contato. Nem sei como você me achou.

— Eu tinha mais de um detetive atrás de você. Fiz de tudo, Nadine. Tudo. Até que um dia Wilson recebeu uma ligação anônima, perguntando se ainda tinha contato comigo. Alguém que sabia de você. Só podia ser esse Aldo.

— Ah, meu Deus! Foi ele que me levou para aquele lugar onde você me encontrou. Para uma pensão de um conhecido.

— Sim, faz sentido. Pedi que um dos detetives te procurasse e te seguisse. A descrição batia. — Fiz uma pausa. — Mas... repito: por que você estava machucada?

— Douglas também me achou. Eu estava fugindo dele quando esbarrei em você. Ele me feriu, eu também o feri e consegui fugir. — Ela abaixou a cabeça. — Se você não tivesse aparecido, ele certamente iria me pegar. Não iria demorar muito tempo para isso.

Afastando-se de mim, novamente abraçou a si mesma, ficando de costas. Eu não a queria assim, distante. Só que também mal tinha coragem de chegar perto.

Como? Como iria me aproximar com o sentimento de culpa que me afligia naquele momento?

— Eu fiquei sem dinheiro e precisei passar alguns dias na rua — falou baixinho, e... puta que pariu!

Eu tinha passado tempo suficiente na rua para não suportar a ideia da *minha* Nadine sozinha, com frio, fome e à mercê das pessoas loucas que poderiam lhe fazer mal. Várias coisas começaram a passar pela minha cabeça, e eu me culpei mais ainda por não ter feito nada por ela da vez em que a encontrei.

Que se fodesse o quanto tentei respeitar sua vontade. Ela estava doente. Magra, abatida, precisando de ajuda. E eu fechei os olhos. Abandonei-a mais uma vez. Deveria tê-la segurado comigo, nem que precisasse trancá-la naquela porcaria de quarto, obrigando-a a comer, depois dando-lhe algum dinheiro e

cuidando para que fosse para um lugar seguro.

Como ela podia me perdoar? Como era capaz de me amar?

— Nadine... — Aproximei-me com cautela. Não tinha sequer coragem de tocá-la.

Virou-se para mim de forma abrupta.

— Não comece, Rafael. Não vá se culpando. Eu fugi de você. Encostei um canivete na sua garganta. — Ela me conhecia bem.

— Ah, pelo amor de Deus, Dine! — resmunguei com a voz um pouco alterada. — Não é como se eu fosse muito indefeso perto de você, né? Acha que não conseguiria te desarmar e te fazer ficar comigo? Só que eu sabia que já tinha passado por coisas demais e não quis te forçar a nada.

— Ficou tudo bem, Rafael. Estou viva, não estou?

— Mas podia ter morrido! — vociferei em um tom gutural, que a fez se encolher, embora eu soubesse que não tinha medo de mim. Fora apenas o susto. — Você podia estar morta, Nadine. E como eu iria me perdoar por isso?

— Mas não estou! — ela falou com veemência. — Hélio me encontrou. Na verdade, ele me achou quase tão mal quanto você. Eu também desmaiei, e ele me levou para casa. Nunca mais saí.

— O seu herói, não é? — falei com desdém. O que era ridículo. Eu devia tudo àquele homem. Ele protegera a mulher que eu amava, como não fui capaz de fazer.

— Sim, Fael... Vocês dois. Cada um ao seu modo — disse, apaziguadora. — Ele já estava doente, então, me abrigou em sua casa por alguns meses até me propor o casamento. Eu relutei, mas aceitei, porque ele também precisava de uma companhia. Foi quando me levou para a Europa. Estava de passagem pelo Brasil, para escrever uma história. Veio fazer pesquisas. Foi quando eu conheci Fátima, além de outros amigos dele.

Assenti, prestando atenção.

— E ele nunca te tocou? Por quê? — Aquilo ainda era muito ilógico para mim. — Meu Deus, Dine... você é uma mulher linda... Qualquer um se apaixonaria facilmente.

— Ele se apaixonou, Rafael. Me amava de verdade. Mas eu não o amei, ao menos não como homem. E ele me respeitou. Do início ao fim. Cheguei a tentar me apaixonar, mas... — Ela suspirou, cansada. — Sempre foi você. E ele sabia disso. Várias vezes ofereceu me trazer para te encontrar, mas eu não quis.

Claro que ela não iria querer. Por que iria procurar o merda que só a decepcionou? Que a deixou sozinha à própria sorte quando jurara que iria protegê-la até o fim.

— Éramos bons amigos. Só isso. Fátima teve a impressão de que éramos

apaixonados, porque nossa amizade era muito forte. Quando ele morreu, me deixou muito rica e muito sozinha. Então voltei ao Brasil e decidi te procurar. O resto você já sabe.

Eu realmente não sabia o que dizer. Ela não merecia sofrer nem metade do que sofrera.

Ela merecia um Lancelot melhor. Eu não estava perto nem da água do esgoto que um herói beberia.

— Rafael — chamou meu nome bem baixinho, mas eu não queria olhá-la. Não era digno de encará-la. Mas ela insistiu. — Fael, não faz isso. Não me deixa no silêncio. Não agora... Não depois de me fazer lembrar de tudo... — Nadine começou a chorar novamente, e cada lágrima que ela vertia era como um tiro que eu levava no peito.

— Você não deveria ter ficado sozinha. Nunca. Tudo pelo que passou...

— Não foi culpa sua — ela choramingou.

— Não importa! — explodi. — Eu não devia ter sequer tocado em você, quanto mais te engravidado, sabendo da situação pela qual passávamos.

— Nós usamos camisinha.

Olhei para ela com a mesma expressão que eu usaria para olhar para uma criança que tinha acabado de falar algo muito ingênuo.

— Nós transamos *algumas* vezes naquela noite, Nadine. Não usamos camisinha em todas.

Ela assentiu, melancólica.

— Eu jurei que iria te proteger. E eu mesmo acabei te colocando na pior situação possível.

Nadine olhou-me da mesma forma.

— Até onde eu sei, o sexo foi bem consensual.

Respirei fundo antes de falar qualquer outra coisa.

— Um filho, Nadine. Você perdeu um bebê nosso, e eu não estava por perto.

— Ninguém estava. Eu era uma prisioneira, Rafael. Refém. Vivia em cativeiro. Esta é a verdade. Você foi obrigado a me deixar, hoje eu sei disso. Mas se estivesse lá dentro, Frank iria tirar nosso filho de nós. Ou iria usar o bebê como outra forma de te chantagear.

— Mas você não estaria sozinha! — alterei-me novamente. Dei um passo largo na direção dela, tomando seu rosto entre minhas mãos. — Você não seria agredida. Aquele homem não iria te machucar. Não só porque não estaria lá, mas porque, se estivesse, eu o mataria antes de permitir que tocasse em você. Eu defenderia você e o nosso filho. Porra, Nadine... eu faria tudo por vocês. A culpa é minha por ter planejado aquela fuga.

— Seria melhor se tivéssemos ficado presos para sempre? — indagou quase com indignação.

— Já não sei mais. Talvez eu esteja louco, mas preferia ter ficado naquele porão do que saber que você passou por tudo isso.

Ela não disse nada. Só permitiu que mais lágrimas caíssem, enquanto eu ainda segurava seu rosto. Não queria olhar para ela com pena, porque aquela mulher não era uma vítima. Era uma guerreira, uma sobrevivente.

Quando a conheci, tive a impressão de que nunca havia encontrado uma garota mais fascinante e corajosa. Agora eu tinha a certeza. Nadine era uma mulher admirável; não era nem merecedor dela.

Mas eu a amava. Porra, eu a amava com tudo o que tinha. Com meu coração vira-lata, com aquele desejo de ser um herói, mas nunca consegui salvar sequer a mim mesmo.

Eu não conseguia parar de olhar para ela, não conseguia tirar as mãos de seu rosto. Principalmente quando também comecei a chorar.

Mas tive que fazer isso quando me ajoelhei à sua frente. Para beijar sua barriga, como gostaria de ter feito quando nosso bebê ainda estava lá dentro.

— Me desculpa... — falei, com a voz embargada pelo choro. — Me desculpa por ter te deixado sozinha... Eu sinto muito por tudo que você passou.

— Eu também sinto. Mas estamos aqui agora. E preciso de você.

Ergui a cabeça na direção dela, ainda com ambas as mãos nas laterais de sua cintura, esperando que ela visse toda a determinação que eu sentia naquele momento.

— Estou aqui. Nunca mais vou te deixar sozinha, Dine. Nunca mais vou te decepcionar.

E, naquele momento, a ideia de vingança me pareceu doce. Aqueles dois homens tinham tirado muito mais de mim do que eu imaginava a princípio. Anos da minha vida, muito da minha dignidade, Nadine... E agora tinham me roubado um filho.

Um filho.

E esse foi o pensamento que me acompanhou por muitas horas. Eu e Nadine ficamos sentados na área externa da casa, em um sofá de vime. Deitei-a no meu colo e ficamos abraçados por muito tempo. Em silêncio. Precisávamos da presença um do outro, e nos concedemos isso. Agora compartilhávamos um segredo pesado, e eu sabia que se falássemos qualquer coisa, isso poderia nos ferir mais uma vez.

Nadine dormiu, e eu a levei para o quarto, esperando deitar-me ao lado dela e também pegar no sono, mas havia demônios demais em minha cabeça, que me fizeram revirar na cama por mais uma hora, antes que me levantasse em um

rompante.

Eu definitivamente não queria deixá-la sozinha, mas não estava pensando com coerência. Se parasse para refletir, não teria feito o que fiz.

Saí de casa ainda com a cabeça cheia. Entrei no carro, acionei o motor e parti.

Para a casa da governadora.

Para olhar na cara daquele filho da puta e poder descontar toda a minha raiva.

Se encontrasse o Douglas... Bem... eu iria matá-lo.

Quem autorizou minha entrada foi Marcella. E também foi ela quem me recebeu, um pouco assustada, acreditando que tinha algo a ver com Nadine.

De fato, tinha. Mas não o que ela estava imaginando.

— Rafa? O que houve? Você está sozinho? — Marcella veio me receber, fechando seu casaco ao redor do corpo.

Saltei do carro sem responder nada, colocando-me de frente a ela.

— Onde está aquele filho da puta? — vociferei bem baixo, soando mais ameaçador do que eu gostaria.

— Quem? Frank? — indagou assustada. — Ele não está. Estou sozinha, aliás.

— Ele vai voltar para casa hoje?

— Vai, mas...

— Posso esperá-lo?

Os olhos arregalados de Marcella poderiam ter me trazido de volta à sanidade, mas eu só conseguia pensar em Nadine machucada, sendo levada a um hospital, perdendo meu filho.

— Rafael, pelo amor de Deus... o que você está querendo fazer...?

— Se você leu o livro da Nadine, sabe tudo o que esse homem fez. Eu não sabia. Não sabia do bebê. — Era até difícil falar, e Marcella deve ter percebido isso, porque colocou a mão no meu braço.

— Entra. Por favor. Minha mãe está chegando, mas Frank ainda vai demorar uma ou duas horas.

Ouvi o que disse, mas meu cérebro não conseguiu processar. Apenas segui a dona da casa, quase como um zumbi, sendo conduzido até a sala, sentando-me no sofá.

Apático.

Já nem sabia se valia a pena estar ali, mas não podia ir embora sem falar com Frank. Não apenas falar, aliás.

— A Nadine sabe que está aqui?

Balancei a cabeça em negativa.

— Eu a deixei dormindo.

Ouvi a respiração pesada de Marcella, porque meus olhos estavam voltados para o chão.

— Vou buscar um copo d'água para você.

Não disse nada. Deixei que ela pegasse a tal água, enquanto eu continuava ali parado, sentado, com as pernas abertas e os cotovelos apoiados nelas, corpo inclinado para frente, devastado.

Tanto que nem percebi que demorou mais do que deveria para retornar.

Entregou-me a água, e eu bebi. De um gole só, embora não fosse me deixar mais calmo. Nada deixaria.

— Rafa... — Marcella sentou-se à minha frente, sobre a mesinha de centro.

— Se acalme. Você não é assim. Você não é violento.

— Eu nunca tive um filho assassinado — respondi, finalmente olhando para ela, em um tom letal.

Ela não era a culpada. Obviamente que não. Mas eu estava cego.

Marcella ficou em silêncio, olhando para mim, até que colocou a mão sobre a minha.

— Você sabe que não tem culpa, não sabe? Que você não poderia evitar, já Frank o expulsou.

— Eu deveria ter dado um jeito. Ela morou na rua, Marcella! Isso eu poderia ter evitado, porque a encontrei e a deixei fugir.

— Nadine me contou tudo, Rafa. Você está vendo as coisas de uma forma muito severa.

Fiquei calado. Não adiantava contestar, porque ninguém conseguia analisar a situação como eu; como uma pessoa que carregava uma culpa nas costas enxergava seus próprios demônios – eles iriam me assombrar por muito, muito tempo.

Marcella continuou tentando me acalmar, e ela quase conseguiu. *Quase*, porque tudo se tornou novamente sombrio quando ouvi um carro chegando. Levantei-me imediatamente, porque *queria* que fosse Frank. Queria tanto que cheguei a cerrar meus punhos nas laterais do corpo, em alerta.

Só que quem abriu a porta foi Fátima. Seguida por Nadine. Esta me olhava com desespero, quase pedindo com seus próprios olhos que eu ficasse calado. Mas não dava. Poderia botar tudo a perder, mas meus sentimentos estavam gritando naquele momento, e eles se sobrepunham à racionalidade que havia me abandonado por completo.

— Rafael? Ah, que bom que você também está aqui! Encontrei a Nadine lá fora, e ela me parece um pouco nervosa. — Fátima finalmente olhou para mim e percebeu a minha expressão transtornada, por isso, se interrompeu. — O que

houve?

— Acho que está na hora de a senhora saber de algumas coisas... — falei, certo de que era o correto a fazer. Aquela mulher não podia mais ser enganada.

— Rafael... — Nadine falou em tom de alerta.

— A senhora precisa saber quem é o homem com quem está se relacionando.

E ela iria saber naquela noite.

A decorative graphic consisting of several black butterfly silhouettes of various sizes, arranged in a curved, trailing pattern that starts from the left and points towards the chapter title.

Capítulo 24

Nadine

FOI PRECISO APENAS O TOQUE DO TELEFONE para eu saber o que tinha acontecido, mesmo antes de abrir os olhos. Rafael me deixara sozinha para ir atrás de Frank e de Douglas.

Eu conhecia o homem que amava. Ele era o mais ponderado, gentil, sensível e doce, mas era preciso apenas um gatilho para ele virar o Rafael Corvo. O cara capaz de vencer qualquer luta em poucos minutos.

A preocupação de Marcella me obrigou a me levantar da cama de um pulo, trocar de roupa e voar no primeiro táxi que surgiu no aplicativo. Ao chegar ao condomínio de Fátima, vi seu carro parado na guarita, esperando a cancela ser aberta e a chamei. Acabamos entrando juntas, em uma coincidência muito providencial.

A expressão de Rafael quando dei de cara com ele... Meu Deus, eu podia jurar que iria assassinar alguém.

Não me surpreenderia se houvesse uma arma dentro daquele casaco de couro preto, que o deixava ainda mais ameaçador.

— O que está acontecendo aqui? — Fátima perguntou, aflita.

— A gente pode conversar, antes de mais nada? — pedi a Rafael, com cautela e com a mão estendida, como se domasse um leão.

— Não, Dine. Me desculpa. — Então, ele se virou para Fátima. Cenho franzido. Braços cruzados. Sério como nunca o vi. — A senhora precisa saber que está se relacionando com um psicopata. E eu não posso permitir que fique às cegas. Não quando também pode sair machucada.

Voltei meus olhos para Fátima. Não havia mais jeito. A solução era corroborar com o que Rafael iria lhe contar e torcer para que não ficasse contra nós e que não preferisse acreditar em Frank.

— Do que você está falando, garoto? — indignada, ela indagou.

Precisei intervir.

— Fátima... Frank é meu tio. O livro que eu escrevi, o Simetria, é real. É a minha história antes de conhecer Hélio. Usei o que meu tio fez comigo como inspiração — falei tudo de uma vez. Não havia jeito de amenizar a verdade. Não uma como aquela. Não uma que me feria ao ponto de ser difícil revelar.

Ficamos todos olhando para ela, aguardando por alguma reação, e quando esta veio, Fátima simplesmente deu dois passos cambaleantes para trás. Rafael precisou apressar-se para segurá-la, antes que despencasse no chão.

Ele a ajudou a se acomodar no sofá, com toda a sua gentileza – que nem mesmo a raiva que sentia seria capaz de limar.

— Isso não pode... — Ela levou a mão ao peito, e eu temi que acabasse passando mal. Olhei para Rafael com uma expressão de repreensão, mas ele se abaixou na frente de Fátima, em alerta para o caso de ser necessário. — O que vocês querem?

Pacientemente, sentei-me ao lado de Fátima, enquanto os outros nos rondavam.

— Vocês vão ter que me explicar tudo isso muito bem, porque não podem chegar na minha casa, acusando uma pessoa sem que...

Toquei o ombro de Rafael, em um gesto que pedia, silenciosamente, que ele se afastasse, para me deixar assumir o controle. Tomei seu lugar, portanto, de frente para Fátima, e o olhar que ela me lançou me assustou. Jurei que não iria acreditar em mim, mas o caos já estava armado. Eu não poderia voltar atrás.

— Preciso que confie em mim. Eu não brincaria com algo deste tamanho. Frank é meu tio, e ele desgraçou a minha vida — repeti.

— Mas como é possível? — a pobre da mulher estava desnorteada.

Lancei um olhar para Rafael, buscando incentivo, e este apenas assentiu, na mesma posição de antes. Ameaçadora, braços cruzados, cenho franzido e o queixo erguido. Tudo nele me alertava que estava a ponto de explodir. Se Frank surgisse, ele seria um homem morto.

Eu precisava acalmá-lo.

— Rafael, acho melhor você se sentar — falei, ainda de frente para Fátima. Marcella se colocou atrás da mãe, com a mão em seu ombro.

— Isso não vai ajudar em nada.

— Vai, porque está me irritando te ver como um urubu ansiando por carniça — repreendi, e Fátima olhou de mim para ele.

Rafael relutou, hesitou, mas obedeceu, sentando-se na poltrona, o mais longe possível de nós. Melhor assim.

Voltando-me para Fátima, peguei suas mãos nas minhas.

— Acho que eu nem preciso te contar, porque você leu o livro — comecei.
— Tudo? Nadine... tudo aquilo foi verdade? O padrasto do livro era... era...
— Frank? Sim. Era ele.

Ficamos em silêncio. Todos. Apenas nossas respirações podiam ser ouvidas, além de um barulho ou outro da casa ou do condomínio, do lado de fora. Mantive meus olhos fixos na mulher à minha frente, esperando que me desse aquele voto de confiança. Não éramos íntimas, embora ela tivesse conhecido muito a fundo uma das pessoas mais importantes da minha vida.

No meu livro, diferente da realidade, eu contava a história de uma forma diferente, como eu gostaria que tivesse acontecido. Com Rafael surgindo, mesmo depois de dois anos, me tirando do porão, dando umas boas porradas – como todo bom mocinho de romance faria – em Frank e em Douglas, que iam presos, e nós éramos felizes para sempre. Ainda não sabia o que iria acontecer na realidade, mas o ponto ali era que Hélio nunca fora mencionado no texto, a pedido dele mesmo. Praticamente implorara para ser deixado de lado, já que não iria ficar comigo nem na ficção. Sempre dissera isso em um tom de brincadeira, e eu até tentei mudar o enredo, mas ele também não permitiu. Queria que as coisas fossem contadas como eu gostaria que acontecessem.

Esperava que ele estivesse feliz em me ver ao lado de Rafael, como, no fundo, eu sempre quis que acontecesse.

A expressão de Fátima foi, aos poucos, transfigurando-se. De raiva, passou a confusão. De dúvidas, passou a medo. De pavor, passou a compaixão.

Levou a mão ao meu rosto, tocando-o e acariciando-o como faria com sua filha.

— Meu Deus, Nadine... você passou por tudo aquilo? E eu achando que era ficção. Até o bebê...?

Suspirei. As lembranças da reação de Rafael à descoberta do filho ainda eram muito frescas na minha mente. A forma como ele reagiu, o medo que senti de que simplesmente me odiasse por ter escondido a verdade. Era certo que deveria estar tão devastado a ponto de permanecer sério daquele jeito, com aquela expressão letal.

Voltei-me para ele e o vi com o corpo inclinado para frente, cotovelos apoiados nos joelhos abertos. Claramente uma posição de alerta.

— O bebê também é real, infelizmente — foi a voz de Rafael que falou. Cortante. Profunda. Rouca. Baixa. Se eu não o conhecesse, ficaria assustada. Depois de responder, ergueu a coluna, respirando fundo. — E é um dos motivos por eu estar aqui. Tive o desprazer de descobrir hoje que o homem com quem se relaciona foi um dos responsáveis por eu não ter o meu filho comigo. Por Nadine ter sofrido um inferno. Então, a senhora pode imaginar o tamanho da sorte do

seu namorado por não ter aparecido ainda na minha frente.

— Mas você vai se acalmar! — exclamei. — Em respeito à Fátima e à Marcella. Estamos na casa delas.

— Por mim o Capitão América aí poderia dar umas boas porradas naquele safado! Eu ia gostar de ver — Marcella resmungou, cruzando os braços contra o peito, e eu segurei o riso. Não era hora para isso.

Fátima não repreendeu a filha, o que achei um bom começo.

— Não é possível. Ele... ele nunca me disse que tinha uma sobrinha... E vocês se encontraram aqui! — ainda em estado de negação, ela começou a falar, sem olhar para mim, como se divagasse.

— Ele me apagou de tudo. Não poderia falar sobre a minha existência, porque fugi, e ele não sabia onde eu estava. Até que me viu aqui. O homem que estava com ele... — hesitei antes de pronunciar o nome amaldiçoado. — Douglas... Foi ele que me fez tanto mal.

— Eu não sei o que dizer — Fátima disse em um tom arfante. — E Hélio? Onde ele se encaixa nessa história?

Engoli em seco, um pouco mais calma, porque ela estava acreditando. Precisava tê-la como aliada.

— Hélio salvou a minha vida. Eu estava morando na rua, e ele me acolheu. Acabamos nos casando. — Para Fátima eu não iria contar toda a verdade. Talvez, pelo livro, ela entendesse, mas não iria saber da minha boca. Eu não iria minimizar meu casamento quando a outra parte não estava mais viva para se defender.

— Mas não é muita coincidência que Frank se relacione comigo? Logo comigo, que era tão próxima ao seu marido?

— Eu não sei, Fátima. — Abaixei a cabeça. Claro que já tinha pensado naquilo várias vezes. Claro que aquela dúvida também me atormentava, mas não era o foco ali. — Mas Hélio conhecia muita gente. Acho que tudo não passou de coincidência.

Rafael levantou-se finalmente e se aproximou. Fátima ergueu os olhos na direção dele, novamente penalizada.

— Sinto muito por vocês. Não consigo imaginar tudo pelo que passaram.

Tentei erguer a cabeça, porque odiava que sentissem pena de mim. Não era isso que eu queria das pessoas, muito menos dela.

— Está tudo bem agora. — Estendi a mão para Rafael, olhando-o também, com o máximo de sentimento que poderia transmitir naquele momento, enquanto minha cabeça girava em um looping vertiginoso. Os últimos dias tinham sido difíceis, e eu sabia que estava andando em uma corda bamba, mas continuava resistindo. Ele era o responsável pelas forças que vinha extraindo de algum lugar

desconhecido da minha alma, então, quando entrelaçou os dedos nos meus, a minha resposta a Fátima soou mais sincera.

Estava *mesmo* tudo bem. Porque eu o tinha comigo.

— Não duvidei nem por um minuto que vocês dois se amavam quando vieram aqui pela primeira vez. Fiquei feliz em ver que estava refazendo sua vida, mas não imaginava o quanto de bagagem carregavam nas costas — Fátima falou, com os olhos cheios d'água. — O que posso fazer para compensar tudo isso?

Eu e Rafael nos entreolhamos, muito sérios, e ele apenas balançando a cabeça, incentivando-me.

— Você pode fazer muitas coisas. Nos ajudar a descobrir os podres de Frank.

— Mas para isso eu vou precisar continuar com ele... eu não sei se terei coragem...

— Claro, me desculpa. Você está certa. Mas se souber de qualquer coisa, se tiver acesso a algo que possa nos ajudar... Eu planejo desmascará-lo na primeira oportunidade que aparecer. Quero que ele seja humilhado, que vá, sim, preso por tudo que fez, só que não tenha chances de sair da cadeia sob fiança ou... sei lá.

— O leilão! — Fátima disse, parecendo subitamente em alerta. Então, voltou-se para Rafael. — Aquela moça que trabalha com você... a Tatiane... Ela telefonou para meu assistente e passou as informações de que vocês estão planejando um leilão para angariar fundos para a ONG. Por que não usam esta ocasião? Eu posso chamar políticos amigos meus e outras pessoas importantes. Todos verão a verdade sobre Frank sendo desmascarada.

— Mas isso poderia atrapalhar o real motivo do evento — falei, mas sentindo o coração palpitar dentro do peito com a possibilidade.

— Não. Vocês podem levar o leilão da melhor forma possível. Ao final, faremos as revelações.

Eu e Rafael trocamos olhares, mas ele balançou a cabeça em negativa.

— Isso está fora de questão — falou categórico. — Vai ser muito perigoso. Nadine vai ficar exposta. Não podemos confiar.

— E se levarmos a polícia? — insisti. — Droga, Rafael, é uma ideia muito boa. E está perto... Podemos nos livrar dele o quanto antes e... — Calei-me, pois meus olhos foram parar em Fátima, vendo-a devastada. Que egoísta da minha parte enaltecer que o homem que ela amava merecia ir preso. Ou até mais do que isso.

— Não precisa se conter por minha causa, querida. Levando em consideração o que você passou, acho que tem sido compreensiva e benevolente demais. Até mesmo comigo. — Ela fez uma pausa e deixou o olhar vago, quase

vítreo, focando-o em um ponto aleatório do ambiente. Subitamente levantou-se.
— Como não percebi? Como me deixei enganar?

Levantei-me também.

— Você não pode se culpar por isso. Não tinha como saber.

— Mas ele é louco. Se fez tudo isso com vocês, eu não poderia...

Fátima levou a mão à cabeça de forma suspeita. O cenho franzido em uma careta de dor demonstrava que algo estava errado. Pela milésima vez naquela noite, troquei olhares com Rafael, e nós dois nos colocamos em alerta. Tanto que quando ela despencou, ele já estava a postos, e segurou-a a tempo, antes que fosse ao chão.

— Mãe! — Marcella deu um pulo de onde estava, aproximando-se de nós. Agachei-me junto com Rafael, tentando reanimá-la, mas ela não respondeu.

Decidido – e com uma expressão mais fechada ainda –, Rafael a levou até o sofá, acomodando-a com cuidado, enquanto nós a cercávamos. Imediatamente, um pensamento muito sombrio cruzou a minha mente, e eu precisei externá-lo.

— Marcella — chamei, e ela demorou a se voltar para mim, de tão apavorada que estava. Quando o fez, eu completei meu pensamento: — Fátima tem andado bem? Notou alguma coisa estranha acontecendo?

A garota pensou um pouco, puxando da memória, e eu sabia que não deveria ser fácil, dadas as circunstâncias, apavorada com a situação da mãe. Mas logo arregalou os olhos, expressiva e ainda mais preocupada.

— Ela às vezes fica sonolenta. Há dois dias passou mal, vomitou, mas achamos que tinha sido algo que comeu, porque ficou bem. Você acha que...

Antes que Marcella pudesse terminar de falar, Fátima começou a despertar, um pouco desorientada, olhando para nós com curiosidade. Concedemos-lhe um tempo para que voltasse a si por completo.

— O que aconteceu? Eu não...

Peguei as mãos dela nas minhas, sentindo-me apreensiva pelo que teria que lhe dizer, mas certa de que precisava fazê-lo.

— Fátima, eu acho que você deveria procurar um médico. — Respirei fundo, porque a próxima informação seria ainda mais dolorosa. — Existe uma chance de Frank estar lhe fazendo mal.

Ela arregalou os olhos.

— Não! Não é possível! Eu estou bem. Foi só a emoção do que acabei de descobrir... — insistiu.

— Mãe, você sabe que está mentindo. Anda passando mal, e sua saúde sempre foi de ferro. Nadine está certa. Vamos amanhã a um hospital para que se consulte.

— Não! Eu não posso acreditar que...

— Senhora, com todo o respeito... — Rafael começou com uma voz ainda mais gentil, e eu sabia que a mensagem seria dura. Eu poderia tê-lo repreendido, mas Fátima precisava daquela dose de realidade. — Não se pode confiar em um homem que manteve a sobrinha como prisioneira por anos. Além do mais, ele drogava a irmã e há grandes chances de tê-la matado também.

A expressão de choque de Fátima se ampliou.

— Descobrimos hoje mesmo que ele é suspeito da morte de outra pessoa. Vera Dias. Acho que você deve conhecê-la — complementei o pensamento de Rafael.

— Sim, eu a conheço. Mas Frank, não. Ele não a conhecia... — Fez uma pausa, refletindo. Subitamente levou a mão à boca. — Meu Deus!

Ficamos todos em silêncio, como em um pacto mútuo, pois Fátima precisava daqueles minutos para colocar a cabeça no lugar e entender o que deveria parecer incompreensível em sua mente. Eu já tinha estado naquele estágio uma vez – a total decepção de pensar que o homem que amava não era nada do que eu esperava. No meu caso, felizmente – ou infelizmente, porque perdi muitos anos –, era uma mentira. Um engano.

Para ela, não. Era a cruel realidade.

— É muito difícil aceitar — falou, finalmente, com a voz embargada. — Tenho dormido com o inimigo há quase um ano.

— Nenhuma de nós está livre disso, Fátima. Há muitas almas ruins neste mundo. Fomos vítimas da mesma — tentei usar meu tom de voz mais suave para que se acalmasse.

Ela balançou a cabeça, muito séria. Compreendendo. Lamentando. Até que olhou nos meus olhos, e eu vi raiva. A mesma que via nos meus quando me olhava no espelho. Agora nós tínhamos ódio pelo mesmo homem. Este era um elo que nos unia.

— Agora eu também quero me vingar dele. Não vou ser a mulher iludida e enganada que aguenta em silêncio. O que podemos fazer?

Respirei fundo, quase me sentindo tonta. Fátima era uma aliada poderosa. Frank não teria nenhuma chance contra nós.

Deus... eu não queria me sentir feliz por isso, mas era inevitável.

— Se continuar com ele pode ser perigoso — Rafael alertou, e eu balancei a cabeça, concordando.

— Não será por muito tempo. Agora estou avisada. Provavelmente não vou ter coragem de deixá-lo chegar muito perto, nem sou tão boa atriz assim para me manter como antes, mas vou me esforçar. — Fátima ergueu a cabeça, parecendo muito determinada. E muito ferida também. — O que podemos fazer? — repetiu. — Vamos! Não temos muito tempo para conversar e planejar. Ele deve

estar chegando.

Olhei para Rafael e o vi se remexendo, daquele jeito assustador novamente, e isso estava me preocupando ao máximo.

— Não sei se é uma boa ideia que fiquemos aqui hoje. Rafael está muito alterado — afirmei.

— Não sou um louco que não consegue se controlar, Nadine — ele falou seco, de uma forma como nunca tinha se dirigido a mim antes. Seus olhos fixaram-se nos meus por alguns instantes, igualmente severos, e eu temi que pudesse estar magoado. Eu não iria suportar passar por tudo aquilo se acabasse provocando alguma animosidade entre nós.

— Não foi isso que eu disse...

Mal consegui terminar de falar quando um maldito assobio atingiu meus tímpanos. Conforme o som ia se aproximando, meu peito também era preenchido. De raiva.

Congelei no mesmo lugar, não apenas porque ver Frank sempre me causava um embrulho no estômago, mas porque a possibilidade de dar de cara com Douglas, depois do que ele tinha me feito, era deveras assustadora.

Só que, para a minha sorte, ele não estava presente. Aldo, sim.

Foi delicioso perceber que sua vontade de assobiar desapareceu no exato momento em que pôs os olhos em mim e em Rafael – de quem, aliás, eu peguei a mão imediatamente. Não que pudesse segurá-lo, é claro, ainda mais no estado em que estava, mas tentei, ao menos, dar-lhe um sinal de que não seria prudente perder a cabeça.

— Boa noite — ele cumprimentou, com a expressão desconfiada. Olhou diretamente para Fátima, que estava praticamente deitada no sofá, onde Rafael a havia colocado. O silêncio sepulcral que se formou com sua chegada também deveria tê-lo alertado de que nada estava muito bem, e ele provavelmente reparou, mas continuou se aproximando. — Mais uma vez... não sabia que teríamos visitas.

Teríamos... Alguém precisaria lembrá-lo de que ele também era uma visita ali. A casa não era dele.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou com aquela cara de pau que sempre lhe foi característica. A mão de Rafael, que já engolia a minha, apertou meus dedos com força em uma demonstração do quanto estava se esforçando para se manter ao meu lado, sem voar em cima do desgraçado diante de nós.

Nenhum de nós tomou a dianteira para responder, porque simplesmente não podíamos dizer que estávamos ali conspirando contra ele. Sabíamos muito bem que ele era um psicopata prestes a dar o bote.

Marcella foi a mais corajosa.

— Rafael e Nadine vieram me chamar para sair, mas não vou poder, já que minha mãe acabou de passar mal.

A expressão de Frank transformou-se em uma fingida careta de preocupação. Alguém deveria dar um Oscar àquele homem.

— Querida, o que sentiu?

— Ela desmaiou — Rafael apressou-se em dizer. — Aliás, Fátima, quer que eu te leve lá para cima? Talvez queira descansar.

— Eu posso fazer isso! — Frank se intrometeu, parecendo quase indignado.

Rafael ia falar alguma coisa, mas Fátima estendeu a mão, esforçando-se para sorrir com aquele rosto pálido.

— Não, querido. Fique com seu amigo. Rafael pode me ajudar.

Ela levantou-se, cambaleando novamente, e Rafael apressou-se em erguê-la no colo, mantendo os modos de cavalheiro mesmo que sua cabeça estivesse explodindo em sentimentos sombrios.

— Não precisa fazer isso... — ela protestou.

— É um prazer, senhora — ele respondeu com um sorriso charmoso, o que a fez simplesmente aceitar sua condição e deixá-lo levá-la.

Se as coisas não estivessem tão tensas no ambiente, todas as mulheres teriam suspirado, certamente. Só que o silêncio tornou-se ainda mais sufocante quando Marcella seguiu Rafael e sua mãe, deixando-me sozinha com Frank e Aldo.

Este, sem perder tempo, veio para cima de mim, agarrando meu braço sem sequer temer que alguém o visse tomando aquela atitude tão pouco sutil.

— O que vocês estão fazendo aqui? Não vão conseguir me foder, tá ouvindo, garota? Não vão conseguir...

Ergui minha cabeça, respirando bem fundo, fechando meu semblante e transformando-me na mulher de gelo que eu deveria ser desde o início.

— Tira a mão de mim — falei em um tom cortante, não dando espaço para que ele sequer duvidasse das minhas intenções.

— Por quê? Vai fazer o quê? Gritar para o seu herói vir te defender? — indagou com sarcasmo, mas sem que ele pudesse perceber, levei a mão ao bolso da minha calça jeans e peguei meu canivete, que sempre levava comigo para onde fosse – especialmente para um lugar onde sabia que iria me encontrar com aquele monstro.

— Não. De forma alguma. Sua garotinha cresceu, *tio*. Sei me defender sozinha.

Dei uma olhada de soslaio para Aldo e percebi que estava de cabeça baixa, fitando o chão. Imaginava o que poderia estar se passando por sua cabeça, afinal, fora ele mesmo que me dera aquele canivete, que chegou a me defender até de

Douglas mais de uma vez.

Mas Frank não me soltou. Pelo contrário. Mesmo com a lâmina afiada apontada para sua barriga, continuou me olhando com uma raiva que poderia ser até venenosa, se eu ainda tivesse medo dele.

Não. Ele não me apavorava mais. Só não poderia dizer o mesmo de seu maldito cúmplice que – graças a Deus – não estava presente.

— Frank... — Aldo tentou chamá-lo, mas ele continuou com as mãos em mim por alguns instantes antes de me soltar.

— Você não teria coragem... — disse a mim, com a voz cheia de desdém.

Abri um sorriso cheio de malícia e uma segurança que me esforçava muito para manter.

— De te matar? Não, claro que não. Não antes de te destruir. Quero que seja julgado aqui e no inferno. — Mantive o sorriso o tempo todo, até ouvir a voz de Rafael, que descia as escadas apressado.

— Sai de perto dela! — vociferou com fúria, e eu temi que acabasse novamente perdendo o prumo.

Ele voou pelos degraus, chegando a pular os últimos, apoiando-se no corrimão de tanta aflição e tomando impulso.

Sua gana por me proteger só me fazia amá-lo mais.

Guardei meu canivete imediatamente, porque não queria ter que explicar o porquê de ser obrigada a ameaçar Frank ou as coisas ficariam piores.

Em uma atuação do herói que ele sempre era, Rafael se aproximou, colocando-se na minha frente como um escudo, como se meu tio pudesse ter a coragem de fazer alguma coisa comigo ali dentro daquela casa.

Bem, talvez ele tivesse.

— Sua princesa já deu seu recado sozinha, *Lancelot* — novamente o desdém. — Acho que ela não precisa mais de você para nada.

— O que ela não precisa é de um louco se aproximando dela. Você já deve saber o que o seu filho adotivo psicopata fez, não sabe?

Pela expressão de Frank, a resposta era não. Ele não sabia de nada. Mas iria saber.

Sem nem esperar que Rafael tomasse alguma atitude, eu ergui minha blusa, mostrando a pequena cicatriz que restara de um dos cortes que Douglas me fizera.

— Eu não sabia. Realmente não sabia.

Não que eu imaginasse que ele poderia sentir alguma compaixão ou arrependimento. Um homem que tinha coragem de matar a própria irmã por dinheiro não poderia nutrir sentimentos por uma sobrinha que nunca se dera ao trabalho de conhecer.

Abaixei a blusa e o observei com atenção, tentando ler suas expressões. Parecia preocupado, tanto que começou a andar para trás, recuando.

— Acho que devo dar uma olhada em Fátima.

Parecendo atordoado – mais do que eu poderia imaginar – ele continuou se afastando até chegar às escadas e subi-las, sem mais nenhuma explicação.

Rafael ameaçou ir atrás dele, mas eu o segurei.

— Acho que está na hora de irmos embora. Vamos esfriar a cabeça, tudo bem?

Ele assentiu, em silêncio, provavelmente me dando razão.

Antes que pudéssemos sair, porém, Aldo voltou-se para nós.

— Aquele cara, Douglas, é muito louco — ele disse, fazendo com que eu e Rafael nos virássemos na direção dele, curiosos. — Ele já machucou você demais.

Apesar de eu não confiar nele, aquele homem fora minha salvação quando não havia mais nenhuma esperança de que algum dia eu pudesse me libertar. Por isso – e só por isso – decidi lhe dar alguma atenção.

— Sim. Machucou — fui falando enquanto me aproximava, esperando conseguir alguma coisa. — Mas ele não foi o único. Frank pode não ter me agredido fisicamente, mas tudo isso é culpa dele. — Baixei o tom de voz para continuar falando: — Aquela receita que me deu... Tem a ver com a morte daquela mulher, não tem? Vera Dias... — blefei.

Ele hesitou. E o fato de ter relutado me proporcionou alguma esperança. Ínfima, talvez, mas foi crescendo conforme se mostrava contrariado. Então, dirigiu-se à mesinha ao lado do sofá, de onde pegou um bloco de anotações e uma caneta, começando a escrever alguma coisa.

Dobrou-o e entregou-o a mim.

— Tome isso e esqueça que eu te ajudei algum dia. Não vou mais fazer isso. Vou acabar muito fodido se Frank descobrir que estou conspirando contra ele. Agora sumam daqui.

Eu queria perguntar mais coisas, especialmente depois de ler o que tinha em mãos – um endereço, que eu não fazia ideia de onde me levaria, caso eu decidisse seguir a pista. Porém, Rafael segurou meu braço, começando a me levar embora. Estava certo. Não seria prudente insistir na ajuda de Aldo.

Seguimos para casa completamente calados. Rafael mantinha o olhar fixo no caminho à nossa frente, com o cenho levemente franzido, como se estivesse tentando colocar seus pensamentos em ordem.

Quando chegamos, apenas esperei que entrássemos e fôssemos recebidos por Merlin, que nos fez festinha como se não nos visse há um ano. Rafael abaixou-se para dar atenção ao cachorro, mas fez isso de forma muito

superficial, começando a tirar o casaco de couro e jogando-o sobre uma poltrona, seguindo direto ao quarto. Fui atrás dele.

— Você não vai falar nada? — indaguei com cuidado, enquanto subíamos as escadas, com Merlin em nossos calcanhares. Por mais que quisesse saber o que estava acontecendo, também queria lhe dar espaço.

Ele simplesmente parou de andar, abaixando a cabeça, ficando de costas para mim, já dentro do quarto.

— Dine, só me deixa um pouco. Não quero conversar agora.

Tirou a camisa, pegando uma mais leve na gaveta. Em seguida, trocou a calça por uma de tãtel. Eu já sabia o que iria fazer. Descontar as frustrações.

— É por causa do bebê? — perguntei, enquanto ele ainda estava no quarto, guardando a roupa. Era muito organizado, nunca deixava nada espalhado.

Continuou em silêncio. Sêrio, muito sêrio.

Virou-se para mim, com as mãos na cintura. Ainda magoado.

— Isso, sem dúvidas, contribui, mas não é o único problema. Eu não posso sequer revidar pelo que fizeram com você. Com a gente. Com meu filho! — ele exclamou a última frase com indignação, apontando para o próprio peito. — Você tem o direito à sua vingança, mas eu não tenho o direito de precisar de um tempo para mim, para aceitar que estive frente a frente com o responsável por tantas desgraças nas nossas vidas sem poder fazer nada.

— De que iria adiantar socá-lo, Rafael? Não iria trazer nosso bebê de volta. Não iria nos fazer voltar no tempo.

— E a sua vingança vai? — cuspiu as palavras, impaciente.

— Não, mas um olho roxo e umas costelas quebradas são temporários. Ele iria para o hospital, se curaria e voltaria para fazer mais maldades. Isso, sem contar que poderia te denunciar e te mandar para a cadeia.

Rafael ficou calado, parecendo me dar razão, mas, naquele momento, ele não iria admitir.

— Quer saber de uma coisa? — falei, afastando-me ainda mais e também começando a me despir para tomar um banho. Merlin começou a chorar aos meus pés, e eu o coloquei sobre a cama. — Acho melhor mesmo que vá descontar essa sua raiva em outra coisa que não em mim. Vá dar os seus socos, agir como homem das cavernas que resolve tudo com os punhos e vamos conversar quando estiver com a cabeça fria.

Sem nenhum pudor, tirei também o sutiã e vi os olhos de Rafael recaírem sobre o meu corpo com lascívia.

Bom. A minha intenção de provocá-lo tinha dado certo.

Entrei rápido na suíte, e ele veio atrás.

— Dine... — falou em um sussurro, tentando dar um passo à frente para

entrar no banheiro, enquanto eu me enrolava em uma toalha, depois de já ter tirado o jeans também.

— Vai logo, Rafael. Não vamos fazer bem um para o outro agora. Daqui a algumas horas você volta. Ou melhor... se quiser que eu vá embora... — Era bem escroto da minha parte fazer isso, porque, obviamente, ele não queria que eu fosse, mas usei um pouco de drama como chantagem.

— É claro que não... Eu...

— Então vá fazer o que tem que fazer — interrompi-o. — Depois nos falamos.

Olhei para ele só mais uma vez, vendo-o abaixar a cabeça, parecendo muito arrependido, mas fechei a porta da suíte praticamente na sua cara.

No final das contas, quem ficou irritada fui eu.

Mas isso só durou até ele passar umas boas duas horas na salinha de musculação, dando seus socos. Ouvi a porta sendo aberta e seus passos até a cama. O cheiro de sabonete e xampu inundou meus sentidos quando ele se deitou ao meu lado, puxando-me e aninhando-me em conchinha.

— Me desculpa — sussurrou no meu ouvido, fazendo-me estremecer. — Eu te amo. Não queria te magoar...

Preferi não dizer nada. Apenas virei-me em seus braços e o beijei. Esperava que isso fosse resposta suficiente.



Capítulo 25

Rafael

MAL PREGUEI O OLHO A NOITE INTEIRA, mas fiquei feliz em ver que Nadine conseguiu dormir. Sem pesadelos, sem parecer inquieta. Aproveitei para passar algum tempo olhando para ela e me sentindo o maior babaca do universo.

Era redundante e repetitivo, mas ela havia passado por tanta coisa. Fora machucada de tantas formas, privada de sua liberdade por tanto tempo... Como era possível que se mantivesse lúcida, na medida do possível, e que ainda tivesse coragem de se abrir para o amor, como estava fazendo comigo e com as novas pessoas que vinha aceitando em sua vida?

Isso me deslumbrava tanto quanto o fato de ela ser tão linda. Ou a certeza do quanto eu a amava; o quanto era apaixonado há tanto tempo.

Nadine remexeu-se na cama, totalmente inconsciente de que era observada. Algumas horas antes eu havia agido como um idiota. Ela não tinha culpa do que acontecera, era a vítima na história. Não merecia nada além de compreensão, gentileza e amor.

Tinha acabado de ler o livro dela durante aquela madrugada, pouco antes de começar a velar seu sono, e nenhum outro sentimento além de um imenso orgulho me preencheu. Não apenas pela forma como sobrevivera a tudo – e eu imaginava que deveria haver muito mais –, mas pela excelente escritora que se tornara. A parte fictícia do livro era coerente, bem escrita, poética e dava uma sensação de esperança. Um trabalho bem feito, como eu já esperava que fosse, já que ela sempre foi muito perfeccionista.

Durante a madrugada também, busquei algumas coisas sobre seu pseudônimo na internet, e percebi que fazia um bom sucesso na Inglaterra e em alguns países da Europa para os quais seu trabalho fora vendido. Nada fora publicado no Brasil, e eu não duvidava de que tivesse sido uma escolha sua. Três

livros publicados, todos best sellers, e um quarto parecia estar a caminho, a julgar por sua rotina de escrita.

Novamente, eu não poderia estar mais orgulhoso.

Haviam tirado tudo dela. Mas ela sobrevivera, lutara e prosperara.

E que sorte eu tinha que, mesmo com tudo isso, minha borboleta voara, mas acabara voltando para mim.

Acabara de amanhecer, e a luz foi começando, aos poucos, a penetrar as frestas da cortina. Como se quisesse dar boas-vindas ao sol, Nadine finalmente abriu os olhos, deparando-se comigo ainda olhando-a, e eu esperava que percebesse o quão arrependido eu estava pelo que fiz e falei na noite anterior.

Seus olhos sonolentos olharam para mim, contaminando a escuridão dos meus pensamentos com sua luz. Perdeu algum tempo assim, como se não entendesse o que eu estava fazendo. Mas ela sorriu. E foi como se tudo ao redor se tornasse um borrão; como se toda a realidade e todos os sonhos pertencessem à garota que havia roubado meu coração anos atrás, sem nunca devolvê-lo.

— Bom dia — ela falou com a voz rouca de quem tinha acabado de acordar, e eu só consegui responder inclinando-me em sua direção e beijando-a.

Girando meu corpo, coloquei-me sobre ela, aprofundando o contato e arrancando-lhe um suspiro que era um misto de surpresa e — eu esperava — satisfação.

Beijei-a devagar, como se os ponteiros do relógio pudessem parar só para nós. Deixei seus lábios apenas quando já me sentia completamente sem ar, mas continuei na mesma posição, com a testa unida à dela, olhos fechados, nossas respirações se confundindo em um emaranhado cheio de entrelinhas.

— O que foi? — perguntou com o tom mais adorável; doce, preguiçoso e sussurrado. Uma perdição, me fazendo pensar nas coisas mais obscenas possíveis.

Mas eu também tinha outras coisas em mente.

— Terminei de ler seu livro esta madrugada — anunciei, usando os nós dos dedos para acariciar seu rosto.

— Você passou a noite inteira lendo?

— Praticamente. — Sorri, quase envergonhado.

— O que achou? — Ela encolheu os ombros, parecendo compartilhar do mesmo tipo de sentimento. Também parecia constrangida.

— Incrível. Mas nunca duvidei disso — afirmei, e senti que ela ficou satisfeita com minha resposta. Só que eu tinha mais coisas a dizer: — Tivemos um final feliz nele. Será que teremos a chance de vivermos um na vida real também?

Nadine ficou séria de repente, e eu me preocupei, mas seus olhos se encheram de ternura, e uma de suas mãos foi parar em meu rosto, acariciando-

me por sobre os pelos da barba, obrigando-me a fechar os olhos bem apertados, porque cada demonstração de carinho me desmontava por completo.

— O destino foi cruel com a gente até aqui, Fael, mas ele nos juntou mais uma vez. Isso deve querer dizer alguma coisa.

Fiquei calado, segurando as palavras que eu queria dizer, mas não sabia se era o momento; se era prudente. Só que... nada em relação a nós dois me levava a agir com a razão. Eu era puro coração quando tinha a ver com Nadine.

— Casa comigo... — falei baixinho, e ela sobressaltou-se. E não era para menos. Foi uma atitude completamente súbita e impensada. Mas certa. Não havia uma única dúvida de que era o que eu queria desesperadamente.

— Rafael... o que você...? — ela mal conseguiu terminar a pergunta, porque estava atordoada demais para isso.

Peguei sua mão e levei-a até meus lábios, beijando-a.

— Quando tudo isso acabar... casa comigo. — Ela continuou em silêncio, com os olhos arregalados e os lábios extremamente beijáveis entreabertos. — Vamos garantir que o destino não possa mais nos separar...

— Um papel e uma aliança não prendem ninguém a ninguém.

— Se um dia eu tiver a sorte de você me dizer um sim, vou me empenhar para garantir o nosso para sempre. — Fiz uma pausa, beijando sua mão novamente. — Só quero te fazer feliz, Borboleta. Se eu for capaz disso; de te compensar pelos anos ruins, já vou me sentir completo.

Ainda sem me responder, Nadine remexeu-se, sentando-se na cama, agarrando a gola da minha blusa, enquanto eu também me sentava, com a coluna reta. Olhando fixamente nos meus olhos, sentou-se no meu colo, com uma perna de cada lado do meu quadril, fazendo nossos lábios colidirem.

Reagi ao beijo com rapidez, levando ambas as mãos, espalmadas, às suas costas, deslizando uma delas até sua nuca, embolando seus cabelos em meus dedos.

Ela soltava leves gemidos contra a minha boca, e isso só me levava a aumentar a intensidade do beijo. Só me levava a desejar muito mais.

Nadine foi a primeira a se afastar, mas o sorriso em seu rosto era um dos mais radiantes que já tinha visto em seu rosto.

— Você é doce demais para o seu próprio bem, Lancelot. Ontem, Marcella e Fátima só faltaram suspirar por seus atos de cavalheirismo... — Ergui uma sobrancelha, surpreso. — Não se faça de desentendido. E o problema é que, além de ser doce e cavalheiro, ainda é um deleite para os olhos... — Ela foi deslizando as mãos por meus braços e meu peito. Se queria me deixar em chamas, aquele era o caminho. — E também não é nada mal de se tocar, é claro. Que mulher, em sã consciência, diria não a você?

Olhei-a bem nos olhos, esperando estar entendendo suas indiretas.

— Isso é uma resposta?

— Não. Um *sim* é uma resposta. Eu quero me casar com você quando tudo terminar, embora já seja sua há muito tempo.

Um *sim* era tudo de que eu precisava. Então, agora só nos restava torcer para que o tempo passasse bem rápido para que pudéssemos iniciar nossa vida juntos. Uma de verdade. Sem portas fechadas, sem ameaças, chantagens e mágoas.

Uma vida onde um dos meus objetivos seria fazê-la sorrir mais vezes e transformar as manhãs em horas de beijos lentos e promessas de esperança.



Nadine

COLOCAMOS MERLIN NO CARRO, e Rafael levou-nos em um passeio sem me dizer exatamente para onde iríamos. Mas não me importava. Estávamos juntos, um céu azul se apresentava sobre nossas cabeças e a cada dia que passava eu começava a sentir meu coração se curar, os pedaços serem reconstituídos e as coisas entrando nos eixos.

Ele ria ao meu lado, mais lindo do que seria prudente. Óculos escuros, pullôver vermelha, cabelos espetados, as mangas arregaçadas até os cotovelos, mostrando a tatuagem tribal extremamente sexy – embora não tanto quanto a monstruosa das costas. Dirigia despreocupado, usando a mão aberta para girar o volante em uma curva. Conversávamos sobre as travessuras do nosso filhote, enquanto o referido meliante se fazia de sonso no meu colo, mordendo meu dedo indicador sem me machucar, como se fosse o passatempo mais divertido do mundo.

Rafael precisou buzinar em um dado momento, fazendo o cachorrinho literalmente pular no meu colo, levando meu motorista a uma gargalhada sensacional, como só ele sabia dar. Era contagiante, e eu ficava feliz por vê-lo assim. Por me *sentir* assim.

— Para onde estamos indo? — perguntei curiosa, e ele sorriu de canto, misterioso, sem tirar os olhos do caminho.

— Pensei em te dar um dia decente. Acho que estamos merecendo um. Mas você vai precisar ser boazinha e me acompanhar em um dever também. E à noite eu tenho uma luta. Será a última, então, se você quiser ir... Não vai ter despedida nem nada glamoroso, mas vou fechar um ciclo.

— Última? Por quê?

Antes de responder, ele respirou bem fundo.

— Continuei lutando, porque era uma forma de me sentir vivo. Menos vazio. — Pegou minha mão, levando-a aos lábios e beijando-a, enquanto ainda prestava atenção na direção. — Estou completo agora.

O que eu poderia dizer? Como sempre, as palavras certas me faltavam. E continuaram faltando durante o dia, porque ele realmente se empenhou.

Passamos em um mercado no caminho, e Rafael fez algumas compras, enquanto fiquei no carro com o cachorrinho. Percebi que comprou coisas de mais, guardando o excesso na mala e deixando algumas sacolas no banco de trás do carro.

Partimos para o Bosque da Barra, um lugar arborizado, com crianças brincando ao nosso redor, e onde pudemos passear com Merlin – na coleira, obviamente, porque era desesperado demais para ficar solto. Caminhamos de mãos dadas, como se tudo ao nosso redor fosse simples e descomplicado. A temperatura estava mais para fria, apesar do céu azul, e tudo foi perfeito.

Depois de comermos, eu e Merlin nos aninhamos em seus braços, enquanto eu lhe contava a história do meu novo livro. Conforme ouvia, ele acariciava a cabecinha do cachorro, que chegou a dormir, sentindo-se amado e protegido.

Eu entendia Merlin perfeitamente, porque estas eram as sensações que me abraçavam sempre que Rafael estava por perto. Exatamente por isso, eu não poderia jamais negar seu pedido naquela manhã, por mais que tivesse sido feito visivelmente em um impulso. Apesar disso, ele não era o tipo de homem que tomava decisões sem ter certeza do que queria. Quando tudo se resolvesse, nós seríamos felizes. Esta era a certeza que eu alimentava dia após dia.

Pouco mais de duas da tarde, Rafael disse que tínhamos outra coisa para fazer. Ainda sob o ar de mistério, recolhemos nosso lixo, levando-o até a lixeira, e o resto da comida, que levamos para o carro. Entramos, e ele seguiu para o Centro da Cidade – bem longe de onde estávamos.

Chegamos a uma área humilde da cidade, e Rafael parou em uma rua tomada por mendigos.

— Você fica aqui dentro, tudo bem? — pediu com um tom de voz gentil, e eu o observei saltar do carro, abrindo a mala, começando a tirar as bolsas, entregando uma para cada pessoa. Conforme foram sendo abertas, vi que havia alimentos que não precisavam ser cozinhados: biscoitos, pães, salgados prontos, bebidas.

As pessoas pareciam já conhecê-lo, e ele tratava a todos com sorrisos, fazendo meu coração afundar no peito de tanto amor. Duas garotinhas pequenas, gêmeas, de no máximo cinco anos, vieram correndo abraçá-lo, e ele se abaixou para recebê-las, sem se importar com o fato de que estavam sujinhas. Pegou as

duas no colo, uma em cada braço, enquanto elas o olhavam como se ele fosse o herói de suas vidas.

Sim, eu também as entendia.

Vendo-o daquele jeito, não pude me conter. Segurei a coleira de Merlin e saltei do carro, recebendo um olhar reprovador do lindo protagonista daquela cena. Ainda assim, ele o fez com um sorriso no rosto. Tinha tirado os óculos para falar com as pessoas, e seus maravilhosos olhos azuis brilhavam de contentamento.

Com cuidado, pousou as crianças no chão, e eu também me abaixei para falar com elas, deixando-as brincarem com o cachorro, que partiu para cima das duas, doido para brincar.

— Ei, meninas... — Rafael chamou-as. — Lembram que eu contei para vocês que conhecia uma princesa de verdade?

As duas arregalaram os olhinhos, e eu não pude deixar de sorrir.

— Você é, tia? — uma delas perguntou.

— Sou, claro — respondi brincando. — Mas aposto que o tio Rafael não contou para vocês outra coisa. — Aproximei-me, falando baixinho como se fosse um segredo. — Ele é um super-herói de verdade.

As carinhas de surpresa me deixaram apaixonada.

Apesar de eu ter falado baixo, Rafael me ouviu e nós trocamos olhares cúmplices.

As meninas ainda brincaram um pouco mais com Merlin, e Rafael terminou sua tarefa com minha ajuda, depois que eu deixei nosso filhote dentro do carro.

Quando partimos, ele foi o primeiro a dizer alguma coisa.

— Eu sou o cachorrinho que caiu da mudança obediente, mas você é a rebelde que não acata um único pedido, né? — fingiu um sermão, mas, pelo seu sorriso, não estava tão contrariado assim.

— Como você queria que eu ficasse parada vendo aquela cena? Queria participar também.

O sorriso dele se ampliou.

— É uma área perigosa.

— Mais um motivo para eu ficar perto do meu herói.

Rafael olhou para mim de soslaio, sem dizer nada, embora seu semblante fosse informação suficiente para a forma como eu sabia que ele se sentia.

Seguimos para casa pelo caminho mais longo, passando pela orla, e eu entendia muito bem a escolha de Rafael. Ele sabia o quanto aqueles momentos de liberdade eram importantes para mim. Ainda era difícil de acreditar, mesmo depois de tantos anos fora do porão, que eu tinha minha vida em minhas próprias mãos. Passei muitos anos enfiada em casa, mesmo depois de conseguir a

liberdade, com medo de sair, depois de um trauma incapacitante, mas aos poucos ia abraçando minha nova realidade.

Acabamos demorando um pouco mais e, quando chegamos, já estava quase na hora de Rafael partir para sua luta. Decidi ficar em casa, e ele quase respirou aliviado, porque realmente não gostava do ambiente e ficava tenso por conta da minha presença, por mais que da outra vez não tivesse acontecido nada de mais.

Aproveitei para tomar um banho demorado, enquanto decidia esperar por ele no escritório, colocando o trabalho em dia. Deixei Merlin dormindo na minha cama, vesti uma das camisas de botão de Rafael – sem nenhum motivo aparente, já que tinha roupas suficientes minhas em sua casa, mas quis sentir sua presença de alguma forma, embora soubesse que não demoraria a voltar – e me servi de uma taça de vinho.

Sentei-me à mesinha e liguei o notebook, acomodando-me na confortável poltrona, de forma bem relaxada, em posição de ioga, abrindo o Word e imergindo no universo do meu novo livro. Era um drama mais uma vez, porém, algo que fugia bastante da minha realidade.

Deixei meus dedos trabalharem, com um fone nos ouvidos, ouvindo uma música bem tranquila. Passei umas duas horas assim, apenas dedicada ao livro, concentrada, mas acho que meu coração sentiu a presença dele antes de qualquer coisa.

Já sabia que ele não iria demorar, porque suas lutas eram sempre muito rápidas. Supus que iria chegar e falar comigo, me beijando ou algo assim, mas, de soslaio, percebi que estava me observando.

Se ele queria jogar... Não seria eu a desencorajá-lo.

Fingindo que não percebi sua chegada, tirei a música que ouvia só para escutar seus movimentos. Segurei todo o cabelo em uma única mecha, jogando-o para um único lado, deixando meu pescoço livre, em evidência, massageando-o eu mesma, de forma completamente inocente.

Ou quase.

No silêncio do quarto, a respiração profunda de Rafael chegou à minha audição, indicando que eu estava seguindo no caminho certo. Peguei a taça, dando um gole, mudando de posição na poltrona, deixando um pé apoiado nela, com o joelho flexionado, enquanto o outro, descalço, pendia do assento, tocando o chão.

Pousei o vinho novamente sobre a mesa.

Ouvi um passo.

Dois. Lentos. Até que uma de suas mãos afastou um dos fios remanescentes de cabelo que não consegui reunir, deixando meu pescoço completamente livre, onde ele depositou um beijo cálido.

Foi só preciso isso para que eu estremecesse.

Tentei me virar em sua direção, mas ele colou a boca no meu ouvido e disse, de forma sussurrada:

— Continua trabalhando.

— Acho um pouco impossível — respondi com um sorriso.

— Seja uma boa menina. Vamos ver quanto tempo você aguenta.

Com isso, colocou os dois braços ao redor do meu corpo, começando a abrir os botões da camisa que eu usava, deixando bastante espaço para que eu esticasse as mãos em direção ao teclado e continuasse a escrever.

— Rafael... — suspirei seu nome, completamente fora de concentração, só porque ele usou a língua para lamber um ponto sensível atrás da minha orelha, enquanto uma de suas mãos invadia o espaço dos botões que ele já havia aberto. Só de sentir sua palma áspera, roçando um dos meus mamilos, tive plena noção de que ele sairia vitorioso naquela brincadeira.

Ele não parecia ter pressa. Nem piedade.

— Você não tem noção do quanto mexe comigo chegar em casa e te ver aqui, trabalhando, concentrada e sexy, usando uma camisa minha — novamente sussurrou com a voz rouca de desejo e aquele tom aveludado, profundo e bonito, que me era tão familiar. — Continue, não pare. Vamos jogar...

— Não é uma brincadeira muito justa — afirmei, arfante, e a risadinha que ele deu, sacana, me fez perguntar a mim mesma o que acontecia com o homem tão doce que Rafael costumava ser quando começávamos a nos perder em momentos como aquele.

Eu poderia ter continuado a falar, mas a única coisa que saiu da minha boca foi um gemido alto e choroso, quando ele tomou meus dois mamilos entre os dedos, apertando-os, enquanto continuava a espalhar beijos pelo meu pescoço, fazendo-me sentir sua respiração quente no meu ouvido e a textura da sua barba roçando minha pele.

— Continue a escrever, Nadine — repetiu, em um tom de ordem que me deixava ainda mais excitada, se é que era possível.

Com muito custo, levei as mãos trêmulas ao teclado, sentindo que não tinha forças nem para apertar uma única tecla. Mas encarei o desafio, tentando desligar minha mente das misérias que ele estava fazendo e ainda pretendia fazer com meu corpo, focando na história.

Mas que história? Do que eu estava falando antes de ele chegar? Era uma cena em um parque... Um diálogo romântico entre o casal... Eles falavam sobre o quê mesmo?

Sentindo minha hesitação, ele livrou um dos meus seios, permitindo que eu tentasse me concentrar um pouco mais. Consegui escrever duas ou três palavras

até que sua mão começasse a descer pela minha barriga e chegando à minha calcinha, que ele invadiu também, tocando meu clitóris já inchado.

Meu Deus! Eu nunca conseguiria me manter sã com suas mãos me acariciando daquele jeito. Muito menos quando seu dedo me penetrou fundo, enquanto eu sentia seu corpo pesado se inclinando para frente, na poltrona, para poder me masturbar com mais facilidade.

— Você está jogando sujo — falei quase sem ar, e por um tempo quase jurei que ele não seria capaz de compreender o que eu dizia. Em resposta, investi usando dois dedos, com força, chegando exatamente no ponto que me deixava completamente fora de órbita.

— Eu nunca disse que ia jogar limpo — provocou.

Tentei mais uma vez voltar ao trabalho, mas minha mente já estava completamente embaralhada, tomada de pensamentos pecaminosos a respeito do homem que me seduzia como se compusesse uma melodia cadenciada; uma sinfonia, um minueto. Que me tocava como se sua vida dependesse apenas do meu prazer.

Ele continuou investindo, com ainda mais ímpeto, até que eu não pude mais fingir nem tentar. Choraminguei, apoiando a cabeça no encosto alto da poltrona. Ajeitei o corpo para que ele tivesse mais acesso, entregando-me por completo.

— Você se rende?

— Sim — respondi sem forças.

— É minha agora?

— Sempre.

Rafael continuou com sua tortura, e eu não demorei a chegar ao clímax naquele ritmo, daquele jeito. Tentei sair da poltrona, virar-me para ele, qualquer coisa, mas Rafael enlaçou meu corpo com um de seus braços, prendendo-me ao encosto novamente, deixando-me imobilizada. A outra mão deu continuidade ao que fazia antes, ainda me penetrando. Não parecia inclinado a parar.

— Rafael, o que...

— Não — cortou-me com veemência. — Você não vai sair daqui até gozar de novo — ele não falou, mas vociferou, de um jeito que já me faria chegar ao orgasmo com muito pouco esforço.

— Mas... — foi o que tentei dizer, porém, não consegui prosseguir.

— Não estou com nenhuma pressa.

E parecia não estar mesmo. Tanto que quando comecei novamente a corresponder a suas investidas com choramingos e gemidos, Rafael virou bruscamente a poltrona para si, embora ela não tivesse rodinhas, e o fez com tanta vontade que cheguei a estremecer. Do jeito que estava, não duvidava que acabasse quebrando o móvel com a urgência de seu desejo naquela noite.

Mas ele não me deu tempo nem para contestar, porque ajoelhou-se na minha frente, tomando um dos meus seios na boca. Os dedos de uma das mãos começaram novamente a me penetrar, enquanto o outro mamilo também era estimulado com seus toques.

Quando novamente gozei – exatamente como prometeu que aconteceria –, tornei-me nada mais do que um corpo lânguido e sem movimentos próprios. Tanto que ele precisou literalmente me tirar da poltrona, levando-me à cama extra que havia no sótão. Colocou-me deitada nela, ainda me recuperando, enquanto tirava sua própria roupa. Fiz questão de assistir, porque não queria perder o espetáculo.

Depois de colocar uma camisinha, deitou-se sobre mim, enlaçando-me pelas costas, com um braço, para me puxar mais para cima da cama sem nenhum esforço e novamente de um jeito tão intenso que me fez arfar.

— Lembra na nossa primeira vez, depois do reencontro, que você me disse que não queria romance? — Assenti. Antes de continuar a responder, ele se inclinou, voltando a beijar meu pescoço, descendo até o colo, começando a me deixar novamente pronta. — Porra, Borboleta, desde aquele dia eu venho jurando que preciso te dar uma noite de romance, fazer amor com você de forma bem gentil, mas... — E ele me penetrou com vontade, provando seu ponto. Foi duro, severo e me fez gritar de prazer, sem me importar com nada ao redor. — Mas eu não consigo ter controle quando tem a ver com você. Não consigo não querer te pegar com força, porque é assim que eu te desejo, Nadine... Todos os dias. Toda hora.

Conforme ia falando, ele continuava investindo. Senti meu corpo entrando em colisão com o dele, enquanto eu me desfazia em pedaços, não apenas pelo que estávamos fazendo e pelo fato de ele sempre me deixar em chamas. Mas porque o amava. Porque o que tínhamos era único. Não eram só nossos corpos que se ajustavam um ao outro com perfeição, mas também nossos corações.

Depois de nos estilhaçarmos por inteiro, permanecemos ali no sótão, agarrados sobre a cama, nus e com as respirações ofegantes. Ouvimos sons de patinhas pelo piso e Merlin se deitando no chão, perto de nós, o que me fez sorrir.

— Estava estranhando ele não ter vindo para te dar boas-vindas — comentei, começando a me recuperar.

— Eu cheguei em casa com uma missão, Borboleta. Falei com ele primeiro e o deixei muito entretido com uma garrafa pet. Não entendo por que eles gostam tanto dessas coisas...

A gargalhada explodiu de dentro do meu peito.

— Você subornou nosso cachorro para fazer sexo comigo?

— Colocando assim, parece ruim, mas, no fundo, eu dei um presente para ele, porque também queria um presente para mim. — Beijou-me docemente, bem diferente dos beijos que me dera minutos atrás, desesperados e intensos. — Aliás... posso dizer que sou muito bobo por adorar ouvir você chamar esta casa de sua e Merlin de *nosso* cachorro?

— Bobo, não. Fofo, sim. Fofo como o cachorro que caiu da mudança.

Depois que eu disse isso, Rafael veio se avolumando para cima de mim, prendendo meus punhos contra o colchão.

— Acho que vou ter que ser menos fofo com você mais vezes.

E eu fui beijada mais uma vez, novamente sem a delicadeza de antes, pelo meu homem de mil facetas.

Porém, infelizmente, fomos interrompidos pelo toque do telefone. Rafael parou de me beijar imediatamente e nós dois nos olhamos preocupados. Não era exatamente tarde, mas já passava das dez, e eu tive medo que pudesse ser algo com Fátima.

Ele apressou-se em levantar-se e pegar meu celular que estava sobre a mesinha, ao lado do meu notebook, levando-o para mim, enquanto eu me colocava sentada na cama, fechando a blusa que ainda estava no meu corpo, embora aberta.

O número era desconhecido, e eu hesitei.

— Quer que eu atenda? — Rafael ofereceu, e eu só balancei a cabeça, negando.

Tomei coragem e não reconheci de imediato a voz que me saudou do outro lado da linha, mas a pessoa fez questão de se revelar.

— Nadine? É Aldo.

Fiquei em silêncio por alguns instantes, enquanto um calafrio percorria minha espinha.

— O que houve?

Senti os olhos de Rafael pesando sobre mim, conforme ele se vestia, colocando apenas a calça jeans, ficando sem camisa e sentando-se na cama, de frente para mim. Seus olhos encontraram os meus, preocupados.

— O endereço que te dei? Se eu fosse você, viria até aqui agora. Estou praticamente sozinho, posso dar um jeito de te mostrar uma coisa que vai te ajudar. Mas se vier, venha logo. De preferência sozinha, para não chamar muita atenção.

Ouvi um total silêncio do outro lado, mas não consegui acreditar que poderia ter desligado.

— Aldo? Aldo? — chamei, mas não obtive resposta.

Tirei o telefone do ouvido e percebi que realmente tinha desligado.

— O que aconteceu, Nadine? O que Aldo queria a uma hora dessas? — Rafael perguntou, mas não lhe respondi de imediato, apenas me levantei da cama, ainda um pouco atordoada, saindo do sótão e indo em direção ao quarto que dividíamos.

Ainda calada, porque simplesmente não sabia como explicar a ele o que pretendia fazer, comecei a vestir uma calça jeans, mas só tive tempo de fechar os botões e o zíper, porque Rafael agarrou meu braço, virando-me para ele.

— Aonde você vai? O que está acontecendo? — indagou aflito, soltando-me imediatamente.

Eu não queria responder. Sabia que ele iria surtar se soubesse o que pretendia fazer, mas, ainda assim, não poderia sair da casa dele, no meio da noite, sem explicações. Não porque me sentisse acuada, mas porque o deixaria preocupado.

— Aldo quer que eu vá ao endereço que me passou ontem — anunciei, enquanto tirava a blusa dele e colocava outra.

— E você vai?

— Claro que vou. Preciso descobrir alguma coisa. E ele pediu que eu vá sozinha — novamente afirmei, saindo do quarto, passando por ele, mas fui puxada de volta mais uma vez.

— Você ficou maluca? Não posso deixar que saia sozinha para se encontrar com um cúmplice do seu tio. Ainda mais que Frank sabe que estamos arquitetando alguma coisa. Onde diabos está com a cabeça, Nadine? — vociferou, muito sério. Muito indignado.

— Eu preciso ir. Não posso ficar na dúvida. Isso deve ter alguma coisa a ver com a menina desaparecida. Tenho que ajudá-la, Fael... por favor... — supliquei, preparando-me para me afastar, mas ele passou um braço ao redor da minha cintura, com força. — Você não pode me segurar aqui! Vai me prender em casa também? — gritei com ele, tentando me desvencilhar.

— Se for preciso, sim. Não é possível que você não enxergue!

— E não é possível que você não entenda!

— Eu entendo, Nadine! Também fiquei trancado naquela merda de porão com você. Também quero salvar essa garota. — Rafael não terminou sua frase, mas fixou os olhos nos meus, provavelmente enxergando o desespero que havia neles, pois suspirou e prosseguiu: — Você não vai lá sozinha. Se quiser ir, vai ter que me deixar te levar. Ao menos isso.

Eu poderia concordar.

Assenti, então, e ele pegou uma blusa na gaveta, vestindo-a. Agarrou o casaco de couro que estava sobre a poltrona de seu quarto, colocando-o também, pegando as chaves e tomando a dianteira. Estava bastante contrariado, mas não

importava. Era o certo a fazer.

Seguindo-o, saímos da casa, enquanto eu sentia meu coração palpitar de ansiedade e medo pelo que iria encontrar.



Capítulo 26

Rafael

UM MANTRA ASSUSTADOR ERA REPETIDO dentro da minha cabeça de que aquilo não podia dar certo. Minha consciência vinha me avisando que eu deveria simplesmente dar meia volta e levar Nadine para casa na marra. Só que a cada quilômetro avançado, essa possibilidade ia se tornando mais remota.

Por tudo o que ela havia passado, eu não tinha o direito de lhe dizer o que fazer ou de bancar o louco controlador. Mas também jurei protegê-la, então, simplesmente não sabia o que esperar. Aquele tal de Aldo não me cheirava nada bem.

Minhas mãos apertavam o volante com força, e eu sabia que Nadine também estava assustada, preocupada. A forma como roia as unhas era um indicativo disso. Porra, eu faria o que fosse preciso para mantê-la segura, mas, ao contrário do que vivia dizendo, não era um super-herói. Sangrava como qualquer outro, tinha minhas fraquezas, e uma delas, inclusive, estava sentada no banco ao lado do meu. Nadine me deixava completamente rendido. Se algo lhe acontecesse, eu perderia a cabeça por completo.

Seguimos o caminho inteiro completamente calados, e, quando chegamos, deparei-me com uma área mais remota da cidade, exatamente como era a antiga casa de Frank, onde vivi, só que em outro bairro adjacente. Saltamos os dois, e só essa semelhança já me causou arrepios, então, podia imaginar o que estava fazendo com a cabeça de Nadine.

Quando me virei para Nadine, para falar com ela, eu a vi paralisada.

— O que aconteceu? — Ela não respondeu nada; apenas continuou olhando para a propriedade com olhos fixos, muito calada. Muito assustada. Muito vulnerável. — Nadine? — chamei-a com mais veemência.

— Esta foi a casa onde fiquei depois que você foi embora — ela falou com

uma voz quase inaudível, demonstrando o quanto ainda doía.

Olhei ao redor, para a propriedade, e depois para ela novamente.

— Tem certeza?

Ela assentiu.

— Só vi essa fachada uma única vez, quando fui levada às pressas ao hospital, perdendo nosso bebê. — Ouvi-la falar sobre isso ainda me feria profundamente, e eu imaginava que as lembranças que eram evocadas em sua mente deveriam ser ainda mais dolorosas. — Estava um pouco zozza pela dor, mas não me esqueceria nunca.

Eu a ouvi com atenção, compreendendo o que queria dizer. Por nossas conversas, Nadine fora levada para aquela casa inconsciente, depois que eu saí da outra; e fora tirada dentro de uma caixa, por isso, temia que estivesse confusa. Só que seus olhos diziam o contrário.

— Ela está aqui, Fael. A garota... filha de Vera. Angelina.

— Dine, não sei se é uma boa ideia que entre nesta casa. Você...

Só que ela mal me deu ouvidos. Saiu tomando a dianteira e só me restou segui-la. Pegando o telefone na mão, ligou para Aldo enquanto caminhávamos. Parei o carro a alguns metros da casa, mas não tão longe, caso precisássemos fugir, então, ela teve tempo de completar a ligação. Se eu bem a conhecia, estava tentando desesperadamente parecer calma.

— Aldo? Nós chegamos. — Pausa. — Sim, eu vim com Rafael. Não, não vou deixá-lo do lado de fora. Não é que eu não confie em você, mas se Frank chegar subitamente, quero tê-lo por perto. — Outra pausa. — Tudo bem.

Nadine fez um sinal para mim, e eu me coloquei ao lado dela, indo em direção à casa.

Aldo abriu a porta para nós, com uma expressão de poucos amigos. Ele certamente queria Nadine sozinha ali para chantageá-la. Pela forma como a olhava, tinha péssimas intenções. Ainda assim, eu esperava que realmente estivesse disposto a nos ajudar.

— Entrem logo. Hoje foi um dia de evento no clube de Frank, então, a maioria dos seguranças foi para lá. Estamos só eu e Vieira, que também já está de saco cheio dessa merda.

Passamos por um homem no melhor estilo dos capangas que Frank sempre contratou, e ele apenas fez vista grossa.

Conforme avançávamos pela casa, Nadine agarrou minha mão. Virei meus olhos na direção dela, porque imaginava que estava sendo atacada por lembranças perturbadoras.

— Tudo bem? — perguntei em um tom de sussurro, enquanto Aldo seguia na nossa frente.

Ela apenas assentiu, calada, o que muito me preocupou.

Seguimos por um corredor de portas fechadas e chegamos a mais uma, que foi aberta a chave. Aldo acionou um interruptor e descemos uma escada. Amparei Nadine por todo o caminho, mesmo que ela não tivesse pedido por isso, porque sentia que a cada passo que dávamos ela ficava mais e mais tensa, apertando os dedos da minha mão com força.

Quando outra porta se revelou diante de nós, soltou uma respiração ruidosa, como se viesse prendendo o ar há algum tempo. Aldo se virou para trás, com uma expressão penalizada, e eu quase simpatizei com o sujeito.

— Você sabe o que vai encontrar aqui, não sabe? — indagou a Nadine, e ela novamente respirou fundo, mas empertigou-se, como a mulher forte que era, sempre esforçando-se para deixar os medos de lado e seguir em frente.

— Vamos logo — ela disse, e por mais que sua voz demonstrasse o quanto estava amedrontada e insegura, falou com firmeza. Só que, obviamente, não conseguiu segurar essa força toda quando cruzou a soleira da porta do porão.

Tudo era assustadoramente parecido com o lugar onde passei alguns anos da minha vida. E se, para mim, era desconcertante retornar àquele cenário, para Nadine deveria ser mortificante. Mas ela continuava de pé. Firme.

Uma jovem pequena, loira, de cabelos lisos, veio correndo em nossa direção. Arregalou os olhos ao nos ver, quase como se fôssemos uma miragem no meio do deserto.

— Ah, meu Deus, vocês vieram mesmo! — Ela parecia animada com nossa presença, o que demonstrava que Aldo tinha avisando-a, ao menos. — Você é a Nadine? — Olhei de soslaio para a mulher ao meu lado, e ela apenas assentiu, ainda muito distante, muito séria, preocupantemente paralisada e calada. — Meu Deus! — A loira levou a mão à boca, em uma exclamação de desespero que me partiu o coração.

— Você é Angelina? — Nadine finalmente falou alguma coisa.

— Sim! — ela exclamou aflita. — Vocês vieram para me tirar daqui?

Fechei os olhos, derrotado, não sabendo o que responder.

— Não! — Aldo respondeu por nós. — Não foi esse o combinado. Eles viriam aqui falar com você, descobrir alguma coisa e sumir antes que alguém chegue. Douglas sempre passa por aqui, e eu não quero...

— O quê? — Nadine exclamou. — Vocês deixam aquele louco com essa garota? — Então virou-se para Angelina: — Ele fez alguma coisa? Te machucou?

Pela forma como a moça se encolheu, não era difícil entender que morria de medo daquele filho da puta.

Nadine deu um passo à frente, em direção a Angelina, o que me preocupou.

Não apenas por sua linguagem corporal, mas por toda a forma como começava a reagir. Por saber que tinha um humor instável, comecei a ficar apreensivo de que acabasse se entregando.

— Responda, por favor... — ela repetiu, com um tom penalizado de quem tinha vivido na pele um milhão de coisas horríveis.

Fiquei em alerta, no momento em que a vi estender a mão na direção da garota, mas Nadine a tocou com a delicadeza que usaria para encostar em uma criança ou como fazia para acariciar Merlin. Ela poderia até surtar, mas sua empatia nunca era perdida.

— Ele me deixa louca... Morro de medo sempre que vem, porque me ameaça.

Trocamos olhares, porque eu sabia exatamente o que se passava pela cabeça de Nadine.

— Nós vamos te ajudar... — falou depois de alguns minutos de silêncio. — Vamos te tirar daqui. Não vamos? — Voltou-se para mim, com os olhos tomados por uma súplica que chegava a me doer na alma. Eu queria poder responder que sim, que faria qualquer coisa que me pedisse, ainda mais ajudar uma garota naquela situação na qual eu mesmo já estive um dia.

— Ei, ei! Calma! Já falei que ninguém vai sair daqui. Vão ter que dar um jeito de resolver essa situação sem levar a garota.

— Não vamos sair daqui sem ela — falei, em um tom de ameaça, já decidido a entrar na briga.

— Vai tirá-la daqui na marra, Corvo? — Aldo falou, levando a mão a um coldre preso no cinto, onde havia uma arma. — Você pode ser muito bom em um ringue, mas garanto que vira pombinha branca se eu atirar na tua mulher, né?

Avancei um passo, colocando-me bem de frente para ele, com a expressão fechada.

— Se você quiser sair daqui num caixão, pode tentar. — Esperava que a voz cortante fosse suficiente para que ele entendesse que ninguém usaria Nadine como chantagem, ameaçando-a de alguma forma, sem sofrer consequências.

Apesar disso, era um blefe, já que ele tinha um revólver, e eu só contava com meus punhos como arma. Pior do que isso, ele tinha minha kriptonita bem ali, vulnerável, à sua frente, como um alvo perfeito. Só que, para a minha sorte, minha reputação era realmente tão bem construída que o cara chegou a abaixar a cabeça, quase em rendição. Olhando para ele, tentando manter a postura durona, cruzei os braços contra o peito, decidido a ficar de olho.

— Você deveria arrumar uma bolsa ou algo assim — Nadine disse a Angelina, e a moça assentiu, correndo para o quarto. — Acho que vou ajudá-la — acrescentou, virando-se para mim, e eu concordei também.

— Mas não demore — Aldo falou e em seguida levou a mão à cabeça. — Eu estou muito, muito fodido. Acho que você vai ter que me dar um soco, bonitão. Para fingir que não tive a menor chance.

— Sem dúvidas, vai ser um prazer — comentei, em um tom de cinismo, realmente esperando que tudo aquilo desse certo.

— Agora... só vou te dizer uma coisa... Vocês vão tirar essa menina daqui, mas vão ter que aguentar as consequências. — Ergui os olhos para ele, observando-o com atenção. — Estou falando sério. Não podem esperar que Frank vá deixar isso barato. Eu posso estar fodido, mas vocês estão muito mais. Ele vai atrás da tua mulher, Corvo. Vai ser a primeira que ele vai atacar, e você vai se arrepender.

Sim, ele estava certo. Aquilo não estava nos planos. Onde iríamos deixar a garota? Na minha casa? Por mais seguro que fosse o condomínio, eu não poderia contar com a sorte, já que Douglas invadira a casa de Nadine sem muito esforço.

Eu sabia que aquilo seria arriscado e que poderia dar muito errado.

Só não esperava que demoraria pouco mais de meia-hora para a merda explodir.

O telefone de Aldo acusou uma mensagem que o deixou completamente lívido. Ele nem precisava me dizer o que estava acontecendo para que eu soubesse.

— Douglas! Ele está vindo. Nem sempre vem à noite, mas está a caminho. Vai chegar em dez minutos, no máximo.

Ou seja, eu só tinha dez minutos para tirar duas mulheres de dentro daquela casa.

Não querendo perder tempo, fui em direção ao quarto, mas nem consegui chegar à porta, porque vi o outro segurança, o que encontramos do lado de fora, com uma arma apontada para a cabeça de Nadine, enquanto usava o outro braço para trazer Angelina até a sala.

— Ninguém vai tirar a garota daqui, senão sobra pra gente. Vão embora agora ou não vão nunca mais.

Fiquei parado, em posição de alerta, tentando pensar no que fazer. Não tínhamos muito tempo, mas era só olhar para Nadine para saber que ela ficaria devastada se saíssemos sem a garota.

O homem a empurrou com força, jogando-a para mim e fazendo-a vir de encontro ao meu peito. Segurei-a, pelos braços, afastando-a e olhando em seus olhos, que me diziam tudo que eu já imaginava que iria encontrar ali. Ela me suplicava, em silêncio, que não deixássemos Angelina para trás.

— Nadine... — a menina chamou, e nós dois olhamos para ela, deparando-nos com uma expressão resignada. Aldo também já tinha sacado sua arma, e

ambas foram apontadas para nós. O caos estava instalado, e a decisão difícil teria que ser minha, porque Nadine não seria capaz de pensar com a razão. — Vocês precisam ir. Vou dar um jeito de ajudá-los nessa história do leilão que me contou. Não podemos fazer isso, Aldo? — Virou-se para ele, como se confiasse naquele homem estranho. Mas quem seria eu para julgar uma garota que vivia sozinha há tanto tempo em um porão, como Nadine vivera.

— Não! — Nadine exclamou, virando-se para mim. — Não podemos sair daqui sem ela, Rafael! Não podemos deixá-la aqui... Sozinha... Não com Douglas! Ele vai machucá-la, pelo amor de Deus! — Seus olhos apavorados estavam partindo meu coração.

— Dine, precisamos ir... — falei baixinho, tentando ganhá-la na delicadeza. Só que quando eu a segurei, ela rapidamente tentou se desvencilhar.

— Não... Por favor... — Ela olhava ao redor, buscando algum tipo de ajuda, mas ninguém mudaria de opinião ali. E havia duas armas apontadas para nós. Além disso, Douglas estava chegando. Não que eu tivesse medo dele, mas com Nadine sendo ameaçada, eu não poderia ser muito ousado ou confiante. — Fael... Não...

Lancei um olhar de soslaio para as outras pessoas ao meu redor e vi que Aldo estava olhando para mim. Atento, como se quisesse me mandar um recado.

— Tira a princesinha daqui. Agora! Ou vai acabar colocando todos nós em uma situação complicada.

Horrorizada, sabendo exatamente o que eu seria obrigado a fazer, Nadine arregalou os olhos, recuando.

— Rafael, não. Por favor... Eu não posso ir embora sem Angelina. Não quando sei exatamente tudo pelo que ela passa.

— Tudo bem, Nadine. Sei que vão me ajudar. Estou mais tranquila agora.

Olhei para Angelina, sentindo-me agradecido, porque ela estava agindo com uma coragem admirável. Só que, mesmo assim, quando dei mais um passo na direção de Nadine, ela recuou.

Eu teria que tomar medidas drásticas, especialmente quando o capanga desconhecido aproximou-se de nós, mirando perfeitamente em Nadine. Ele sabia muito bem o que deveria fazer para me convencer a agir.

— Vai logo, Corvo! Tira ela daqui!

Então, eu não vi alternativa além de avançar sobre Nadine e lançá-la sobre meu ombro, em um movimento rápido, por mais que fosse extramente doloroso ouvi-la suplicar durante todo o caminho para fora do porão. Aldo nos instruiu a sairmos por uma porta adjacente, que dava para outro espaço da casa, por onde o capanga sem nome entrara e rendera as garotas. Saí pelos fundos e precisei dar a volta para chegar ao meu carro.

Parecendo entender que não poderia fazer estardalhaço – embora eu nem soubesse se tinha noção disso em sua profunda tristeza pelo abandono da moça –, ela ficou calada, deixando-se ser levada, por não ter escolha. Eu me sentia péssimo, cruel, abusivo e rude. Em uma situação normal, jamais agiria assim.

Só que não esperava que seria ainda mais doloroso. Cuidadosamente a coloquei dentro do carro, sentada no banco. Jurei que iria agir com teimosia, tentando retornar para a casa, tanto que me apressei ao máximo para cruzar até a porta do motorista e entrar, mas Nadine simplesmente levou as mãos ao rosto, cobrindo-o e deixando seus ombros convulsionarem com o choro. Eu queria confortá-la, fazer alguma coisa para afastar sua dor, mas minha prioridade era sair dali antes que nos deparássemos com Douglas e as coisas se tornassem complicadas. Adoraria ficar cara a cara com ele e descontar todo o meu ódio pelo que fizera em relação ao meu filho, mas não com Nadine tão abalada daquele jeito.

Dei a partida e fui embora o mais rápido possível, quase cantando pneus. Não eram apenas os soluços discretos da mulher ao meu lado que me deixavam inundado por uma profunda angústia; era sua resignação. A forma como aceitara ser levada embora, sem reclamar, sem barganhar. Apenas entregando-se à melancolia.

Ela ainda não havia tirado as mãos do rosto, mas pelos movimentos de seu corpo, sofria de uma forma imensurável. Os sons de seu choro eram os únicos que nos rondavam, e isso começava a me deixar agoniado.

— Amor, fala comigo. Me desculpa... Eu não podia...

Aos poucos, tentando respirar bem fundo, Nadine foi deixando as mãos caírem, revelando olhos muito vermelhos e cheios de lágrimas. Ainda ficou calada por bons instantes, parecendo tentar encontrar a própria voz em meio ao pranto desenfreado, mas não olhou para mim quando finalmente falou:

— Nós a deixamos lá... Sozinha. Com aquele louco.

Sim. Nós a tínhamos deixado. Como eu deixei Nadine um dia. A história se repetia, e eu me perguntava quantas vezes mais eu acabaria falhando com pessoas que precisavam de mim.

Não tive coragem de responder nada. O que eu poderia dizer?

Agarrando o volante com força, para tentar controlar minha tensão, mudei o trajeto. Ao invés de seguir para o meu condomínio, parti para a praia. Estava tarde, e muito provavelmente seria mais prudente levar Nadine para a segurança da minha casa, onde poderia desabafar, mas ela já tinha ficado entre quatro paredes por muito tempo da sua vida.

Quando saí do cativado que me foi imposto por Frank, a primeira coisa que quis ver foi o mar. Usei-o mais de uma vez para tentar lavar a minha alma, na

esperança de que carregasse minhas lágrimas com suas ondas e nunca mais as trouxesse de volta. O som, o cheiro, seus movimentos... tudo isso foi um calmante para mim, na época, embora, dentro do peito, meu coração rugisse junto a ele, assim como eu sabia que aconteceria a Nadine. Contudo, achei que poderia ser uma boa escolha.

Parei o carro, desliguei o motor e saltei, dando a volta. Abri a porta do passageiro e me agachei ao lado dela, levando a mão ao seu rosto.

Nenhum de nós disse nada, até que estendi a mão em sua direção, como um convite. Ela hesitou, olhando ao redor, um pouco confusa.

— Por que você me trouxe aqui? — indagou com a voz frágil, que me dava uma imensa vontade de colocá-la no meu colo e embalá-la até que eu pudesse, com meu amor, afastar todos aqueles demônios que lhe faziam tão mal.

— Vai te fazer bem. Vem comigo.

Insegura, colocou a mão sobre a minha, e eu a puxei para que saísse do carro, fechando a porta e travando-o. Passando um braço ao redor de seus ombros, comecei a conduzi-la até a areia, onde ela tirou os sapatos e ergueu a barra de ambas as pernas do jeans. Uma brisa mais gelada nos atingiu, e eu a senti estremecer, o que me fez rapidamente tirar a jaqueta e colocá-la em seus ombros.

Sentei-me na areia e a puxei para que se sentasse no meu colo, sobre minhas pernas, para que não precisasse se sujar. Aninhei-a dentro dos meus braços com força, na intenção de que sentisse minha presença e soubesse que eu estava ali para ouvi-la.

— Fala comigo, Dine... Desabafa...

Ela hesitou novamente, mas se afastou, só por tempo suficiente para que pudéssemos nos olhar nos olhos. E os dela estavam tão devastados, desamparados, que só consegui retribuir da mesma forma. Daria tudo para arrancar a dor de dentro de seu peito e torná-la minha. Era a garota mais forte que conhecia, mas se alguém tinha que levar porrada da vida, que este alguém fosse eu. Não era profissional naquela merda? Então, que fizesse valer minha fama.

Por enquanto, na luta contra o destino, eu estava perdendo de lavada.

— Você sabe, Rafael... Sabe... — ela não completou a frase, apenas deixou a ideia no ar. Eu realmente sabia. Na verdade, podia imaginar exatamente tudo o que se passava por sua cabeça. Já tinha passado exatamente pela mesma coisa. Não minimizando seu sofrimento, mas a garota que deixei para trás era o amor da minha vida. Não conhecíamos Angelina, e por mais que isso não mudasse o quanto era angustiante pensar nela presa naquele porão, como estivemos um dia, ainda havia uma chance de salvá-la.

— Dine, você sabe que não poderíamos ter feito nada.
— Eu não sei! Aldo não teria coragem de atirar em mim.
— Como pode confiar nele? — falei, um pouco indignado, com o cenho franzido, quase assustado por aquele sentimento que ela começava a demonstrar.
— Como não confiaria? Ele me ajudou quando mais precisei. Eu estava sozinha lá, Rafael! Não tinha muitas opções para escolher. Entre capangas que me ignoravam, um tio louco que me mantinha prisioneira e um psicopata que me enlouquecia dia após dia, Aldo foi uma luz no fim do túnel — disse, com surpreendente clareza para quem tinha acabado de chorar lágrimas suficientes para encher aquele mar à nossa frente.

E ela estava certa. Eu não estive lá para proteger e cuidar dela. Nadine ficara por sua própria conta por muito tempo, e isso me deixava doente.

— Se Douglas tivesse nos visto ali, poderia contar a Frank, e eles mudariam a garota de lugar, como fizeram com você. Ainda perderíamos a ajuda de Aldo.

— Ou poderíamos estar com ela aqui, agora.

— Sim. É algo que nunca saberemos. Mas eu não poderia arriscar, Dine. Não quando a sua segurança estava em jogo. Isso sempre vai ser a minha prioridade, em qualquer situação. Lamento por aquela garota, e você sabe que eu tenho essa porra de complexo de herói que sempre me faz ter vontade de salvar todo mundo. Mas você está aqui. Segura. Nos meus braços. — Ilustrei o que dizia apertando-a com mais força. — E isso vai ter que me bastar, já que tive que fazer uma escolha.

— Não é justo... — ela sussurrou, abaixando a cabeça, mas eu a ergui com meus dedos sob seu queixo.

— Nunca é. Mas eu ficaria louco, alucinado, se tivesse que te tirar daquele porão machucada. Ou se Douglas chegasse e te ameaçasse de alguma forma. Porque eu não sairia de lá sem você, então, acabaria saindo morto. — Fiz uma pausa, tentando respirar fundo, só que ela se preparou para falar alguma coisa, parecendo um pouco assustada, então, decidi interrompê-la. — E você sabe que eu entregaria minha vida de bom grado se fosse para te salvar.

— Fael... — choramingou, lamentosa.

— É verdade, Borboleta. Faria isso sem pestanejar, mas o problema naquela situação era diferente. Se eu morresse ali, você e Angelina ficariam desamparadas. Agora ela tem a nós, de alguma forma.

Nadine assentiu, parecendo um pouco mais calma.

— Ainda assim, eu me sinto uma traidora. Como se estivesse virando as costas para mim mesma. — Os olhos cheios de dor e úmidos das lágrimas se voltaram para o mar, hesitando, embora eu soubesse que ainda tinha algo a dizer. Esperei, pacientemente, até que se voltou para mim. — Ela usa as minhas coisas,

Fael. Meus livros, minhas roupas... Assiste aos meus filmes. Ela me mostrou meu exemplar de *As Brumas de Avalon*, aquele que você leu. Tinha o meu nome na primeira página. Tem noção de como me senti?

— Tenho, amor... — Beijei sua cabeça, tentando confortá-la, embora soubesse que era impossível. — Vamos tirá-la de lá — garanti, sabendo que eu poderia estar fazendo promessas infundadas. Porém, moveria céu e terra para cumpri-las.

Sem aviso, Nadine prendeu seus olhos aos meus por um tempo, até que aproximou nossos lábios. Manteve-os unidos, sem aprofundar o beijo, com a mão sobre a minha barba. Depois, colou nossas testas, e eu pude sentir quando suspirou profundamente, porque sua respiração tocou meu rosto de forma cálida.

— Eu te amo — falou baixinho. Bem baixinho. Quase como se fosse uma confissão. E provavelmente era.

Ela tinha dito que me amava há pouco tempo, mas estivera bêbada naquela ocasião. Ouvi-la falar daquela forma, plenamente consciente e depois de eu tê-la tirando de um lugar à força, carregada nos meus ombros, impedindo-a de salvar uma pessoa e deixando-a devastada, era...

Bem... Um alívio.

Estávamos juntos, ela passara a morar na minha casa, fazíamos amor, trocávamos beijos apaixonados e eu poderia me contentar com isso. Porra, já era maravilhoso, especialmente depois de tanto tempo separados e sem saber se estava sequer viva. Mas ter a constatação de que me amava tinha um sabor muito mais doce.

— O que ainda é um mistério para mim é por que você ainda me ama — ela disse, deixando-me chocado.

— Não seria o contrário? Eu te decepcionei tanto...

Nadine balançou a cabeça em negativa.

— É tão fácil amar você... Seu coração enorme, seu altruísmo, sua lealdade, seu caráter... O respeito comigo, a forma como cuida de mim... Não há, na face da terra, um homem mais doce.

— Isso deveria ferir minha masculinidade, não deveria? — tentei brincar, começando a ficar um pouco mais relaxado, porque ela também parecia mais resignada, menos nervosa.

Tanto que até abriu um sorriso. Lindo. Apaixonante. Um que teria roubado meu coração se este já não pertencesse a ela por inteiro.

— Assim como não existe homem mais doce, não existe nenhum que precise menos provar... usando suas próprias palavras... sua *masculinidade*. — Ergui minha sobrancelha em uma expressão divertida. — Você é o meu gigante gentil.

Não pude conter uma risada.

— E o cachorro que caiu da mudança.

— Com certeza.

Beijei-a ternamente, sem nenhuma intenção de seduzi-la ou algo assim. Só queria selar o momento especial.

Tanto que quando nos afastamos, eu a abracei com mais força, e ficamos contemplando as ondas furiosas à nossa frente por algum tempo, sentindo o cheiro entorpecente da maresia, até que o celular de Nadine tocou, acusando uma mensagem. De Aldo novamente.

Ela a abriu, deparando-se com um vídeo sem muita explicação. Era um close do rosto de Angelina, onde ela contava de forma resumida, em pouco mais de seis minutos e meio, onde estava, quem a mantinha prisioneira e o que havia acontecido com sua mãe. Era um discurso incriminatório muito convincente, especialmente porque a garota era dada como desaparecida. Tínhamos seu endereço e qualquer um poderia checar.

Com os olhos arregalados, Nadine virou-se para mim, cheia de esperança.

— Fael! Isso aqui pode acabar com Frank. O depoimento de Angelina e o meu... meu Deus! — Ela estava animada demais, o que era muito perigoso.

— Dine, por favor... vamos com calma.

— Calma? — ela perguntou baixinho, embora a urgência fosse mais do que evidente. — Estou esperando por esse momento há anos.

— Eu sei. E ele vai chegar. Só que temos que pensar muito bem em como agiremos. — Fiz uma pausa, alimentando uma ideia que já vinha fazendo cócegas no meu cérebro há algum tempo. — Você ainda tem algum contato do advogado do seu padrasto?

Ela pensou por alguns instantes.

— Não. Eu era muito nova. Mas acho que lembro alguns nomes... Talvez possam valer de algo.

— Sempre podem. Vou ver o que posso conseguir. Eu vou dar meu depoimento também, assim como tenho certeza de que Johnny, Wilson e Anderson farão o mesmo. Meu amigo, inclusive, pode mencionar Marcos, o rapaz que morreu.

Nadine estremeceu. Eu sabia que aquela história ainda era muito pesada para ela. Abaixou a cabeça novamente, com o cenho franzido, engolindo em seco. Algo a perturbava.

— O que foi?

Hesitou, mas logo olhou novamente para mim.

— Angelina me mostrou uma coisa hoje que me trouxe algumas memórias. Depois que você foi embora, eu comecei a escrever nossa história em um diário.

Queria colocá-la para fora, como se exorcizasse um demônio... Estava tão magoada, Fael... tão desesperada...

Levei a mão ao seu rosto, desesperado de compaixão e arrependimento. Não era minha culpa, eu já tinha noção disso, mas era difícil separar uma coisa da outra.

— Ainda assim, queria guardar todas as memórias possíveis. Não queria esquecer um único dia, um único beijo. Eu o guardava na gaveta trancada, junto com os bilhetinhos... Nunca quis jogar nenhum fora. Se tivesse feito isso, eles não os teriam usado contra nós.

— Frank provavelmente tinha uma cópia de todas as chaves, até das gavetas.

— Sim. Acredito nisso também. Mas eles nem precisaram das chaves para terem acesso a este diário. Foi nele que contei do nosso bebê, da gravidez. Só que fui descuidada. Acabei pegando no sono com o livro no colo. Douglas leu tudo. — Lá estava novamente a história da gravidez, do bebê e de tudo que me fazia ter vontade de matar aquelas duas pessoas com requintes de crueldade. — Rafael, você não tem noção do quanto ele ficou transtornado, falando coisas que eu não entendi. Só que agora, pensando em retrospectiva, eu acho que ele tinha algum tipo de obsessão por você.

— Por mim?

— Sim. Ele ficava gritando que você não podia ser feliz, que não merecia... que não podia ter a mim e ao bebê... Que não podia ter mais do que ele... Falou muito mais coisas, mas eu realmente não me lembro, porque ele começou a me bater e... — a voz de Nadine falhou, e ela arfou, entrando numa zona perigosa de lembranças.

Apertei-a contra mim.

— Calma, amor. Não precisa falar sobre isso. Já acabou. Ele não vai mais te machucar — assegurei, mas ela se afastou em um rompante.

— Isso não importa, Rafael! O que estou dizendo é que acho que ele já te conhecia de antes. Talvez você tenha lutado com ele... Não sei...

Dei de ombros.

— Talvez, mas acho difícil. Não me lembro da cara dele em um ringue. Acho que me lembraria, se fosse o caso.

— Mas tem algo aí, Fael. Algo que, provavelmente, deveríamos descobrir.

— Sim, deveríamos. Mas não vamos pensar nisso agora. — Levantei-me da areia, levando-a comigo e colocando-a de pé. — Hora de irmos para casa. Você precisa descansar, e Merlin deve estar nos esperando.

Peguei a mão dela, começando a caminhar em direção ao carro, mas Nadine me parou. Olhei para ela e vi sua expressão novamente desamparada, como a da

menina que conheci dez anos atrás.

— Para casa... — Sorriu, nostálgica. — Tive uma conversa com Johnny outro dia. Há muitos, muitos anos, eu não tinha uma sensação de lar. Você me deu isso.

Com o coração pesado, respirei fundo, buscando o ar que passou a me faltar com aquela declaração. Avançando em sua direção, tomei seu rosto nas mãos e beijei-a.

— *Você é o meu lar.* Aquele para onde minhas asas de corvo sempre vão me levar.

Emocionada, ela sorriu.

— Johnny disse algo assim; que somos o lar um do outro.

— Então, as suas asas também te trouxeram de volta para mim, Borboleta.

— E elas nunca mais vão me levar embora.

— Assim eu espero.

Deus, eu realmente esperava. Porque não pretendia permitir que nada a afastasse de mim. Absolutamente nada.

A decorative graphic consisting of numerous black butterfly silhouettes of various sizes, arranged in a curved, trailing path from the top left towards the center of the page.

Capítulo 27

Nadine

OS DOIS MESES SEGUINTE SE TRANSFORMARAM em uma corrida contra o tempo. Marcella e Fátima me faziam visitas constantes, mas quando elas não estavam presentes, eu quase nunca ficava sozinha. Era algo muito sutil, que demorei a perceber, porém, tornou-se evidente em muito pouco tempo. Rafael evitava a todo custo me deixar sem companhia, como se tivesse medo que alguma coisa pudesse acontecer.

Desde o dia em que Frank nos encontrou na casa de Fátima, e principalmente depois de nossa visita a Angelina, ele passara a redobrar os cuidados comigo. Ainda não confiava plenamente em Aldo – assim como eu também não –, e tinha certeza de que iria nos trair, o que geraria uma retaliação da parte dos nossos inimigos. Então, várias vezes eu recebia visitas de Johnny, de Anderson – quando este estava de folga – e até mesmo o próprio Rafael tirara férias de quinze dias de seu escritório, com a desculpa de que era para planejar o leilão. Quando ia à ONG sempre me convidava para ir junto, o que eu gostava, porque queria ajudar.

Era maravilhoso ver as coisas ganhando forma e as doações entrando, depois que Fátima começara a participar. Ela estava mesmo se empenhando em ajudar, não apenas com a ONG em si e no leilão, mas também em nossa vingança. Claro que era do interesse dela também, e se tornou mais ainda quando lhe mostrei o depoimento de Angelina.

Tínhamos uma lista com mais de cem confirmações de amigos da ilustre governadora; pessoas importantes que seriam completamente relevantes para a futura carreira política que Frank estava tentando construir. Havia mais alguns a confirmar, mas se tudo desse certo, as coisas saíam melhor do que imaginei a princípio.

As pessoas que realmente importavam estavam do nosso lado e no sábado anterior ao evento, como eu estava muito nervosa, Rafael levou sua família postixa em casa para almoçar. Ainda não tivera a oportunidade de conhecer Wilson e Sílvia, mas já nutria um imenso carinho por eles, e esse sentimento só cresceu. Anderson, Johnny e Marcella estavam presentes, e eu sentia que esses dois últimos iam se tornando cada vez mais íntimos, o que muito me agradava. Eram lindos juntos, duas pessoas que mereciam muito ser felizes.

Rafael proporcionava o churrasco, e eu gostava de olhar para ele, vendo-o sorrir e gargalhar daquele jeito maravilhoso, com o boné virado para trás, óculos escuros e Merlin aos seus pés tentando roubar pedaços de carne. Volta e meia olhava também para mim, com os lábios curvados em uma expressão tão radiante quanto eu imaginava que era a minha, fazendo-me lamentar por ter perdido tanto tempo de momentos como aquele. Cinco anos atrás, quando me encontrou na rua, eu deveria ter deixado que cuidasse de mim. Deveria ter deixado meu orgulho e a mágoa de lado para simplesmente ser feliz.

Mas estava feliz agora. E isso iria me bastar.

Ainda estávamos esperando a carne ficar pronta quando Wilson veio sentar-se ao meu lado, no confortável sofá de vime da varanda, aproveitando que eu estava sozinha.

Sorri em sua direção, sem saber exatamente o que dizer, porque não era muito boa em socializar. Então, ficamos em silêncio, mas não foi um momento desconfortável. Só que Wilson parecia ter algo a dizer.

— Acho que eu nunca o vi assim; tão solto, tão feliz — comentou, olhando para Rafael no exato momento em que ele dava outra gargalhada ruidosa, levando a mão à barriga e curvando o corpo para trás. — Esse garoto vale ouro, Nadine. Os dois valem — falou, referindo-se a Johnny, que participava da gargalhada, assim como Anderson.

— Seu filho também.

— Ah, isso sem dúvidas. Mas considero os três como meus, de alguma forma. Rafael morou muito pouco tempo na minha casa, infelizmente, mas o pouco que o tivemos por perto foi suficiente para entendermos que é uma alma especial. O tal pai e a mãe, de quem ele tanto fala, fizeram um trabalho excelente ao criá-lo.

— Eu sei disso — falei com o coração pesado e um nó na garganta. Como pude, algum dia, duvidar daquela alma que, de fato, era tão especial?

— Exatamente por isso, aquele garoto sofreu o pão que o diabo amassou quando precisou te deixar para trás. Ele entrou no meu carro devastado e ficou mais ainda quando chegamos na casa e não te encontramos. Só aceitou o dinheiro daquele avô xexelento para te procurar. Nunca vi alguém mais

apaixonado. Você tem aquele cara ali — apontou para Rafael — nas mãos. Não o magoe.

Tentei controlar as lágrimas, porque realmente não gostava de chorar na frente de outras pessoas, especialmente alguém a quem não conhecia direito.

— Sou apaixonada por ele também, Wilson. Desde menina. Ele ganhou meu coração muito fácil.

— Vocês dois carregam muitas coisas nas costas. Aquele homem... — Ele respirou fundo, enfurecido. — Homem, não. Aquilo é um demônio... Ele merece pagar. E *vai* pagar.

— Rafael me disse que você vai depor. Nem sei como agradecer.

— Agradecer? Aquele sujeito apontou uma arma para a minha cabeça e fez muito mal a duas pessoas que são importantes para mim. Além de ter maltratado uma menina boa. Ainda bem que essa menina é forte e se tornou uma boa mulher também.

— Não tenho tanta certeza disso. — Sorri envergonhada, abaixando a cabeça e acariciando Merlin, que tinha acabado de pular no meu colo, vindo correndo da churrasqueira, porque simplesmente não conseguia ficar parado. Mordia um leãozinho de pelúcia que era seu xodó.

— Se não fosse, Rafael não te amaria tanto. O caráter dele não permitiria que se apaixonasse por uma mulher que fosse metade do que você é.

A emoção novamente me pegou de jeito, e uma lágrima insistente conseguiu escapar, mas ele não pareceu se importar e nem fez alarde em relação a isso. Ainda bem.

Fosse como fosse, aquela conversa mexeu comigo, deixando-me um pouco mais tranquila. Mas não o suficiente para que tivesse uma noite pacífica.

Rafael fez amor comigo bem devagar, sem pressa, cheio de romantismo e ternura. Acabei adormecendo pouco depois, mas acordei sobressaltada no meio da madrugada mais de uma vez, o que nos fez ter uma péssima noite de sono. Eu tinha medo que as coisas dessem errado, que não acreditassem em nossos depoimentos e Frank ainda saísse como o injustiçado. Temia falhar, sofrer retaliações e que alguém de quem eu gostava saísse machucado. Não me perdoaria.

Saí da cama cedo e tentei preencher as primeiras horas da manhã com qualquer coisa que pudesse me entreter, então, fui ao sótão, liguei meu notebook e decidi escrever. Obviamente foi um fracasso, mas continuei forçando, pois a ideia de ficar andando pela casa ou voltar para cama sem dormir era ainda mais assustadora.

Permaneci algum tempo diante do notebook, até que senti os braços de Rafael me abraçando por trás e me fazendo sobressaltar.

— Desculpa. Eu não queria te assustar — ele falou com a voz ainda rouca de sono. — Por que saiu tão cedo da cama?

— Não consegui mais dormir.

— Mais? Você nem pregou o olho.

Levantei-me só para me sentar na cama de hóspedes, onde poderíamos conversar olhando nos olhos.

— Nem você...

Rafael agachou-se à minha frente.

— Vai dar tudo certo, Borboleta. A partir de hoje você vai ficar livre de tudo. Nós vamos ficar — ele falou com tanta segurança que apenas assenti, concordando.

Tinha que dar certo, não tinha? Éramos reféns daquela história há muito tempo; era hora de colocarmos um ponto final nela.

Decidi ficar mais calma até o momento em que eu e Rafael partimos para a ONG para ajudar na arrumação do espaço para aquela noite. Depois, voltamos para casa, com algumas poucas horas de antecedência para nos arrumarmos.

Optei por mais um vestido azul, porque eu poderia considerar minha cor da sorte. E eu precisava de um pouco para aquela noite.

Era decotado, mas não tão profundamente. Deixava o vão dos meus seios expostos e possuía uma alça fina, cavada, bem sensual. O tecido era leve, marcado na cintura por uma faixa no mesmo tom de índigo do vestido, e a saia caía até meus pés, esvoaçante, com uma fenda bem alta. Sandálias e uma clutch, ambos em prata, poucos acessórios, cabelo solto, com alguns cachos, e maquiagem discreta.

Fiquei satisfeita com o que vi no espelho e mais ainda com o brilho nos olhos de Rafael ao olhar para mim quando saí do quarto que dividíamos.

Com certeza ele também era uma visão e tanto dentro de um terno muito bem cortado, com direito a colete e gravata, que se moldavam perfeitamente ao seu corpo musculoso e esculpido. O cabelo espetado, a barba perfeitamente aparada, mãos nos bolsos, apenas me esperando.

Aproximei-me sob seus olhares intensos, convidativos, e não havia nada de doce em sua expressão quando me avaliou de cima a baixo. Seu corpo inteiro pulsava desejo. Era desconcertante ser admirada daquela forma.

— Eu sou mesmo um homem de muita sorte.

Senti meu rosto queimar, enquanto corava.

— Você está lindo — comentei, ainda envergonhada. Era ridículo que me sentisse assim com uma pessoa que eu conhecia há tantos anos. Só que, novamente, eu não era exatamente competente em interações sociais. Porém, era Rafael ali na minha frente, e eu precisava começar a me soltar um pouco mais

com ele. Tanto que dei um passo à frente e passei os braços ao redor de seus ombros, abraçando-o. — Quer saber de uma coisa? Quando te vi na festa de Marcella, de smoking, depois de cinco anos, diferente do menino que conheci... todo homem na minha frente... Bem... ficou muito difícil me manter indiferente e fria.

Um de seus braços me enlaçou pela cintura com força.

— Não foi muito diferente comigo. Você descendo aquelas escadas... Nunca vi nada mais lindo. Nunca me senti tão perdido. Tão vulnerável. Você sempre teve poder sobre mim, Nadine. Sempre dominou minha cabeça e meu coração com muita facilidade.

— Não é o que eu quero. Você sabe...

— Eu sei — dizendo isso, muito sério, ele se afastou.

Tirou a mão que ainda estava no bolso e, ao erguê-la, trazia dentro dela uma caixinha pequena de veludo preta. Ficou observando-a por alguns segundos, como se hesitasse.

— Não sei se é o melhor momento para isso... mas você já aceitou. — Levantou os olhos na direção dos meus, com um sorriso travesso no rosto. — Mesmo sem um anel, já é minha noiva, não é? Aceitou ser minha esposa... — indagou em um tom urgente, quase de súplica.

Deus, como era possível que acreditasse que precisava implorar pelo meu amor, quando este sentimento já pertencia a ele por completo?

— Sou, Fael. Inteiramente.

Então ele simplesmente se apoiou em um joelho, sem tirar os olhos dos meus.

— Você não precisa fazer isso — afirmei. — Já passamos da fase do pedido, não?

— Não importa. Quero que isso seja um símbolo do quão rendido eu sou por você. De que seria capaz de barganhar pelo seu amor de joelhos a qualquer momento.

— Você não... — eu estava prestes a repetir o que tinha dito antes, mas ele me interrompeu.

— Só quero que você saiba. Hoje e sempre.

Assenti, balançando a cabeça com veemência, porque eu *sabia*. Sem sombra de dúvidas.

Então ele abriu a caixinha, revelando um anel que me tirou o fôlego. Era prateado, nada convencional. Possuía um diamante branco no meio e de ambos os lados dele, duas borboletas cravejadas com pequenas safiras azuis, tão significativas que meu coração se inchou dentro do peito de tal forma, que eu pensei que poderia explodir.

— Preciso dizer outro sim? — perguntei como uma boba, porque simplesmente não conseguia agir com coerência diante daquele cenário.

— Eu ficaria muito feliz, com certeza.

— Todos os sins para você, Lancelot. Quero ser sua esposa e compensar todo o tempo que nos foi roubado.

Ele se levantou, colocando-se de pé à minha frente, pegando minha mão e posicionando o anel no dedo correto.

— O tempo vai pertencer a nós a partir de agora, Borboleta. Não podemos voltar atrás, mas podemos seguir em frente e tentar fazer o melhor com o que temos — filosofou, e eu sorri.

— Nós temos muito.

— Nós temos *tudo*.

A mais pura verdade. Éramos o mundo inteiro um do outro. Isso não havia mudado. Então, se estávamos juntos, tínhamos *tudo* o que poderíamos desejar.

Depois de um beijo significativo, despedimo-nos de Merlin e pegamos o carro, partindo para o local do evento. Eu simplesmente não conseguia ficar com as mãos paradas. Entrelaçava uma na outra, esfregando-as, calada – porque não encontrava forças para falar –, temendo o momento em que precisaria discursar em público. Pior... teria que revelar meus segredos mais sombrios a uma plateia de duzentas pessoas ou mais.

Sabendo disso, Rafael segurou minha mão com força contra a sua, entrelaçando nossos dedos e levando-a aos lábios, mas não disse nada, não fez perguntas e não insistiu para que eu lhe dissesse como me sentia. Apenas quando paramos diante do prédio da ONG, onde algumas pessoas já começavam a chegar, cercado o local de carros e falatório, foi que ele desligou o motor e se virou para mim, muito sério:

— Vai dar tudo certo. Sabe disso, não sabe? Mas se quiser desistir...

— Não! Nem pense nisso. Estou esperando por esse momento há muitos anos.

Rafael assentiu, inclinando-se em minha direção e me beijando rapidamente, apenas como se quisesse selar uma promessa silenciosa de que aquele seria apenas mais um episódio em nossa vida confusa. Um clímax, para que tudo passasse a se encaixar depois.

Dando a volta no carro, ele veio em minha direção, abrindo-a para mim, e nós seguimos, entrando na ONG, aproximando-nos de nossos amigos. Anderson já estava lá, acompanhado de Maria Clara, além de Tatiane e seu novo namorado – o tal filho da psicóloga que era sua amiga; um rapaz simpático, bonito e parecia muito devotado a ela. Ainda bem. Era uma garota incrível e merecia ser feliz. Wilson e Sílvia também estavam presentes, com Johnny, que logo veio

falar comigo, com aquele seu jeitinho doce, perguntando se eu estava bem e preparada.

Não. Eu não estava. Mas teria que ficar.

Fátima e Marcella não demoraram a chegar, e obviamente Frank as acompanhava. Parecia o verdadeiro anfitrião da festa, muito bem vestido, com sua boa aparência, os cabelos castanhos escuros penteados para trás com gel, a barba bem aparada. Ria e cumprimentava as pessoas mais influentes já presentes no salão, e minha raiva por ele só aumentava. Entretanto, tudo ficou ainda pior quando Douglas apareceu.

Aproximou-se, encontrando-me no meio da multidão e dirigindo-me um olhar malicioso. Não nos víamos desde o dia em que invadira minha casa, e só de vê-lo, meu corpo reclamou, como se estivesse novamente sendo agredido. Sorriu, como se soubesse de algo que eu não sabia, e depois voltou o olhar para Rafael, ao meu lado, que acabara de envolver minha cintura com o braço, em uma atitude protetora.

— Ele não vai nem chegar perto de você — assegurou, falando bem baixo no meu ouvido.

Balancei a cabeça, erguendo-a em seguida, e encarando o próprio demônio de volta, chegando a dar um meneio de cabeça para cumprimentá-lo, reunindo toda a força e coragem que havia dentro de mim para isso.

Seu sorriso desapareceu imediatamente, e eu esperei que fosse um sinal de que o tinha surpreendido.

Uma hora se passou, e Tatiane, que ficara na porta como hostess, chegou para avisar a Rafael que a maioria dos convidados havia chegado e que era hora de começar.

Todos foram convidados a se sentarem, e Tatiane, Rafael e Anderson subiram no palco. Eu planejava ficar na plateia, mas Rafael segurou meu braço.

— Com aqueles dois aqui, quero que fique perto de mim, por favor. No palco.

— Mas eu posso ficar com Wilson, Johnny e Sílvia.

— Dine... — disse em um tom de doce repreensão

Sabendo que isso iria deixá-lo mais aliviado, apenas assenti, e ele me acompanhou até um canto do palco, em uma posição mais isolada, apenas esperando o momento em que deveria entrar para iniciar o caos.

— Boa noite, senhoras e senhores — Tatiane começou, com seu sorriso bonito e a voz simpática e solta. — Esta é uma noite muito especial para nós. Estamos a poucos meses de finalmente darmos um pontapé inicial em um sonho muito antigo. Vamos abrir as portas de nossa ONG e levar esperança à vida de muitas famílias. Primeiro de tudo, acho que devemos enaltecer quem merece ser

enaltecido. Aqui à minha direita está o idealizador de todo o projeto e quem nos deixou empolgados com sua missão. Um homem altruísta, cheio de princípios, que eu tenho a honra de dizer que é um dos meus melhores amigos. — Fazendo uma pausa teatral, ela apontou para Rafael, que estava corado, com o rosto voltado para o chão, mãos nos bolsos, em uma postura totalmente constrangida.

Deus, ele era uma graça.

— Nós vamos ouvir agora algumas palavras de nosso verdadeiro anfitrião, Rafael Loureiro.

Uma salva de palmas entusiasmada foi ouvida, e ele deu uma olhada de soslaio para mim, antes de se posicionar atrás do microfone. Ainda parecendo muito desconfortável em ser o centro das atenções, agradeceu os aplausos e impostou sua voz naturalmente bonita e suave, começando a contar sua história.

— A vida sorriu para mim. Posso me considerar, hoje, um homem de sorte. Tenho um bom emprego, uma casa linda, amigos maravilhosos e acabei de pedir a mulher da minha vida em casamento... — Rafael fez uma pausa e olhou para mim com um sorriso de orelha a orelha. Então, voltou-se para seu público que parecia encantado com ele. Como não estariam? — Tenho até um cachorro, alias. — Todos riram. — Mas, especialmente, tenho comida na minha mesa e um teto sobre a minha cabeça. Tudo isso, sem dúvidas, é suficiente para que eu agradeça a Deus todos os dias. Só que uma das coisas que mais faz com que eu me sinta como um homem realizado é a possibilidade de ajudar outras pessoas. Como já disse, o destino me agraciou com meios para fazer este sonho, que é esta ONG, se tornar realidade. Só que para que tudo isso se torne ainda mais concreto, preciso da ajuda de vocês. Preciso que abram seus corações e vislumbrem, da mesma forma como eu vislumbrei, um espaço onde famílias, mulheres e crianças, terão acesso a uma vida mais digna. — Mais uma pausa, e um telão começou a descer do teto, de frente para sua audiência. — Gostaria de alguns minutos de sua atenção para que conheçam o projeto completo da Refúgio das Borboletas. Hoje é apenas um prédio; em breve será um porto seguro. Um lar.

Com um movimento elegante, Rafael saiu da frente do palco e se dirigiu para o lado de Tatiane, enquanto um vídeo começava a ser passado na tela. Era institucional, com a imagem de pessoas de rua, com uma narração feminina com uma voz familiar que eu logo reconheci como sendo de Maria Clara. Era como uma matéria jornalística, apresentando dados estatísticos da miséria no país. Ouvindo a música emotiva de fundo, não demorei a sentir lágrimas preenchendo meus olhos. Eu já tinha passado por aquela situação. Foram pouquíssimos dias, mas me vi sem ter para onde ir, sem ter o que comer, temendo tudo e a todos, quase tomando a decisão de vender meu corpo para encher minha barriga

faminta.

Depois de emocionar a todos, Maria Clara surgiu na tela, passeando pela sede da ONG, mostrando-a por inteiro, explicando tudo que seria construído ali, assim como Rafael fizera comigo no dia em que me apresentou aquele espaço. Ela era muito boa oradora, sabia usar as perfeitas flexões de voz para emocionar, informar e ser incisiva, então, mais uma salva de palmas foi iniciada quando o vídeo teve fim.

Rafael e Tatiane retornaram ao centro do palco, e a moça tomou o microfone.

— Agora que vocês conhecem um pouco mais do projeto, gostaria de chamar ao palco nossa madrinha, Fátima Sampaio, para dizer também algumas palavras.

Como sempre cavalheiro, Rafael apressou-se em se dirigir à beira do palco, com a mão estendida, para ajudar Fátima a subir. Assim que ela aceitou seu auxílio, ele depositou um beijo nos nós de seus dedos, fazendo-a corar.

E eu sorri. Como era possível que aquele homem lindo, altruísta e absurdamente charmoso fosse meu?

Fátima foi econômica com as palavras, porque o leilão deveria começar o quanto antes. Apesar disso, foi um discurso emotivo, de como aqueles dois rapazes incríveis tinham salvado sua vida, mostrando a ela o quanto eram generosos, despertando sua curiosidade para o projeto pelo qual se apaixonou.

Com mais palmas, o verdadeiro leilão teve início. As primeiras peças começaram a ser exibidas e havia quadros, esculturas, joias, objetos pessoais de artistas – incluindo uma guitarra autografada. Eu mesma tirei alguns itens da coleção de Hélio – principalmente livros raros e edições antigas de clássicos –, e os lances começaram a ser realmente significativos.

Fátima incentivava seus amigos com comentários espirituosos, incentivando uma competição amigável, e os valores foram subindo de forma significativa. Fui ajudando a fazer as anotações a respeito dos compradores, e a cada bater de martelo, Rafael parecia mais e mais animado, sorrindo como o menino que ele nunca teve o direito de ser.

Apesar de me sentir feliz por tanta ajuda para a ONG, a cada grito de "vendido" de Tatiane, eu sentia que o momento da verdade absoluta se aproximava. O momento em que eu poderia, finalmente, me ver livre de um pesadelo que me perseguia há metade da minha vida; ou que acabaria me afundando ainda mais na ruína.

Uma vez que sabíamos exatamente o que iria acontecer depois que o leilão fosse finalizado, pedimos aos compradores que assinassem notas promissórias ou que deixassem cheques para a compra dos objetos. Era importante que nada

atrapalhasse o angariar de fundos para a ONG, nem mesmo revelações de verdades aterradoras.

Quando o último item foi vendido, Rafael se aproximou de mim sorrateiramente.

— É agora. Está pronta?

— Não. De forma alguma. Mas não vou ficar mais pronta do que isso, então...

Sem dizer nada, ele deu um beijo na minha testa, tirou a prancheta onde eu fazia as anotações da minha mão, pegando-a na sua e me conduzindo até o microfone, que ele tomou primeiro. Fazendo um sinal com a cabeça, gesticulou para Anderson e o pai, além de outras pessoas que iriam nos ajudar, pedindo que ficassem próximos a Frank e a Douglas. Aquilo tinha total potencial para se tornar um desastre, mas iria confiar no destino. Ao menos daquela vez.

Hesitei um pouco, porque não era exatamente boa falando em público, mas olhei para Rafael, ao meu lado, e ele apenas me incentivou, encorajador. Então, tomei coragem:

— Boa noite, senhores e senhoras. Primeiro de tudo, gostaria de agradecer pelos belos gestos desta noite. A todos os que contribuíram para a construção desta ONG, e mesmo os que não contribuíram, mas que estão aqui, prestigiando o evento, desejo que recebam em dobro.

Tentei sorrir, mas não tinha nem de longe a eloquência de Tatiane para falar; e até mesmo Rafael, que era tímido, fora muito melhor do que eu. Ainda assim, respirei fundo e decidi que era hora. Não podia mais adiar o inevitável. Então, prossegui:

— Eu gostaria de pedir que permanecessem aqui no salão por mais algum tempo, porque eu tenho outra história para lhes contar. Uma história que, de certa forma, envolve muitos de vocês e que, certamente, serviu de degraus para onde chegamos hoje. — Abaixei a cabeça, respirei profundamente mais uma vez, e pus para fora: — Era uma vez uma menina de treze anos. Cheia de sonhos, amigos, uma vida normal. Gostava de ler, de escrever e tinha o sonho de criar suas próprias histórias. Sua vida obviamente não era um conto de fadas, mas era feliz. Tinha uma mãe amorosa e um padrasto que a tratava como sua própria filha. Porém, este homem, o único que ela conheceu como pai, acabou falecendo. Com isso, o castelo da princesa transformou-se em areia e desmoronou.

Na plateia, vi Frank se levantando, mas Anderson apressou-se em colocar-se ao lado dele, assim como os policiais a paisana, amigos de Wilson e outro homem que eu não conhecia, mas que, aparentemente, era um dos lutadores que trabalhavam para Wilson e que fora convocado por eles para ajudarem, caso a

situação se complicasse.

Continuei contando minha história, como se fosse apenas... uma história. Só que a emoção que foi me dominando e me levando a discretas lágrimas deve ter sido suficiente para que as pessoas entendessem que não era apenas um conto de ficção. Era a minha vida. E isso foi ficando cada vez mais claro.

Fui vendo, nos rostos de quem eu nem conhecia, expressões de repulsa todas as vezes que eu mencionava as maldades de Frank, a forma como ele fez com que eu e Rafael nos tornássemos próximos, como instalou câmeras e nos vigiou, como nos separou, como levou um psicopata para ir morar comigo e me fazer perder um bebê. Eles sentiam nojo, compaixão. Eu tinha conseguido o que queria, então, era hora de fazer a revelação.

— Esta é uma história de perdas que, por um milagre, se converteram em vitórias. A menina assustada, que perdeu anos de sua vida, prosperou e está aqui, diante de vocês, fazendo uma confissão. — Muitas pessoas já imaginavam esta revelação, mas outras demonstraram em suas expressões uma espécie de choque, além de um leve burburinho ter começado. Novamente olhando para Rafael, tomei fôlego e continuei: — E o homem que fez dos meus dias um verdadeiro inferno está na plateia. Frank Danneman, meu tio. — Apontei para ele, com minha mão trêmula.

Os sussurros tomaram proporções maiores, e uma verdadeira balbúrdia foi montada. Eu não conseguia tirar os olhos do meu tio, e os dele também estavam fixos em mim, enquanto um sorriso surgia em seu rosto. Com um traço de malícia, como sempre, mas com um movimento de cabeça, ele demonstrara que o jogo estava realmente ao meu favor. Não fazia ideia se iria continuar assim, mas, ao menos, eu tinha dado o primeiro passo.

— Por sorte, eu conquistei minha liberdade, com a ajuda de algumas pessoas especiais que surgiram na minha vida... E outras que eu reencontrei... — Estendi a mão na direção de Rafael, que a pegou e a beijou, enquanto eu o olhava com toda a ternura, dizendo: — Pessoas que não desistiram de mim, nem mesmo quando estava perdida em mágoa e engano. — Outra pausa, e eu me volvei para a plateia mais uma vez. — Mas, infelizmente, a história está se repetindo. Outra moça foi mantida prisioneira, assim como fui um dia. Para que possam julgar por si mesmos, ela me enviou um depoimento, que gostaria que vocês assistissem.

O telão novamente foi acionado, e o rosto de Angelina, da mesma forma como a encontramos naquele dia em que entramos no porão, surgiu. Aos poucos ela foi começando a falar, contando uma história muito parecida com a minha. Não pude deixar de chorar com ela, pois a entendia. Tudo pelo que ela passara ainda estava muito vivo na minha mente.

Assim que terminou, voltei ao microfone.

— Aproveitando o ensejo... — Virei-me para Frank. — Tio, uma equipe de polícia foi enviada hoje ao endereço onde você mantém Angelina, e ela foi libertada há umas duas horas. Recebemos a mensagem avisando, e estou repassando o recado — falei com todo sarcasmo, e, espumando de ódio, Frank tentou dar um passo à frente, mas um dos lutadores de Wilson o segurou, não permitindo que sequer se aproximasse de mim. — Não se apresse. Ainda temos muitas coisas do seu interesse — continuei com o deboche, e percebi que seu sorriso tinha desaparecido, dando lugar a uma expressão de ódio que era quase letal.

Não pude evitar procurar por Douglas, mas não o encontrei em lugar algum na plateia. Como estava nervosa, decidi não focar nisso. Muito provavelmente eu só não o tinha visto.

— Gostaria de chamar ao palco outras pessoas importantes para também darem depoimentos. Johnny, Anderson e Wilson, por favor...

Os três se aproximaram, e o mais jovem veio direto a mim, beijando meu rosto e sussurrando no meu ouvido:

— Você é incrível! Está indo muito bem...

— Obrigada — respondi também com a voz muito baixa, colocando-me ao lado de Rafael, que rapidamente abraçou-me pela cintura, deixando que eles assumissem o microfone.

O relato de Johnny foi muito parecido com o meu, contando sobre sua infância dentro daquela casa, passando por todas as privações e mencionando minha mãe. Contou que testemunhava a forma como ele a drogava e que tinha plenas convicções de que a havia matado. As informações passadas por Wilson e Anderson foram mais limitadas, mas o mais velho contou sobre a forma como foi ameaçado com uma arma e como temeu por sua vida e a do menino que fora, depois, criado por ele. Seu filho falou sobre Marcos, e eu sofri novamente pelo rapaz que foi minha companhia por tão pouco tempo; que se tornou meu amigo no meio daquele pesadelo e da solidão.

Rafael também falou algumas coisas, contando sua versão da história, de como Frank o abordara e de como o obrigava a lutar, usando-me como barganha, e como funcionava o clube clandestino.

Enquanto todos falavam, continuei olhando para meu tio, cujo rosto ficava cada vez mais vermelho de raiva. Cheguei a estremecer, conforme a certeza de que ele não deixaria barato começava a me incomodar.

Então foi a vez de Fátima. Chamei-a para o meu lado, e ela assumiu o microfone.

— É muito difícil, para mim, sendo uma pessoa pública, ter que vir aqui, na

frente de todos vocês e dizer que agi como uma mulher inconsequente e apaixonada. Como uma adolescente. Algo que nem minha filha, tão jovem, seria capaz, porque é muito mais prudente e parece estar escolhendo muito bem com quem se relaciona. — Ela se voltou para Johnny, que também estava no palco. — Ainda assim, eu não poderia me calar diante de tudo que descobri nos últimos tempos, que envolvia, inclusive, minha integridade física. — Desdobrando alguns papéis, ela precisou respirar fundo para dar continuidade. — O que tenho em mãos é o laudo médico de alguns exames que realizei nos últimos dois meses, sendo que um deles acusa a presença de substâncias tóxicas em meu organismo. Em outras palavras... eu vinha sendo envenenada.

O burburinho recomeçou, agora de forma muito mais intensa. Olhei de soslaio para Rafael, muito sério ao meu lado, porque eu não fazia ideia de que Fátima tinha ido tão longe e conseguido, inclusive, um laudo médico para corroborar com sua declaração. E ela parecia ter mais a dizer.

— O arsênico é um veneno muito difícil de ser detectado, e seus efeitos colaterais, muito sutis. Para a minha sorte, essas pessoas entraram na minha vida — Fátima apontou para mim e Rafael —, alertando-me, ou eu teria tido o mesmo destino que Elizabeth Danneman, irmã de Frank, e Vera Dias, mãe da jovem que este homem também manteve prisioneira. — Então, ela se virou para o amante, com lágrimas nos olhos: — Você é um monstro. Entrou na minha família trazendo sua maldade e seus planos obscuros, sua ganância. Quase destruiu a vida de tantas pessoas... Agora, tudo o que eu quero é que a sua seja...

Um tiro foi ouvido, interrompendo o discurso emocionado de Fátima. Gritos o seguiram, vindos da plateia, e a própria governadora parou de falar, sustentando uma expressão mortificada no rosto.

Virei-me na direção de Frank, já sabendo que ele tinha agido, mas o que vi foi muito pior do que havia imaginado.

Com uma arma na mão, meu tio segurava Marcella contra si, mantendo-a refém, enquanto o rapaz que se colocara ao seu lado, para impedi-lo de fugir, jazia no chão, sobre uma poça de sangue.

Meu coração imediatamente parou, temendo que o jogo, subitamente, se voltasse a favor dele. Isso não podia acontecer.

A decorative graphic consisting of a cluster of black butterflies of various sizes, some of which are arranged to form a curved path leading towards the chapter title.

Capítulo 28

Nadine

EU SENTIA COMO SE A VIDA DAQUELAS PESSOAS estivesse sob minha responsabilidade. O circo fora promovido por mim, e eu mesma tinha colocado fogo no picadeiro. Só que ao invés de ser a *entertainer*, estava mais próxima da palhaça, que é enganada e se vê chorando lágrimas de crocodilo.

Marcella, a única amiga que tive em anos, estava com o cano de uma arma apontado para sua cabeça. Nas mãos de um louco.

Se alguma coisa acontecesse a ela...

Fátima, em um rompante insano, deixou seu instinto materno falar mais alto e estava prestes a partir para cima do ex-amante, mas Anderson a segurou.

As pessoas na plateia se apressavam em dispersar-se, fugindo e acotovelando-se para sair pela porta. Começavam a restar apenas os policiais amigos de Wilson e os lutadores convocados também por ele. Os oficiais já estavam com as armas em punho, mas havia muito pouco que pudessem fazer diante da situação. Enquanto a vida de uma mulher estivesse sendo ameaçada, eles não poderiam atirar.

— Você fez o seu show, garota. Parabéns! Nunca pensei que prestasse para muita coisa, mas até que me surpreendeu. Só que acha mesmo que eu viria para a sua festinha sem uma forma de me defender?

Ainda ameaçando Marcella, foi se aproximando do palco. Praticamente empurrando a garota de graus acima, fazendo-a tropeçar. Instintivamente, Rafael se colocou na minha frente, porque Frank não tirava os olhos da minha direção. Era a mim que ele queria. Era na minha cabeça que queria enfiar aquela bala, não em Marcella.

— Antes de mais nada... Todos vocês... — Ele olhou para os policiais e os outros, que ainda estavam parados diante do palco. — Saiam já daqui ou vou

matar essa garota agora — gritou, alucinado. Ninguém o obedeceu, então, ele repetiu: — Eu estou falando sério! — Encostou o cano com ainda mais força na têmpora de Marcela, e Rafael fez um sinal para que realmente evacuassem o local. Apenas as pessoas no palco continuariam presentes.

Então, ainda cheio de raiva, ele se virou para mim:

— Eu deveria ter acabado com você quando tive a chance. Deveria ter te mandado para o inferno, fedelha. Mas ainda tive um pouco de piedade...

— Piedade? Você me usou... — cuspi as palavras, saindo de detrás de Rafael, embora este tivesse estendido o braço para que eu não passasse. Queria se manter como um escudo para mim, mas eu não estava nem pensando. Só precisava exorcizar os demônios que nunca tive a chance de colocar para fora. — Você sempre usa todos ao seu redor. Usou Rafael, usou Vera, Angelina, Fátima... Sua ganância te transformou em um monstro.

— Sim! — ele gritou, me fazendo estremecer. — Eu sou mesmo um monstro, Nadine. E você me venceu, não é mesmo? Você e o seu herói, que foi o maior erro da minha vida. — Fez uma pausa e deu uma risadinha sarcástica. — Aliás, você deveria era me agradecer. Coloquei esse bom samaritano no seu caminho, e agora vocês vão até casar. Eu deveria ser padrinho! A primeira trepada de vocês foi sob o *meu* teto! Foi divertido assistir...

— Filho da puta! — Rafael vociferou, quase cometendo o mesmo erro de Fátima, de avançar na direção de Frank, mas eu coloquei a mão em seu braço, impedindo-o. Por mais que adorasse a ideia de ele levá-lo ao chão com umas porradas bem dadas, Marcella estava em perigo.

Olhando para a garota, aliás, vi seu olhar resolutivo, na minha direção. Era forte, mas estava morrendo de ódio, sem dúvidas, especialmente por tudo o que aquele homem fizera contra sua mãe. Podia entendê-la, porque ele matara a minha. E esta era uma das coisas que eu jamais perdoaria.

Havia muitas outras imperdoáveis, é claro.

Frank continuou se aproximando, bem devagar, e a tensão ao redor do ambiente apenas aumentava. Temia o que iria acontecer dali em diante. Temia, principalmente, a reação de Rafael. Sabia muito bem que ele seria capaz de fazer qualquer coisa para me defender, inclusive – e principalmente – colocar sua vida em risco para salvar a minha. Eu não podia permitir.

— O que você quer para deixá-la em paz? — indaguei, esforçando-me para manter a voz o mais firme possível, sabendo que Frank era o tipo de demônio que se alimentava do medo; então, eu não podia deixar que percebesse o quão apavorada eu estava.

— Nadine... — Rafael continuou falando por entre dentes, tentando me repreender, mas eu não podia desistir.

— Eu quero sair daqui intacto. Não é uma excelente ideia levar a lindinha da filha da nossa ilustre governadora? Quem teria coragem de atirar em mim tendo essa coisinha adorável como escudo? — De forma agressiva, Frank deu um beijo no rosto de Marcella, fazendo-a encolher-se.

Uma movimentação se iniciou, e muito provavelmente eu fui a única a percebê-la. Wilson, que estava às costas de Frank desde que este pisou no palco, começou a avançar bem devagar na direção dele. Seria arriscado, porque estava desarmado, mas apenas imaginei que precisaria ganhar tempo e não permitir que meu tio prestasse atenção nos arredores. Usaria o nervosismo dele como vantagem, já que parecia visivelmente alterado.

Infelizmente, eu também.

— Leve a mim, Frank. Deixe minha filha em paz! — Fátima choramingou, ainda se debatendo, enquanto Anderson a segurava com força.

— Já cansei de você. Não vou perdoar essa traição. Foi um suplício ficar com uma velha... Talvez eu devesse tentar mocinhas mais novas — ele obviamente se referia a Marcella, e aquela foi a vez de Johnny de se manifestar:

— Deixa ela em paz!

Voltando a cabeça na direção do rapaz, Frank abriu um sorriso que me assustou. De verdade. Não era um sorriso normal. Não era uma expressão de uma pessoa sã. Era o semblante do psicopata que eu sempre soube que ele era.

— Ah, aí está o meu menino! Se engraçou com a bonitinha aqui? Esperto! Já pode vislumbrar um futuro decente. Pena que sei que é tão babaca quanto seu irmão postiço. — Voltou-se de novo para Rafael. — Onde está seu heroísmo agora, Lancelot? Por que não vem tentar me desarmar? Ou sua preocupação é em pegar sua donzela nos braços e fugir com ela, já que é a única coisa que te importa? Você é uma farsa, garoto! — gritou, embora não houvesse mais plateia.

— Frank... você não vai conseguir sair daqui, nem usando Marcella como escudo — Rafael falou com a voz baixa, estável. Eu sabia que se controlava, a julgar por sua postura rígida e por toda a sua linguagem corporal, e que estava em chamas de ódio por dentro. Mas era prudente até os ossos e não daria passos em falso.

— E quem vai me impedir? — berrou novamente, fazendo Marcella estremecer. — Você? Tente... — Apontou a arma na minha direção, e Rafael se colocou como escudo, apenas movendo seu corpo enorme para a frente do meu. — Ai, que bonitinho! Eu realmente deveria ser padrinho deste casamento. Uni vocês dois. São um produto dos meus planos. Quem pode garantir que o amor que sentem é real?

Meu Deus! Eu o odiava. Como podia, ainda, tentar profanar a coisa mais pura que eu tinha na minha vida?

Eu não conseguia nutrir nenhum sentimento positivo por ele, nem mesmo indiferença. Era apenas nojo, desprezo, ojeriza. Desejava que morresse, que desaparecesse de nossas vidas; e esse ódio era algo que me consumia ao ponto de sentir vontade de eu mesma acabar com ele.

Mas foi uma fração de segundo... Um único movimento em falso de Wilson. Uma pisada mais forte...

Frank girou o corpo com pressa, soltando Marcella sem querer no processo. E apertou o gatilho.

Não faço ideia se esta era mesmo a sua intenção, se ele realmente queria atirar em alguém ou se fora um movimento de reflexo, porém, o tiro acertou em cheio em Wilson.

— Pai! — gritou Johnny, correndo em direção ao homem que caía, amparando seu corpo. — Não! Não! — choramingou, segurando-o contra si, e continuou lamentando-se, mas eu não conseguia ouvi-lo diante de toda a confusão que se formava.

Marcella, por sua vez, correu direto na minha direção, e eu a abracei por alguns instantes, entregando-a à mãe e preparando-me para dar um passo à frente, mas dei de cara com o cano da arma de Frank na minha direção. Rafael tinha corrido para socorrer Wilson também, assim como Anderson.

Ergui minhas mãos em rendição, assustada, mas tentando manter a calma.

— Agora é entre mim e você. O que vai ser? Vai ajudar seu tio a sair daqui, não vai? É uma questão de família. Você é sangue do meu...

Antes que Frank pudesse completar a frase, o corpo pesado de Rafael o atingiu, fazendo-o cair no chão e soltar a arma. Eu a peguei com pressa, antes que ele pudesse recuperá-la.

Rafael partiu para cima dele com socos, mantendo-o em uma posição de rendição no chão. Grunhia coisas que eu mal conseguia compreender, provavelmente no desespero de ver o homem que amava como um pai caído, com um tiro no meio do peito. Ele praguejava, xingando Frank, socando-o como um alucinado, como se quisesse descontar todo o sofrimento de todos aqueles anos. Ele falava de nosso filho, e isso também endureceu meu coração.

Só que eu mal ouvia o que Rafael dizia. Mal ouvia qualquer coisa ao meu redor. Também não via nada. Apenas o homem que destruíra boa parte da minha vida bem à minha frente, vulnerável, na minha mira.

Hélio tinha me ensinado a atirar. Fizera isso exatamente para que eu pudesse me proteger algum dia, caso necessário, porém, nunca peguei porte de armas.

Naquele momento, sua precaução me valeria de algo. Eu iria matar Frank Danneman. Meu tio. Meu pesadelo.

Rafael

MESMO EM MEU rompante de insanidade, vi Nadine com a arma apontada, de soslaio, e foi isso que me fez parar; que me trouxe de volta à sanidade, ou eu teria matado Frank ali mesmo. A força da minha ira me levava a simplesmente não pensar no que fazia. Meus punhos pareciam ter vida própria e estavam ansiosos por destruir o homem odioso que estava, felizmente, à minha mercê.

Porra, Nadine tinha todo o direito de apertar aquele gatilho, embora ninguém merecesse tirar a vida de ninguém. Porém, eu sabia que ela não era assim. Não havia nada de assassino em sua alma, e eu imaginava que carregaria aquela culpa para o resto da vida. Eu podia ver em seus olhos o conflito, a hesitação. Se quisesse realmente cometer aquele ato, já teria enfiado uma bala na cabeça do homem que mais odiava no mundo.

— Dine... calma. Me dá a arma — pedi com calma, mas ela nem se moveu. Eu não sabia se era por teimosia ou se por estar fora de si. Ou talvez as duas coisas.

— Vamos lá, garota — Frank se intrometeu, cuspidando sangue. — Acabe com isso. Nós dois sabemos que você quer! No fundo, você não é muito diferente de mim.

Ela respirou fundo, e eu fui me levantando aos poucos, deixando Frank no chão, ainda na mira da arma. Mantive minhas mãos em rendição, como se domasse um leão arisco. Só que ela sequer olhava para mim. Seu semblante apavorado mostrava que estava em choque, o que era muito perigoso. Se permanecesse consciente de seus atos seria menos preocupante. Caso acabasse matando o tio, de forma quase involuntária, seu arrependimento posterior a mataria. Por pior que este homem fosse.

— Amor, por favor... Não faça isso. Não é você.

Finalmente olhou para mim, e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Ele destruiu minha vida, Fael. As nossas vidas... Nosso filho... — nesta última constatação, simplesmente desmoronou no choro, embora ainda mantivesse ambas as mãos estendidas, e eu podia perceber que possuía alguma intimidade com uma arma. Se atirasse, ela o faria de forma certa. Não poderia apostar em sua mira, mas seu tiro não iria falhar.

— Eu sei de tudo isso, Borboleta. Ele merece morrer, mas não pelas suas mãos. Mais do que isso; ele merece sofrer, como você queria. Vai ser preso e passar muitos anos na cadeia.

— Não! — ela exclamou. — E se ele for solto? Se fugir? Como vou viver

em paz? Preciso que saia da minha vida... que desapareça para sempre! — sua voz estava alterada, e eu sabia que era preciso só um passo para que novamente entrasse em surto.

— Se você não me matar agora, eu vou infernizar sua vida, garota. Nunca vai ser feliz, pense nisso.

Pelo grunhido de frustração que Nadine soltou, eu quase poderia jurar que ela iria atirar. Mas o fato de não tê-lo feito era a maior prova de que seu coração cálido e sua alma bondosa não ficariam em paz se acabasse partindo para uma atitude drástica como aquela.

— Dine... — sussurrei, olhando para ela com uma expressão de súplica. Queria que lesse em meus olhos que eu jamais ficaria contra ela, não importava o que fizesse. Sem dúvidas todos naquele lugar deporiam a favor de uma legítima defesa, mas não era o Rafael advogado que estava ali naquele momento. Era o homem que a amava. — Me entrega a arma.

Os ombros de Nadine caíram, como se houvesse um peso imenso sobre eles. Dei mais um passo à frente, novamente hesitante, com a mão estendida, esperando que me entregasse o revólver.

E ela o fez. Relutante, quase temendo se arrepender, de olhos fechados.

Travei-o, estendi-o para o lado, esperando que outra pessoa o pegasse. Para minha sorte, Tatiane veio correndo e o pegou.

Movimentei-me para tomar Nadine nos braços, mas ela recuou um passo. Dois.

— Só me deixa sozinha por um instante.

Com isso, ela simplesmente ergueu a saia do vestido e saiu do palco, abalada. E como não estaria?

Fui acompanhando sua movimentação, ponderando se deveria ou não segui-la, tentar acalmá-la. Talvez a melhor escolha fosse realmente deixá-la sozinha por alguns instantes.

Mas arrependi-me desta decisão no exato momento em que mais uma pessoa surgiu na cena. Saindo de detrás de uma porta anexa, colocando-se na frente de Nadine e fazendo-a colidir com ele.

Douglas.

E ele estava armado também.

— Oi, irmãzinha! — Eu o ouvi dizer, agarrando Nadine, segurando-a contra si, como Frank tinha feito com Marcella minutos atrás.

Rápido, como se tivesse pressa, Douglas mirou o palco e simplesmente puxou o gatilho duas vezes, acertando Frank em cheio.

No peito.

E foi isso. O maior pesadelo de nossas vidas caía praticamente aos meus

pés, agonizando, com o rosto todo estourado das porradas que levou.

Eu poderia estar satisfeito com isso, principalmente por não ter sido Nadine a ceifar sua vida, mas lá estava ela, nas mãos daquele psicopata.

— Solta ela, seu filho da puta! — Marcella foi a primeira a se manifestar, ainda perto da mãe, ambas assustadas.

Quando vi que iria avançar um passo, eu estendi a mão, impedindo-a.

Precisava manter a calma, embora fosse impossível.

— Você não precisa machucá-la. Só a deixe comigo e vai poder ir embora — tentei barganhar, mas ele apenas riu.

— O que você acha que eu estava fazendo até agora, Corvo? Procurando uma saída alternativa, é claro. Eu sei sair deste prédio, mas não podia não aproveitar o melhor da festa. Agora que Frank não vai poder mais ditar as ordens, eu bem que podia ficar com ela para mim, você não acha? — Douglas esfregou o rosto no de Nadine, e ela fez uma expressão de nojo.

Mais do que isso, ela conseguiu se desvencilhar o suficiente para lhe dar uma cotovelada e quase escapar, mas ele a agarrou de novo, puxando-a para si com violência. Com uma coronhada forte, fez com que apagasse, deixando-a ainda mais vulnerável.

Isso foi o suficiente para me deixar mortificado e enfurecido.

— Deixe-a em paz, Douglas!

— Douglas é o caralho! Quero que me chame de Falcão! Você é o Corvo, não é? Eu escolhi um nome muito melhor para mim.

Falcão... Eu já tinha ouvido falar deste apelido no circuito de lutas clandestinas, mas, por um acaso, nós nunca cruzamos em um ringue. Todos sempre disseram que seria um adversário à minha altura, porque também se mantivera invicto por muitos anos, embora muitos afirmassem que era extremamente desleal.

Agora estava explicado. O tal Falcão já tinha assassinado pessoas no ringue, mas não apenas dentro dele. E aquele homem perigoso, aquele psicopata, tinha a *minha mulher* em seu poder.

— Quer saber de uma coisa, Corvo? Ainda não é o momento para termos nosso *grande* embate — ele deu uma ênfase muito doentia ao adjetivo e abriu um sorriso ainda mais assustador. — Quero te pegar em um ringue para te encher de porrada e te matar. Então... vamos brincar... — Dizendo isso, ele ergueu Nadine, desacordada, no colo, mantendo a arma na mão cujo braço fora colocado sob seus joelhos, ainda apontada para frente, e começou a se distanciar, andando de costas, em direção à porta pela qual entrou. — Quer a sua borboleta de volta? Venha buscá-la.

E apressou-se, sumindo atrás da tal porta.

Sem esperar um único segundo, eu fui atrás dele, sabendo exatamente qual caminho iria tomar.

Tentei abrir, para continuar seguindo-o, mas estava um pouco emperrada, porque se tratava de um prédio velho. Ou talvez fosse apenas meu nervosismo falando mais alto.

Alguém surgiu ao meu lado, e eu vi Johnny tentando me ajudar.

Quando consegui abrir, atravessei-a, já entrando em desespero. Meu irmão postigo em meu encalço.

Eu conhecia bem o prédio daquela ONG e sabia que ele estava certo; havia mesmo uma saída dos fundos, que usávamos para fazer descarga de materiais para a obra e que planejávamos continuar usando para este fim. O acesso não era dos melhores, mas não atrapalharia o fluxo normal da instituição quando estivesse funcionando. Além disso, dava para uma rua deserta, o que facilitaria e muito a fuga de Douglas. Com Nadine.

Porra, eu não podia deixar. Não podia permitir que ele a levasse.

Quando entrei na área mal iluminada, deparei-me com um corredor com algumas portas de compartimentos e ouvi o baque de uma delas. Só que eram muitas, e eu não saberia dizer exatamente qual; até porque poderia ter sido a que dava para a saída também. Havia um acesso anexo, que levava diretamente para outro corredor que guiava até o hall de entrada, mas eu sabia que ele não deveria ter seguido para lá.

Corri, então, primeiro à saída. Abri a porta com desespero e a única coisa que vi foi um carro preto arrancando e saindo cantando pneu. Quase cronometrado.

Mas não havia nem sinal de Nadine. Ou ele a tinha levado, ou a tinha deixado dentro de uma daquelas portas.

Johnny já começava a verificar cada compartimento daquela espécie de depósito, e eu não demorei a fazer o mesmo. Ele falava alguma coisa comigo, mas não conseguia sequer prestar atenção. Minha missão era encontrá-la. Se falhasse em protegê-la... Mais uma vez...

Meu Deus!

Todas as portas estavam com as chaves em suas fechaduras, porque alguns materiais pessoais eram guardados ali também. Apenas uma mudava o padrão. Foi para ela, então, que eu parti. Estava trancada.

— Rafael, eu posso pedir a alguém para abrir e... — Johnny começou falando, mas eu nem deixei que terminasse, pois logo enfiei o pé na madeira, com toda a força, arrombando-a num primeiro chute, tamanho era meu desespero.

Mas logo esse medo urgente tornou-se alívio quando eu a vi ali, jogada no

chão, ainda inconsciente, mas conosco. Douglas não a tinha levado. Todo aquele teatro fora apenas uma distração.

Joguei-me no chão ao lado dela, puxando-a para mim e apertando-a contra meu peito. Johnny ficou parado diante da porta, também respirando profundamente, chegando a se apoiar na parede, e eu imaginava que suas pernas deveriam estar como as minhas – parecendo feitas de gelatina.

Mantive Nadine nos meus braços por alguns minutos, até que a senti remexer-se, despertando aos poucos.

Afastei-a apenas o suficiente para poder olhar em seus olhos. Estavam um pouco desfocados ainda, mas ela começava a recuperar-se, levando a mão à nuca, fazendo uma careta de dor.

Quando finalmente voltou a si, provavelmente lembrou-se dos últimos acontecimentos e ficou um pouco agitada, mas ergueu os olhos para mim e soltou um suspiro.

— Calma, amor.. Você está comigo. Ficou tudo bem. — precisei soar repetitivo, mais para mim do que para ela mesma.

Ainda desorientada, olhou ao redor, vendo Johnny em pé, observando-a também, e seus olhos pararam exatamente na porta que eu tinha acabado de arrombar.

Um sorriso frágil se moldou em seus lábios.

— Você arrombou outra porta por mim, Lancelot? — ela falou com a voz igualmente débil, mas seu esforço para se manter firme era admirável.

Seria possível eu amá-la ainda mais? Mas aquela demonstração de coragem era intensa demais para meu coração, tanto que precisei puxá-la para mim e beijá-la. Só um breve contato, porque eu necessitava daquele beijo mais do que qualquer outra coisa.

— Que tipo de herói eu seria se não salvasse a princesa no final da história? — brinquei, embora não fosse exatamente um momento divertido. Quando saíssemos dali haveria muitas coisas a enfrentar.

— É o final mesmo? Douglas...

Abaixei a cabeça, envergonhado. Afinal de contas, eu não era tão heroico assim.

— Ele fugiu.

Nadine estremeceu, e eu a apertei contra mim outra vez, encostando seu rosto em meu peito. Nenhum de nós falou mais nada, e nem era preciso. Sabíamos que uma batalha tinha sido vencida, mas a guerra ainda estava acontecendo.

Quando a conduzi de volta, portanto, a polícia já havia retornado ao salão, com alguns reforços, e paramédicos verificavam os feridos. Três – embora um

deles não fosse fazer falta alguma. Nenhum sobreviveu.

Nem mesmo Wilson.

Eu tinha perdido um pai. O homem que me salvou. E isso eu nunca iria superar.

Tirei alguns instantes para me despedir dele, mesmo que não estivesse mais ali, enquanto Marcella, Fátima e Tatiane ficavam com Nadine. Pedi, especialmente à minha amiga psicóloga, que conversasse um pouco com ela, para acalmá-la. Nadine já tinha traumas demais, precisava urgentemente buscar uma ajuda profissional para lidar com tanto estresse.

Johnny e Anderson também me acompanharam na despedida ao pai – adotivo e biológico, respectivamente –, assim como Sílvia que, na confusão, fora tirada do salão por um dos lutadores de Wilson, mas agora estava ali, diante do marido de anos e anos, chorando e lamentando a perda.

Abraçamo-nos, e eu confortei Johnny, que chorava copiosamente.

— Você é muito forte, garoto! — precisei dizer isso, porque, mesmo com toda a dor da perda, ele se mantivera firme para me ajudar a salvar Nadine. Eu tinha um puta orgulho dele.

Também esperava que aquele homem que dera sua vida por nós se orgulhasse. Assim como meus pais, ele seria minha motivação para continuar, para seguir em frente e batalhar pelos meus sonhos. Wilson iria querer isso.

Ele salvara todos nós mais de uma vez. *Ele* era o verdadeiro herói.

Como Frank dissera, eu era apenas uma farsa. Um vagabundo brincando de querer salvar o mundo.

Mas Frank estava morto. E eu não poderia permitir que continuasse me assombrando.

Não ele. Já teríamos que nos preocupar com a existência de Douglas, que ainda estava à solta. Também havia Aldo, é claro, porque eu não sabia até que ponto era realmente confiável, porém, Nadine resolvera lhe conceder o benefício da dúvida, já que nos ajudara tanto e lhe avisara sobre a chegada da polícia para que pudesse fugir.

Esperava que nunca mais ouvíssemos falar dele.

Precisamos dar nossos depoimentos – eu, principalmente, porque a cara de Frank estava detonada –, mas tudo foi muito rápido e de forma respeitosa. Também levei Nadine a um hospital, para alguns exames, já que foi agredida na cabeça, mas estava tudo bem.

E ela estava comigo. Não me perdoaria se fosse diferente.

Apesar disso, o clima não era dos melhores. Quando chegamos em casa, horas depois, entramos, fomos recebidos por Merlin e Nadine simplesmente se jogou no sofá de vime, exausta, remexendo-se com cuidado e novamente

fazendo uma careta de dor.

— Ei, está tudo bem? — preocupei-me, sentando-me ao lado dela.

Balançou a cabeça, em silêncio, mas logo mudou a direção de sua resposta, transformando aqueles mesmos movimentos em uma negativa, acompanhada de lágrimas.

Claro que nada estava bem, e eu era um imbecil por perguntar. Por mais que, talvez, parecesse bem fisicamente, seu coração deveria estar partido. Contara toda a sua história em público, tivera sua amiga ameaçada por um revólver, uma boa pessoa morrera, ficara prestar a atirar e matar o próprio tio e o homem de quem mais tinha medo naquela vida a fizera de refém. Eu estava mais do que surpreso por manter-se de pé, sem desmoronar. Algumas lágrimas eram uma consequência muito suave para o que deveria estar se passando por sua cabeça. As minhas estavam presas ainda, mas eu sabia que não demorariam a se libertar. Por Wilson. Pelo medo. Por tudo.

Fechou os olhos, como se quisesse conter o choro, levando as mãos ao rosto, mas eu não permiti que o cobrisse, segurando-as nas minhas.

— Você não precisa ter vergonha de se sentir fragilizada. Não depois de tudo pelo que passou. Não comigo.

Ela abriu os olhos e olhou para mim. Cheia de dor.

Fazendo-me sentir ainda mais impotente.

— Ele vai voltar. Você ouviu o que disse.

Sim, eu tinha ouvido. Douglas queria lutar comigo. Eu obviamente teria muito prazer nisso, ainda mais sabendo, agora, quem ele era. Um assassino. Um competidor desleal que tirara a vida de outros lutadores que conheci e respeitava. Só que algo me dizia que não seria assim tão simples.

— Precisaremos tomar cuidado. Sabe disso, não sabe? — falei com paciência, como se conversasse com uma criança. Ela estava assustada, e eu odiaria piorar seu estado, mas não podíamos adiar aquela conversa nem um dia. Não poderíamos imaginar sequer o que aconteceria na manhã seguinte.

— Eu não quero me tornar uma prisioneira de novo, Fael — disse em tom de súplica. — Quero ter uma vida normal. Que sejamos um casal normal. Não quero precisar sair escoltada por você ou qualquer outra pessoa.

— Eu sei que não. — Enlacei seus ombros e a puxei para mim, fazendo-a encostar a cabeça no meu ombro. — E eu também não quero isso. Mas, por favor, por alguns dias, até a poeira baixar, você se importaria de ficar por aqui?

— Por alguns dias, não. Claro que não. Mas quanto tempo isso vai durar? Ele pode atacar daqui a um dia, uma semana, um mês, um ano... Nunca saberemos.

— Ele é foragido agora, Dine. Vão pegá-lo. Precisamos ter fé nisso.

Só que eu não tinha. Não que não confiasse na polícia. Não era bem isso. O problema era que pessoas como Douglas sabiam exatamente como escapar de situações como aquela. Ele sumiria por algum tempo, até que nos acostumássemos com a paz, e surgiria quando menos esperássemos. Destruindo tudo. Trazendo caos, medo e tentando barganhar com nossas vidas.

Eu já sabia que ele tinha uma estranha obsessão por mim, pelo que Nadine me contara, mas a verdade era que sentia o mesmo por ela também. A forma doentia como a tocava, como a observava... Saber que já tentara estuprá-la e que a agredira não contribuía em nada para me manter calmo. Exatamente como ela dissera, eu não poderia mantê-la em uma redoma. Não poderia prendê-la em casa, esperando que se resignasse. Por quanto tempo teríamos que mantê-la assim? Não era uma solução, especialmente depois de tudo pelo que ela tinha passado; depois de tanto tempo privada de uma vida normal, de sua liberdade.

Ficamos abraçados, em silêncio, por algum tempo, e eu não pude evitar que meus olhos recaíssem sobre seu dedo, onde o anel que lhe dei repousava. Quando saímos de casa, havia tanta esperança em nossos corações. Imaginei que chegaríamos com a certeza de que Frank e Douglas nunca mais nos perturbariam, porque ambos seriam presos, mas tínhamos negligenciado muitas variáveis. Nenhum dos dois era burro. Nenhum era amador como eu e Nadine éramos. Eu até poderia ser um bom lutador, mas nunca fui um bom estrategista, especialmente para aquele tipo de coisa. E o preço que pagamos fora alto demais.

O pior era pensar que havia uma enorme culpa sobre os ombros dela. Eu sabia exatamente como era este sentimento. Era devastador, tóxico e muito incapacitante. Precisava encontrar uma forma de arrancá-lo de seu coração.

— Não é culpa sua. Sabe disso, não sabe, amor? — falei baixinho, e ela se sobressaltou, parecendo surpresa.

Senti seu peito se movimentar, em uma respiração profunda.

— Se eu não tivesse alimentado essa história de vingança, Wilson ainda estaria vivo.

— E um louco estaria à solta, mantendo uma garota como prisioneira e envenenando uma mulher inocente. Você é a heroína, Mulher Maravilha — embora não houvesse clima para isso, tentei brincar, mas Nadine não sorriu. Ainda levaria algum tempo para que se recuperasse, e eu precisava lhe conceder esse espaço, embora não pretendesse me distanciar dela, enquanto me quisesse por perto.

— As coisas podiam ser feitas de outra forma. Você estava certo, deveríamos ter apenas denunciado.

— Tudo o que você descobriu... sobre Angelina, principalmente, e o

envenenamento de Fátima, foi por causa dessa vingança. — Fiz uma pausa e a segurei pelos braços, forçando-a a olhar para mim. — Dine, Wilson era como um pai para mim, e ainda não caiu a ficha que não o tenho mais. Amanhã, muito provavelmente, eu estarei destruído, mas ainda não vou mudar de ideia. O que fizemos precisava ser feito. Talvez tenhamos errado em algumas coisas, mas somos humanos.

— Sim, nós somos.

— E, no final das contas, vamos vencer. Ao menos Frank não vai mais te incomodar.

— Ele não é o pior dos demônios — ela sussurrou assustada.

— Sei disso, mas vamos exorcizar todos. Precisamos ser fortes e seguir em frente. Do jeito que der.

Ela assentiu, mas ainda não parecia convencida nem muito melhor do que antes.

Mas um passo de cada vez.

Um passo de cada vez.



Capítulo 29

Rafael

UM PASSO DE CADA VEZ.

Este deveria ser o lema, mas as coisas ficavam um pouco difíceis quando a vida parecia insistir em correr na velocidade da luz.

Os primeiros dias, depois da morte de Wilson, foram muito difíceis.

Porra, o dia seguinte foi um inferno. Quando a ficha finalmente caiu, eu me senti miserável. Tentei me controlar ao máximo, porque Nadine não estava em melhor estado, e ela precisava de mim, mas acabei me escorando nela para não desmoronar. Tanto no enterro quanto depois, quando chegamos em casa e tentamos descansar.

Não havia sono tranquilo quando parecia faltar um pedaço no nosso coração.

Continuei insone por mais de uma semana, tirando cochilos roubados e vivendo como um zumbi, trabalhando de casa e resolvendo coisas da ONG, especialmente com os pagamentos das peças do leilão, que estavam enchendo nosso caixinha de doações.

Isso deveria me fazer feliz. Mas não era bem assim. Não mesmo.

Não quando eu ainda sentia que havia perigo à espreita, todos os dias.

Só que os meses foram passando, e essa sensação foi abrandando. Não desapareceu, é claro, mas consegui me sentir um pouco menos paranoico.

Seis meses depois do leilão, conseguimos finalmente inaugurar nossa ONG. Ainda faltavam alguns detalhes, mas tentamos, de todas as formas, apressar as coisas, porque as pessoas não podiam mais esperar.

Nossa ideia desde o início era que a Refúgio das Borboletas tivesse suas portas abertas para quem quer que nos procurasse. Sabíamos que ainda demoraria algum tempo para que as pessoas confiassem em nós o suficiente,

embora a equipe de Fátima tivesse ajudado e muito a nos divulgar, principalmente na imprensa. Porém, algumas pessoas especiais eu queria comigo.

Então, no dia da inauguração, alguns rostos conhecidos me trouxeram uma sensação cálida ao coração. Zé e Geraldo estavam lá, assim como as duas pequenas gêmeas que Nadine conheceu, com sua mãe – que não iria mais precisar se prostituir para lhes dar o que comer –, além de outras pessoas daquele mesmo ponto onde eu sempre parava para deixar alimentos. Algumas, obviamente, não aceitaram o convite e preferiram permanecer na rua, porque sabiam que um tratamento de reabilitação seria feito e nenhum deles estava preparado para isso. Fosse como fosse, teriam espaço garantido.

Nossa festa de inauguração seria brindada com um almoço comunitário, uma espécie de sopão de boas-vindas aos novos moradores do local. Ainda eram poucas famílias, mas com o tempo isso acabaria sendo resolvido. Tínhamos voluntários nos ajudando, funcionários, apoio e patrocínio de empresas, além de pessoas importantes nos apadrinhando. Fátima, obviamente, era uma delas, mas consigo ela trouxe amigos e outros nomes. Eram doações mensais muito significativas. O governo também estava ajudando, na medida do possível.

Com todas as pessoas que eu mais amava ao meu lado, segurei a tesoura para cortar a faixa que restringia o acesso ao prédio, abrindo passagem para aquela nova fase da minha vida. O trabalho era árduo, mas eu sentia que, lá de cima, algumas pessoas estavam abençoando o gesto. Meus pais e Wilson – cuja foto estampava uma das paredes do hall de entrada.

Os voluntários foram guiando as famílias até suas novas residências, e eu fui assistindo à cena muito emocionado.

Um braço delicado enlaçou minha cintura, e eu virei a cabeça para ver Nadine sorrindo ao meu lado.

— É real. Seu sonho virou realidade — ela comentou com uma voz doce, enquanto ainda testemunhávamos a movimentação.

As pessoas olhavam tudo com admiração e sorrisos enormes. Sorrisos de esperança. Para muitas delas, aquilo era a diferença entre a vida e a morte. A dignidade. Uma chance de um futuro.

— *Alguns* dos meus sonhos se tornaram. — Voltei-me novamente para ela, com um olhar apaixonado. Queria que compreendesse exatamente ao quê eu me referia. — Não só esse.

Inclinei-me para beijá-la e fui correspondido, mas não demoramos neste contato, porque havia muito o que fazer.

Depois que as pessoas se acomodaram em seus alojamentos, todos foram chamados no refeitório para que o almoço fosse servido. Por mais que odiasse

falar em público, novamente fui obrigado a dizer algumas palavras.

— Não quero atrasar o almoço de vocês, porque sei que estão com fome, e eu também estou. Mas preciso dar as boas-vindas a todos e desejar que, a partir de agora, enxerguem este lugar como um lar. Aqui vocês terão acesso a médicos, a cursos profissionalizantes, assistência psicológica e legal, reabilitação, atividades físicas regulares... Tudo o que for necessário para que possam construir uma vida digna. Poderão encontrar empregos e trabalharem sem terem medo de deixar seus filhos sozinhos em lugares perigosos. Aqui, estarão seguros e amparados. E eu espero que possam realizar alguns de seus sonhos, como estou realizando o meu.

Fui aplaudido por todos e voltei à minha mesa, ao lado dos meus amigos – minha família, na verdade –, Fátima e Marcella. A sensação de que alguém estava faltando nunca seria superada. Nunca. Wilson sempre faria falta, e os olhares de Sílvia, Johnny e Anderson me diziam isso. Estavam, como eu, imensamente felizes, realizados, mas incompletos.

Como sempre adivinhando meus pensamentos, Nadine pôs a mão sobre a minha, falando bem baixinho:

— Estou imensamente orgulhosa de você.

O que eu poderia lhe responder? Ela sabia. Podia ler em meus olhos o quanto me sentia agradecido por seu apoio, por suas palavras e por sua presença ali comigo. Assim como eu sempre sentiria a falta de Wilson, se ela não estivesse ao meu lado, nada teria sentido.

De certa forma, o destino realmente – e finalmente – estava sorrindo para nós. E eu esperava que continuasse assim, embora pensamentos preocupantes sempre cruzassem minha mente e o medo de que o mal ressurgisse em nossas vidas, fazendo todos aqueles sonhos ruírem.

Mas eu preferia não pensar, embora sempre estivesse em alerta. Não era justo viver pela metade. Não era justo me privar de simplesmente tentar ser feliz.

Exatamente por isso, exatos cinco meses depois da inauguração da ONG, eu me vi no altar, observando a mulher mais deslumbrante do mundo caminhar lentamente em minha direção, conduzida por Johnny, enquanto o momento de eu receber o sim mais importante da minha vida se aproximava mais e mais.

Seu vestido era discreto, tomara que caia, com um decote em formato de coração, e descia desenhando as curvas de seu corpo perfeito como uma sereia, abrindo em uma saia mais rodada nas coxas. O cabelo estava preso em um coque lateral, com uma trança cruzando sua cabeça de ponta a ponta, dando-lhe o ar de realeza que ela sempre teve.

E lá estava a princesa aceitando se unir para sempre com o vira-lata.

Só que naquele dia eu não me sentia dessa forma. Muito menos quando a

recebi no altar, linda e tão minha. Naquele momento eu me senti invencível. Como o Lancelot que finalmente havia encontrado o seu Graal.

O padre foi sucinto, mas suas palavras eram significativas, especialmente levando em consideração o caminho que tínhamos percorrido até chegarmos ali.

Aceitamos um ao outro, trocamos alianças e eu a beijei, pela primeira vez como marido e mulher.

Era difícil de acreditar.

A recepção foi oferecida em um salão de festas próximo à igreja, onde tivemos literamente a noite de nossas vidas. Com toda a tensão que se formou depois do leilão, eu ainda não tinha tido a oportunidade de levar Nadine para realmente começar a viver. Pretendia fazer isso em nossa lua de mel a Can Cun, onde planejava fazê-la se divertir ao ponto de compensar todos os anos em que não pôde fazer isso.

Abrimos a pista de dança com a nossa música – Stormy Weather –, onde eu tomei minha esposa nos braços e dançamos como se não houvesse ninguém ao nosso redor. Nada de coreografias elaboradas ou danças ensaiadas. Apenas ela com a cabeça encostada em meu peito, seu corpo colado ao meu e as batidas de nossos corações ritmadas, em uma harmonia perfeita.

Então, os nossos amigos se juntaram a nós. Eram poucos, mas todos especiais. Havia algumas pessoas da ONG, além de algumas novas amizades que Nadine fizera, principalmente desde que assinara um contrato para que seu primeiro livro – Simetria – fosse traduzido para o português. Sua nova agente e sua editora estavam presentes, além de outros convidados que começaram a fazer parte de nossa vida, já que minha princesa começara a voar e se mostrar muito sociável, embora ainda tímida e com comportamentos do bichinho do mato por quem me apaixonei.

Havia borboletas espalhadas por todo o salão, e o topo do nosso bolo era formado por noivinhos de biscuit, cada um com o ser alado que nos representava empoleirado no ombro.

Seguimos todas as tradições possíveis, e ela jogou o buquê, caindo exatamente nas mãos de Tatiane. As duas se davam bem, afinal, e eu esperava que o jogo continuasse desta forma, principalmente porque minha amiga estava namorando firme e parecendo muito feliz. Assim como Johnny e Marcella e Anderson e Maria Clara.

Se cada um deles tivesse metade da minha felicidade, eu já estaria satisfeito

A festa durou até quase o amanhecer, e eu quase tive vontade de expulsar cada um para que pudesse finalmente levar Nadine para casa. Ou para a cama, é claro, especialmente porque estava desejando tirar aquele vestido desde que a vi com ele. Mas quando finalmente pude fazer isso, fiz valer cada segundo.

O peso de fazer amor com a mulher da minha vida, sendo ela agora minha esposa, era algo completamente diferente. Era como se o gosto dela fosse ainda mais doce, como se os toques e os beijos fossem mais seguros. Mais intensos. Porque pertencíamos um ao outro em todos os sentidos, em todos os níveis e razões.

Deitados lado a lado, em meio à madrugada, senti Nadine me abraçar com um pouco mais de força em meio ao silêncio.

— O que foi, amor? — Obviamente poderia ser apenas uma demonstração de carinho, mas pela forma como se aninhou contra o meu corpo, eu sabia que tinha um significado maior.

Assim como sabia que ela ainda não se sentia cem por cento segura. Nem eu, na verdade. Queria fingir que Douglas não era mais uma ameaça, que podíamos respirar aliviados, já que fazia quase um ano que não dava as caras, mas isso era uma ilusão. E eu não podia iludir Nadine ou acabaria colocando-a em perigo. Tirando-a de alerta.

Só que estávamos no meio da nossa noite de núpcias. Um sonho realizado que eu não queria que se tornasse um pesadelo.

— Parece mentira, não parece? — ela sussurrou, olhando para o teto.

— Se todas as mentiras forem doces assim, quero ser enganado para sempre...

Nadine soltou uma risadinha.

— Você é um romântico — brincou, mas logo acrescentou, elucidando seu pensamento: — O que quero dizer é que... Deus, olha tudo pelo que passamos para chegar aqui.

— Na cama? Eu te trouxe no colo para cá, como um bom marido em uma noite de núpcias. Nem foi tão árduo...

Levei um tapa brincalhão no ombro.

— Dá para falar sério por um único minuto? — disse, indignada.

— Estou feliz, Borboleta. Vai ter que aguentar esse meu sorriso bobo.

Impulsionando-se, ela veio para cima de mim, colocando uma perna de cada lado do meu corpo, agarrando meus punhos e pressionando-os contra o colchão, imobilizando-me.

Claro que eu conseguiria sair sem nenhuma dificuldade, mas escapar dela era a única coisa que eu não queria naquele momento.

— É o melhor sorriso do mundo.

— Você é dona dele, sabe disso, não é?

— Tenho clara convicção de que sou dona deste corpo incrível inteiro... — E ela começou a me beijar, deslizando desde o pescoço até meu peito, o que me fez perder a cabeça muito rápido.

Naquela noite, sem dúvidas, nenhum de nós dois iria dormir.



Nadine

— COMO TEM SE SENTIDO, Nadine? — Dra. Lúcia perguntou, com seu sorriso usual, além de seu tom de voz sempre polido e gentil.

— Tirando os enjoos matinais e um sono fora do comum, está tudo sob controle — respondi, levando a mão à barriga, acariciando-a, embora não houvesse um único indício de meu estado.

Aquele era o meu terceiro mês frequentando terapia com uma psicóloga indicada por Tatiane. Iniciei o tratamento pouco depois do casamento, e eu poderia dizer que o ato de conversar com alguém toda semana, estava fazendo maravilhas para minha cabeça. Eu já não me sentia paranoica o tempo todo, embora ainda houvesse uma ameaça real.

A bipolaridade era algo real na minha vida. Algo que agora eu podia nomear. Era ela que me fazia sair de momentos de total euforia para uma melancolia assustadora. As noites insones, os surtos, as mudanças de ideia em velocidade assustadora. Sempre foram indícios, mas agora eu sabia. E estava tratando, ao menos com as sessões de terapia, porque os remédios precisaram ser interrompidos, por conta do meu estado especial.

— Você já contou ao Rafael sobre o bebê?

Abri um enorme sorriso, sentindo-me entre ansiosa e nervosa.

— Ainda não. Como o aniversário dele é no início do mês que vem, achei que...

— O que está a impedindo de contar? — Lúcia indagou bem mais séria, como se pudesse ler a minha alma. Abaixei a cabeça, envergonhada, porque ela sabia exatamente quais feridas apertar para fazer meu coração sangrar. Assenti, então.

Dei de ombros, curvando os lábios em um sorriso desanimado.

— Se eu perder este também, não quero que ele sofra.

— Então vai sofrer sozinha?

Respirei fundo, como se aquele questionamento fosse capaz de me tirar o ar.

— Eu não suportaria ter que dar a notícia para ele.

— Veja bem, Nadine. Você diz que não contar ao seu marido sobre a gravidez é uma forma de protegê-lo dessa dor, mas não seria uma forma de poupar a si mesma da responsabilidade? Acho que vocês já passaram por isso

uma vez, não foi?

Esta era uma das características que eu mais apreciava em Lúcia, ela nunca passava a mão na minha cabeça, nunca agia como a mãe transigente. Suas análises eram duras, e eu precisava exatamente desta dose de realidade naquele momento.

— Sim, passamos — enquanto respondia, assentia, olhando para o chão, sem coragem de encará-la.

— E como pretende lidar com essa decisão? Além disso... está tudo bem com a sua gravidez, não está?

— Sim, fiz uma ultra na semana passada. Está tudo, aparentemente, normal.

— Você está com medo, e isso é normal. Todos nós nos sentimos inseguros, frágeis ou receosos. Como acha que Rafael se sentirá se descobrir que será pai?

Novamente sorri desanimada.

— Ele vai ficar muito feliz, sem dúvidas. Mas e se... — deixei a frase no ar, e Lúcia esperou pacientemente que eu continuasse, mas fiquei em silêncio.

— Nadine, nossa vida inteira é feita de "e se". Todos os momentos nos levam a encruzilhadas e, inevitavelmente, temos que escolher uma direção. Por mais que nossas decisões possam parecer as mais acertadas, nunca saberemos se a alternativa acabaria nos levando a um desfecho ainda melhor. Ou se teríamos nos protegido de alguma situação problemática. A parte mágica e emocionante de se viver é exatamente descobrir que você está feliz com a sua escolha.

— Eu nunca precisei fazer muitas escolhas difíceis, sabe? — comecei mais uma de minhas confissões para ela. — Como criança, sempre fui muito protegida pela minha mãe, depois pelo meu padrasto. Então, tudo aconteceu, e passei anos enclausurada, tendo apenas que decidir sobre qual livro ler, qual filme assistir, o que preparar para comer... Quando Fael chegou na minha vida, ele passou a me proteger, e embora não houvesse nada de controlador em seu comportamento, era quem se colocava na frente, como escudo, para que eu não precisasse me indispor ou me preocupar. — Fiz uma pausa para respirar. — Quando me libertei, não demorei muito a encontrar Hélio, e este também assumiu as rédeas das coisas. Agora, eu quero ser uma mulher normal, dona das minhas próprias escolhas, mas ainda tenho medo.

— Você não teve uma adolescência normal, Nadine. Sua formação de caráter e de personalidade foram comprometidas, o que te proporcionou uma insegurança um pouco maior para lidar com determinadas situações. O caso do bebê te remete a um dos maiores traumas da sua vida, então, é plenamente compreensível que te faça travar e hesitar. Mas você precisa enfrentar. Sem dúvidas Rafael irá te ajudar com isso. Você não precisa escolher seguir por um caminho sozinha quando tem a possibilidade de trilhá-lo com a pessoa que ama.

Sim, ela estava certa. Com isso em mente, saí de seu consultório e peguei um táxi que, por sorte, estava parado em frente ao prédio. Entrei sem nem tirar os olhos do celular, porque recebi uma mensagem da minha agente. Estávamos negociando a publicação do meu próximo livro no Brasil, o que vinha me deixando muito animada.

O motorista arrancou com o carro, em uma velocidade um pouco maior do que seria necessário, e eu finalmente olhei para frente. Não consegui ver seu rosto, porque ele estava usando um boné e óculos escuros.

— Não precisa ir tão rápido, não estou com pressa. — Mas ele não diminuiu. — Eu estou indo para a Barra. Avenida das Américas... e...

Naquele momento, as portas do carro foram travadas.

Comecei a entrar em pânico, e o motorista misterioso tirou os óculos, revelando, através do retrovisor, olhos que eu conhecia muito bem.

— Oi, irmãzinha. Sentiu minha falta?

Lá estava ele, na minha frente. Meu demônio particular.

Senti meu coração ficar descompassado dentro do peito, e uma inércia, uma apatia, me tomaram. Não conseguia tirar os olhos dele, enquanto todo o meu corpo começava a tremer descontroladamente.

Não era possível. Não podia ser. Era um pesadelo, obviamente. Ele havia desaparecido por um ano. Eu e Rafael estávamos bem. Casados. Felizes. Eu tinha um bebê dele na barriga. Crescendo...

Mas era real. Douglas estava novamente à minha frente, e eu tinha caído em sua armadilha.

Mas por causa do meu filho, eu precisava ser forte.

Apressei-me em tentar abrir a porta, embora fosse apenas uma atitude desesperada. Douglas continuava seguindo em alta velocidade, em pleno Jacarepaguá, avançando sinais vermelhos e ultrapassando como louco. O que eu faria ali? Pular do carro não era uma opção; não estando grávida.

Algo que ele *nunca* poderia sequer desconfiar.

— Douglas, me deixa sair — pedi por entre dentes, embora soubesse que era apenas uma forma de gastar saliva. A intenção dele era a mais clara possível.

— Ah, para com isso, irmãzinha. Vamos dar um passeio. Estava sentindo falta de sua companhia — ele continuava falando com aquela dose de sarcasmo e com os olhos de psicopata voltados para mim através do espelho.

— O que vai fazer comigo? — Minha maior preocupação, naquele momento, era o bebê. Como era possível que tivesse acabado de conversar com minha terapeuta sobre o medo de perder mais um filho e agora estar novamente vivendo o perigo na pele?

Quando o pesadelo iria acabar?

— Já disse... vamos dar um pequeno passeio. E vamos chamar seu maridinho para participar da festa mais tarde. — Tomei ciência de que ele estava tomando o caminho para subir a serra, então, comecei a discretamente mexer no meu telefone, mas assim que o fiz, ele sacou uma arma e apontou-a para mim usando apenas a mão que não estava presa ao volante. — Passa o celular.

Hesitei por alguns segundos, mas ele ergueu a sobrancelha em desafio, e eu não pude fazer nada além de obedecer. Sabia que não me mataria, porque, obviamente, queria me usar como barganha para fazer algo contra Rafael. Se não estivesse tão preocupada com meu filho, teria agido com um pouco mais de teimosia.

— Eu preciso ligar para o seu herói, sabe? Preciso convidá-lo para nos encontrar, mas não quero perder a atenção da direção. Seria muito imprudente da minha parte, não seria? — indagou com uma risadinha muito doentia. Um calafrio percorreu toda a minha espinha, arrepiando minha pele de pavor.

— Douglas... não faz isso. Já acabou. Frank morreu, você o matou. Pode recomeçar a sua vida em outro lugar.

— Enquanto aquele cara existir, eu não vou *poder* recomeçar. Ele me persegue, Nadine! A vida inteira!

— Que cara?

— O Corvo...

Do que ele estava falando? O que Rafael poderia ter a ver com Douglas, além da conexão que eu já conhecia?

— Como assim? — tentei fazê-lo falar, esforçando-me para ver o que ele tentava retirar do bolso do casaco, uma vez que remexia lá dentro sem parar.

— Você vai entender tudo quando seu Lancelot estiver conosco. Vai ser uma linda reunião de família, afinal, eu e ele somos cunhados.

— Você é doente — falei bem baixinho, em um rompante de coragem.

— Talvez eu seja um pouco mesmo. Mas isso não importa. Você vai precisar dormir um pouquinho, princesa.

E sem que eu tivesse chance de me defender, ele simplesmente virou o corpo na minha direção, enfiando uma agulha na minha coxa, aproveitando o fato de eu estar de saia.

— Douglas... — gemi assustada.

— Bons sonhos, Nadine. Nos vemos em breve...

Foi o que eu consegui ouvir antes de apagar.

Acordei algum tempo depois – embora eu não soubesse precisar quanto –, não conseguindo me mexer. Não demorei muito para entender que estava sentada em um chão frio, com os tornozelos amarrados e com os punhos presos também, para trás do meu corpo, abraçados a uma viga de madeira. Pelo que eu

podia ver, estávamos em um terraço de alguma casa. Fui deixada em uma área coberta, próxima a uma churrasqueira, mas havia um ringue improvisado, montado logo adiante.

Quando meus ouvidos começaram a se tornar mais apurados – conforme minha consciência ia voltando por completo –, ouvi uma música. A ópera de Tristão e Isolda que Frank sempre ouvia. O cenário fora todo montado para me desestabilizar. Ele *sabia* muito bem tudo o que me deixava mais apavorada.

Não sabia se estava sozinha, mas esforcei-me para tentar me soltar. Sentia-me ainda mais vulnerável daquele jeito, e isso me deixava em pânico. Só que este sentimento, somado ao resto de toda a situação, me mantinha ainda mais incapaz.

— Ah, você acordou! — Douglas se aproximou, trazendo meu celular na mão. — Estava te esperando para falarmos com seu amor. Ele já ligou algumas vezes, aliás. Deve ser difícil viver um relacionamento com um homem que não te deixa em paz, não é?

Rafael deveria estar muito preocupado. Eu tinha combinado de telefonar para ele depois da consulta, principalmente para avisar que chegara em casa. Era um acordo nosso, e o culpado de todo esse cuidado era exatamente o louco à minha frente. Por mais que já tivesse se passado mais de um ano desde a morte do meu tio e do leilão, nunca conseguimos ficar cem por cento tranquilos, porque Douglas sempre fora uma ameaça. E nosso medo não era infundado, afinal. Lá estava ele infernizando nossas vidas mais uma vez.

Douglas agachou-se na minha frente, com o meu celular diante de seus olhos.

— Senha, por favor — pediu. Fiquei calada. Por mais que eu quisesse que Rafael chegasse, especialmente porque queria sair dali com meu filho intacto, não podia colocá-lo em perigo. Por isso, minhas hesitações. Só que um tapa estalou em meu rosto, trazendo um gosto de sangue em minha boca. — Colabora, irmãzinha. Não quero te machucar.

— 2008 — respondi a contragosto.

— Que bonitinho! — ele exclamou enquanto colocava a senha no aparelho. — Foi o ano em que conheceu o seu amorzinho, né? Vocês dois me dão diabetes de tão fofos! — usou de todo deboche e foi se levantando.

Logo o telefone estava em seu ouvido.

Fez uma pausa para esperar que Rafael atendesse, mas colocou no viva-voz assim que o ouvi atender do outro lado.

— Porra, amor, estava apavorado aqui. Onde você está?

— Está comigo, Corvo... — Douglas falou, deixando Rafael em silêncio do outro lado da linha.

Meu Deus, eu podia imaginar como ele deveria estar apavorado.

— Douglas, o que você fez com ela? — era possível sentir o ódio só pelo seu tom cortante, embora houvesse um pouco de cansaço também.

— Eu? Pelo amor de Deus, Corvo! Assim você até me ofende. Eu amo essa garota aqui. — Tomou meu rosto em sua mão, apertando-o na altura do queixo e me causando dor no lábio já machucado. — Tudo o que fiz foi pelo bem dela. Está intacta. Ou quase... Se fosse um pouco mais obediente, eu não seria obrigado a machucá-la.

— Eu quero falar com ela — Rafael falou em tom de ordem, e pelo que conhecia do meu próprio marido, ele estava em pânico. Começava a me sentir aliviada de não ter contado sobre o bebê ou ficaria literalmente alucinado.

— Calma. — Fez sinal para que eu ficasse em silêncio. — Ela está consciente, e eu vou deixar que dê sinal de vida, até porque, preciso dela para trazê-lo até mim, não é? Está tudo pronto para a nossa luta. É só você chegar.

— Onde você está? — vociferou em um grunhido selvagem.

— Vou te passar o endereço correto por mensagem. E vou te deixar falar com Nadine, mas, antes de mais nada... Se aparecer aqui com a polícia... — Tirando a arma do bolso, ele a destravou, fazendo o barulho característico, para que Rafael a ouvisse. — Eu estou armado e não vou hesitar em meter uma bala na sua mulher se tentar alguma gracinha.

— Eu vou te matar, Douglas — Rafael falou em um tom baixo, aparentemente controlado, mas que já conhecia muito bem. Era um sinal de que estava puto, irado, como na vez em que descobrira que perdera um filho. Mal sabia ele que a situação, daquela vez, era quase a mesma. — Vou te matar bem devagar, soco a soco, te quebrando inteiro, e vou sentir prazer nisso.

Douglas apenas riu. Uma risada confiante, sarcástica e assustadora.

— Continue com suas ilusões, amigo. Eu tenho uma vantagem sobre você, não se esqueça. Aliás... Irmãzinha, dê um oi para o seu marido. Fale com ele para que saiba que eu te tratei bem até agora.

Ele aproximou o telefone de mim, e eu hesitei um pouco, olhando para Douglas com todo o meu ódio.

Eu não queria preocupar Rafael, mal sabia o que dizer, mas se não falasse nada, acabaria deixando-o ainda mais desesperado.

— Fael... — falei, controlando-me para não deixar a voz falhar. Não queria que ele percebesse que estava fraquejando.

— Dine, fica calma. Estou indo te buscar.

— Eu estou bem.

— E vai continuar bem... Sabe disso, não sabe? Confia em mim? — perguntou com urgência, e eu cheguei a fechar os olhos e a respirar fundo.

Se houvesse alguém no mundo em quem eu confiava, esse alguém era Rafael.

— Confio. Claro que confio.

Douglas afastou o telefone de mim, aproximando-o de sua boca.

— Te mando o endereço já, já. Estamos te esperando, bonitão. E que vença o melhor. Nadine é um prêmio bastante valioso para uma boa luta.

Com isso, ele desligou o telefone e enviou a mensagem que prometera a Rafael, com o endereço. Assisti a tudo, observando o sorriso em seu rosto que se mostrava cada vez mais amplo, como se tudo aquilo o divertisse imensamente. E eu apostaria minha vida como era exatamente isso.

Ele realmente queria matar Rafael. Ia se empenhar para tal. Até onde sabia, era um bom lutador, e por mais que meu marido também fosse, Douglas era desleal. Tinha um instinto assassino que ia totalmente contra o coração bondoso e puro de seu futuro adversário. O fato de eu estar ali, presa, incapaz de me defender, também lhe dava uma imensa vantagem. Aquele louco sabia muito bem que Rafael tinha um instinto muito protetor em relação a mim e que se arriscaria para me defender. Ele daria sua vida por mim. Disso eu não tinha dúvidas.

Porém, se acabasse morrendo, eu ficaria nas mãos de Douglas. Eu e o filho dele, cuja existência ainda era um segredo.

Meus pensamentos foram interrompidos por Douglas, que novamente veio em minha direção.

— Pronto! Tudo resolvido. Do jeito que ele é, não duvido que voe até aqui. Vai ser divertido.

— Você é louco, Douglas. — Era um pensamento imbecil, obviamente, porque era uma certeza. E a constatação saiu em uma voz arfada, exausta... devastada. Assim eu me sentia, não apenas pela condição em que me encontrava, mas porque era minha culpa por ter sido descuidada ao entrar naquele táxi sem nem olhar direito.

Apesar disso, imaginava que se eu não tivesse entrado por livre e espontânea vontade, ele teria me pegado à força. Então, nem sabia o que era melhor. Ao menos não estava ferida.

Sem dizer nada, ele se agachou a minha frente, tirando um pano do bolso e amarrando-o na minha boca, amordaçando-me.

— Adoro conversar com você, irmãzinha, mas neste momento preciso de silêncio para me concentrar, já que terei a luta mais importante da minha vida. Vou te deixar um pouco sozinha, mas estarei por perto. Não fique com saudade, ok?

Deixando um beijo na minha testa, que quase me fez morrer de nojo, ele

saiu, fechando a porta do terraço com um estrondo que me fez sobressaltar. A ópera ainda tocava ao fundo, criando um clima ainda mais sombrio à situação.

Eu poderia aproveitar para tentar me soltar, mas de quê adiantaria? Não havia jeito de fugir. Rafael chegaria em breve, e eu teria que assisti-lo lutar contra Douglas.

O tempo nunca pareceu passar tão devagar.



Capítulo 30

Rafael

COM O CORAÇÃO PULSANDO ALUCINADO NO peito, segui para o endereço que Douglas havia me enviado. Nem sei como consegui dirigir de forma consciente em meio à confusão de emoções que me dominavam – medo, angústia, ódio e culpa.

Sempre a porra da culpa.

Era um erro deixá-la tomar as rédeas, mas o fato de sentir que Nadine era minha responsabilidade, e o fato de ela estar em perigo naquele momento, fazia com que eu me sentisse o maior merda dos homens na face da terra. Mas não importava o que acontecesse, eu iria protegê-la e levá-la para casa sã e salva.

Meu celular tocava no banco do passageiro, e o nome de Johnny piscava na tela. Eu tinha combinado de ligar para ele, assim que tivesse notícias de Nadine, porque acabei derramando minhas preocupações sobre meu irmão, uma vez que estávamos juntos quando comecei a ficar tenso com a demora em sua ligação. Já tinha anoitecido, e eu imaginava que deveria lhe dar explicações, por isso, atendi.

— Oi, Johnny... — cumprimentei assim que atendi, deixando o telefone no viva-voz para não perder a atenção na direção. Minha paranoia era tão grande que eu temia sofrer um acidente e Nadine ficar nas mãos daquele cara.

— O que aconteceu? Já falou com a Dine? Ela está bem?

Não consegui evitar uma respiração mais profunda, uma vez que chegava a me doer fisicamente ter que dar a notícia a ele.

— Douglas a pegou, Johnny — foi tudo o que consegui falar, e mesmo essas palavras já saíram com muita dificuldade.

— O quê? Ele... Mas... Rafa? Como? Como é possível? Depois de tanto tempo?

Tentando controlar o nervosismo, forcei-me a falar:

— Ele foi esperto. Esperou que ficássemos descuidados. Que *eu* abrisse a guarda.

— Rafa, não é culpa sua.

— Como não, Johnny? — Dei um soco no volante, com o punho fechado. — O cara sequestrou a minha mulher, que eu já sabia que estava em perigo. Que tipo de homem eu sou por negligenciar o fato de um louco ainda estar à solta? Não importa que tenha se passado um ano. Podiam ser dez, duas décadas... Eu deveria...

— O quê? Mantê-la presa em casa? Como Frank fazia? Para com isso! Aconteceria de qualquer forma. Ele invadiu o condomínio dela e a agrediu. Ele daria um jeito. — Johnny fez uma pausa. — Como ficou sabendo?

— Ele me ligou do telefone dela e marcou uma luta, estou indo encontrá-lo.

— Não faça isso. Vamos chamar a polícia! — desesperou-se.

— Ele está armado. Não posso arriscar. Nadine deve estar muito assustada. — Novamente precisei respirar fundo. — Meu Deus! — Levei a mão à cabeça, passando os dedos pelos cabelos, porque o nervosismo me obrigava a me deixar em constante movimento, e o fato de estar dirigindo não ajudava em muita coisa.

Só que outro pensamento começou a martelar na minha cabeça. Se eu morresse naquele ringue, alguém precisava ter as informações para salvar Nadine. Não podia permitir que ficasse desamparada e nas mãos daquele louco. O que ele faria com ela? Só conseguia imaginar que iria repetir o passado e trancá-la em algum lugar, com propósitos muito obscuros.

— Johnny, preciso que me prometa uma coisa. Mas quero sua palavra, na qual confio cegamente, de que vai fazer *exatamente* o que eu pedir.

— Rafael... — falou em tom de repreensão, mas eu não podia permitir que hesitasse.

— Me ouça. Merda, Johnny! Eu preciso que me prometa ou não vou conseguir dar conta. Não vou conseguir ficar tranquilo pensando no que pode acontecer. O cara quer que eu lute com ele, mas se eu perder... Se eu perder, ele vai ficar com Nadine. Não posso aceitar isso, preciso que alguém de confiança receba o endereço onde estaremos, mas só vou passá-lo a você se jurar que não vai agir a não ser...

— A não ser o quê? Que você morra? Como vou saber disso? — aflito, Johnny tentava me entender, mas eu sabia que não estava falando com muita coerência.

— Eu não sei... Não faço nem ideia do que estou falando... — respondi, ofegante, ultrapassando um sinal e recebendo uma buzinação feroz. Por muito pouco não bati.

Só que a verdade era que estava perdendo o controle. Meus olhos embaçados já não sustentavam as lágrimas que tentei controlar.

Meu Deus! Por que tínhamos que passar por tudo aquilo novamente? Estávamos casados, felizes, seguindo com nossas vidas... Por que precisávamos sofrer novamente daquela forma? Era como se eu e Nadine estivéssemos constantemente em ringues tendo a vida como adversária. Ela até sorria para nós, mas era só para preparar o próximo soco com ainda mais precisão.

Mas que se fodesse. Se tivesse que lutar contra o destino e levá-lo a nocaute, eu faria isso. Não ia morrer naquela noite, porque ninguém ia tirar minha mulher de mim.

Ainda assim, precisava de uma segurança.

— Duas horas, Johnny. Contando a partir do momento em que eu chegar lá. Leve Anderson e mais alguém de confiança. Sem polícia. Só vocês. Se eu não sair com Nadine neste meio tempo, invadam e tirem-na de lá.

— Duas horas é muita coisa, Rafael.

— Eu termino minhas lutas em muito menos tempo do que isso. Se durar mais é porque as coisas deram errado. Douglas não é um adversário como os outros, mas não vou deixá-lo ileso. Caso precisem entrar em ação, vou facilitar o trabalho de vocês ao máximo, principalmente porque quero quebrá-lo inteiro.

— Vá com calma. Se ele está armado...

— Foda-se. Ele está com Nadine. Não vou hesitar em acabar com ele, se tiver a chance. — Johnny falou mais alguma coisa, mas eu não estava mais ouvindo. Precisava de alguns instantes sozinho, para pensar e tentar ter alguma ideia, embora duvidasse muito que minha razão fosse funcionar perfeitamente naquele momento. — Irmão, preciso desligar. Vou te encaminhar o endereço, mas me dê sua palavra de que vai fazer o que eu pedi; que não vai mudar nada das minhas instruções.

— Rafa, isso é loucura.

— Claro que é. Mas o que posso fazer? Se eu não aparecer, ele vai sumir com ela. — Só de mencionar essa possibilidade, já sentia meu coração saindo pela boca.

— Eu juro. Vou fazer como pediu.

— Obrigado. Te aviso quando chegar lá.

Assim que desliguei o telefone, aproveitei um sinal fechado – embora estivesse ultrapassando todos – para encaminhar o endereço a Johnny, esperando que ele agisse conforme minhas instruções.

O sinal abriu, e eu segui até o local combinado com Douglas. Entrei em uma rua sem saída, residencial, com vários galpões e casas. Algumas visivelmente abandonadas, mas amplas e com mais de um andar. Parei em frente

à que me foi informada e vi um táxi estacionado logo na porta, começando a conjecturar a forma como Nadine tinha sido sequestrada, levando minha mente a imaginar que isso não teria acontecido se eu a tivesse buscado na terapia.

Mas até quando isso duraria? Até quando ela aguentaria ser escoltada para tudo que é lado?

Naquele momento, isso não parecia importar. *Nada* parecia importar. Ela não estava em segurança. Estava nas mãos de um maníaco que já lhe fizera muito mal.

E tudo que eu queria era levá-la para casa.

Saltei do carro, enviando mais uma mensagem para Johnny, avisando que tinha chegado. Então, abri a porta, como fui instruído a fazer e entrei. Uma luz estava acesa, embora não fosse exatamente forte. Segui, portanto, subindo as escadas e me dirigindo ao terraço, no terceiro andar, como Douglas explicara na mensagem. A porta pesada estava fechada, mas não a chave, e eu a abri com pressa, deparando-me com um ringue logo à minha frente.

Era doentio. Psicótico. Ridículo. Mas eu teria que entrar naquele teatro se quisesse tirar Nadine dali intacta.

E por falar nela, só precisei virar-me para o lado para vê-la. Estava amarrada, amordaçada e com os olhos fechados, mas quando me aproximei e toquei-a, abriu os olhos, mostrando-se consciente. Agachado à sua frente, apressei-me em tirar o pano que cobria sua boca e logo me deparei com um corte em seu lábio inferior e uma mancha vermelha próxima a esse machucado, indicando que tinha sido agredida.

Se eu já estava com ódio...

Levei a mão ao seu rosto, acariciando o hematoma com o polegar delicadamente.

— Fael... — suspirou meu nome com tanto alívio, como se tivesse plena convicção de que eu a salvaria daquela situação. Por mais que ter sua confiança me fizesse sentir mais forte, mais decidido a sair vencedor, também fazia com que o peso sobre as minhas costas fosse ainda mais insuportável.

— Shhh... estou aqui, amor. Nós vamos para casa em breve, ok? Vou te tirar deste lugar.

— Isso se sair daqui com vida, claro — a voz masculina surgiu junto ao barulho da porta se abrindo. Ergui meu corpo, imediatamente colocando-me de pé, não querendo ficar em nenhum tipo de desvantagem perto daquele sujeito. — Seja bem-vindo, Corvo. É um prazer tê-lo na nossa festinha.

— Acho melhor resolvermos isso da forma mais civilizada possível. Você me deixa soltá-la, nós vamos embora e nunca mais nos vemos. Porque se quiser ir com isso adiante, vai se arrepender — falei em um tom baixo, apenas um

alerta. Na verdade, tratava-se de uma tentativa mais do que imbecil de apressar as coisas. Douglas nunca me deixaria sair dali com Nadine sem lutar.

— E perder a melhor parte? Vamos lá, Corvo... me dê esse gostinho — dizendo isso, ele apontou para o ringue. — Vai dizer que não tem muita vontade de me dar umas porradas? Vou até ser legal com você e deixar que me bata uma ou duas vezes.

— A vontade que eu tenho de acabar com a sua raça não é maior do que o desejo de levar minha mulher para casa.

— O herói! Sempre pronto para salvar sua donzela e ganhar os louros. Mas desta vez... — ele ergueu um dedo, com uma expressão doentia — não, não. Vai ter que se provar merecedor de seu prêmio. — Colocou a mão na cabeça de Nadine, acariciando seus cabelos. Olhei para o rosto dela, sentindo toda a repulsa que a inundava em tê-lo tocando-a.

Então, para chamar sua atenção, comecei a tirar o blazer do meu terno, jogando-o no chão.

— Se é assim. — Não havia forma de dissuadi-lo, obviamente. Então, eu teria que lidar com o que estava por vir.

Se Nadine era o prêmio, seria eu a sair dali com ela.

Comecei a desabotoar a blusa pelas mangas, depois botão por botão, tirando-a e jogando-a também junto ao paletó. A calça que eu usava não seria a melhor opção para lutar, mas não havia outra opção. Também não tive tempo de aquecer o corpo, mas logo depois que Douglas me conduziu ao ringue e que subimos lá, ele começou a dar alguns pulos, e eu fiz o mesmo.

Ainda achava tudo aquilo muito ridículo, mas ele queria um teatro, então, o teria.

Mas antes eu precisava saber de algumas coisas.

— Posso fazer uma pergunta antes de começarmos? — tentei, enquanto nos aquecíamos.

— Vá em frente. Posso usar de *fair play* neste caso.

— Você já me conhecia? Antes de ir para a casa de Frank...

Douglas deu uma risadinha cheia de entrelinhas. Lá estava a minha resposta, mas eu queria a explicação.

— Você lutou com o meu pai. Tinha no máximo quinze anos e destruiu ele. E, consequentemente, ele *me* destruiu. O velho batia em mim, perdendo ou ganhando, mas eu até conseguia me levantar no dia seguinte. Daquela vez... — Douglas balançou a cabeça, com os olhos voltados para o chão. — Daquela vez virei uma porra de um saco de pancadas. Fiquei uma semana de cama. Eu era mais ou menos da sua idade, o que me fez entender que poderia ganhá-lo se me empenhasse bastante. E uma boa motivação faz milagres em um garoto que só

queria saber de tocar punheta. — Fez uma pausa, achando muito engraçada sua própria colocação. Para mim, não tinha graça nenhuma. — Quando fiquei bom o suficiente... Ah, Corvo... Eu mandei o desgraçado para o inferno.

Ele tinha matado o próprio pai. Era uma informação a ser levada em consideração.

— Então, vamos resumir os fatos. Você me fez matar o meu pai... E eu jurei que mataria você também. — Abrindo os braços, em mais uma atitude teatral, prosseguiu: — Por isso estamos aqui. Descobri que Frank tinha te levado e fiz de tudo para que ele me notasse também. Quando notou, conheci nossa princesinha ali. E o resto da história você já sabe... Não era justo que o cara que desgraçou minha vida fosse o invencível, ficasse com a garota, a pose de herói... e o filho...

Precisei respirar fundo para não me deixar levar, porque eu sabia que era nada mais do que uma provocação. Uma na qual não podia cair.

— Agora você entende, não entende, Corvo?

Se ele iria me provocar, eu também podia entrar na brincadeira. Algo me dizia que era mais fácil fazê-lo cair na pilha.

— Acho um motivo bem merda, se quer saber. Não é culpa minha se seu pai era um péssimo adversário, além de um péssimo perdedor. Eu, provavelmente, acabei com ele em uns quinze minutos. Minhas lutas dificilmente passavam disso. — Era mentira, principalmente porque não me lembrava do pai dele, não imaginava quem poderia ser, mas não fazia diferença. — E você sabe, não sabe... — continuei, com um sorriso de canto, bastante malicioso, esperando que reagisse. — Se seu pai era um perdedor... às vezes essas coisas estão na genética.

Bem... Douglas realmente reagiu. Partiu para cima de mim como um touro, inclinado, agarrando-me pela cintura e me jogando no chão com um baque pesado, quase me tirando o ar. Mesmo na posição de desvantagem, enfiei um soco na nuca dele, conseguindo minha própria liberdade para levantar-me outra vez.

Ele também não demorou a colocar-se de pé, e nós dois ficamos mais uma vez frente a frente, porém, sem mais delongas de conversas. A expressão de ódio em seu rosto dizia tudo o que eu queria saber. Melhor assim, porque ele estava longe de ser a minha pessoa preferida no mundo.

Então foi minha vez de partir para cima, acertando sua mandíbula em cheio, fazendo-o cair contra as cordas do ringue. Agarrei sua blusa, tirando-o de lá e trazendo-o para mim, socando-o mais duas vezes na cara. Não era assim que eu gostava de lutar, naquele ritmo frenético, mas era assim que teria que lidar com ele, sem lhe dar tempo de atacar.

Provavelmente Douglas conhecia meu estilo. Eu normalmente era mais

comedido, menos afobado, por isso, estava levando a melhor no início. Mas sabia que isso não iria durar.

Novamente agarrei-o pela blusa, daquela vez na altura do ombro, empurrando-o de novo contra as cordas, aproveitando para golpeá-lo várias vezes no estômago. Continuamente. Eu não queria parar.

Agarrei cada um dos lados do seu pescoço e o trouxe até o meu joelho, que também flexionei, e o deixei atordoado, mas o filho da puta não caiu.

Voei para cima dele, na intenção de lhe dar mais alguns socos, mas ele finalmente conseguiu acertar o punho na minha cara, e depois ainda me deu um chute forte no estômago.

Afastados, encarando-nos, pude ver o rosto dele começando a ficar do jeito que eu queria.

— Ainda dá tempo de desistir, Douglas. Solta a Nadine e vamos deixar as coisas como estão.

Novamente partindo para cima de mim como um animal, ele tentou me socar algumas vezes, mas eu esquivei. Só que um de seus golpes me acertou. E mais um. E outro. E eu caí no chão. Mais por desequilíbrio, porque ele precisava de muitos daqueles para me apagar.

A dor era insana, mas me manteria desperto. Não ia dar esse mole de deixar Nadine vulnerável e desprotegida ali.

— Não me chame de Douglas. Aqui, neste ringue — ele apontou freneticamente para o chão onde estávamos pisando —, eu sou o Falcão. E você é o Corvo. Qual dos dois vai ficar com a Borboleta? Hein?

Assim que me levantei, ele me deu outro chute, me fazendo cair outra vez. Só que desta eu me ergui mais rápido, agarrando-o novamente pela camisa com uma mão e socando-o com a outra, jogando-o mais uma vez contra as cordas do ringue.

Aproveitando a distância, ele finalmente arrancou a blusa pela cabeça, ficando com o peito nu, assim como eu. A primeira coisa que percebi foi que havia uma tatuagem muito parecida com a minha, mas ao invés de ser nas costas, era no peito. E o desenho era o de um falcão. Com uma borboleta azul, tal qual a que estava marcada em mim.

— Você é doente — vociferei, chegando a ficar enojado. A obsessão dele por mim e por Nadine era nauseante.

— Talvez seja. Mas vou matar você... E vou ficar com a garota — ele repetiu, fazendo-me olhar para ela por um segundo.

Assistia a tudo, e eu odiava isso. Sabia que estava apreensiva, e sua condição naquele momento, presa, indefesa, provavelmente aumentava todas as sensações. Também estava pálida e havia uma lágrima deslizando por seu rosto.

Douglas quis aproveitar meu momento de distração para me dar um soco, mas eu consegui bloquear a tempo, antes de me atingir. Aproveitei para revidar, enchendo sua cara de porradas. Era prazeroso ouvir seus grunhidos cada vez que o acertava.

Senti um soco no meu estômago e me curvei para frente, dando-lhe espaço para que saísse de perto. Parou um pouco afastado de mim, inclinando o corpo e cuspiendo sangue no chão.

— Ainda dá tempo de sair daqui com vida, *Falcão* — usei o apelido com desdém, e, ao ouvi-lo, Douglas ergueu a cabeça como se ela fosse um chicote.

— Cala a porra da boca!

Dizendo isso, ele virou o punho na minha cara, acertando-me com força. Isso se repetiu mais três vezes, fazendo-me realmente ficar zozinho.

Esse espaço que lhe dei foi o suficiente para que pulasse do ringue e fosse em direção ao local onde Nadine estava. Pegando uma faca enorme sobre uma bancada, encostou a lâmina no pescoço dela, chegando a tirar um mísero filete de sangue, mas o suficiente para me deixar alucinado.

— Não toca nela, seu filho da puta! — urrei, dando passos para frente e também saindo do ringue.

— Pensei que fosse ser um pouco mais fácil te colocar num caixão, Corvo. Mas que bom que me enganei... assim as coisas vão ficar mais emocionantes.

Saindo de perto de Nadine, que ainda tentava se manter firme, embora estivesse anormalmente pálida, veio em minha direção com a faca em punho.

— Vai usar de covardia? Não se garante no mano a mano contra mim, não é?

— Cada um joga com as armas que tem. Eu nunca disse que seria justo. Nunca te impedi de trazer algo para usar.

— Até onde eu sei, dentro de um ringue a única arma aceita são os punhos. Com um sorriso sarcástico, ele respondeu.

— Por isso eu saí do ringue.

Dizendo isso, ele veio para cima com a faca na mão. Não hesitaria em usá-la, por isso, esquivei com um pulo.

Então começamos um jogo de gato e rato em câmera lenta. Douglas avançava na minha direção, passo a passo, e eu recuava na mesma velocidade. Precisava ter cautela, ou ele iria enfiar aquela faca bem no meio do meu peito.

— Não adianta fugir de mim, Corvo, porque eu vou te matar esta noite. Vou te matar e levar a sua garota comigo... Aí eu vou poder fazer tudo o que Frank me impediu. Vou comê-la bem gostoso e fazer um filho nela. Um garotão forte que nem o pai e bonito que nem a mãe. Não é uma história linda?

Não respondi nada. Minha atenção estava completamente voltada para a

faca em sua mão.

Enquanto continuava andando para trás, tentava usar minha visão periférica para enxergar os meus arredores. Era um terraço comum de casa, e havia algumas correntes pendendo de um pequeno telhado de tijolos, em um ambiente parecido com aquele sob o qual Nadine estava, embora não houvesse nada ali. Elas caíam em direção a baldes, para escoar água da chuva. Uma delas, bem longa, repousava no chão, provavelmente ainda a ser colocada. Nem pensei duas vezes e peguei-a.

Quando ele veio na minha direção, pronto para atacar, eu o golpeei com a pesada corrente, transformando-a em um chicote. Fiz isso com toda vontade, fazendo-o encolher-se várias vezes, sem piedade. Atingi seu rosto, seus braços, seu estômago e novamente o rosto, lançando-o no chão com este último.

Deixando-o de quatro, ainda cuspidando sangue, aproximei-me e passei a corrente por seu pescoço, puxando sua cabeça para trás e enforcando-o.

— Este não é um jeito muito bom de morrer, Douglas. Eu posso fazer isso aqui durar por um bom tempo, se eu quiser. Você vai sofrer.

Ouvi alguns grunhidos ininteligíveis, mas não consegui prestar atenção em mais nada, porque ele esticou a mão e pegou a faca que tinha caído no chão, enfiando-a no meu braço.

Como a posição não favorecia muito, não consegui causar um estrago muito grande, mas foi o suficiente para que eu o soltasse no susto.

Tirei a faca do meu braço e a joguei no chão, chutando-a para longe. Eu não iria usá-la para matá-lo. Se alguém fosse morrer ali, seria na porrada.

Douglas levantou com muita dificuldade. Ele estava em um estado muito pior do que eu, mas iria até o fim com aquela merda.

— Quer saber de uma coisa, Corvo? — ele falou, ainda cuspidando sangue. — Eu mudei de ideia. Não vou só comer a sua mulher, não. Vou ser bem violento com ela, talvez ela goste de uma coisa mais selvagem ao invés do papai e mamãe que um panaca como você deve lhe dar.

— Douglas, não me provoca. Você está bem mais fodido do que eu. Ainda estou em pé.

— Foda-se! — ele gritou. — Isso não quer dizer nada. Eu já te fiz perder um filho. Esta é uma vantagem que sempre vou ter.

Tentei controlar minha respiração. Minha raiva. Não era hora de explodir, mas eu já estava de saco cheio daquela merda toda. Então, só parti para cima. Sem nem me importar com a dor que rasgava meu braço.

Atingi seu rosto uma vez. E esta foi o estopim para muitas outras, porque simplesmente não conseguia parar. Douglas foi recuando, enquanto eu continuava avançando. Com isso, acabamos chegando à mureta do terraço.

Olhando para ele com todo o meu ódio, comecei a ponderar as coisas e cheguei à conclusão de que não havia outro jeito. Eu teria que matá-lo.

Por mais que não fosse da minha natureza, aquele ali era o responsável pela maioria dos traumas de Nadine; o homem que a agredira de forma covarde e que matara meu filho. Não poderia sentir pena ou remorso por arrancá-lo daquele mundo e livrar minha mulher daquele pesadelo.

— Você não tem colhões para isso, Corvo — ele disse com a voz embargada por conta da quantidade de ferimentos em seu rosto. — Tem complexo de herói.

— Todo herói, um dia, precisa matar o vilão.

E foi então que o puxei de encontro a mim, colocando-o de costas contra meu peito e usei as duas mãos para quebrar seu pescoço, erguendo-o do chão em seguida e lançando-o do terraço, fazendo-o cair lá embaixo. Dei uma olhada, só para conferir, e ele estava estatelado, com os olhos arregalados, como se também me observasse.

Mas só se fosse do inferno.

Respirando fundo e sem me dar tempo de pensar, corri para Nadine, parando apenas para pegar a faca que ainda estava no chão. Só de olhá-la, entendi que havia algo de errado.

Eu já tinha percebido que estava pálida, mas agora eu a via branca como leite. Seus olhos giravam nas órbitas, como se estivesse se mantendo consciente por muito esforço.

Cortei as cordas que a prendiam, e, mesmo sentada, ela quase despencou no chão, mas eu a peguei a tempo, apertando-a contra meu peito, sentindo-me apavorado. Teria Douglas feito alguma coisa contra ela para deixá-la naquele estado?

Foi então que a senti balbuciar alguma coisa.

— Nosso filho... Nosso bebê...

Ela deveria estar delirando, é claro, mas afastei-a um pouco para ouvi-la melhor e olhá-la com mais cuidado. Havia gotas de suor em suas têmporas e fios de cabelos dourados grudados em sua testa. Estava prestes a perder os sentidos.

— Amor, o que está acontecendo? O que ele fez com você?

Ela hesitou, parecendo ter dificuldade para falar. Mas quando o fez...

Meu Deus... o mundo parou.

— Estou grávida, Rafael... Estou...

Só que ela não teve chance de dizer mais nada, porque caiu contra meu peito, e ao puxá-la um pouco mais para mim, para ajeitá-la nos meus braços, percebi uma pequena mancha de sangue entre suas pernas.

Ela estava grávida... Sangrando... Pálida, desmaiada e muito fraca.

As coisas demoraram a se encaixar na minha cabeça, por causa do pânico, mas quando me dei conta do que estava acontecendo...

Eu não podia perder mais um filho...

Não podia perdê-la também.

Como um milagre e uma bênção vinda dos céus, a porta do terraço se abriu novamente, e ao virar na direção dela vi Johnny e Anderson entrando, correndo em nossa direção.

— Vimos aquele verme caindo daqui de cima. Você acabou com ele — Anderson comentou, enquanto Johnny era mais perceptivo e compreendia que algo estava errado, ajoelhando ao meu lado e observando Nadine. Meu amigo não demorou a reparar também, prontificando-se a ajudar. — O que houve?

Ergui os olhos para ele, começando a perceber, apenas naquele momento, que estava chorando.

— Ela está grávida, Andy — foi o que consegui dizer. E nem precisei falar mais nada, porque os dois podiam enxergar o sangue que tanto me assustava.

Anderson rapidamente começou a tomar seu pulso, checar sua respiração e seus olhos.

— Ela está com o pulso fraco e as pupilas um pouco dilatadas, mas não perdeu muito sangue. Temos que levá-la ao hospital imediatamente.

Eu estava um pouco atordoado, tanto que nem me mexi. Talvez tivesse levado porrada suficiente para comprometer meu cérebro... Sei lá... Tudo o que eu pensava, em looping, era que aquilo não podia estar acontecendo.

— Vamos levá-la para o hospital agora, Rafa — Johnny repetiu a fala de Anderson em um tom de voz calmo, como se isso pudesse me convencer de que estava menos nervoso. — Vai ficar tudo bem.

Balancei a cabeça em afirmativa, porque não conseguia visualizar nenhum outro cenário diferente do que Johnny tinha proposto. Nadine *precisava* ficar bem. Assim como meu bebê.

Meu bebê...

Meu Deus!

Johnny tentou tirá-la de mim, para que ele mesmo a erguesse do chão, mas eu o impedi, segurando-a com mais força.

— Você está ferido — ele comentou, apontando para meu braço. Aquele não era meu único machucado, obviamente. Levei alguns bons socos. — Deixe que eu a carregue.

— Não! — exclamei desesperado, levantando-me do chão com Nadine nos braços, já começando a levá-la, sem me importar com a dor. A que sentia no meu coração era, sem dúvidas, muito mais forte e incapacitante.

Johnny correu para abrir a porta pesada, e nós dois saímos daquele lugar

amaldiçoado. Sem dúvidas, caso Nadine e o bebê ficassem bem, eu teria tempo para remoer o fato de que tinha acabado de matar uma pessoa, mas, naquele instante, nada importava além da mulher desmaiada nos meus braços e o que ela carregava no ventre.

Passamos pelo corpo estirado e sem vida de Douglas, e eu não resisti a dar uma última olhada para ele. Como se quisesse me certificar de que estava realmente morto. Não que fosse possível outra coisa, já que eu havia quebrado seu pescoço, mas, ainda assim, se aquele demônio renascesse das cinzas eu não me surpreenderia. Só que ele estava ali. Com os olhos arregalados, olhando para o céu, embora eu soubesse muito bem que não merecia uma vaga lá em cima. Esperava que fosse recebido lá embaixo de braços abertos pelo diabo.

Colocamos Nadine dentro do meu carro, e eu me acomodei ao lado dela, com Johnny no volante, enquanto Anderson seguia no dele mesmo, com um dos lutadores de Wilson, que novamente fora nos ajudar, todos correndo em direção ao hospital mais próximo.

Por mais que Nadine não fosse muito favorável a hospitais, e eu não quisesse, de forma alguma, que ela entrasse em mais um para novamente perder um bebê, não havia alternativa. Ela precisava de atendimento especializado, um ginecologista e um local onde fosse plenamente monitorada. O que me restaria era ficar ao lado dela, segurando sua mão e amparando-a.

Durante o caminho, Johnny jogou a minha camisa para mim, que eu nem tinha visto que ele havia pegado do chão, junto com meu paletó. Depois vim a descobrir que Anderson pegara a faca, com minhas impressões digitais. Deveria haver algumas na corrente também, mas teria que contar com a sorte de que não as analisassem.

Vesti a camisa, deixando Nadine apoiada no banco, pois já seria estranho o suficiente eu chegar com uma mulher em processo de aborto, estando com a cara toda fodida. No mínimo iriam pensar que eu a tinha agredido, especialmente pelo hematoma que ela tinha no rosto e os punhos e tornozelos esfolados.

Mas isso não era o importante. Ela ser salva era o ponto ali. Ela e o meu filho.

Quantas vezes mais eu repetiria isso mentalmente?

As horas seguintes foram de pura tortura. Nadine não demorou a despertar, e o pânico que demonstrou ao perceber que estava em um hospital partiu meu coração em um milhão de pedaços. Mas eu estava ao seu lado quando sussurrou meu nome quase como um gemido.

— Ei, amor... Estou aqui... Está tudo bem.

— É um hospital?

— Sim, mas não havia outro jeito. É para o bem do nosso bebê. Você

entende, não?

Eu sabia que estava assustada; que a possibilidade de perder a criança novamente era excruciante para ela, mas manteve-se firme como sempre, apenas balançando a cabeça, embora a mão que apertava a minha o fizesse com mais força do que seria necessário.

Logo uma médica surgiu, iniciando os procedimentos para a ultrassonografia. Estávamos os dois nervosos, e o silêncio que se seguiu deixou-nos ainda mais em pânico.

A mulher me olhava como se eu fosse um abusador, tanto que comentou:

— O senhor também deveria dar uma olhada nesses machucados.

— Estou bem. Ela é a prioridade — falei sem muita paciência, mas logo respirei fundo, imaginando o que deveria estar se passando por sua cabeça. Não que fosse da sua conta, porém, era a minha honra que estava em jogo ali. E eu jamais queria que pensasse que tinha encostado a mão na minha mulher para agredi-la. — Minha esposa foi sequestrada hoje mais cedo. Ela passou por um estresse muito grande e, bem... eu fui buscá-la.

A médica arregalou os olhos, entre surpresa e mortificada com a história.

— Meu Deus... — murmurou.

— Tenho duas pessoas lá fora de testemunha e mensagens no meu celular que comprovam essa história. — Levei a mão à cabeça, passando-a pelo cabelo, em total desespero. — Nem sei por que estou te falando isso, mas...

— Fael — Nadine chamou baixinho, e eu olhei para ela. — Deixa a médica falar, por favor.

Como ela podia estar tão consciente? Eu estava prestes a colocar o hospital todo abaixo, mas, subitamente, um curvar de lábios da doutora me trouxe um suspiro de esperança.

— Fiquem tranquilos. Este pequeno aqui está com o coração em dia... — Ela apontou para o monitor ao seu lado, mostrando a manchinha indefinida que era o meu filho. — Houve um descolamento de placenta, o que é perigoso, mas o bebê segue lutando firme e forte. Mas para que continue assim, você, mamãe, vai precisar ficar em repouso absoluto até que tudo se normalize, ok?

Nadine assentiu, parecendo ter dificuldade para falar.

— Vou me certificar disso, doutora. Pode deixar — afirmei com veemência, e Nadine revirou os olhos, indignada, parecendo menos pálida e menos assustada.

Mas em meio à calmaria que começou a se formar, eu ouvi. O som do coração do meu filho...

Nosso filho.

Nadine virou-se para mim com os olhos cheios de lágrimas, e eu a

acompanhei, sabendo que aquele era o início de uma nova vida para nós. Sem fantasmas, sem medo, sem ameaças.

Beijei sua mão, tomando-a entre as minhas, sentindo-me o vagabundo de mais sorte no mundo. Tínhamos um ao outro e uma bênção estava a caminho. O que mais eu poderia pedir?



Epílogo

Nadine

SER PAPARICADA VINTE E QUATRO HORAS por dia não era exatamente ruim, embora, às vezes, simplesmente me deixasse extremamente estressada. Só que eu sabia que essas mudanças de humor tinham tanto a ver com os hormônios da gravidez quanto com meu estado natural e meus traços de bipolaridade. Com os remédios suspensos, era o pobre do Rafael que lidava com o lado estressado de Nadine que havia dentro de mim.

Coitadinho... o homem era um anjo paciente. Eu não merecia tanta sorte.

Ou melhor... merecia *sim*. Toda mulher merece um homem que a trate com respeito, carinho e que a mime de vez em quando.

Sofremos muito para estarmos onde tínhamos chegado, então, eu só precisava valorizar nossa realidade, que era quase perfeita quanto um sonho.

Quando eu dizia *quase*... Bem... a gravidez nos deu algumas dores de cabeça.

De acordo com a médica que estava me acompanhando, o bebê seguia lutando, forte, mas o descolamento de placenta ainda perdurou por alguns meses. Por eu já ter sofrido um aborto no passado, esta condição não era rara, o que nos acarretou mais dias e dias de repouso.

Para a minha sorte, um notebook e uma cama me supriam perfeitamente para trabalhar. Rafael também passara a fazer home office com mais frequência, mas contratou uma senhora para nos ajudar na casa diariamente e me fazer companhia. Ela fora instruída a ligar para ele a qualquer *ai* que eu soltasse, a qualquer sinal de palidez ou desconforto.

Ou seja, se eu desse uma topada no dedinho, no meio do caminho até o banheiro, em dez minutos Rafael estaria em casa apavorado, acreditando que se tratava do apocalipse.

Era fofo. Mas, às vezes, me dava nos nervos.

Eu só queria que a fase difícil passasse, mas enquanto meu bebê estivesse vivo, crescendo e sobrevivendo, qualquer outra coisa seria suportável.

Até mesmo as paranoias de Rafael.

Como eu precisava ficar em repouso absoluto, tinha que evitar subir e descer escadas, mas nossa casa não contava com quartos no primeiro andar. Então, eu quase sempre era servida na cama mesmo, porém, vez ou outra, Rafael me levava lá para baixo, porque eu não aguentava mais olhar para as mesmas paredes e fazer as mesmas coisas.

Não que na nossa sala de estar as coisas fossem diferentes, porque, assim como naquele momento, passávamos muito tempo assistindo televisão e conversando, principalmente à noite, antes de dormirmos. E por mais que eu odiasse lhe dar trabalho de fazer com que me levasse pelas escadas... Bem, ele parecia gostar de se sentir útil.

Passar meses presa em uma casa não era novo para quem já tinha feito isso por anos e anos. E daquela vez o motivo era nobre.

Deitada nos braços de Rafael, no sofá, depois de comermos quase um balde inteiro de pipoca com queijo ralado, assistíamos televisão em silêncio, enquanto as mãos gentis dele acariciavam meus cabelos e minha barriga, e Merlin roncava suavemente sobre o tapete, pertinho de nós.

Por vezes, de soslaio, eu o pegava muito sério, com os maxilares cerrados, e sabia exatamente o motivo. Ele tinha matado uma pessoa para me salvar. Isso, sem dúvidas, não saía de sua cabeça, embora nunca tivéssemos conversado sobre.

Talvez aquele fosse o momento.

— Você ainda pensa naquele dia, em Douglas? — perguntei com cuidado.

Ele olhou para mim de sobressalto, como se não esperasse que eu quebrasse o silêncio. Muito menos daquela forma.

Porém, soltou um suspiro pesado e respondeu:

— De vez em quando. Mas todas as vezes que penso, chego à conclusão de que não havia outro jeito. Era ele ou você. Eu não iria barganhar com sua vida, muito menos com a sua paz. Se não fizesse o que fiz, ele poderia estar ainda à solta. E eu nem sabia que você estava grávida...

— Ele não merecia viver, Fael. Se fosse eu, teria feito a mesma coisa.

Rafael pegou minha mão e beijou-a.

— Ainda bem que você não precisou fazer isso.

Lá estava a prova do quanto aquela história o incomodava. Na verdade, nossa escolha fora apagá-la ao máximo possível, tanto que nem sequer demos queixa. Rafael mexeu os pauzinhos para descobrir o que tinha acontecido, e

descobrimos que o corpo de Douglas fora encontrado naquela mesma madrugada. Como ele já tinha passagem na polícia – algumas, aliás, por estupro, agressão e tentativa de homicídio –, devem ter julgado que se tratava de alguma briga ou caso de vingança, e a investigação nem foi tão longe.

Até aquele momento, não o tinham ligado a nós, e eu esperava que continuasse assim.

Pensando nisso, decidi mudar de assunto, porque Rafael não merecia remoer a respeito de algo que não o tornava menos honrado do que era.

A oportunidade perfeita apareceu no momento em que olhei novamente para a televisão e me deparei com uma minissérie baseada no livro Helena, de Machado de Assis, que era um dos meus favoritos. Eu estava assistindo, e ela era incrível. Musical, com boas atuações e um roteiro excelente. Quando a atriz principal apareceu em tela, apontei para ela, para contar a Rafael algo que tinha descoberto naquela manhã.

— Tá vendo esta atriz? — Ele assentiu, parecendo aliviado também por eu mudar de assunto. — Nia Saldanha seu nome. Estão negociando com ela para ser a protagonista do meu filme.

Os direitos de Simetria tinham sido comprados para uma adaptação cinematográfica, e por mais que eu soubesse que esse tipo de coisa andava bem devagar no Brasil, estava animada. As negociações com elenco já tinham começado, e eu havia aprovado a escolha de Nia imediatamente.

— Ela é ótima. Ah, e você sabia que o marido dela... aquele ex-piloto... Caio Johanssen... — assenti, porque sabia de quem ele falava — fez uma doação bem gorda para a ONG há alguns meses?

— Ah, que ótimo. Já gosto mais ainda dela, então.

— Vai ser um sucesso, linda. Só espero que escolham um ator bem bonito para representar o meu papel.

Arqueei o corpo, impulsionando-me para beijá-lo.

— Nenhum chegará aos seus pés — respondi, apaixonada, e ele retribuiu o beijo daquele jeito que só Rafael sabia fazer.

Muitas noites como aquela ainda vieram, até o dia em que tudo foi recompensado e tivemos nosso bebê nos braços. Um menino. Lindo. Forte e saudável. A resposta para todas as nossas dúvidas e inseguranças.

Como já tínhamos Merlin e Lancelot em nossas vidas, nada mais justo do que termos um Arthur. Então, este foi o nome escolhido para o nosso filho.

Quando chegamos em casa, nossos amigos estavam nos esperando com uma festa surpresa, além de uma faixa enorme com um "BEM-VINDO, ARTHUR!", com um corvo e uma borboleta desenhados, um de cada lado, tornando tudo muito significativo.

Johnny e Marcella seriam os padrinhos, mas todos babaram um pouco do nosso lindo neném. Tanto que só deixaram nossa casa quando eu já estava quase despencando de sono.

Arthur mostrou-se um bebê muito calmo em sua primeira noite em casa, e eu consegui dormir, acordando apenas uma vez para amamentá-lo no meio da madrugada. Despertei de vez um pouco antes das sete, estranhando a ausência do meu marido na cama ao meu lado. Lancei um olhar para o berço na outra lateral da cama, próximo a mim, e estava vazio.

Levantei-me com pressa, preocupada de que pudesse ter acontecido alguma coisa, mas meu coração afundou no peito quando, antes de sair pela porta, me deparei com um papelzinho no chão, dobrado, muito familiar.

Quando o abri, a caligrafia já conhecida de Rafael proporcionou lágrimas aos meus olhos.

Ei, Borboleta. Bom dia! Durante sua gravidez, eu tentei me informar e aprendi que é bom ler para o bebê desde pequeno, para que ele vá reconhecendo as vozes do papai e da mamãe. Além disso, acalma a criança e faz com que se desenvolva mais rápido. Como acabei acordando cedo, como sempre, decidi começar essa prática com nosso filho, mas estou ansioso para que venha nos fazer companhia assim que acordar. Estaremos no sótão.

CHEIA DE AMOR, saí do quarto, ainda com o papel na mão, e fui até o sótão, subindo as escadas devagar – por ter optado por parto normal, tudo estava mais do que sob controle para eu voltar à vida de antes – e me deparando com a cena mais linda que meus olhos poderiam ver.

Rafael era um homem enorme. Como eu gostava de chamá-lo, era o meu gigante gentil. Por isso, em seus braços, nosso filho parecia ainda menorzinho. Apesar disso, Arthur estava acordado, quieto, apenas ouvindo a voz bonita de seu papai lendo para ele bem baixinho, sussurrado, o que eu reconheci como sendo As Brumas de Avalon. Nosso livro. Merlin estava logo ao lado, tão aconchegado e calmo que nem deu conta da minha presença.

Pé ante pé, juntei-me a eles, sentando-me no braço da poltrona. Rafael parou sua leitura por alguns segundos só para me dar um beijo nos lábios e sussurrar, ainda no mesmo tom de antes:

— Bom dia. Eu te amo...

— Eu também. Vocês dois.

Sorrindo amplamente, ele retomou de onde parou a história, enquanto passava o outro braço pela minha cintura, puxando-me para si, deixando o livro apoiado na perna. Aconcheguei-me a ele, observando a cena com um enorme

orgulho dos meus garotos e da minha família.

Finalmente, lá estava nosso final feliz. Éramos peças de um todo em perfeita simetria.

FIM

AGRADECIMENTOS

MUITA GENTE sempre me pergunta como que surgiu a ideia do livro na minha cabeça. Confesso que esta é uma questão que sempre me preocupa, porque eu nunca sei explicar muito bem. As coisas simplesmente surgem, das formas mais variadas possíveis. Com este livro, tudo foi muito, muito estranho. No melhor sentido da palavra.

SIMETRIA já teve muitas formas. Quando a ideia surgiu. Rafael e Nadine já tiveram outros nomes, conheceram-se de maneiras distintas. Mas sempre foram o "Corvo e a Borboleta". Eu sempre soube que sua história seria trágica desde o início. Nada de conto de fadas. Nada de flores. Era pesado. Mas agora ela está aí. Da forma como tinha que ser contada. Às vezes vale a pena esperar tantos anos para colocar um texto no papel, porque ele fica do jeitinho que precisava ficar.

Bem, como sempre... Há nomes a serem mencionados. Todos muito importantes, que escreveram essa história junto comigo.

Primeiro minha família. Especialmente à minha mãe, que amou Rafael desde o primeiro capítulo e o considerou como meu melhor mocinho até agora.

Meu marido, sempre, que ficava ouvindo: "Amor, estou escrevendo o livro do Rafa", e dizia: "Quem é esse Rafa, meu Deus?"... É, ele sempre faz isso, ainda não se acostumou com os Caios, Rafas e Erics da minha vida. Mas é o melhor marido que eu poderia ter, amor da minha vida, meu Lancelot (e ai de você se disser que isso é brega!) <3

Obrigada às minhas maravilhosas leitoras beta. Calma que foram muitas:

Rayane Fiais: Como sempre, né? Minha parceira, minha "pau para toda obra", minha borboletinha, a dona do Rafa. Sem você, meus dias seriam bem menos divertidos e solitários. Obrigada pela companhia, pelo amor, pelas risadas e pelos cafunés online que eu recebo, que me tornam todos os dias mais feliz. Te amo.

Luciane Rangel: Irmã, amiga, confidente, ombro para chorar, minha Lucicreide... Sempre tem que ter um espaço para você. Sem você, eu não seria metade da autora que sou hoje. Eu nem te amo, porque isso é pequeno perto da nossa relação de irmãs de alma.

Bya Borges: Meu amor, obrigada pelo empenho em me ajudar a criar um mutirão para o lançamento do Rafa. Obrigada por ter se tornado uma amiga, além de parceira. Obrigada pelos áudios surtados, o choro e as risadas. Você é demais!

Jessica Driely: Nem preciso dizer, né? Meu cupcake, obrigada pela amizade e por entender meus momentos de surtos e desabafos. Tamu juntas, amiga!

Mahy França: O que dizer de você? Agora Rafa e Nadine estão marcados na sua pele literalmente. Obrigada pelo presente, por ter me ajudado tanto na leitura deste livro e por amar um dos meus "mininhos". Amo você!

Ana Paula Toledo: Você é, certamente, a pessoa mais doce que já conheci na vida, e essa doçura, seu jeitinho atencioso e seu carinho por mim, me incentivam todos os dias. Obrigada, sua linda.

Luisa Lopes: Sempre com comentários preciosos, sempre encontrando um tempinho para ler meus livros. Você é uma escritora incrível, uma desenhista muito talentosa, e uma amiga que eu quero guardar para sempre.

Lorena Siqueira: Minha irmã postiça, um serzinho de luz que eu vi desabrochar na mulher maravilhosa que vem se tornando dia após dia. Te amo demais.

Às outras meninas do antigo "Aquário" – Steph, Noemi e Thamy – amo vocês. Obrigada por tudo, tudo, tudo!

Lena Stein: Dona da voz mais sexy deste Brasil, obrigada pela consultoria psicológica sobre a Nadine e a bipolaridade dela. Você é maravilhosa!

Mari Sales: O que dizer dessa pessoa que entrou na minha vida há tão pouco tempo, mas que já me ganhou pela extrema generosidade? Seu coração é de um tamanho que nem cabe no peito. Obrigada por tudo.

A todas as outras meninas do grupo Juntas e Shallow Now (in the dark). Suas lindas... eu queria que todo escritor pudesse contar com um time como o nosso. Nossos duelos, nossos conselhos, a forma como "cuidamos" uma da outra quando tudo parece desmoronar. Se isso não é sororidade, eu não sei mais o que pode ser.

A todos os parceiros maravilhosos que leram Rafa antes de todo mundo, para ajudar na divulgação, vocês são demais. Em especial, à linda da Amanda Riselli e à maravilhosa da Dani Guimarães, pelo carinho especial com este livro, que transcendeu os limites da parceria e se tornou amizade. Obrigada!

Aos leitores novos e mais antigos. Obrigada por conhecerem Rafa e Dine, e por nunca desistirem de mim!

Há muitos outros nomes que eu deveria citar aqui, mas acho que ninguém quer ler um agradecimento tão grande, por isso, sintam-se amados! De verdade!

Thamy Sílvia, amiga... para sempre. Aí está mais um. De onde quer que você esteja, obrigada pela luz.

Table of Contents

[Untitled](#)

[Sumário](#)

[Copyright](#)

[Dedicatória](#)

[Edgar Allan Poe](#)

[Parte I](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Parte II](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)